

FINALISTA DO PRÊMIO PLANETA 2021

Últimos Dias em Berlim

Uma grande história de amor e de guerra,
de luta e de sobrevivência



PALOMA SÁNCHEZ-GARNICA



PALOMA SÁNCHEZ-GARNICA

(Madrid, 1962) é licenciada em Direito e História e autora de vários romances de sucesso que a consagraram como escritora de grande personalidade literária. A sua obra mais recente, *Últimos dias em Berlim*, foi finalista do Prémio Planeta 2021, tendo sido extremamente elogiada pela crítica e pelos leitores. É o primeiro título da autora publicado pela Porto Editora.

Últimos dias em Berlim

Paloma Sánchez-Garnica

Publicado por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Últimos días en Berlín

© Paloma Sánchez-Garnica, 2021

Tradução: Carla Ribeiro

Design da capa: André Cardoso

Imagens da capa: © Shutterstock.com; © Mary Evans Picture

Library/Fotobanco.pt

1.^a edição em papel: maio de 2023

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67089-2

A Manolo, por tudo e por tanto...

Berlim, 30 de janeiro de 1933

Obedecendo a uma lei irrevogável, a história nega aos contemporâneos a possibilidade de conhecer no seu início os grandes movimentos que determinam a sua época.

STEFAN ZWEIG, *O Mundo de Ontem – Recordações de um Europeu*

Apesar do ar gélido daquele entardecer, Yuri Santacruz decidiu sair à rua. A sua senhoria, a senhora Metzger, tinha ouvido a notícia na rádio: haviam organizado um desfile de tochas para celebrar a nomeação de Adolf Hitler como novo chanceler da Alemanha. Não o queria perder. Por recomendação da senhora Metzger, Yuri agasalhou-se e desceu as escadas a toda a pressa. Mal saiu porta fora, o frio trespassou o grosso casaco ainda aberto. Gelado, apertou os botões, calçou as luvas de pele que a sua irmã Katia lhe oferecera no Natal e ajeitou ao pescoço o cachecol que a velha Sveta lhe tricotara. Do céu cinzento caía uma mistura de chuva e neve que lhe pousava na face. Pôs o chapéu e avançou a passos largos pela Friedrichstrasse. De muitas janelas e fachadas pendiam bandeiras vermelhas marcadas pelo negro das retorcidas suásticas. Ao chegar à avenida Unter den Linden, abrandou o passo, pasmado ante o espetáculo.

No horizonte noturno em que se destacava o topo das Portas de Brandeburgo vislumbrava-se o fulgor de centenas de archotes, que se moviam ao som da marcha. À medida que Yuri se aproximava da Pariser Platz, crescia uma multidão desordenada, ávida por assistir àquele cortejo. As faíscas das tochas crepitavam no ar gelado. Impressionava o ranger das botas, que fendiam a neve do chão com passos sincopados ao ritmo do rufar dos tambores e das potentes vozes que entoavam o *Horst Wessel Lied*, o canto patriótico do Partido Nacional-Socialista que acabaria por relegar o hino oficial da Alemanha na época que, nesse exato momento, começava a forjar-se. O avanço de centenas de homens equipados

com o uniforme pardo das milícias nazis parecia uma serpente flamejante, que deslizava, lenta e implacável, sob os arcos das Portas de Brandeburgo, atravessando depois a Pariser Platz e virando pela Wilhelmstrasse para passar diante da chancelaria, em cuja varanda os saudava um Hitler envaidecido. Eram as SA, as famosas tropas de assalto, cujo número e intimidante presença tinham aumentado nos últimos tempos de forma alarmante, infiltrando-se com um ímpeto cada vez maior na vida privada dos cidadãos, empenhadas em amedrontar e suprimir qualquer dissidência política e cerceando qualquer crítica ao partido liderado por Hitler.

Yuri observava, atônito, aquela massa humana que se movia diante dos seus olhos em filas de seis, cada um dos homens empunhando uma tocha e projetando centelhas de luz no cinzento das pedras da calçada e sombras inquietantes nas fachadas dos edifícios, como uma subtil ameaça. Aos empurrões, foi abrindo caminho por entre a multidão de mulheres alemãs, mães, irmãs e esposas dos homens e rapazes que desfilavam marcialmente pelo centro da rua, a quem aclamavam com fervoroso ímpeto, os braços erguidos a agitar o que tinham à mão – lenços, cachecóis, bandeirolas –, contagiadas por uma espécie de histeria que se estendia como um tóxico impercetível. Outros, como Yuri, eram simples espectadores que assistiam àquela encenação com expressões de cautela, receosos, surpreendidos.

Era tanto o fervor dos que contemplavam o desfile que pareciam não sentir o frio cortante. Yuri, em contrapartida, via-se obrigado a estar constantemente a mexer-se para não congelar. Mergulhado naquela multidão, sentiu-se intimidado ante a magnífica celebração do que se entendia ser um triunfo para a Alemanha. Foi difícil não se deixar arrastar por aquela euforia coletiva, pela sensação de que algo importante estava a acontecer.

Depois de mais de uma hora a andar de um lado para o outro, decidiu regressar a casa. Afastou-se das arengas e do ruído e avançou lentamente por ruas cada vez mais solitárias. Quando ia já a virar para a sua, ouviu atrás de si uma mistura de vozes, insultos e pedidos de socorro. Parou e deu meia-volta para saber o que se

passava e quem clamava por ajuda. A uns cinquenta metros, meia dúzia de homens fardados de pardo espancava e pontapeava sem piedade alguém já caído por terra que tentava proteger-se, encolhido sobre si mesmo. Ao chegar a Berlim, tinham-no aconselhado a que, para sua própria segurança, se mantivesse à margem. Por alguns segundos, permaneceu imóvel, indeciso, espantado por ser testemunha do brutal espancamento de alguém indefeso. Estava a poucos metros da sua porta e fez menção de seguir caminho e dar ouvidos ao conselho de se afastar, de não se meter em sarilhos, mas aqueles gritos chegavam, implacáveis, à sua consciência. Cerrou os punhos no interior das luvas, retesou o maxilar e deu um passo, e depois outro e mais outro; quando se deu conta, estava a correr para o grupo.

– Ei, ei, parem lá com isso! – gritou, num alemão perfeito, quando já estava muito perto. – O que estão a fazer? Deixem-no em paz!

Parou a um par de metros, como se com a sua mera presença pudesse amedrontar aqueles energúmenos. Só um dos agressores interrompeu o seu afã; os restantes não fizeram sequer menção de deter a sanha contra o corpo encolhido e tenso da vítima.

O homem que tinha parado enfrentou-o, desafiador, os braços nas ancas, as pernas abertas, o queixo erguido, o peito inchado, altaneiro.

– E a ti que diabos te importa? Põe-te a andar daqui se não queres apanhar tu também.

Usavam todos a quente camisa parda, a gravata a condizer, a braçadeira vermelha com a cruz gamada no braço esquerdo, as correias de couro cruzadas ao peito, as calças largas, o quépi na cabeça e umas grandes botas negras que cobriam a barriga das pernas, como os que tinha visto desfilar há minutos, estes dedicados à impiedosa caça de uma presa exequível.

– Sois muitos contra um só – disse Yuri, tentando manter um tom de tranquilidade e no qual não se notasse o medo que o dominava. – Não é muito corajoso da vossa parte, não achas?

– Vai-te embora, já disse – insistiu o camisa parda. – Não é da tua conta.

Sem parar para pensar, deixando-se levar pelo instinto moral da sua consciência, com um movimento rápido e inesperado, Yuri esquivou-se habilmente àquele muro humano e dirigiu-se ao grupo com intenção de os afastar do agredido. Empurrou uns e outros até conseguir chegar ao rapaz, que não parava de gritar de assombro. Procurou protegê-lo à base de empurrões, até que o derrubaram; então, foi ele quem começou a receber pontapés e pancadas com bastões de borracha, que lhe caíam contra as costas como uma chuva de pedras. Cobriu a cabeça com os braços e encolheu o corpo, dobrando as pernas sobre o regaço e esperando que aquilo terminasse a qualquer momento. De repente, sobre aquele inferno de golpes, ergueu-se uma voz feminina.

– Já chega! Deixem-nos! Parem! Estão loucos...? Vão matá-los!

– Era o que faltava! – vociferou um deles. – Põe-te a andar daqui. Isto não é para mulheres.

– Disse-te para parares. Já chega! – gritou a recém-chegada. Ao não conseguir nada, mudou de tom e tentou persuadi-los. – Hoje é dia de festa, Franz. Isto não faz sentido. – A rapariga agarrou no braço do que tinha enfrentado Yuri, instando-o a que pusesse fim aos golpes. – Ouve o que te digo, leva os teus rapazes a celebrar e deixa estes desgraçados em paz.

O camisa parda franziu o sobrolho, cerrou o maxilar, virou-se para o grupo e falou com autoridade.

– Está bem. Por hoje, terminámos com este lixo.

As agressões cessaram e fez-se um silêncio fendido apenas pelo arfar dos atacantes, cansados de desferir golpes. Yuri levantou a cabeça para olhar para a mulher que os tinha salvado; trazia um gorro de lã cinzenta bem enfiado na cabeça e a ampla gola do sobretudo cobria-a até às faces. Os olhos dela cravaram-se nos de Yuri, apenas por alguns segundos, até que alguém com voz rouca quebrou a magia daquele olhar de um verde quase transparente.

– Aqui ninguém terminou nada – disse o mais corpulento de todos, enfrentando de forma insolente o que parecia ser o cabecilha. A voz nasalada e o seu andar cambaleante evidenciavam a bebedeira. – Eu não recebo ordens de mulheres.

– Dou-tas eu, que sou teu superior. E ordeno-te que vás para casa curar a borracheira, que por hoje já bebeste o suficiente.

O aludido tinha o aspeto de um urso, não só pela cor da farda, mas também pelo corpo grande, a cabeça quadrada enterrada no tronco quase sem pescoço.

– Vou quando me apetecer. Há muito que queria deitar a mão a este tipo, e desta vez não me escapa.

Dito isto, deu um forte pontapé no rosto do rapaz, que uivou de dor e se arrastou pelo asfalto como um animalzinho assustado.

O que atuava como cabecilha dirigiu-se a ele, apesar de o outro ter o dobro do volume e mais meia cabeça de altura.

– Já disse que acabou a festa – ameaçou, agarrando-o pelo braço.

Frente a frente, o superior teve de erguer o olhar para encarar os olhos do outro. O urso insuflava tanto o peito que retesava o pano da sua camisa até ao limite. Forcejaram, empurraram-se entre gritos e insultos. Os demais mantinham-se alerta, mas nenhum se atrevia a intervir. Subitamente, alguém deu o alarme.

– Cuidado, Franz, ele tem uma navalha!

Alertado o líder e descoberta a arma que o urso segurava na mão direita, o homem aproveitou a descoordenação de movimentos devida ao álcool e arrebatou-lha com habilidade. Em seguida, num ato imediato e quase inconsciente, fruto da raiva, o líder ergueu a mão e cravou a navalha na papada do rebelde.

– Não!

Ao grito de impotência da rapariga seguiu-se um silêncio arrepiante. Durante uns eternos segundos, os dois homens continuaram unidos num abraço mortal, o urso agarrado ao corpo do chefe. Finalmente, afastou-se, levando as mãos ao pescoço, com um esgar consternado de horror ao sentir o abraço da morte. Cambaleou, tropeçou e caiu, batendo com a cabeça contra a beira do passeio, um golpe seco que soou terrivelmente vazio. A imagem pareceu petrificar, parada no tempo, todos quietos, mudos, o único movimento eram as baforadas esbranquiçadas que formava no ar a respiração dos outros, ofegantes de frio, de esforço e de consternação.

O caído ficou inerte, de olhos abertos e boca torcida. Uma sombra negra deslizou lentamente do seu pescoço, tingindo de vermelho a alvura de neve acabada de cair. O líder fitava-o com o rosto desfigurado, perplexo com o que acabara de fazer. Olhou para a mão, que ainda empunhava o pequeno estilete que gotejava sangue fresco, e soltou-o como se lhe tivesse provocado uma câibra. Não parava de olhar para a mão aberta, ensanguentada, trémula.

Os restantes continuavam sem reagir, impressionados com a cena macabra. O primeiro a mover-se foi a vítima do ataque, para quem os agressores estavam virados de costas. Levantou-se discretamente e, sem tirar os olhos do grupo, agarrou no braço de Yuri e ajudou-o a levantar-se; com um gesto, indicou-lhe que corresse. Antes de o fazer, Yuri olhou para a rapariga. Os seus olhares voltaram a cruzar-se. Depois, desatou a correr.

– Filhos da puta – exclamou, furioso, o rapaz que o precedia na corrida. – São como animais selvagens.

Ao aproximar-se da porta, Yuri abrandou a marcha enquanto procurava as chaves no bolso. Parou ao chegar à entrada, nervoso. O rapaz também parou.

– Vives aqui? – perguntou ele, como se isso o surpreendesse.

Yuri assentiu, tentando ao mesmo tempo introduzir a chave na fechadura. O outro deu vários passos, afastando-se dele, sem deixar de o fitar; levou a mão à testa em jeito de saudação militar e disse, com um grande sorriso no rosto:

– Obrigado, amigo, devo-te uma.

Desatou imediatamente a correr, a uma velocidade extraordinária. Yuri virou-se para o grupo, que começava já a dispersar. A mão tremia-lhe tanto que não conseguia introduzir a chave. Sentia um doloroso latejar nas têmporas, e o lábio ardia-lhe como se no seu interior um facho se acendesse. Sentiu o sabor pastoso do sangue. Finalmente, abriu a porta, entrou no vestíbulo e desatou a correr escadas acima. Enfiou-se nas suas águas-furtadas com o coração quase a explodir-lhe no peito. Encostou-se à parede e deixou-se cair até ficar sentado no chão, ofegante. Faltava-lhe o ar, como se o oxigénio não lhe chegasse aos

pulmões, sentia que sufocava. Tirou as luvas e livrou-se do cachecol como se de uma corda ao pescoço se tratasse, mas continuava a sentir uma pressão insuportável.

Levantou-se e, com passos vacilantes, dirigiu-se a uma das mansardas, abriu o vidro e pôs metade do corpo de fora, procurando ar para respirar. Fê-lo em arquejos, com a ânsia que lhe impunha o palpitar do coração. Quando se acalmou, voltou a sentar-se no chão, junto à janela aberta. Tremia de frio. Ou talvez fosse de medo, do medo que sempre o acompanhava desde há doze anos.

Petrogrado (antiga São Petersburgo), 1921

Desconfio particularmente de um russo quando tem o poder nas mãos. Escravo há não muito tempo, torna-se o mais descontrolado dos déspotas quando tem a oportunidade de se converter em senhor do seu próximo.

MÁXIMO GORKI

I

Miguel Santacruz tinha chegado à bela cidade de São Petersburgo na primavera de 1906, para se juntar como adido comercial à embaixada espanhola na Rússia czarista. Conheceu Verónika Olégovna Filátova numa das magníficas receções organizadas pelo embaixador, festas em que não se poupavam gastos nem luxos, em que circulavam o caviar, os melhores vinhos e o champanhe francês, delícias oferecidas a convidados de gala que desfrutavam do luxo e da vida. A beleza de Verónika deslumbrou Miguel assim que a viu: alta, esbelta, com um pescoço tão longo como o de um cisne, a pele branca nacarada, os olhos cinzentos, muito claros, grandes, rasgados, brilhantes; era alegre e vivaz; dos seus lábios emanava um sorriso sereno, plácido, contagiante. Tinha dezassete anos e era a única filha de um próspero comerciante de Rostov do Don, que se tinha instalado em São Petersburgo decidido a oferecer à jovem uma educação excecional, além da oportunidade de conviver com a alta sociedade.

O pai de Verónika, Oleg Borísovich, simpatizava com as ideias do partido liberal russo, que queria mais liberdade e uma constituição como base para desenvolver um sistema parlamentar semelhante ao do Ocidente; ainda que a sua área não fosse a política, e sim a economia. Passava longas temporadas longe da

esposa e da filha, a cuidar dos seus negócios. A mãe de Verónika, Olga Ivánovna, era uma mulher inteligente, amante da música e dos livros, dedicada de corpo e alma ao cuidado e à educação da filha, para a qual havia que escolher um bom marido, adequado à sua classe social. Por isso lhe tinha custado aceitar o interesse demonstrado por Miguel Santacruz na sua filha; um estrangeiro dez anos mais velho do que ela e que, na sua opinião, estava de passagem pela Rússia e partiria certamente para outra parte do mundo, rompendo a união da família, afastando de si a sua filha e os futuros netos. No entanto, o amor professado pelo casal desde o início tinha esmagado todas as suas reticências.

Ao fim de um ano, Miguel e Verónika casaram-se. Nove meses depois, nasceu Yuri, ao qual se seguiu, com um intervalo de apenas um ano, Nikolái, a quem chamavam Kolia. Na primavera de 1914, chegou ao mundo a tão ansiada menina, à qual puseram o nome de Ekaterina, Katia para todos.

Tal como a mãe tinha feito, Verónika consagrou a sua vida ao cuidado dos filhos. Yuri e Kolia davam-se muito bem entre si, partilhavam jogos e o gosto pela música, pelas artes e pela leitura, bem como pela aprendizagem de outros idiomas. Além do russo e do espanhol, os dois irmãos aprenderam de forma quase perfeita o francês e o alemão. Verónika tinha uma voz deliciosa, simultaneamente doce e poderosa. Costumava cantar *Kalinka*, a canção favorita dos meninos, em coro com os filhos; cantavam e dançavam os três no grande salão da casa, desfrutando de uma vida cheia de felicidade.

A única que não seguiu o ritmo materno de instrução e aprendizagem foi Katia. Não gostava de música nem da leitura; passava o dia entretida com uma encantadora casa de bonecas que o avô Oleg lhe tinha oferecido. Desde o nascimento que se havia transformado na fraqueza do pai, a menina dos seus olhos, a quem ele consentia tudo quanto lhe pedisse.

Verónika ficou novamente grávida quando Yuri tinha oito anos. Sasha chegou ao mundo numa noite terrível em fevereiro de 1917, quando uma forte nevada ártica fustigava a cidade, num dos invernos mais frios de que havia memória e num país em guerra

desde o verão de 1914. Nesse mesmo mês eclodiu a revolução do pão, promovida maioritariamente por mulheres fartas da escassez e da subida de preços provocadas pela acumulação mesquinha dos farinhaes, revolta essa que, alguns meses mais tarde, levaria ao colapso do regime czarista. O parto foi longo e difícil, e quando Verónika Olégovna viu pela primeira vez o rosto do seu recém-nascido, teve um mau pressentimento. Não se enganou nos maus presságios, pois, a partir desse momento, a agradável vida que até então tinham levado começou a desabar como um enorme castelo de cartas.

Um ano depois, no primeiro aniversário de Sasha, as coisas haviam mudado tanto para a família Santacruz que Verónika tinha a impressão de ter decorrido um século. A desordem e a anarquia começavam a apoderar-se de tudo e todos. A revolução bolchevique, que eclodira em outubro de 1917, estendia-se caoticamente por uma sociedade desprovida de lei e ordem. Os disparos nas ruas e as pedras arremessadas contra as janelas do apartamento onde vivia a família Santacruz foram os primeiros avisos, seguidos de uma escalada de saques, roubos, destruição e, sobretudo, medo, um medo que se foi incrustando em cada poro da pele, em cada palpitir, em cada fôlego de um ar viciado por uma maldade desenfreada.

Os Santacruz viviam no primeiro andar de um edifício senhorial de tetos altos e divisões espaçosas, limpas e luminosas, com um grande salão magnificamente decorado com móveis de madeiras nobres e tecidos ricos, em cujo centro se destacava um espetacular piano *Bechstein*; a casa dispunha de instalação elétrica e água corrente, o que lhes permitia ter uma casa de banho completa e muito ampla, com uma banheira, lavatórios duplos e sanita.

Em consequência do decreto de abolição da propriedade privada, instaurou-se no edifício a política dos *kommunalki*, e as casas particulares converteram-se em apartamentos comunitários. A partir de então, um grupo de gente de aspeto miserável, proveniente de subúrbios e aldeias, administrado por um comité de vizinhos, distribuiu-se por cada uma das dez divisões, exceto as duas que tinham deixado à família Santacruz. Inicialmente, a

atitude das famílias recém-chegadas foi correta, comedida e algo displicente, mas ao fim de muito pouco tempo a insolência, as vozes desairosas, a falta de respeito, a inveja e o ressentimento pelo que um tinha e a outro lhe faltava foram-se apoderando de cada canto da casa. Os novos moradores utilizavam as coisas sem cuidado, partiam-nas e não as arranjavam. Ninguém limpava nem arrumava, e não tardou a que tudo ficasse sujo, deteriorado pelo desleixo e pelo mau uso.

Os Santacruz tinham-se enclausurado no quarto que havia pertencido ao casal e no que fora em tempos o quarto de vestir de Verónika, ligadas as duas divisões por uma porta sem necessidade de sair para o corredor, o que lhes dava uma certa sensação de intimidade. Além do casal e dos seus filhos, viviam também naquele amontoado Olga Ivánovna, a mãe de Verónika, e a ama, Sveta Rudakova, uma espécie de *bábushka* doce e rechonchuda que convidava ao cálido abraço, tendo há muito renunciado a ter filhos próprios para se dedicar a cuidar dos alheios e vivendo com o casal desde o nascimento de Yuri. Valka, o motorista dos Santacruz até lhe terem arrebatado o *Packard*, instalou-se no que havia sido a despensa. Juntamente com Sveta, foi o único membro da criadagem a manter-se fiel à família, ajudando-os várias vezes ante os saques e confiscos que haviam sofrido. Não obstante, os Santacruz tinham perdido quase todos os bens que existiam na casa: tapetes, cortinas, móveis, toalhas de mesa e roupa, incluindo a das crianças, parte da qual Sveta conseguiu conservar guardando-a num baú com outros objetos valiosos, defendendo ante os saqueadores que aquilo era seu e que não lhe podiam arrebatá-lo o que lhe pertencia enquanto proletária.

O grande salão da casa tinha sido convertido em local de reunião para o comité do bairro, e havia sempre gente a entrar e a sair, armando alvoroço, discutindo, quer fosse de dia ou em plena madrugada. O piano foi uma das primeiras coisas a serem levadas; a dor sentida por Verónika tinha-a deixado de cama durante vários dias, incapaz de resistir a tanta tristeza. A casa de banho era de uso comunitário. Valka teve de a arranjar várias vezes e de explicar que a retrete não era o sítio certo para deitar todo o tipo de lixo,

mas todas as tentativas de a utilizar corretamente pareciam inúteis. Pouco tempo depois, o uso da cozinha tornou-se impraticável para os Santacruz. Verónika recusava-se a utilizar a pocilga em que tinham transformado os seus fogões, bancadas e lava-loiças.

A vida de luxos, confortos e bem-estar em que Miguel Santacruz e a família haviam vivido tinha-se esfumado por completo. Transformados em inimigos do povo, rotulados de burgueses altivos e egoístas, acusados e sentenciados como delinquentes pelo mero facto de pertencerem a uma classe social, os Santacruz viram-se obrigados a aprender a passarem despercebidos, a evitar cruzarem-se com aqueles que espargiam com fúria o ódio acumulado durante séculos. Tinha perdido a oportunidade de abandonar a Rússia e regressar a Espanha juntamente com a maioria das pessoas quando, no verão de 1918, pouco após a execução do czar Nicolau II e da família imperial Romanov, a embaixada fechara a legação. Verónika (pressionada pela mãe) tinha-se recusado a sair do que considerava ser o seu país, a abandonar tudo o que entendia ser a sua vida para empreender uma viagem incerta através de uma Europa ainda em guerra, e com Sasha ainda tão pequeno. A realidade dos meses seguintes esmagou como uma laje essa decisão, e Verónika culpava-se todos os dias por ter deixado os filhos presos naquele inferno, convertidos em párias na sua própria casa.

O mero facto de ter ou ter tido alguma propriedade ou loja, por mais insignificante que fosse, tinha-se transformado num estorvo; ao roubo chamava-se nacionalização, e coisas piores ainda – a barbárie, os assaltos, a delação e até o assassinato – tinham-se transformado em formas de luta operária. Puseram em liberdade os criminosos comuns encarcerados nas prisões, na crença de que, se cometiam crimes, era devido ao excesso dessa classe de privilegiados, que os tinha oprimido durante séculos; assim, pululavam pelas ruas a seu bel-prazer hordas de condenados de toda a índole, ladrões, assassinos, burlões, violadores. A antiga magnificência da cidade havia-se deteriorado como se tivesse sido atingida por um furacão. Os edifícios, outrora senhoriais como elegantes fortalezas, tinham-se convertido em velhos túmulos

abertos. As ruas, antes limpas e reluzentes, permaneciam sujas, descuidadas, com tão pouco trânsito que nelas cresciam arbustos. Não havia lojas, teatros, restaurantes ou sequer fábricas. Tudo ficara enclausurado, abandonado, uma cidade-fantasma semelhante a um cemitério esquecido, habitada apenas por cadáveres ambulantes, homens macilentos, mulheres, crianças, velhos solitários em busca de uma côdea de pão ou de um pedaço de lenha com que se aquecerem. Não havia cães nem gatos nem pássaros, apenas as ratazanas e as baratas sobreviviam; a pouca carne dos cavalos mortos de inanição acabara convertida em aparas para sopas e *goulash*. Tudo o que pudesse ser transformado em lenha tinha desaparecido: as árvores, as cercas, as portas; se uma casa fosse abandonada, bastava um par de noites para ser desmantelada até aos alicerces. A escassez desfazia a cidade. A insegurança havia-se apoderado de tudo. O medo de sair, fosse a que hora fosse, tinha-se assenhoreado da maioria daqueles que só tentavam sobreviver num lugar onde não havia nada, pelo menos para eles. As gentes pacíficas ficavam à mercê da sorte de não se cruzarem com os tipos que andavam por ali à solta, sem qualquer controlo ou retribuição pelos seus delitos, de tal modo que o regresso ao lar era celebrado como um acontecimento. Como combustível, os Santacruz tinham chegado a utilizar a madeira dos móveis, alguns muito valiosos, e livros, cujas folhas em chamas magoavam tanto Verónika como se estivesse a ver arder um ser vivo. O chefe da família, na companhia de Valka, escapulira-se várias vezes para os arredores da cidade em busca de lenha, arriscando-se a que os detivessem, pois tomar lenha ou qualquer outro produto sem autorização era um delito punível com anos de prisão ou até mesmo a morte.

Tudo em seu redor se desmoronava, e Miguel Santacruz era testemunha e vítima da devastação que estava a ocorrer na sua família. Se não saíssem dali em breve, São Petersburgo, a cidade das noites brancas, converter-se-ia no seu túmulo.

II

Era o primeiro dia de janeiro de 1921. Há dois anos que os Santacruz não celebravam a chegada do novo ano. Na realidade, há já muito tempo que não celebravam nada, pois nada havia para celebrar. A única ocupação de cada dia era sobreviver até ao seguinte.

Verónika tinha mandado chamar o médico porque o pequeno Sasha estava há vários dias com febre alta. Petia Smelov compareceu imediatamente. Amigo de Miguel Santacruz desde a sua chegada a São Petersburgo, Smelov era o médico da família: tinha assistido a todos os partos de Verónika e atendido e tratado todos os padecimentos, enfermidades e complicações dos Santacruz, incluindo os membros da criadagem.

Smelov examinou o menino sob o olhar atento da mãe, que, aos pés da cama, respondia às perguntas que o médico lhe fazia.

Quando terminou, lavou as mãos com uma expressão séria.

– O menino tem tifo, mas não morrerá disso. O que vai matar o teu filho é a fome. Está muito fraco. Alimentos e quinina, é disso que ele precisa.

– E de onde tiro eu a comida e a quinina? – murmurou a mãe, com uma expressão impotente.

Petia fitou-a, preocupado; estava demasiado magra, como se estivesse prestes a quebrar, sustentada apenas pela fortaleza inata de uma mãe que procura fazer com que os seus filhos sobrevivam, acima de qualquer dificuldade.

– Como vão as autorizações de saída do país?

– O Miguel tem feito tudo o que pode. Bateu a todas as portas, contactou todos os gabinetes de todas as hierarquias russas e estrangeiras, mas parece uma missão impossível. Qualquer avanço implica um retrocesso imediato. Ninguém lhe dá ouvidos. Tudo se eterniza. É desesperante.

Há meses que o seu marido tentava conseguir os salvo-condutos de saída. Na embaixada da Noruega, onde tinham ficado

amparados os interesses dos espanhóis, ninguém punha qualquer entrave em relação a ele, diplomata e cidadão espanhol, mas estava a ser muito difícil conseguir uma autorização para ela e para os quatro filhos, todos russos.

– Que erro, não termos saído do país quando tivemos oportunidade. Nunca me poderei perdoar...

– Não te culpes, ninguém esperava esta situação.

Os olhos de Verónika ensombraram-se, e falou-lhe com uma expressão preocupada.

– Petia, diz-me como posso conseguir quinina para o Sasha. Tu tens contactos.

– Não me peças isso, Verónika Olégovna. Não posso... Não devo. É demasiado perigoso.

– Imploro-te, tens de me ajudar, é o meu filho... O que não será uma mãe capaz de fazer pelo seu filho?

– De pouco serviria expores-te a tanto. E o Miguel jamais me perdoaria.

– Ele não tem de saber de nada. Por favor, Petia, diz-me onde posso encontrar algo que possa salvar a vida do meu pequeno. – Por uns instantes, esperou uma resposta, uma reacção. – Se não me ajudares, sairei à rua disposta a seja o que for para conseguir o contacto que tu me negas... Sei muito bem como fazê-lo.

– Não – replicou Petia, espantado. – Que nem te passe pela cabeça fazer nenhuma loucura.

– Então ajuda-me tu – insistiu ela, em voz muito baixa, mas num tom pertinaz.

Durante vários segundos, mantiveram os olhares fixos um no outro, ele com uma expressão avaliadora, ela com um ar suplicante, até que o médico desviou o olhar, pegou em papel e caneta e escreveu uma morada. Estendeu-lha a contragosto.

– Vai antes das oito, caso contrário, arriscas-te a que já tenham saído. Poderás encontrar aí alimentos frescos, verduras e leite. Não sei se terão quinina.

Ela leu o bilhete com avidez e depois colou-o ao peito.

– Obrigada – balbuciou, emocionada. Aquele pedaço de papel era uma centelha de esperança.

– Ninguém deve saber que te dei o contacto, por amor de Deus, Verónika. Arranjar-me-ias problemas.

– Confia em mim – respondeu ela, agradecida.

Petia fitou-a com uma expressão contrita, repugnado por ter cedido.

– Quando o Miguel souber, vai arrancar-me a cabeça – murmurou, esboçando ao mesmo tempo um gesto de negação. – Não leves dinheiro, não serve de nada. Resta-vos algo de valor? Ouro, joias, roupa, calçado, o que for...?

As nefastas consequências do comunismo de guerra implantado pelo governo bolchevique desde o inverno de 1918, às quais se juntou uma das mais ferozes secas, tinham provocado uma grande fome em todo o país, matando milhões de pessoas.

Verónika assentiu.

O médico guardou as suas coisas e vestiu o sobretudo. Olhou em volta, com um ar de desagrado.

– Tenta arejar um pouco o quarto. O ar aqui é irrespirável.

– Eu sei – assentiu Verónika, envergonhada –, mas o calor é um bem demasiado precioso para deixar fugir pela janela.

O médico esboçou um esgar de angustiada anuência.

A mulher acompanhou-o pelo corredor da casa até à porta do que havia sido o seu lar.

– Tem muito cuidado, Verónika, é muito perigoso, e se te descobrem... pode ser o fim para ti e para o teu filho.

Sem deixar de o olhar nos olhos, ela apertou o papel entre as mãos como se o médico lhe tivesse dado uma arma letal.

– Petia, tenho de o fazer. Não posso deixar morrer o Sasha...

Regressou ao quarto a passos largos e, ao entrar, deu-se conta da neblina quente e espessa que os envolvia. Os candis que Valka tinha fabricado com garrafas ou boiões cheios de sebo, para os iluminar quando a luz elétrica falhava, enchiam o ar de um fumo malcheiroso que irritava as gargantas e os olhos e enegrecia os tetos, outrora brancos como a neve. Sentiu uma angústia sufocante. Tinha de fazer alguma coisa; se ficassem ali a respirar aquele ar contaminado, acabariam todos mortos.

Dirigiu-se à única mesa que lhes restava, sobre a qual repousavam um jarro com água, um copo e uma pequena bacia em que, de vez em quando, a avó mergulhava um pano, para depois o colocar na testa suada da criança, tentando controlar a febre. Verónika abriu cuidadosamente a gaveta para não sobressaltar o menino, remexeu no fundo e tirou uns brincos de ouro. Entretanto, a sua mãe observava-a, inquieta.

– O que vais fazer com isso? – perguntou Olga Ivánovna, alarmada. – São os brincos do teu casamento.

– São uns simples brincos, mãe, já não têm mais nenhum valor além do que possa conseguir por eles.

– Mas são a única coisa que nos resta. O teu marido guarda-os para comprar os bilhetes de comboio quando tiver os salvo-condutos.

– Temos de viver um dia de cada vez; é possível que só nos permitam sair do país daqui a meses, ou que não o permitam nunca... – Baixou os olhos para não se ir abaixo. Tinha de se manter forte. Voltou a olhar para a mãe com firmeza. – De que me servem os bilhetes de comboio se o Sasha morrer? Preciso destes brincos agora – insistiu terminantemente.

Introduziu no *soutien* as joias e o bilhete que o médico lhe dera. Calçou as botas e vestiu o sobretudo. Quando ia a pegar no xaile, deparou-se com o olhar triste e incisivo do seu filho Yuri. Estava magro e muito pálido, com o cabelo emaranhado a cair-lhe para a testa. O seu aspeto era uma mistura dos rasgos de criança que ainda resistiam e dos de adolescente que já afloravam. Apesar de ter a pele morena como o pai, tinha herdado os olhos cinzentos de Verónika, bem como a sua forma de ver o mundo, a sensibilidade, o talento para a música, tantas possibilidades bruscamente interrompidas quando ainda mal tinham começado a manifestar-se.

– Meu pequeno Yura. – A sua mãe era a única que o tratava assim, e só em momentos especiais como aquele, pois Miguel Santacruz odiava esse costume tão habitual dos russos de tratar tudo e todos por diminutivos. – Tenho de sair. Cuidas dos teus irmãos e da avó?

– E se não voltares? – perguntou o rapaz, inquieto.

Ela aproximou-se dele, agachou-se um pouco para olhar de frente os seus olhos cinzentos e falou-lhe com toda a firmeza de que foi capaz.

– Vou voltar, estás a ouvir? Prometo-te que vou voltar.

Deu-lhe um beijo na testa e, nesse preciso momento, ouviu-se um disparo ao longe. Instintivamente, os três dirigiram o olhar para a janela. Era algo habitual, e ainda mais ao cair da noite, quando a cidade se transformava num lugar agressivo e cheio de perigos para aqueles que se arriscavam a circular pelas suas ruas.

– Não o faças – implorou Olga Ivánovna. – Por amor de Deus, filha, não saias.

Verónika aproximou-se da mãe enquanto se embrulhava no grosso xaile.

– Cuida do Sasha, mãe. Vou arranjar quinina e alguma comida para que o nosso pequeno não morra de fome.

– Temo por ti.

A voz embargada da mãe enterneceu Verónika.

– Não me vai acontecer nada – disse ela, dedicando-lhe um sorriso.

Pegou nas luvas e pôs o gorro de pele de raposa, ajeitando as orelheiras. A mãe reagiu, numa última tentativa de a impedir de sair.

– Espera ao menos que o teu marido volte.

– Não posso esperar, não há tempo.

Verónika saiu e fechou a porta. Olga Ivánovna ficou paralisada durante alguns segundos, a conter as lágrimas de impotência. Regressou para junto do leito onde Sasha agonizava. Estava tão magro e pálido que mal se via debaixo do edredão.

Nesse momento, Kolia saiu do quarto contíguo, e atrás dele apareceu Katia, que correu para os braços da avó, procurando refúgio no seu suave regaço.

Kolia dirigiu-se ao irmão.

– Onde está a *mámochka*?

Yuri não lhe disse nada, limitou-se a abraçá-lo enquanto olhava para a avó, tentando encontrar no seu rosto alguma explicação para tanta miséria.

III

Verónika desceu as escadas à pressa, tapando a boca para não inalar o fedor a lixo e a urina que flutuava no ar. Quando chegou à entrada, estremeceu ao ver-se frente a frente com dois dos vizinhos que há meses ocupavam os quartos do apartamento do segundo andar. O mais alto tinha-se autoproclamado comissário do comité de vizinhos; o outro era o ajudante, sempre ao seu lado, o esbirro fiel para os trabalhos sujos. Eram eles que distribuía entre os residentes os cupões necessários para obter a ração de pão ou leite ou para utilizar o elétrico. Tinham de lhes dar todo o tipo de explicações sobre o que entrava e saía do edifício, sobre quem chegava e partia: eram a lei e a justiça, decidiam quem devia vigiar o vestíbulo contra os possíveis ataques noturnos, quem devia limpar a neve da entrada ou acumular e guardar a lenha, que depois só chegava às suas próprias famílias ou às de quem eles decidiam. Os vizinhos estavam à mercê das suas ordens, geralmente arbitrárias e abusivas, acatadas sem protestar, pois deles dependia a sorte de todos.

Verónika tentou esquivar-se, mas o comissário bloqueou-lhe a passagem.

– Onde vai a czarina a estas horas?

– Deixem-me passar, por favor. Tenho de ir buscar algum leite para o meu filho, o camarada médico disse-me que morrerá se não comer algo.

– Que pena... – disse o homem com ironia, olhando para o companheiro.

A Verónika doía-lhe tal falta de humanidade, não conseguia habituar-se, apesar de aquela atitude fria e cruel ser usual desde há já muito tempo.

– E onde estão os cupões, cidadã Olégovna?

Verónika empalideceu. Abanou a cabeça.

– Por favor... Imploro-lhe, o meu filho está a morrer.

– Os cupões, ou daqui não sais – insistiu o comissário, de mão estendida.

Desde a revolução que o tratamento por tu tinha sido imposto, numa forma adicional de humilhar os que tudo haviam possuído. Não se respeitava a idade nem a condição; regra geral, a autoridade ficara nas mãos de brutos como aqueles, identificados por um gorro azul com uma estrela vermelha cosida.

Ela continuou a abanar a cabeça; baixou os olhos, humilhada.

– Não tenho cupões. Mas poderia arranjá-los amanhã. Irei ao comité médico, falarei com o camarada chefe...

O comissário olhou para o seu companheiro com desdém e abaulou o peito.

– Não serve, cidadã Olégovna. Se não tens cupões, não sais. São as regras. Aqui não há privilégios para ninguém, e muito menos para quem gozou deles durante séculos.

Verónika ergueu o olhar, entre a súplica e o desespero. Sabia que não havia regra nenhuma que a impedisse de sair à rua, mas de nada lhe serviria protestar. Procurou uma forma de chegar a algum acordo.

– Talvez haja uma maneira de o resolver, camarada Varlam – sugeriu em tom dócil, tentando cair nas boas graças daquele brutamontes.

– O que me ofereces?

Após alguns segundos de indecisão, Verónika levou a mão ao xaile que lhe envolvia o pescoço com um semblante interrogativo. O homem tocou-lhe, cerrou os lábios e torceu a cara, recusando, antes de levar a mão à lapela do sobretudo.

– Creio que isto será suficiente, camarada, pensa que vou violar as regras. Quero o sobretudo.

– Mas... morrerei de frio se sair sem ele – protestou Verónika, ciente de que na rua a temperatura tinha já descido para valores negativos e a neve cobria de branco os passeios.

O companheiro soltou uma risada maliciosa. Aquele olhar perverso intimidava Verónika.

– Estou certo de que aguentarás.

Verónika sabia que não havia nada a fazer, por isso tirou o sobretudo. Pensou em subir para ir buscar o da sua mãe, mas rejeitou imediatamente a ideia, pois alarmá-la-ia ainda mais e não tinha a certeza de que, ao descer de novo, não lhe voltassem a pedir outra portagem. Estendeu o seu único casaco ao comissário, que o recebeu, satisfeito. Era uma boa peça, de lã, forrada a borrego e com pele na gola. Instintivamente, levou a mão ao peito, ao local onde tinha escondido os brincos. Ajeitou o xaile à volta do corpo e fez menção de se mover, mas o comissário continuava a obstruir-lhe a passagem para a rua.

– Posso ir?

O comissário chegou-se para o lado com um esgar.

– Muito bem, cidadã Olégovna, podes ir.

Quando saiu, os dois homens ficaram a vê-la afastar-se, mas, mal virou a esquina, o comissário disse ao outro:

– Não percas de vista aquela burguesinha estúpida, camarada.

O sequaz saiu do vestíbulo e atravessou a rua a correr. As suas botas de feltro fendiam a neve, produzindo um estalido cadenciado ao ritmo dos seus passos.

IV

Tinham passado mais de quatro horas desde que Verónika saíra de casa quando Miguel Santacruz apareceu no quarto de Sasha com uma expressão de euforia contida.

– Como está ele? – perguntou à sua sogra, que permanecia sentada junto à cama, num banco de madeira, atenta à respiração do neto. – O doutor Smelov veio vê-lo? O que disse ele?

Fez as perguntas uma a seguir à outra, olhando para o menino e tocando-lhe na testa com suavidade.

– Continua com febre – respondeu ela. Quis controlar-se, mas não conseguiu. Os seus lábios tremeram e a voz quebrou. – Está a

morrer, Miguel, o nosso pequeno Sasha está a morrer... O meu pequeno Sasha, que pena... – Chorava, balançando o corpo, os braços colados ao ventre, encolhida pelo horror de ver o seu neto consumir-se.

Miguel aproximou-se dela e pôs-se de cócoras para a consolar, procurando-lhe os olhos.

– Não, Olga Ivánovna, não diga isso... e, por favor, não chore. – Tinha os olhos a brilhar, e os seus lábios abriram-se num sorriso. Levou a mão ao bolso e extraiu uns papéis dobrados, mostrando-lhos como se de um tesouro se tratasse. – Tenho os salvo-condutos, consegui. Agora, só falta arranjarmos os bilhetes de comboio e poderemos finalmente partir.

– Mas... para todos? – perguntou ela, cheia de incredulidade. – A minha Vérochka também poderá ir?

Miguel Santacruz respondeu mantendo os papéis bem erguidos, triunfante.

– Todos, Olga Ivánovna, vamos todos. Os meninos, a Verónika, a Sveta... E, claro, a senhora vem connosco. Não vou permitir que fique aqui.

O rosto da avó ensombrou-se e, nos seus lábios, formou-se um sorriso aflito.

– Não abandonarei este país sem o meu marido, já sabes.

– Olga Ivánovna, não pode ficar aqui sozinha, não sobreviverá.

– Não te preocupes comigo. Assim que estiverem todos a salvo, regresso a casa. O Oleg Borísovich já está há demasiado tempo sozinho.

Mais de mil e setecentos quilómetros separavam Petrogrado de Rostov do Don, perto do mar de Azov, e Miguel perguntou-se como pensaria viajar até lá a mãe da sua esposa. Não o disse em voz alta, fazendo antes uma promessa:

– Do Oleg Borísovich ocupo-me eu a partir de Espanha.

– O meu marido jamais abandonará a Rússia – interrompeu-o ela. – Teriam de o matar para o tirar daqui.

– A Verónika não deixará que fique.

– A minha filha fará o que eu disser – sentenciou Olga Ivánovna.

Miguel reparou então na ausência de Verónika.

– Onde está ela?
– Saiu há algum tempo.
– Para onde? – perguntou ele, alarmado. – É muito tarde e está a nevar muito.
– Foi procurar comida. O teu amigo médico deu-lhe a morada de um lugar.
– Santo Deus... Porque a deixou sair?
A mulher respondeu-lhe de forma categórica.
– Não há força no mundo capaz de segurar uma mãe quando a vida de um filho depende de agir ou não agir.
– Tenho de ir procurá-la – disse Miguel, dirigindo-se à porta. Pressentia o perigo. – Onde foi?
– Não me disse, mas levou os brincos.
Miguel fitou-a com desalento. Sabia o que isso significava.
– Há quanto tempo saiu?
– Já passaram horas. – Correu atrás dele. – É melhor que fiques, Miguel, não sabes onde procurá-la.
– Irei ver o Petia. Ele dir-me-á onde a enviou. – Desconcertado, abanou a cabeça e murmurou, pensativo. – Como pôde passar-lhe pela cabeça... – Virou-se para a sogra e deu-lhe os salvo-condutos.
– Guarde-os num local seguro e comece a preparar tudo. Temos de decidir o que levar e o que deixar.
Olga Ivánovna procurou nos olhos do genro a segurança que lhe faltava.
– Miguel, traz a minha filha de volta... Imploro-te, traz a minha Vérochka para casa.
– Confie em mim, Olga Ivánovna, não voltarei sem ela.

V

Miguel saiu do edifício sob um denso nevão, que estendia sobre as ruas um tapete branco. Os espessos flocos rodopiavam em

torno do seu rosto como pequenos bailarinos, escarnecendo dele. A escuridão da noite voltava a envolver tudo; quase sem iluminação, tinha de caminhar com cuidado para não escorregar e de tentar não se cruzar com algum indivíduo sem escrúpulos. Puxou a gola de pele do sobretudo para cima, calçou o gorro até às sobancelhas e enfiou as mãos nos bolsos. Tinha trocado as últimas luvas que lhe restavam por vários troncos de madeira para deitar ao braseiro de ferro fundido do quarto onde o seu filho agonizava. Dirigiu-se a casa de Petia Smelov.

Desde a chegada a São Petersburgo, há já quase três lustros, Petia Smelov tinha-se convertido no seu melhor amigo. Eram da mesma idade, haviam casado no mesmo ano, ainda que Petia não tivesse conseguido realizar o seu desejo de ser pai. Foi Petia quem o ajudou a aprender corretamente o russo, até alcançar uma fluidez invejável e um sotaque perfeito. Conhecia o perigo de ir onde se faziam negócios de contrabando, ele mesmo o tinha advertido muitas vezes, por isso não conseguia entender como lhe havia passado pela ideia expor Verónika a esse ambiente. Não lhe entrava na cabeça. Estava furioso.

A casa onde o casal Smelov residia antes da revolução, perto do edifício dos Santacruz, tinha sido assaltada, destroçada, e todos os seus bens arrasados, tal como a grande maioria das moradias de Petrogrado. No entanto, a perda da casa só tinha implicado para os Smelov uma mudança de residência: depois disso, haviam-se hospedado durante mais de dois anos no Grand Hotel Europe da Nevski Prospekt – que alguns anos antes adotara o nome de Avenida 25 de Outubro – com confortos invejáveis e inalcançáveis para o resto dos mortais. Poucos meses antes, valendo-se da sua condição de médico do governo do Partido Comunista, o comité de habitação tinha-lhe atribuído uma casa para si e para a esposa, ampla e totalmente mobilada, com pessoal de serviço e proteção à porta.

Miguel teve de se identificar ao guarda à entrada. Uma vez superado o primeiro obstáculo, subiu as escadas e bateu com insistência à porta. Abriu-lha uma mulher, uma criada de ar mal-

humorado devido ao alvoroço. Antes que pudessem trocar uma palavra, apareceu Petia.

– Onde está a Verónika? Onde a enviaste?

Petia despachou a mulher, que se afastou a resmungar.

– Eu avisei-a de que era muito arriscado.

– Como te passou pela cabeça uma coisa dessas? – reclamou Miguel com veemência, quase fora de si. – Diz-me onde foi.

Petia baixou a cabeça e recusou.

– Lamento muito, Miguel. – Fitava-o com os olhos inundados de uma estranha inquietude. – Estava mesmo a preparar-me para te ir visitar.

– Aconteceu alguma coisa à Vérochka?

– Prenderam-na. – A voz cavernosa de Petia provocou-lhe um calafrio. – Alguém deu o alarme e apareceu uma patrulha de chequistas, acabo de saber pelo meu ajudante. Estava lá quando começou a rusga...

Miguel Santacruz ficou a olhar para ele, entre o pasmo e o desânimo.

– Para onde a levaram?

– Não tenho a certeza. Creio que para o Instituto Smolny.

Miguel deu meia-volta e começou a descer as escadas.

– Espera! – gritou Petia, enquanto pegava no seu sobretudo e na sua *ushanka*. – Vou contigo.

VI

Miguel recusou-se a esperar pelo motorista, a quem o médico pretendia avisar, e começou a andar. Petia seguiu-lhe os passos pelas ruas solitárias, escorregadias como vidro, fendendo a neve gelada com as botas. Atravessaram bairros lúgubres com o desassossego de serem assaltados a qualquer momento, não tanto pela sua segurança como pelo receio de não chegarem a tempo de

salvar Verónika. Finalmente, alcançaram o portão de ferro que dava acesso ao enorme espaço ajardinado do Instituto Smolny.

Até ao eclodir da revolução, o Smolny tinha albergado um internato para meninas nobres patrocinado pela czarina (que a própria Verónika frequentara durante uma temporada antes de se casar), mas em 1917 Lenine elevou-o a quartel-general bolchevique, e era agora a sede do aparelho local do Partido Comunista. Nas suas caves haviam preparado celas para os detidos, que eram já milhares em toda a cidade e tinham sobrelotado todas as prisões e cárceres da zona. Os possíveis dissidentes, os impostores, sobretudo as perigosas «gentes de outrora»: aristocratas, profissionais burgueses, comerciantes, proprietários em geral, considerados potenciais inimigos da revolução. O que não sabiam então era que muitos deles eram enviados para aquilo a que chamavam de «campos especiais» nos arredores da cidade ou a milhares de quilómetros de distância. Para trás ficavam as respetivas famílias, sem saber a sua sorte.

À entrada do Smolny estavam estacionados dois veículos do comando local do partido. Era bom sinal, poderiam dirigir-se a alguém com poder de decisão. Alguns guardas armados aqueciam-se à volta de uma fogueira que tinham acendido ao fundo da escadaria. Uma vez verificados os documentos, deixaram-nos entrar.

– Espera – pediu Petia a Miguel, que já se precipitava para o interior. – Temos de preencher um requerimento. São as normas.

Miguel, de sobrolho franzido, aguardou que o seu amigo preenchesse o pedido para ver o comissário-chefe da Cheka, a polícia secreta criada em finais de 1917. Tinham a necessidade imperiosa de confirmar que Verónika se encontrava ali. Uma rapariga entregou-lhes dois papéis timbrados com o número do andar e a divisão a que se deviam dirigir.

Petia perguntou qual o nome do comissário-chefe, e a resposta deixou-o atónito.

– Eu conheço-o – observou, admirado. – Mas tem apenas vinte anos...

A jovem encolheu os ombros, dando a entender que não lhe interessava minimamente a idade do comissário-chefe. Deu meia-volta e afastou-se.

Os dois amigos subiram a ampla escadaria de mármore, que, apesar da sujidade e do descuido, ainda mantinha alguns resquícios do seu antigo esplendor.

– Deixa-me ser eu a falar, conheço o tipo – pediu Petia. – Tenho boas relações com o pai dele. Curei muitas vezes as anginas a esse maçarico, e há um par de anos salvei a vida da sua mãe. A família dele deve-me muitos favores.

Miguel fitava-o, sem poder evitar uma ardente indignação. Se não fosse por Petia, Verónika não estaria agora em perigo.

– Está bem... Arranja-te como quiseses, mas tira a Verónika deste imbróglio, Petia, tens de o fazer.

– Confia em mim, Miguel, por favor.

A Miguel, não lhe restava outro remédio a não ser fazê-lo, confiar naquele homem a quem professava um afeto sincero.

Entraram numa sala grande de tetos altos, com duas janelas sem cortinas, arrancadas e desaparecidas há muito. Dirigiram-se a uma imponente mesa de madeira, atrás da qual se sentava um rapaz cingido de autoridade sob o seu gorro azul e a estrela vermelha. Havia um certo desequilíbrio entre a qualidade da mesa e a figura que lhe presidia. Um pouco mais afastada, numa escrivaninha muito mais pequena, uma mulher gorda com cerca de cinquenta anos datilografava com brio numa máquina de escrever.

– Em que vos posso ajudar, camaradas? – perguntou o rapaz, sem erguer o olhar dos papéis que tinha à frente.

– Anatoli Serguéievich Golovnia.

O rapaz ergueu o olhar, algo abalado na sua posição de domínio.

– Camarada Petia Smelov, não esperava ver-te por aqui.

– Vejo que progrediste. Diz-me, como está a tua mãe?

– Bem, bem. – Via-se que estava desconfortável, tentando manter a compostura, assegurando a autoridade que o seu cargo lhe conferia. – Completamente recuperada dos seus males.

– Fico feliz.

– O que te traz por cá, camarada Smelov?
– Venho em busca da esposa do meu amigo. Chama-se Verónika Olégovna Santacruz.

O comissário-chefe arqueou as sobrancelhas, negras e espessas, e virou-se para a datilógrafa.

– Camarada Galina, verifica o nome.

A mulher aproximou-se com uma pasta, abriu-a e folheou uma extensa lista.

– Verónika Olégovna Santacruz. – Custou-lhe pronunciar o apelido de Miguel. – Aqui está. Deu entrada há menos de uma hora. Acusada de comprar produtos monopolizados pela república, punível com pena de prisão não inferior a dez anos, de acordo com o decreto do Conselho de Comissários do Povo.

– A cidadã Verónika Olégovna está detida – afirmou o chequista.

– Estou aqui para interceder por ela. Em sua defesa, posso dizer que não é culpada dos delitos que lhe são imputados.

– Camarada Smelov, estás a pôr em causa a eficiência dos agentes da Cheka que a detiveram?

– Estou certo do profissionalismo dos agentes, mas a Verónika Olégovna deve ficar livre. Respondo por ela.

– A cidadã Olégovna será julgada por um tribunal popular por atentar contra as normas da revolução.

Petia aproximou-se do rapaz, pondo as mãos na mesa e projetando o corpo para a frente.

– Anatoli Serguéievich, pela amizade que sempre me uniu à tua família, imploro-te que deixes a Verónika Olégovna em liberdade.

O jovem abanou a cabeça sem deixar de o fitar, deliciado com o seu poder.

– Lamento muito, camarada Smelov, mas o que me pedes é impossível. Compreenderás melhor do que ninguém que não posso quebrar as regras nem abrir exceções. Não seria justo.

Petia manteve-se inerte por uns segundos, a avaliar aquelas palavras. Em seguida, lançou um rápido olhar à datilógrafa, que tinha regressado à sua mesa e martelava as teclas da máquina, e ao verificar que ela não o fitava, tirou com um gesto rápido o grosso anel de ouro que lhe adornava o anelar da mão direita, plantou a

palma com o anel por baixo e arrastou-a pela superfície de pele da mesa até ficar junto à mão esquerda do comissário, que não se tinha alterado, de olhos fixos em Petia.

– Talvez seja possível acelerar os trâmites, tendo em conta que estou a comprometer a minha palavra por essa mulher. Estou convencido, camarada Anatoli Serguéievich, de que algo se poderá fazer.

Só nesse momento é que o rapaz baixou os olhos; olhou por um instante para o anel, pegou-lhe e guardou-o no bolso.

– Camarada Smelov, vou confiar na tua palavra. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que a cidadã Verónika Olégovna seja libertada o mais cedo possível. Podes ficar tranquilo.

– Estou tranquilo. Quando crês que poderemos levar a esposa do meu amigo para casa?

– Tudo exige os seus trâmites, camarada. Far-te-ei chegar qualquer novidade.

Petia deu meia-volta, disposto a partir, mas Miguel não se mexeu.

– Eu fico aqui até que libertem a minha esposa – limitou-se ele a dizer.

– Não pode ficar – disse o comissário a Petia, ignorando a presença de Miguel.

– Quem me impede? – protestou o espanhol.

– Eu – respondeu o rapaz com altivez, antes de se dirigir de novo a Petia. – Ide-vos embora ou não darei seguimento ao processo de libertação da detida.

O médico agarrou no braço de Miguel para saírem, mas ele soltou-se.

– Não saio daqui sem a minha esposa – repetiu.

Petia discutiu com ele por alguns segundos, tentando fazê-lo ver a razão, até que finalmente Miguel cedeu à pressão do amigo.

– Vai para casa, Miguel. Deixa-me tratar disto. Conheço alguém que acelerará todos os trâmites.

– Tudo isto é culpa tua – acusou-o ele com raiva.

– Eu sei, por isso é que me vou arriscar. Vou tirar a Verónika daqui, mas deixa-me fazê-lo à minha maneira. Por favor... Espera

em casa. Faz o que te digo.

VII

Quando a espera é sustentada pela mais angustiante incerteza, o tempo parece parar, os segundos tornam-se horas e as horas passam lentas, acrescentando mais desassossego à demora do regresso. É tão forte a opressão que às vezes se sustém a respiração de forma inconsciente, alerta a qualquer ruído, qualquer indício que anuncie a ansiada vinda.

Todos se mantinham no quarto onde estava a cama de Sasha. A avó sentada na única cadeira junto ao neto doente, Katia colada ao regaço de Sveta, que a abraçava como uma galinha choca ao seu pintainho, aninhadas as duas de um dos lados do braseiro. Sentado noutro canto estava Kolia, amparado pelo seu querido irmão Yuri.

Entretanto, Miguel Santacruz dava voltas e mais voltas pelo quarto, num ir e vir constante, mãos nas costas, cabisbaixo, sobrolho franzido, rosto crispado.

– Senta-te um pouco, Miguel, por amor de Deus, vais acabar exausto – pediu-lhe a sogra com aflição. – Não resolves nada com tantos passeios.

– Não posso, Olga Ivánovna, ferve-me o sangue só de pensar que podem fazer-lhe mal.

– Passa-se o mesmo comigo, é minha filha. Mas tens de manter a calma, sobretudo pelos teus filhos. Estás a assustá-los com essa atitude.

Miguel parou e deu-se conta de que Yuri e Kolia o observavam, expectantes, no canto. Nos seus rostos refletia-se o espanto pela ausência da mãe. O pai não lhes conseguiu dizer nada e regressou às deambulações. Só parou ao ouvir o choro de Kolia, um choro desconsolado, como se o mutismo do pai tivesse aberto as comportas de um sofrimento soterrado por uma ingénua prudência.

– Para de chorar – disse, lançando contra ele a exasperação acumulada nas longas horas de espera.

Yuri, comovido pelo desamparo do irmão, envolveu-lhe o ombro com o braço para consolar o seu choro; depois olhou para o pai e, durante alguns instantes, fitaram-se entre si, perscrutando os medos do outro a fim de analisar os seus. Yuri também tinha vontade de chorar, mas aguentou, cerrou os lábios e conseguiu engolir a amarga angústia que lhe trespassava o peito.

Finalmente, Miguel Santacruz encostou-se à parede e deixou-se cair, vencido por uma súbita exaustão; deitou a cabeça para trás e, pela primeira vez em muitas horas, fechou os olhos.

Amanhecera. O céu estava cinzento e um vento gélido toldava o ar. Há já algum tempo que o quarto tinha ficado mergulhado numa calma esmagadora. A avó dormitava na sua cadeira junto ao pequeno Sasha, que também dormia um sono inquieto. Kolia tinha adormecido no regaço do irmão, que dormia, por sua vez, com a cabeça encostada à parede. E também Miguel Santacruz se deixara envolver por um estado entre o sono e a vigília; interrompeu-o o rugido de um motor na rua: aproximava-se um carro. Miguel abriu os olhos e manteve-se alerta por alguns segundos, todos os sentidos postos naquele som, até que o ouviu parar mesmo à porta. Como se tivesse uma mola nas pernas, levantou-se, correu para a janela e, ao espreitar, viu Petia a descer de um *Packard* escuro surpreendentemente limpo. Irrompeu pelo corredor, saiu para o patamar e desceu a toda a velocidade os dois lanços de escadas. No vestíbulo, deparou-se com Petia, que ia então a entrar no edifício, segurando pela cintura uma Verónika com claras dificuldades em caminhar. Miguel sentiu que o coração lhe ia rebentar com uma mistura explosiva de alegria pelo regresso da esposa e receio ante a sua evidente debilidade.

Durante esses segundos de incerteza passaram-lhe pela cabeça todo o tipo de torturas sofridas pela mulher a quem tanto amava, e a dor foi tão intensa que teve de parar para respirar, de tomar fôlego para não desfalecer ali mesmo.

Por um segundo, cruzou o olhar com o de Petia antes de erguer delicadamente Verónika nos braços. Ela deixou-se levar e,

agarrada ao seu pescoço, enterrou o rosto na calidez do seu peito. Miguel sentiu no corpo frágil da mulher um desagradável cheiro frio a fechado e a humidade. Não dirigiu a palavra a Petia, virou-lhe as costas e começou a subir a escadaria. Petia ficou a vê-lo partir, interrogando-se sobre se devia dar meia-volta ou segui-lo, como acabou por fazer.

À porta do quarto, Yuri continuava à espera, segurando pelo ombro o irmão Kolia, como se o protegesse de todos os perigos. Junto a eles, Sveta, Katia e a sua avó, que, ao vê-los avançar pelo corredor, levou a mão à boca, sem saber se havia de gritar de alegria ou chorar de impotência. Miguel deitou cuidadosamente a esposa na mesma cama onde o filho lutava contra a febre. Só então pôde ver o rosto de Verónika, pisado por golpes que não lhe tinham feito sangue; estava suja, desgrenhada, parecia uma boneca desconjuntada, como se, em vez de algumas horas, tivesse passado semanas encarcerada.

– Verónika, meu amor, já passou tudo. – Falava com o coração encolhido.

Ela abriu os olhos e sorriu. Acariciou-lhe a face e falou em voz baixa.

– Miguel... Desculpa... Os brincos... Tiraram-mos e...

Ele fê-la calar-se, encostando-lhe os dedos aos lábios secos.

Entre Sveta e Olga Ivánovna, lavaram-na e vestiram-na como puderam. Prepararam-lhe um chá num pequeno samovar de prata que haviam conseguido salvar dos saques. Verónika tinha tanta vontade de beber que quase queimou os lábios com a água a ferver.

Entretanto, Petia aguardava prudentemente junto à porta. Invertidos os papéis, as crianças assistiam à cena sem dizer nada, como sofridas mães, espectadoras mudas de algo que, apesar da sua inocência, entendiam ser transcendental.

Quando Verónika finalmente adormeceu, Miguel dirigiu-se ao seu amigo em voz baixa.

– Diz-me o que lhe fizeram, Petia.

– Não penses nisso agora. Ela está aqui. É isso que importa.

– Tenho os salvo-condutos – acrescentou Miguel, pesaroso. – Mas não tenho com que pagar os bilhetes.

Petia ficou pensativo. Pegou na corrente de ouro que usava ao pescoço, tirou-a pela cabeça e estendeu-lha.

– Não posso aceitar – disse Miguel, rejeitando-a. – Foi um presente do teu pai.

– És meu amigo. Não farias o mesmo por mim?

Miguel hesitou por alguns segundos; pegou na corrente e sorriu ao médico, agradecido.

– Tens razão... Obrigado. Deixaremos este maldito país no primeiro comboio que conseguirmos apanhar.

Petia virou-lhe as costas, mas não se mexeu. Fitou-o novamente, indeciso.

– Miguel, foi um erro ter dado aquela morada à Verónika e peço-te desculpas por isso... Devia ter ido eu mesmo.

Os dois homens fitaram-se durante longos segundos. Finalmente, Petia desviou o olhar, virou costas e afastou-se pelo corredor a passos largos, fazendo esvoaçar o fundo do seu sobretudo como asas abertas ao vento, um sobretudo novo, impecável, de qualidade extraordinária, tal como as botas de couro que trazia ou a *ushanka* de raposa que lhe cobria a cabeça e as orelhas. Durante muito tempo, Miguel tinha tentado ignorar uma realidade que se lhe tornava evidente. Petia era seu amigo e não queria aceitar que só os altos cargos, os que tinham importantes influências dentro do partido, podiam manter o nível de vida que ele tinha: casas, móveis, comida em abundância e proteção à porta. Miguel decidira não perguntar, não analisar, não enfrentar a realidade de que Petia fazia parte de toda aquela terrível maquinaria gerada pela revolução que havia começado três anos antes, uma engrenagem destruidora daquela sociedade em dissolução de que ele e a sua família eram vítimas. No entanto, era muito mais poderosa a amizade que os unia, e não podia deixar de sentir um grande afeto por ele. Ao fim e ao cabo, Petia sempre tinha dado a cara pelos Santacruz, e nos momentos mais duros proporcionara-lhes alimentos sem os quais teriam morrido de fome.

VIII

Os dias seguintes ao regresso de Verónika foram vividos na angústia de que a pudessem ir buscar. Acontecia frequentemente que, quando deixavam em liberdade um detido, o voltassem a ir buscar ao fim de pouco tempo, sem que dessa vez se tornasse a conhecer o seu paradeiro.

Passou uma semana até Miguel conseguir os bilhetes de comboio. Nessa manhã, Petia apresentou-se no apartamento. Kolia abriu-lhe a porta e, ao entrar, o médico viu Verónika atarefada a fazer uma trouxa com uma toalha.

– Petia! – Verónika deixou o que estava a fazer e dirigiu-se a ele, com os olhos a brilhar, sorridentes. – Que alegria ver-te! O Miguel contou-te? Vamos finalmente partir. Conseguiu os bilhetes.

Petia pensou que há muito tempo que não a via tão alegre, apesar de ainda ter os hematomas marcados na cara.

– Não... – balbuciou, tentando mostrar alegria. – Não sabia. Quando parte o comboio?

– Esta tarde. Avisaram-nos para termos muita paciência, porque é provável que haja atrasos, mas não importa. O que interessa é que finalmente poderemos sair daqui. Iremos em direção a Minsk, e depois para Berlim. Daí, partiremos para Madrid. – Falava com o rosto embevecido de felicidade. – O Miguel falou-me tantas vezes da sua cidade, do sol, do azul do céu, tão diferente deste. Descreveu-me com tanto pormenor a casa do pai, na qual iremos viver, um lar onde voltaremos a ser felizes, onde poderemos ver crescer os nossos filhos... – Pegou-lhe nas mãos e procurou-lhe o olhar para o contagiar com o seu otimismo. – Estou tão contente, Petia.

– Alegro-me por vós, mas não nego que vou ter muitas saudades vossas.

– Gostaria tanto que tu e a Nadia nos acompanhassem...

– Sabes que isso é impossível. Como está o Sasha? – perguntou o médico.

O rosto de Verónika ensombrou-se.

– Continua com febre e muito fraco. Toma um pouco mais de leite, porque o Yuri e o Kolia cederam-lhe as suas rações. Dizem que não precisam delas – acrescentou com ternura.

Petia tirou da sua maleta duas garrafas de leite, enfiando em seguida as mãos nos bolsos para tirar meia broa de pão, algum queijo e uma barra de sabão. Era como um prestidigitador, a resgatar das profundezas do seu sobretudo tudo o que se podia imaginar. Verónika recebeu tudo aquilo com gratidão. Enquanto verificava a mercadoria, Petia aproximou-se da criança, que continuava na cama.

– Onde está o Miguel? – perguntou, quando terminou de a examinar.

– Foi entregar os cupões de alimentos para levantar os bilhetes.

– Sabes o que isso significa? – perguntou ele, sem ocultar a sua preocupação. – Se, por algum motivo, não pudésseis apanhar aquele comboio, ficaríeis sem nada, não haveria volta atrás. – Abriu as mãos, alarmado. – Morreríeis de fome. Nem sequer poderíeis regressar a este quarto: antes de chegardes à escadaria, já outros o teriam ocupado.

Ela ergueu o queixo e falou, convicta da decisão tomada.

– Vamos apanhar aquele comboio, Petia. Não penso regressar a este antro em que se transformou o que outrora foi o meu lar.

Smelov engoliu em seco, via-se que estava desconfortável.

– O menino não está em condições de viajar, é muito perigoso.

– Se ficarmos aqui, morreremos todos. Naquele comboio, o meu filho terá uma oportunidade.

O médico assentiu e, como se tivesse afugentado todas as dúvidas, abriu um grande sorriso.

– Tens razão, Verónika. É a vossa oportunidade. Se me permites, eu mesmo vos levarei à estação.

Ela assentiu, agradecida. Combinaram a hora a que os deveria ir buscar e Petia Smelov partiu.

Quando chegou o momento, cada um deles pegou num embrulho em função da sua idade e da respetiva força. Miguel levava o filho Sasha amarrado ao tronco, num embrulho feito pela

sogra com tanta habilidade que parecia fazer parte do seu próprio corpo, o que lhe permitiu agarrar em duas pesadas trouxas e pendurá-las uma em cada ombro. Olga Ivánovna, por sua vez, fez o respetivo embrulho com apenas uma muda de roupa, um livro de poesia, alguma comida e um pequeno ícone de uma Virgem que trazia sempre consigo, presente da sua mãe quando era pequena e ao qual rezava com devoção. Apanharia outro comboio, que a levaria para junto do seu marido em Rostov do Don.

Antes de a família abandonar os seus aposentos, Verónika chamou Valka, o motorista; deu-lhe o samovar, o fogareiro, uma manta e um colchão, e agradeceu-lhe por tudo o que tinha feito por eles. O homem chorava como uma criança, incapaz de dizer uma única palavra. Partiu e fechou-se no seu quarto. Não houve mais despedidas. Os restantes ocupantes do edifício saíram todos para a escadaria a fim de assistir à partida dos Santacruz. Ninguém disse nada. Fitavam-nos apenas com o injustificado receio que sempre haviam demonstrado para com eles. Antes mesmo de saírem para o patamar, um dos casais mais conflituosos e provocadores, que vivia no que, nos bons velhos tempos, tinha sido o salão de jogos, enfiou-se com uma alegria incontrolável no quarto que os Santacruz acabavam de abandonar. Verónika deu meia-volta e quase desatou a chorar.

– Não olhes para trás, Verónika, por favor – pediu Miguel, tentando consolá-la. – Há muito que este deixou de ser o nosso lar.

– O nosso lar estará sempre onde nós estivermos – murmurou ela, virando costas à visão que tanto a magoava e cerrando os ouvidos aos risos jocosos.

– Vou entregar as chaves – disse-lhe o marido.

Subiu os degraus até ao segundo andar. Não teve de bater à porta do apartamento, pois estava escancarada. Entrou na casa e, no salão, encontrou Varlam, o comissário do edifício, sentado no que devia ter sido uma bela poltrona, agora desconjuntada devido à falta de cuidado no seu uso diário. Junto a ele estava o fiel esbirro. Varlam fumava um charuto e a cinza caída acumulava-se na madeira pontilhada por manchas negras, consequência de queimaduras passadas. Miguel aproximou-se a passos lentos,

tentando equilibrar todo o peso que o corpo carregava, incluindo o pequeno Sasha. Parecia um gigante, com o volume duplicado pelos embrulhos que transportava. Estendeu-lhe o jogo de chaves do quarto que havia sido o lar da sua família desde há mais de dois longos e penosos anos. O comissário fitou-o com desprezo.

– É bom que a revolução se desfaça de gentalha como tu e a tua família, que só soube viver do trabalho dos outros – resmungou Varlam com uma voz gutural, rouca do álcool e do tabaco. Cuspiu descaradamente na direção de Miguel. – Ide-vos de uma vez. Aqui não há lugar para vós.

Ele não respondeu. Nunca entrava nas constantes bravatas daquele pacóvio que se tinha autoproclamado chefe das vidas de todos quantos habitavam naquele edifício. Saiu para a rua. Verónika estava a acabar de guardar os embrulhos no carro de Petia.

– Já não há volta atrás – disse Miguel. – Aqui, já não nos resta senão a morte.

Verónika não pôde evitar sentir uma vertigem e um profundo pesar por ter de se separar da sua querida mãe e não se poder despedir do pai. No entanto, e apesar do medo do desconhecido que a assolava, sorriu a Miguel, e deram início à viagem.

IX

A estação Finlândia era um verdadeiro caos. Uma multidão de volumes e corpos estendidos no chão espalhava-se por toda a parte, impedindo a passagem em muitas zonas. Pouco a pouco, abriram caminho até conseguirem instalar-se num dos extremos da grande sala central, junto às plataformas. As horas passavam e o seu comboio não chegava. A incerteza ia aumentando. Verónika estava nervosa. Sasha tinha passado para os seus braços, e ela

conseguia sentir a debilidade febril do pequeno, apenas um boneco magro entre as mantas.

Tal como os tinham avisado, o transporte que devia partir ao início da tarde atrasou-se, sem que ninguém lhes prestasse contas. Após várias horas de longa espera, foi anunciado o comboio de Olga Ivánovna e, em seguida, ouviu-se o som estridente de um apito e uma voz tonitruante anunciou a chegada do comboio que os Santacruz deveriam apanhar. De imediato, como se tivessem acordado uma besta adormecida, uma enorme massa de pessoas com os respetivos embrulhos e malas levantou-se e começou a mexer-se. Uma espécie de histeria coletiva parecia apoderar-se da estação. Petia, que tinha ficado o tempo todo com eles, ofereceu-se para acompanhar a idosa à sua plataforma. Verónika pensou que ia morrer quando chegou o momento de se despedir da mãe; Petia e Miguel tiveram de se esforçar para as separar do abraço em que mãe e filha se tinham fundido. Kolia desatou a chorar ao ver a querida avó afastar-se, engolida por aquela multidão, sacudida como uma frágil marioneta e protegida apenas pelos fortes braços de Petia. Miguel teve de obrigar Verónika a ver a razão, havia demasiada gente ali e corriam o risco de perder os meninos.

Empurrados por um tumulto enlouquecido, em consequência da longa e esgotante espera e do receio de perder a oportunidade de sair daquela ratoeira, os Santacruz deram início ao avanço rumo ao posto de controlo. Puseram-se na fila para aceder aos vagões, jaulas de gado para onde iam subindo aqueles que passavam na inspeção. Quando chegou a vez dos Santacruz, todos sustiveram a respiração enquanto o guarda, vestido com um blusão de cabedal, um gorro negro e a estrela cosida, olhava com concentrada avidez para cada um dos salvo-condutos apresentados. Um a um, foi-os carimbando: primeiro o de Miguel, depois os de Yuri, Kolia e Katia; o de Sveta e o do pequeno Sasha também foram carimbados.

Miguel deu-se conta de que o comissário tinha deixado o visto de Verónika de lado. Com todos carimbados, o homem consultou uma lista que tinha à mão.

– A camarada Verónika Olégovna Filátova não tem autorização para apanhar o comboio.

Miguel e Verónika olharam-se por um instante, perturbados, espantados, invadidos por um terror momentâneo.

– Mas tens aí o salvo-conduto – argumentou Miguel. – Está em ordem e ainda em vigor. Verifica-o, camarada, imploro-te.

– Isto já não serve – replicou ele com desdém, olhando para o papel. – A camarada Olégovna está em liberdade condicional. Não pode sair enquanto não for julgada pelos crimes de que está acusada.

A situação era muito tensa. Os de trás empurravam-nos, impacientes. Yuri e Kolia mantinham-se colados à mãe, sem se afastarem um único centímetro, com medo de serem arrastados pela turba; Katia mantinha-se agarrada à velha Sveta, engolida pela multidão, que a sacudia como se estivesse mergulhada nas águas de um mar embravecido.

Miguel esticou o pescoço e espreitou por cima das dezenas de cabeças que o separavam do seu amigo médico. Era impossível vê-lo, e muito menos avisá-lo.

– Espera aqui – disse ele a Verónika. – Vou procurar o Petia.

O guarda ouviu-o e estendeu-lhe os papéis. A sua expressão era carrancuda; a barba cerrada ensombrava-lhe o rosto, dando-lhe um aspeto sinistro.

– Se não entrares agora para o comboio, perderás a vez de o fazer. Há muita gente e pouco espaço.

– Mas tenho de falar com alguém para que trate do visto da minha esposa.

– Já te disse que a camarada Olégovna fica.

– Não podes fazer isso.

Ante o alvoroço que se estava a armar devido à paralisação do trânsito, aproximou-se um dos comissários que andavam de um lado para o outro a controlar tudo.

– O que se passa aqui? Estão a obstruir a passagem.

– Camarada comissário – disse Miguel, na vã esperança de o convencer –, o salvo-conduto da minha mulher está em ordem, mas ele não a quer deixar passar.

– Está na lista – protestou o guarda, mostrando ao chefe o nome no papel. – Todos os demais estão em ordem.

O comissário – muito alto, com uma samarra preta com gola de pele, gorro negro, a braçadeira identificadora e armado com uma pistola – examinou a lista e verificou os vistos.

– Ela não pode sair do país, os restantes devem entrar no comboio.

Não lhes falava diretamente, ignorava-os. Dava as ordens ao guarda que carimbava os passes. As gentes de trás protestavam cada vez com mais fúria.

– Não posso partir sem ela.

– Saíam todos da fila – ordenou o homem.

– Não! – gritou Verónika, horrorizada, conseguindo ganhar mais alguns segundos. Desassossegada, dirigiu-se ao marido. – Irei eu procurar o Petia. Sobe para o comboio com os meninos. – Enquanto falava, obrigou-o a tomar Sasha nos braços.

– De modo algum, não te vou deixar sozinha.

– Miguel, por favor, escuta. Tens de apanhar esse comboio. – Empurrou-o para a plataforma juntamente com os meninos, tendo de fazer um esforço para arrancar Yuri da sua cintura.

– Não quero que vás! – gritou o menino, com os olhos cheios de medo.

– Volto já, Yura. Vou procurar o Petia. Ele vai resolver tudo. Vai com o papá, filho, por favor. Ouve o que te digo, vai com o papá.

Empurrou Yuri na direção do pai. Kolia mantinha-se a seu lado, aturdido.

Miguel recusava-se, protestava aos gritos, apesar de também os guardas o obrigarem a desimpedir o caminho, afastando-o cada vez mais dela.

– Por favor, sobe para o comboio com os meninos! – instou-o Verónika, sacudida pelos empurrões que recebia dos que a rodeavam. – Volto assim que encontrar o Petia, mas tens de subir, não podemos perder esta oportunidade, Miguel, por favor. Tira os meninos daqui... Por favor...

Por alguns segundos, fitaram-se como se o resto do mundo à sua volta tivesse parado. Os olhos dela imploravam. Até que lhe virou costas e se embrenhou na multidão, como que nadando contra a corrente. Ele ia reagir, mas já não o deixaram passar para

o posto de controlo. Tiveram de se dirigir à plataforma, procurando o número do seu vagão. Miguel tinha intenções de os instalar a todos e de sair em busca de Verónika, uma vez que o comboio ainda demoraria um bom bocado a partir. Era nisso que pensava quando ouviu o grito desesperado de Sveta.

– Kolia! Kolia! – gritava ela, olhando para um lado e para o outro, perscrutando com angústia os arredores, sem soltar Yuri e Katia, que também procuravam, ansiosos. – Onde estás? Kolia! O menino, não vejo o menino!

Miguel, desesperado, com Sasha nos braços, juntou-se à busca, mas era impossível ver o que quer que fosse no meio de tanta gente.

– Sveta, subamos para o comboio, já o vou procurar. Vamos, depressa.

Chegaram ao vagão e subiram. Sveta tomou Sasha nos braços e o menino desatou a chorar, desconsolado, alterado por todo aquele alvoroço e sentindo o medo.

Miguel agarrou Yuri pelos ombros e inclinou-se para ele.

– Vou procurar a tua mãe e o teu irmão, deixo-te o cuidado de todos. Está bem?

O rapaz assentiu com um gesto solene, disposto a assumir a responsabilidade que o seu pai acabava de lhe colocar aos ombros.

Miguel quis descer do comboio, mas não o deixaram. Forcejou com raiva, lutando com dois tipos que o obrigavam a permanecer na plataforma. Desferiu e recebeu socos, empurrões, insultos e gritos, até que sentiu um forte golpe na parte de trás da cabeça e perdeu os sentidos.

Quando abriu os olhos, deparou-se com o rosto do seu filho Yuri. Confuso, fitou-o por alguns instantes, e então sentiu o vaivém dos solavancos. Deu-se conta de que o comboio estava em movimento. Como se uma mola tivesse saltado na sua consciência, quis levantar-se, mas teve de desistir, pois a dor era tão forte que sentiu que a cabeça lhe explodia. Agarrou no braço de Yuri e, cravando o olhar no do filho, perguntou, suplicante:

– E a tua mãe?

Esperou pela resposta, vertendo a sua esperança naqueles grandes olhos claros marejados de lágrimas. Sacudiu Yuri pelo braço, instando-o a responder, com a voz já entrecortada.

– Onde está a mamã, Yuri? E o Kolia...? Onde está o teu irmão?

Yuri manteve-se calado, de lábios cerrados e maxilar tenso, sem deixar de o fitar, até que a sua cabeça se moveu ligeiramente em negação. O pai, derrotado, procurou consolo nos braços do filho, mas o rapaz afastou-se com brusquidão, fulminando-o com um olhar gélido, acusador. Miguel Santacruz, abrasado pelo tormento de não ter sido capaz de os proteger, sentiu como os olhos do filho lhe cravavam na alma o afiado punhal da culpa.

Na noite do segundo dia daquela viagem demolidora, o pequeno Sasha adormeceu e não voltou a acordar. Aproveitaram para enterrar o cadáver numa das muitas paragens efetuadas pelo transporte; tiveram de o fazer depressa, com receio de que o comboio se pusesse novamente em marcha, obrigados a abandonar o seu corpo no meio do nada, numa sepultura anónima sobre a qual nunca ninguém choraria, ninguém entoaria uma prece, num sepulcro que jamais seria adornado por flores frescas.

Com o comboio já em movimento, Yuri e Sveta tiveram de arrastar o pai destroçado até ao vagão, arrancado para sempre àquela sepultura improvisada, atormentado por ter de deixar o seu pequeno naquela terra erma.

Miguel Santacruz chorou desconsoladamente durante horas, até que os seus olhos ficaram secos, sem brilho, sem horizonte, quebrado para sempre.

Yuri culpou o pai por ter deixado ir a sua mãe, por não a ter protegido. Culpou-o pela perda do querido irmão Kolia e por não ter evitado a morte de Sasha. Como mecanismo de defesa ante tanta dor acumulada, Yuri transformou o pai no culpado de tudo.

A parte da família Santacruz que pôde deixar a Rússia conseguiu chegar a Berlim após uma tortuosa viagem. Chegaram subnutridos, exaustos e aviltados pela miséria sofrida nos quatro anos anteriores. Yuri, a irmã, o pai e a ama Sveta puderam finalmente descansar sobre fofos colchões livres de piolhos e percevejos, agasalhados por leves edredões de penas, e levar à boca algo quente, sólido, saboroso e contundente. Na memória de Yuri ficaria para sempre o apego à cidade de Berlim, às suas gentes hospitaleiras, cordiais, sorridentes, a voltar a sentir-se seguro, uma liberdade recuperada depois de tanto medo acumulado, medo de serem detidos, espancados, roubados, assassinados, medo de morrer de fome, de frio, medo de morrer de medo.

A família Santacruz permaneceu em Berlim durante vários meses, assistida sempre pelo filho de um bom amigo de Miguel Santacruz, Erich Villanueva, que trabalhava na chancelaria espanhola e que, à falta de uma embaixada russa na Alemanha, facilitou e acompanhou Miguel a vários encontros com altos cargos do Partido Comunista alemão, a fim de negociar uma forma de tirar a sua esposa e o seu filho da Rússia. Ante a ausência de respostas, Miguel decidiu ir pessoalmente procurá-los. Durante as semanas de ausência paterna, Yuri aguardou ansiosamente o seu regresso. Passava os dias à janela da pensão onde estavam hospedados, ou sentado no degrau da entrada, a olhar para a rua vazia. Sonhava com o instante em que apareceriam os três, em que poderia correr para eles, abraçá-los. Só pensava nisso, a cada minuto, a cada hora, dia após dia, imaginando todas as noites o feliz reencontro, pois isso lhe havia prometido o seu pai antes de partir: «Trá-los-ei comigo, não regressarei se não for com eles, prometo.» Foi isso que lhe disse, e Yuri acreditou, estava convencido de que desta vez o pai não lhe falharia, não podia fazê-lo, voltaria com eles para Berlim.

Na manhã em que o pai finalmente regressou, caía uma chuva ligeira. Yuri fazia treze anos e tinha saído para ir comprar uns cadernos com uns marcos que Villanueva lhe havia dado de presente. Estava prestes a entrar no vestíbulo quando viu que se

aproximava um táxi. Teve um pressentimento e esperou até o carro parar à sua frente. Ao fim de uns segundos, a porta abriu-se e apareceu o seu pai, muito mais magro, emaciado e envelhecido, como se, em vez de dois meses, tivesse estado ausente dez anos. De forma inconsciente, Yuri susteve a respiração, até que sentiu uma ligeira náusea e arquejou com força, como se saísse de um poço escuro em busca de ar para respirar. O táxi partiu e ficaram ambos sozinhos na rua, separados por apenas alguns metros. O pai susteve-lhe o olhar em silêncio. Yuri cerrou os punhos, à espera de que algo acontecesse. Aproximou-se lentamente, como se a visão do seu pai fosse um punhal afiado cuja ponta se lhe ia cravando pouco a pouco no coração a cada passo que dava. Quando chegou junto a ele, o pai pôs-lhe a mão no ombro e, com arrepiante solenidade, instou-o a que esquecesse a mãe. O que mais o surpreendeu foi a firmeza com que falou, uma firmeza que nada tinha a ver com o seu aspeto derrotado e abatido. Era uma contradição, mas repetiu-o.

– Viveremos sem eles, Yuri. Devemos esquecer-nos dela e do teu irmão, apagá-los da nossa mente e da nossa memória.

Yuri fitava-o, atónito, sem entender aquelas palavras que o esbofeteavam com fúria. Libertou-se do seu toque com aversão, como se o hálito do pai o repugnasse. Recuou vários passos, cambaleante, sem deixar de o fitar, como se diante dos seus olhos estivesse o diabo em pessoa; depois desatou a correr, fugindo de uma realidade que não queria aceitar, ferido pela traição, pelo fracasso reiterado. Correu durante tanto tempo que, quando parou no meio de um parque, estava exausto, encharcado em suor, à beira do colapso. Deixou-se cair na terra húmida e aí permaneceu durante horas, sem sentir a chuva que o ensopava ou o frio que lhe tolhia os músculos. Ao anoitecer, regressou a pé à pensão. Passou vários dias com febres muito altas, num estado de semiconsciência. Assim que recuperou um pouco, os Santacruz apanharam um comboio que os levou a Madrid. Yuri não abriu a boca em todo o caminho. Sentia-se transtornado, fora da realidade que o rodeava, com a angustiante sensação de que, a cada solavanco do comboio,

se afastava um pouco mais da mãe e do irmão, abandonados à sua sorte.

No seu interior crescia o ódio pelo pai, que lhe tinha falhado de novo ao renunciar a procurá-los, incapaz de persistir, de batalhar, de lutar para alcançar o único objetivo possível que lhe passava pela mente: recuperar a amada mãe e o querido Kolia, salvá-los, levá-los para junto de si.

Com o decorrer dos anos, essa ideia não fez mais do que crescer na abatida sensibilidade de Yuri. O apartamento na Rua da Princesa onde se instalaram sempre lhe pareceu lúgubre, frio, pouco acolhedor, desprovido do calor do lar materno. Era um longo corredor de tetos altos, com soalhos de madeira que rangiam ao serem pisados, como um lamento arrepiante no vazio que imperava. Todas as janelas, exceto as do salão e as do escritório que o seu pai ocupava, davam para um pátio interior de cujo fundo, ao qual nunca chegava o sol, se erguiam húmidos miasmas. Nunca sentiu como sua a casa de Madrid, nunca sentiu que aquela fosse a sua cidade, nunca deixou de se sentir ali como um estranho. Na escola, era um aluno exemplar, passava de ano com notas excelentes, mas não soube ou não quis integrar-se com os outros colegas, que lhe puseram a alcunha de «russo», ou os mais ousados a de «bolchevique». Aceitava sem protestar que o tratassem por «russo», mas perdia a compostura se alguém lhe chamava «bolchevique», e chegou mesmo a envolver-se em brigas pontuais para defender a sua honra ferida. Tornou-se solitário e desconfiado. Passou grande parte da adolescência fechado na magnífica e abundante biblioteca que havia pertencido ao seu falecido avô paterno, o único local naquela casa onde se sentia confortável e que se transformou num refúgio onde ninguém o incomodava. A biblioteca tinha uma boa coleção de livros em alemão, e Yuri lia-os não só para aperfeiçoar o idioma, mas também porque, ao fazê-lo, recordava a calorosa voz da mãe quando lhes lia, a ele e a Kolia, nessa língua.

Durante todos esses anos de estadia em Madrid, a convivência foi muito difícil. À rebeldia de Yuri juntava-se a incapacidade do seu pai de empatizar minimamente com a desolação do filho,

enclausurado numa recalcitrante mudez. Mas o que Miguel Santacruz cumpriu realmente foi a promessa de esquecer o que tinha ficado na Rússia. Deixou de falar na esposa e no filho perdidos, silenciados os seus nomes e a sua memória, como se tivessem deixado de existir, e proibiu o resto da família de os voltar a mencionar na sua presença. Yuri tinha sido testemunha de como desapareciam todas as lembranças que o uniam à Rússia e aos que lá haviam ficado; até as fotografias arderam numa espécie de conciliábulo premeditado. Só uma fotografia conseguira escapar àquela destruição do passado; na imagem, a mãe segurava Kolia no regaço no dia em que ele fez três anos; sorriam ambos, felizes, sem saber o que o destino lhes reservava. Sveta tinha guardado a foto entre os seus pertences e, ao invés de a lançar ao fogo, entregou-a a Yuri às escondidas, arriscando-se a ir para o olho da rua por não cumprir a regra imposta por Miguel Santacruz de se desfazer, sem exceção, de tudo o que tinha vindo da Rússia. Aquele retrato impresso de cor sépia, escurecido pela passagem do tempo, havia sido para Yuri o laço a que se agarrara durante todos aqueles anos para evitar que o esquecimento diluísse a memória da mãe. Em cada noite, antes de dormir, tirava a fotografia do seu esconderijo como se de um ícone sagrado se tratasse e, durante alguns segundos, observava fixamente o rosto materno: os grandes olhos cinzentos, rasgados, que ele tinha herdado, os lábios carnudos a esboçar um sorriso, as maçãs do rosto salientes e o cabelo longo e louro num ligeiro apanhado cujas ondas emolduravam perfeitamente as suas feições, gravando-lhe na memória aquela efígie indelével ao avanço inexorável do calendário, bem como o rosto infantil e sorridente do saudoso irmão.

Ao contrário do pai, Yuri nunca desistiu de procurar a mãe e o irmão. Tirá-los da União Soviética, levá-los para Espanha, tornou-se para ele uma obsessão silenciosa. Quando teve idade para agir por conta própria, soube pelo pai que todos os Santacruz haviam sido proibidos de entrar na Rússia. Com o fim da ditadura de Primo de Rivera e a proclamação da República, ouvia-se dizer que o governo republicano, uma vez reconhecida a União Soviética, iria

reestabelecer relações diplomáticas com Estaline; mas o tempo passava e não havia maneira de se tornarem efetivas.

Erich Villanueva, convertido em secretário de comunicação da embaixada de Espanha em Berlim, precisava de alguém de total confiança para o ajudar nas suas tarefas. Miguel Santacruz referiu isso ao filho, que não hesitou nem um instante ante a possibilidade de regressar à sua cidade fetiche, onde havia, além do mais, uma embaixada russa. Assim, aceitou a oferta de Villanueva e mudou-se para Berlim no dia 1 de janeiro de 1933, com o objetivo de encontrar algum contacto que lhe facultasse uma forma de entrar na Rússia e de procurar a mãe e o irmão. Tinha vinte e quatro anos.

Yuri Santacruz instalara-se num edifício situado na Mohrenstrasse, muito perto do cruzamento com a Friedrichstrasse, propriedade de uma viúva conhecida de Villanueva. Tratava-se de um estúdio numas águas-furtadas com tetos inclinados e janelas em forma de mansarda, por onde entrava a plúmbea claridade berlinense.

No piso de baixo vivia a sua senhoria, *frau* Theresa Metzger, uma viúva de origem prussiana que tinha perdido o marido durante a Grande Guerra. Nunca lhe devolveram o cadáver, desaparecido em combate em terras belgas, pelo que nunca teve o consolo de uma sepultura onde chorar a sua morte. Tinha uma filha chamada Krista, licenciada em medicina e que Yuri ainda não conhecera porque vivia em Munique, onde havia conseguido emprego como assistente numa prestigiada clínica maternal com vista a terminar o doutoramento na especialidade de ginecologia e obstetrícia.

A senhora Metzger vivia da pensão de viuvez, e também da renda que recebia de Yuri e da de um espaço na Kurfürstendamm, a rua principal do Westend de Berlim. Arrendava-o a um alfaiate de origem judaica, o pulcro senhor Ross, regente de uma elegante loja de roupa para homem que gozava de grande prestígio entre os mais ilustres da sociedade berlinense. Esses rendimentos permitiam-lhe viver com alguma folga, evitando a grave crise que

afetava grande parte da população em consequência das dívidas que tinham recaído sobre a Alemanha com a assinatura do Tratado de Versalhes em junho de 1919, no fim da guerra.

A senhora Metzger ofereceu-se para cozinhar para Yuri, com a única condição de servir as refeições na sala de jantar de sua casa. Confessou-lhe que achava desanimador pôr a mesa só para ela. Yuri aceitou de bom grado, pois também não o entusiasmava cozinhar, e não ganhava o suficiente para comer fora todos os dias. Desde o início que se sentiu muito confortável com aquela mulher. De carácter doce e sossegado, era culta, boa conversadora, amante da música e uma grande leitora; tinha uma biblioteca excelente, que pôs à disposição de Yuri para que levasse os livros que julgasse oportunos, com o pedido de que cuidasse bem deles e, uma vez lidos, os devolvesse ao seu lugar. Apesar de ainda não ter cinquenta anos, o seu aspeto era o de uma velha prematura, algo desamparada, magra, sempre impecavelmente vestida e penteada. Yuri via nela algo de evocativo, a sua voz melodiosa, os modos requintados, a forma de mover as mãos, gestos que lhe revolviam irremediavelmente a memória e traziam à tona recordações da mãe, de quem tantas saudades tinha e que ainda o magoavam.

No decurso das primeiras conversas, durante os pequenos-almoços, almoços e jantares, a senhora Metzger tinha-o posto a par da identidade dos restantes vizinhos. Os do primeiro esquerdo eram o senhor e a senhora Rothman, um casal encantador de origem polaca que geria uma padaria e confeitaria de sucesso na buliçosa avenida de Leipzigerstrasse. Cruzar-se com Lilli Rothman implicava inebriar-se com o doce aroma a pão acabado de fazer. Era uma mulher risonha com um dom especial para a pastelaria. Tinham dois filhos: Bruno, de dezasseis anos, ajudava na loja aos fins de semana e, antes de ir para a escola, distribuía os pedidos de alguns dos clientes mais antigos, entre os quais se contava a senhora Metzger; a outra filha, Ernestine, acabava de fazer dezoito anos e há dois que trabalhava com os pais, aprendendo os segredos das deliciosas receitas da mãe.

Em frente aos Rothman viviam o senhor e a senhora Siegel. *Herr* Siegel era professor catedrático de filosofia e há três décadas que dava aulas na Universidade Friedrich Wilhelm; faltava-lhe apenas um ano para se reformar.

No segundo andar do edifício da Mohrenstrasse vivia a senhora Blumenfeld, filha de um grande industrial que tinha dirigido uma das aceirarias mais importantes do país até à guerra. O industrial, antes de morrer – e dada a recalcitrante condição de solteira da sua herdeira e a impossibilidade de a pôr à frente da empresa –, decidira vender tudo e adquirir vários imóveis, de cujas rendas Angela Blumenfeld tinha conseguido viver sem grandes apertos. Rondava os sessenta anos, embora escondesse a sua verdadeira idade, e ficara solteira por nunca ter confiado nas boas intenções de nenhum homem. Tinha-se transformado numa alma solitária, de carácter aprazível, que bordava junto à janela e mostrava sempre um sorriso cordial aos vizinhos.

Na porta em frente à de Angela Blumenfeld, tudo estava preparado para receber uma jovem parelha de recém-casados que ainda não se tinha instalado.

No terceiro andar, além da senhora Metzger, residiam os Bauer, um casal de idosos que estavam há mais de meio século juntos e que, de vez em quando, eram invadidos por uma bandada de netos, alegres e ruidosos, que chegavam lá a casa e agitavam agradavelmente a sua tranquilidade.

Do patamar do terceiro andar partia um estreito lanço de escadas que conduzia às águas-furtadas habitadas por Yuri Santacruz. As mesmas onde se fechou a sete chaves, tremendo de frio e de pânico, após os acontecimentos da noite das tochas, no dia 30 de janeiro.

Berlim, 1933

A única coisa necessária para que o mal triunfe é que os homens bons nada façam.

Citação atribuída a EDMUND BURKE

Tinham passado três dias desde o incidente com o grupo das SA, e Yuri continuava a sentir o corpo dorido como se uma manada de potros desenfreados lhe tivesse passado por cima. O inchaço do lábio havia diminuído, graças a uma pomada que a sua senhoria lhe dera. Tinha-lhe mentido sobre a causa do ferimento, tal como a Villanueva. Não estava disposto a contar o que vira. Os jornais haviam publicado a notícia da morte do SA, que era, na verdade, Peter von Duisburg, filho de um membro das esquadras de proteção, as chamadas SS, uma espécie de polícia privada de Hitler. Mal se falava sobre a causa da morte, embora deixassem claro que se tratava de um vil assassinato e que o culpado seria certamente encontrado. Ninguém o podia relacionar com aquela cena, pelo que se esforçou por manter a calma e deixar o tempo passar.

Acabou de se arranjar e desceu para tomar o pequeno-almoço.

Brenda, a criada da viúva, abriu-lhe a porta. Entrou na sala de jantar, onde já se encontrava a senhora Metzger, vestida e penteada de forma impecável, como sempre.

– Bons dias, *frau* Metzger.

– Bons dias, Yuri. – A viúva observou-o de soslaio. – O Bruno trouxe o bolo de que gostas. A mãe dele amassou-o especialmente para ti – acrescentou, sorrindo.

Satisfeito, Yuri sentou-se no seu lugar. Gostava de madrugar e de tomar o pequeno-almoço com calma, a ler o jornal; era algo a que não estava habituado na sua casa de Madrid, sempre sozinho, na cozinha, de pé e com pressa. Quase não se cruzava com o pai, apesar de viverem sob o mesmo teto. No entanto, a senhora Metzger oferecia-lhe algo semelhante à calidez de um lar, à tão

saudosa sensação que recordava de quando era pequeno, a calma da sobremesa, o ritual do almoço, a cerimónia do quotidiano, que tanta segurança lhe haviam dado num passado remoto e que, graças à senhora Metzger, voltavam a impor-se no seu dia a dia.

Brenda encheu-lhe a chávena de café fumegante e ele saboreou-o com prazer. Dizia a viúva que era o melhor café de Berlim, e estava certa; Yuri nunca tinha tomado um café tão intenso e aromático como o que se servia naquela casa. Também lá estavam os jornais que todas as manhãs Brenda ia buscar ao quiosque. A viúva gostava de ler vários jornais de tendências diferentes, a fim de tirar as suas próprias conclusões do publicado: habitualmente, lia o *Morgenpost* e o *Berliner Tageblatt*, e, quando podia, arranjava um exemplar do *Frankfurter Zeitung*. Resistira durante muito tempo a comprar o *Der Stürmer*, bem como o *Völkischer Beobachter*, o diário oficial do nacional-socialismo, mas nas últimas semanas Brenda tinha começado a comprar ambos sem a consultar, uma vez que, segundo o seu critério, eram os únicos que diziam a verdade sobre o que se passava no país. A viúva aceitara-o, porque, ao fim e ao cabo, não tinha outro remédio a não ser lê-los para comparar e, sobretudo, se informar bem do que se abatia sobre a Alemanha, pois, na sua opinião, era evidente que, se as eleições de março não o impedissem, o partido nazi e o seu descerebrado líder, Adolf Hitler, governariam o país nos próximos anos. Era o que ficava bem claro ao abrir os jornais todas as manhãs.

Num aparador, a rádio murmurava vozes como uma ave mecânica. Yuri tinha a atenção fixa nas manchetes do jornal quando a voz da viúva o obrigou a erguer o olhar.

– Santo Deus, não é possível! – exclamou ela, com o rosto alterado.

– O que se passa, *frau* Metzger? Más notícias?

Nesse momento, entrou Brenda com um jarro de leite quente.

– Prenderam o Axel Laufer, o filho do farmacêutico da Kronenstrasse. Acusam-no de assassinar aquele rapaz que morreu há uns dias aqui ao lado, nesta mesma rua.

Yuri escutava-a, alerta.

– Dá-me licença? – pediu, estendendo a mão para o jornal.

Ela entregou-lho e o seu olhar perdeu-se nos pensamentos que lhe rodopiavam na cabeça, incapaz de assimilar o que tinha lido.

– Não posso crer... O Axel seria incapaz... – murmurava para consigo, enquanto Yuri estava concentrado no jornal. – É o ser mais calmo e pacífico que conheço.

– Conhece-o? – perguntou Yuri, prevenido.

– Desde pequeno. Andava na mesma escola que a minha filha; passou tardes inteiras neste salão quando os pais tinham demasiado trabalho para tomar conta dele. – Fechou os olhos, como se só o pensamento já a fizesse sofrer. – Pobre Dora, deve estar destrozada.

Brenda, que ficara a rondar para ouvir o que diziam, interrompeu o monólogo sussurrado da viúva.

– A esse, tudo o que lhe acontecer é bem empregado – afirmou com desenvoltura.

– Brenda! – exclamou a senhora Metzger, fitando-a de olhos desorbitados, sem acreditar no que acabava de ouvir. – Porque falas assim?

– Porque é um porco comunista.

– E que problema tens tu com os comunistas, se sempre os defendeste como salvadores dos operários? – Apontou-lhe um dedo acusador. – Se até votaste neles nas eleições de novembro, tu mesma mo disseste, até me incentivaste a votar neles.

Brenda, com uma expressão de fadiga, projetou o queixo para a frente, cerrou os lábios e negou com um estalar de língua.

– Impossível, jamais me passaria pela cabeça votar nessa gentilha. Ter-me-á interpretado mal. Sempre acreditei que os bolcheviques são o diabo com cornos e que o que querem é implantar na Alemanha a revolução dirigida por esse tal Estaline. – Falava com tanta convicção que era difícil refutá-la. – E o Axel Laufer é um dos piores.

– Não digas disparates – acrescentou a viúva, com certa fleuma. – O Axel nunca mostrou interesse pela política, e tu sabes disso.

– Que iludida que a senhora sempre foi. O Axel é dos mais ativos, digo-lhe eu, que o soube de fonte segura.

Brenda era muito eficiente no seu trabalho e deixava tudo ao gosto da senhora Metzger, mas era uma bisbilhoteira e gostava de mexericos; metia-se em tudo, queria saber de tudo, e o pior era que o fazia, de uma maneira ou de outra, arranjava sempre forma de se informar de qualquer falatório, e uma vez conseguido, como se de um troféu se tratasse, dedicava-se a contá-lo aqui e além sem escrúpulos, sem confirmar a informação, sem lhe importar a veracidade ou não da descoberta ou os danos que a difamação poderia infligir aos interessados, censurando condutas de gente que nem sequer conhecia. O mal alheio provocava-lhe um prazer perverso que tinha de propagar a quem lhe prestasse atenção. A senhora Metzger conhecia bem esse defeito de Brenda, optava por fazer ouvidos moucos e, habituada à sua verborreia, deixava-a falar, a não ser que a situação fosse longe de mais; então, repreendia-a com firmeza. E era esse o caso, entre outras coisas, porque Dora Laufer era uma boa amiga sua e ela tinha um carinho especial pelo seu filho Axel.

– E quem te disse isso? – perguntou a senhora Metzger, vincando o tom irónico e arqueando as sobrancelhas de forma sarcástica. – A tua vizinha Gitti?

A empregada ajeitou o engomado e branquíssimo avental, muito ufana, cruzou os braços sob o peito rotundo e falou com grosseira arrogância.

– Não, senhora. Disse-me o meu marido. – Via-se que estava orgulhosa. – Alistou-se nas tropas de assalto ao serviço do *Führer* e aí informam-nos de quem são os inimigos da Alemanha.

Incapaz de sacudir o espanto, a viúva soltou uma gargalhada sarcástica.

– O Lukas inscreveu-se nas SA? Mas o teu marido tem horror a fardas!

Brenda encolheu os ombros com uma expressão fanfarrona.

– Pois nem imagina o bem que lhe fica, está um mimo – afirmou com altivez. – Ofereci-lhe *A Minha Luta*, o livro do nosso querido *Führer*, no Natal, e numa semana leu-o inteirinho e foi logo alistar-se nas SA e inscrever o nosso rapaz nas Juventudes Hitlerianas. E o que quer que lhe diga? Pagam-lhe um salário, vestiram-no de

cima a baixo e está com os que vão salvar a Alemanha dos inimigos que pretendem afundá-la. E claro, tem informações em primeira mão, assim não nos apanham desprevenidos.

– E achas que os Laufer são inimigos da Alemanha? – continuou a viúva, com ironia.

– São escória. E a senhora devia deixar de se relacionar com eles, senhora Metzger, não gostaria de a ver maculada.

– Proíbo-te que me fales assim – saltou a viúva, ofendida. Brenda tinha ultrapassado os limites do permitido. – Vai tratar das tuas tarefas e deixa de dizer disparates.

– Vai ver. Já lhe disse que tipo de escumalha é essa gente, depois não diga que eu não a avisei. – Encolheu os ombros, ofendida. – Os inimigos do nosso país estão infiltrados na sociedade, e é preciso desmascará-los e denunciá-los de imediato.

Dito isto, pegou num copo de sumo vazio e foi para a cozinha, desairada.

A viúva e Yuri entreolharam-se, ainda espantados. Ela respirou fundo, como se os seus pulmões se tivessem esvaziado de repente.

– Não lhe dês ouvidos – alegou, como se quisesse desculpar-se perante Yuri pelo comportamento inadequado da empregada. – No fundo, é uma boa mulher.

Brenda tinha quarenta e cinco anos e trabalhava em casa da senhora Metzger desde antes da guerra. Era casada com Lukas Kube, um homem de carácter débil e fracassado que costumava afogar a sua frustração em cerveja, uísque ou conhaque, consoante o orçamento de que dispusesse; essa circunstância tinha-o feito perder vários empregos, e como era incapaz de enfrentar a verdade ante o forte carácter da esposa, costumava acabar aos tropeções nas tabernas mais miseráveis de Berlim até que ela o fosse resgatar. Brenda era o motor da casa. Graças à sua perseverança, havia sempre algo que levar à boca e um teto sob o qual dormir. O casal tinha dois filhos: Ilse, de dezoito anos, que tinha o mesmo carácter pusilânime do pai, e Rudi, de dezasseis, um rapaz mimado, mal-educado e brigão que discutia com o pai e a quem a mãe tinha cada vez mais dificuldades em controlar. Dois

anos antes, fora expulso da escola por armar uma rixa com outro rapaz, e Brenda pediu a Lilli Rothman, a pasteleira do primeiro andar, que intercedesse para que aceitassem Rudi na escola do seu filho Bruno. Lilli não teve problemas em fazê-lo, e a partir de então Rudi Kube tornou-se colega de turma de Bruno Rothman.

Yuri voltou a concentrar-se no jornal. Leu a notícia inteira. Uma testemunha dos acontecimentos, da qual não era indicado nenhum dado, tinha acusado Axel Laufer de ser o assassino do SA. Além do nome do detido, era revelada a sua morada, e o rosto do rapaz aparecia numa fotografia da polícia a preto e branco. Yuri ficou preso à imagem daquele rapaz. Não teve nenhuma dúvida de que era o mesmo a quem tinham espancado. Na verdade, apesar de a imagem não ser muito nítida, via-se a pálpebra direita inflamada e um corte na bochecha.

Pousou o jornal na mesa com um gesto abstraído enquanto se interrogava sobre que razão teria levado a rapariga que interrompera as agressões a fazer agora uma falsa acusação.

– Não foi ele – sentenciou, calando os lamentos da viúva.

– Como sabes? – perguntou ela, com o rosto inundado de confusão.

– Porque eu vi. Não foi ele – reafirmou Yuri. – Este rapaz estava a ser agredido por uns bárbaros das tropas de assalto, incluindo o morto, um dos mais brutais, na verdade, e que além do mais estava bêbedo. Quando outro decidiu que já chegava e estavam prestes a partir, o morto recusou; enfrentaram-se numa luta, o morto sacou de uma navalha e o outro arrancou-lha e cravou-lha no pescoço. Eu estava lá e vi tudo, tal como o filho do farmacêutico, tal como todos os demais, incluindo uma rapariga que também assistiu a tudo, que imagino que terá sido quem o identificou como o assassino. Mas é mentira. A única coisa que este rapaz fez foi apanhar porrada e fugir.

– Mas tu... – balbuciou a viúva, temendo a resposta. – O que estavas lá a fazer?

– Tentei ajudá-lo.

– Agora entendo as feridas no lábio e a dor nas costas. – Theresa Metzger fitou-o com ternura. Depois, franziu o sobrolho,

admirada. – Porque não foste à polícia?

Yuri fez um esgar e abanou a cabeça, pesaroso.

– Não sei... Fugi a correr. – De forma inconsciente, abriu as mãos, perturbado ante a evidência da sua cobardia. – Admito que tive medo. Recreei meter-me em sarilhos. Assim que cheguei, o Villanueva alertou-me para que evitasse qualquer alteração das muitas que têm acontecido nas ruas. Para que me afastasse de qualquer briga. Lamento. Fui um cobarde.

– Não te culpes – replicou a viúva, benevolente. – Infelizmente, há já algum tempo que essa mesma sensação de temor se instalou neste país. Mas porquê culpá-lo a ele?

– Aquela rapariga conhecia o que desferiu a punhalada... – disse Yuri, sondando as suas memórias recolhidas e arquivadas. Falou como se os pensamentos se lhe fugissem dos lábios. – Tenho a certeza de que o tratou pelo nome. Procura certamente protegê-lo.

– É uma boa razão. Temos de ir ver os Laufer e de lhes contar o que viste. Precisamos de tirar o rapaz desta embrulhada, e só tu podes fazê-lo.

Princípio da orquestração

A propaganda deve limitar-se a um número reduzido de ideias e repeti-las incansavelmente, apresentadas uma e outra vez de diferentes perspetivas, mas convergindo sempre no mesmo conceito. Sem fissuras nem dúvidas. Uma mentira suficientemente repetida acaba por se converter em verdade.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Há mais de trinta anos que Julius Laufer geria uma célebre farmácia na Kronenstrasse. Era natural de Heidelberg, em cuja universidade se tinha formado como farmacêutico. Mudou-se para

Berlim e começou a trabalhar como ajudante de um velho boticário, que, uma vez reformado, lhe deixou o gabinete de farmácia e também muitos dos seus conhecimentos. Passado pouco tempo, Julius conheceu Dora, e casaram. Apesar dos seus desejos, demoraram vários anos a ser pais; quando já quase tinham aceitado que jamais viriam a ter um filho, nasceu Axel, um acontecimento que os encheu de alegria e gratidão para com a vida. Eram bons por natureza e uns vizinhos atenciosos. Toda a gente os estimava.

Julius Laufer elaborava os seus próprios medicamentos, além de preparar fórmulas magistrais receitadas pelos médicos para cada paciente. Era hábil na mistura dos químicos, o que lhe tinha granjeado certa fama. Utilizava uma velha caderneta de lona preta em que apontava o que os clientes com dificuldades lhe ficavam a dever para fazer frente às despesas com os seus medicamentos e o que iam pagando quando e como podiam. Algumas dessas dívidas caíam no esquecimento, mas Julius Laufer não costumava reclamar, era incapaz de o fazer. Sempre fora um homem muito cumpridor em qualquer pagamento que tivesse de realizar e tinha a obstinada convicção de que o resto do mundo funcionava como ele. Nem a idade nem as grandes desilusões o haviam feito mudar, e continuava a ser extremamente crédulo.

Axel tinha sido criado na farmácia; ainda assim, percebeu desde muito novo que não lhe interessavam as fórmulas magistrais nem os frascos de plantas medicinais. A ele, interessavam-lhe as humanidades em geral. O pai tinha sofrido um grande desgosto quando ele lhe manifestou a sua intenção de estudar filosofia, pois Julius sonhara que o seu querido filho lhe seguiria os passos e que poderia deixar nas mãos dele todos os seus segredos medicinais. Ainda assim, não teve outro remédio a não ser aceitar a decisão do filho. Quase a licenciar-se, com um percurso académico extraordinário que lhe tinha valido as felicitações de todo o claustro, Axel planeava doutorar-se e procurar obter uma cátedra para exercer a docência na universidade, o que enchia o pai de orgulho.

Dora Laufer, por sua vez, era muito boa costureira, fazia arranjos para uma loja de luxo e recebia encomendas de clientes

particulares, entre as quais se contava a senhora Metzger, a quem a unia uma amizade especial de muitos anos. Dora tinha sido o muro das lamentações em que Theresa Metzger se refugiou durante o duríssimo período de luto que se seguiu ao desaparecimento do seu marido na guerra, e Theresa foi, por sua vez, fundamental para Dora no cuidado de Axel, nos momentos em que, quando o filho era pequeno, não podia ficar a tomar conta dele devido ao excesso de trabalho ou porque tinha de ajudar o marido na farmácia.

Os Laufer viviam no piso de cima da sua farmácia. Levavam uma vida desafogada, mas sem ostentações, pois, apesar da grave crise dos últimos anos, as coisas tinham-lhes corrido francamente bem. As pessoas precisavam sempre de medicamentos que curassem ou melhorassem a sua saúde, e com a falta de trabalho de muitos, não era possível comprar vestidos novos, pelo que aproveitavam para arranjar a roupa, transformá-la e adaptá-la, o que implicava trabalho extra para Dora.

Ao chegarem ao fundo da rua, Yuri e a senhora Metzger abrandaram o passo, surpreendidos com o grupo de gente que se amontoava à frente da farmácia.

A pequena montra do espaço estava partida, tal como a porta de vidro, quebrando o nome de Laufer traçado a letras douradas sobre o material. Mas o mais flagrante era uma grande pintura com palavras escritas em toscas pinceladas vermelhas que cobriam as paredes, onde se lia: PORCOS BOLCHEVIQUES. ASSASSINOS. FORA DA ALEMANHA.

Yuri e a viúva ficaram atónitos ao contemplar aquele espetáculo perturbador. Os vizinhos murmuravam entre si, farejando curiosamente a desgraça alheia. Três camisas pardas com ar de rufiões admiravam zombeteiramente a cena.

– O que aconteceu? – perguntou Theresa Metzger em voz alta.
– Quem fez isto? – Ninguém respondia, fitavam-na com um ar esquivo, como se a sua preocupação os incomodasse. – Onde está *herr* Laufer?

– Queremos que se vão embora – atirou de repente uma mulher, furiosa e encorajada pela multidão que a rodeava, e

corroborando as suas palavras com um gesto. – Não queremos aqui comunistas, e muito menos assassinos.

– Está enganada – protestou a viúva, ofendida. – Aqui não há bolcheviques nem assassinos. Foi tudo um erro, e parece mentira que falem assim...

– Que se vão embora! – interrompeu outro homem, aos gritos. – Queremo-los fora daqui!

– Eles não fizeram nenhum mal! – disse ela, erguendo a voz, cada vez mais indignada. – Todo o bairro sabe como são os Laufer. São boa gente, não merecem este tratamento.

Começaram a ouvir-se apupos cada vez mais tensos, gritos, increpações zangadas. Yuri agarrou no braço da viúva e puxou-a para a afastar daquela turba encolerizada, mas a mulher resistia, censurando os ataques em defesa da honra e da respeitabilidade dos Laufer.

– *Frau* Metzger, não lhes dê ouvidos, por favor – suplicava Yuri. – Tudo se esclarecerá. Esta gente está furiosa. Não lhes responda. Não vale a pena enfrentá-los.

– É injusto! – gritou ela, irritada.

– Vamos ver os Laufer – insistiu o rapaz. – Falaremos com eles e depois iremos à polícia. Oiça o que lhe digo.

A senhora Metzger cedeu e entrou no vestíbulo, seguida por Yuri. A toda a pressa, subiram o lanço de escadas até chegarem ao patamar. A viúva bateu insistentemente à porta, alterada e muito preocupada.

– Dora, Dora, abre-me a porta, por favor, é a Theresa. – Tocava à campainha e batia à porta, erguendo a voz, cada vez mais inquieta. – Dora! *Herr* Laufer!

O som da fechadura fê-la emudecer. Deu um passo atrás e esperou enquanto a porta se entreabria muito lentamente. O rosto de uma mulher espreitou pela fenda aberta.

– Theresa... – sussurrou ela. Em seguida, dirigiu o seu olhar para Yuri, que estava atrás da viúva.

Esta deu-se conta da sua desconfiança.

– Não te preocupes, está comigo. Temos algo importante para te contar.

A senhora Laufer abriu a porta o suficiente para os deixar passar e fechou-a imediatamente. Theresa abraçou Dora e esta desatou a chorar, desconsolada. Ficaram assim um bom bocado, enquanto Yuri mantinha um silêncio respeitoso.

A mulher falava entre soluços, a voz velada por uma infinita tristeza.

– Na outra tarde, apareceu moído de pancada... Quase o mataram... E agora isto... Ontem à noite, quando já estávamos na cama, ouvimos barulho. Ao irmos espreitar, vimos como tentavam aceder à farmácia. Subiram, arrancaram-no da cama e levaram-no de rastos, sem mais explicações... E agora dizem que matou um homem... O meu filho... – As palavras entrecortavam-se nos seus lábios trémulos. – O meu Axel é incapaz de fazer mal a uma mosca... Filho da minha vida, meu filho. Ai, Theresa, o que vai ser dele? O que vai ser de nós...?

– Tenta acalmar-te, Dora, viemos para ajudar.

– *Frau Laufer* – interveio Yuri, num tom suave, mas firme. – O seu filho não matou ninguém, posso assegurar.

Ela fitou-o e a viúva antecipou-se a qualquer resposta, esclarecendo:

– Dora, este é o inquilino de que te falei, Yuri Santacruz, o espanholito. – Agarrou-lhe no queixo ao mesmo tempo que procurava transmitir-lhe serenidade com um sorriso. – Ele assistiu a tudo, estava lá. Tentou ajudar o Axel.

– Foi o senhor... – sussurrou ela, como se tivesse visto uma aparição. – O meu filho contou-me que um homem tinha saído em sua defesa e também tinha apanhado por isso.

Yuri deu-se conta de que Axel não havia contado à mãe que ele vivia no edifício da senhora Metzger, e tendo em conta a relação entre as famílias, entendeu-o como vontade de o proteger, de não o identificar perante ninguém para não o envolver no assunto.

Dora Laufer levou a mão ao coração, forçando um sorriso que ficou embargado pela emoção.

– Ficar-lhe-ei eternamente grata por aquilo que fez.

– Senhora Laufer, vou apresentar-me na esquadra para contar o que se passou – prometeu ele, comovido. – O seu filho foi uma

vítima, não matou ninguém.

– Não foi a polícia que o veio prender – esclareceu Dora. – Foram aquelas bestas das tropas de assalto... Ele não fez nada... O meu filho não fez nada – repetia, num murmúrio, como se quisesse converter aquela frase num mantra salvífico.

Nesse momento, apareceu Julius Laufer em pijama, envolto num roupão de lã escura. Tinha uma contusão na bochecha e uma incerteza terrível gravada no rosto.

Dora aproximou-se do marido.

– Julius, este é o rapaz que ajudou o Axel quando o atacaram. Assistiu a tudo e garante que não foi ele.

– Não preciso que ninguém me confirme que o meu filho não é um assassino. – A voz soou firme, as palavras pareciam rasgar-se na sua garganta.

– *Herr* Laufer, irei à polícia dar o meu testemunho. Não terão outro remédio a não ser libertar o seu filho. Foi a primeira vítima da luta.

O homem ficou a fitá-lo durante algum tempo. Nos seus olhos, uma mistura de gratidão e desespero.

– Não servirá de nada... – afirmou por fim, entregando-se à crua realidade. – Andavam atrás dele. O Axel avisou-me de que devíamos estar preparados. – O seu rosto revelava uma profunda impotência. – Quando andava na escola, recusou-se a entrar para as Juventudes Hitlerianas, e ao chegar à universidade instaram-no a filiar-se no partido nazi; a sua recusa assinala-o como intransigente. Além disso, já por várias vezes saiu em defesa do professor Siegel quando esses energúmenos lhe dão cabo das aulas com insultos e arengas. Ainda há pouco tempo recebi uma visita do próprio *herr* Siegel. Agradecia muito o que o Axel fazia por ele, mas implorou-me que o convencesse a não sair em sua defesa, pois sentir-se-ia responsável pelo que lhe pudesse acontecer. Já nessa altura me avisou de que andavam a fazer circular graves acusações contra nós. Dizem que somos comunistas e, pior ainda, que introduziu produtos adulterados nos meus medicamentos para fazer mal aos clientes.

– Toda a gente sabe que isso não é verdade – interrompeu a senhora Metzger. – É fácil de demonstrar.

Julius Laufer dirigiu-lhe um esgar de tristeza.

– Nos tempos em que vivemos, isso não faz diferença. É muito fácil transformar uma mentira em verdade, se com isso conseguirem atingir o seu objetivo. Têm o poder e os mecanismos para o fazer. A sua propaganda é muito clara: «Uma mentira suficientemente repetida acaba por se converter em verdade.» – Cabisbaixo, abanou a cabeça, com o rosto entristecido. – Eu sabia... Sabia que, mais tarde ou mais cedo, o nosso Axel ia pagar pela pretensiosa liberdade de seguir o seu próprio caminho. Como as coisas estão neste país, desviarmo-nos da senda marcada tem um preço. O Axel não percebe nada de política, nunca lhe interessaram os seus ideários e proclamas, e eles não lhe perdoam isso. Esses mercenários só entendem uma coisa: ou estamos com eles ou contra eles.

O ar adensava-se naquele diminuto vestíbulo em que todos permaneciam de pé, como que em trânsito, impedidos de recuar para um lugar mais cómodo. O senhor Laufer fitou Yuri com os olhos, pequenos e cinzentos, marejados de lágrimas. Pôs-lhe a mão no antebraço, forçando um sorriso, e murmurou um «obrigado», a palavra embargada nos seus lábios trémulos. Deu meia-volta e desapareceu. O peso dos seus passos foi-se afastando pelo corredor até emudecer.

No patamar da escadaria, a viúva dava indicações a Yuri de como chegar à Alexanderplatz, onde ficava a esquadra da polícia. Não iria acompanhá-lo porque pretendia convencer os Laufer a instalarem-se em sua casa, pelo menos até as coisas ficarem mais calmas. Quando iam para se despedir, apareceu na escadaria um homem alto, magro, um pouco desalinhado, com uns óculos redondos de armação em massa e um bigode ralo e claro, um fato grande, o casaco e a gabardina desapertados, a camisa um pouco amarrotada e o nó da gravata descaído. Tinha o chapéu inclinado para trás, deixando a testa a descoberto.

– Fritz, o que fazes tu aqui? – perguntou-lhe Theresa Metzger, surpreendida.

– Bons dias, senhora Metzger. Li a notícia. A minha mãe pediu-me para vir ver como estão e gostaria, se for possível, de recolher informações.

– Será melhor que deixes isso, pelo menos por hoje. Os Laufer estão muito abalados.

– Está bem. Tentarei noutra altura, mas gostaria de conhecer a versão deles, sobretudo porque estou convencido de que terão uma bem diferente do que foi publicado. – Hesitou por um segundo, como se estivesse a pensar em qualquer coisa. – Só uma pergunta, senhora Metzger: sabe-se para onde o levaram?

– Não, Fritz, não sabem nada. Não foi detido pela polícia. Pelos vistos, os estragos na farmácia e a detenção foram obra das SA.

Fritz ouvia com atenção as palavras da viúva, pensando nas consequências.

– Avise-me quando puder falar com eles, está bem?

– Claro que sim.

O homem acenou com a mão em despedida e, com um sorriso, deu meia-volta para começar a refazer o seu caminho.

– Fritz, espera – interrompeu-o ela –, talvez haja algo que possas fazer. Além disso, é provável que obtenhas um bom artigo para publicar.

Ele aproximou-se novamente.

– Eu vou andando... – disse Yuri, prudente.

– Não, espera. Yuri, este é o Fritz Siegel, o filho dos vizinhos do primeiro andar, do catedrático a que o Julius se referia. – Dirigiu-se a Fritz. – Este é o Yuri Santacruz, o meu novo inquilino das águas-furtadas. Trabalha na embaixada espanhola. Ele viu tudo.

A viúva contou a Fritz o que tinha ocorrido e falou-lhe da intenção de Yuri de ir à esquadra testemunhar a favor de Axel Laufer.

– Tens a certeza do que dizes?

– Absoluta – sentenciou Yuri, ante as dúvidas do jornalista.

A senhora Metzger interrompeu-o.

– Acompanha-o, Fritz, por favor. Eu tenho de vos deixar. Dá cumprimentos meus à tua encantadora mulher. Deixo-te nas melhores mãos – acrescentou em seguida, olhando para Yuri. – Podes confiar plenamente nele. Sabe sempre o que fazer.

– A senhora Metzger quer-me muito bem – observou Fritz.

Ela esboçou-lhes um gesto amável e entrou em casa dos Laufer. Os dois homens ficaram sozinhos no patamar, frente a frente. Yuri sentia-se desconfortável. Era como se aquele jornalista o estivesse a analisar com o olhar.

– Quer dizer então que queres ir à esquadra.

– É o mais justo – sentenciou ele.

Fritz levou a mão aos lábios, taciturno, pensativo.

– Pois... Mas, se viste realmente como maltratavam aquele rapaz, porque não o foste denunciar nessa mesma noite?

Yuri sentiu-se atacado. A pergunta indignava-o, pois tinha vergonha da resposta, da obrigação de ter de justificar a sua cobardia ante aquele sujeito que acabara de conhecer. Tomou fôlego, arqueou as sobrancelhas e respondeu, taxativo:

– Não quis meter-me em sarilhos, está bem?

Não esperou por uma resposta. Precipitou-se escadas abaixo até sair para a rua. Aí, cada vez mais acalorados, os mirones continuavam a gritar arengas e insultos contra os Laufer, perfeitamente orquestrados pelos rapazes das SA. Hesitou por um instante e depois começou a andar, tentando lembrar-se das indicações que a viúva lhe havia dado de como chegar à Alexanderplatz. Nas suas costas, ouviu a voz de Fritz.

– Santacruz, espera.

Yuri olhou para trás por cima do ombro, mas não parou. Fritz alcançou-o e começou a caminhar ao seu lado.

– Não queria aborrecer-te. Mas tens a certeza do que vais fazer?

– Devia tê-lo feito muito antes.

– Não acho que seja boa ideia.

– Não farias o mesmo? – A pergunta estava carregada de intenção. Incomodava-o a atitude complacente que aquele jornalista intrometido tinha adotado para com ele.

– Se servisse de alguma coisa, é claro que sim, mas já houve vítimas suficientes neste caso.

– O que queres dizer com isso? – perguntou Yuri.

– Acho que tinhas razão nos teus receios e que o mais provável é que te vás meter num grande sarilho, nomeadamente porque a polícia não tem nada a ver com tudo isto. Se é uma ação das tropas de assalto, nenhuma esquadra irá mexer um dedo por alguém que foi detido pelas SA. Nenhuma, estás a ouvir?

– Cometi um erro ao calar o que vi, mas os erros têm de ser corrigidos, e quanto mais cedo, melhor.

– Santacruz, se fores à esquadra, a primeira coisa que te vão perguntar é porque não foste lá logo no dia da agressão. A partir daí, tudo te pode acontecer, e nada de bom. Podem, por exemplo, acusar-te de encobrimento.

Fritz não conseguiu travar a determinação de Yuri. Ao chegarem à porta da esquadra, parou diante dela como se fosse uma montanha a escalar. Indeciso, soltou um bufido ante o letreiro da entrada, aquele POLIZEIREVIER que parecia desafiá-lo, e abanou a cabeça em desespero.

– Se não o fizer, não poderei dormir tranquilo em toda a minha vida.

Fritz apertou os lábios num gesto ponderado; levou a mão ao chapéu e resfolegou.

– Está bem – decidiu por fim. – Como queiras. Eu acompanho-te.

– Não tens de o fazer.

– Prometi-o à senhora Metzger. E cumpro sempre as minhas promessas.

Tal como Fritz tinha augurado, a visita à esquadra foi um autêntico fiasco. O pesadelo começou logo a partir do momento em que Yuri disse ao funcionário do balcão o motivo que o levava até ali. O oficial fez-lhe umas quantas perguntas, anotou alguns dados e pediu-lhe que esperasse. Yuri e Fritz sentaram-se num banco de madeira situado num longo corredor e aguardaram mais de uma

hora. Falavam pouco entre si. Fritz fumava sem parar, levantava-se e andava de um lado para o outro a passos lentos, pensativo, com uma mão no bolso e a outra a segurar o cigarro, enquanto Yuri o observava, sentado, encostado à parede de braços cruzados.

Fritz parou e vasculhou os bolsos, apalpando-se como que em busca de algo.

– Tens um cigarro?

Yuri apalpou o casaco e abanou a cabeça.

– Lamento, deixei-os em casa de *frau* Metzger.

– Vou comprar um maço. Estes sítios mexem-me com os nervos e o tabaco é a única coisa que me acalma. Volto já, está bem?

Yuri limitou-se a assentir com a cabeça.

Fritz saiu apressadamente da esquadra. Quando o perdeu de vista, Yuri olhou em volta e não pôde evitar uma angustiante sensação de solidão; até àquele momento, não se tinha apercebido de como agradecia a presença do jornalista. Inclinou o corpo para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e enterrou a cabeça nas mãos. Tentava, mas não podia evitar, assustavam-no as consequências que aquele ato heroico lhe poderia trazer. Estava convencido de que Villanueva não veria com bons olhos o que ele estava a fazer. Até àquele momento, não tinha pensado na sua reação. Dependia dele a sua estadia em Berlim, Villanueva podia enviá-lo de volta para Madrid. Repreendeu-se pela sua insensatez. Devia ter dado ouvidos a Fritz.

Estava prestes a desistir e a ir-se embora quando ouviu o seu nome do outro lado do corredor. Levantou-se e dirigiu-se ao polícia que o esperava ao fundo das escadas, e que começou a subi-las quando ele chegou à sua altura. Yuri olhou uma última vez para trás, ansiando pela presença de Fritz. O polícia parou e instou-o a que se mexesse. Subiram ao primeiro andar; percorreram outro corredor até chegarem a uma porta com uma placa onde se lia KRIMINALKOMMISSAR. O polícia bateu duas vezes com os nós dos dedos e, assim que se ouviu uma voz no interior, abriu a porta, chegou-se para o lado e fez sinal a Yuri para que entrasse antes de a fechar. Era um gabinete amplo, com um janelão que dava para a rua. Respirava-se um ar quente, pastoso. Sentado atrás de uma

mesa baixa, um polícia, claramente de nível superior, examinava uns documentos. Usava óculos, que de vez em quando ajustava ao sobrolho com um dedo. O chapéu estava pousado de um dos lados da escrivaninha.

– Sente-se – ordenou o comissário. Yuri fê-lo numa das cadeiras de escritório. Só então o oficial ergueu o olhar e o fitou com uma fixidez avassaladora. – Pelos vistos, foi testemunha de um crime e quer prestar declarações.

Yuri assentiu.

– Estou a ouvi-lo.

Inicialmente vacilante, Yuri começou a relatar o que tinha acontecido, procurando não se esquecer de nenhum pormenor. Enquanto falava, o homem observava-o com um esgar de fastio. Quando acabou de contar tudo, incluindo a tentativa de justificação por não ter ido antes denunciar o ocorrido, fez-se um silêncio. Os olhos do homem continuavam cravados em Yuri, como que a fazer uma análise exaustiva a cada gesto, a cada palavra dita e à forma de as proferir.

– Terminou? – perguntou ele finalmente, com desdém.

– Sim, senhor.

– Posso ver os seus documentos?

Santacruz pegou no passaporte e entregou-lho. O polícia examinou atentamente as suas páginas. Em seguida, manteve-se em silêncio durante alguns longos e tensos segundos, dando pancadinhas na mesa com o canto do passaporte enquanto meditava no que fazer. Até que se levantou e lhe disse para ficar ali.

Desapareceu, deixando-o sozinho naquele gabinete e levando o passaporte. Após mais de meia hora de espera, Yuri não aguentou mais a impaciência e levantou-se, decidido a ir procurar alguém que lhe dissesse o que se passava, mas, ao abrir a porta, deparou-se com um homem que vestia um fato cinza-carvão de corte elegante, camisa branca e gravata de malha cinzento-pérola. Do seu corpo emanava um penetrante perfume varonil, muito adequado ao aspeto primoroso. Era um pouco mais alto do que Yuri, de ombros largos, corpulento, a rondar os cinquenta anos.

Tinha olhos grandes, de um azul intenso; sob o chapéu negro, intuía-se o cabelo muito louro, rapado por cima das orelhas e na nuca, os lábios finos e as maçãs do rosto salientes, o que lhe dava um ar duro, hostil. Yuri reparou na insígnia do partido a brilhar-lhe na lapela.

– Ia a algum lado? – perguntou o homem, em tom grave, com uma expressão fria como gelo.

– Já estou há bastante tempo à espera. Pensei que...

– Vamos já terminar.

Yuri deu meia-volta e dirigiu-se de novo à cadeira. O homem entrou atrás dele, fechou a porta e dirigiu-se ao outro lado da secretária.

– Sente-se.

Yuri assim fez. O recém-chegado manteve-se de pé, olhando-o de cima, com a escrivania pelo meio. Enfiou uma mão no bolso das calças; Yuri viu que a outra segurava o seu passaporte.

– Que relação tem o senhor com Axel Laufer?

– Nenhuma. Já disse que não o conheço. Tentei ajudá-lo quando estava a ser agredido na rua.

– E tem a certeza de que era ele?

– Claro.

– Como pode estar assim tão certo se não o conhece?

– Porque lhe vi a cara, a mesma que aparece hoje no jornal.

– A quem mais viu?

– Estava lá meia dúzia de pessoas, membros das SA, e uma rapariga que apareceu e que também assistiu a tudo.

– E quem é essa rapariga?

– Não sei.

– E ao que, segundo diz, cometeu o crime, poderia identificá-lo? Por alguns segundos, Yuri ficou pensativo.

– Acho que sim.

– Acha ou tem a certeza?

– Tenho a certeza – respondeu ele, taxativo.

O homem continuava de pé, com uma postura arrogante. Abriu o passaporte e examinou-o meticulosamente.

– Nasceu na Rússia? – perguntou, erguendo o olhar.

– Sim, senhor, na antiga São Petersburgo. Mas, como pode verificar, a minha nacionalidade é espanhola. O meu pai trabalhou na embaixada de Espanha até à revolução bolchevique.

O homem fez-lhe várias perguntas pessoais: onde vivia, há quanto tempo estava em Berlim, onde trabalhava, quem era a sua mãe, quem era o seu pai. Yuri respondeu a tudo com impaciência crescente; a sua irritação e o cansaço aumentavam a cada pergunta, até que explodiu ao ser interpelado sobre a razão para a sua mãe ter ficado na Rússia.

– Não compreendo que importância pode ter o facto de a minha mãe estar ou não na Rússia. Vim aqui para testemunhar a favor de Axel Laufer. Não foi ele quem matou aquele homem.

O olhar penetrante do homem de fato impecável intimidava-o.

– Há outra testemunha que diz o contrário. Afirmou sem qualquer tipo de dúvida que Axel Laufer assassinou Peter von Duisburg a sangue-frio.

– Seja quem for, está a mentir – replicou Yuri. – As coisas aconteceram tal como eu lhe contei.

Novamente aquele mutismo ponderado, calculado para exasperar.

– *Herr* Santacruz, acabam de me informar de que Axel Laufer se declarou culpado.

O rosto de Yuri ensombrou-se. Dos seus lábios escapuliu-se um balbuciar.

– Não pode ser.... Por alguma razão, está a mentir...

– Receio, *herr* Santacruz, que o único aqui que está a mentir seja o senhor. E o que me preocupa é a razão que o leva a fazê-lo. Axel Laufer é um comunista militante que atentou contra um familiar direto de um destacado membro das SA. É muito suspeito da sua parte este empenho em livrá-lo do assassinato para atirar a responsabilidade para cima de outrem, e mais suspeito ainda que se apresente aqui três dias depois do crime a que, segundo diz, assistiu.

Subitamente, Yuri sentiu-se derrotado. Entendeu o que o Fritz lhe tinha dito e começou a angustiar-se, a sua pulsação acelerou.

Sentia uma forte pressão no peito, como se o olhar daquele homem o esmagasse. Queria sair dali.

– *Herr* Santacruz, oiça bem o que lhe vou dizer: o caso de Axel Laufer é um assunto da Alemanha, que não lhe diz respeito. Será melhor que esqueça tudo o que diz que viu. Para seu bem e também do próprio Laufer.

Aquelas palavras pareceram a Yuri uma clara ameaça.

– Pode ir – disse o outro, atirando-lhe o passaporte por cima da mesa com certo desdém, como se lhe estivesse a poupar a vida. – Mas fica avisado: esqueça este assunto ou pagá-lo-á bem caro.

Yuri pegou no passaporte, levantou-se e deu meia-volta, quase a cambalear, pois sentia as pernas a tremer.

Uma vez sozinho, o homem do fato pegou no telefone e marcou um número.

– Daqui Von Schönberg – atendeu uma voz do outro lado da linha.

– Ulrich, surgiu um problema – disse o homem. – Espero-te no meu gabinete daqui a uma hora.

Fritz continuava sentado no mesmo banco de madeira onde tinha deixado Yuri. Fumava, cabisbaixo. Ao vê-lo aparecer, dirigiu-se a ele.

– O que aconteceu? – perguntou.

– Dás-me um cigarro, por favor? – pediu Yuri, com o rosto alterado.

Acendeu o cigarro com a chama que Fritz lhe oferecia e inalou uma profunda baforada. Nesse momento ouviram-se passos, e o homem do fato cinza-carvão apareceu a caminhar rapidamente em direção a eles. Ao vê-lo, Fritz levantou-se como se tivesse visto o diabo. O homem passou-lhes à frente quase sem os ver, pôs o chapéu e saiu para a rua.

– Tinhas razão, Fritz – disse Yuri, indicando-o com um ligeiro movimento da cabeça. – Aquele comissário ou lá o que é ameaçou-me. Disse-me para esquecer o assunto...

– Estiveste a falar com ele? – perguntou Fritz, com um esgar entre a surpresa e a incredulidade.

Yuri assentiu. Levava o cigarro à boca, nervoso, aspirava e exalava o ar como se quisesse libertar a tensão acumulada através do fumo.

– Esta situação está a complicar-se... – murmurou Fritz.

– Quem é ele?

– Um dos mandachugas do SD, o serviço de informações das SS, um tipo com muito poder e muito próximo de Himmler, bem como de Hitler, claro. Além de ser um nazi convicto, é furiosamente anticomunista, tem-lhes um ódio visceral. Desde o verão passado que se dedica de corpo e alma a perseguir e eliminar quaisquer dissidentes. Dantes, concentrava-se apenas nos bolcheviques, mas agora tem vindo a expandir o seu objetivo a socialistas, sindicatos, jornalistas incómodos, tudo o que fique à margem da sua órbita política e doutrinal. Já tive alguns conflitos com ele, ainda que até agora tenha saído ileso. O problema de tudo isto é que esta gente atua à margem da lei, sem tribunais, advogados ou defesa... Se te apanham, estás perdido.

Fritz viu que Yuri estava muito pálido e tinha a testa coberta de gotas de suor.

– Sentes-te bem? – perguntou, preocupado.

Yuri levou novamente o cigarro à boca, aspirou com força e depois apagou-o no cinzeiro repleto de beatas que havia junto ao banco de madeira. Enfiou os dedos entre a camisa e o pescoço e afrouxou o nó da gravata.

– Vamos sair daqui... Estou a sufocar.

Princípio da verossimilhança

Construir argumentos a partir de diferentes fontes, através dos chamados balões de ensaio ou de informações fragmentárias.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Já na rua, começaram a andar sem rumo fixo. Yuri caminhava depressa, como se algo ou alguém o perseguisse. Fritz ia ao seu lado e olhava-o de soslaio.

– Permites-me que te convide para tomar uma cerveja?

Só nesse momento é que Yuri abrandou o passo.

– Obrigado... – Forçou um sorriso. – Acho que me faria bem beber um copo.

Sentia-se exausto, como se tivesse travado uma batalha campal. Não sabia o que pensar, não entendia nada.

Dirigiram-se a uma taberna que Fritz costumava frequentar. No interior de tetos baixos respirava-se um aroma acre a cerveja derramada misturada com o fumo do tabaco retido. A heterogênea sala com longas mesas e bancos de madeira estava meio vazia.

– Estamos com sorte – disse Fritz, apontando para uma das mesas do fundo, onde um homem de aspeto taciturno lia um livro enquanto bebia uma cerveja. – Vem, vais conhecer alguém que sabe muito sobre tudo o que está a acontecer na Alemanha.

Aproximaram-se e o homem taciturno ergueu o olhar, como se se mantivesse alerta ao que se passava em seu redor. Ao vê-los, levantou-se, sorridente.

– Fritz, que alegria... – Com cordialidade, deram um aperto de mão. – Há quanto tempo. Sentem-se, por favor. Como está a Nicole?

– Está muito bem, obrigado – respondeu Fritz, enquanto se sentava. Yuri imitou-o, ficando de costas para o espaço e de frente para os dois homens, que se tinham sentado juntos do outro lado da mesa. – Este é o Yuri Santacruz. Ainda só está há um mês na Alemanha, mas começa a ter uma ideia clara do que vivemos por aqui. – Em seguida, dirigiu-se a Yuri. – Apresento-te Hans Litten, o único advogado que se atreveu a chamar o próprio Adolf Hitler como testemunha, no julgamento do Tanzpalast Eden contra vários membros das SA que atacaram uns jovens detratores, e o melhor de tudo é que o fez perder a paciência e o expôs ao ridículo.

Yuri e Litten deram um aperto de mão. Litten tinha um ar de jovem intelectual, óculos redondos, cabelo escuro com grandes

entradas, fato cinzento e uma gravata de cores vistosas, de cujo nó sobressaíam as pontas do colarinho da camisa.

– Não me serviu de nada – alegou Litten, enfadado. – E ando a pagá-lo com juros desde então.

– Continuam os ataques pessoais? – perguntou Fritz, apagando o sorriso do rosto.

– E os profissionais. Plantam-se à porta do meu escritório e insultam quem quer que deseje entrar. A minha pobre mãe está uma pilha de nervos... E agora, com o poder nas mãos... Se os nacional-socialistas ganham as eleições, estou perdido.

– Achas que vão ganhar? – perguntou Fritz.

– Vão, sim. E se não ganharem, tanto lhes fará: tomarão o poder. O Presidente da República cometeu um erro grave ao nomear Hitler chanceler. Acham que, com esse cargo, o vão conseguir manobrar, mas é precisamente o contrário. Hindenburg entregou-lhe a chave-mestra para acabar definitivamente com a democracia na Alemanha.

– Oxalá estejas enganado.

– Hitler é um agitador inculto que utiliza as teorias do germanismo de forma mesquinha. – Pensativo, o advogado apertou os lábios. – E temo que será implacável para os que lhe forem incómodos... Devíamos tomar precauções.

– Se começarmos a temê-los, terão vencido a batalha – protestou Fritz. – Somos alemães.

– Mas eu sou judeu, não te esqueças...

– Tu és mais alemão do que Hitler, nasceste na Alemanha, enquanto ele é austríaco.

– Estou sinalizado, Fritz, e não tenho escapatória. – Litten parecia resignado.

A chegada do empregado fez com que se calassem. Pediram três cervejas. Quando o homem se afastou, Fritz falou-lhe do caso de Axel Laufer e da experiência de Yuri na esquadra.

– Pelos vistos, o Axel declarou-se culpado – explicou Yuri. – É mentira. Aquele rapaz não fez nada. Não acredito que tenha assumido a culpa.

– O mais provável é que o tenha feito com um pouco de ajuda – observou Fritz.

– Queres dizer que o torturaram? – perguntou Yuri, abismado. – Não é possível. A República de Weimar é uma democracia, existe um Estado de direito, há leis e regras, há um Parlamento, eleições livres. Não, não é possível – repetiu.

O empregado aproximou-se com as canecas, depositou-as na mesa e afastou-se novamente.

– Temo que a tua ideia da Alemanha não se ajuste à realidade – contrapôs Fritz.

– Bem podes dar graças por seres estrangeiro – interveio o advogado. – Caso contrário, não estarias aqui a tomar uma cerveja. Ter-te-iam detido com um pretexto qualquer. Cada vez controlam mais setores.

– Mas quem controla tudo? – perguntou Yuri, sem entender nada.

Hans Litten pegou no livro que estava a ler quando eles chegaram. Na capa vermelha destacava-se o título em letras brancas: *A Minha Luta*, de Adolf Hitler.

– Quem? O autor deste panfleto e toda a coorte de que se rodeou. O novo chanceler é um homem sem escrúpulos, cheio de ódio e de preconceitos, disposto a tomar o poder a qualquer preço. Tentá-lo-á por todos os meios. Se não puder fazê-lo através da democracia, não terá qualquer problema em desencadear uma revolução, violenta, se for necessário. Na verdade, há anos que tem vindo a exercê-la através das suas tropas de assalto.

– Quando falas nas suas tropas de assalto, referes-te às SA, não é verdade? – perguntou Yuri, curioso.

– Sim, as *Sturmabteilung* fazem parte do partido nazi praticamente desde a sua fundação, há treze anos. Agem como seu braço armado. Recrutam desempregados, meliantes, homens sem futuro a quem dão um uniforme e pagam um salário em troca de obediência cega. Encarregam-se de acabar com qualquer dissidência, ou com qualquer elemento que lhes seja incómodo, enquanto Hitler adota um discurso pacificador.

– E as SS? Quem são?

– As *Schutzstaffel* são os seus guarda-costas – respondeu Litten –, uma elite racial, homens com quem Hitler pode contar, porque lhe juraram lealdade absoluta até à morte.

– Estão sempre ao lado do líder ou dos comandantes do partido – acrescentou Fritz. – Ficam de pé, a mostrar-se com os seus uniformes negros e as suas suásticas.

– Nas SS não entra qualquer um – prosseguiu o advogado. – São os melhores, os eleitos, julgam-se e sentem-se superiores, e de certa forma são-no, pois estão mais bem preparados. Os recrutas têm de ter um ar atlético e de parecer ser arianos puros; devem apresentar um historial genealógico que remonte a meados do século passado sem que apareça nenhum antepassado judeu.

– São antissemitas, anticomunistas e anticristãos – continuou o jornalista. – Pretendem criar uma religião baseada na ideologia nacional-socialista. É uma loucura que, se não for remediada, se pode tornar realidade, e em breve.

Fritz bebeu um gole da sua caneca. O advogado fez o mesmo. Yuri, porém, fitava-os, atónito.

– Mas insisto, aqui há eleições, é um sistema baseado na legalidade. Sei alguma coisa sobre revoluções. Vivi pessoalmente a da Rússia.

Em linhas gerais, Yuri descreveu-lhes a sua própria experiência.

– Hitler tentará tomar o poder sem violência, ou pelo menos dar essa impressão – salientou Litten. – Mas não lhe interessa. Utilizará todos os meios ao seu alcance para vergar a lei à sua medida.

– O povo alemão não irá cair nessa armadilha – protestou Yuri. – Isto não é a Rússia. A Alemanha não o permitirá.

– É claro que o fará... – rebateu Litten. – Já o está a fazer, a começar pelo Presidente da República. Hitler já é chanceler e em breve dominará o Reichstag. Leva-nos ao desastre. A Europa devia estar atenta ao que se passa aqui. O nosso futuro vai depender de se os outros países à nossa volta reagem a tempo ou não.

Durante alguns segundos, não disseram nada, os três agarrados às asas das respetivas canecas, pensativos, absortos nas suas preocupações e penas.

– E o que fazemos em relação ao Axel Laufer? – perguntou Yuri, abrindo as mãos num gesto indagador. – Não podemos deixar o rapaz apodrecer na prisão sabendo que é inocente.

Fritz bebeu um gole da sua cerveja e olhou para o advogado, mas este abanou a cabeça.

– Esquece. Se eu mexesse um só dedo por esse rapaz, estaria a condená-lo definitivamente.

– Vou fazer algumas chamadas – decidiu Fritz. – Tentarei descobrir onde o têm encarcerado.

– Podes fazer isso? – perguntou Yuri, expectante.

– Sou jornalista, tenho os meus contactos. Ainda que, nos últimos tempos, comecem a falhar quase todos. Sou o primeiro a querer tirar o Axel desta embrulhada, não só por saber que é inocente, mas também porque lho devo pela forma como se portou com o meu pai.

Passaram os três um bom bocado a beber e a conversar. Yuri foi descontraindo. Quando iam a pedir outra ronda, Hans Litten agarrou nas suas coisas.

– Tenho de ir. Gostei de te ver, Fritz. – Estendeu a mão a Yuri. – Prazer em conhecer-te, Yuri. Oxalá te sintas confortável nesta cidade.

Despediram-se e Litten saiu, no preciso momento em que entrava no local um grupo de gente. As suas vozes e risos romperam a quietude que reinara até àquele momento.

– Olha só quem está ali – murmurou Fritz, de olhar fixo nos recém-chegados. – Ulrich von Schönberg, nada menos...

– Quem é? – perguntou Yuri, virando a cara para olhar por cima do ombro.

– O do uniforme. – Tinha no rosto um laivo de desprezo. – É o filho do oficial que ainda agora recolheu o teu depoimento na esquadra, um maldito das SS feito à imagem e semelhança do pai, capaz de vender a mãe para obter um cargo. Uma mistura de arrogância, mediocridade e astúcia, porque há que reconhecer que o pai é um tipo inteligente e calculista. Nesse sentido, o filho não lhe chega aos calcanhares. O Ulrich cresceu por ser filho de quem

é, transformado em tempo recorde em ajudante pessoal do próprio Himmler. Um tipo perigoso.

Yuri olhou novamente por cima do ombro, virando-se depois de novo para Fritz.

– E a loura que está com ele, sabes quem é?

Fritz observou a rapariga durante alguns segundos e depois abanou a cabeça.

– Não faço ideia. Uma das suas rameiras, imagino. – Franziu o sobrolho, como que a lembrar-se de algo. – Ouvi dizer que se tinha casado ou que estava prestes a fazê-lo.

– Conheço aquela rapariga – disse Yuri, como se finalmente tivesse conseguido assimilá-lo. – É a mesma que apareceu na luta a tempo de evitar que eu e o Axel fôssemos mortos à pancada. – Voltou a observá-la e, por alguns instantes, os olhares de ambos cruzaram-se, mas ela desviou imediatamente o seu, como se tivesse recebido um choque desagradável. – Ela assistiu a tudo.

– Tens a certeza? – perguntou Fritz, atónito.

Yuri virou-se para ele.

– Absoluta. É impossível esquecer aqueles olhos.

A partir desse dia, Yuri e Fritz começaram a encontrar-se com frequência. Yuri conheceu Nicole Friedman, a encantadora esposa de Fritz, uma norte-americana loquaz, independente, experiente, que trabalhava como fotógrafa para uma revista de moda. Formavam um casal perfeito.

Yuri descobriu em Fritz Siegel um homem interessante e divertido. Fritz tinha estudado Direito na Universidade de Munique. Desde os seus tempos de estudante que se interessara pelo avanço e pela transformação do partido trabalhista alemão, origem do Partido Nacional-Socialista, NSDAP, popularmente chamado de partido nazi. Antes de acabar o curso, teve oportunidade de ir trabalhar para o *Münchener Post*, um jornal com uma linha editorial muito crítica em relação a Hitler desde os seus primeiros passos na política. A sua faceta de futuro advogado ficou esquecida ao fim de poucos dias a trabalhar como jornalista. O compromisso e a

capacidade de obter informação abriram-lhe caminho para a redação. Em vários dos seus artigos, analisou minuciosamente a personalidade da sinistra figura de Hitler, um tipo medíocre e fracassado que, ainda assim, se tinha transformado nos últimos meses em líder absoluto de massas fervorosas e entregues à causa por si defendida, e fazia-o a uma velocidade extraordinária.

Fritz foi um dos primeiros a ler *A Minha Luta*, o livro que o próprio Hitler escreveu durante o período que passou na prisão, condenado após o *Putsch* de Munique, a tentativa de derrubar o governo da Baviera que teve lugar em novembro de 1923. Desde a sua publicação, em 1925, apenas se tinham vendido alguns milhares de exemplares, um fracasso que havia tranquilizado Fritz, ciente do seu conteúdo subversivo, violento e profundamente antisemita. Nos últimos meses, porém, as vendas tinham vindo a disparar de forma alarmante. *A Minha Luta* estava a transformar-se na bíblia do nazismo e a caminho de se converter numa espécie de Magna Carta da vida política e civil de toda a Alemanha. Fritz analisara-o, tentando decifrar a doutrina que aquele homem tinha na cabeça, as suas táticas para se transformar num paladino dos valores mais puros da Alemanha, num guia axiomático que o tornava único. A sua forma de falar, os gestos treinados, o tom bem adestrado com que se dirigia às massas, a roupa, a forma peculiar que tinha dado ao bigode... Hitler tinha medido tudo ao milímetro, chegando mesmo a dizer-se que era seu o desenho da bandeira oficial do partido (o fundo vermelho com um círculo branco e uma suástica negra ao centro).

Há vários anos que Fritz utilizava os seus artigos para informar sobre o perigo do nazismo, alertando para a personalidade histrionica, intolerante e desmedida de Hitler; assistira a muitos dos seus comícios e tinha-o visto e ouvido, além de cobrir reuniões do partido em Munique e noutras cidades alemãs. No entanto, eram cada vez menos os que manifestavam discordância, intimidados pelas possíveis represálias; impusera-se uma cautela asfixiante, mesmo entre os seus colegas jornalistas, outrora críticos, e agora silenciados ante o receio de se verem sinalizados pelos férreos adeptos que se iam espalhando como um veneno letal e que

chegavam a todos os resquícios da sociedade, a todas as classes sociais: não importava a tendência política que alguém tinha tido no passado, o critério podia ver-se alterado da noite para o dia, para surpresa e inquietação dos que se mantinham firmes, como acontecia com Fritz Siegel. Na sua opinião, eram demasiados os que, perigosamente, se calavam e faziam vista grossa.

O trabalho que Yuri fazia na embaixada parecia-lhe um pouco monótono. Estava sob as ordens diretas de Erich Villanueva, e só dele podia receber diretrizes; fora uma das coisas que este lhe dissera na primeira entrevista que tiveram no seu gabinete com vista a informá-lo das tarefas que iria desempenhar.

Villanueva tinha nascido em Berlim, de pai espanhol e mãe alemã. Há muito que passara os quarenta anos, mas mantinha o garbo da sua juventude, alto e corpulento, com o cabelo preto abundante e colado ao crânio com gel, o nariz pequeno, os lábios finos e um queixo poderoso; da mãe tinha herdado o azul metálico dos olhos. O seu espanhol era tosco, com um forte sotaque que o obrigava a acentuar os erres. Dotado de um riso sonoro, tinha jeito para as pessoas e era muito bom conversador, sabia ouvir e falar sem importunar, sendo bastante astuto. Trabalhava na embaixada desde o início da Grande Guerra. Há mais de dez anos que estava separado da esposa, que vivia em Hamburgo com o filho de ambos e uma muito boa pensão que ele todos os meses lhes transferia. Desde então, vivia sozinho num edifício perto do seu local de trabalho.

Villanueva geria toda a correspondência, telegramas, avisos, recados, anúncios ou qualquer tipo de exigência, tanto de alemães como de cidadãos espanhóis, que chegava à embaixada. Analisava tudo, classificava-o, emitia um relatório, se fosse pertinente, e finalmente remetia cada coisa para o departamento correspondente da chancelaria. Yuri estaria encarregue de recolher toda essa correspondência aquando da sua entrada na secretaria consular. Todos os dias, deveria fazer uma verificação prévia, atento a qualquer carta, envelope ou pacote cujo remetente fosse Volker

Finckenstein, que podia assinar com o seu nome completo ou apenas com as iniciais VKF. Nesse caso, teria de o retirar da bandeja de receção e de o entregar imediatamente e em mãos a Villanueva, deixando-o fora do registo: «Como se não tivesse entrado», tinha-lhe ele dito de forma contundente, num tom manifestamente confidencial. Yuri percebeu que algo se escondia naquele nome, mas o dever de reserva e lealdade aprendido com o pai impedia-o de fazer mais perguntas. Com esse compromisso, assentiu a tudo e memorizou o nome, já que não o podia apontar em lado nenhum nem falar dele com ninguém.

Em todo o caso, o verdadeiro objetivo que tinha feito Yuri regressar a Berlim continuava claro.

Poucos dias após a sua integração, depois de saber que Villanueva se tinha reunido com um membro da legação russa, Yuri atreveu-se a expor-lhe o seu interesse em conhecer a sorte da mãe e do irmão. O secretário de comunicação fitou-o como se ele lhe tivesse sugerido assassinar alguém.

– Que nem te passe pela cabeça mexer um dedo nesse sentido.

– Preciso de saber o que lhes aconteceu e como estão – pediu-lhe ele, com uma expressão lastimosa. – Ponha-se no meu lugar.

Villanueva tinha ficado a observá-lo, com o semblante contraído.

– Yuri, esquece a tua mãe e o teu irmão. Ouve o que te digo. Não mexas nessa merda. Vais arrepender-te se o fizeres.

Yuri fitou-o com uma mistura de incompreensão e de assombro. Invadiu-o um profundo desconsolo, como se aquelas palavras lhe tivessem trespassado o coração.

– A merda a que se refere é a minha mãe e o meu irmão mais novo. Há doze anos que não sei nada deles. – Um véu de tristeza toldou-lhe o olhar. – Compreenda, Villanueva, preciso de os procurar para continuar a viver. Iria ao inferno por eles.

– Diria que acertaste em cheio...

– Eu não sou como o meu pai – murmurara Yuri, com pesar. – Nunca os abandonei. Nunca o farei.

Villanueva fitara-o, pensativo.

– A Rússia é um terreno muito movediço e perigoso, mesmo fora das suas fronteiras. As relações entre Hitler e Estaline

degradam-se a cada dia que passa. Está tudo contaminado e qualquer movimento que se faça com os bolcheviques gera uma desconfiança que, para te ser sincero, não me convém.

– Não quero prejudicá-lo, nada mais longe das minhas intenções. Se fosse necessário, despedir-me-ia da embaixada, arranjaria outro emprego, qualquer coisa serviria para me sustentar enquanto procuro uma forma de entrar na Rússia.

Villanueva tinha ficado pensativo, a meditar numa ideia que lhe rondava a cabeça. Resfolegou, cerrou os lábios, apoiou os braços na mesa, cruzou as mãos e falou-lhe num tom confidencial.

– Vamos fazer uma coisa... – começou, indeciso. – Vou tentar fazer algumas averiguações e, em troca, quero que faças algo por mim.

– O que quiser – respondeu Yuri, com um halo de esperança.

– Vou precisar que faças alguns trabalhos não muito... – Ergueu o braço e agitou a mão no ar em busca da palavra certa. – Como dizer...

Não parava de o observar, como se estivesse a analisá-lo. Inclinou o corpo para a frente e esticou o queixo na direção de Yuri, decidindo-se por fim.

– Há pessoas que, antevendo problemas num futuro não muito distante, estão a optar por vender o seu património e tirar o dinheiro do país sem terem de sacrificar uma parte considerável dele. E nós ajudamo-las a dar esse passo em troca de uma módica quantia. É um negócio justo para ambas as partes; se não o fizermos nós, fá-lo-ão outros com recurso a métodos iníquos, posso garantir. Resumidamente, preciso da tua colaboração. Trata-se de transferir uma pasta, como mala diplomática, para um local concreto do outro lado da fronteira.

– Mas isso é tráfico de divisas – exclamou Yuri, sem esconder a perplexidade. – É ilegal.

– Os limites da lei tendem a ser flexíveis – suspirou Villanueva.
– Mas sim, é um crime punível com dez anos de prisão. É muito arriscado, não vou negar. Ainda que tudo dependa da compensação, caso contrário seria absurdo. Tu saberás até que ponto estarias disposto a assumir esse risco. Em cada viagem,

poderás obter um lucro considerável, e não te faria nada mal ter um rendimento extra, tendo em conta que os contactos que procuras costumam ser bastante caros.

Yuri hesitou por alguns segundos. A oferta era tentadora e sabia que Villanueva podia dar-lhe acesso aos contactos de que necessitava; sabia que encontrá-los por conta própria tinha as suas dificuldades, exigiria tempo e recursos, e ele não tinha nenhum dos dois.

– E se cometo algum erro?

– Procura não o fazer. Mas, se algo acontecer, tens-me a mim. Fazes parte da embaixada espanhola. Tenho contactos. Tirar-te-ia de qualquer apuro.

– Estou nas suas mãos, então.

– Não dependes de ninguém a não ser de ti. Eu dar-te-ei a proteção necessária como membro desta embaixada. – Sacudiu a mão no ar, como que a tirar importância ao assunto. – Se fizeres o que eu te digo, verás que é muito mais fácil do que imaginas.

– Não sei o que pensar... – disse Yuri, pesaroso. – Tenho a sensação de que é aproveitar a desgraça alheia para obter rendimentos.

Villanueva semicerrou os olhos e os seus lábios esboçaram um esgar.

– Entendo as tuas reticências, Yuri, tendo em conta o que viveste... O que te posso eu dizer? Se, tal como todos preveem, Hitler ganhar as eleições em março, este país vai sofrer muitas mudanças, não sei se para bem da Alemanha, mas do que tenho a certeza é que esse homem será uma maldição para os judeus e para aqueles que se empenharem em manter contra ele uma dissidência ativa; e nós estaremos aqui para ajudar quem quiser partir levando o que é seu, o que ganhou com o seu trabalho, o valor dos bens que herdou dos seus antepassados. Isso também é justiça.

Ao fim de alguns segundos de atitude pensativa, Yuri estendeu-lhe a mão.

– Conte comigo.

– Está bem – sentenciou Villanueva, satisfeito, sentindo o forte aperto de mão. – Como é evidente, peço-te a máxima discricção.

– Pode confiar em mim.

– E ao teu pai, nem uma palavra sobre a tua intenção de contactar com a Rússia. Se sabe que te quero ajudar, fulmina-me.

– Não se preocupe com isso, Villanueva – respondeu Yuri, com um sorriso benévolo. – O meu pai já não é nem a sombra do que foi.

– Porque será que os filhos nunca chegam a conhecer bem os seus pais? – perguntou o outro, convicto das respetivas palavras.

Antes de partir, Yuri tinha-se dirigido a Villanueva, hesitante.

– Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Claro...

– Sabe o que levou o meu pai a romper definitivamente com tudo o que ficou de nós na Rússia?

Durante alguns segundos, Villanueva pensou no que responder. Depois, abanou a cabeça.

– O teu pai tinha as suas razões. É só isso que te posso dizer.

Ele não insistira, ciente da lealdade inquebrantável que Villanueva professava em relação ao seu pai.

O negrume das nuvens tinha precipitado o anoitecer. O ar húmido estava gélido e desagradável, e começara a chover com força. Yuri caminhava rapidamente, encolhido, sentindo a chuva gelada infiltrar-se pelos resquícios do seu sobretudo. Não tinha visto o sol durante os vinte dias daquele gélido mês de fevereiro, sempre nublado, sempre com chuva ou neve.

À sua porta encontrava-se estacionado um *Opel Laubfrosch* verde-vivo que lhe chamou a atenção. Uma das portas estava aberta e via-se que o interior vinha cheio de caixas e malas. Ao entrar no vestíbulo, deparou-se com uma rapariga que saía apressadamente.

– Oh... Perdão – desculpou-se ela.

Também ele o fez, tirando o chapéu ensopado. Ela tinha um lenço amarrado à cabeça e um vestido claro com um avental de

xadrez a cobrir-lhe a parte da frente.

Yuri ficou surpreso ao reconhecê-la, sem margem para dúvidas, como a rapariga que tinha interferido na altercação com os SA e Axel Laufer. Também ela o reconheceu, mas desviou imediatamente o olhar; contornou-o e saiu para a rua.

Yuri manteve-se no interior do vestíbulo, a ver, atônito, como ela se debruçava para o interior do carro. Pôs os olhos nas sinuosas curvas do seu traseiro e não pôde deixar de pensar que era perfeito. Apagou a expressão embevecida do rosto quando ela se virou com duas malas pesadas.

– Permita-me que a ajude – reagiu, cavalheiresco.

– Não é preciso. Posso levá-las sozinha, obrigada.

Começou a dirigir-se às escadas, olhando-o de soslaio.

– Tem de levar tudo o que está no carro?

– Sim – respondeu ela, sem parar, quando começava já a subir o primeiro lanço da escadaria. – Farei várias viagens.

Yuri pôs novamente o chapéu, saiu para o exterior e agarrou na caixa mais volumosa e pesada que viu dentro do veículo, antes de subir atrás dela. Ao chegar ao patamar do segundo andar, encontrou a porta aberta. Entendeu que era ali que tinha de deixar a caixa. Não podia acreditar que aquela mulher ia tornar-se sua vizinha.

Entrou na antessala no preciso momento em que ela surgia do corredor.

– Já lhe disse que não preciso de ajuda.

– Mas eu não posso permitir. Onde deixo isto?

Ela fitava-o, de braços nas ancas. Estreitou os lábios e Yuri fez-lhe um sinal para dar a entender que a caixa era pesada.

– Está bem. Entre. – Deu meia-volta e seguiu pelo longo corredor até chegar ao salão. Tudo parecia novo. Havia várias cestas com peças de loiça mal-arrumadas. – Deixe-a aí mesmo – disse ela, indicando-lhe um espaço livre no chão.

Desceram para ir buscar o resto das coisas e, quando terminaram de carregar a última bagagem, já no patamar, Yuri voltou a tirar o chapéu para se despedir.

– Lamento, não me apresentei, o meu nome é Yuri Santacruz. – Estendeu-lhe a mão. – Vivo nas águas-furtadas.

Ela olhou-o, esboçou um sorriso e apertou-lhe a mão.

– Claudia Kahler. Obrigada pela ajuda.

Antes que as suas mãos se soltassem, Yuri lançou-lhe a pergunta, franzindo o sobrolho, com uma expressão calculada.

– Desculpe, mas... conhecemo-nos?

– Impossível – sentenciou ela, soltando-lhe imediatamente a mão.

– Tem a certeza? Eu acho que...

– Absoluta – cortou ela, taxativa. – Nunca o vi na minha vida.

Yuri decidiu ceder e não insistiu.

– Se precisar de alguma coisa de mim, já sabe onde me encontrar – acrescentou, em jeito de despedida.

Claudia observava-o com curiosidade. Estava ensopada. Tirou o lenço da cabeça e algumas madeixas de cabelo louro caíram-lhe sobre a testa húmida. Afastou-as, limpando o rosto com a manga. A Yuri, pareceu-lhe extraordinariamente bela; virou-lhe as costas e começou a subir as escadas em direção ao seu estúdio.

– Espere.

Yuri parou ao ouvir a sua voz. Ao virar-se, viu-a encostada à soleira da porta, de braços cruzados sobre o regaço e com o lenço molhado na mão.

– Apetece-lhe um café? – perguntou ela afavelmente. – Acho que o mereceu.

Ele assentiu. Viu naquilo uma oportunidade para sondar um pouco mais os pensamentos da mulher.

Entraram na ampla cozinha, muito similar à da senhora Metzger, mas mais moderna. Sobre as bancadas brancas amontoavam-se caixas de copos, pilhas de pratos por arrumar, taças ainda embrulhadas em papel, caçarolas, frigideiras. Algumas das portas dos armários estavam abertas. Claudia fechou-as a todas.

No centro, havia uma mesa branca de madeira rodeada por quatro cadeiras. O ambiente era acolhedor e agradável. Tudo cheirava a novo.

– Desculpe a desorganização. Se soubesse que montar uma casa era tão complicado, teria pensado duas vezes antes de me casar. – Movia-se pela cozinha com ar distraído. – Acho que jamais conseguirei pôr tudo isto em ordem.

– Entendo, então, que acaba de se casar.

– No sábado. O meu marido é um homem muito ocupado e tivemos de renunciar à lua de mel. Adiada para o verão... Foi o que ele me disse, mas não tenho ilusões. Se ganharmos as eleições, não voltarei a vê-lo – disse ela, deleitando-se com o exagero.

– Quem acha que vai ganhar?

– Hitler, claro – afirmou ela. – O partido nazi está pronto para tomar as rédeas deste país. Tudo correrá melhor na Alemanha quando o *Führer* estiver no comando.

Enquanto falava, procurava a cafeteira no meio daquele caos. Quando a encontrou, encheu-a de água, deitou lá o café e pô-la ao lume.

– Tem a certeza?

Ela parou bruscamente e virou-se para ele, surpreendida pela dúvida.

– É claro que tenho. O senhor não?

– Não estou tão convencido como a senhora... Na verdade, desejo que perca.

– Não será comunista? – perguntou ela, sobressaltada.

– Naaaão – respondeu Yuri, rindo à gargalhada. – De modo algum. Não poderia sê-lo, sofri-o na própria pele. Não sou, mas também não me convencem os métodos do nacional-socialismo. Gosto da democracia.

– A democracia tem muitas brechas por onde o povo se vai esvaindo em sangue pouco a pouco. Veja como está a Alemanha desde que temos democracia, cada vez mais afundada.

– O problema é esse: a perfeição que os totalitarismos podem chegar a alcançar, qualquer deles, seja de que tipo for.

– O nazismo não é totalitário, é a única forma de unir o povo alemão para conseguir criar uma Alemanha forte, uma potência mundial. É isso o nazismo.

– Só o tempo dirá se tem razão, ou se sou eu que a tenho.

Claudia fitava-o com uma fixidez insistente, como se estivesse a analisar as suas palavras.

– De onde é o senhor? Não é certamente de cá, denunciavam-no o apelido e o sotaque, ainda que o seu alemão seja quase perfeito.

– Sou espanhol... Bem, na realidade, sou russo, nasci na antiga São Petersburgo.

– Há quanto tempo está em Berlim?

– Desde o início do ano.

– E o que faz em Berlim um espanhol nascido na Rússia?

– Trabalho na embaixada espanhola.

Claudia tirou o avental e pendurou-o num cabide que havia atrás da porta. Yuri tinha pousado o sobretudo e o chapéu numa cadeira, mas mantinha-se de pé.

– Sente-se, por favor – pediu ela, enquanto lavava duas chávenas que tinha desembrulhado de entre um monte de papéis.

Antes de se sentar, Yuri dirigiu-se ao lava-loiça.

– Posso? – perguntou, mostrando-lhe as mãos sujas de carregar os pacotes.

– Claro. – Claudia estendeu-lhe uma barra de sabão. – Vou buscar uma toalha.

– Um desses panos serve – disse Yuri, apontando com o queixo para um monte de panos de cozinha perfeitamente dobrados em cima da bancada.

Enquanto se lavava, olhou-a de soslaio. Tinha uma beleza estranha, uma combinação de força e delicadeza; o seu rosto redondo, de feições perfeitas, os lábios carnudos e rosados, os dentes brancos e bem alinhados que se destacavam quando sorria. O tecido húmido do vestido colava-se ao seu peito, vincando a suave curva dos seios. O olhar de Yuri ficou cravado naquela ondulação. Nesse instante, como se tivesse sentido o fogo do seu olhar, Claudia virou-se para ele; os lábios traçaram um sorriso e as bochechas rosadas arredondaram-se. Yuri não podia deixar de se sentir atraído pela luz daqueles grandes olhos de um verde intenso, quase transparente.

Quando a cafeteira começou a borbulhar, um agradável aroma inundou a divisão. Sentaram-se à mesa e ela serviu o líquido

fumegante nas duas chávenas.

Yuri tirou um maço de *R6* do bolso do seu casaco; os *Ideales* que havia levado de Madrid tinham acabado na semana anterior.

– Fuma?

– O meu marido odeia o tabaco.

– Pois que não fume – replicou Yuri, mantendo a sua oferta.

Ela pegou no cigarro e levou-o aos lábios. Yuri acendeu primeiro o dela e depois o seu. Claudia deu uma longa baforada e fechou os olhos.

– Quase me tinha esquecido de como sabe bem – observou, com um suspiro de satisfação.

Durante algum tempo, deixaram-se abstrair pelo fumo emanado pelos cigarros, sem saberem o que fazer ou dizer. Foi Yuri quem quebrou o silêncio:

– Parabéns pelo seu casamento.

– Obrigada. E o senhor, tem namorada?

– Não, mas não descarto a hipótese de encontrar o amor. Talvez o faça aqui, em Berlim. Tenho vindo a comprovar a beleza da mulher alemã.

– Esqueça isso. As mulheres alemãs são para os alemães – sentenciou ela com um esgar, expectante ante a sua reação.

Yuri arqueou as sobrancelhas.

– Dizem que o amor não conhece fronteiras, e muito menos nacionalidades.

Claudia recostou-se na cadeira e cruzou as pernas. Mantinha o cigarro preso entre os dedos, o braço colado ao corpo e a mão diante do rosto, de olhos semicerrados, como que a esconder-se atrás dos sinuosos fios brancos de fumo que se erguiam lentamente até se desvanecerem no ar da cozinha.

– A Alemanha não é como os outros países. As mulheres alemãs têm a obrigação de salvaguardar a pureza da raça ariana, e para tal devem casar-se com homens arianos.

– Não será fácil, então. Com a minha mistura, não seria possível fazer com que uma mulher alemã se apaixonasse por mim.

– Nem tente.

– Há alguma lei que o proíba?

– Por enquanto não, mas talvez mais adiante.

Yuri tinha levado o café aos lábios e, durante alguns segundos, fitou-a por cima da chávena, tentando averiguar se falava a sério ou se estava a gozar com ele.

– Acredita realmente nisso? – perguntou.

– É claro que sim – replicou ela, com firmeza exagerada.

– A ideologia nazi, claro. – Yuri carregou as suas palavras de ironia.

– Uma ideologia que beneficia os alemães.

– Segundo entendo, esse benefício abrange apenas uma parte dos alemães.

– Os verdadeiros alemães.

– E quem são os verdadeiros alemães? Quem decide quem é um bom ou um mau alemão? Os camisas pardas? A esses conhece-os bem, sabe como atuam. Se, ao passearem pela rua, decidirem que um rapaz é um mau alemão, dão-lhe uma tareia, e se ainda por cima algo correr mal, atiram-lhe com as culpas e pronto... Disso percebe a senhora – insistiu ele.

– Não sei do que está a falar – replicou ela, impassível.

– Sabe perfeitamente do que falo.

Yuri fitava-a sem pestanejar, enquanto ela lhe sustinha o olhar a duras penas. Abanou a cabeça, numa tentativa de manter a dignidade.

– O senhor é estrangeiro, está cá há muito pouco tempo. Não faz a mínima ideia do que este país sofreu. Há coisas que só um alemão pode entender.

Os sentimentos de Yuri ressaltavam no seu interior como bolas de bilhar, impelidos pela força daquela mulher. Havia nela algo de contraditório, de chocante, de incompatível. Não podia deixar de sentir uma forte atração por ela, seduzido por aquela beleza como por uma beberagem capaz de anular a sua vontade, um feitiço quebrado apenas pelo seu discurso.

– O facto de ser estrangeiro não significa que seja cego, e muito menos estúpido – afirmou por fim, tentando libertar a mente da sedução do seu olhar.

– Não disse que era estúpido, digo apenas que não pode entender a revolução de que este país necessita.

– Revolução? – perguntou Yuri, com um sorriso mordaz. – Faz parte da sua revolução condenar um inocente sabendo que o é?

– Não sei do que está a falar – repetiu ela.

– Mente. Tal como mente ao dizer que não me conhece e mentiu ante a polícia.

Claudia fitava-o agora com um olhar desafiador, sem se mexer, quase sem pestanejar, como se o quisesse fulminar com a força dos seus olhos.

– Nunca o tinha visto na vida. – A voz saiu-lhe num sussurro furioso.

Yuri sentia-se cada vez mais paralisado, como se daquele olhar brotasse o fio de uma teia de aranha que se estivesse a tecer em seu redor. Tinha de acabar com aquilo, de se mexer para se libertar da taumaturgia dos olhos da mulher. Levou o cigarro aos lábios, aspirou, esmagou-o com força no cinzeiro e inclinou o corpo para a frente a fim de se aproximar mais dela e garantir que o escutava com atenção. Disse-lhe de uma assentada o que estava desejoso de lhe dizer desde que se tinha deparado com ela no vestíbulo.

– Claudia, conhecemo-nos no dia 30 de janeiro, a poucos metros daqui. Foi a senhora quem pôs termo à tarefa que nos estavam a dar, ao Axel Laufer e a mim. Muito corajoso da sua parte, e ficar-lhe-ei grato para sempre. Mas é óbvio que também foi a senhora quem acusou o Laufer do assassinato quando sabia que não era verdade.

Claudia manteve-se impávida, como se as palavras deslizassem por ela qual água da chuva sobre uma superfície impermeável.

– Não faço ideia do que está a falar.

– Um dia, descobrirei porque mente e a quem encobre à custa de um inocente. Não tenha a mínima dúvida de que não pararei enquanto não desmascarar o verdadeiro assassino para que assuma a sua culpa. – Levantou-se. – Tenho de ir. – Pegou no sobretudo e no chapéu e falou-lhe em tom amável. – Obrigado pelo café. Se um dia quiser contar-me a razão que a levou a condenar um homem inocente, sabe onde me encontrar.

Nesse momento, ouviu-se a fechadura da porta. Claudia, surpresa, consultou o relógio de pulso. Apagou o cigarro e levantou-se no exato momento em que aparecia um homem vestido com o impecável uniforme das SS, o chapéu debaixo do braço, o cabelo muito louro e comprido, exceto as partes rapadas na nuca e por cima das orelhas. O seu semblante crispou-se ao vê-los juntos.

– Ulrich... O que fazes aqui? – perguntou Claudia. – Não te esperava tão cedo.

– Bem vejo – replicou ele, num tom amargo e áspero.

O recém-chegado olhava para Yuri com uma expressão arrogante, nitidamente incomodado com a presença daquele intruso na sua cozinha.

– Trouxe algumas coisas que tinha em casa dos meus pais – acrescentou Claudia. – O Yuri Santacruz vive nas águas-furtadas e ofereceu-se para me ajudar.

Ulrich, porém, parecia não a ouvir, os seus olhos continuavam cravados em Yuri, que se mantinha de pé, com o chapéu na mão e o sobretudo pendurado do braço; Yuri lembrava-se de ter visto aquele rosto na cervejaria quando estava com Fritz. Quando Claudia o mencionou, aproximou-se de Ulrich, mostrando-se cordial. O homem era alto e magro, com o rosto quadrado e tosco, os olhos cinzentos salientes e muito abertos, como os de um mocho. Esticou o braço e estendeu-lhe a mão enquanto falava.

– Gosto em conhecê-lo, *herr*...

– Von Schönberg – esclareceu de imediato Claudia. – Ulrich von Schönberg. É o meu marido.

Ulrich estendeu a mão e os dois homens trocaram um aperto. O alemão não abandonou em momento algum o ricto sério, desconfiado. Yuri afrouxou a pressão e soltou a mão.

– Tenho de ir.

Ulrich continuava junto à porta e mal se moveu quando Yuri o contornou para sair para o corredor. Claudia seguiu-o até à porta.

– Obrigada pela ajuda – disse ao abri-la.

Já no patamar, Yuri esboçou um breve sorriso lacónico, assentiu e afastou-se em direção às escadas.

Quando ela fechou a porta, Yuri abrandou a subida e manteve-se alerta, mas ouviu apenas o silêncio.

Do outro lado da porta, Claudia regressou à cozinha. Ulrich tinha pousado o chapéu em cima da mesa e olhava para as duas chávenas quando ela apareceu.

– O que significa isto? – perguntou.

Ela recolheu as chávenas, levou-as para o lava-loiça e pôs-se a lavá-las, de costas para ele.

– Já te disse, ajudou-me a trazer as malas do carro e convidei-o a tomar um café. Pareceu-me o mais correto. – Falava sem o fitar, mas sentia os seus olhos cravados nela como duas afiadas gazuas. Pousou as chávenas, limpou as mãos ao mesmo pano que Yuri tinha utilizado e virou-se para o marido, que continuava plantado no meio da cozinha à espera de uma explicação. Claudia encostou-se à bancada e cruzou os braços, como se lhe fosse dizer algo transcendente. – Foi ele que defendeu o Axel Laufer. Reconheceu-me, sabe que fui eu que testemunhei contra ele.

– Eu sei.

– Conhecia-lo? – perguntou ela, surpreendida.

– O meu pai contou-me que ele esteve na esquadra há um par de semanas, a tentar testemunhar a favor desse tal Laufer... O grande imbecil. O que lhe disseste tu?

– Neguei conhecê-lo. Mas ele sabe. E se me reconheceu a mim, pode reconhecer o meu irmão.

– O meu pai acha que não nos devemos preocupar demasiado. É um infeliz com pretensões de justiceiro. Se se revelar incómodo, será fácil desfazermo-nos dele.

– Vive neste mesmo edifício, vou cruzar-me com ele muitas vezes. – Claudia fez uma breve pausa. – Achas que pode trazer problemas ao Franz?

– O teu irmão já é um problema. Meteu-se num bonito sarilho. Tenho de fazer algo com ele.

– A culpa não foi do Franz, já te disse. Ele apenas se defendeu.

– Matou o filho de um dos melhores amigos do *Führer*, não entendes? Hitler está furioso, via o Peter como um filho. Quer um culpado. – Taciturno, a sua veemência acelerou-lhe a respiração, movendo-lhe rapidamente as narinas numa tentativa de apanhar ar. – Se se sabe que foi o meu cunhado quem matou o Peter von Duisburg, terei de dar muitas explicações. E não me agrada ter de me justificar por erros alheios.

– O que foi feito dos outros rapazes? Os que estavam na luta? Eles também foram testemunhas.

– Já me encarreguei deles – sentenciou Ulrich. – O único a quem temos de vigiar de perto é este estrangeiro. Pensando bem, não é assim tão mau que viva aqui. Assim, tê-lo-emos mais controlado.

– É meio russo e meio espanhol. Pode ser um espião.

– O que sabes tu de espiões? – perguntou Ulrich, com um esgar displicente. – Mantém-te longe dele. E deixa o resto nas minhas mãos, está bem?

– Vou tentar, ainda que passe por uma vizinha antipática e mal-educada – acrescentou ela, em tom de gracejo.

Ulrich fitou-a por algum tempo. Finalmente, aproximou-se da esposa com um sorriso ladino e acariciou-lhe as faces, envolveu-lhe a cintura com os braços e puxou-a para si. Beijou-a nos lábios e afastou-se imediatamente, contrariado.

– Voltaste a fumar?

– Não é fácil parar, já te disse. Além do mais, gosto de fumar – acrescentou, com um laivo de desafio.

Ulrich fitou-a por alguns segundos, fulminando-a com o olhar, mas a censura foi afogada pelo desejo. Beijou-a de novo nos lábios e ela deixou-se levar.

A excitação de Ulrich rebentava à medida que as suas mãos pareciam multiplicar-se por cada recanto do corpo submisso de Claudia, os seus lábios lascivos percorrendo-lhe o pescoço e o peito, avassalador como sempre; com uma pressa desajeitada, levantou-lhe a saia até à cintura e arrancou-lhe as cuecas. Em seguida, baixou as calças até aos tornozelos. Sem tréguas, encostou-a à mesma mesa onde ela ainda há pouco tinha estado a

tomar café com Yuri. De costas sobre a madeira, com o corpo de Ulrich entre as pernas, a sentir as investidas, Claudia fechou os olhos e, sem poder evitar, excitou-se a pensar no seu vizinho espanhol.

Claudia Kahler e Ulrich von Schönberg tinham-se conhecido quatro anos antes. Ele reparou nela de imediato; ela resistiu aos seus encantos durante muito tempo, convertendo-se assim num desafio. Ulrich tinha-se formado como piloto da *Luftwaffe* nas bases russas estabelecidas em meados dos anos vinte, bases secretas com que o exército alemão contornava o tratado de Versalhes, mas teve de deixar de pilotar quando um acidente lhe afetou a mobilidade de um braço. Graças aos contactos do seu pai, entrou sem dificuldade para as SS e ascendeu rapidamente até se tornar um dos assessores do *Reichsführer* SS Himmler.

Mais difícil foi conquistar o coração de Claudia. Enviava-lhe flores todos os dias, convidava-a para os melhores palcos do teatro e da ópera, oferecia-lhe presentes caros, levava-a aos restaurantes mais finos da cidade, passeava-a no seu esplêndido *Adler* descapotável. Claudia sentia-se confortável na sua companhia: era educado, atencioso, bom conversador, embora pecasse por excesso de seriedade, demasiado altivo, sempre com o seu uniforme, como se estivesse de serviço vinte e quatro horas por dia. Não era que lhe desagradasse aquele férreo sentido do dever, pelo contrário, parecia-lhe adequado a um homem da sua posição, mas ela preferia divertir-se – jogar ténis, ir a festas, viver sem outras preocupações além de saber que vestido usar ou escolher o perfume adequado – e admitia que às vezes se aborrecia soberanamente ao lado dele.

Durante esse período, Ulrich, astuto e paciente, não se limitou a tentar vencer a resistência de Claudia ao compromisso; agiu também no sentido de conquistar a graça incondicional da sua família. Visitava-os frequentemente, levava-lhes presentes, facilitava-lhes a vida em tudo o que estivesse ao seu alcance. Franz, o irmão de Claudia, três anos mais novo do que ela,

estudava engenharia sem grande sucesso, era um pateta preguiçoso, toscamente impulsivo e superficial, e a sua tendência para se rodear de más companhias precipitava-o numa negra deriva. Tal atitude errática resolveu-se com a entrada de Ulrich nas suas vidas. Com muita habilidade, Ulrich sugeriu a Franz que se juntasse às tropas de assalto: teria um bom salário, e prometeu-lhe que em pouco tempo lhe proporcionaria uma promoção. O irmão de Claudia aceitou e vestiu o uniforme pardo. Ao fim de poucos meses, no dia em que completava vinte anos, Franz foi nomeado *Truppführer*, com duas insígnias abotoadas ao pescoço. Essa promoção gerou bastantes ciúmes entre muitos dos seus companheiros, que a consideraram um tratamento privilegiado a um rapaz demasiado novo, visceral e desprovido de autoridade. Ante as críticas, Franz refugiou-se sob a proteção de Ulrich, convertendo-se a partir de então no seu fiel e leal escudeiro.

Quanto aos pais de Claudia, Herbert e Erika Kahler – ele um medíocre cardiologista e ela uma ambiciosa elitista –, o sentimento foi díspar desde o início. Onde Herbert via reticências – a filha era a menina dos seus olhos e via naquele jovem um tanto controlador e sete anos mais velho do que ela o fim dos seus sonhos de a ver convertida em médica –, a esposa via a possibilidade de chegar a mover-se na alta sociedade berlinense. Há já sete anos que Erika estava filiada no Partido Nacional-Socialista de Hitler e sentia-se entusiasmada com aquele homem, com aquela maneira de falar, de se expressar, de cativar as massas. Durante algum tempo, tinha trabalhado como funcionária do serviço postal; aí, conheceu Trude Mohr, com quem colaborou na fundação do ramo feminino das Juventudes Hitlerianas, a fim de ensinar às jovens alemãs a tradição e o papel das mulheres na sociedade, além do ideário nazi. Foi numa das receções organizadas por altos cargos das Juventudes Hitlerianas, a que assistiam também as chefias da Liga das Jovens Alemãs, que conheceram Ulrich von Schönberg. Erika mostrou-se encantada com ele desde o primeiro momento e esforçou-se muito para lhe facilitar as coisas ante a resistência inicial da sua filha, além de preparar o terreno para que o marido caísse nas suas redes. Tanto Erika como Ulrich se usaram

mutuamente para os seus próprios interesses. Para Erika, a ideia de se relacionar com a família Von Schönberg implicava a tão desejada ascensão social. Por isso, com sábia e sibilina insistência, acabou por convencer a filha do bom partido que aquele homem era e de como estava apaixonado por ela.

O compromisso do casal foi oficializado com uma grande festa em casa dos Von Schönberg, a que assistiram, entre outros, figuras já eminentes do partido, como o casal formado por Magda e Joseph Goebbels, encarregado da comunicação como ferramenta de promoção do partido e que pouco tempo depois seria nomeado Ministro da Propaganda no primeiro governo de Hitler. A personalidade e o estilo que Magda Goebbels respirava tiveram um grande impacto em Erika Kahler, que ficou desde então rendida aos seus encantos. Seguiu-a descaradamente para todo o lado, como um cão de colo, e graças à sua hábil insistência em tudo aquilo a que se propunha, conseguiu entrar para o círculo mais íntimo de Magda, não tanto pela empatia que esta sentia por ela, mas porque Erika Kahler lhe prestava uma panegírica vassalagem, o que agradava muito à altiva senhora Goebbels.

O casamento, celebrado a 18 de fevereiro desse ano, transformou-se num evento social, uma mistura de dirigentes do partido nazi com os mais sofisticados e influentes membros da alta sociedade berlinense. Adolf Hitler ofereceu aos recém-casados uma edição especial de *A Minha Luta* com encadernação de luxo e em papel-bíblia, dedicada e autografada pelo autor, o que, na opinião de Erika, lhe dava um valor incalculável.

Ambos bonitos, louros, de olhos claros e pele alva, fortes, saudáveis. Dizia-se que representavam o perfeito casal ariano. E ela tinha chegado a acreditar nisso.

Princípio do silenciamento

Calar as questões sobre as quais não se têm argumentos e disfarçar as notícias que favorecem o adversário,

contraprogramando também com o auxílio de meios de comunicação afins.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Os acontecimentos na Alemanha precipitavam-se como uma cascata incontável. As eleições convocadas para o dia 5 de março foram precedidas por uma ocorrência insólita que alterou por completo a marcha da campanha eleitoral, sobretudo para os membros dos partidos de esquerda opositores ao onnipresente partido nazi. Na noite de 27 de fevereiro, um incêndio claramente intencional arrasou o Reichstag. Marinus van der Lubbe, um comunista holandês, foi detido e acusado de provocar o fogo, o que foi utilizado por Hitler como prova irrefutável da existência de uma conspiração bolchevique orquestrada com o objetivo de tomar o poder à força através de uma revolução violenta. Ante o perigo iminente, o chanceler convenceu o Presidente da República, o velho Hindenburg, a aprovar um regime de exceção, mediante o qual ficavam sem efeito alguns dos direitos constitucionais, como a liberdade de imprensa, de expressão e de reunião, bem como o segredo postal e telefônico, o que conferia aos polícias plenos direitos para realizar buscas domiciliárias, detenções e apreensões sem mandado judicial prévio. Um dos detidos foi o advogado Hans Litten; tinha começado o seu calvário pessoal.

A campanha eleitoral viu-se adulterada, pois os partidos marxistas ou de cariz comunista foram proibidos de realizar comícios ou qualquer propaganda eleitoral, além de que os respetivos dirigentes continuavam, na sua maioria, detidos sem causa justificada, como medida de prevenção.

O partido nazi ganhou as eleições, mas sem chegar ao seu objetivo, que era obter a maioria absoluta. Com a desculpa de romper a paralisia de ingovernabilidade que há três anos assolava o Reichstag, Hitler procurou formar coligações com as forças políticas conservadoras, de centro e também com os católicos, desejosos de formar uma frente comum contra a ameaça

comunista. Ante a impossibilidade de utilizar o edifício do Reichstag, o Parlamento reuniu-se na Ópera Kroll, junto à Königsplatz: um teatro que se revelou perfeito para a encenação daquela peça maquiavélica estreada por Adolf Hitler. A disposição adaptava-se ao que seriam no futuro os trâmites parlamentares: no palco, os membros do governo, os secretários e o presidente do Parlamento, Hermann Göring, nomeado por Adolf Hitler e um dos seus homens de confiança. Os deputados ocupavam a plateia, o corpo diplomático foi colocado na tribuna de honra e os convidados e a imprensa dividiam-se entre os restantes camarotes, o anfiteatro e a segunda galeria. Os únicos atores naquela tramoia eram os que ocupavam o palco: o governo e o seu presidente.

Yuri viria a assistir a essa sessão parlamentar inaugural do dia 23 de março na companhia de Fritz, e seria testemunha direta de como se desenvolveu nela um complexo debate sobre a aprovação da chamada lei da habilitação, em virtude da qual o Reichstag concedia, na prática, o poder absoluto a Hitler. Após exaltados debates e ameaçadoras arengas dos representantes do partido nazi contra todos aqueles que se opusessem à proposta apresentada pelo chanceler, a lei seria aprovada e as coisas que antes se intuía começaram a tornar-se cada vez mais visíveis. A República de Weimar, cujo único baluarte era o velho e exausto Hindenburg, cedia temerariamente terreno a um novo regime em que o poder se acumulava em torno de um só homem, Adolf Hitler, apoiado por um só partido, o partido nazi. Fritz ficaria desolado ante as evidências e Yuri começaria a tomar consciência dos perigos que se abatiam sobre a Alemanha.

A amizade que se forjou entre ambos revelou-se um aliciante para Yuri. Os dois amigos encontravam-se frequentemente a meio da tarde e podiam ficar a conversar até ser já noite avançada. Costumavam marcar encontro numa cervejaria perto da estação de Friedrichstrasse e acabavam sempre em casa de Fritz, com Nicole a partilhar o seu ponto de vista enquanto americana; fumavam e bebiam vinho espanhol ou xerez que Yuri conseguia graças aos

contactos do seu chefe na embaixada. Aquelas vigílias eram muito reconfortantes para ele. Era a primeira vez que sentia algo que se assemelhasse a amizade.

Embora soubessem do paradeiro de Hans Litten na prisão de Spandau, detido durante as rusgas da polícia em consequência do incêndio do Reichstag, não tinham conseguido achar o rasto de Axel Laufer, por mais que tivessem tentado. Era como se a terra o tivesse engolido, ninguém sabia nada dele, nem sequer onde estava detido.

Desde o dia seguinte a terem-no levado à força que, todas as manhãs, bem cedo, Dora Laufer ia à esquadra para perguntar pelo filho, e recebia sempre a mesma resposta: não sabiam nada sobre nenhum Axel Laufer. Ela insistia, imune ao desalento. Tratavam-na com desprezo, como se fosse uma louca, mas Dora não se rendia e, na manhã seguinte, voltava a formar fila juntamente com outras mães, outras esposas, outras irmãs, mulheres de rosto aflito que tentavam conhecer o destino dos seus filhos, maridos, irmãos; mulheres que exigiam saber onde estavam os seus homens.

O senhor Laufer, por sua vez, consertou os danos na farmácia. Cobriu com cartões os buracos no vidro da porta e da montra, à espera que os reparassem, e uma vez organizado o interior, o boticário armou-se de coragem e abriu o negócio. De vez em quando via grupos de jovens, rapazes e raparigas das Juventudes nazis, que pareciam patrulhar a sua rua; às vezes, plantavam-se à porta da farmácia, sentados no degrau da entrada, o que dificultava a passagem da clientela, cada vez mais depauperada. De repente, ninguém parecia ter nenhuma doença que curar. Dos poucos que continuavam a entrar, alguns eram amáveis e davam-lhe ânimo, defendiam a teoria de que aquilo não tardaria a passar e alentavam-no a que não se preocupasse, mas Julius Laufer notava uma mudança no tratamento. Entravam timidamente, faziam as suas compras a olhar para a rua, como se estivessem a fazer algo mau, digno de vergonha; evitavam encetar conversas, para grande pena de Julius, que gostava de perguntar pela família e de se mostrar afetuoso com os seus clientes. Alguns houve que lhe ligaram por telefone para pedir desculpa; com pesar e em voz

baixa, diziam-lhe que lamentavam muito mas que não lhes restava alternativa, pois tinham as suas famílias, os seus negócios, os seus trabalhos, tendo recebido ameaças para que deixassem de ser clientes da farmácia. Julius Laufer tentava tirar importância ao assunto, procurando aliviar as suas consciências da culpa.

Dora também teve a sua parte. Logo desde a manhã da detenção de Axel, começou a receber chamadas de clientes a cancelar encomendas de roupa, algumas já começadas, com os tecidos comprados e pagos por ela, ou a exigir a roupa que lhe haviam levado para arranjar, não importava que o trabalho ainda não estivesse terminado, queriam a devolução de imediato. Algumas clientes de toda a vida nem sequer lhe pagaram o que deviam pelos arranjos já realizados: recolheram as suas peças e partiram muito ufanas, como se tivessem resgatado os seus vestidos de um local empestado. Tal como ocorria com o seu marido, poucas foram as que mantiveram a confiança para o arranjo das suas roupas nas hábeis mãos de Dora. Nenhum dos dois alertou o outro para as desfeitas sofridas; tentando minimizar a própria aflição, guardavam cada desplante como um segredo inconfessável.

Mas o mais grave para os Laufer ainda estava para vir. Duas semanas após o desaparecimento de Axel, apresentou-se na farmácia um homem gordo, careca, de olhos pequenos e escuros, vestido com um fato às ricas e uma gabardina, chapéu cinzento e mãos enluvadas. Disse representar um tal Hendrich, também farmacêutico. Explicou-lhe que o senhor Hendrich tinha um filho que acabava de se licenciar em Farmácia, um rapaz brilhante e com futuro, afirmou. Laufer pensou que aquele homem estava ali com a pretensão de que ele contratasse o rapaz como ajudante para a sua aprendizagem. Não tinha necessidade disso, mas ouviu-o com condescendência, ainda assim. Estava prestes a despachá-lo quando o indivíduo tirou do bolso do casaco um cheque bancário com um valor irrisório.

– Compro-lhe a farmácia.

O senhor Laufer, surpreendido, esboçou um esgar de estranheza.

– Desculpe, cavalheiro – disse, tentando ser amável –, mas não tenho intenção de vender a minha farmácia. É a minha forma de vida e não a abandonaria nem por todo o ouro do mundo. Ainda me faltam alguns anos para a reforma e penso continuar agarrado ao batente enquanto as forças mo permitirem.

O outro não respondeu. Levantou-se, com o rosto sério, agarrou no cheque, guardou-o e partiu, mas voltou no dia seguinte. A correção e a amabilidade do primeiro dia tinham desaparecido. Sem dizer uma palavra, pôs-lhe na mesa outro cheque com metade do valor que lhe tinha oferecido no dia anterior, um preço ridículo, em todo o caso, para uma farmácia em pleno rendimento e com uma boa clientela, pelo menos até àquele momento. Mas o pior não foi o descaramento da miséria que lhe oferecia, e sim a advertência que acrescentou ao cheque: a cada dia que recusasse a oferta, o preço baixaria. Sem nunca perder as boas maneiras, Julius Laufer insistiu que não tinha intenções de vender o estabelecimento e pediu-lhe, com extrema educação, que esquecesse o assunto. A cada recusa, o homem partia para regressar no dia seguinte. E assim durante uma semana inteira, com uma oferta cada vez mais baixa e uma atitude de sibilina agressividade, algo que desconcertava profundamente o boticário.

As coisas complicaram-se ainda mais quando certa manhã, bem cedo, apareceram em casa dos Laufer dois homens de fato e gravata a exigir a presença de Dora na esquadra. Precisavam que fosse prestar declarações sobre um assunto do qual não a informaram. Foi tudo muito rápido, demasiado para os aturdidos Laufer. Julius quis acompanhá-la, mas não lho permitiram. Levaram-na aos empurrões, vestida com o roupão acolchoado que cobria a camisa de noite; tiveram de arrastá-la, pois ela recusava-se a ir sozinha, com o susto, o medo e a incredulidade refletidos no rosto. Julius não sabia o que fazer, ia atrás dela, implorando que o deixassem ir, até que, na rua, ao introduzi-la no carro, um dos homens se virou para ele e o empurrou com tanta força que o fez perder o equilíbrio, deixando-o sentado numa poça. Estendido nas pedras molhadas, quebrado pela impotência de não conseguir fazer

nada, manteve o olhar fixo no veículo que se afastava, levando a sua querida esposa.

Com os olhos inundados pelo choro, Julius tentava levantar-se quando sentiu que uma mão o agarrava e lhe servia de apoio. Ao erguer o olhar para agradecer o gesto, deparou-se com o sorriso ladino do insistente comprador.

– Sente-se bem, *herr* Laufer?

O farmacêutico não respondeu e rejeitou a mão estendida. Soluçando como uma criança, conseguiu finalmente pôr-se de pé. Cambaleante, sem prestar atenção àquele homem cuja presença era como um pesadelo horrível, dirigiu-se à entrada. Tiritava, não só de tristeza e desespero, mas também por estar cheio de frio; estava descalço, perdera os chinelos ao correr atrás da esposa e o tecido do seu fino pijama estava ensopado, colando-se-lhe ao corpo com uma fria e desagradável sensação. Ao chegar à porta de casa, que tinha ficado escancarada, entrou e, quando ia a fechá-la, descobriu que o seu pesadelo o havia seguido.

– Vá-se embora, por favor, não posso atendê-lo agora – balbuciou, trémulo. – Agora não... Acabam de levar a minha esposa e não sei o que fazer.

– Não tem por que se preocupar, *herr* Laufer, eu posso ajudá-lo. Tenho bons contactos. Se me pedir, farei uma chamada e garanto-lhe que, em menos de uma hora, a senhora Laufer estará de volta e toda esta situação terá terminado.

Dolorido e subjugado pelos acontecimentos, o senhor Laufer fitou-o como se estivesse perante o diabo em pessoa.

Dora Laufer regressou ao fim de duas horas, depois de o senhor Laufer ter assinado um contrato de venda não só da sua farmácia, mas também da casa onde viviam e de todos os móveis. A única coisa que podia retirar eram os utensílios pessoais e a roupa, tudo o resto entrava na venda. Tinham um prazo de vinte e quatro horas para abandonar o apartamento. Tudo pelo preço de um único marco.

Princípio do exagero e da desfiguração

Transformar qualquer historiúncula, por mais pequena que seja, numa ameaça grave.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Pela janela do carro, Yuri observava o extenso parque de Tiergarten, um arvoredo no coração da cidade que ainda guardava as cores frias do inverno. Estavam a 24 de março, o dia seguinte à constituição do Parlamento.

Erich Villanueva ia ao volante do lustroso *Mercedes Benz Mannheim Cabriolet* descapotável de cor grená. O interior ainda cheirava a novo, a pele recém-curtida, ao verniz das madeiras com que eram rematados os detalhes daquele luxuoso veículo. Parecia satisfeito, orgulhoso: o barulho do motor soava-lhe a uma música celestial, o conforto na condução e a perfeição dos acabamentos confirmavam-lhe que os alemães sabiam fabricar automóveis de qualidade.

– O que te parece, Yuri? Não me digas que não é uma delícia conduzir esta máquina.

– Não duvido – replicou ele, exultante. – Deve ser uma verdadeira maravilha.

– Gostarias de ter um assim?

– Quem não gostaria? Mas acho que, no meu caso, chamaria demasiado a atenção.

– E não gostas de chamar a atenção? As mulheres caíam rendidas aos teus pés.

– Talvez tenha razão – concluiu Yuri, com um sorriso satisfeito.

Villanueva lançou-lhe um olhar rápido.

– Já é mais do que tempo de teres um veículo próprio.

– Não tenho rendimentos para isso, bem sabe. O salário da embaixada só dá para pagar a renda à *frau* Metzger e pouco mais. E as duas viagens que fiz à Suíça deram-me apenas um pouco de folga.

– Tem paciência, Yuri. Por agora, deixar-te-ei conduzir o meu antigo *Ford*. Não gostaria de o vender, e se o deixar estacionado vai degradar-se.

– A sério que me vai deixar usar o seu carro? – perguntou Yuri, sem conseguir acreditar.

– Desde que trates dele como merece.

– Não duvide. – Os seus lábios abriram-se num grande sorriso.

– Agradeço-lhe imenso. Não sei o que dizer. – Falava com entusiasmo, entre a incredulidade e a alegria. – Garanto-lhe que cuidarei dele com todo o esmero.

– Dar-te-á mais liberdade – insistiu Villanueva. – Ainda esta semana, poderás fazer quilómetros com ele. Há um trabalho que te dará um belo avanço para ficares mais perto de um bom carro.

– Outra mala? – Apesar dos receios iniciais, havia agora um laivo de satisfação no seu tom.

– Desta vez, além da mala, terás de te fazer acompanhar por duas pessoas.

– Duas pessoas?

– Há gente que precisa de sair do país com alguma urgência, mas para quem, por alguma razão que não nos diz respeito, é muito complicado fazê-lo.

– Refere-se a judeus? Ouvi dizer que muitos pretendem abandonar a Alemanha, pelo menos por algum tempo.

– Desta vez não são judeus, são alemães arianos, ainda que com o grave inconveniente de terem ideias próprias. Trata-se de um casal. O homem dirige uma importante empresa de móveis. E teve a ideia de assinar um manifesto contra as leis que estão a acabar com a democracia de República de Weimar.

Yuri assentiu, sabia a que manifesto se referia, pois tinha falado dele com Fritz Siegel. Villanueva continuava a falar:

– Foram mais de cem os signatários, catedráticos, escritores, empresários, médicos, advogados, judeus e não judeus, gente comprometida com uma causa perdida nestes tempos. – Soltou a mão direita do volante e agitou-a, como que a ganhar impulso para continuar. – Todos os signatários tiveram problemas. Muitos foram detidos, acusados de serem derrotistas, os restantes foram

afastados dos seus postos de trabalho ou ficaram sem forma de ganhar a vida; outros morreram em circunstâncias estranhas, acidentes, suicídios. Há um livreiro que se esfumou da face da terra, desaparecido quando regressava da sua livraria. Nunca chegou a casa; encontraram o carro dele estacionado numa rua perto do seu domicílio, com os seus pertences intactos, mas nada se sabe do paradeiro dele. Os poucos que se safaram foi porque saíram da Alemanha a tempo ou porque estão escondidos; e é esse o caso. O casal que tens de levar para a Suíça está escondido.

– Na embaixada?

– Não propriamente. E por hoje basta de perguntas. Saberás todos os pormenores a seu tempo. Agora, desfrutemos desta festa.

O carro avançou por Dahlem até parar diante de uma das suas esplêndidas mansões de pedra.

– Aqui vais conhecer gente muito interessante – indicou Villanueva. – Quero que prestes atenção a tudo. Fala pouco, é sempre melhor escutar, e ainda mais nestes ambientes em que todos perdem um pouco o controlo da língua. É importante que entendas isto: nada de opiniões próprias inconvenientes nem de agir como se fosses um jornalista em busca de informação. Aqui, a Alemanha é o centro, e nós estamos nele. Entendido?

– Não se preocupe, Villanueva, serei o convidado perfeito.

Dois criados fardados abriram as portas a ambos. Yuri desceu do carro, ajustou os punhos da camisa, ajeitou a faixa de cetim à cintura e certificou-se de que o laço estava direito. Ficava bem de *smoking*; tivera de o mandar fazer a um alfaiate em tempo recorde e ia pagá-lo em cómodas prestações, tudo graças ao aval de Villanueva, que o tinha avisado com apenas uma semana de antecedência da sua ida imprescindível àquela festa. Vieram-lhe à memória lembranças da sua infância, quando a mãe se apearaltava para ir a alguma receção ou ao teatro e, antes de saírem, ajeitava o *smoking* do pai. Comoveu-se, enredado na imagem encantadora: os pais a sorrir, felizes, num mundo de sonho já desaparecido. Estava convencido de que, se a mãe o visse vestido com aquele *smoking*, sentir-se-ia muito orgulhosa dele.

Yuri inspirou o ar húmido e fresco do entardecer. Nas suas costas ouvia Villanueva a dar instruções ao criado sobre como manobrar o automóvel. Enquanto esperava, deu uma olhadela ao imponente palacete que se erguia em dois andares diante dos seus olhos, com grandes janelões simétricos que conferiam harmonia à fachada, rodeada por uma cerca de grades de ferro sobre um muro de tijolo. Acedia-se ao jardim por uma cancela de ferros curvados e, através de um caminho de terra, chegava-se à base de uma escadaria em mármore branco. A porta da casa estava aberta de par em par, e no alpendre que a precedia amontoavam-se vários homens e algumas mulheres, todos em traje formal, à espera de que os deixassem entrar. Era evidente que o acesso era restrito. Postados no umbral, dois lacaios elegantemente vestidos verificavam a identidade de cada convidado. Ninguém entrava se o seu nome não estivesse na lista que um deles segurava. Assim, Yuri ficou surpreendido por, ao chegar a vez de ambos, os dois lacaios se porem imediatamente em sentido diante de Villanueva, fazendo uma saudação nazi a que o secretário de comunicação respondeu sem grande entusiasmo e deixando-o depois passar.

– Ele vem comigo – anunciou Villanueva, entrando no salão com ar marcial.

Yuri seguiu-o sem que ninguém o impedisse. Via-se que era conhecido naquela casa. Havia vários grupos e ouvia-se um murmúrio constante de vozes e risos.

No enorme vestíbulo, Villanueva cumprimentou várias pessoas ignorando a presença de Yuri, que, discreto, se manteve de lado. Entraram num salão muito amplo cheio de gente dividida em grupos, a maioria de pé, embora também houvesse algumas pessoas sentadas nos cadeirões e poltronas distribuídos por vários cantos. A madeira do soalho brilhava sob os sapatos de verniz dos cavalheiros e os finos tacões das damas; os tetos altos conferiam grandiosidade à divisão; um grande janelão percorria a parte frontal que se abria para um jardim, estando as restantes paredes requintadamente revestidas a damasco. Ao centro, um músico de fraque alegrava a festa sentado às teclas de um piano de cauda.

Villanueva parecia muito confortável naquele cenário. À medida que avançavam, ia parando junto de um ou outro conhecido, cumprimentavam-se com um aperto de mãos ou um *Heil Hitler!*, trocavam um par de frases, às vezes de forma aberta, outras num tom mais confidencial, em voz baixa. A cada dia que passava, Yuri admirava mais aquele homem, que se esforçava por lhe tornar a vida mais agradável.

A determinada altura, Villanueva virou-se para ele e falou-lhe ao ouvido:

– Vou apresentar-te alguém que talvez te interesse. Trabalha há bastante tempo na embaixada russa. Trata-se de Vadim Sokolov. Um homem discreto e matreiro. – Yuri fez menção de olhar para o local que ele lhe indicava, mas Villanueva apertou-lhe o braço, como que para o reter. – Sê prudente, Yuri, não te precipites. Com esta gente, é preciso preparar bem o terreno para caminhar com firmeza, sem deslizos.

Yuri fitou-o, agradecido, e assentiu. Só então se aproximaram de um grupo e Villanueva atraiu a atenção de um dos membros, que estava de costas e se virou, sorridente. Era alto e corpulento, com o cabelo louro muito curto, e rondava os quarenta anos.

– Villanueva, que prazer vê-lo por aqui. – Falava um alemão muito forçado.

– Meu caro Sokolov, temos de combinar um dia para nos pormos a par dos assuntos que nos interessam. Mas agora gostaria de lhe apresentar Yuri Santacruz. Trabalha comigo. Já lhe terei falado nele algumas vezes.

Olhando-se nos olhos, como se se estivessem a analisar um ao outro, Yuri e Sokolov deram um aperto de mão. Para responder ao cumprimento, Yuri falou em russo; nesse momento, Villanueva viu outra pessoa e afastou-se, deixando-os a sós.

– Fala muito bem o russo – elogiou Sokolov.

– Na realidade, o meu nome completo é Yuri Mijáilovich Santacruz Filatov.

– Pai espanhol e mãe russa – observou o outro, com um esgar ácido. – Estranha mistura.

– É verdade. – Yuri esboçou um sorriso solícito. – Nasci em São Petersburgo.

– Leninegrado – corrigiu o russo.

– Era São Petersburgo quando eu nasci.

Em poucas palavras, Yuri descreveu-lhe as razões por que tinha nascido na Rússia.

– Saí de lá aos doze anos – disse, sem dar mais explicações.

– Não regressou à Rússia desde então?

– Não me foi possível. Estaline não me permite a entrada.

– Terá as suas razões – observou Sokolov, ladino.

– Garanto-lhe que sou inofensivo – declarou Yuri, adotando um tom inocente.

– Na Rússia, ninguém é inofensivo.

Sustinham o olhar um do outro, observando-se mutuamente, aparentemente isolados do ruído alemão que os rodeava, metidos na sua própria bolha russa.

Apesar de Villanueva lhe ter dito que não se precipitasse, Yuri tinha dificuldade em controlar-se. Cerrou os lábios e baixou os olhos por um instante, como que a ganhar impulso.

– Camarada Sokolov, vou ser sincero consigo. A minha mãe e o meu irmão ficaram na Rússia e há mais de doze anos que não sei nada deles. Preciso de saber se continuam vivos... Talvez pudesse... – Perguntou-se se não estaria a precipitar-se, mas já não havia volta atrás. – Talvez pudesse indagar sobre eles – acrescentou, sustendo a respiração.

Sokolov lançou-lhe um olhar frio, os seus olhos acerados pareciam trespassar-lhe a consciência.

– Já passou muito tempo – observou, com ar desdenhoso. – Na Rússia, doze anos são como doze décadas.

– Por favor, imploro-lhe... – insistiu Yuri, sem ocultar a sua perturbação. – Preciso de saber... – Engoliu em seco, num gesto de amargura, como se lhe doessem as palavras proferidas. – A minha mãe chama-se Verónika Olégovna Filátova.

– A União Soviética é enorme em território e população. Seria como procurar uma agulha num palheiro. – Com um movimento seco, quase brusco, abanou a cabeça. – Lamento.

– Há um médico que talvez saiba o que foi feito deles; já na altura era um homem importante no partido, imagino que continue a ser. Trata-se do doutor Smelov, Petia Smelov.

Ao ouvir aquele nome, o russo não pôde evitar que o seu rosto se contraísse ligeiramente, como se, subitamente e sem estar à espera, tivesse inspirado uma baforada de ar gelado. Yuri sentiu o coração parar ante a esperança de que ele soubesse a quem se referia. Viu como o russo franzia o sobrolho; no entanto, após um segundo de hesitação, voltou a abanar a cabeça.

– Nunca ouvi esse nome. Aconteceram demasiadas coisas na União Soviética desde que o senhor a abandonou. Não tem hipóteses de os encontrar, nem sequer sabe se estão vivos ou mortos. Dará em doido se o tentar.

– Permita-me que seja eu a gerir a minha loucura – replicou Yuri, sem poder evitar a pontada da desilusão. Baixou os olhos para o chão. Sentia-se um estúpido a implorar àquele homem que tinha acabado de conhecer. – Talvez... Se houvesse alguma possibilidade de conseguir um visto para entrar na Rússia, poderia procurá-los eu mesmo.

– A Rússia tem muitos inimigos, Yuri Mijáilovich, e por isso tem muito cuidado com quem deixa entrar no seu território e para quê. O que me pede seria muito complicado.

– Podia tentar. Estou disposto a pagar. – Pensou que estava a fazer exatamente o contrário do que Villanueva lhe tinha aconselhado, mas a sua ansiedade era mais forte do que a pedida cautela.

Sokolov manteve os olhos cravados nos de Yuri.

– Não se trata apenas de dinheiro – afirmou.

– Diga-me o que quer em troca, faço o que for preciso...

– Essa é uma afirmação demasiado vaga, e muito perigosa.

Aquelas palavras foram para Yuri a confirmação de que se estava a aventurar em demasia. Instintivamente, cerrou os punhos, num inútil mecanismo de contenção, mas não lhe restava alternativa a não ser seguir em frente; temia perder aquela oportunidade.

– Poderia conseguir-me um visto para entrar na Rússia?

– São trâmites que podem demorar muito tempo, talvez meses ou mesmo anos...

– Não me importo de esperar.

– Está bem, aceito a sua palavra – disse o russo, taxativo. – Terá notícias minhas.

Deu meia-volta e afastou-se, desaparecendo na multidão. Yuri ficou a observá-lo durante alguns segundos, até que sentiu a presença de Villanueva ao seu lado.

– Yuri, chega aqui. Vou apresentar-te o anfitrião que teve a delicadeza de nos convidar para esta magnífica festa.

Guiado por Villanueva, ficou frente a frente com o homem que ele lhe ia apresentar. Entreolharam-se e reconheceram-se. Era o mesmo que o tinha interrogado na esquadra da Alexanderplatz, o sogro da sua vizinha, Claudia Kahler. Em vez de um fato, vestia um elegante *smoking*.

– Yuri – disse Villanueva, sem se aperceber do que se passava entre os dois homens –, quero que conheças o *Standartenführer* Friedrich von Schönberg, comissário da SD, a polícia secreta do Estado. – Com ar satisfeito, Villanueva dirigiu-se ao coronel. – *Herr* Von Schönberg, apresento-lhe Yuri Santacruz, trabalha na embaixada sob as minhas ordens. Um bom rapaz com muito futuro.

– Não são necessárias apresentações, *herr* Villanueva. Eu e o Santacruz já nos conhecemos.

Yuri sentiu-se como se tivesse sido fulminado por um raio ao voltar a contemplar aqueles olhos turvos.

O comissário, sem deixar de olhar para Yuri, como se o retivesse com o poder do seu olhar, estendeu-lhe a mão. Mas ele manteve-se imóvel.

Villanueva, incomodado com a falta de resposta do seu subordinado, instou-o a reagir.

– Vamos, Yuri, que não se duvide da boa educação dos espanhóis. – Aproximou-se dele como se lhe fosse fazer uma confidência. – O *Standartenführer* Von Schönberg tem sobre os ombros a responsabilidade de acabar com todo o lixo comunista que há anos tenta instaurar na Alemanha a grande revolução bolchevique. Bem sabes tu os males que traz o marxismo. – Falava

com um sorriso satisfeito, encantado com o seu discurso. Dirigiu um olhar complacente ao anfitrião, tentando dar-lhe maior relevo. – Neste momento, poderíamos afirmar que o coronel Von Schönberg é o olho que tudo vê e o ouvido que tudo escuta.

– Sempre acreditei que esse poder só era exibido por Deus.

Villanueva sentiu-se encolerizado pela inexplicável atitude desafiadora de Yuri. O coronel afastou a mão, aparentemente impassível.

– Devia ter cuidado com as suas palavras, Santacruz.

– Lamento muito se o ofendi, *herr* Von Schönberg, não era de todo minha intenção.

– Está desculpado – replicou ele, displicente. – Mas aconselho-o a ter atenção às suas maneiras. Tenho de os deixar, devo atender ao resto dos meus convidados. Desfrutem da festa, cavalheiros.

Villanueva virou-se para Yuri.

– Podes explicar-me o que significa tudo isto?

– Conheci-o há dias, numa esquadra.

– E o que fazias tu numa esquadra?

A atenção de Yuri estava concentrada num casal que acabava de entrar. Claudia Kahler acompanhava o marido e estava espetacular, com um vestido que lhe realçava a pele e os olhos. O cabelo apanhado num puxo alto fazia brilhar as suas feições. Yuri estava tão extasiado com a aparição que não se apercebeu do enfado monumental de Villanueva. Fitou-o como se acabasse de o descobrir. Sorriu-lhe e, num gesto afável, pôs-lhe a mão no ombro.

– Não se preocupe, Villanueva. Não teve qualquer importância. Se me dá licença, há alguém que tenho de ir cumprimentar.

Villanueva agarrou-lhe no braço para o deter.

– Tem cuidado, Yuri, caminhas sobre terrenos pantanosos, e eu não gostaria de te ver afundado no lodaçal desta gente – disse, apontando com o queixo para os que os rodeavam.

O jovem piscou-lhe o olho num gesto tranquilizador, deu-lhe uma palmadinha no braço, agradecendo a advertência, e afastou-se, esquivando-se aos grupos enquanto Villanueva o seguia com o olhar.

Yuri observou o casal ao longe, sem chegar a aproximar-se o suficiente para entrar no círculo de atenções com que uns e outros os brindavam. Aquela mulher tinha uma atração magnética, era impossível desviar os olhos daquele rosto perfeito, do corpo voluptuoso, da sensualidade dos seus ombros nus e da sinuosa linha das suas costas descobertas. Um empregado passou junto a Yuri com uma bandeja de taças de champanhe; ele parou-o e tirou uma. Nesse momento, ela viu-o e ele ergueu a taça como que a fazer-lhe um brinde. Claudia não reagiu ao gesto; no entanto, a partir desse instante, começaram a seguir-se mutuamente com o olhar, embora ela estivesse a conversar e a rir com os que a rodeavam. Yuri manteve a distância, sem intenção de se aproximar, com a única pretensão de a contemplar naquele ambiente, como quem admira uma obra de arte sem outro motivo além de se deliciar com a sua beleza. Parecia uma deusa entre os seus adoradores. O marido vestia o impecável uniforme negro, camisa parda, gravata, as runas da vitória cosidas à gola do casaco. Tinha um ar sedutor. Yuri deu-se conta de que as damas pululavam em seu redor, mendigando a sua atenção. Esvaziou a taça de um só gole e sentiu calor. Não entendia o que lhe estava a acontecer. Viu a porta do jardim aberta, pousou a taça em cima de uma mesa e saiu para o alpendre.

Desceu os quatro degraus de mármore branco e sentiu a relva fofa debaixo dos pés. Respirou o ar fresco daquele entardecer de fins de março, nada a ver com o ambiente do interior, demasiado carregado de fumo e de ruído. Desde o incidente da estação na sua infância, não lhe agradavam os aglomerados, não suportava os sítios fechados e cheios de gente, tinha a sensação de ficar sem ar.

Pegou no maço de tabaco e levou um cigarro aos lábios. Quando procurava o isqueiro no fundo do bolso, uma chama iluminou-lhe o rosto. A mão enluvada de Claudia segurava um bonito isqueiro aceso e a chama reverberava, fulgurante, nos seus olhos. Yuri aproximou o cigarro do lume para o acender.

– Dá-me um? – perguntou ela. – Morro de vontade de fumar.

Yuri voltou a pegar no maço e ela tirou um cigarro, acendeu-o e inalou uma longa baforada. Cruzou os braços sobre o colo, com

frio. Yuri reagiu, prendeu o cigarro entre os lábios e tirou o casaco.

– Por favor, permita-me – disse, pondo-lho suavemente sobre os ombros nus. Ela não se opôs. – As noites de Berlim são muito frias.

– São, sim... – concordou ela, com uma expressão agradecida.

A passo muito lento, embrenharam-se por um estreito caminho de terra rumo à frondosidade do jardim tenuemente iluminado, atraídos pela força oculta da escuridão.

– Uma festa estupenda – acabou Yuri por dizer.

– É coisa da minha sogra. Foi ela que organizou tudo, é perita em protocolo. O complemento perfeito para o meu sogro.

– Tem lógica. Está demasiado ocupado a perseguir e a encarcerar marxistas.

– Ser marxista é perigoso.

– Tanto como ser nazi? – disse ele, formulando a pergunta em tom cáustico.

– Tenha cuidado com o que diz.

A Yuri, aquilo pareceu-lhe uma ameaça contida. Lançou-lhe um olhar irónico.

– Devo temer que me denuncie ao seu sogro? Ou melhor, ao seu marido?

Ela não respondeu. Com uma expressão ausente, ergueu os olhos para o céu coberto pelos ramos das árvores embaladas por uma brisa suave.

– Imagino – prosseguiu Yuri – que me esteja a expor a ser confinado nalguma cave escura, acompanhado por centenas de comunistas e socialistas que não cometeram nenhum outro delito além de o serem, de discordarem do nacional-socialismo. Ou talvez me levem para um desses campos de trabalho tão elogiados pelo partido que tanto defende e do qual imagino que fará parte como membro efetivo.

– Se os levam para lá, é para os proteger da ira do povo. – Claudia falava num tom brando, sem ardor, convicta do que para si era uma evidência. – Uma ira justificada, mas perigosa para eles e para a ordem pública. Concordará que não se pode permitir que as pessoas façam justiça pelas próprias mãos.

Yuri conhecia a situação precária dos detidos e presos da Prinz-Albrecht-Strasse, onde se situava o quartel-general nazi, pois Fritz tinha-lha descrito ao pormenor. Vários dos seus conhecidos tinham passado ou estavam a passar pela experiência, alguns com resultados irreversíveis. Por isso lhe era tão difícil calar-se; bem sabia que se expunha, mas algo naquela mulher o obrigava a verter sobre ela toda a miséria da realidade, a abrir-lhe os olhos da consciência para o manto de mentiras em que parecia flutuar como uma nuvem de algodão. Sem se alterar, insistiu:

– Não creio que seja assim tão ingénua.

Claudia não respondeu de imediato. Na mente dela, a pretensão de impor o que considerava ser a sua verdade ideológica chocava com o fascínio perturbador que a proximidade daquele homem lhe provocava, potenciada pela sua insolência. Continuaram a caminhar de forma pausada, cada vez mais afastados do barulho da festa. Acompanhava-os o crepitar dos seixos sob os sapatos. Claudia levou o cigarro aos lábios e expeliu o fumo como se quisesse expulsar da mente as palavras escutadas. Só então quebrou o silêncio desconfortável.

– Não devia dar ouvidos aos que tentam difamar o nacional-socialismo – disse, olhando-o de soslaio. – Sabe algo daquele rapaz? Do Axel Laufer, sabe alguma coisa?

– Já lhe interessa a sua sorte? Terá a consciência pesada?

– É apenas curiosidade – respondeu ela, esboçando um sorriso.

Yuri não disse nada.

Claudia parou, deitou o cigarro ao chão e pisou-o, torcendo o sapato dourado sobre a terra até esfrangalhar a beata. Yuri parou também e atirou o seu cigarro meio consumido para o caminho. Ficou a observar o ténue tremular da beata na escuridão. A distância e as árvores amorteciam o ruído no interior da casa. Estavam os dois sozinhos, frente a frente.

– Continua a não ter namorada?

Yuri riu-se, relaxado.

– Não está fácil. É como a senhora disse: se as mulheres alemãs são só para os arianos, restam-me poucas possibilidades, pelo menos no seu país.

Claudia aproximou-se dele. Yuri inalou o seu aroma como se de um narcótico paralisante se tratasse. Sentiu na boca o calor dos lábios carnudos da mulher. Fechou os olhos. A mão dela acariciou-lhe a nuca e Yuri cingiu-lhe a cintura com os braços, puxando-a para si. Então, ela afastou os lábios e Yuri abriu os olhos, como se o feitiço se tivesse desfeito.

– Ainda bem. – A voz sussurrante de Claudia reverberou na sua mente.

Devolveu-lhe o casaco, deu meia-volta e afastou-se em direção à casa. Yuri seguiu-a com o olhar, sentindo ainda o doce sabor da sua saliva. Levou o casaco ao nariz e inalou o aroma que tinha ficado preso no tecido.

Nessa noite, de regresso às águas-furtadas, mal conseguiu dormir.

Princípio da vulgarização

Toda a propaganda deve ser popular, adaptando o seu nível ao menos inteligente dos indivíduos a que se dirige. Quanto maior for a massa a convencer, mais pequeno deverá ser o esforço mental a realizar. A capacidade de receção das massas é limitada, e a sua compreensão escassa; além disso, têm muita facilidade em esquecer.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Claudia saiu para a rua e calçou as luvas de pelica. Tinham anunciado na rádio e nos jornais que, naquele dia 1 de abril, a partir das dez, se iria realizar um boicote às lojas e negócios judeus. A ela não lhe interessava muito o que faziam ou deixavam de fazer, mas o mais certo era que se armasse alvoroço e houvesse ruas cortadas, pelo que mais valia deixar o carro e ir a pé. Consultou o relógio de pulso, um presente de Ulrich aquando do pedido de casamento. Tinha marcação na modista para fazer a última prova

de um vestido. Embora tivesse chegado a horas, fizeram-na esperar quase vinte minutos, o que a incomodou, apesar de não ter mais nada para fazer em toda a manhã. Quando a ajudante a mandou entrar, não escondeu o seu enfado, mas esqueceu-o assim que se viu com o vestido. Olhava-se ao espelho, virando-se de um lado para o outro, com a modista ao seu lado, orgulhosa da habilidade do feitiço.

– Tem uma figura magnífica, senhora Von Schönberg.

A modista precisou de fazer alguns ajustes no peito, mas o vestido estaria pronto no dia indicado. Claudia despediu-se, não sem antes repreender a mulher por tê-la feito esperar. Presumia que ter-se transformado em senhora Von Schönberg lhe conferia uma espécie de auréola ante os demais, obrigados a prestar-lhe vassalagem; era algo que a sua mãe lhe tinha incutido e, em certos momentos, gostava de exercer o papel de esposa de um alto comando das SS, com tudo o que isso implicava.

Nas ruas, havia mais alvoroço do que o normal, parecia um feriado e não um sábado. Cartazes vermelhos nas lojas para indicar as empresas alemãs que não eram afetadas pelo boicote, tropas de assalto a desfilarem a pé ou transportadas em carrinhas de caixa aberta, vociferando palavras de ordem repetidas por grupos de fervorosos adolescentes das Juventudes Hitlerianas, com as suas calças negras e camisas mostarda, e também por muitas raparigas da liga trajadas com as suas blusas brancas, saias azul-marinho e meias brancas; havia até crianças com o uniforme dos *Deutsches Jungvolk*, o ramo infantil das Juventudes. Repetiam-se arengas à sua passagem, como lemas bem aprendidos: «Não compreis aos judeus! Quem compra aos judeus é um traidor! Os judeus são a encarnação da mentira e da fraude! Enquanto o último judeu não estiver morto, não haverá pão nem trabalho!»

As carrinhas que transportavam os SA paravam a meio da calçada e, ao som de um apito, os homens saltavam para a rua com uma organização extraordinária, distribuíam-se em pequenos grupos e colavam cartazes nas montras, portas e placas de todas as lojas ou negócios judeus que um deles lhes ia indicando de ambos os lados da rua. Outros faziam pinturas injuriosas à vista

dos curiosos que deambulavam diante dos estabelecimentos, alguns com certa prudência, outros rejubilantes ante o mal alheio, lendo as mensagens dos cartazes, muito semelhantes às reiteradas arengas que apelavam aos cidadãos expectantes para que não entrassem nem consumissem em estabelecimentos geridos por judeus.

Claudia lembrou-se de que tinha de passar pela pastelaria Rothman para ir buscar um *käsekuchen* (a tarte de queijo que a senhora Rothman preparava e que a tinha tornado famosa em Berlim) e uma bandeja de biscoitos de Páscoa que a sua mãe havia encomendado no dia anterior para uma das reuniões com as mulheres do partido. Ao chegar à avenida de Leipzigerstrasse, viu que um desfile de tropas de assalto marchava na sua direção. As pessoas amontoavam-se no passeio, de braços erguidos na saudação hitleriana, e ela fez o mesmo, também à espera que a parada passasse para poder seguir caminho.

Ao seu lado passou uma família, um casal com três filhas adolescentes que, alheio ao desfile, olhava com interesse para a montra de uma loja de roupa. Surpreendeu-a essa atitude ante a passagem das tropas, mas ouviu-os falar em inglês e deduziu que fossem estrangeiros, daí a sua indiferença. No entanto, não tinham atraído apenas a atenção dela. Vários homens fardados aproximaram-se deles e, aos gritos e de maus modos, exigiram-lhes explicações quanto ao motivo para não fazerem a saudação e virarem, além disso, as costas às SA. Com uma expressão amável e tentando acalmar a tensão criada em seu redor, o homem respondeu num alemão forçado que eram cidadãos norte-americanos a fazer turismo em Berlim e que ele e a família iam a caminho do hotel. Parte da multidão começou a insultá-los com virulência. A família sentiu-se ameaçada, a mulher colada ao braço do marido, e as filhas com ela, formando um magote, espantados com a ira acirrada em seu redor. O americano viu alguns polícias a poucos metros deles e pediu-lhes ajuda ante aquele assédio, mas os guardas não reagiram, nem sequer se mexeram. A indignação do pai de família tornava-se evidente. Tentava defender os seus com o próprio corpo como muro protetor. Claudia assistia aos

acontecimentos com o pulso acelerado; desagradavam-lhe, mas não podia interferir, não devia. Finalmente, um transeunte interveio naquele excesso leonino e conteve a ira da turba exaltada, dando à família a oportunidade de se afastar, arrastando consigo o pânico e a estupefação, não sem antes levar alguns empurrões e inclusive cuspidelas lançadas com uma raiva inexplicável.

Claudia cruzou o olhar com o do homem que tinha posto termo àquele escárnio, um olhar acusador pela passividade ante uma injustiça. Estremeceu ao sentir a aversão lançada contra ela. Desviou imediatamente o olhar e, fustigada por uma desagradável sensação de repulsa contra si mesma, desatou a andar, tentando desaparecer no meio da multidão e fugir da sombra da sua própria consciência.

A uns cinquenta metros da pastelaria Rothman, outra ocorrência obrigou-a a parar. Um grupo de raparigas aclamava um jovem que, às pinceladas, pintava de amarelo o vidro da montra da pastelaria, formando uma tosca estrela de David. Claudia desconhecia a origem judia dos Rothman, daí a sua estupefação. Ela e a família sempre tinham sido clientes daquela confeitaria, os seus produtos eram magníficos e de uma qualidade extraordinária. Jamais teria imaginado algo assim. Encolheu-se, abalada, ao pensar na reação da mãe quando soubesse; antissemita convicta, ia dar-lhe uma síncope ao saber que andava há décadas a comer pão e bolos amassados por mãos judias.

Os escrúpulos de Claudia em relação aos judeus eram os habituais no ambiente em que tinha sido criada. O seu antissemitismo baseava-se no mero hábito, não havia argumentos sólidos na sua consciência que justificassem esse sentimento. Também não era que fosse ativa na cruzada que havia sido mobilizada contra todo o coletivo judeu; na realidade, não lhe interessavam muito as constantes arengas contra eles, os ataques violentos (ainda que isolados, costumava argumentar), até a divertia aquele boicote que, segundo ouvira dizer ao seu marido, era uma defesa perfeitamente justificada contra as mentiras vertidas sobre a nova Alemanha pela boca dos judeus no estrangeiro. A vida quotidiana da maioria dos cidadãos, ela

incluída, mal tinha sofrido alterações, exceto a onnipresença das tropas de assalto nas ruas e nas instituições, a vaga de bandeiras e suásticas penduradas e expostas por toda a parte e a insistência na saudação nazi: aquele cada vez mais propagado *Heil Hitler!* que tão incómodo chegava a ser na sua repetitividade por vezes absurda. Mas o que era certo era que havia na população uma sensação de euforia, de nação, de povo unido sob a liderança de Hitler.

Decidiu que não era um bom momento para ir recolher a encomenda, pelo que atravessou para o outro lado da rua e acelerou o passo, mas abrandou e virou-se ao ouvir novas vozes.

Yuri Santacruz tentava entrar na confeitaria dos Rothman e, com bravura, enfrentava as raparigas que tinham formado uma muralha humana diante da porta. Claudia, divertida, ficou a assistir à cena do outro lado da rua.

– Não compres aos judeus! – vociferou uma das raparigas.

O vozeirão de Yuri ecoou por toda a rua.

– Eu compro onde me apetece.

– Não serás um judeu imundo?

– E tu? Não serás?

– É claro que não – respondeu a rapariga, corada devido à ofensa.

Claudia observava-o e sorria. Após o fugaz encontro de ambos na festa dos seus sogros, tinha-se cruzado várias vezes com ele nas escadas e na rua. O seu trato amável perturbava-a. Não podia deixar de se sentir enfeitiçada por aqueles olhos, totalmente seduzida pela atração singular dele: alto, cabelo castanho abundante e um pouco ondulado, pele morena, em contraste com a habitual palidez ariana, que realçava os seus olhos cinzentos, muito claros, felinos, pensou ela, com longas pestanas negras. Elegante e atlético, o equilíbrio das suas feições parecia-lhe perfeito, e tinha um sorriso cativante. Vestia um fato escuro, camisa branca e uma gravata em tons de azul-celeste com o nó algo desajustado; tinha o chapéu de feltro na mão. Discutia acaloradamente, defendendo o seu direito a entrar na pastelaria.

Ao virar da esquina apareceu uma brigada das SA. Chamados pelas jovens, os quatro homens aproximaram-se com arrogante autoridade.

– Este quer entrar para comprar aos porcos judeus – disse uma das raparigas, com voz estridente.

– Não deves comprar aos judeus – exortou um dos SA, num tom conciliador, como se o quisesse convencer a bem do erro do seu propósito.

– Quem mo proíbe? – perguntou Yuri.

– Se o fizeres, terás de enfrentar as consequências. – Com um esgar prepotente, estendeu a mão. – Identificação.

Yuri recusou. Não tinha cometido nenhum delito ou infração. Ergueram as vozes e, nesse instante, os olhos de Claudia pousaram na montra: do outro lado do vidro, Lilli Rothman assistia, consternada, ao que se passava na rua, até que de repente se virou para Claudia. O reflexo do medo naquele olhar foi como um raio fulminante que, em vez de a paralisar, a obrigou a intervir. Com determinação, atravessou a rua e dirigiu-se à confeitaria, decidida a entrar.

– Menina, não compre aos judeus. – Outro membro das tropas de assalto impediu-lhe a passagem.

– Sou *senhora*, e sempre fiz compras aqui.

– Pois a partir de agora deverá procurar outra pastelaria gerida por alemães. Tem uma nesta mesma rua, a uns cem metros. O proprietário é ariano. É o mais patriótico. Temos de deixar de enriquecer esta escória que nos sufoca e se aproveita dos bons alemães.

A sua chegada tinha açambarcado toda a atenção. Yuri também a observava, expectante.

– Não quero ir a outro sítio – afirmou ela, taxativa. – Quero entrar nesta loja e ninguém me vai impedir.

– Se insiste, terá de se identificar.

Ela abriu a bolsa, pegou no documento de identificação e estendeu-lho.

– Não creio que vá agradar muito ao meu marido que o queiram privar dos seus pastéis favoritos.

O SA fitou-a com desdém, enquanto anotava os seus dados.

– Estou-me a borrifar para o que o seu marido pensa. Compete-lhe a si convencê-lo de que comprar aos judeus é uma traição à Alemanha.

Ela mostrou-se petulante.

– Será melhor que o convenças tu mesmo. – Tratou-o intencionalmente por tu, com o único objetivo de lhe arrebatá-lo a autoridade. – É o *Obergruppenführer* SS Von Schönberg. Encontrá-lo-ás no gabinete de Heinrich Himmler, é o seu assistente pessoal. – O impacto fez efeito, pelo que Claudia decidiu desferir o golpe definitivo. – Podes dizer-me o teu nome e a tua patente? – Inclinou a cabeça para o lado e abriu os lábios num sorriso malévolo. – Por favor.

O ricto do rapaz ficou tenso. Abriu a boca, sem dizer palavra, e virou-se para os restantes em busca de apoio. Ninguém se mexeu. O seu companheiro tirou-lhe o documento de identificação da mão e devolveu-o a Claudia.

– Deixa-a em paz – disse em voz baixa, sem tirar os olhos da jovem, que mantinha um sorriso triunfal. – Que compre onde quiser.

Claudia pegou no documento. Deu dois passos para junto de Yuri e puxou-o pelo braço.

– Ele vem comigo.

A campainha da porta tilintou e, uma vez no interior, foram recebidos por um silêncio arrepiante misturado com o doce aroma a açúcar e a pão acabado de fazer. O bulício da rua era abafado. Lilli Rothman continuava de pé junto à montra, com os braços cruzados no regaço, como se tivesse frio, e o rosto contraído. O senhor Rothman e os dois filhos, Bruno e Ernestine, estavam atrás do balcão. Todos olhavam para os recém-chegados com desconfiança, atentos à sua reação. O único que se movia era o senhor Rothman, que, lentamente, sem perder de vista o casal, depositava uma bandeja de *apfelstrudel* numa vitrina de vidro.

– Bons dias – disse Claudia, sorridente, imprimindo normalidade nas suas palavras. – Venho buscar a encomenda que fiz ontem. Está pronta?

Lilli fitou-a por alguns segundos, como se não pudesse acreditar que aquela mulher – filha, irmã e esposa de nazis – lhes ia comprar alguma coisa. De repente, ouviu-se a voz do senhor Rothman:

– Lilli... não ouviste a senhora Von Schönberg?

Lilli reagiu: apressadamente, mandou Ernestine buscar a encomenda de Claudia, e só então o ambiente descontraiu. O senhor Rothman atendeu Yuri, que pediu dois *bretzels* para levar.

Nesse momento, a porta abriu-se e o tilintar da campainha quebrou a serenidade. Entrou uma senhora, seguida por dois homens das SS impecavelmente fardados. Segurava uma bandeja de bolos com o invólucro meio aberto.

O senhor Rothman cumprimentou-a cordialmente, sem entender por completo a presença dos dois homens que pareciam guardá-la.

– Bons dias, senhora Kroge. Em que posso ajudá-la?

Ela não lhe respondeu. Aproximou-se do balcão e largou a bandeja com tanta força que teria acabado no chão se o pasteleiro não a tivesse segurado a tempo.

– Não lhe agradaram os pastéis que o meu rapaz lhe levou? – voltou ele a perguntar, atónito.

– Exijo que me devolva o dinheiro – disse ela, num tom agudo e com exagerada indignação. – Não quero os seus pastéis nem o seu pão, não quero nada de vós. Se soubesse que eram judeus, jamais teria posto os pés nesta loja.

O senhor Rothman ficou a olhar para ela, estupefacto. Foi Lilli quem reagiu: abriu a caixa, tirou uma nota e entregou-a à mulher.

– Não precisa de me dar o troco – disse, forçando um sorriso, numa tentativa de ser cortês.

– Não pensava fazê-lo – respondeu a mulher, emanando soberba. – Devia exigir-lhes tudo o que gastei aqui.

Sem dizer mais nada, ergueu a mão com um sonoro *Heil Hitler!*, replicado pelos dois homens. Seguiram-se uns segundos de quietude, à espera que os outros respondessem à saudação. Ernestine, a filha do senhor Rothman, foi a primeira a reagir, estendendo o braço e vociferando a saudação nazi de forma enérgica e convincente. Os restantes, acanhados, seguiram-lhe o exemplo, ainda que com bastante menos ímpeto, incluindo Claudia.

Yuri manteve-se imóvel, mas ninguém reparou nele. A mulher lançou um olhar displicente a todos e, com desprezo, virou-lhes as costas. Os homens, atentos aos seus movimentos, abriram-lhe a porta, fazendo tinir novamente a campainha, e saíram os três, batendo a porta com tanta força que o sacudir do vidro quase o fez partir.

Um silêncio consternado manteve petrificados os que ali se encontravam. Finalmente, foi Claudia quem o quebrou.

– Não sabia que eram...

Como se não a tivesse ouvido, Lilli marcou na caixa registradora o que Claudia lhe devia.

– Deviam tê-lo dito – prosseguiu ela. – Os clientes têm direito a saber.

– Não somos judeus – disse Lilli, exasperada. – Não no sentido religioso. – O seu ânimo pareceu desabar subitamente, a voz perdeu o ímpeto. – O meu pai era, mas nunca foi praticante, era judeu porque os pais eram judeus, só isso. A minha mãe era católica, casaram pela igreja, eu sou católica, o meu marido é católico, os meus filhos são católicos. A que propósito vem isto agora? – perguntou, olhando para o exterior com um esgar de desespero. Abanou a cabeça, contida, de olhos perdidos na rua. – O que não entendo é como conseguiram descobrir. – Por um segundo, o olhar desviou-se para a filha, mas afastou-o imediatamente, como se ao fazê-lo tivesse sido sacudida por um espasmo. A voz saiu-lhe num murmúrio. – Não entendo.

– O boicote não irá durar muito – observou Claudia, tentando minimizar o que estava a acontecer no exterior. – Dentro de poucos dias, tudo voltará à normalidade.

Lilli fitou-a, desconcertada.

Claudia e Yuri despediram-se e dirigiram-se juntos à saída. O senhor Rothman contornou o balcão para lhes abrir a porta; agradeceu-lhes a coragem inclinando o corpo uma e outra vez até que saíram para a rua.

Tiveram de se esquivar às pessoas que não paravam de os insultar, mas agora de longe, pelas costas, sem se aproximarem, cobardemente envoltos na bravata do grupo.

Durante algum tempo, o casal caminhou sem dizer nada, até terem a sensação de que já estavam a salvo.

– Começa a ser um hábito que me tire de apuros – observou Yuri, a fim de a provocar.

– Não o tirei de apuro nenhum. Queria ir buscar a minha encomenda e o senhor estava no meu caminho.

– Mas só me deixaram entrar quando chegou a senhora Von Schönberg.

– Tê-lo-iam deixado entrar sem problemas.

– Sem problemas? Só faltou prenderem-me.

Claudia andava de olhos fixos no caminho em frente, a passos curtos, sem grande pressa. Deu-se conta de que Yuri se adaptava à sua velocidade.

– É um boicote – salientou, convicta. – Têm de informar as pessoas.

– Entendo, então, que a senhora não faz boicote aos judeus.

– Os Rothman não são judeus – contrapôs ela, com um olhar na sua direção.

– O pai era – salientou Yuri. – Foi o que disse a Lilli Rothman.

– E também disse que é católica, casada com um católico, com filhos batizados... Os Rothman são muito mais do que uma pastelaria, tornaram-se uma instituição em Berlim. A minha mãe é cliente deles desde pequena. É óbvio que se enganaram em relação a eles.

Chegaram à entrada do prédio e, a passos lentos, começaram a subir as escadas. Ao chegarem ao segundo andar, Claudia viu-se em algumas dificuldades para procurar as chaves na bolsa, uma vez que tinha as mãos ocupadas com os pacotes. Yuri ofereceu-se para segurar nos embrulhos. Ela tirou as chaves e abriu a porta. Virou-se para ele, que continuava à espera. Indicou-lhe que entrasse e Yuri assim fez, sem que nenhum deles se apercebesse de que, na porta da frente, o olho vivo de Angela Blumenfeld via tudo.

Yuri pousou as bandejas na mesa da cozinha, desta vez organizada e arrumada.

– Apetece-lhe um café? Desta vez merecemo-lo os dois – observou ela, sorrindo.

– Tomá-lo-ia com gosto, mas não sei o que pensaria o seu marido se me apanhasse de novo aqui. Da última vez não achou muita graça à minha presença.

– O meu marido viaja muito. Vai estar fora até à semana que vem.

Claudia preparou o café e, transportando tudo numa bandeja, conduziu-o ao salão. Ao entrar atrás dela, Yuri deparou-se com uma foto de meio-corpo de Franz Kahler com o uniforme pardo das SA. Pegou na moldura que estava pousada no aparador. Claudia tinha depositado a bandeja numa mesa baixa; endireitou-se e, ao virar-se e descobri-lo a observar a fotografia, retesou-se.

– Quem é? – perguntou Yuri.

– O meu irmão Franz.

– Claro. Franz... Disse o nome dele... – murmurou Yuri, de olhos fixos na imagem. Voltou o olhar para ela. – Foi ele que cravou o punhal naquele rapaz.

– O senhor viu. Sabe que foi em legítima defesa.

– E porque não disse isso no seu depoimento? Por que motivo acusou um inocente?

– Você não compreenderia – respondeu ela, com os braços colados ao colo como se lhe doesse algo.

– Trata-se de dizer a verdade. Qual é o problema?

– Seria o fim da carreira do meu irmão.

– E para salvar a carreira do seu irmão condena um rapaz inocente? Que tipo de mulher é a senhora?

– Não vai acontecer nada a esse rapaz. Mantê-lo-ão encarcerado por algum tempo e depois soltam-no. E mais, enquanto estiver preso, estará protegido de represálias que poderiam causar-lhe mais danos. A morte desse tal Peter fez com que muitos procurem vingança.

– Acredita realmente no que está a dizer? – perguntou Yuri.

– Porque não haveria de acreditar?

– Porque não é verdade, e você sabe-o.

– O meu marido assegurou-me que será assim.

Calaram-se os dois, incomodados. Ela respirou fundo e acercou-se alguns passos dele.

– Tem um cigarro? – perguntou num tom dócil, como se quisesse abandonar aquele assunto que tanto a incomodava. – Por favor...

Sem dizer nada, Yuri pôs a foto no lugar, enfiou a mão no bolso e tirou o maço. Ela pegou num cigarro e virou-se para o acender com um isqueiro que estava em cima da mesa, junto à bandeja.

– O café vai ficar frio – observou, inclinando-se para servir as chávenas.

Yuri não conseguia desviar os olhos do corpo de Claudia, da curva da sua cintura acentuada pela saia de tubo a desenhar a forma perfeita das suas nádegas. Sentiu a pulsação acelerar. Sem parar para pensar, aproximou-se. Subitamente, Claudia ergueu-se e virou-se, ficando os dois frente a frente. Nenhum deles pôde evitar. Os lábios uniram-se e tudo o resto ficou em suspenso, respirando o sopro um do outro. As peças de roupa caíram na alcatifa, uma a seguir à outra. Os corpos nus procuravam-se, anelantes. Tudo se desvaneceu em redor e só existiam eles os dois, à margem de um mundo que vociferava lá fora. Acabaram exaustos, suados, acariciando-se ternamente, o peito, o ventre, os lábios, as coxas, e voltaram de novo a unir os seus corpos.

Quando Yuri saiu da casa de Claudia, a senhora Blumenfeld voltou a espreitar pelo óculo ao sentir a porta. Ao sair do seu campo de visão, a mulher virou-se e levou a mão à boca, encolhendo os ombros, como que para guardar aquele segredo.

Yuri subia cada degrau como se levitasse. Estava muito cansado. Tinha passado a noite a conduzir, de regresso de outra das suas viagens à Suíça. Levava a bandeja de *bretzels* na mão. Pensava comer um e deitar-se a dormir, mas ao passar junto à casa da senhora Metzger a porta abriu-se de repente e a viúva apareceu, como se tivesse estado à sua espera. Com urgência, pediu-lhe que entrasse. Em seguida, fechou a porta e correu o ferrolho, algo que nunca fazia.

– Por amor de Deus, onde estavas? Estou há bastante tempo à tua espera.

– Passa-se alguma coisa, *frau* Metzger? – perguntou Yuri, enquanto depositava a bandeja numa prateleira, junto à figura de bronze de um anjo.

Ela agarrou-lhe na mão e puxou-o apressadamente até ao fundo do corredor, rumo a uma parte da casa à qual Yuri nunca tinha acedido; entraram num quarto que dava para uma pequena porta disfarçada com papel de parede, em jeito de armário. Tirou uma chave do bolso e introduziu-a na fechadura; rodou-a e a porta abriu-se para fora. Virou-se para ele. Yuri demorou a reagir. Era uma espécie de arrecadação de apenas dois metros de profundidade por um metro e meio de largura, sem janelas e de teto baixo. Viam-se malas e caixas amontoadas dos lados. Ao fundo, fitavam-no uns olhos grandes, surpreendidos, olhos de pássaro ferido, de um homem com um lamentável aspeto de consumpção.

– Santo Deus...

Axel Laufer tinha chegado a casa da senhora Metzger na noite anterior. Conseguira escapar durante o trajeto que levava uma centena de detidos como ele para um campo de trabalho que acabara de abrir em Dachau, perto de Munique. Eram transportados em camiões, e Axel aproveitou que o guarda que os vigiava tinha adormecido para saltar da caixa. Fez a viagem de regresso a Berlim deslocando-se apenas durante a noite. Não podia ir a casa dos pais, pois temia que estivesse vigiada e não queria comprometê-los mais do que já tinha feito. Pretendia ligar-lhes, mas não tinha dinheiro. Decidiu recorrer à senhora Metzger para que o deixasse fazer a chamada. Precisava de os tranquilizar, e também de roupa e de algum dinheiro. Depois, estava decidido a sair do país.

Chegou ao número 7 da Mohrenstrasse, mas a porta estava fechada à chave. Era quase meia-noite e não tinha contado com isso. Pensou em desistir, mas ouviu passos e escondeu-se à entrada de uma sapataria que havia no edifício vizinho. Reconheceu o senhor Rothman, que se aproximava do outro lado da rua. Não queria envolver mais ninguém na sua fuga, por isso

susteve a respiração ao ver que atravessava a estrada; passou diante de Axel sem o ver, protegido pela escuridão, e parou diante da entrada. Axel manteve-se alerta. Tinha de ser muito rápido. Ouviu-o abrir a porta, espreitou e, ao ver que já entrara, apressou-se a segurar a porta no momento em que esta se ia fechar. Infiltrou-se no interior com o sigilo de um gato. Viu as costas do senhor Rothman a avançar para o primeiro lanço da escadaria e esperou que o bater da porta se fizesse ouvir. Por alguns segundos, o eco dos passos ressoou em cada degrau. Axel manteve-se parado como uma estátua até que ouviu o pasteleiro entrar em casa e o vestibulo ficou mergulhado num silêncio sepulcral.

Com muita cautela, subiu ao terceiro andar e plantou-se diante da porta da senhora Metzger. Tocou à campainha, sobressaltando-se com o ruído. Em seguida, susteve a respiração, à espera.

A viúva estava quase a adormecer quando ouviu a campainha. Abriu os olhos e encarou a escuridão do quarto. Levantou-se e saiu para o corredor enquanto vestia o roupão. Ao chegar ao vestibulo, acendeu a luz. Axel viu a claridade por baixo da porta. Bateu duas vezes na madeira.

– Quem é? – perguntou ela em voz alta.

Axel colou a boca à porta e sussurrou o mais alto que podia.

– Senhora Metzger, sou eu, o Axel...

A viúva demorou alguns segundos a reagir, como se aquelas palavras sussurrantes que trespassavam a porta viessem de além-túmulo.

Axel voltou a bater suavemente com os nós dos dedos, e ela abriu a porta com urgência. Teve de se conter para não gritar, abalada pelo estado lamentável do rapaz. Com os olhos muito abertos, cheios de temor, afundados nas órbitas escuras, os ombros encolhidos e a tiritar de frio, parecia um animalzinho maltratado e assustado.

– Senhora Metzger – sussurrou ele, num tom suplicante. – Posso entrar? Por favor...

Ela agarrou-lhe no braço e puxou-o para dentro. Fechou a porta à chave e virou-se.

– Por amor de Deus, Axel... Mas o que te fizeram?

Nada restava do rapaz saudável e alegre que havia sido, parecia um farrapo, consumido, exausto, extremamente magro, com o cabelo emaranhado e sujo, desaparecido o brilho da sua pele, agora baça e cítrea, negra da sujidade acumulada e das manchas roxas de agressões passadas; emanava um cheiro hediondo a cloaca. Apesar do frio da noite, vestia o fino pijama com que havia sido detido, puído e ensebado. A viúva observou-o, espantada.

– Lamento incomodá-la, senhora Metzger – disse ele, abatido, como se estivesse a cometer um despropósito ao apresentar-se ali.
– Não sabia para onde ir... Posso fazer uma chamada para os meus pais? Parto assim que falar com eles.

– Pareces um espectro, criatura... – respondeu ela, ainda impressionada ante a sua visão. – Mas não fiques aí parado. Anda, vou aquecer-te um caldo, vai fazer-te bem. – Levou-o até à cozinha. – Senta-te. Preparo-to agora mesmo.

Axel sentou-se docilmente numa cadeira, com um esgar de dor. Expectante, desconfortável, viu como ela se afadigava ao fogão.

– Não quero comprometê-la, senhora Metzger.

– Fugiste? – perguntou ela, sem se interromper.

– Sim. Parto assim que falar com os meus pais, se me permitir...

Ela ouvia-o sem deixar de preparar as coisas, como se o movimento lhe desse forças para lhe contar a verdade.

– Lamento, Axel, mas isso não vai ser possível.

Abatido ao escutá-la, o rapaz engoliu em seco.

– Está bem... Compreendo... – Abanou a cabeça e falou num tom suplicante. – Poderia dizer-lhes da minha parte para não se preocuparem comigo, que estou bem e que vou tentar sair do país? E... – Com grande esforço, engoliu as lágrimas. – E que os amo com toda a minha alma? Fá-lo-á, senhora Metzger? Por favor...

A viúva interrompeu as suas tarefas e fitou-o, compassiva. Tinha acendido o lume do fogão e posto a caçarola sobre a chama. Tirou um pedaço de pão de uma cesta e pô-lo num prato, juntamente com um bom pedaço de queijo e uma fatia de marmelada. Em seguida, plantou-se diante dele com os braços cruzados sob o

peito, como se se encorajasse ao abraçar-se a si mesma, ou se refugiasse da dura verdade, da desoladora memória do casal Laufer a afastar-se na desconjuntada carrinha onde tinham enfiado a soma de toda uma vida: malas, alguns livros, cestos com pertences. Como contar-lhe com franqueza a cruel realidade, como explicar os olhos livres de choro da mãe, o peito encovado de dor do pai, os ombros encolhidos de ambos ante o imenso fardo da ausência do filho, do bom filho ainda ignorante do doloroso destino dos seus amados pais? Partia-se-lhe o coração só de pensar nisso.

– Os teus pais não estão em Berlim – disse por fim. – Partiram pouco depois da tua detenção. A tua mãe veio despedir-se, disse que tinham vendido tudo e que iam para a Suíça, para casa de uma tia tua.

– Venderam tudo? – repetiu Axel, incapaz de sacudir o espanto que aquelas palavras lhe tinham provocado. – Porquê? Por que razão?

A viúva interrompeu-o erguendo a mão.

– Ela deixou algo para ti. Espera. – Saiu para o corredor e voltou imediatamente com um envelope fechado. Pô-lo em cima da mesa e arrastou-o lentamente com os dedos, ciente do seu conteúdo. – Disse-me para to dar quando voltasses, pois sempre teve esperança de que o fizesses, de que regressasses são e salvo.

Axel estendeu o braço para lhe pegar, mas afastou-o de imediato, pois sentiu vergonha das suas mãos imundas em contraste com a brancura impoluta do envelope e dos dedos da viúva.

– Posso lavar-me primeiro? – perguntou, receoso.

– Come primeiro qualquer coisa. Caso contrário, quando tiveres acabado com a sujidade que trazes no corpo, terás desfalecido de fome. – Pegou na asa da caçarola com um pano para não se queimar, verteu o caldo numa tigela e pô-lo à frente dele com um longo suspiro. – Come, anda. Vou-te preparando um banho. Já terás tempo para o ler.

Sem deixar de olhar para o envelope, o rapaz engoliu ansiosamente a sopa, o pão, o queijo e a marmelada. Depois, tomou um banho quente. A senhora Metzger procurou algumas

roupas do seu falecido marido que ainda guardava num baú. As calças eram de muito boa qualidade, mas demasiado largas. Ela apertou-lhas com um cinto. Deu-lhe também um casaco de lã, pois, apesar da calidez da casa, Axel não parava de tiritar, como se o sangue se lhe tivesse congelado nas veias.

Uma vez limpo e bem vestido, recuperou alguma dignidade. Com movimentos lentos, ciente de que aquele envelope lhe ia causar dor, instalou-se com a viúva no salão e, sentado num cadeirão, abriu a carta. Do interior, caiu para o chão uma pequena corrente da qual pendia uma medalha de ouro que Axel apanhou de imediato, com a imagem do Coração de Jesus. Segurando-a na palma da mão, contemplou-a, emocionado. Era a medalha do seu batismo, guardada com carinho pela mãe para os futuros netos. Acariciou a joia e, com ela entre os dedos, extraiu duas folhas escritas de ambos os lados com a familiar letra apertada e redonda da mãe. Esboçou um sorriso de ternura ao imaginá-la a escrever à mesa onde cortava os seus padrões. Lançou um olhar à senhora Metzger antes de mergulhar na leitura. A viúva tinha-se sentado num cadeirão próximo; pegou no seu bordado e concentrou-se nele, olhando-o de vez em quando com uma expressão calorosa, projetando amparo e conforto.

À medida que ia lendo, Axel sentiu que um punhal se cravava implacavelmente no seu coração. A angústia aumentava a cada linha, ao imaginar a terrível experiência por que os queridos pais haviam tido de passar. Manteve o choro à distância com a frieza necessária para chegar ao fim daquele testemunho de amor e tormento. Quando ergueu o olhar, os seus olhos brilhavam e chorou com tanta amargura que a senhora Metzger ficou comovida. Ainda assim, nada fez para o consolar, deixou-o entregue ao seu pesar, pois sabia que era necessário dar-lhe tempo para aceitar o calvário sofrido e a impotência de não o ter podido impedir. Passou muito tempo dobrado sobre si mesmo no cadeirão, o rosto enterrado no tecido acolchoado, as folhas nas mãos. Só o barulho do relógio de parede a marcar as horas e o soluçar discreto de Axel quebravam o mutismo da sala, até que o som isócrono do tiquetaque se

apoderou definitivamente do silêncio quando o jovem caiu, de pura exaustão, num sono profundo.

A senhora Metzger cobriu-o com uma manta e manteve-se ao seu lado, a refletir no que devia fazer. Com muita pena sua, Axel não podia ficar ali; Brenda chegaria dentro de algumas horas e, se o descobrisse, não havia a mínima dúvida de que iria a correr denunciá-lo. Aquela mulher tinha-se transformado num monstro e não era confiável. Pensou então em Yuri: poderia escondê-lo nas águas-furtadas até decidirem o que fazer. Como trabalhava na embaixada espanhola, talvez pudesse arranjar forma de fazer com que Axel abandonasse o país. Com essa ideia em mente, saiu discretamente e subiu o lanço de escadas até às águas-furtadas. Bateu insistentemente à porta, mas ninguém respondeu. Preocupada, regressou a sua casa e olhou rapidamente para o relógio.

Deixou Axel dormir um pouco mais, até não lhe restar outro remédio a não ser acordá-lo, ao aproximar-se a hora da chegada da empregada. Apesar de o ter feito com muito cuidado, não pôde evitar que, desorientado, ele se sobressaltasse, com o alerta constante gravado na consciência. Com voz suave, a viúva tentou tranquilizá-lo.

– Axel, tenho de te esconder. Não podes ficar aqui.

Ele resistiu, pois queria ir-se embora, mas ela não lhe deu opção, não ia permitir que saísse para a rua. Assim, deixou-se levar até ao quarto ao fundo do corredor, onde a viúva abriu a porta da pequena arrecadação.

– Esconde-te aí. O jovem que te ajudou na luta é meu inquilino, vive nas águas-furtadas. Tentou testemunhar a teu favor, mas ninguém lhe deu ouvidos. Agora não está em casa, tenho de esperar que regresse. De certeza que arranja alguma maneira de te ajudar. Entretanto, tens de ficar aí dentro, sem fazer barulho nenhum.

Fitaram-se por alguns segundos. Axel introduziu-se no espaço e escondeu-se ao fundo. A viúva fechou a porta e guardou a chave. Tentou vestir-se com o mesmo esmero de todos os dias, mas os

nervos impediam-na, tinha as mãos a tremer, e, a cada duas por três, ia à janela para ver se via Yuri chegar antes da criada.

Brenda chegou pontualmente à hora marcada. Assim que entrou, viu que a senhora Metzger estava estranha, nervosa e tensa. Pensou que teria passado uma má noite, e ela confirmou-lho.

– Não dormi nada, Brenda.

Em seguida, sentou-se à janela com a costura, atenta aos movimentos da mulher pela casa e ao regresso de Yuri da rua. Ele saberia o que fazer, repetia para consigo.

Tinham passado quase duas horas quando a senhora Metzger assistiu pela janela à chegada de Yuri Santacruz, acompanhado pela nova vizinha. Levantou-se, apressada.

– Brenda, vai fazer as compras. Hoje não me apetece sair.

– Desço assim que acabar na casa de banho. Não me tinha apercebido de como está suja...

– Não, vai agora, quero fazer o almoço, e assim trazes o pão.

Brenda, desconfiada de tanta pressa, vestiu o sobretudo, pegou na cesta e partiu.

A senhora Metzger tinha-se postado junto à porta à espera de Yuri, mas ele demorou muito, demasiado. Imaginou que se tivesse distraído em casa dos Siegel: agora, ia sempre vê-los quando Fritz estava de visita. Com o coração apertado e o rádio desligado, a viúva manteve-se junto à entrada, atenta aos ruídos da escadaria. Ao fim de quase uma hora, ouviu bater uma porta. Abriu um pouco a sua até que Yuri apareceu e, quase sem lhe dar tempo para reagir, puxou-o para o interior.

– Como chegou ele até aqui? – perguntou Yuri, incapaz de sacudir o assombro ante a visão de Axel Laufer ao fundo daquela arrecadação.

– É uma longa história – respondeu a viúva. – Agora não temos tempo. – Aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no braço, num gesto suplicante. – Tenho de o tirar daqui antes que a Brenda regresse. Mande-a às compras há uma hora. Se volta e o encontra, não será

só o Axel a estar metido em grandes sarilhos, eu também. Não sei o que fazer...

Entretanto, o rapaz tinha saído do seu esconderijo e fitava-os, desassossegado.

– Não quero comprometer ninguém. Desço até à cave e parto ao anoitecer.

– Nem pensar nisso – interrompeu energicamente a viúva.

– Podia escondê-lo nas águas-furtadas – observou Yuri, com uma expressão pensativa. – O problema é que a Brenda também lá vai fazer limpezas.

– Hoje é sábado, ela não subirá, sabe que estás em casa.

Nesse momento, Axel virou-se com a intenção de sair do quarto, mas a viúva impediu-o.

– Tu não vais a lado nenhum. Jamais me perdoaria se te acontecesse alguma coisa por te ter deixado partir.

– A *frau* Metzger tem razão, Axel. Não podes sair, pelo menos por enquanto.

A viúva tinha-se dirigido à janela e, ao espreitar, a sua expressão alterou-se.

– Aquela maldita... – Cerrou os lábios. – Não temos tempo, Yuri. Por favor...

– Vamos, Axel, vem comigo – instou-o Yuri, decidido.

– Espera. – A mulher pegou num pacote embrulhado em papel e entregou-lho. – É a roupa que trazia, não posso tê-la aqui. Mais tarde, livrar-me-ei de tudo.

Yuri não se esqueceu dos seus *bretzels*. Saíram para o patamar. A senhora Metzger espreitou para o vão da escadaria e viu que Brenda começava a subir do vestíbulo. Apressou-os com a mão. Com muito sigilo, os dois homens subiram o lanço de escadas até às águas-furtadas. Yuri abriu a porta e entraram, fechando-a muito devagar, procurando não fazer qualquer barulho.

Também a viúva entrou em sua casa e atravessou rapidamente o corredor, a fim de ir fechar a porta da arrecadação e verificar, nervosa, se tudo estava em ordem.

Quando ouviu Brenda entrar, saiu ao seu encontro, tentando mostrar-se calma.

- Voltaste muito depressa.
- Ai, senhora Metzger, trago um grande desgosto, que sufoco, nem imagina.
- Vais dizer-me o que aconteceu? – instou a viúva.
- Sabia que os Rothman são judeus?
- Os Rothman, judeus? Quem te disse essa estupidez? O teu marido? – perguntou ela, com toda a ironia de que foi capaz.
- Não, senhora, vi com os meus próprios olhos. Têm a loja carregadinha de cartazes e o boicote está à porta, por isso diga-me a senhora se são ou não são.
- Os Rothman são mais alemães do que tu e eu, tão louros, tão brancos e com uns olhos tão claros como quer o teu *Führer*.
- E o seu, senhora, e o seu – replicou a empregada com maus modos. – A propósito, devia pôr uma bandeira à janela e queimar essa porcaria de livros que tem na biblioteca, que cada vez que me aproximo fico espantada só de os ver.
- E pode-se saber porque haveria eu de fazer isso?
- Porque são um perigo e é a sua obrigação como alemã.
- Sou alemã – sentenciou a viúva –, mas não sou nazi nem penso como eles.
- Pois devia começar a fazê-lo, a pensar como eles. Aqui, senhora Metzger, não há meio-termo: ou se está a favor de uma Alemanha unida ou se está contra ela.
- A senhora Metzger fitou-a, contendo a vontade de lhe dar uma bofetada para ver se recuperava o pouco bom senso que tinha perdido.
- Em tua casa pões as bandeiras que quiseses; na minha mando eu, e não se pendura nenhuma. Agora vai fazer as tuas tarefas, que tenho uma enorme dor de cabeça e não me apetece ouvir mais das tuas parvoíces.
- E o que fazemos com o pão? – perguntou Brenda, como se nada se passasse. – Se quiser, passo pela padaria da *fräulein* Bruckner.
- Nem te passe pela cabeça tal coisa, essa mulher tem o pior pão de toda a cidade. Vou eu mais tarde ver os Rothman.

– Não estará a falar a sério... – Ante o olhar fulminante da viúva, Brenda não insistiu. – Está bem, eu avisei-a, não gostaria de a ver metida em problemas.

Nas águas-furtadas, Yuri e Axel mantiveram-se imóveis, de pé, durante um tempo, como que à espera que passasse algum perigo iminente.

– Se não fosse por não acreditar nessas coisas, pensaria que és o meu anjo da guarda. – Axel sorriu. – Obrigado, Yuri, mais uma vez obrigado.

– És inocente, Axel. Imagino que terias feito o mesmo por mim. – Fitou-o por alguns segundos, sem saber formular a pergunta. – Já sabes...? A *frau* Metzger contou-te sobre os teus pais?

Axel assentiu e deixou-se cair num cadeirão, com uma expressão tão desoladora que deixou Yuri comovido. Aproximou-se e pôs-lhe a mão no ombro, numa demonstração de apoio e de conforto.

– Vai correr tudo bem, Axel. – Abriu o pacote com os *bretzels* que tinha deixado em cima da mesa baixa. – Já tomaste o pequeno-almoço?

Axel abanou a cabeça, de olhos postos nos bolos. O que a senhora Metzger lhe havia dado tinha-se desvanecido no profundo vazio do seu estômago devido à fome acumulada que arrastava.

Yuri fez café e aqueceu leite. Um aroma agradável espalhou-se pela divisão. Axel, sentado no cadeirão, encolhido como um pintassilgo, contou-lhe as suas peripécias.

– Na esquadra, disseram-me que te tinhas declarado culpado – observou Yuri.

– Pouco lhes importa o que eu declaro. Precisavam de um bode expiatório e sobrou para mim. Conhecia bem o Peter von Duisburg, desde os nossos dezasseis anos que me guardava rancor, e por algo tão banal como inacreditável... Tudo porque lhe marquei um golo numa competição da escola, ele era o guarda-redes da sua equipa e perderam por esse ponto... A partir desse momento, a sua

mera presença tornou-se um pesadelo para mim; procurava-me sempre, provocava-me constantemente. Era mau tipo, má pessoa.

Yuri escutava-o com atenção enquanto lhe servia café com leite numa taça.

– É óbvio que algumas pessoas não sabem perder – observou, sentando-se diante dele. – Foi a rapariga que nos ajudou que te apontou como culpado. Tentava proteger o irmão.

Guardou para si a identidade de Claudia, e também não lhe quis dizer que se tinha tornado sua vizinha no edifício.

– Não me surpreende – disse o rapaz, encolhendo os ombros como se se resignasse. – São como uma manada, protegem-se entre si, mas só sobrevivem os que estão perto do poder. Durante o tempo que passei nas caves da Hedemannstrasse, coincidi por algumas horas com dois dos rapazes que nos agrediram naquela tarde. Estavam presos, tal como eu, e num estado lamentável. Não creio que saiam vivos de lá. Eliminarão pela raiz qualquer prova que possa prejudicar o culpado, um tal Franz Kahler, cunhado do Ulrich von Schönberg, um mandachuva das SS que, por sua vez, é filho de outro mandachuva ainda mais poderoso... E é isso que mais importa. Esse tipo de gente não gosta de dar explicações, nem que os filhos tenham de o fazer. Por isso, livrar-se-ão de todas as testemunhas, não importa que sejam dos seus. Não têm piedade. São implacáveis no que toca a salvar a própria pele.

– Também eu fui testemunha, portanto estou em perigo.

– És estrangeiro – contrapôs Axel, antes de dar uma dentada no segundo dos *bretzels* que Yuri lhe tinha oferecido com um gesto. – Talvez isso os impeça de te perseguir. Não faço ideia do que lhes passa pela cabeça, mas o que te digo é que não confies, aposto o pescoço em como te têm vigiado. E quanto a mim, sou comunista... Para eles, a minha vida não vale nada.

– Mas o teu pai disse que não querias saber de política para nada – replicou Yuri, espantado.

– Há coisas que um pai não pode entender. Há algum tempo, tentei explicar-lhe as minhas ideias, o que pensava, as minhas visões da vida, da sociedade, do Estado... Mas ele recusou-se a ouvir-me. Para ele, o comunismo é um veneno maldito que só atrai

a desgraça. Admito que tivesse os seus motivos para pensar assim, mas ninguém tem de adotar as razões dos outros, por mais que fosse meu pai; basicamente, as suas razões não são as minhas. Fez-me prometer que me afastaria dessas ideias. A minha mãe suplicou-me que o fizesse... E eu fi-lo, prometi... – Ergueu os olhos para Yuri e inspirou fundo, como se a tristeza lhe pesasse. – Menti; nunca souberam que me tinha filiado no Partido Comunista. Como lhes poderia dizer? Menti porque os amo demasiado para lhes confessar essa verdade. Não se pode renunciar ao amor de um pai, e como se pode negar uma súplica a uma mãe...? Mas também não posso desistir dos princípios em que acredito e pelos quais quero lutar. O meu pai é um homem honrado, reto, um bom homem. Devo reconhecer que tinha alguma razão quando disse que as minhas ideias me levariam à desgraça. O pior de tudo é que os arrastei também a eles, e isso é algo por que jamais me poderei perdoar. – O seu rosto alterou-se, recordando a dor contida nas folhas que tinha no bolso. A voz saiu-lhe balbuciante, num fio quase inaudível. – Por minha culpa, perderam o trabalho de toda a sua vida... Perderam tudo, e eu sou o único responsável.

– Aqui os únicos responsáveis são os que agiram à margem da lei, os que te prenderam injustamente e os que tiraram tudo aos teus pais. – Abanou a cabeça. – Não me agrada esta Alemanha que vejo...

– Nem a mim, e sou alemão. Quero ir para a Rússia. É admirável o que lá conseguiram fazer com a revolução.

Yuri observou-o atentamente por alguns segundos antes de falar.

– O que achas tu que conseguiram?

– Uma sociedade de iguais – afirmou Axel com veemência. Pela primeira vez, pareceu que os seus olhos se iluminavam. – O mundo inteiro devia aprender com aquela sociedade. É exemplar.

Enquanto o escutava, Yuri não pôde deixar de recordar as suas vivências na Rússia, o desabar de todo o seu mundo, a brusca desumanização em consequência da fome e da violência descontrolada. Compadecia-se da situação daquele rapaz, pois aprofundava a sua própria ferida, a sua memória de ausência, de

separação, mas também lamentava tamanha ignorância sobre a realidade, aquela visão idealizada, quase poética, que se tinha propagado entre a esquerda de muitos países, justificando a evidência dos excessos tanto de Lenine como agora de Estaline. A ditadura do proletariado como meio para conseguir a desintegração das classes sociais envolvidas na defesa do operário tinha-se transformado numa perfeita cortina de fumo, ocultando uma brutalidade que já durava há quase duas décadas.

– Achas realmente exemplar o que foi feito na Rússia?

– Com certeza – respondeu ele, convicto. Parecia ter recuperado as forças, após ter tomado o café quente e os bolos. – Alcançou-se a igualdade entre toda a população, desapareceram as classes e as suas grandes diferenças, com as injustiças que isso implicava; toda a gente tem acesso à cultura, aos teatros, aos parques, os museus abrem-se para a gente do povo. O operário russo é feliz porque, pela primeira vez, tem esperança; não sofre a exploração de uns quantos patrões sem escrúpulos, são os trabalhadores que dividem entre si os benefícios do seu trabalho. Ninguém é mais do que ninguém por lá, têm todos as mesmas oportunidades.

– Axel, acredita, não sabes o que dizes...

– São todos camaradas – reafirmou Axel, impetuoso. – Todos iguais.

– Uns mais iguais do que outros – replicou Yuri, entre a descrença e a indignação ante a credulidade obsessiva daquele idealista imberbe. – Não deves esquecer isso.

Axel abanava a cabeça, convencido da sua ideia.

– Não conheces aquilo – insistiu, desconhecendo o passado de Yuri. – É o paraíso do operário, do trabalhador, da igualdade...

– Mas não da liberdade – interrompeu-o ele.

– De que serve a liberdade num mundo de desigualdades?

– Pois, para decidires o que queres ser, o que queres pensar, como te queres mover ou onde queres viver. A sério que te parece pouco?

– Referes-te a decisões pessoais. O importante não é o indivíduo, mas sim o bem da sociedade inteira, o benefício da

comunidade. Deve ser esse o objetivo.

– Sempre me pareceu perigoso o sacrifício pessoal. Quem está disposto a imolar o seu bem-estar por um ideal, por mais nobre que seja, acaba por exigir o mesmo sacrifício aos demais, ainda que eles não queiram.

– Não seria assim se todos nos comprometêssemos com a mesma causa.

Yuri bebeu um gole de café.

– Alguma vez estiveste na Rússia?

– Não, mas um camarada meu esteve lá várias vezes com Lenine, e há pouco tempo com o camarada Estaline. Visitou várias cidades, Moscovo, Leninegrado, esteve em vilas e aldeias, toda a gente tinha trabalho, todos estavam bem. Disse-me maravilhas de como se vivia, de como tudo era partilhado: a especulação desapareceu, as pessoas compram o que precisam, e não porque lhes apetece; adquirir o que não é necessário só para ter algo melhor, maior ou mais bonito do que o vizinho é vil e egoísta, e leva-nos ao pior do capitalismo. – Axel falava com o entusiasmo que resultava de estar convencido da solidez da sua argumentação. – Se os que acreditam no comunismo como sistema de Estado fizerem bem o seu trabalho, estou convencido de que o futuro será muito melhor, as pessoas serão mais felizes, haverá prosperidade. É preciso preparar a terra, semear para poder colher. Vale a pena tentar.

Yuri escutava-o, tentando manter a calma; não queria nem devia descarregar nele a sua indignação. Enraivecira-o a mensagem perfeitamente urdida que se espalhava além-fronteiras sobre a realidade do bolchevismo, ao ponto de chegar a infiltrar-se em mentes nobres e ainda íntegras e decentes como a daquele rapaz.

– E tu acreditaste em tudo isso?

– Trata-se de um professor universitário, não é um tipo qualquer – justificou-se Axel. – Tem autoridade suficiente para que acredite nele, e não é o único. Todos os que lá vão regressam impressionados e convencidos.

A Yuri, aquelas palavras magoavam-no. Custava-lhe a crer que as coisas pudessem ter mudado tanto, que aqueles progressos e

melhorias de que se gabavam se tivessem consolidado naqueles anos. Tinha a sua própria experiência, a sua vivência particular e privada que rebentava com aquele discurso vazio. Como atirar-lhe com a sua verdade, com a realidade vivida e sofrida em primeira mão, uma realidade submersa no fundo mais escuro da sua consciência, aí depositada desde há anos, presa com a grande pedra do inesgotável adiamento? Sem querer, os seus olhos pousaram na foto que tinha em cima da cómoda, a foto que finalmente podia ter à vista sem medo de que a mão negra do pai lhe arrebatasse para a lançar ao fogo do esquecimento. Axel apercebeu-se.

– É a tua mãe?

Yuri assentiu, com um sorriso melancólico.

– E o meu irmão. Há mais de doze anos que não os vejo. Ficaram na Rússia.

– Na Rússia? Não sabia... Não fazia ideia de que tinhas família na Rússia.

– Não podias saber, mal nos conhecemos. – Sorriu-lhe, conciliador. – Nasci na antiga São Petersburgo, saí quando ainda era Petrogrado... Agora, chamam-lhe Leninegrado, em honra do homem que, com a sua revolução, provocou uma das guerras civis mais sangrentas da história e matou de fome milhões de russos...

– As coisas não foram assim.

– Axel, tu não sabes o que realmente aconteceu por lá – interrompeu Yuri, em tom calmo. Comovia-o a ingénua ignorância de quem tinha sido endoutrinado. – Foi como te digo. A minha família e eu sofremo-lo na nossa própria pele.

– As revoluções cobram sempre a sua porção de vítimas – afirmou Axel com solenidade. – Vemo-lo nesta Alemanha culta e civilizada.

– É esse o grande problema. Que, em nome da revolução, tudo se justifica...

A campainha obrigou-o a calar-se. Sobressaltados, olharam para a entrada como se uma ameaça espreitasse atrás da porta. Yuri fez-lhe sinal para que se escondesse na casa de banho. A campainha voltou a tocar.

– Um momento! – disse ele, erguendo a voz para que o ouvissem.

Quando Axel desapareceu da vista, Yuri dirigiu-se à porta.

– Quem é?

– É a Brenda, *herr* Santacruz. Tem roupa para lavar?

Antes que pudesse responder, ouviu a voz da senhora Metzger, que, do patamar de sua casa, repreendia Brenda.

– Mas, Brenda, o que fazes?

– Vou lavar a roupa, senhora, e estava a perguntar se tinha alguma...

– Faz o favor de descer e de continuar com as tuas tarefas.

Mas Brenda insistiu.

– Já sabe, *herr* Santacruz: se tiver alguma roupa, traga-ma para baixo.

Ouviu-a seguir escadas abaixo. As suas palavras misturavam-se com as repreensões da viúva. Tudo ficou novamente tranquilo. Axel espreitou e saiu do esconderijo. Já mais relaxados, o rapaz voltou a sentar-se e serviu-se de mais café da cafeteira que estava em cima da mesa. Yuri estendeu-lhe a sua chávena para que a enchesse também, mas antes que se pudesse sentar, a campainha tocou novamente, seguida por duas batidas na porta. Era a forma como a senhora Metzger costumava tocar, pelo que, convencido de que era ela, abriu a porta, confiante. Uma sorridente Claudia estava plantada no pequeno patamar, com um prato de bolos na mão e um sorriso no rosto.

– Pensei que... – Emudeceu ao ver Axel sentado num dos cadeirões, como se tivesse visto um fantasma. O prato caiu, batendo no chão, e Claudia deu meia-volta e começou a descer as escadas. Yuri precipitou-se atrás dela e agarrou-lhe no braço, detendo-a.

– Espera... – suplicou ele em voz baixa.

– Tenho de ir – disse ela, tentando libertar-se.

– Vais denunciá-lo? – perguntou Yuri, num tom urgente.

Ela fitou-o por alguns segundos, com o rosto relaxado.

– Vais tu denunciar o meu irmão?

Yuri cerrou o maxilar e abanou a cabeça.

– Então estamos em paz – disse ela.

Nenhum dos dois se moveu, parados frente a frente, em silêncio, olhando-se fixamente, sentindo o palpitar do pulso acelerado. Até que ela abriu os lábios num ligeiro sorriso e lhe acariciou o rosto da têmpora à face. Yuri estremeceu ao sentir o contacto da sua mão. Aquela mulher tinha-lhe roubado o coração. Claudia aproximou-se e beijou-o nos lábios, um beijo rápido, suave e doce, antes de lhe virar costas e desaparecer escadas abaixo.

Yuri procurou o seu amigo Fritz para lhe contar da aparição de Axel e analisar possíveis saídas. A ele, confessou-lhe realmente quem era Claudia Kahler e quem tentava proteger com a sua acusação, e também que ela tinha visto Axel nas águas-furtadas.

– Eu não confiaria nessa mulher – observou Fritz, pensativo.

– Ela não dirá nada.

– Como tens assim tanta certeza?

– Ela não dirá nada – repetiu Yuri, sem mencionar o que tinha acontecido entre eles. – É um pressentimento.

– Com os nazis, não há pressentimentos, só certezas.

– Não vou denunciar o irmão dela – admitiu ele, por fim. – Assumi esse compromisso.

– Já imaginava, mas continuo a não confiar. Temos de tirar o Axel do país, e devemos fazê-lo o quanto antes. Precisamos de arranjar um passaporte falso para que acesse a fronteira. Sei onde podemos arranjar um em troca de uma boa quantia em dinheiro.

– Quanto ao dinheiro, não há problema. Se for necessário, peço emprestado a Villanueva.

– Vou apalpar terreno – acrescentou Fritz, pensativo. – A infiltração da polícia secreta e das SS começa a chegar ao submundo, onde se realizam este tipo de negócios fora da lei, por isso temos de ter muito cuidado.

No entender de Fritz, apesar da exposição ao perigo que enfrentavam, o melhor era manter Axel escondido até que as coisas acalmassem. Tinham de deixar passar o furor das buscas,

de aguardar pelo momento mais oportuno para a retirada. Era bem provável que a atenção que recaía sobre Axel acabasse por ceder com o tempo; havia demasiadas frentes abertas, eram muitos os que tinham de perseguir, procurar, identificar, deter... Por mais meios que mobilizassem, não tinham outro remédio a não ser definir prioridades.

Princípio da simplificação e do inimigo único

Adotar uma única ideia, um único símbolo. Individualizar o adversário num único inimigo.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Tinha passado uma semana desde que Axel Laufer chegara a casa da senhora Metzger. Nas águas-furtadas não havia espaço para os dois, pelo que o fugitivo se instalou com a viúva. Durante as horas em que Brenda andava pela casa, Axel mantinha-se escondido na arrecadação, fechada a porta com uma chave que a senhora Metzger guardava.

Brenda acabou de pôr as coisas para o pequeno-almoço na mesa. A senhora Metzger observava-a sem grande interesse, surda à sua conversa fiada. A sua atenção estava na pequena arrecadação onde, tal como todas as manhãs, Axel se tinha escondido minutos antes da chegada da empregada. A viúva estava muito preocupada, pois o filho do farmacêutico havia passado muito mal a noite. Tinha-lhe subido muito a febre e sofrera ataques incontroláveis de tosse. Pensara em levá-lo para as águas-furtadas, mas aquele era o dia em que Brenda fazia lá as limpezas depois de terminar em sua casa.

Não sabia o que fazer. Pensou em chamar um médico, mas não confiava em nenhum. Tinha de ter muito cuidado com o que dizia ao telefone, pois Brenda, no seu afã de lhe contar tudo, avisara-a de que a polícia secreta intervinha nas linhas para descobrir os

inimigos do Estado através das conversas privadas. Sem se aperceber, a criada mantinha-a a par dos perigos que se podiam abater sobre ela pelo facto de manter escondido um foragido. Assim, quando na tarde anterior ligara à filha (que ignorava o que se passava com Axel), disse-lhe que era ela quem tinha os sintomas, para que lhe indicasse o que podia tomar. Krista tinha-a aconselhado a beber muitos líquidos, tomar paracetamol e ficar de cama. Mas aquela chamada, longe de a tranquilizar, somara-lhe ainda outra preocupação. Sentira a filha muito estranha; estava convencida de que lhe escondia alguma coisa, pois o seu tom de voz não era o de sempre, parecia inquieta, embora não lhe tivesse conseguido arrancar nada.

A viúva serviu o café fumegante, esperando que Yuri descesse para tomar o pequeno-almoço; precisava de lhe falar do estado de saúde de Axel. Nesse momento, bateram à porta. Brenda abriu e ouviu a voz de Lilli Rothman. A senhora Metzger levantou-se e saiu para o vestíbulo, surpreendida pela presença de Lilli, uma vez que em teoria devia estar há já várias horas na padaria a preparar o pão e os doces do dia.

– Bons dias, Lilli – saudou afavelmente. Parecia-lhe muito abatida: perdera peso, tinha olheiras e a pele seca, nada a ver com as faces rosadas que sempre exibia. – O que a traz aqui tão cedo? Não deveria estar a amassar os seus deliciosos biscoitos?

– Bons dias, Theresa. – A senhora Rothman trazia uma bandeja embrulhada nas mãos. Com um sorriso forçado, mostrou-lha. – Trago-lhe uma *szarlotka* da minha terra, a tarte de queijo polaca de que tanto gosta, acabada de fazer, e pus-lhe aí também umas bolas de Berlim para o seu inquilino espanhol. Sei que são as suas favoritas.

Brenda, que se mantinha à porta como um guardião a controlar a entrada, murmurou com raiva as palavras «lixo judeu» e fez menção de cuspir.

Para a viúva, era muito dolorosa aquela atitude para com a senhora Rothman, a quem Brenda tanto tinha a agradecer por tudo o que havia feito pelo malandro do seu filho, bem como pelas vezes em que lhe oferecera biscoitos e pão, que Brenda recebia com

regozijo. Desde que soubera da ascendência judia da pasteleira, a atitude da criada tinha-se tornado agressiva. Os seus desprantes eram muito desagradáveis para a senhora Metzger, mas esta também não se atrevia a repreendê-la muito, pois não queria inflamar os ânimos enquanto Axel estivesse escondido em sua casa.

– Brenda, vai fazer as tuas tarefas – instou-a secamente. – Eu atendo a senhora Rothman.

Aquele pedido não era o habitual, a senhora Rothman só fazia a sua tarte de queijo polaca em dias muito específicos e por encomenda. Era evidente que a sua presença não era fortuita.

– O que se passa, Lilli? – perguntou a viúva, quando Brenda as deixou a sós.

– O Bruno não está bem. Posso falar consigo, Theresa? Preciso de falar com alguém... – A última frase foi um sussurrado e angustiado pedido de ajuda.

– Entre, Lilli, tome um café.

– Não queria incomodá-la.

Antes que fechasse a porta, chegou Yuri. Cumprimentou as duas mulheres e a viúva convidou-o a entrar.

– Não tema, Lilli, o Yuri é de absoluta confiança. Acredite. Pode estar tranquila.

– Eu sei – respondeu ela, sorridente e segura.

Dirigiram-se os três à sala de jantar. A viúva fechou a porta e aumentou o volume do rádio para que a criada não pudesse ouvir a conversa.

– O que se passa com o Bruno?

– Está em casa, não quer sair, nem voltar à escola. Perseguem-no, cospem-lhe em cima ao passar, insultam-no, humilham-no... Meu pobre filho. E parte desse assédio é liderado pelo filho da Brenda. Se pudesse falar com ela...

– Esse Rudi é um diabo. Falarei com a mãe dele, não se preocupe, Lilli.

– Mas isso não é o pior... – Calou-se por um momento, como se estivesse a reunir forças para dizer o que lhe dilacerava a alma. Ergueu o rosto e olhou fixamente para a sua vizinha, agarrando-se

aos seus olhos. – A Ernestine pediu ao pai que se separe de mim.
– Levou a mão ao peito num gesto de intensa dor. – A minha própria filha...

Yuri e Theresa entreolharam-se, pasmados, sem poder acreditar.

– A Ernestine fez o quê? – reagiu finalmente a viúva.

– Não sabíamos de nada – prosseguiu Lilli –, mas há vários meses que se encontra com um homem que pertence às SS. É muito mais velho do que ela, e tão... – Encolheu os ombros, como se o mero facto de o recordar a assustasse. – Alguns dias antes do boicote, levou-o a casa para que o conhecêssemos, e nesse mesmo dia pediu-nos a mão da nossa Ernestine. O pai respondeu-lhe que achava aquilo muito precipitado, que a Ernestine ainda era muito nova e que deviam esperar. Ele não gostou da resposta, os seus modos eram tão rudes... Como ia deixar a minha filha nas mãos de um bárbaro daqueles? Não imagina as maneiras que tinha, a má educação, a prepotência... Disse-nos que não importava o que disséssemos, que ia casar com a minha filha, com ou sem o nosso consentimento. Estes últimos dias, tenho notado o meu marido muito triste, calado, até mesmo esquivo comigo... Ontem confessou-me finalmente o que tanto o consumia: a Ernestine pediu-lhe que se divorciasse de mim.

– Como pode uma filha pedir isso ao seu pai? – perguntou a viúva, espantada.

– Porque sou um obstáculo à sua felicidade. O namorado disse-lhe que seria melhor para todos se o meu marido me repudiasse por ser judia. Assim, ficaria livre da sua ligação à raça maldita. Foi o que ela disse ao pai. – As palavras pareciam vacilar nos seus lábios secos. – Quer que saia de casa e que deixe a pastelaria... – Tinha o queixo a tremer e a voz falhou-lhe, quebrada pela dor.

– Mas a Lilli é a alma da sua família. E também daquela loja, não seria o mesmo sem si.

– A Ernestine sabe muitas das minhas receitas. Vê-me trabalhar desde pequena. Ninguém é imprescindível.

– E o senhor Rothman, o que diz?

– Está destroçado... – Tentava conter o choro, esforçava-se por engolir a amargura que lhe roía a alma como se uma ratazana de esgoto se lhe tivesse introduzido no corpo. – Sente-se muito pressionado. O negócio vai mal. Clientes de toda a vida instam-no a que me expulse da confeitaria, ou não voltarão a comprar nem um pãozinho. Não sei o que fazer, Theresa, é tudo tão horrível... Estou convencida de que foi aquele homem que divulgou a condição de judeu do meu pai. Quem mais? Já quase me tinha esquecido. Basta esse pequeno pormenor para arruinar a vida de alguém neste país.

Nesse momento, interrompeu-os um grito, seguido de passos acelerados pelo corredor. A senhora Metzger e Yuri levantaram-se para ver o que se passava e, ao abrirem a porta, Brenda entrou, com o rosto desfigurado. Ao ver a viúva, ergueu o indicador e apontou-lho, acusadora.

– Não esperava isto de si, senhora Metzger, não o esperava: esconder o filho desse farmacêutico, um inimigo do Reich... um assassino... um comunista! Vou denunciá-lo agora mesmo.

– Brenda, por favor, imploro-te – pediu a viúva, tentando agarrar-lhe no braço para falar com ela, mas a empregada libertou-se com brusquidão. A senhora Metzger seguiu-a pelo corredor, suplicante. – Brenda, é o Axel, o nosso Axel, criámo-lo aqui as duas, nesta casa...

A empregada virou-se para a enfrentar.

– Não posso acreditar que tenha feito uma coisa destas, senhora Metzger, pensava que era uma boa alemã. Sempre a defendi, apesar de insistir em não pôr a bandeira do nosso *Führer* nas janelas, apesar de comprar jornais que mentem e envenenam sobre o que este governo está a fazer pela Alemanha, apesar de não ir a nenhum dos comícios. Apesar de tudo isso, dei a cara por si, porque estava convencida de que era a favor de uma Alemanha ariana, livre de lixo como este – acrescentou, dirigindo-se com desprezo a Lilli Rothman, que se mantinha, juntamente com Yuri, atrás da viúva. – E afinal, tinha escondido um delinquente, um assassino, um...

– Basta! – explodiu a senhora Metzger. – O Axel Laufer não é um delinquente nem um assassino, ele não fez nada.

– Isso terão de ser as autoridades a dizer.

– Brenda, se me denunciasses, prender-me-ão... Perderás o teu emprego.

A empregada soltou uma gargalhada malévola.

– Acha que eu volto a pôr um pé nesta casa? Não preciso da sua esmola em troca de limpar a sua porcaria. O Lukas tem um bom salário e arranjar-me-á uma casa decente onde não se ocultem delinquentes.

Dirigiu-se à porta. A viúva seguiu-a, sem parar de implorar, incapaz de deter a criada que, furiosa, abriu a porta e se precipitou escadas abaixo. Espreitaram os três para o vão para verem, impotentes, como saía em busca da polícia.

Axel apareceu no corredor, a tossir.

– Lamento, senhora Metzger, não consegui conter a tosse. Deve ter-me ouvido e forçou a fechadura. Lamento.

Tremia de febre. A senhora Metzger dirigiu-se a Yuri.

– O que fazemos?

– Não podemos levá-lo para as águas-furtadas – respondeu ele, pensativo.

– Em minha casa, talvez... – sugeriu Lilli.

– Não – rejeitou Yuri. – De certeza que vão revistar todo o edifício.

– E o que fazemos? – insistiu a viúva. – A Brenda não tardará a regressar.

Por alguns segundos, Yuri manteve-se taciturno. Subitamente, reagiu.

– Acho que sei onde o esconder. Axel, vem comigo. – Começou a descer o lanço de escadas, seguido pelo rapaz, mas parou e deu meia-volta. – *Frau* Metzger, arrume a arrecadação e deixe-a como se ninguém lá tivesse entrado, está bem? Faça-o imediatamente. Quanto a si, senhora Rothman, vá para casa.

Desceu ao segundo andar. Tocou apressadamente à campainha, batendo à porta, nervoso.

– Quem é?

– Claudia, abre, por favor.

Sabia que estaria sozinha, tinha combinado encontrar-se com ela. Desde o seu primeiro encontro, quase todos os dias estavam juntos, fosse em casa de Claudia ou nas águas-furtadas. Não conseguia explicar o que sentia por aquela mulher. Pela primeira vez, tinha uma sensação semelhante à felicidade quando estava ao seu lado. Junto dela o tempo parava, não havia nada mais importante do que escutá-la, abraçá-la, senti-la perto, inalar o seu aroma, olhá-la nos olhos, beijar os seus lábios. Tinha-se apaixonado perdidamente por ela.

Claudia abriu a porta. Yuri empurrou-a e entrou juntamente com Axel.

– Tens de o esconder – disse, sem lhe dar tempo para reagir. – Pelo menos por algum tempo.

– Estás louco? Não penso fazê-lo.

– Claudia, imploro-te.

– Porque achas que estará mais seguro aqui?

– Porque não se atreverão a revistar a tua casa.

Ouviram carros na rua. Vozes de pessoas. Claudia empurrou Yuri para o patamar, mas, antes de fechar a porta, fixou o olhar naquele rosto amado. Estava tão apaixonada por ele que faria tudo o que lhe pedisse. Em seguida, guiou o maltratado Axel pelo corredor.

Yuri correu escadas acima até à casa da viúva. Entrou e fechou a porta, tentando recuperar o fôlego.

– Feito – limitou-se a dizer.

– Onde...?

Yuri interrompeu a pergunta com um gesto.

– Confie simplesmente em mim.

A viúva fitou-o como a um deus protetor. Ele agarrou-lhe no braço e, com muita delicadeza, conduziu-a ao salão.

– Agora, vamos tomar o pequeno-almoço. Não se passou nada aqui. Não sabemos de nada e tudo o que venha a acontecer irá deixar-nos muito surpreendidos. Vamos, desfrutemos do pequeno-almoço.

Princípio da renovação

Devem ser constantemente emitidos novos argumentos e informações, a um ritmo tal que, quando o adversário responder, já o público estará interessado noutra coisa. As respostas do adversário nunca devem poder contrariar o nível crescente de acusações.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Do aparelho de rádio saía a voz enlatada de Goebbels, o Ministro da Propaganda. A viúva pegou na chávena de café já frio e teve de a pousar, pois tinha a mão a tremer. Yuri falou-lhe com uma expressão de ternura no olhar.

– Acalme-se, *frau* Metzger, vai correr tudo bem. Eu estarei ao seu lado.

Ela assentiu, agradecida. Voltou a pegar na chávena, desta vez com as duas mãos, bebeu um gole e pousou-a novamente no pires. Olhava para a porta como se fosse surgir dela um monstro aterrorador.

A campanha soou de forma reiterada e Yuri levantou-se.

– Deixe-me ir a mim, está bem?

Abriu a porta e um tropel de homens vestidos de pardo entrou pela casa sem mais explicações.

– O que vem a ser isto? – perguntou Yuri ao único que ficou à sua frente.

– Houve uma denúncia de que está escondido nesta casa um assassino foragido.

– Aqui, só estamos a senhora da casa e eu. – Apontou para a sua senhoria. – Não está cá mais ninguém.

– Isso é o que vamos ver. Revistem tudo, vamos! – gritou o homem aos que percorriam já todas as divisões.

Nesse momento apareceu Brenda, entrando na casa como se fosse sua.

– Procurem por todo o lado, de certeza que o terão escondido bem. Vou mostrar-vos onde o tinham. – Dirigiu-se ao último quarto, seguida por todos os demais. – Veem? – Mostrou-lhes a porta do habitáculo, que conseguiu abrir sem problemas, uma vez que a fechadura estava quebrada. – Era aqui que o tinham.

– As únicas coisas que há aí dentro são trastes e malas vazias – protestou a viúva, com falsa indignação. – Que barbaridade é esta, Brenda? A que propósito vem este espetáculo?

– Esta fechadura foi forçada. – Um SA verificava os estragos que Brenda tinha causado ao fazer saltar o trinco.

– Está assim há imenso tempo – respondeu serenamente a senhora Metzger. – Perdi a chave e não tive outro remédio.

O SA olhou para a viúva e em seguida para Brenda. Espreitou para o interior e voltou a endireitar-se.

– Estava ali, garanto-lhe – insistiu a criada. – Tem de acreditar em mim.

– Ela está a mentir – replicou a viúva.

– Porque haveria de mentir? – perguntou o comandante, displicente.

– Não sei... – A senhora da casa estremeceu ante os olhos injetados de ódio de Brenda. – Sempre foi muito invejosa.

A mulher não respondeu aos ataques diretos da viúva. Com uma expressão maliciosa, dirigiu-se ao que estava no comando.

– Se não está aqui, procurem no piso de cima, é onde ele vive – disse, apontando para Yuri.

– Importa-se de nos mostrar a sua casa? – inquiriu o SA.

– Não vejo qualquer inconveniente. Mas garanto-lhe que estão a perder tempo.

Subiram. Yuri abriu-lhes a porta e quatro homens das SA entraram nas águas-furtadas, enquanto ele se mantinha parado no umbral. Brenda também entrou, sem que ele pudesse impedi-la, e foi direita a uma arca que estava debaixo de umas janelas. Yuri sentiu a pulsação acelerar. Tinha-se esquecido por completo de que havia escondido ali o velho pijama de Axel.

– Aqui está – disse ela, erguendo-o com satisfação, como se tivesse encontrado um tesouro. – Vi-o noutro dia, surpreendeu-me

que fosse dele. – Olhava para Yuri com malícia. – Agora entendo tudo. – Estendeu-o a um dos SA. – Aí tem a prova.

O SA desenrolou o embrulho e apareceram o casaco e as calças sujos e puídos.

– O que é isto? – perguntou ele.

– A roupa do comunista que têm estado a esconder – adiantou-se ela.

– Não é minha – disse Yuri com serenidade. – Já estava aqui quando me instalei. Pensei em deitá-la fora, mas esqueci-me completamente.

– Mentiroso – acusou Brenda.

– Livra-te de me insultares, Brenda. – O tom saiu-lhe ameaçador, o que desconcertou um pouco a bravura que a empregada destilava.

O SA assistia a tudo com apreensão. Outro dos homens disse que não estava ali ninguém. O que segurava o pijama empurrou-o contra o peito de Yuri e saiu para a escadaria, seguido pelos restantes. Brenda passou diante dele e parou por apenas alguns segundos para lhe dizer, com raiva:

– Encontrá-lo-emos, nem que o tenham escondido no próprio inferno.

Yuri saiu atrás de Brenda e juntou-se à viúva no patamar. Os homens que tinham entrado em sua casa indicaram ao comandante que não haviam encontrado nada.

– Revistem o edifício inteiro! – gritou este com autoridade. – Inspecionem até ao último recanto, entrem em cada apartamento, cave, terraço e arrecadação.

Os homens, obedientes, precipitaram-se escadas abaixo. O comandante dirigiu-se à viúva com maus modos. Via-se que estava incomodado com o fracasso da caçada.

– Mostre-me os seus documentos, senhora.

– Porque haveria de o fazer? – replicou Yuri. – Está acusada de alguma coisa?

Interrompeu-os uma voz que ecoou pelo vão das escadas.

– Senhor, pode vir cá abaixo por um momento?

O líder começou a descer as escadas, seguido por Yuri. Os SA entravam e saíam dos restantes apartamentos, ante o espanto dos vizinhos, incluindo a senhora Rothman, que representou também o seu papel de surpreendida.

Chegaram ao patamar do segundo andar. Claudia mantinha-se à porta de sua casa, impedindo a entrada.

– Garante que é a esposa do *Obergruppenführer* SS Von Schönberg, senhor – disse um dos SA.

– E nora do *Standartenführer* Von Schönberg – salientou ela, com arrogante firmeza. – É o senhor o comandante? – O homem assentiu e ela continuou. – Os seus homens pretendem invadir a minha casa alegando que procuram um assassino e comunista em fuga. Só com isso podia fazer com que vos prendessem a todos por difamação. Este é o domicílio de um alto funcionário das SS. A acusação é inconcebível.

Yuri assistia embevecido à atuação magistral de Claudia. Definitivamente, amava aquela mulher.

O comandante, por sua vez, desdobrou-se diante dela num trato delicadíssimo.

– Lamento muito o incómodo, *frau* Von Schönberg, mas houve uma denúncia e temos de proceder à revista de todos os apartamentos. Trata-se de um perigoso delinquente que já assassinou uma pessoa. É possível que se tenha infiltrado em sua casa. A revista é feita para sua segurança.

Fez sinal aos homens que aguardavam no patamar pela ordem para entrar na casa, mas ela manteve-se firme.

– Em minha casa não entra ninguém sem um mandado judicial.

Um dos homens afastou-a e empurrou a porta, que permanecia entreaberta. Yuri susteve a respiração. Os olhos de Claudia procuraram os seus e ele não desviou o olhar. Quando iam a entrar na casa, um ecoar de botas a subir pela escadaria deixou-os a todos em alerta.

– O que se passa aqui?

Frank Kahler subia o último lanço de escadas, seguido por meia dúzia de homens, todos fardados. Ao ver as três estrelas cosidas

na lapela do casaco pardo de Franz, o comandante pôs-se em sentido e fez a saudação nazi.

– Estamos a proceder a uma busca, *herr Offizier*.

– Acusam-me de ter um assassino escondido em minha casa, Franz – protestou Claudia, encorajada. – É um atropelo imperdoável.

– Tire imediatamente os seus homens daqui... Já! – gritou Franz, exercendo a sua autoridade.

O comandante entrou no vestíbulo e ordenou aos seus homens que saíssem. Todos o fizeram. Yuri observou o rosto de Claudia.

– *Herr Offizier* – tentou justificar-se o oficial que estava no comando. – Houve uma denúncia de que um perigoso delinquente se ocultava neste edifício. A nossa intenção era apenas proteger a segurança da senhora Von Schönberg.

– A senhora Von Schönberg é minha irmã e, em qualquer caso, protejo-a eu. Proceda à batida do resto do edifício.

Pondo-se em sentido enquanto fazia a saudação nazi, o homem prosseguiu com a inspeção ao imóvel. As escadas pareciam uma romaria de subidas e descidas dos homens de pardo, protestos dos vizinhos contra o atropelo da intimidade dos seus lares, rostos assustados, o alarme partilhado com o tropel de botas a ecoar pelo sobrado. Yuri tinha aproveitado a confusão para subir a casa da senhora Metzger a fim de se afastar de Claudia e evitar um encontro direto com Franz.

Claudia mantinha-se no patamar junto ao irmão, a assistir ao alvoroço. Não lhe parecia que Franz tivesse intenção de ficar mais tempo do que o necessário. Os seus homens aguardavam-no. Sentia o coração palpitar com violência. Respirou fundo e tentou acalmar-se, tinha de se controlar e de impedir por todos os meios que Franz entrasse em sua casa. Escondera Axel na última divisão, mas tossia muito, e Claudia temia que se ouvisse.

– Menos mal que apareceste – disse ao seu irmão. – Estes homens são uma vergonha.

– Estão a fazer o seu trabalho, irmãzinha. Avisaram-me de que ia ser feita uma busca ao edifício, andávamos por perto e passei

por cá para ver o que se passava. A denunciante diz que se trata de Axel Laufer.

– Não estava enclausurado? – perguntou Claudia, com aparente inocência.

– Fugiu há uma semana. Andamos à procura dele. Quando o encontrarmos, vai pagar bem cara a sua aventura.

Os homens terminaram as buscas e partiram em tropel.

– Anda, vai lá tratar dos teus afazeres – instou-o Claudia quando as escadas ficaram vazias –, que eu tenho consulta com o meu ginecologista e já estou atrasada. Estes idiotas fizeram-me perder muito tempo.

– A ver se me dás um sobrinho. Gostaria muito de ter um pequeno Franz.

– Franz? Se o Ulrich te ouve dizer isso, arranca-te os galões.

– Não pensarás chamar-lhe Ulrich, pois não? É um nome feio.

– Vou chamar-lhe Hans – replicou ela, com um sorriso cúmplice.

– Como o avô.

– Gosto de Hans.

Pôs o chapéu e desceu rapidamente a escadaria. Claudia esperou atentamente que ele saísse para a rua. Entrou em casa e espreitou pela janela para confirmar que partiam. Passado um segundo, a campainha tocou e, ao abrir a porta, deparou-se com Yuri, que entrou, fechou a porta e a abraçou com força, com o medo ainda metido no corpo. Separou-os a tosse de Axel, que se ouvia ao fundo do corredor.

– Desculpa, Claudia – pediu ele, angustiado, olhando-a nos olhos. – Sei que te pus em perigo. Não sei o que teria acontecido se o teu irmão não aparecesse.

– O que pensas fazer com ele? É muito perigoso tê-lo aqui, Yuri.

– Eu sei... Tenho de o tirar do país.

– Tem muito cuidado, por favor – implorou ela. – Não suportaria que algo te acontecesse.

– Terei – sussurrou ele, aproximando-se, mergulhado nos seus olhos. – Mas só porque tu mo pediste.

Chamaram Axel para que saísse. Entretanto, Yuri continuava a fitá-la, contendo o impulso de a beijar porque Axel avançava pelo

corredor a passos cambaleantes, encolhido pela febre, como uma alma penada.

Yuri levou-o para as suas águas-furtadas e instalou-o na cama. A febre fazia-o tiritar, tossia muito. A viúva cuidaria dele enquanto Yuri se ausentava para ir trabalhar. Tinha pensado em executar um plano em que estivera a ruminar: não podiam esperar que Fritz obtivesse o passaporte falso; Axel tinha de sair do país, ou todos sofreriam as consequências. Na embaixada, vira onde guardavam os passaportes com os vistos dos requerentes que queriam sair do país. Pegaria num e levaria pessoalmente Axel até à fronteira com a Suíça; e fá-lo-ia nessa mesma noite. Conhecia bem a mecânica, já tinha feito a viagem de que Villanueva o havia encarregado, transportando o casal dissidente perseguido por assinar um manifesto contra as políticas do governo, e a quem, para sua surpresa, Villanueva tinha escondido na sua própria casa. Espantara-o tamanho atrevimento, ou melhor, a coragem ao ocultá-los na sua residência, uma perigosa contrapartida aos benefícios que obtinha dessas viagens. Pensara em falar a Villanueva na existência de Axel e na possibilidade de o incluir num desses transportes, mas tinha-o descartado, e agora não havia tempo para lho sugerir.

O dia na embaixada tinha decorrido de forma tão frenética como vinha sendo habitual nos últimos dias. Espalhara-se o rumor, publicado em vários diários berlinenses, de que Espanha precisava de mais de trezentos mil judeus. Estas notícias falsas, juntamente com a situação cada vez mais complicada dos judeus alemães, tinham levado a que centenas de pessoas se amontoassem nas instalações da embaixada de Espanha com a intenção de pedir asilo no paraíso terreal da República espanhola, onde não existiam os preconceitos raciais nem o medo dos estrangeiros, arvorando, na maioria dos casos, a sua condição de descendentes de sefarditas. Há vários dias que o embaixador estava sobrecarregado, e tivera de pendurar um cartaz à porta a alertar para a falsidade dos rumores sobre as supostas facilidades do

governo espanhol para aqueles que se quisessem estabelecer em Espanha, como viagens gratuitas, concessões de terrenos para colonização e outras preferências. Ainda assim, movidos pelo desespero, nada parecia convencê-los. Eram cada vez mais os judeus que perdiam os seus empregos, afastados por leis arbitrárias que iam sendo aprovadas, segundo as quais todos os judeus que ocupavam cargos oficiais em instituições, empresas e corporações participadas pelo Estado eram exonerados.

Yuri esperou o dia inteiro até à saída do último funcionário da sala de vistos, o local onde havia dado com a pilha de passaportes prontos para serem entregues aos seus titulares.

Tinha muito pouco tempo, pois as mulheres da limpeza podiam aparecer a qualquer momento. Assim que a sala ficou vazia, esgueirou-se para o interior e fechou a porta atrás de si. O ar estava tão carregado de fumo que podia ser mastigado. Dirigiu-se ao arquivador onde se guardavam os documentos, mas estava fechado à chave. Tentando não perder a calma, olhou em redor, revistou as gavetas das secretárias até localizar um jogo de chaves e, após várias tentativas, deu-se o milagre e a fechadura cedeu. Procurou na pilha as fotos cuja imagem era razoavelmente parecida com a de Axel. Escolheu duas e em seguida avaliou qual se ajustava melhor às feições, mas nenhum dos passaportes tinha ainda o selo. Nesse momento, viu um em cima da mesa com o papel do visto no interior. Examinou a foto e, apesar de Axel ter um cabelo mais abundante e mais escuro do que o titular do documento, poderia passar por ele. Pensou que era bem provável que o seu proprietário fosse recolhê-lo em breve, circunstância essa que faria soar o alarme do seu desaparecimento. Yuri hesitou ante esse inconveniente, mas acabou por decidir arriscar. Escondeu o documento na meia, oculto sob a perna das suas calças, deixou tudo tal como havia encontrado e saiu com muito cuidado para o corredor.

Já fora da embaixada, subiu para o carro concedido por Villanueva e foi para casa. Estacionou junto à porta. Ao sair do *Ford*, viu um homem postado do outro lado da rua. Tinham o

edifício vigiado. Subiu às águas-furtadas e encontrou a senhora Metzger a dar um caldo ao debilitado Axel.

– Como está ele?

– Continua com febres altas e diz que lhe dói tudo; o pior é a tosse.

Axel mal conseguia falar. A dor aflorava-lhe ao rosto.

– Tenho os documentos. Partimos imediatamente. *Frau Metzger*, prepare uma mala com umas quantas roupas. Tire das minhas: camisas, algumas mudas e alguns artigos de higiene.

Enquanto a senhora Metzger fazia o que ele lhe pedira, Yuri espreitou pela janela.

– Não pode sair pelo vestíbulo – observou, inquieto. – Há alguma outra saída?

– Pelo pátio das traseiras, onde está o lixo. Mas terá de saltar duas vedações para chegar à ruela que dá para a Taubenstrasse.

– Sei a qual se refere. Achas que consegues saltar? – perguntou Yuri, dirigindo-se a Axel, que estava a calçar os sapatos.

– Fá-lo-ei – respondeu ele com convicção.

– Está bem. Levarei o carro até à Taubenstrasse. Espero-te mesmo à entrada da ruela. Pode ser?

A senhora Metzger e Yuri acompanharam Axel até ao pátio, ajudaram-no a saltar a primeira vedação e atiraram-lhe a mala por cima. Em seguida, Yuri saiu para a rua com aparente tranquilidade, sem olhar para o homem que o observava sem disfarçar. Arrancou e conduziu lentamente até virar à esquerda pela Friedrichstrasse. Quando ia a virar novamente para a Taubenstrasse, viu Axel espreitar da ruela. Parou o carro e, assim que ele entrou, pisou o acelerador. Tinha o coração a palpitar violentamente.

Axel dormiu durante quase todo o trajeto. A viúva administrara-lhe um sonífero para que a tosse não o incomodasse durante a viagem. Evitariam as estradas nacionais, o que os atrasaria um pouco, mas era mais seguro, para não correrem o risco de cair num dos habituais controlos. Yuri conduziu durante toda a noite. Ao fim de várias horas, sentia o corpo entorpecido e decidiu parar para esticar as pernas. Axel continuava a dormir profundamente. Os primeiros alvares da manhã criavam uma espécie de nebulosa

avermelhada. Estava frio. Estremeceu enquanto urinava, com vista para uma paisagem idílica de montanhas cujas linhas negras começavam a definir-se na palidez do horizonte. Regressou ao carro e seguiu viagem.

Quando estavam prestes a chegar à fronteira, parou na berma e acordou Axel. Tinha a voz pastosa, mal conseguia abrir os olhos, as pálpebras pesadas como se fossem de mármore. Yuri descreveu-lhe a sua nova identidade, indicou-lhe que não dissesse nada, que confiasse nele, e pediu-lhe acima de tudo que, acontecesse o que acontecesse, não tentasse escapar.

– Ainda que vejas a barreira muito perto e saibas que bastariam dez passos para estares na Suíça, não tentes. Matar-te-ão.

Axel respondeu com voz pastosa.

– Se ficar neste país, matar-me-ão de qualquer forma.

– Sei como lidar com esta gente.

Axel assentiu e Yuri pôs o motor a trabalhar. Levava os dois passaportes no painel de instrumentos, o seu e o de Axel com o visto de saída. Viram as luzes do posto fronteiriço e dois guardas que saíam para os mandar parar. Yuri travou até parar o carro. Quando um deles se aproximou da janela, falou-lhe com cortesia. Entregou-lhe os documentos e o homem examinou primeiro o de Yuri, devolvendo-lho sem tecer qualquer comentário. Ao abrir o de Axel, examinou-o com mais atenção. Olhou para o rapaz, que permanecia imóvel, junto a Yuri, com o rosto algo compungido ao pensar nos pais, com os quais se poderia reencontrar se conseguisse ultrapassar aquela barreira com listas brancas e vermelhas que tinha à frente, iluminada pelos faróis do veículo.

– Este visto só entra em vigor daqui a três dias.

O polícia devolveu o visto a Yuri, que verificou a data, sem ocultar o seu desconcerto. Não se tinha apercebido daquele pormenor.

– Tem toda a razão, agente. – Tentou manter a calma. – Não sei como pôde isto acontecer, deve ter havido alguma confusão. O pedido era para hoje.

– Lamento, cavalheiro, mas, sem o visto em ordem, o seu companheiro não pode passar. São ordens.

Com toda a frieza, Yuri tirou um envelope do bolso do seu casaco, introduziu-o no passaporte e voltou a estendê-lo a partir do carro, enfiando a mão pela janela e esboçando um sorriso aberto e amável.

– Talvez possamos resolver essa situação da data...

O guarda olhou rapidamente por cima do ombro antes de pegar novamente no documento. Deu uma olhadela ao interior do envelope. Olhou novamente em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. Disfarçadamente, guardou o envelope no peitilho e devolveu o passaporte a Yuri.

– Tudo em ordem, cavalheiros.

Levando a mão à testa para os cumprimentar, o guarda deixou-os passar.

Axel não podia acreditar que estava em território suíço. Até o seu estado febril melhorou. Sentia-se mais vivaz, como se, ao percorrer aquela estrada, recuperasse as forças perdidas no seu país, o país que tinha deixado para trás e que tão mal os tratara, a ele e aos seus queridos pais.

– Vou deixar-te aqui – disse Yuri ao chegar à primeira aldeia, alguns quilómetros depois da fronteira. – Será melhor que regresse a Berlim o quanto antes.

Parou o carro junto a uma pensão e desceram os dois do veículo.

Uma densa neblina parecia aquietar as casas e a vida que nelas dormia. Tiraram da parte de trás a mala que a senhora Metzger havia preparado. Tinha-lhe também fornecido duzentos marcos.

– Levo o visto, tenho de o devolver ao seu lugar. O mais fácil será que peças um passaporte Nansen, servir-te-á para te deslocares sem que ninguém te incomode, pelo menos por algum tempo.

– Terei isso em conta. A primeira coisa que farei é ir visitar os meus pais.

– Boa sorte – disse Yuri.

Os dois homens deram um aperto de mão.

– Devo-te muito, Yuri, espero que a vida me dê a oportunidade de te retribuir tudo o que fizeste por mim.

– Tem cuidado, Axel, livraste-te das garras do nazismo, não cometas o erro de te ires lançar nos braços do comunismo. Os que detêm o poder prometem-te um porvir em troca do roubo da tua liberdade e de te condenarem a uma vida dura e sem futuro, um futuro que só a eles pertence.

– Discordo de ti. Pode ser que um dia te demonstre como estás enganado.

Axel tinha os olhos a brilhar, a pele a arder em febre. Sorriu-lhe, clemente, como que a perdoar-lhe o seu erro. Virou-lhe as costas e entrou na pensão.

Yuri voltou a atravessar a fronteira e chegou a Berlim ao entardecer. Dirigiu-se à embaixada e deixou o passaporte numa mesa diferente, debaixo de algumas pastas. Em seguida, foi para casa, enfiou-se na cama e dormiu até ao dia seguinte.

Ao amanhecer de quinta-feira, dia 11 de maio, Fritz Siegel teve de se ir despedir dos pais à estação central. Estava devastado. Duas semanas antes, o professor Siegel tinha sido alvo de um brutal espancamento na universidade, do qual só saíra com vida graças à intervenção de alguns colegas e alunos que conseguiram pôr termo à agressão, não sem antes o advertirem de que, se não fizesse calar o seu filho, eles mesmos se encarregariam de o silenciar para sempre.

Fritz estava obcecado por proteger os pais. Os ataques tinham vindo a aumentar, tal como as mensagens anónimas que recebia na redação do *Berliner Tageblatt*, o jornal onde trabalhava, com ameaças de morte, além de improperios de todo o tipo. O problema era que tinham começado a enviá-las para sua casa. Nicole encontrara um bilhete cravado na porta, onde se lia: «Vamos matar-te como a um porco.» Estavam a ir longe de mais.

Fritz não temia por si mesmo, era teimoso, sentia-se capaz de os enfrentar através da palavra, e eles sabiam-no; por isso atacavam o seu pai, e por isso tinha de os pôr a salvo, de os afastar do perigo, para poder continuar a exercer o seu direito à

crítica, a opinar, a manter latente uma liberdade de expressão cada vez mais asfixiada.

Nicole movera uns cordelinhos na Universidade de Columbia, onde tinha conhecidos; expôs-lhes a situação e o currículo do seu sogro e recebeu resposta imediata: queriam-no na universidade. O embaixador dos Estados Unidos facilitou-lhes os trâmites e a documentação necessária, e em muito poucos dias obtiveram a declaração jurada com várias assinaturas que lhes permitiria entrar no país sem problemas; proporcionaram-lhes até dois bilhetes, pagos pela universidade, num camarote de primeira classe do barco que deveriam apanhar em Southampton. Os pais de Fritz despediram-se do filho rumo a Nova Iorque com a alma destroçada, pois sabiam que o filho ficava num vespeiro.

Depois de deixar os pais no comboio, Fritz regressou a casa a pé. Era muito cedo e o sol erguia-se lentamente no céu num horizonte rosado. Arrastava o seu pesar pela Unter den Linden, respirando o ar carregado de um penetrante cheiro a queimado. A madrugada tinha sido longa e convulsa, não só em Berlim, mas em toda a Alemanha, onde haviam proliferado fogueiras exaltando um arrebatado despotismo. Ao chegar à Bebelplatz, frente ao edifício da Universidade Friedrich Wilhelm, parou para contemplar com amargura os restos ainda fumegantes da monumental pira formada ao centro da praça, as negras pilhas de livros calcinados, de sabedoria queimada, devastada pela serril incultura. Ainda eram visíveis as capas defumadas de algumas obras dos que tinham sido marcados como comunistas, judeus, homossexuais, liberais ou «suspeitos»; as palavras escritas de autores como Karl Marx, Freud, Stefan Zweig, Hemingway, H. G. Wells ou Helen Keller haviam ardido sem piedade, consideradas inimigas dos nazis ou nocivas para a Alemanha. Ante aquele bacanal de fúria e fogo, os seus lábios sussurraram ao vento a frase premonitória escrita mais de um século antes pelo poeta Heinrich Heine: «Onde se queimam livros, acabarão por se queimar pessoas.»

Aquela «ação contra o espírito antialemão» – assim definida pelas massas de estudantes que a tinham levado a cabo, tão carregada de sinistro simbolismo, aprovado e aclamado pelo

partido no poder – abrija a caixa de Pandora de um desatado e perigoso fanatismo que seria muito difícil de controlar.

Faltavam dois minutos para as dez horas daquele sábado que inaugurava o mês de julho. Claudia saiu de casa, fechou a porta e rodou a chave. Mal tinha conseguido dormir. Sentia-se emocionada e tão entusiasmada como uma adolescente no seu primeiro encontro. Nesse momento, a porta da frente abriu-se e apareceu Angela Blumenfeld.

– Bons dias, senhora Von Schönberg – cumprimentou amavelmente a mulher.

– Bons dias, senhora Blumenfeld – respondeu Claudia, começando a descer apressadamente as escadas, tal como a sua vizinha.

– Vou dar o meu passeio diário. Faz-me muito bem caminhar. É muito saudável e está um dia estupendo. Talvez possamos ir juntas, um dia destes...

– Lamento, senhora Blumenfeld – objetou Claudia, sem parar. – Estou com muita pressa. Tenha um bom dia.

A senhora Blumenfeld fez-lhe um gesto condescendente que ela não viu, enquanto ouvia o eco do precipitado bater dos seus tacões. Aquela jovem não lhe agradava. Demasiado impetuosa, demasiado arrogante, demasiado nazi.

Ao chegar ao vestíbulo, Claudia ajeitou o lenço de seda verde que tinha posto na cabeça e, ao sair para a rua, pôs os óculos de sol. Ficou pasmada ao ver o *Ford* de Yuri estacionado no sítio de sempre. Aproximou-se alguns passos e espreitou disfarçadamente para o interior. Aproveitando que Ulrich ia estar fora de Berlim durante uns dias, Yuri e ela tinham decidido passar o fim de semana juntos num discreto hotel situado nos arredores de Mittenwald, uma encantadora aldeia a uma hora de viagem de carro. Há três meses que haviam começado aquela história de amor, e queriam celebrá-la. Tinha combinado que ele iria buscá-la ao cruzamento entre a Grinkastrasse e a Kronenstrasse. Viajariam no carro de Yuri, daí o seu desconcerto ao vê-lo junto à porta.

Consultou o relógio de pulso: passavam três minutos da hora marcada. Ergueu o olhar para as águas-furtadas, como se esperasse ver algum sinal a partir da janela. Nervosa, começou a andar em direção ao ponto de encontro. Ao chegar ao cruzamento, parou e olhou em redor, inquieta, com a sensação de que todos os que passavam se apercebiam da sua escandalosa infidelidade. Um espetacular *Mercedes Benz* de cor grená parou junto dela e uma voz saiu do interior:

– Procura alguém, menina?

Claudia baixou-se para ver o rosto radiante de Yuri.

Nos primeiros momentos, não disseram nada um ao outro. O receio de que alguém pudesse identificá-los angustiava-os ao ponto de os deixar mudos. Já iam a sair da cidade quando Claudia o fitou com o júbilo de uma apaixonada.

– De onde desencantaste este carro?

– O meu chefe é muito compreensivo – replicou Yuri, com um esgar de regozijo.

– Não lhe terás contado nada?

– Por quem me tomas? Não sei como serão os arianos, mas eu sou um cavalheiro.

Claudia não conseguiu resistir à tentação de lhe deitar os braços ao pescoço e de lhe encher a cara de beijos. Ele ria-se, divertido e satisfeito, atento à condução.

– Cuidado... Se lhe faço um risco que seja, o meu chefe é capaz de me expulsar do país.

O intenso sol de julho oferecia-lhes uma luz especial. Yuri e Claudia passaram juntos dois dias inesquecíveis, os dois sozinhos, sem medo de olhares indiscretos, fazendo amor sem sobressaltos, dando longos passeios pelo campo; sentiam-se felizes um com o outro, afastada das suas mentes a realidade que os esmagava, cientes de que o seu amor era impossível. Desfrutavam de cada segundo juntos, como se pressentissem que, a qualquer momento, tudo se podia quebrar em mil pedaços.

– Divorcia-te e casa-te comigo – pediu Yuri, agarrando-a pela cintura enquanto passeavam por um esplendoroso arvoredor. – Iremos para Espanha ou para a América...

Ela esboçou-lhe um sorriso terno. Agarrou-lhe no pescoço e beijou-o.

– Meu amor – sussurrou, roçando-lhe os lábios –, se pudesse, iria contigo até ao fim do mundo. Estás constantemente no meu pensamento... A toda a hora.

– Mesmo quando estás com o teu marido? – Yuri arrependeu-se das palavras assim que lhe saíram da boca.

O sorriso petrificou e Claudia libertou-se do abraço.

– Isso não é justo, Yuri...

– Desculpa, Claudia, desculpa. – Abraçou-a, enterrando o corpo no seu regaço. Solto um longo suspiro antes de continuar a falar.

– Morro quando sei que dormes com ele. – Procurou-lhe os olhos. – Porque não o deixas? – Não esperou por uma resposta. – Claudia, a minha proposta é séria: deixa o teu marido e vem comigo. Partiremos de Berlim. – O seu rosto iluminava-se. – Começaremos uma vida juntos noutro lugar.

Ela fitava-o, arrebatada de amor por ele, mas a sua voz tremeu ao responder-lhe.

– Não quero deixar Berlim... E, mesmo que quisesse, não posso deixar o Ulrich.

Yuri libertou-a, sem poder evitar a decepção, e deixou o seu olhar correr pelo campo que se estendia diante deles numa explosão de vida e cor.

– Compreende, Yuri – acrescentou ela, num tom conciliador. – Não poderia fazê-lo. O divórcio não entra nos seus esquemas, ou sequer nos meus... – O tom da sua voz tornou-se urgente. – Santo Deus, acabo de me casar, seria um escândalo! Teria de renunciar a tudo aquilo que sou. Será que não entendes?

– Então e eu? O que sou eu para ti, um mero entretenimento, um passatempo excitante para contares às tuas amigas do clube de ténis, o amante que te mantém viva enquanto o teu marido trabalha em prol de uma Alemanha grande e unida?

– Se pensas assim, Yuri, é porque não entendeste nada. O teu amor é um presente tão extraordinário que não creio merecê-lo. Não há palavras para explicar o que sinto por ti... Não existem, ainda não foi inventada a forma de expressar o quanto te amo, tudo

o que significas para mim. Mas não podes pedir-me que renuncie assim, de repente, a tudo o que foi a minha vida até que tu entraste nela.

Yuri lançou-lhe um olhar carregado de impotência.

– Talvez fosse melhor que não me amasses tanto.

Fitaram-se com intensidade, como se cada um procurasse nos olhos do outro algo a que se agarrar. Foi Yuri quem desviou o olhar, lhe virou as costas e se afastou lentamente, uma mão no bolso das calças e a outra por cima do ombro, segurando com os dedos o casaco que acabava de tirar. Ela contemplou-o por algum tempo.

– Espera – instou-o. Yuri parou e virou-se para Claudia, que estava a tirar da sua bolsa uma máquina *Kodak*. – Quero tirar-te uma fotografia. – Olhou pela objetiva. – Sorri, por favor, preciso de captar o teu sorriso para o poder ver quando não estiveres ao meu lado. Faz-me tão feliz...

Disse-o com tanta doçura que Yuri não pôde deixar de o fazer; sorriu e Claudia apressou-se a capturar o brilho dos seus olhos, o rosto iluminado pelo sol daquela tarde de domingo, gravada para sempre a sua imagem no negativo da câmara.

Antes do anoitecer desse cáldo domingo, Yuri deixou-a no mesmo cruzamento onde a tinha ido buscar. Falaram pouco durante a viagem de regresso, cada um absorto nos seus pensamentos, receando partilhar os seus medos com o outro, toldada a magia que existia entre eles. Não se beijaram por medo de serem vistos. Antes de sair do carro, disfarçadamente, Claudia agarrou-lhe na mão e sussurrou-lhe sem o olhar que o amava como nunca tinha amado ninguém.

– Nunca te esqueças disso – sublinhou, com a voz quebrada.

Yuri fitou-a, suplicante, os dedos entrelaçados, até que ela se soltou suavemente da sua mão, saiu do veículo e começou a andar.

Observou-a enquanto se afastava. Tentou-o a ideia de sair a correr até a alcançar e envolvê-la nos seus braços, de lhe oferecer o último abraço que lhe tinha recusado antes de subir para o carro, ainda incomodado pela rejeição, por ela não o seguir na sua louca

proposta. Sabia que não tinha nenhum direito a pedir-lhe que deixasse tudo por ele, um passo demasiado arriscado para ela, não tanto para Yuri, que nada tinha a perder. Quem era ele para lhe pedir algo assim, um zé-ninguém sem nada para lhe oferecer além de um futuro incerto? Um sem-fim de contradições colidia na sua cabeça: amava aquela mulher com toda a sua alma, ciente de que era inalcançável, num mundo alheio e contrário a tudo aquilo em que acreditava. Jamais poderia estar com ela, jamais lho permitiriam, nem o seu marido, nem o sistema. Desesperava ante as evidências contra as quais era inútil lutar.

Quando ela desapareceu de vista, acelerou e dirigiu-se a casa de Villanueva para lhe devolver o carro. Não podia partilhar com ninguém aquele amontoado de sentimentos emaranhados. Havia prometido a Claudia que não ia contar a ninguém, nem a Fritz, nem a Villanueva, e muito menos à viúva. Tinha de guardar silêncio, quando o seu interior explodia de amor por ela, de engolir sozinho aquela paixão que lhe brotava no peito, pois jamais faria algo que pudesse prejudicá-la e muito menos pô-la em perigo ante as murmurações ou a ira do marido.

Claudia entrou em casa arrastando a angústia da separação, do afastamento forçado, da sua falta. Que erro, o seu casamento, que erro irremediável. Se Yuri tivesse irrompido na sua vida apenas alguns meses antes, tudo teria sido diferente, jamais teria aceitado casar, mas era tarde... Não parava de se interrogar sobre se devia conformar-se com aqueles encontros às escondidas com o homem que tinha dado completamente a volta à sua vida, durante quanto tempo poderia suportar aquela situação, obrigada a ocultar o sentimento mais belo que alguma vez experimentara. Tudo no seu pensamento girava em torno dele, gravado na memória o aroma dos seus beijos, do suor da sua pele, o toque daquelas mãos no seu corpo, a sua voz, o seu sorriso, os seus olhos, tudo nele irradiava o amor que sentia por ela.

Ulrich não regressaria até ao dia seguinte, assistia a uma convenção das SS realizada em Munique. Pelo menos nessa noite, pensou Claudia, poderia dormir sem que as suas manábulas conspirassem as ternas carícias de Yuri.

No entanto, ao acender a luz do quarto, o sangue gelou-lhe nas veias. Ulrich estava sentado na poltrona junto à janela, ereto como um deus no seu trono.

– Ulrich... – balbuciou, sobressaltada. – O que fazes aí às escuras? Assustaste-me.

– De onde vens?

Aquele tom cavernoso alertou Claudia, que tentou controlar a situação. Com um ar despreocupado, descalçou-se, tirou o casaco e pousou-o aos pés da cama.

– Fui ao cinema e depois fui dar um passeio. Está uma bela tarde.

– Mentos – replicou ele, ameaçador. – Onde passaste a noite?

– Aqui. Onde haveria de ter sido? – Abriu os braços, disposta a partir para a ofensiva. Já tinha resultado noutras ocasiões. Tinha de averiguar o que ele sabia, pois conhecia-lhe a capacidade de arrancar a verdade com mentiras. Aprendera com as suas artimanhas, tudo passava por manter a calma. – O que se passa contigo? Achas que vou ficar em casa sem sair até ao teu regresso? Se pensas assim, devias ter casado com outra. Não suporto estar sozinha, aborreço-me, gosto de sair e de me divertir, já o sabias quando casaste comigo.

Ulrich levantou-se, tinha o sobrolho demasiado franzido, o que era mau sinal. Estava realmente furioso. Claudia retesou-se, novamente à defesa, mas procurou que ele não notasse.

Ele aproximou-se e, sem dizer nada, desferiu-lhe uma forte bofetada que a dobrou ao meio e a fez cambalear. Com a mão no rosto, Claudia fitou-o, atónita, abalada pela imprevisibilidade do golpe. Ulrich nunca lhe tinha posto a mão em cima até àquele momento.

– Mas o que estás tu a fazer? – gritou ela, com desconcertada ferocidade. – Enlouqueceste?

– Chegou-me aos ouvidos que andas a encontrar-te com um homem – respondeu ele, com voz rouca.

– E tu acreditas?! – exclamou Claudia, pensando em como controlar a situação.

– Ontem viram-te subir para um carro conduzido por um homem.

– Informaram-te mal. Não era eu – sentenciou ela com determinação. – Mas o que se passa contigo? Não estamos casados nem há cinco meses. Achas-me assim tão estúpida ao ponto de arriscar perder tudo o que tenho? – Viu um laivo de fraqueza nas rugas da testa do marido, o que queria dizer que duvidava da informação que lhe tinham dado. – Esses murmuradores querem destruir-te. Sabes disso, disseste-mo muitas vezes. São muitos os que te odeiam pelo que és, pelo que conseguiste, e farão todos os possíveis para te desestabilizar. Já nos aconteceu quando estávamos noivos: tentaram intrometer-se para nos separar. Já te esqueceste de como aquela harpia que tens na secretaria me veio com a história de que te andavas a encontrar com uma atriz de meia-tigela? E daquele que me disse que te tinhas enrolado com uma das raparigas das Juventudes? Acreditei nisso? Aceitei essas mentiras ou confiei na tua palavra? – O seu tom ia subindo à medida que as rugas no cenho de Ulrich se desfaziam; a sua estratégia estava a resultar. – Continuarão a tentar minar o nosso casamento, a semear a dúvida entre nós. Será que não compreendes? Vais entrar no jogo deles?

Ulrich escutava-a com um esgar amargo. A acusação tinha sido feita por um estúpido que gostava de crescer à custa da desgraça dos outros, um coscuvilheiro maledicente que conseguia saber de todas as misérias daqueles a quem queria arruinar e as divulgava, pouco a pouco, com muito cuidado, a fim de espalhar de tal modo o desprestígio da sua vítima que lhe seria impossível recuperar a honorabilidade.

– Estou a avisar-te, Claudia – disse ele, contundente, com uma expressão fria, apontando-lhe o indicador em riste. – Se me andas a enganar, descobrirei com quem e encarregar-me-ei pessoalmente desse filho da puta. Seja ele quem for, acabarei com ele e depois contigo, juro.

Ela fitou-o sem pestanejar, aqueles olhos frios tão diferentes do calor do olhar de Yuri. Forçou um sorriso e aproximou-se dos seus lábios. Beijou-o.

– Não tens nada a temer, Ulrich. Sou tua. E além do mais... – Calou-se por alguns instantes, com um sorriso sagaz. – Amanhã tenho consulta no ginecologista.

Ao ouvir aquilo, o cenho franzido de Ulrich desapareceu definitivamente, mas conteve-se para não sorrir, ainda não queria dar o braço a torcer.

– Estás grávida? – perguntou, incapaz de ocultar o seu anseio.

Ulrich estava obcecado por engravidá-la e era só para isso que faziam sexo, sem pensar nela. Não falavam noutra coisa a não ser nos filhos futuros, que o primeiro devia ser um varão, que devia ser louro, hercúleo, falava até na escola em que o ia inscrever. Claudia suportava essa situação com desagrado, e mais ainda com a chegada de Yuri à sua vida, e tentava seguir os conselhos da mãe, que, além de paciência, usava astúcia para a instar a usar em seu favor as suas armas de mulher, garantindo-lhe que o teria aos seus pés como homem e como marido assim que lhe desse um filho varão. «Engravida, dá-lhe esse filho desejado e tê-lo-ás a comer da tua mão para sempre», havia-lhe dito em tom confidencial. Claudia guardou a mensagem, sabia muito bem que estava carregada de razão.

– Ainda é cedo para saber – respondeu, ciente de que vencera a batalha –, mas já são dois atrasos. Ia dizer-te quando tivesse a certeza, não queria dececionar-te. – Levou a mão à face num gesto arisco. – Mas o que é certo é que estes desgostos não me convêm.

– Bem... Isso é muito bom... – murmurava ele, entre o desconcerto e a alegria que resistia a demonstrar. Cerrou os lábios e virou-lhe as costas, como se estivesse a analisar a situação. – A minha mãe muda-se este fim de semana para o campo para passar o verão. – Voltou novamente a fitá-la. – Irás com ela, far-te-á bem o ar livre.

Não protestou, não devia fazê-lo. Era o melhor. Tinha de se afastar de Yuri. Sabia que a ameaça de Ulrich era a sério: se descobrisse a sua identidade, acabaria com ele. Uma vez aberta a torneira da desconfiança, era impossível evitar que a situação lhes explodisse na cara com consequências que não queria nem

imaginar. Não lhe restava outra alternativa a não ser renunciar ao homem que amava a fim de o proteger.

Não teve tempo para pensar em mais nada. Ulrich agarrou-a e beijou-a, excitado. A sua baba, as mãos desajeitadas e o seu peso esmagaram o aroma que Yuri lhe tinha deixado no corpo.

Princípio do método de contágio

Reunir diversos adversários numa só categoria ou indivíduo. Os adversários devem constituir uma soma individualizada.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

O dia tinha amanhecido cinzento e escuro. Pela sua janela escancarada, Yuri contemplava o céu carregado de nuvens que ameaçavam chuva, como fiel reflexo do seu estado de espírito desde há dias, agravado pelas notícias que lhe chegavam de Espanha. No dia anterior recebera uma carta da sua irmã Katia, em que lhe descrevia longamente como iam as coisas por Madrid. As notícias eram pouco animadoras. A saúde do pai estava a deteriorar-se. Era desolador ver a sua degeneração física e mental, dizia-lhe a irmã. A situação inquietava-o, mas, ao ler aquela carta, deu-se conta de que estava vazio de amor por Miguel Santacruz, que o que sentia por ele era algo semelhante a pena, mais do que a dor que deveria sentir como filho, o que lhe provocava um ressaibo de amargura. Disse a si mesmo que faria uma chamada durante o dia para tentar falar com Katia.

Guardou a carta na gaveta da cómoda, inspirou o ar húmido, ajeitou a gravata, vestiu o casaco, pegou no chapéu e dirigiu-se a casa da senhora Metzger para tomar o pequeno-almoço. Bateu à porta e esperou. Já não seria Brenda a abri-la. Não tinham voltado a saber nada dela desde o incidente com Axel. A viúva substituíra-a por uma rapariga judia de dezassete anos chamada Sarah Stein.

Sarah era filha de um motorista de elétrico que tinha ficado sem trabalho em consequência das novas leis do governo, que começavam a complicar a vida a muitos alemães de origem judaica. Da noite para o dia, os Stein viram-se sem o seu meio de subsistência, sem arrecadar um mísero pfennig. Sarah era a mais velha de seis irmãos, andavam todos na escola; a sua mãe tinha uma saúde delicada, com problemas de coração que a impediam de fazer grandes esforços. Sarah precisava de trabalhar, pelo que, quando uma vizinha a avisou de que a senhora Metzger andava à procura de uma empregada, apresentou-se à viúva. Foi sincera com ela desde o primeiro momento: sabia muito pouco sobre as tarefas domésticas, mas estava preparada para aprender depressa; era cumpridora, limpa, leal e muito pontual, não lhe importava a dureza do trabalho nem as horas, a única coisa que lhe pedia era um salário para levar para casa. A senhora Metzger apreciou aquela jovem, agradava-lhe a sua aparência educada e culta, e sobretudo o facto de parecer calada e discreta. Ainda há nem um par de meses que trabalhava na casa e a senhora Metzger já estava encantada com Sarah, embora passasse grande parte da manhã a indicar-lhe como fazer as tarefas a seu gosto.

Sarah abriu a porta a Yuri. Não era bonita nem feia, de baixa estatura, um pouco gorducha, pernas curtas e muito peito, o cabelo preto apanhado numa grossa trança. Tinha uns grandes olhos negros, e o seu traço mais bonito era o sorriso grato, afável, sincero, que deixava ver uns dentes brancos, ainda que algo deslocados no seu alinhamento.

– Bons dias, senhor Yuri.

– Não me trates por «senhor», Sarah, por favor. «Yuri» basta.

– Ai, senhor Yuri, é que eu esqueço-me, desculpe.

Yuri entrou na sala de jantar, cumprimentou a viúva e sentou-se à mesa. Ela dobrou o jornal e olhou para a expressão séria do seu inquilino. Há vários dias que o notava taciturno, triste, como se arrastasse um pesar muito profundo. Tentara indagar sobre qual era a origem do mal que lhe tinha apagado o sorriso, mas ele esquivava-se sempre habilmente a responder.

– Tenho boas notícias – disse ela, tentando animá-lo. – Recebi uma carta da Dora Laufer. O Axel está com eles. Agradece-nos e diz que, apesar de tudo, estão felizes.

– Muito me alegro – respondeu Yuri, com uma expressão melancólica.

A viúva, perturbada pela falta de reação do jovem, mostrou-lhe um bolo que estava em cima da mesa. Desde que Bruno deixara de fazer a distribuição da manhã, havia alturas em que não chegava a tempo e tinham de se contentar com torradas do dia anterior.

– Olha que delícia; é aquele de que tu gostas. Trouxe-o a Lilli há pouco.

– Como está a *frau* Rothman? – perguntou Yuri, servindo-se de uma chávena de café.

– Muito mal. Estou muito preocupada com ela. Trabalha o dia inteiro na cozinha e está proibida de sair para atender o público. Sente-se como uma empestada na sua própria família: tem de entrar pela porta do armazém por onde descarregam os sacos de farinha e o resto do material. Tudo por ordem da víbora da filha, que agora parece a dona da loja. Que rapariga tão estúpida – murmurou, indignada. – Não imaginas a fanfarrona que está. Aquele namorado deu-lhe uma presunção terrível. A continuar assim, vai acabar por matar a pobre mãe de desgosto.

– E o pai deixa?

– O senhor Rothman é um pobre de espírito. – A viúva encolheu os ombros, submetida a uma realidade inapelável. – Nunca levantou a voz a ninguém na vida, e muito menos aos filhos, e agora já é demasiado tarde. Está acobardado, o pobre. Tem pavor à filha, e sobretudo ao energúmeno do namorado que a rapariga arranjou. Quando anda por ali, parece que é o dono da padaria.

– E o Bruno?

– A Lilli está muito preocupada. Reprovou a várias disciplinas e vão obrigá-lo a ir em agosto a um desses acampamentos das Juventudes Hitlerianas, onde não tenho a menor dúvida de que lavam o cérebro aos rapazes. – Fez estalar a língua, torcendo a cara. – Não digo que não façam exercício, e o ar puro do campo faz-lhes muito bem, principalmente naquela idade, mas são muito

jovens e maleáveis; está tudo descontrolado. Depois, surpreendem-nos as coisas que se veem na rua.

Fez-se um silêncio, absortos ambos na voz anódina que saía da rádio. Yuri parecia ter caído num abismo, a expressão ensimesmada, o olhar fixo na mão que dava voltas e mais voltas com a colher dentro do café.

– Yuri, vais-me dizer de uma vez o que se passa contigo? – perguntou a viúva. – E não me digas que não é nada, porque algo arrastas, e deixas-me muito preocupada. Já sabes que se estiver nas minhas mãos ajudar-te...

Yuri ergueu os olhos para ela, sem parar de mover a colher. Enterneceu-o a atitude daquela mulher, pois há muito tempo que ninguém se preocupava com o que sentia e chegara à convicção de que ninguém se importava. Aquele esmero maternal da senhora Metzger para consigo trazia-lhe de volta a memória da sua mãe, que só de o fitar sabia que algo se passava. Não havia segredos para ela; na sua presença, tornava-se um ser transparente e ela era capaz de lhe curar todas as feridas. Mas a ferida que se abria no seu coração era demasiado profunda para poder ser curada com palavras maternas. Não voltara a saber nada de Claudia desde o fim de semana que haviam passado juntos em Mittenwald. No dia a seguir ao regresso, tinha encontrado um bilhete enfiado debaixo da porta, com uma só frase escrita: «O que temos é impossível, esquece-me.» Nada mais, nenhuma explicação para tão escassas palavras, nada sólido a que se pudesse agarrar para tentar fazer o que lhe pedia, sem saber se se tratava de uma súplica ou de uma exigência, mas sendo, em todo o caso, algo que naquele momento lhe parecia impossível. Como esquecer, perguntava-se uma e outra vez, de onde desligar um amor como o que sentia, como abandonar a explosão de sentimentos que o inundava?

Soube por acaso que Claudia se tinha mudado com a sogra para uma casa de campo na Floresta Negra; ouviu-o da senhora Blumenfeld durante uma conversa com a viúva no vestíbulo. Todos pareciam estar mais tranquilos sem a presença de Claudia Kahler no edifício, todos menos Yuri. A porta sempre fechada de sua casa,

as janelas cerradas, a sua ausência constante, faziam-no sentir de novo uma solidão já conhecida que só ela tinha conseguido aplacar. Não podia indagar nem perguntar nada a ninguém, o que o desassossejava ainda mais.

Yuri ficou alguns instantes a olhar para a viúva, indeciso. Pensara algumas vezes em contar-lhe os seus males de amor, verter nela a sua angústia e desolação, pois sentia-se como um naufrago no meio de um oceano bravio, prestes a ser engolido pelas ondas, e a única mão estendida que encontrava era a doçura fraternal daquela mulher. Não tardou a saber, contudo, que a viúva, que nunca chegara a ter conhecimento do que Claudia Kahler fizera por Axel, não tinha nenhum apreço pela vizinha: considerava-a uma nazi convencida, arrogante, estúpida e uma presunçosa que não perdia uma oportunidade para aproveitar a sua condição de esposa de um oficial das SS. A viúva não era a única a pensar assim, era essa a opinião geral em toda a escadaria, deviam afastar-se daquela mulher como de uma infeção. Yuri sabia que, em certo sentido, não lhes faltava razão, mas conhecera a outra face daquela mulher coberta por uma enorme e avassaladora suástica que ocultava a nobreza da sua alma.

– Agradeço-lhe de coração, *frau* Metzger, mas não se passa nada comigo, ou pelo menos nada que o tempo não cure – mentiu por fim, sem poder evitar um certo peso na consciência.

– Sou raposa velha, meu querido Yuri – replicou ela, num tom de doce indulgência. – Não me quiserás contar, e eu aceito, era o que mais faltava. Mas a mim não me enganas; passa-se algo contigo, e tudo indica que é uma mulher a causadora de tantos suspiros.

Yuri não conseguiu conter uma gargalhada melancólica. Abanou a cabeça.

– Não há nenhuma mulher, *frau* Metzger – mentiu novamente. – Trata-se do meu pai. – Era a desculpa perfeita para a tranquilizar. – As notícias que a minha irmã me dá sobre a sua saúde não são boas. Irei certamente viajar em agosto para lhes fazer uma visita.

– Oh, lamento muito, Yuri. – A viúva acreditou na desculpa e torceu a cara, irradiando uma infinita ternura. – Estou certa de que

o teu pai ficará feliz por te ver. Os filhos nunca imaginam como dói a sua ausência. Sei que é a lei da vida, mas uma visita de vez em quando pode ser muito gratificante.

Nesse momento, ouviu-se a campainha. A senhora Metzger franziu o cenho.

– Quem será a esta hora? – murmurou, olhando para o corredor, como se o eco lhe pudesse dar alguma pista. – Sarah! Podes abrir, por favor?

A rapariga apareceu apressadamente, com um lenço na cabeça a segurar-lhe o cabelo e um avental que tinha sido de Brenda e lhe ficava um pouco apertado.

– Vou agora mesmo, senhora.

Ficaram os dois atentos à identidade da inesperada visita, mas assim que a voz da recém-chegada se fez ouvir, a viúva levantou-se como se tivesse uma mola nas pernas e saiu ao seu encontro, incitada por uma imensa e inesperada alegria.

– Krista, filha da minha vida! – exclamou do corredor, abrindo os braços. – Mas o que fazes tu aqui?

A filha pôs a mala no chão e fundiu-se com a mãe num longo e afetuoso abraço. Quando se separaram, Krista reparou na empregada, que as observava, comovida.

– É a Sarah – adiantou-se a mãe, com um grande sorriso. – A rapariga de que te falei.

Não tinha contado à filha toda a verdade sobre Brenda, não queria falar disso por telefone. Disse-lhe apenas que ela partira e que contratara outra rapariga.

– Continuas sem saber nada da Brenda? – perguntou-lhe ela, ingénua.

A senhora Metzger sacudiu a mão no ar, franzindo o sobrolho.

– Já te contarei – respondeu. Em seguida, voltou a rir, radiante, olhando a filha nos olhos, apalpando-lhe os braços, os ombros, cheia de alegria por tê-la à sua frente ao fim de tantos meses de ausência. Não a via desde o Natal; era tal o volume de trabalho que não tinha conseguido arranjar um intervalo para fazer uma visita à mãe, segundo dizia. – Que alegria ver-te! Vamos, entra, há café acabado de fazer.

– E os biscoitos da Lilli Rothman? Tive tantas saudades deles...

Avançaram lentamente pelo corredor, as duas de braço dado, muito juntas. A mãe fitava-a e abanava a cabeça, comovida.

– Estás mais magra, não te alimentas bem em Munique, demasiado trabalho, minha menina.

A filha não dizia nada. Agarrada à segurança do braço materno, desfrutava da alegria da receção.

– Como é bom ver-te em casa. Até quando ficas?

Não esperava respostas, nem Krista tentava dá-las. Deixava a mãe falar. Sabia que precisava disso.

Ao entrar no salão, Krista viu pela primeira vez o homem de que a mãe tanto lhe falara. Yuri tinha-se levantado e esperava-a, sorridente. Sem que o pudesse evitar, o coração de Krista explodiu em mil palpitações. Tinha imaginado o inquilino da sua mãe de outra maneira, ou talvez nem o tivesse chegado a imaginar. Só sabia que a mãe se sentia feliz na sua companhia e que insistia em que era muito boa pessoa; bastava isso para a tranquilizar. Mas o jovem que tinha à frente era o ser mais belo que alguma vez contemplara, foi isso que pensou assim que o viu, e esse pensamento provocou-lhe um rubor que lhe incendiou o rosto, algo que nunca lhe acontecera e que a fez sentir-se como uma adolescente.

As palavras da sua mãe ao fazer as apresentações eram como um zumbido quase inaudível, mergulhada no vazio daqueles grandes olhos cinzentos, isolada de tudo, como se subitamente tivesse mergulhado numas cálidas águas termais. Quando Yuri lhe estendeu a mão, sentiu que a sua pulsação acelerava e temeu que ele o notasse ao apertar-lha. Não entendia o que se passava. Estava em sua casa, no seu salão, com a sua mãe e sentia-se nervosa, deslocada, fora do lugar, como se pisasse território desconhecido, um paraíso recém-descoberto.

– Prazer em conhecer-te, Krista.

A voz de Yuri pareceu-lhe celestial e, para seu desespero, o sorriso dele incendiou-lhe ainda mais as faces.

– Também é um prazer para mim – conseguiu finalmente dizer, num tom demasiado doce, melífluo. – A minha mãe falou-me muito

sobre ti, está encantada contigo. Não estava a lidar nada bem com a minha ausência. – Esboçou um grato sorriso à mãe. – Passámos por muito juntas. Consta-me que, graças a ti, se sente muito bem acompanhada.

A senhora Metzger instou-os a que se sentassem e pediu a Sarah que fizesse mais café, mas Yuri desculpou-se.

– Tenho de ir. Deixo-as a sós, de certeza que terão muito de que falar. – Fez uma ligeira vénia cortês a Krista, despediu-se e saiu.

A senhora Metzger sentou-se à mesa e instou a filha a sentar-se ao seu lado, mas Krista continuava imóvel, de pé, como se a presença daquele homem a tivesse hipnotizado.

– É bonito, não é? – perguntou a mãe, sorridente. – Já te tinha dito.

– É, sim – murmurou a jovem, sentando-se ao lado da mãe.

– E muito educado, não imaginas como estou satisfeita com ele. É como um filho.

Krista esboçou-lhe um sorriso franco, tomou-lhe as mãos nas suas e aproximou-se dela, um pouco mais recomposta.

– Estou tão feliz por ti, mãe...

Sarah trouxe uma nova cafeteira acabada de preparar e a senhora Metzger encheu a chávena da filha.

– Vejo-te cansada, filha. Não dormiste bem?

– Ando há noites sem pregar olho – respondeu Krista, com ar circunspecto, enquanto vertia um pouco de leite morno na chávena.

– Porque não me avisaste de que vinhas? Quantos dias vais ficar?

O rosto da filha ensombrou-se e os seus olhos toldaram-se de tristeza.

– Mamã... Fui despedida da clínica. Expulsaram-me de lá, e comigo também quinze dos médicos mais competentes, mais sábios e mais eficientes deste país.

– Porquê? – perguntou a mãe, sem esconder a decepção.

– A eles, por serem judeus; a mim, por os defender.

Aquelas palavras paralisaram a alegria que a sua chegada lhe tinha causado. Nesse momento, a mãe apercebeu-se de que a filha

não havia arrastado até ali apenas a mala, trazendo também consigo o desagradável peso da injustiça.

– Não sei onde vamos chegar com esta loucura – murmurou, desconcertada.

Krista começou a contar a história como quem verte num aterro todo o lixo acumulado no seu interior, exalando um fedor pestilento que a impedia de respirar com normalidade. Tudo tinha começado quatro meses antes, no dia do boicote nacional contra os judeus. Nessa manhã, estavam programados vários partos na clínica e inicialmente só uma das parturientes apresentava dificuldades. Estava há muitas horas em dilatação, o bebê vinha de pés para a frente, a exaustão da mãe começava a ser evidente e tinham de decidir entre fazer uma cesariana ou utilizar os fórceps. O responsável por atender ao difícil parto era o doutor Greenstein, mentor de Krista, um médico judeu com mais de trinta anos de experiência e milhares de partos às costas. O marido da parturiente implorou ao médico que fizessem todos os possíveis para que o seu filho nascesse de forma natural. Perante essa situação, o doutor Greenstein utilizou os fórceps para tentar extrair o bebê, mas as coisas complicaram-se. A vida do bebê estava gravemente comprometida e não havia tempo para mais nada a não ser para agir. Sem autorização do marido, procederam a uma cesariana de urgência, conseguindo assim salvar a mãe e o filho, um belo rapaz com mais de três quilos que chorava finalmente com vitalidade nos braços da extenuada mãe. O recém-estreado pai deixou-se levar pela alegria do desenlace, sem questionar a forma como tinha vindo ao mundo. Estava em plena celebração quando os corredores imaculados da clínica se viram invadidos por uma coorte de mercenários de uniforme pardo com uma lista de quinze médicos judeus que ali trabalhavam. A situação transformou-se numa espécie de caçada, ainda que nenhum dos membros do pessoal se tivesse prontificado a apontar qualquer médico incluído na lista. Mesmo assim, os arruaceiros não se deram por vencidos. Sem qualquer sentido do decoro que se exigia numa maternidade, entraram em todas as salas e quartos, instando as pacientes a revelarem o nome do médico que as acompanhava. Conseguiram

encontrar sete, entre os quais o doutor Greenstein, denunciado pelo marido da parturiente que estava ainda a recuperar da cesariana na sala de parto e acusado por este de ter cortado a sua esposa sem o seu consentimento: em poucos minutos, a alegria por ser pai tinha-se transformado em ódio e ressentimento para com o médico que acabava de salvar a vida da sua esposa e do filho. Krista não hesitou em defendê-lo e enfrentou o oficial das SA que estava no comando. A única coisa que conseguiu foi que a identificassem e que lhe deixassem a advertência (ou melhor, ameaça) de que aquela atitude lhe traria graves consequências. Os médicos indicados, vestidos com as suas batas brancas, foram empurrados para a rua, onde os esperava uma multidão febril de ódio que, ao vê-los aparecer pela porta, os apupava, proferindo insultos, assobios, lançando contra eles um escárnio selvagem. Depois de os passearem pelas ruas, sacudidos e mortificados, deixaram-nos em paz. Mas aquele pesadelo mal tinha acabado de começar. Poucos dias após esses incidentes, o diretor do hospital recebeu uma notificação que o instava a despedir todos os médicos, enfermeiras e auxiliares judeus num prazo máximo de vinte e quatro horas, substituindo-os por pessoal de raça ariana, cuja lista se anexava. No anexo a essa notificação, e passíveis também de destituição, surgiam igualmente os nomes dos profissionais de saúde não judeus que tinham tentado impedir ativamente a expulsão dos médicos no dia do boicote; um desses nomes era o de Krista Metzger.

O hospital era de capital privado, embora contasse com mutualidades particulares e subvenções estatais destinadas à investigação. O diretor opôs-se a tal ordem e, a partir desse momento, o assédio à clínica tornou-se constante. Parte da imprensa, nomeadamente os jornais locais, começou a publicar artigos com notícias falsas referentes à clínica, contendo graves acusações sobre estranhos desaparecimentos de recém-nascidos, mortes injustificadas de parturientes saudáveis, falta de higiene nas instalações. Toda uma campanha de difamação que levaria irremediavelmente à falência. Os donos da clínica reuniram-se com o diretor e decidiram aceitar o ultimato: despediram todos os da

lista e admitiram os impostos em troca de acabarem imediatamente as calúnias. O diretor renunciou também ao seu cargo, envergonhando-se de ser alemão.

– Foi o que lhes disse antes de assinar a demissão – sentenciou Krista. – Não é possível que um alemão se considere superior a outro por causa da raça. E a ser assim, então a Alemanha deixou de ser um Estado de direito.

Krista calou-se, e mãe e filha ficaram mergulhadas num silêncio perturbador.

As notícias de Miguel Santacruz continuavam a ser inquietantes e Yuri decidiu viajar por alguns dias para o ir visitar. No início de agosto, apanhou um comboio e, mais de quarenta horas depois, apeava-se numa estação do norte de Madrid. Ao indicar a morada ao taxista, o motorista virou-se para, num tom indulgente, lhe dizer que a Rua da Princesa já não tinha esse nome, tendo sido rebatizada como de Blasco Ibáñez. Apesar de já o saber, Yuri manteve-se em silêncio, indiferente às pretensões daquelas medidas. Deixou-se levar pela cidade amodorrada pelo sufocante calor seco da hora da sesta.

Ao chegar, foi recebido pela irmã e pela velha Sveta, que tentaram prepará-lo antes de ir ver o pai. Explicaram-lhe que era como se as lembranças gradualmente apagadas estivessem a esvair-se da sua memória. Havia alturas em que não as reconhecia, a elas, que passavam o dia inteiro ao seu lado; outras vezes, confundia Katia com a mãe e dirigia-se a ela como se nunca se tivessem separado; chorava como uma criança, sem causa aparente; por vezes caminhava com dificuldade e era frequente desorientar-se e não saber onde estava. Apesar das tentativas de o alertar para a evidente degradação, o impacto que Yuri sofreu ao ver a imagem do pai foi brutal. Qualquer pessoa teria jurado que, em vez de oito meses, tinham passado vinte anos, mas o pior foi que ele não o reconheceu, fitou-o como quem fita um estranho, com desconfiança. O que o magoou até ao âmago.

Katia queria interná-lo numa instituição, mas Sveta recusava-se, afirmando que se encarregaria de cuidar dele. Implorou a Yuri que não o permitisse, e Yuri deu-lhe razão. A ideia de o deixar em sua casa, dentro do seu ambiente, parecia-lhe mais aceitável do que interná-lo num centro onde seria um número entre muitos.

Nos dias que ali passou, manteve longas conversas com a irmã. Falaram da situação política em Berlim e do que estava a acontecer em Madrid. Dois anos após a proclamação da República, o entusiasmo suscitado pela sua chegada começava a desmoronar. As boas intenções iniciais esvaíam-se pelas inúmeras brechas abertas na frágil estrutura social, política e económica do momento.

Katia tinha intenções de começar em setembro o curso de Direito, atraía-a muito a política. Tinha conhecido Clara Campoamor, uma das três deputadas eleitas para as Cortes Constituintes em junho de 1931, que tinham defendido com unhas e dentes os direitos das mulheres, principalmente o sufrágio feminino. Katia considerava-a uma mulher íntegra, lutadora e incansável. Yuri gostava de ouvir a irmã, nunca antes tinham falado tanto e de forma tão próxima. Katia lamentava a sua ausência, confessou-lhe que, desde que partira, se sentia muito só, que a situação de degradação do pai lhe era insuportável e que a sua relação com Sveta tinha esfriado muito nos últimos meses. Contou-lhe que se apaixonara por um homem casado, pai de dois filhos, um advogado que estava em processo de divórcio, e anunciou-lhe que pensava ir viver com ele. Yuri duvidou da sabedoria dessa posição, mas conteve-se e nada disse, ciente de que não tinha o direito de controlar a sua vida.

Em finais de agosto, regressou a Berlim com uma estranha sensação de desânimo, como se intuísse que se estava a fechar definitivamente uma parte da sua vida.

Yuri encontrou na companhia de Krista um apoio inesperado. As longas conversas a seguir às refeições ou o sossego dos pequenos-almoços pareciam mitigar a sua desdita. Começaram a sair juntos; davam agradáveis passeios aos cálidos entardeceres de fim de verão, ou iam ao cinema ou ao teatro quando a chuva e a frescura do outono irrompiam, inevitáveis, pela marcha quotidiana

de Berlim. Tudo nela o reconfortava, a sua voz calorosa, a conversa sempre interessante, as suas ideias argumentadas e rebatidas com firmeza e segurança, os seus projetos. Sem querer, encontrou nela uma forma de começar a desenredar o sólido nó que, de forma tão intensa e precipitada, o havia unido a Claudia e que, até à aparição de Krista, o sufocava como um doce laço à volta do pescoço. Estava disposto a deixar-se levar pela plácida sensação que sentia ao seu lado.

– Não posso negar que gosto daquela mulher. É inteligente, divertida, delicada, e ao mesmo tempo parece tão forte... – dizia Yuri ao seu amigo Fritz, com uma cerveja na mão.

– Não me surpreende que tenhas ficado encantado. Conheço-a desde pequena e posso garantir que é uma pessoa extraordinária. – Os dois amigos mantinham uma conversa serena. – Mas aviso-te já de que, ainda que vejas nela uma aparência modesta, tem o seu carácter, é teimosa como uma mula. Quando mete alguma coisa na cabeça, não para até o conseguir. Nada se lhe mete à frente, é corajosa e às vezes temerária, bem vês como perdeu uma oportunidade de ouro por defender os seus princípios.

– E admiro-a por isso – acrescentou Yuri, pensativo. – É uma mulher por quem poderia chegar a apaixonar-me.

Fritz bebeu um gole de cerveja observando o seu amigo por cima do copo, o rosto deslumbrado ao evocar Krista. Apertou os lábios para saborear a espuma.

– E quanto à tua vizinha?

– Qual vizinha?

– Qual haveria de ser? A do segundo andar. Temos de admitir que é um bombom, mas daí a enrolares-te com uma nazi, mulher de um nazi, filha e nora de nazis...

Yuri fitou-o, surpreendido. Nunca lhe tinha referido a sua relação com Claudia.

– De onde tiraste tu isso?

– Contou-me a Angela Blumenfeld – confessou Fritz, divertido com a evidente perplexidade do amigo. – Viu-te várias vezes entrar à socapa em casa dela na ausência do marido, e depois sair de madrugada; e viu-a subir discretamente às tuas águas-furtadas.

– Que bisbilhoteira...

– Não a culpes. Não é má mulher, aborrece-se. E não te preocupes, não dirá nada a ninguém, é um túmulo – acrescentou, passando os dedos pelos lábios como que para os selar.

– Pois, estou a ver – replicou Yuri, com sarcasmo.

– Disse-me a mim porque estava preocupada contigo e sabe que somos amigos. Tem-me muito carinho. Teme que essa mulher te faça mal. Não lhe tem muito apreço.

Yuri ficou pensativo. Encolheu os ombros, sem poder evitar uma expressão de desânimo.

– Não te vou negar que tivemos algo... – Custava-lhe contar ao amigo que se tinha apaixonado loucamente por uma nazi. – Mas há muito tempo que não a vejo.

– Tem cuidado, Yuri, se o Von Schönberg te apanha a seduzir a mulher dele, esmaga-te como a uma mosca. Tem poder para o fazer sem sequer se despentear.

Aquelas palavras incomodaram-no; o que tinha com Claudia era muito mais do que uma mera sedução, mas engoliu o mal-estar, pois não podia nem queria expressar os seus sentimentos. Custava-lhe controlar a confusão que se debatia na sua cabeça; urgia esquecer o intenso amor que ainda sentia por aquela mulher nitidamente inalcançável, e, ao mesmo tempo, precisava de fomentar o que Krista lhe oferecia de forma cada vez mais evidente.

– Isso acabou – afirmou, com toda a segurança que foi capaz de demonstrar. – São águas passadas. A minha atenção está agora centrada em Krista. Adoro essa mulher, dá-me calma. Estar ao seu lado é como entrar num paraíso.

Fritz fitava-o com um sorriso satisfeito.

– Fico feliz por ti, Yuri. Mereces alguém como ela. – Ergueu a caneca. – Brindemos ao vosso futuro.

Manteve a caneca no ar, à espera que Yuri reagisse. Ele fê-lo e bateram com o tosco vidro das suas cervejas, para em seguida as levarem à boca.

O final do verão tinha sido trágico para os Rothman. O seu querido filho Bruno havia morrido afogado num dos acampamentos estivais organizados para os adolescentes das Juventudes Hitlerianas, a que o filho dos Rothman tinha sido obrigado a assistir. Segundo a versão oficial transmitida aos pais angustiados, o rapaz entrara no rio desobedecendo a ordens explícitas; a corrente – agravada pelas tempestades do dia – puxou-o e ele não conseguiu regressar à margem, acabando engolido pelas águas. O seu cadáver apareceu vários quilómetros a jusante, com graves lesões provocadas, segundo o relatório oficial, pelas rochas contra as quais o corpo tinha ido chocando.

Os Rothman enterraram o filho com a dor acrescida de não poderem ver o seu corpo pela última vez, pois o caixão que lhes entregaram estava selado. A partir desse momento, a casa foi invadida por um inquietante silêncio. Lilli não pôde ir à pastelaria durante as primeiras semanas após a morte de Bruno, não por lhe faltarem as forças necessárias para se manter de pé, mas porque se viu obrigada a tomar conta do marido, que parecia ter entrado num estado de catarse, prostrado na cama sem vontade alguma de continuar a respirar. A única que continuou com a sua vida normal foi Ernestine, como se a morte do irmão mal a tivesse afetado, fria como uma placa de gelo, alheia à dor dos pais. Era ela quem abria a pastelaria e preparava o pão e os doces; tinha contratado duas raparigas para a ajudarem no atendimento, ainda que, a cada dia que passava, fossem aumentando as queixas dos clientes habituais sobre a grande diferença no sabor e no aspeto dos bolos, dos biscoitos, das bolachas e até mesmo do pão em comparação com os preparados pelas mãos da sua mãe, pelo que a jovem não teve quaisquer escrúpulos em pressioná-la para que regressasse à padaria. Lilli tentou fazê-la entender o perigoso estado em que o seu pai se encontrava, tão vulnerável que podia cometer alguma barbaridade. A filha descartou tal ideia e, após várias horas de discussão, Lilli acabou por ceder a contragosto. Reconhecia que a atividade a fazia sentir-se melhor. Às vezes, chorava enquanto enfiava as mãos na massa, mas recompunha-se aspirando o aroma

do pão acabado de sair do forno a lenha ou o cheiro a canela e essência de laranja dos biscoitos.

Tinham passado quase dois meses desde a morte de Bruno quando Lotte Schulze subiu o lance da escadaria, procurando a porta da casa dos Rothman. Era sábado à tarde. A jovem, alta e um pouco desengonçada, levava um estojo de violino pendurado ao ombro. Àquela hora, Lotte deveria estar numa assembleia organizada pela Liga das Jovens Alemãs, onde lhes ensinavam como se devia vestir e arranjar a mulher ariana e a forma como se devia relacionar com os rapazes. Tivera de inventar uma desculpa convincente para se ausentar durante algum tempo. Sabia que, àquela hora, o casal Rothman estaria sozinho em casa, uma vez que a filha, Ernestine, era uma das palestrantes do curso, por isso escolhera aquele momento para ir visitá-los. À medida que subia, as dúvidas assoberbavam-na como um lastro, abrandando-lhe o passo. Ainda estava a tempo de dar meia-volta e sair dali a correr, pensava a cada degrau, ainda podia fugir e deixar as coisas como estavam. No entanto, sentia que uma poderosa força, muito mais potente do que os seus temores, a impelia para aquela casa. Tivera de procurar nas caixas de correio para se certificar do andar e da porta. A escadaria estava tranquila; só se ouvia o rumor distante de um rádio com o volume demasiado alto. Lotte respirou fundo para ganhar coragem e tocou à campainha, que ecoou no interior. Ao fim de alguns segundos, uma débil voz fez-se ouvir do outro lado da porta.

– Quem é?

– É a Lotte Schulze, senhora Rothman.

Ouviu-se um ferrolho a ser corrido. A porta abriu-se e Lilli apareceu.

Lotte tinha conhecido a senhora Rothman na pastelaria, quando ia ver Bruno ou comprar bolos ou pão. Aquela mulher de sorriso permanente, pupilas brilhantes, rosto agradável e modos amáveis havia desaparecido por completo, apresentando-se diante dela como uma velha prematura, de pele encarquilhada e olhos apagados e secos.

– Boas tardes, senhora Rothman, posso entrar? – Via-se que estava inquieta. – Gostaria de falar consigo. Não lhe roubarei muito tempo.

– Tempo é o que me sobra. – A pasteleira afastou-se para lhe permitir entrar na penumbra do vestíbulo e as duas fitaram-se em silêncio. A casa cheirava a fechado.

– Senhora Rothman – disse finalmente Lotte –, pensei muito sobre se devia vir contar-lhe isto... Mas acho que tem direito a saber.

– Saber o quê? – Lilli pôs-se em alerta.

A rapariga continuava indecisa. Apertou os lábios, desviou o olhar por um segundo e falou como se o tivesse estado a ensaiar primeiro durante muito tempo.

– Como morreu o seu filho.

– O que queres dizer?

– O Bruno não se afogou por negligência, não foi um acidente. O seu filho foi atirado ao rio, já inconsciente, pelos mesmos que tinham acabado de lhe dar uma tarefa.

Por um instante, Lilli cambaleou, como se o chão debaixo dos seus pés se tivesse transformado em moles areias movediças. Levou a mão ao pescoço, pois sentia cingir-se em seu redor uma corda que se apertava cada vez mais, impedindo-a de respirar. De repente, agarrou-lhe no braço e conduziu-a à cozinha. Indicou-lhe que se sentasse e Lotte fê-lo lentamente, as mãos sobre os joelhos, à mesa onde havia apenas uma fruteira com duas maçãs no interior. Lilli manteve-se de pé por alguns segundos, olhando-a fixamente, até que se sentou também diante dela, com os braços na mesa e as mãos entrelaçadas.

– Como sabes isso?

– Porque eu estava com o Bruno... Estava no acampamento das raparigas e, durante a tarde, às escondidas, procurávamos passar algum tempo juntos. Senhora Rothman, eu amava muito o seu filho, e o seu filho amava-me a mim... – Baixou os olhos para as mãos, desviando em seguida o olhar para a janela, cobertos os vidros por uma cortina translúcida que caía até ao meio, deixando ver o céu que começava a escurecer. – No dia em que tudo

aconteceu... Estávamos sentados junto ao rio e eles apareceram... O Bruno tentou defender-me, porque o Rudi queria que eu... – A rapariga encostou o queixo ao peito, como se estivesse envergonhada.

– Referes-te ao Rudi Kube?

Lotte ergueu o rosto e assentiu.

– O Rudi e eu saímos juntos há um ano, mas ele é um rapaz muito bruto, e portanto deixei-o. Não lhe agradou que eu me tornasse amiga do Bruno... Tinha-lhe um ódio terrível e começou a importuná-lo. Nessa tarde, o Rudi bateu-lhe com mais raiva do que nunca, pois viu-nos a beijarmo-nos. Bateu-lhe com tanta força que o atirou ao chão, e continuou a agredi-lo durante muito tempo... Estava tão furioso que parecia um animal selvagem. Os outros acirravam-no. Até que se cansou. Então, agarraram todos nele e atiraram-no ao rio.

– E tu... – Abanou a cabeça, incapaz de assimilar o que ouvia. – Tu não fizeste nada? Não gritaste a pedir socorro? Ficaste parada a ver como matavam o meu filho?

Os olhos de Lotte encheram-se de lágrimas, desabou.

– Não podia fazer nada... Tinham-me agarrada... Taparam-me a boca... Depois... – Franziu a testa, como se uma intensa dor lhe explodisse por dentro. A voz era quase inaudível. – Ameaçaram dizer a toda a gente que eu me tinha deitado com todos eles... Disseram-me que, se contasse alguma coisa, viriam atrás de mim e magoar-me-iam mais... – Desatou a chorar, as lágrimas saíam-lhe aos borbotões dos olhos, os seus lábios húmidos quebravam-se a cada palavra, as mãos trémulas debatiam-se no ar como se quisesse enxotar um monstro que a acossava. – Tive medo... Tive muito medo... E agora estou... – Ergueu o olhar e cravou os olhos vermelhos nos de Lilli Rothman. – Estou grávida... e não sei o que fazer... Não sei a quem recorrer... Se o meu pai descobre, mata-me... A senhora é a única que me pode ajudar, senhora Rothman. – Dobrou-se ao meio, como se tivesse recebido uma punhalada no ventre.

Um silêncio avassalador abateu-se sobre elas, quebrado apenas pelos soluços lastimosos de Lotte. Os seus ombros

refletiam os abalos do choro; a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas, tensas, os pés muito juntos.

Lilli fitava-a sem reagir, não sabia o que dizer.

– Porque achas que posso ajudar-te? – perguntou por fim.

Ela fitou-a, os olhos arrasados pelo choro, um fio de baba a cair-lhe pela comissura dos lábios, as faces rosadas.

– Senhora Rothman... o filho é do Bruno. Estou de quatro meses... A minha mãe quer que aborte... Diz que não quer saber de mim para nada até eu me desfazer do bebé... E não sei o que fazer... Estou confusa. É certo que seria uma solução, acabaria com este pesadelo, mas algo dentro de mim me impede... É como se precisasse de ter este filho para não perder totalmente o Bruno.

Lilli estava de boca aberta, incapaz de assimilar aquela torrente de sentimentos contraditórios.

O seu marido apareceu junto à soleira da porta, com um semblante sério. Tinha estado a ouvir tudo a partir do corredor. Por alguns segundos, contemplou o choro inconsolável de Lotte, que se mantinha cabisbaixa.

– Não o farás – disse subitamente, com uma firmeza que surpreendeu a esposa. – Não abortarás, pois nós vamos ajudar-te a ter essa criança. – Olhou para a mulher e a sua voz e o seu gesto tornaram-se mais brandos. – Iremos para a Polónia, para casa da minha irmã. – Voltou novamente os olhos para Lotte, que o ouvia arrebatada, como se estivesse perante uma aparição divina. – Aí, poderás tê-la sem que ninguém te incomode. Cuidaremos de ti e do teu filho.

Lotte manteve-se imóvel por alguns momentos, incapaz de fazer ou dizer o que quer que fosse, a olhar para o senhor Rothman. Em seguida, levantou-se lentamente, deu dois passos na direção dele, e depois deu outro e mais outro, até se lançar nos braços daquele homem alto, grande e desajeitado, que inicialmente ficou surpreendido com aquele arroubo, sem saber muito bem o que fazer ou como reagir; por cima do ombro da rapariga, olhava para a sua mulher, como que à espera de algum sinal dela. Os olhos de Lilli marejaram-se de lágrimas, fazendo-a desviar o olhar para as suas mãos trémulas. O senhor Rothman sentiu que a visão se lhe

toldava, fechou os olhos e irrompeu num choro silencioso. Engoliu em seco, moveu os braços e envolveu Lotte com eles, apertando-a contra o seu peito ferido.

Aquela manhã de inícios de dezembro tinha amanhecido fria e chuvosa. Yuri estava já sentado à mesa junto à senhora Metzger quando apareceu Krista, muito arranjada. Deu um carinhoso beijo na testa da mãe e cumprimentou Yuri com um beijo na face. O carinho entre eles aumentava de dia para dia, para regozijo da viúva.

Sentou-se à mesa no momento em que Sarah entrava com a cafeteira na mão.

– Ontem cruzei-me com a nazi do segundo andar – disse a viúva, de sobrolho franzido. – E sabes o que me disse?

Krista levou a chávena aos lábios e arqueou as sobrancelhas num gesto de interrogação.

– Que tinha sabido que a Sarah era judia, que isso não podia ser, que devia despedi-la e que, se não o fizer, me vai denunciar...

– Não o fará – replicou a filha, como se nada se passasse, barrando manteiga numa torrada.

– Não estou assim tão certa. Tem o ódio metido no corpo. Deu um empurrão à pobre Sarah que quase a fazia cair das escadas.

– Não foi nada – interveio Sarah, tentando minimizar a situação.

– Eu ia mais devagar e ela tinha pressa. Não creio que tenha sido com má intenção...

– Por amor de Deus, Sarah, não tentes desculpá-la – protestou a viúva. – A senhora Blumenfeld e eu estávamos lá e vimos tudo: deu-te um empurrão de propósito e com muita má vontade. Já lhe disse que em minha casa meto quem me apetecer, era o que mais faltava.

– Não lhe dê tanta importância, mamã. É mais inofensiva do que parece.

– Rio-me da inocência dessa mulher. Que pobre criancinha... Espera-a um mundo de ódio, com uns pais daqueles... Santo Deus!

Yuri escutava-as sem dizer nada. Claudia Kahler regressara à Mohrenstrasse no início de setembro. Estava com um aspeto incrível, a pele bronzeada, e a amplitude dos seus vestidos apontava para uma magnífica gravidez. Poucos dias depois, Yuri tinha-se cruzado com ela no vestíbulo, na companhia do marido. Ao vê-lo, Claudia agarrou-se com um gesto dissimulado ao braço de Ulrich, como que a exibir a sua feliz maternidade. Desde então mal se viam, e quando isso acontecia, ela cumprimentava-o com educação, mas afastava-se como se temesse o seu olhar. Yuri nada fez para se aproximar, respeitou a sua decisão e continuou a agir como se fossem meros vizinhos. Aquela atitude confirmava que o que havia entre eles tinha acabado definitivamente. Yuri queria convencer-se de que era o melhor para ambos, e sobretudo para ela, embora não pudesse evitar uma sensação de nostalgia quando a mencionavam na sua presença.

Krista olhou para o relógio e levantou-se de um salto, limpando os cantos da boca com um guardanapo.

– Tenho de ir. – Vestiu o casaco, abriu a bolsa, tirou um batom e cobriu os lábios com uma camada de *rouge* diante do espelho pendurado por cima do aparador. Ajeitou o cabelo, pôs o chapéu e virou-se para eles. – Que tal estou?

– Estás perfeita – respondeu a mãe.

– Não queres mesmo que te leve? – perguntou Yuri.

– Não é preciso. Apanharei o elétrico. E se não te despachas és tu quem vai chegar atrasado. – Sorriu e piscou-lhe o olho.

– Vais conseguir – acrescentou Yuri. – Tenho a certeza.

– Oxalá tenhas razão.

Saiu, e ele ficou sozinho com a viúva.

– A ver se desta vez a contratam, a minha pobre filha. Tanto esforço para nada.

– A Krista é uma mulher extraordinária e conseguirá o que pretende.

– Obrigada, Yuri. És um bom homem. – Sorriu-lhe. – Sabes que estou a ganhar um grande apreço por ti? – Yuri assentiu. – E a Krista também. Fazem-me tanta companhia...

Ele observou-a, pensativo. Inclinou o corpo para a frente e retribuiu o sorriso.

– *Frau* Metzger, queria dizer-lhe... Queria pedir-lhe autorização para... Sinto algo muito especial pela Krista e gostaria, se não se importar, de a pedir em namoro...

– Santo Deus, Yuri! – exclamou a viúva, sem conseguir conter o entusiasmo. – Que alegria me dás, que alegria...

– Então não se importa?

– Por amor de Deus, porque haveria de me importar? És o genro perfeito, o homem que toda a mãe deseja para a sua filha. Estou muito contente.

Yuri levantou-se, pegou-lhe na mão e beijou-lha com uma mistura de gratidão e felicidade.

– Obrigado, *frau* Metzger, mas guarde-me o segredo. Gostaria de a conquistar à minha maneira.

Ela levou a mão livre à boca e selou os lábios com um sorriso cúmplice.

– E agora vou para a embaixada, porque senão a sua filha ainda vai acabar por ter razão e chegarei atrasado.

Entretanto, Krista Metzger tinha descido apressadamente as escadas. Os nervos haviam-lhe formado um nó no estômago: uma entrevista ao fim de tanto tempo encorajava-a; ainda assim, temia a rejeição. Tinha enviado o seu currículo para todas as clínicas de Berlim, privadas e públicas, grandes, pequenas, consultórios, hospitais... De nenhuma recebera sequer uma resposta. A negra sombra da sua argumentação em favor dos médicos judeus iria revelar-se muito longa para ela. O doutor Greenstein, seu mentor, tinha-a advertido disso mesmo no dia em que se despediram antes de partir para a Palestina.

Antes de chegar ao patamar do segundo andar, a porta da esquerda abriu-se e apareceu Claudia Kahler. As duas tinham-se tornado boas amigas. Claudia causara boa impressão a Krista, apesar do repúdio que provocava entre os vizinhos. Fora certamente por esse repúdio, que reconhecia noutros contra a sua própria pessoa, que Krista decidira evitar os preconceitos que pairavam na vizinhança e conhecê-la em primeira mão, e não pelos

falatórios. As duas mulheres eram quase da mesma idade, e Krista, à falta de um emprego, não tinha mais nada para fazer além de ver o tempo passar; nesse aspeto, coincidia com a existência banal de Claudia. Tinham até saído para tomar café e passear, tudo nas costas da senhora Metzger, que a considerava um demónio nazi.

– Olá, Krista – disse-lhe ela, sorridente. – Onde vais tão cedo e tão elegante?

Claudia, por sua vez, encontrara em Krista uma tábua de salvação para atenuar o profundo tédio que a abatia desde o seu regresso da casa de campo da sogra na Floresta Negra. Não só simpatizava com ela como a admirava pelo facto de ser médica e pela paixão que demonstrava pela profissão, fazendo-a perguntar-se o que teria sido dela se tivesse dado ouvidos ao seu pai quando a incentivava a estudar medicina.

– Vou ao Hospital La Charité, no distrito de Mitte, para uma entrevista de emprego – respondeu Krista, num tom emocionado. – Deseja-me sorte.

A notificação tinha chegado no dia anterior: o diretor de pessoal, o doutor Dressel, convocava-a às nove em ponto para uma entrevista, sem especificar mais nada. Teria de se encontrar com ele dali a apenas meia hora.

– Ao La Charité? Também vou para lá, para a minha consulta mensal. Eu levo-te.

– Não quero incomodar-te.

– Vamos, Krista – disse Claudia, com um ar satisfeito. – Sabes que o faço com todo o gosto. És a única no prédio inteiro que não desata a fugir quando me vê, salvo a filha da pasteleira, que me ganhou uma estima... – Acompanhou as palavras com uma expressão de fastio.

– Não leves a mal. São todos muito boa gente, mas o uniforme do teu marido assusta-os. Dá-lhes tempo para te conhecerem, vais ver como acabam por cair rendidos aos teus pés.

Claudia riu-se, agradecida.

– Quanto a caírem rendidos aos meus pés, duvido – observou, divertida. – Mas dar-lhes-ei tempo, é claro que sim.

Chegaram ao vestíbulo e pararam, pois chovia torrencialmente. Claudia abriu o seu guarda-chuva e, protegidas por ele, atravessaram a rua, esquivando-se às poças até chegarem ao *Opel Laubfrosch* verde-vivo.

Nesse exato momento, Yuri saiu do vestíbulo e viu-as entrar apressadamente no veículo. Uma pontada trespassou-lhe o coração. Não sabia muito bem porquê, mas desagradava-lhe a cordialidade que surgira entre ambas. Era do seu conhecimento que se encontravam com frequência desde o regresso de Claudia, tinha-se até apercebido de que Krista a defendia ante as críticas da mãe. Embora lhe agradasse essa atitude, quando as via juntas ou quando Krista contava alguma coisa sobre Claudia, não podia deixar de sentir desconfiança ou vulnerabilidade ante essa aliança. Entrou rapidamente no *Ford* e viu-as passar de carro sob a chuva torrencial. Nem sequer repararam nele, absortas na sua conversa afável.

– Conheço muitos médicos no La Charité – dizia Claudia, pisando suavemente o acelerador. – Quem te vai entrevistar? Talvez possa ajudar-te.

– Fui convocada pelo diretor de pessoal, o doutor Dressel.

– Conheço-o. Um tipo duro e algo antipático. Permites-me que te dê um conselho para a tua entrevista?

– Sim, claro – respondeu Krista.

– Tira a maquilhagem e o batom dos lábios, caso contrário nem sequer te deixará entrar. Ouve o que te digo. O doutor Dressel é dos que acham que as mulheres devem concentrar-se nos três kapas: *Kinder, Küche, Kirche*. Crianças, cozinha, igreja. Se te vir maquilhada, será mais uma desculpa que lhe dás para te mandar para casa coser ou cozinhar.

Krista virou-se para Claudia e fixou os olhos na sua barriga, já bem saliente.

– Já te falta pouco tempo – replicou, ignorando o que ela lhe dissera. – Como te sentes?

– Pesada – respondeu Claudia, enfatizando a palavra. – Cada vez mais. E se ao menos pudesse fumar...

– Não é bom, já te disse. Faz mal ao bebé, e a ti, claro.

– Para te ser sincera, Krista, por um lado, adoraria que arrancesses finalmente trabalho, mas, sendo egoísta, dar-me-ia muita pena, pois então tornar-te-ás uma mulher muito ocupada e deixarei de poder contar com a tua agradável companhia.

– Há tempo para tudo, Claudia, não te preocupes. Além disso, estarás muito entretida com o bebé, vais ver, não haverá tempo para te aborreceres.

– Assim espero... Se não fosse por ti, não me relacionaria com nenhuma rapariga da minha idade. As minhas velhas amigas parece que foram engolidas pela terra. As que não estão prometidas e a preparar o seu casamento estão a gerar filhos para a glória do nosso *Führer*. Algumas já vão no terceiro e ainda só estão casadas há três anos. – Fez estalar a língua antes de prosseguir, contrariada. – Não te cases, Krista, é um erro, uma armadilha... O amor é outra coisa.

– Vá lá, não te deixes levar pelo desânimo – disse Krista, em tom caloroso. – Ser mãe é um desafio, mas também é uma experiência extraordinária. E, além do mais – acrescentou, sorridente –, tens de admitir que o casamento implica a consolidação do amor, caso contrário seria um escândalo, não achas?

– Alguma vez estiveste apaixonada? – perguntou Claudia.

Os olhos de Krista brilharam, irradiando a felicidade que sentia desde que Yuri tinha entrado na sua vida.

– Já estou... profundamente apaixonada.

Claudia tirou o pé do acelerador e fitou-a por alguns segundos, devolvendo depois a sua atenção à estrada. O seu rosto iluminara-se.

– Krista! Bem, bem! E não dizias nada? Quem é o sortudo? – perguntou, com um grande sorriso. – Um médico, imagino. Um desses garbosos doutores que andam de um lado para o outro com as suas batas brancas como pavões...

Krista ria-se, divertida com o entusiasmo de Claudia, abanando a cabeça.

– Não é médico.

– Se casares, serei a tua dama de honor. Ajudar-te-ei em tudo. Tenho experiência.

– Mas acabas de aconselhar a que não me case.

O sorriso de Claudia apagou-se e a sua expressão revelou um halo de tristeza, ainda que Krista não se tivesse apercebido.

– Não é a mesma coisa casar com o homem que se ama. Não é a mesma coisa...

Fez-se um silêncio entre elas. Krista intuiu que Claudia não era tão feliz quanto poderia parecer. Não soube o que dizer, mas Claudia recuperou imediatamente a alegria.

– Vamos, conta-me como é, a que se dedica, como surgiu o amor... Vive em Berlim?

– Digo-te se guardares segredo, porque a única certeza é que o amo desde a primeira vez que o vi.

– Sou um túmulo, prometo – afirmou Claudia, com radiante expectativa.

– Trata-se do Yuri, o inquilino da minha mãe...

Aquelas palavras caíram como chumbo fundido sobre a consciência de Claudia; sentiu que ficava sem fôlego, como se o ar daquele habitáculo asfixiante se tivesse esfumado de repente. Tirou a mão do volante e rodou a manivela para abrir a janela, e nesse preciso instante teve de travar a fundo para evitar atropelar uma mulher que passava à sua frente, alheia à proximidade do carro, mais atenta a escapar ao assédio de um grupo de adolescentes com a farda das Juventudes Hitlerianas que a perseguia, lançando-lhe todo o tipo de insultos e empurrões, de entre os quais se destacava, qual grito de guerra: «Salta, porca judia!»

Furiosa, Claudia resmungou duas palavras, como se as arrancasse das vísceras.

– Lixo judeu.

– Claudia! Ela não teve culpa. Aqueles fedelhos é que não têm educação nem sabem respeitar os mais velhos.

– Incomodam-te estas coisas? – perguntou ela, tentando conter a raiva que a sua confissão tinha agitado.

– É claro que me incomodam. Deviam incomodar qualquer pessoa que se considere decente.

– Os judeus não sentem como nós, são a escória da sociedade, vigaristas, farsantes e trapaceiros. – Falava como se, a cada palavra, cuspsse o veneno que a sua amiga acabava de lhe inocular, o elixir dos ciúmes, da raiva, do medo e da loucura de perder o que ainda considerava seu. – Uma chusma que chegou onde está graças à ingenuidade e à boa-fé do povo alemão. Deviam desaparecer da face da Terra.

– Que barbaridade – exclamou Krista, estupefacta. – Ideias como essa e atos como este cobrem de ignomínia um país como a Alemanha. É vergonhoso o ódio que o governo tem vindo a promover.

Claudia fitou-a com um ar grave; a sua voz soou categórica.

– Tem cuidado com o que dizes, Krista. Podia denunciar-te... Não é correto difamares o governo do teu país.

A jovem Metzger ficou pasmada ante a reação tão desairosa de Claudia. Era como se estivesse a falar com uma pessoa completamente diferente da de há poucos segundos. Não entendia aquele ódio repentino e não quis continuar a conversa. Após alguns momentos de tensão, Claudia meteu a mudança e pisou o acelerador. Krista seguiu com o olhar a trajetória da mulher que havia sido vítima daquela infâmia, tão vulnerável, tão assustada, tentando fugir ao escárnio executado em plena rua e à vista de todos, sem que ninguém fizesse nada para o impedir: ninguém defendia a mais indefesa, nem mesmo ela, pensou, desanimada, enquanto o carro avançava. Não podia parar, não podia correr o risco de não chegar a tempo ao seu compromisso. Fechou os olhos e engoliu o amargo sabor da cobardia.

Envoltas num silêncio desconfortável, chegaram ao Hospital La Charité e, uma vez no interior do grande vestíbulo, prepararam-se as duas para se separarem, rumando cada uma ao seu compromisso marcado.

– Obrigada por me trazeres – despediu-se Krista, tentando ser amável.

– Krista... – A voz de Claudia voltou a dulcificar-se, pelo menos aparentemente. – Ele corresponde-te? No amor que sentes por esse homem... Corresponde-te?

Krista ficou de olhar perdido. Uma expressão de prazer surgiu-lhe no rosto e os seus lábios esboçaram um sorriso que esbofeteou o espírito de Claudia.

– Creio que começa a fazê-lo.

Claudia cerrou os lábios e engoliu a resposta que lhe queria dar: que aquele homem era seu e que o seu amor não podia pertencer a outra que não ela. Conteve-se e virou-se um pouco com intenções de partir, mas voltou-se novamente e levou os dedos enluvados aos lábios da amiga.

– Ouve o que te digo. Tira-o.

Krista sorriu sem dizer nada, dirigindo-se depois ao gabinete indicado na convocatória. Antes de bater à porta, pegou num lenço e limpou o batom dos lábios.

Na porta, havia um letreiro com o nome impresso: DOUTOR ALBERT DRESSSEL. Krista olhou para o relógio e viu que eram nove em ponto. Com os nós dos dedos, bateu duas vezes à porta, e uma ordem fez-se imediatamente ouvir do outro lado para que entrasse. Abriu a porta e espreitou para dentro.

– Doutor Dressel? Sou a Krista Metzger, tenho uma entrevista consigo.

Ele mandou-a entrar com um gesto, quase sem erguer o olhar dos papéis que tinha em cima da mesa.

Era um homem corpulento, de cabeça grande e cabelo grisalho muito curto. Tinha a insígnia da cruz gamada presa à lapela da bata branca, imaculada, sob a qual se via a gravata em tons claros sobre uma camisa bege.

Krista fechou a porta e ficou de pé, à espera.

– Sente-se, *fräulein* Metzger – indicou-lhe ele, fitando-a com severidade. Esperou que estivesse sentada para continuar a falar. – O seu processo é extraordinário. Seria uma pena que, por uma atitude pouco cívica, imprópria de uma boa cidadã alemã como a menina, se deitasse a perder uma excelente médica.

Krista demorou a reagir. Era evidente que ele conhecia os motivos que a tinham feito regressar a Berlim, mas devia ser

cautelosa.

– Não entendo...

– Não se faça de tonta, *fräulein* Metzger. Estou a par de tudo o que aconteceu na clínica Lemman em Munique.

Krista tentou armar-se de dignidade antes de falar.

– Os médicos que foram expulsos eram excelentes profissionais. Pareceu-me uma injustiça o que lhes aconteceu, por isso mostrei a minha oposição. Não faria o mesmo?

O doutor Dressel fitou-a por alguns segundos. A sua expressão era fria, distante. Finalmente, apoiou os cotovelos na mesa e cruzou as mãos, apontando-lhe os dois indicadores.

– *Fräulein* Metzger, vou fingir que não disse o que acaba de dizer. – Os seus olhos pequenos, de olhar penetrante, mantiveram-se fixos nela. Em seguida, continuou a falar, com um semblante austero. – Após uma análise atenta ao seu caso, decidimos dar-lhe outra oportunidade de terminar o seu doutoramento e poder trabalhar em benefício do Terceiro Reich e do nosso *Führer*. Nestes momentos de mudança, todos os recursos do Estado são necessários e não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar o alto custo da sua formação. Evidentemente, vamos seguir bem de perto a sua trajetória, não apenas profissional, mas também pessoal – acrescentou, erguendo a mão e sacudindo-a no ar –, para evitar que volte a cometer erros que possam complicar-lhe desnecessariamente a vida.

– Não se preocupe, doutor Dressel, não terão nenhuma queixa de mim.

– É essa a atitude, *fräulein* Metzger – disse o médico, esboçando pela primeira vez um sorriso satisfeito. – Devemos saber a que lado pertencemos. O seu lugar é junto da Alemanha ariana, e os verdadeiros alemães estão com o nosso *Führer*, o homem que devolveu a esperança a este país e aos seus habitantes.

Krista teve de morder a língua para não dizer o que realmente pensava do *Führer*, do nazismo e de todas as ideias fanáticas que os membros do partido andavam a propagar desde que tinham chegado ao poder. Mas manteve-se calada. Precisava daquele

emprego; se não completasse a especialidade, não poderia exercer a profissão que tanto a apaixonava.

O doutor Dressel tirou um papel da pasta e estendeu-lho. Krista pegou-lhe e leu-o.

– Terminará o seu doutoramento sob a orientação da doutora Hotzfeld, que dirige o Departamento de Ginecologia do Hospital da Piedade, situado em Scheunenviertel. Deve apresentar-se lá o mais cedo possível. A doutora Hotzfeld indicar-lhe-á o seu salário, os horários, os turnos. Facultar-lhe-á tudo o que for necessário para a sua integração imediata.

– Irei vê-la hoje mesmo.

Krista levantou-se, pronta para partir, mas o doutor Dressel deteve-a.

– Outra coisa, *fräulein* Metzger, da próxima vez que for a uma entrevista de emprego, faça-o de cara lavada. Isto não é uma *boîte* onde se vá exhibir, nem eu sou um cavalheiro a quem deva conquistar.

Krista sentiu uma pontada de humilhação. Sem dizer nada, assentiu com um movimento de cabeça, estreitando os lábios. Nesse momento, o doutor Dressel ergueu o braço, acompanhando o gesto com um *Heil Hitler!*

Krista hesitou alguns segundos antes de o imitar e balbuciar a saudação nazi. Em seguida, saiu para o corredor e desceu precipitadamente as escadas. Parara de chover e um raio de sol lutava por se infiltrar por entre as algodoadas nuvens cinzentas. Claudia tinha razão. Aquela mulher não podia ter mau coração, pensou, esboçando um sorriso.

Com a alegria transbordante de voltar a trabalhar, apanhou um elétrico para o Hospital da Piedade.

A doutora Anna Hotzfeld era uma mulher muito alta e magra, de ombros largos como o rosto, cujas feições tinham uma estranha mistura de doçura e fortaleza. Morena, de cabelo curto, risonha e de modos afáveis, rondava os quarenta anos.

Krista ficou agradavelmente surpreendida ao ver a sua reação quando se apresentou no seu gabinete. Cumprimentou-a com extrema cordialidade, feliz por vê-la ali.

– Ainda bem que aceitaste, Krista – disse, com um grande sorriso nos lábios. – Estamos com tanta falta de pessoal que todas as mãos são poucas. Permite-me que te trate por tu, vamos ter de trabalhar lado a lado e preciso da tua cumplicidade e sobretudo da tua confiança absoluta.

– Conte com ambas, doutora Hotzfeld – replicou Krista.

– Sei que enviaste os teus dados há meses, a pedir trabalho, mas todas as novas contratações que fazemos têm de passar por uma comissão de avaliação do partido. Uma burocracia pesada e inútil que atrasa tudo e nos está a criar graves problemas de falta de pessoal. A verdade é que estamos absolutamente assoberbados.

– Tenho aqui uma carta de recomendação do meu mentor em Munique.

– Não precisas de me mostrar nada. Foi o próprio doutor Greenstein quem me informou da tua maneira de trabalhar.

– Conhece-o?

– É claro que conheço. É uma pena que tenha acabado assim, uma grave injustiça. A Alemanha não sabe a eminência que perdeu com a sua partida.

– Concordo. – Mal tinha acabado de o dizer quando avistou uma cruz gamada na lapela da médica; o seu rosto ensombrou-se, esfriado o entusiasmo inicial.

Anna Hotzfeld apercebeu-se, olhou para a insígnia e tocou-lhe, com uma expressão indulgente.

– Calma, sou do partido por pura conveniência, não por convicção. Podes confiar em mim. Desde que recebi o teu pedido de emprego, fiz todos os possíveis por te contratar. Estou a par do que fizeste na clínica de Munique em favor dos médicos judeus. Não há dúvida de que a tua reação foi admirável, mas admite que se revelou inútil, salvo para complicar e muito a tua vida profissional. – Após uma breve pausa, prosseguiu tranquilamente. – Sabes, Krista, não me agrada o que se está a passar. Temos um

louco a dirigir o país e uma multidão estúpida e enfervorizada que o segue de forma cada vez mais massificada. Dadas as circunstâncias, resta-nos calar e não fazer nada ou tentar agir de forma mais inteligente do que eles, utilizando as suas próprias organizações, lutando a partir do interior. O meu marido não está de acordo comigo, defende a ideia de manter a passividade, acreditando que isto passará em breve, que não há forma de manter o monumental circo em que Hitler transformou este país sem que ele desmorone sob o seu próprio peso. Mas a minha tática tem-me corrido muito bem, por enquanto. Esta cruz gamada abre-me muitas portas e permite-me fazer coisas em que, de outro modo, não poderia sequer pensar; contratar-te, por exemplo, teria sido impossível se não tivesse esta insígnia colocada na lapela. – Encolheu os ombros e baixou o tom de voz. – Ao contrário do que já acontece noutros hospitais, aqui continuamos a atender pacientes sem perguntar pela sua religião ou raça. E vou dizer-te algo em confidência que não deve sair daqui: consegui contratar dois médicos e várias enfermeiras de fora de Berlim, nenhum dos quais é ariano puro, como me exigem agora para aceitar os seus serviços, mas arranjei maneira de passarem por tal. E posso fazê-lo porque o meu nome está na lista de militantes do partido nazi, porque pago religiosamente a minha quota mensal e porque trago este lixo preso ao casaco. Resistiremos a partir do sistema. Não nos resta alternativa.

– Expõe-se demasiado, doutora Hotzfeld.

– Eu sei. Temos de assumir riscos, foi o que tu fizeste, mas trata-se de obter benefícios por que valha a pena arriscar. – Levantou-se, pletórica. – Vamos, vou mostrar-te as instalações. Prepararei tudo para que comeces o mais cedo possível.

Berlim, 1934

Princípio da transposição

Imputar ao adversário os próprios erros ou defeitos, respondendo ao ataque com ataque. Se não for possível negar as más notícias, inventem-se outras para distrair delas.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

A gravidez de Claudia complicou-se a partir de inícios de janeiro, obrigando-a a ficar em repouso. A essa circunstância juntou-se a nomeação de Ulrich von Schönberg como inspetor dos campos de concentração que estavam a ser abertos e preparados em todos os cantos do país, o que o obrigava a ausentar-se da cidade com frequência. Nesta situação, Claudia não teve outro remédio a não ser instalar-se em casa da mãe até dar à luz.

Para Krista, foram meses de trabalho intenso. A relação com Yuri ia-se consolidando de forma muito gradual, deixando fluir o tempo e os sentimentos, sem pressas, amparados pelo tranquilo regaço do lar comum. A senhora Metzger sentia-se exultante, tanto com a ausência dos irritantes vizinhos do segundo andar como com a relação da sua querida filha com Yuri. Prezava o inquilino como a um filho e estava certa de que o marido teria gostado de o ter como genro; era isso que pensava ao vê-los rir e conversar, embevecida, ou quando saíam juntos. E quanto a Krista, voltava finalmente a vê-la feliz, novamente apaixonada pelo seu trabalho e entregue ao amor que sentia por Yuri; a vida sorria-lhe, o que, para a sua mãe, era mais do que suficiente para estar em paz com o mundo.

Nos primeiros meses de 1934, Yuri teve de fazer muitas viagens a pedido de Villanueva e do seu sócio, Volker Finckenstein, o misterioso VKF cujos envios seguiam diretamente para Villanueva sem passar pelo registo; Yuri já o tinha conhecido. A cada viagem, ganhava uma quantia considerável, e o secretário de comunicação da embaixada estava muito satisfeito com a sua eficiência.

Fritz Siegel, por seu lado, começou o ano com a criação do seu próprio jornal. Dois meses antes, tinha sido despedido após um ataque à redação provocado por um artigo com a sua assinatura, no qual analisava a lei da esterilização que tinha entrado em vigor em janeiro e que levaria à castração de quatrocentos mil homens e mulheres afetados por alguma das nove doenças que, segundo o que ele designava de sinistra lei, eram passíveis de ser hereditariamente transmissíveis: o atraso mental, a esquizofrenia, a epilepsia, a psicose maníaco-depressiva, a doença de Huntington, a cegueira de nascença, a surdez hereditária, qualquer malformação física e o alcoolismo.

Longe de se amedrontar com o ataque e o despedimento, Fritz pôs em marcha o projeto que há anos andava a maquinar: um jornal dirigido por si. Rodeou-se de alguns colegas comprometidos com a batalha informativa contra a esmagadora máquina de propaganda nazi; através de um testa-de-ferro, celebrou um contrato com a gráfica que imprimia os jornais do partido nazi, assim nunca a fechariam; e, num pequeno espaço do norte de Berlim, começou a editar um diário de tiragem reduzida, mas suficiente para espalhar uma visão informativa capaz de oferecer à população um ponto de vista diferente do único e oficial imposto desde há meses.

Os dois amigos tinham ido tomar um copo a uma cervejaria e decidiram dar um passeio pela Unter den Linden.

– Cada vez são mais os que partem – dizia Yuri, após ter acompanhado uma família judia de cinco membros até à fronteira com a Suíça. – Tudo isto me traz muito más recordações. Tenho a sensação de que a Alemanha vai direita ao abismo e surpreende-me que ninguém reaja. Isto não é a Rússia, o que se passa com os alemães?

– Hitler não está a fazer uma revolução violenta como a de Lenine na Rússia, pelo menos aparentemente. Não acredita na democracia, mas utiliza com muita habilidade os instrumentos que a Constituição lhe oferece para ir ganhando terreno rumo ao poder absoluto. Na realidade, já quase o detém; o único impedimento é o velho presidente. Neste momento, Hindenburg é o único que o

pode deter, só ele pode destituí-lo. Mas não o fará, está muito cansado, e tão decepcionado que será incapaz de reagir, ou fá-lo-á demasiado tarde.

– Se Hindenburg morrer, haverá eleições e será nomeado um novo presidente da República. Talvez seja outra oportunidade de acabar com tudo isto.

Fritz lançou-lhe um olhar, com um laivo de desânimo nos olhos.

– Que República? Desde que, em março, foi promulgada a lei que concentra em Hitler todos os poderes do Estado, a República pouco vale. Além disso, se Hindenburg morrer, nada mais se interporá no seu caminho. Estou convencido de que Hitler não convocará eleições, será o chefe supremo e fulminará o pouco que resta da República de Weimar e tudo o que ela significa.

Durante algum tempo, caminharam sem dizer nada, pensativos. Yuri falou, taciturno, sem conseguir entender.

– O que mais me surpreende é que as pessoas não se revoltam contra tantos excessos, que ninguém proteste. Jamais teria imaginado que a Alemanha pudesse cair nesta armadilha.

– A propaganda de Goebbels está a funcionar na perfeição. Criaram um líder carismático que conduz milhões de pessoas. Hitler diz ao povo o que o povo quer ouvir, concentra nos seus discursos inflamados a frustração que desde há uma década arrasta as pessoas, toca a fibra dos sentimentos com muita habilidade e orienta a ira de muitos contra o mal de todos os males: o judeu.

– Não consigo entender o porquê desse ódio aos judeus.

– Não é novo, vem de longe, e, em nossa defesa, devo dizer que não é exclusivo dos alemães. Porque achas tu que no resto da Europa não estão a reagir ante a sangria de leis contra eles? Estão-se a borrifar – sentenciou Fritz. – Inglaterra e França também professam um antissemitismo contumaz; a grande diferença é que aqui confluíram num governante o poder e a força para realizar o seu intento, que não é outro senão extirpá-los da Alemanha. Aos judeus, é atribuída a origem de todas as adversidades, são eles a causa de todas as desgraças, as penúrias que pesam sobre a Alemanha resultam da sua maldade e avareza. Para Hitler e para

os nazis, judeus e comunistas são o mesmo lixo, classificam-nos como seres inferiores, consideram-nos cidadãos de segunda, sem direitos civis, e ainda assim exigem-lhes todas as obrigações legais, sem exceção, e às vezes com encargos abusivos. E, entretanto, o resto do mundo finge que não vê.

– Todos menos tu – acrescentou Yuri.

– É-me impossível fingir que não vejo, rebentaria se o fizesse.

– E a Nicole? Não creio que não te importem os sentimentos dela. Disse-me a Krista que está muito preocupada, que já não são só mensagens anónimas em tua casa, que te seguiram pela rua, que chegaste mesmo a ser agredido há alguns dias.

– Ah, as mulheres não sabem calar-se – murmurou Fritz, com um meio-sorriso. Suspirou e desviou o olhar. – Ontem foi despedida do emprego.

– Não sabia de nada.

– Era uma questão de tempo. Vão contratar um alemão para o seu lugar. Estou a tentar convencê-la a partir para a América, pelo menos por algum tempo. Não está segura aqui.

– Sabes que não partirá sem ti. Estás em perigo, Fritz.

– Estamos todos em perigo – argumentou ele. – O meu lugar é aqui. Preciso de fazer alguma coisa para travar esta grande falácia. Sentir-me-ia um cobarde se partisse, estaria a dar-lhes razão...

– E o que achas que se pode fazer? Há alguma forma de lutar contra isto?

– Boa pergunta... – murmurou ele, circunspecto. – Ainda que de muito difícil resposta. O problema é estarmos a deixar que nos arrebatem todos os instrumentos para o conseguir. Eliminaram o dissidente, o crítico, o opositor; a propaganda acorrenta as mentes mais lúcidas com uma mensagem monótona, simples, insistente, suscitando desde a absoluta indiferença à perigosa insensibilidade, quando a reação normal deveria ser repugnância e rebelião.

– O que achas tu então que podes fazer neste país que, segundo dizes, não tem remédio? Parte e salva-te ao menos.

Fritz tirou um livro da sua pasta de pele e estendeu-lho. Yuri tomou-o nas mãos.

– *The Friends of Voltaire* – leu em voz alta –, de Evelyn Beatrice Hall.

– É a minha mais recente leitura, uma grande descoberta. – Pegou novamente no livro e abriu-o numa das páginas, mostrando-lhe uma frase que tinha sublinhado. Leu-lha em tom grave e pausado, primeiro em inglês, depois em alemão. – «*I disapprove of what you say, but I will defend to the death your right to say it.*» «Não estou de acordo com o que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito a dizê-lo.» Compreendes o que isto significa? A autora acerta em cheio, é a base da liberdade de expressão, é o que devo e quero continuar a fazer, é a minha aspiração. O único limite deveria ser a apologia da violência e da discriminação, que é precisamente o que fazem os que me querem calar. Este é o meu país, Yuri; apesar de tudo o que está a acontecer, amo a Alemanha, sinto-me alemão de coração. Há muitos prémios Nobel alemães, os melhores músicos da história são alemães! O povo alemão é culto, e a cultura deveria ser um escudo contra a perversão da política e principalmente destes que agora a dirigem... – Abanou a cabeça de um lado para o outro. – Recuso-me a aceitar que aqueles que pretendem vergar a nossa liberdade de pensamento nos estejam a ganhar a batalha.

A voz de Fritz era firme, mas o seu tom era muito baixo. Não havia ninguém por perto que pudesse ouvir o que diziam, tinham ambos muito cuidado com isso.

– Se queres a minha opinião, tal como está neste momento, este país não merece a tua presença. Homens como tu são necessários, Fritz. Podias ter um grande papel fora da Alemanha, alertar os países que hoje se deixam enganar pela figura de Hitler e pelas suas políticas. Há muitas coisas que poderias fazer sem estar tão exposto.

Fritz esboçou ao amigo um sorriso sincero e sagaz.

– Talvez te dê ouvidos e reconsidere. Abandonar ou não o meu país dependerá de que certas circunstâncias mudem.

– E pode-se saber que circunstâncias são essas?

– Ainda não é garantido, mas... – Fritz passou-lhe o braço por cima do ombro num gesto amistoso. – Acredito que é desta. – Nos

seus olhos, brilhava a emoção. – A Nicole está grávida. Vou ser pai, Yuri. Desta vez, parece que vamos conseguir.

A primavera tinha eclodido em plena força com a chegada de maio. A tarde convidava a um passeio. Yuri e Krista regressavam a casa, caminhando lentamente, e quando estavam prestes a chegar ao vestíbulo, viram sair um carrinho de bebé com cobertura e grandes laços azuis de ambos os lados, empurrado por uma ama; atrás dela, apareceu Claudia Kahler. Era a primeira vez que se cruzavam com a recém-mamã desde o Natal.

Krista dirigiu-se a Claudia para perguntar pelo parto, pela recuperação, por como tinha feito com o menino, se o estava a amamentar. Ela respondia com agrado. Quando Krista se debruçou sobre o carrinho para conhecer o pequeno Hans, Claudia cravou o seu olhar em Yuri, que mal a tinha cumprimentado.

– Que menino tão bonito – disse Krista, admirando o gorducho recém-nascido vestido com saias brancas que olhava para o mundo com uns olhos muito abertos acabados de estreitar. – Tem muito cabelo – acrescentou, sorridente. Lançou um olhar fugaz à mãe e devolveu imediatamente à sua atenção ao bebé.

Claudia, porém, não desviou os olhos dos de Yuri, fitando-se ambos num desafio tenso.

– Sim – afirmou ela. – Muito cabelo e muito escuro. Não sei a quem poderá ter saído.

Yuri desviou o olhar por um instante, mas aqueles olhos atraíam-no como um íman. Claudia sorria-lhe. O seu amor por ele continuava tão vivo como dantes. Por isso lhe era insuportável saber que estava nos braços de outra, a beijar os lábios de outra, a beber o sabor de outra; os seus ciúmes encolerizavam-na, e tinha de se conter para não se atirar ao pescoço daquela dissimulada que lhe estava a arrebatara o que considerava seu.

Entretanto, Krista continuava a fazer festinhas ao bebé e falava como se procurasse uma razão para o aspeto pouco ariano do recém-nascido.

– As crianças podem mudar muito nestes primeiros meses. Irá certamente clareando com o tempo, ou talvez tenha saído a algum dos avós. É tão bonito e parece tão saudável – acrescentou, enquanto o observava, embevecida.

Yuri não era capaz de tirar os olhos de Claudia. A maternidade ficava-lhe muito bem. A sua voluptuosidade sensual, longe de se ter apagado com o parto, tinha aumentado; usava um vestido claro, cujo decote em bico insinuava a turgidez dos seios a deslizar pelo tecido, até à estreita cintura, vincando em seguida a curva perfeita das suas ancas. Na cabeça levava um elegante *canotier* com uma fita da mesma cor do vestido. Os seus lábios pintados com *rouge* contrastavam com a pele branca e lustrosa. A única coisa a ensombrar a sua beleza era a pregadeira que levava ao peito, uma suástica a servir de joia.

– Vamos, Krista – apelou Yuri, tentando não se mostrar indelicado. – Deixemos que a senhora Von Schönberg passeie com o seu filho.

– Sempre nos tratámos por tu, Yuri – observou Claudia, dulcificando o tom. – Não percas os bons costumes. Não mudei nada pelo facto de ser mãe.

Disse aquilo com uma ironia que o irritou pelo seu descaramento, mas Yuri não lhe respondeu; agarrou no braço de Krista e, com delicadeza e forçando um sorriso, conduziu-a ao interior do vestíbulo e começaram a subir as escadas.

– Não a suporto – murmurou, numa tentativa de desterrar o que o coração lhe indicava. – Estávamos muito melhor sem ela.

– É inofensiva, Yuri – disse Krista, tirando-lhe importância. – Nota-se bastante.

– O quê? O mau feitio que tem? – replicou ele, em tom de ironia.

– Não me digas que não te apercebeste de que está caidinha por ti?

Yuri parou, surpreendido; nunca lhe tinha falado na sua relação com Claudia.

– Não digas disparates.

– É que vê-se a léguas. Quando lhe confessei que estava apaixonada por ti, mudou por completo. Evita-me. Liguei várias

vezes para casa da mãe dela para saber como estava e nunca atendeu. Desterrou-me da sua vida. – Baixou a voz e aproximou-se dele, sorridente. – Vá lá, Yuri, não te faças de difícil. Não é de estranhar que as mulheres se apaixonem por ti. Eu fi-lo assim que te vi.

– É uma mulher casada – protestou ele, evitando os olhos de Krista.

– E então? As mulheres casadas deixam de ter sentimentos? O marido dela é uma placa de gelo, vê-se logo. Antipático e frio. – Fez-lhe uma carícia. Estava um degrau acima dele. – Nada a ver contigo, um espanhol tão caloroso e divertido.

– Lembro-te de que nas minhas veias corre sangue russo – disse ele, olhando-a finalmente nos olhos e envolvendo-lhe a cintura com os braços para a puxar para mais perto de si. – E os russos de calorosos têm pouco – acrescentou, arqueando as sobrancelhas em jeito de brincadeira –, e de divertidos nem te digo nada, a não ser que estejam até aos cabelos de *vodka*, aí sim, são divertidos.

– O problema da *frau* Von Schönberg é que eu fiquei com o bolo inteiro e não penso dar-lhe nem uma colherada.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços e beijou-o. Yuri deixou-se levar e sentiu a ternura dos seus lábios. Fechou os olhos, sem poder evitar pensar em Claudia. Estremeceu e afastou a boca, o que causou estranheza a Krista, mas uma voz de mulher vinda do primeiro patamar fê-los desviar a atenção. Olharam ambos para cima e recomeçaram a subir o lanço de escadas até chegarem ao primeiro andar. A porta dos Rothman estava escancarada e Ernestine dava ordens com maus modos a uma das empregadas que trabalhavam na confeitaria. Há seis meses que o senhor e a senhora Rothman se tinham despedido deles e rumado à Polónia na companhia de Lotte, a quem haviam acolhido como a uma filha. Desde então, a verdadeira filha, Ernestine Rothman, tornara-se dona e senhora da casa dos pais, a quem impedira de levar joias ou quaisquer luxos, permitindo-lhes apenas enfiar numa mala as suas roupas e alguns objetos pessoais desprovidos de qualquer valor que não fosse sentimental. O dinheiro que os Rothman tinham

no banco não pôde ser levantado, pois tinha sido imposto um bloqueio à conta sem que se conhecesse a razão do mesmo. Teriam de ter ficado mais tempo para averiguar e resolver o motivo de tal medida sobre as suas poupanças, e não havia tempo para isso: tinham de deixar imediatamente a Alemanha, pois pesava sobre Lilli a ameaça de uma possível detenção, informação essa que lhe fora proporcionada pela própria Ernestine, como se estivesse a fazer um grande favor à sua mãe ao avisá-la do perigo que se abatia sobre ela. Apesar da estrita vigilância estabelecida pela filha enquanto preparavam a bagagem, os Rothman tinham conseguido introduzir numa das malas uma quantia em dinheiro que guardavam em casa; além disso, deixaram assinada uma procuração em favor de Yuri para que, através de Volker e Villanueva, pudessem transferir as poupanças de toda uma vida para uma conta na Suíça assim que a do banco de ambos ficasse livre. Todos estes trâmites tinham sido feitos pelos Rothman nas costas de Ernestine, que estava cega na sua assombrosa perseguição à mãe pelo facto de ter ocultado à família a origem judia do seu avô, algo que não podia nem queria perdoar, ressentida pela sombra que essa circunstância tinha feito recair sobre si. Não obstante, o seu prometido, Oskar Urlacher, na qualidade de *Sturmscharführer* das SS, estava a preparar-lhe um falso certificado de pureza ariana através de um contacto que tinha no município. Em troca de uma quantia em dinheiro, podia tecer para Ernestine Rothman uns antecedentes de pureza de sangue impecáveis, fazendo desaparecer o apelido materno.

Ernestine dispensou a empregada no preciso momento em que Krista e Yuri chegavam ao patamar. A filha do pasteleiro dirigiu-se a eles com um sorriso falso.

– *Fräulein* Metzger, ia agora mesmo subir para a convidar a tomar um café amanhã, aqui em minha casa. Vamos reunir um grupo de amigos e teríamos todo o gosto em contar com a sua presença.

Ernestine vestia uma blusa branca e uma saia escura, o cabelo preso em duas tranças que lhe caíam pelos ombros até ao peito. Usava uma pregadeira de pescoço do serviço de trabalho do Reich

da mulher jovem e uma insígnia do partido com a suástica presa ao peito.

Os olhos de Krista pousaram na pregadeira. Ernestine deu-se conta e levou os dedos ao pescoço com uma expressão de orgulho.

– Desde há alguns dias que faço parte da Associação de Mulheres Nacional-Socialistas. Aceitaram-me e estou muito contente, *fräulein* Metzger. É esse o motivo do convite, quero celebrar. – Olhou por cima do ombro para Yuri, que esperava sem grande interesse ao cimo do lanço de escadas. Dirigiu-se a ele, forçando um sorriso. – Também pode vir, se quiser, mas vamos falar da Alemanha e do nosso futuro enquanto povo, de certeza que se irá aborrecer.

– Penso o mesmo, Ernestine – replicou ele com amabilidade.

– Mas a menina, *fräulein* Metzger – acrescentou ela, voltando os olhos entusiastas para Krista –, a menina não me pode falhar.

– Lamento, Ernestine, amanhã tenho um dia complicado.

– Peço-lhe, seria uma honra para mim recebê-la em minha casa. – Mostrou uma falsa perturbação. – Não quero pensar que me evita por causa da incómoda questão da minha mãe. Não sei se sabe que estou a fazer todos os possíveis para resolver esse preconceito tão grande. Entenda, eu não quero ser diferente...

– Não – interrompeu Krista, indignada. – De modo algum. Como te passa pela cabeça pensar algo assim? Não me importa de todo a ascendência judia da tua mãe.

– Pois devia – acrescentou a outra, de rosto carrancudo como se a estivesse a advertir. – Tem toda a lógica que o alemão puro sinta repulsa por esses porcos. Pode estar certa de que eu o faço, repudio-os e odeio-os, são lixo...

– Não devias falar assim.

– Porque não haveria de fazê-lo? É a verdade. – Após alguns tensos segundos, mudou de expressão e tentou argumentar. – A mim, este assunto da que foi minha mãe causou-me problemas terríveis que estou a tentar resolver da melhor maneira possível. No mês que vem, casarei com o meu prometido e poderei finalmente estar tranquila. O meu futuro marido e eu vamos viver aqui, nesta

casa, e continuaremos a ser vizinhas. Por isso gostaria tanto que estivesse na nossa reunião, *fräulein* Metzger, far-me-ia muito feliz... Por favor, imploro-lhe. Aceite o meu convite.

Krista olhou para Yuri, que desviou imediatamente o olhar e continuou a subir os degraus da escadaria de madeira a passos lentos, afastando-se dela.

– Está bem – aquiesceu, incapaz de responder com uma recusa, que era o que realmente queria fazer. – Darei cá um salto.

Princípio da unanimidade

Convencer muitas pessoas de que pensam «como toda a gente», criando uma impressão de unanimidade.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

No dia seguinte, Krista bateu à porta de Ernestine Rothman alguns minutos depois das sete da tarde. Tinha-se despedido de Yuri prometendo-lhe que daí a uma hora estaria de regresso. Haviam combinado encontrar-se com Nicole e Fritz para uma ida ao teatro seguida de jantar. Ernestine abriu-lhe a porta e conduziu-a ao salão, onde se deparou com um jovem vestindo o uniforme pardo das SA. Nesse exato momento, arrependeu-se de ter aceitado o convite.

Ernestine dirigiu-se ao SA com gestos de exagerada amabilidade que se tornavam falsos.

– *Fräulein* Metzger, apresento-lhe Franz Kahler, o irmão da senhora Von Schönberg.

Franz aproximou-se de Krista, olhando-a fixamente. Pegou-lhe delicadamente na mão e, sem chegar a tocar-lhe, levou-a aos lábios num gesto cavalheiresco, fascinado pelos olhos da recém-chegada.

– É um prazer conhecê-la, *fräulein* Metzger. Ou posso tratá-la por Krista?

- Pode tratar-me como quiser, *herr* Kahler.
- Franz, por favor, trate-me simplesmente por Franz.

Krista soltou a mão. Sentia-se incomodada.

– Os outros convidados não tardarão a chegar. – A anfitriã tinha reparado na contrariedade de Krista. – Sente-se, por favor, *fräulein* Metzger. Deixo-a em boa companhia. Entretanto, vou preparar o café que lhes servirei com alguns dos meus melhores pastéis.

Krista moveu-se pelo salão, sem saber muito bem o que fazer ou o que dizer.

Nesse preciso instante, Claudia subia, com passos sigilosos, às águas-furtadas.

O convite para casa de Ernestine Rothman tinha sido obra sua, uma cilada urdida para ter a oportunidade de se encontrar a sós com Yuri. Claudia sabia que Yuri jamais assistiria a uma reunião de nazis, e sabia também que Krista não se podia recusar a aceitar o convite se não queria que lhe imputassem preconceitos que não tinha. Sabia muito bem que a filha da viúva era demasiado honesta, demasiado honrada e com princípios inabaláveis. Por outro lado, Ernestine Rothman idolatrava Claudia Kahler, enquanto Claudia a considerava uma estúpida fácil de manipular e muito maleável de utilizar em benefício próprio.

Yuri abriu a porta, julgando que Krista tinha pensado melhor e decidira não ir a essa reunião de patriotas, e ficou surpreendido ao ver Claudia.

- O que queres? – perguntou, sem se afastar da soleira.
- Deixa-me entrar, por favor, temos de falar.
- Vai-te embora, Claudia. Tu e eu não temos nada para dizer um ao outro... Já não.
- Será só um minuto, Yuri, por favor...

Ele ficou indeciso. Temia a sua própria reação e não queria cair naquela bela armadilha, mas também receava que a viúva saísse e a pudesse ver ali, pelo que acabou por ceder e por deixá-la entrar. Depois de fechar a porta, encurralou Claudia contra ela para impedir que desse um só passo em direção ao interior. Deste modo, os seus rostos ficaram muito juntos, mas Yuri nada fez para

alterar a postura e manteve o braço erguido com a mão apoiada contra a parede sobre a sua cabeça.

– Não devias estar aqui.

– Cometi um erro. Devia ter aceitado a tua proposta.

Yuri sentiu uma pontada no peito. Sabia que não podia deixar-se levar pelo fluxo interior que despertava os seus sentimentos mais profundos, ciente de que o que sentia por aquela mulher era impossível, um amor inalcançável, pois nenhum dos dois era dono do seu destino; também ele não o era já, dedicado a outra mulher a quem devia respeito.

– Lamento, Claudia, mas é demasiado tarde para isso.

– Deixaste de me amar?

– Não fui eu quem decidi desaparecer.

– Estava grávida – desculpou-se ela, sabendo que não fora essa a verdadeira razão por que se tinha visto obrigada a distanciar-se dele.

– Escolheste afastar-te de mim, Claudia, e eu aceitei a tua decisão. Agora, cabe-te a ti aceitar a minha, que não é outra senão a Krista.

– Já pensaste que o filho pode ser teu?

Yuri arqueou as sobrancelhas, quase sem se alterar.

– E se assim fosse, mudaria alguma coisa? O que queres, que o reconheça? Como achas que o teu marido lidaria com isso? A mim, decerto me enfiava num daqueles campos que inspeciona... Pergunto-me o que faria contigo e com o teu filho.

– O meu marido não tem nada a ver connosco. Isto é entre nós os dois. Não consigo parar de pensar em ti, e estou convencida de que também tu não conseguiste esquecer-me.

– Que importa isso? Se houve algo entre nós, acabou no momento em que a Krista apareceu na minha vida. O meu amor por ela é sincero.

– Não acredito.

– Quer acredites ou não, não mudará as coisas.

– Não é possível que tenhas esquecido o quanto nos amamos.

– A voz de Claudia desfazia-se nos seus lábios, melosa, suplicante.

Yuri sentiu que a sua firmeza vacilava.

– Claudia... tu e eu... – Estava confuso, não sabia que palavras utilizar, o que dizer e o que calar. Não queria magoá-la, mas também não lhe podia dar o que ela pedia, não agora, com Krista na sua vida. – Ainda que quisesse, não poderia... já não... A Krista ocupa agora o vazio que tu deixaste...

– Ouve bem, Yuri: ninguém poderá amar-te como eu te amo. Poderá apaixonar-se, mas jamais poderá sentir o que eu sinto por ti.

– Não posso ter-te – protestou ele, angustiado. – Pertences a outro homem, vives num mundo oposto ao meu. Tu e eu não temos nada em comum, somos como a noite e o dia.

– A noite e o dia complementam-se, são ambos necessários, não podem existir um sem o outro, será que não entendes? Eu preciso de ti, não poderás apartar-te de mim... Nunca.

Yuri fechou os olhos. Custava-lhe lutar contra sentimentos que não podia nem devia admitir. Claudia apercebeu-se da sua fraqueza e aproveitou para insistir.

– Não me deixes, Yuri... És tudo para mim...

O tom suplicante desfazia as poucas forças que lhe restavam. Yuri sentiu que a sua pulsação disparava, como um aviso de perigo. Abriu os olhos e a sua voz saiu num ligeiro sussurro, fugida dos seus lábios.

– Para, Claudia, por favor, para...

Ela susteram-se o olhar.

– Não renunciarei a ti, Yuri. Não posso fazê-lo.

Permaneciam imóveis, frente a frente, os seus corpos muito próximos, palpitantes. Yuri sentiu um desejo irrefreável de a beijar, que competia com uma voz no seu interior que clamava que não o fizesse, que fugisse dali, que ainda ia a tempo de soltar aquela fixação que o arrastaria irremediavelmente para um profundo abismo do qual lhe custaria sair. Mas o canto de sereia já se tinha instalado na sua cabeça quando Claudia aproximou a boca. Assim que os seus lábios carnudos roçaram os dele, desencadeou-se um fogo palpitar no seu interior. Yuri fechou os olhos, como se quisesse apagar a luz da sua consciência. As línguas enredaram-se, as respirações aceleraram, descompassadas, os corpos

chocaram entre si num afã de se encontrarem, de se procurarem com uma ânsia salaz. Rodaram pelo chão, mas, ao pôr-se em cima dela, Yuri fitou-a e parou. Durante longos segundos, olharam-se como numa cena paralisada no tempo. Só os seus peitos se moviam, ao ritmo da respiração acelerada. Yuri sentou-se ao lado de Claudia e escondeu o rosto nas mãos, puxando os cabelos desgrenhados.

– Desculpa... Desculpa, Claudia, não devia... Desculpa...

Levantou-se de um salto. Ela ficou estendida na fofa alcatifa de lã. Fitava-o entre o espanto e o desespero, aturdida, sem assimilar o que tinha acontecido. Yuri contemplava-a, absorto. Era tão bela... A saia um pouco subida, mostrando parte das coxas, a blusa desapertada, com o peito a descoberto, o cabelo desgrenhado. Estendeu-lhe a mão, mas ela levantou-se sozinha, rejeitando a ajuda. Abotoou a blusa sem olhar para ele. Endireitou a saia, ajeitou a cinta de ligas e as meias e compôs o cabelo. O seu rosto era o espelho da contrariedade, da incompreensão, da raiva.

– Não penso resignar-me, Yuri. Recuso-me a perder-te. Juro que lutarei por ti com todos os meios que tiver ao meu alcance.

– Não o faças, Claudia. O que houve entre nós foi demasiado belo para aviltar a sua memória por algo que ambos sabemos ser impossível. Tento fazer o que me pediste: esquecer o que houve entre nós... Esquece-me tu também, Claudia... Tens de o fazer.

Ela ergueu a mão e acariciou-lhe a face, sorrindo.

– Pedes-me que deixe de respirar, e isso significa a morte. Não entendes?

– Afasta-te de nós... Deixa-nos viver em paz.

Claudia nada disse, fitou-o longamente, com um sorriso nos lábios. Em seguida, abriu a porta, saiu para o patamar e parou por um instante. Sentiu que, atrás de si, a porta se fechava lentamente. Ao fim de alguns segundos, respirou fundo e começou a descer as escadas até ao primeiro andar.

Yuri ficou agarrado à maçaneta, tentando recuperar a calma. Tinha o coração acelerado. A excitação levou-o ao lavatório; molhou o rosto com água fria. Ao ver a sua imagem no espelho,

abaniu a cabeça, censurando-se por não ter parado mais cedo. Sem se limpar, dirigiu-se ao cadeirão e deixou-se cair, abatido.

Entretanto, Claudia tinha chegado ao andar dos Rothman. Tocou à campainha e esperou. Foi a própria Ernestine que lhe abriu a porta, não se privando de elogios e lisonjas; Claudia mal lhe prestou atenção. Durante esse período, tinham chegado Oskar Urlacher, o noivo da anfitriã, acompanhado por dois outros oficiais das SS, amigos de Oskar desde a escola. Franz fitava-os com inveja: o tosco uniforme pardo das SA nada tinha a ver com o elegante traje preto de corte impecável e feito à medida das SS. O seu objetivo era entrar para as *Schutzstaffel*. Já o tinha sugerido ao seu cunhado Ulrich, que lhe tinha pedido paciência.

Quando entrou no salão onde estavam todos os convidados, Claudia lançou um olhar pérfido a Krista. Não podia evitar sentir um ódio irracional por aquela mulher que não tinha feito mais nada além de se apaixonar. Krista notara um claro distanciamento desde o dia em que Claudia a tinha levado de carro ao La Charité, e entendeu que sentia ciúmes da sua relação com Yuri; não lhe deu grande importância, mas não teve outro remédio a não ser admitir alguns dos escrúpulos que se vertiam sobre ela e os seus maus modos. Esboçou-lhe um sorriso e Claudia retribuiu-lho, deleitando-se com o sabor dos lábios de Yuri.

Os convidados tinham-se ido distribuindo pelas poltronas e cadeirões que rodeavam uma mesa de centro onde a anfitriã havia colocado uma enorme bandeja de pastéis recheados e outra com um bolo de laranja fatiado, além de chávenas de café para todos. Com uma voz estridente e demasiado alta para o gosto de Claudia, Ernestine contava que, nos últimos tempos, tinham notado uma escassez na cooperativa a que pertencia para a compra de açúcar e de farinha para a sua pastelaria (já considerava tudo seu, a loja, a casa e aquilo que nela havia, como se os seus pais tivessem desaparecido, desvanecidos, mortos, e ela tivesse herdado tudo), e que os preços eram cada vez mais exorbitantes.

– Acontece que a grande maioria dos vendedores de açúcar e de farinha são judeus – explicou enquanto servia o café. – São eles que controlam o preço. Procuram apenas o seu próprio

enriquecimento, não lhes interessa o benefício do povo alemão. É revoltante.

– Trataremos disso, não tens por que te preocupar, Ernestine – afirmou Franz. Ela fitou-o com simpatia; o mero facto de lhe dirigir a palavra fazia-a sentir-se importante. – Acabaremos com essa situação insustentável, e o açúcar e a farinha para os teus pastéis voltarão ao mercado livre, arrancado às sujas mãos dos judeus.

Oskar, o noivo da anfitriã, interveio pomposamente:

– Não é só o açúcar, muito pior é a imprensa, que continua nas mãos de indesejáveis e à qual é permitido injuriar o nosso *Führer* e difamar a nossa pátria sem que ninguém o impeça. Muito em breve, conseguiremos fazer com que toda essa escória que se intromete e semeia o ódio entre os cidadãos seja varrida para sempre da nossa sociedade.

– Neste país, a única coisa que se deveria ler é a magnífica obra do nosso *Führer* – acrescentou o *Sturmscharführer* SS que aparentava ter mais idade. – Se todos os bons alemães lessem *A Minha Luta*, tudo correria muito melhor.

– Já o leste, Krista? – perguntou Claudia, com a clara intenção de a expor.

– Não, não tive tempo – respondeu ela com naturalidade. – Tenho estado muito ocupada.

– Temos de resolver isso, *fräulein* Metzger – disse o *Sturmscharführer* SS. – Nenhum alemão que se preze pode deixar de ler essa joia.

– Não o dirá pela sua narrativa. – Krista foi incapaz de se calar. – Gente muito instruída e em cujo critério confio transmitiu-me que é nefasta.

Todos os olhares se concentraram nela.

– A superioridade do discurso está muito acima da escrita – acrescentou o subtenente.

– Não negará que a nossa língua merece o melhor dos tratamentos, sobretudo da parte de alguém que pretende liderar um país como a Alemanha.

O semblante arisco dos comensais inquietou Krista.

– Talvez, *fräulein* Metzger, pudesse esclarecer-nos a razão que a levou a fazer tal consideração – inquiriu Oskar. O seu tom rude tinha um claro efeito intimidatório. – Será muito interessante escutá-la.

Krista falara de mais diante de gente que não conhecia. Aqueles homens podiam prejudicá-la, se não agisse com prudência. Decidiu fazer marcha-atrás.

– A verdade é que não posso opinar – acrescentou, entristecida, porque se sentiu cobarde. – Como lhe disse, não tive oportunidade de o ler.

– Pois devia – repetiu o sargento das SS, ufano ao sentir que a tinham vergado –, em vez de se deixar levar pelas falácias e pelos boatos que correm por aí com o único objetivo de injuriar o nosso *Führer*, um grande homem, alguém puro e autêntico, o nosso líder.

– Um ser perfeito que Deus nos enviou para salvar a Alemanha – interveio Ernestine, enfatuada. – Por isso devemos amá-lo. Graças ao nosso *Führer*, o futuro está finalmente nas nossas mãos...

– Devia ter atenção às suas companhias e às opiniões às quais dá crédito – interrompeu Oskar, incomodado com o protagonismo da sua prometida. – É uma mulher ariana, muito valiosa para a nossa pátria, não deve cair no lodo dos inimigos da nação.

– Terei de arranjar tempo para o ler e formar a minha própria opinião – concluiu Krista, sentindo que a saliva se lhe azedava na boca.

Franz observava-a, embevecido. Aquela mulher tinha-o deslumbrado; atraía-o poderosamente aquele carácter selvagem, livre, convicto de que, sob o seu domínio, poderia vergá-lo e subjugá-lo. Decidiu conquistá-la. Seria um desafio.

– *Fräulein* Metzger, consta-me que aquele estrangeiro que é inquilino da sua mãe anda a namoriscar consigo.

Krista olhou para Franz sem esconder o seu desagrado com a pergunta.

– Isto começa a parecer um interrogatório – observou, com um sorriso sardónico, enquanto depositava a sua chávena de café em cima da mesa. – Lamento, *herr* Kahler, mas não creio que tenha de

lhe prestar contas de com quem me relaciono. – Lançou um olhar desafiador a todos. – Estamos num país livre, não é verdade?

A sua pergunta ficou sem resposta, interrompida pelo rugir da campainha.

– Não sei quem possa ser – observou Ernestine, levantando-se.
– Não estou à espera de mais ninguém.

Era Yuri quem tocava, reclamando a presença de Krista. Ela ouviu a sua voz no salão e correu para o vestíbulo.

– Krista, a Nicole acaba de ligar. É o Fritz.

Nicole estava uma pilha de nervos. Trémula e à beira das lágrimas, explicou-lhes o sucedido.

– Ligou-me um colega do Fritz. A meio da tarde, entraram vinte homens na redação com grande violência e prenderam-nos a todos. Ele conseguiu fugir por uma janela, mas teme pela vida. Tenho medo, Yuri. Disse-me que deram uma tarefa brutal ao Fritz, que o levaram muito maltratado... Não sei onde ir nem o que fazer.
– Desatou a chorar.

Krista abraçou-a e tentou consolá-la, sabendo que não havia consolo para aquela incerteza. Conduziu-a a um cadeirão e ambas se sentaram. Nicole pôs as mãos na barriga já um pouco saliente, como se quisesse proteger o seu bebé da sombra da tragédia. Krista estendeu-lhe um lenço para limpar as lágrimas.

Entretanto, de pé no meio da sala, com uma mão no bolso e a outra na nuca, Yuri observava-as, pensativo, paralisado, sem saber como reagir. Procurava uma solução, algo a fazer, algo a dizer. Sabia por experiência própria que era difícil localizar um detido, e ainda mais se a detenção tivesse sido realizada pela Gestapo, como parecia ter sido o caso. Pensou em Villanueva. Era o único que o poderia ajudar.

Dirigiu-se ao telefone e marcou o seu número, mas ninguém atendeu ao fim de várias tentativas.

– Passarei por sua casa – anunciou ele, pousando o auricular. Virou-se para Krista. – Fica com ela.

Yuri conduziu o seu *Ford* pelas movimentadas ruas de Berlim, rumo ao apartamento de Villanueva na Tiergartenstrasse. Era sexta-feira, e sabia que nas tardes de sexta-feira Erich costumava ficar em casa. Estava nervoso e muito preocupado. Sempre receara aquele momento; há meses que a detenção de Fritz era mais do que uma possibilidade remota, embora se tivesse ido livrando daquele flagelo. Uma vez confirmada a gravidez de Nicole, Fritz tomara finalmente a decisão de sair do país no início de agosto, rumo à América: instalar-se-ia em Washington, a cidade natal da mulher, com a ideia de que a luta contra o nazismo e as políticas que estavam a ser implementadas pela mão de Hitler tinha de ser travada também no estrangeiro. Faltavam-lhe pouco mais de dois meses de estadia em Berlim. Sendo casado com uma norte-americana, não poriam qualquer entrave à sua entrada no país onde, em finais do ano, nasceria o seu primeiro filho.

Aqueles projetos, que agora pareciam despedaçar-se, rondavam a mente inquieta de Yuri quando chegou ao seu destino. Estacionou o carro mesmo à porta. O porteiro estava encostado ao eixo do soberbo portão. Ficou surpreendido ao vê-lo e levantou-se, como se, além de inesperada, a sua presença ali não fosse conveniente.

– *Herr* Villanueva está em casa? – perguntou Yuri precipitadamente. – Tenho de o ver com urgência.

O porteiro, perturbado, balbuciou, indeciso.

– Sim... Bem... *herr* Villanueva está em casa... mas... não sei se...

Yuri já não o escutava, pois tinha-se precipitado para o interior do vestíbulo. Ignorando o elevador, começou a subir os degraus dois a dois até chegar ao segundo andar, com o coração a palpitar aceleradamente. A preocupação com a sorte do seu amigo pesava-lhe na consciência como uma laje. «Devia tê-lo incitado a sair do país muito mais cedo», dizia a si mesmo com uma fúria contida. Bateu insistentemente à porta, tocando à campainha e batendo com os nós dos dedos, com uma ênfase urgente. Imaginava que pudesse estar na companhia de uma mulher, de alguma das amiguinhas com que se passeava por receções e festas, sempre

jovens e de uma beleza espetacular; não sabia como fazia (e ele também nunca lhe tinha querido confessar o segredo) para que mulheres assim se pendurassem do seu braço, deixando-se exibir como um troféu.

Quando a porta se abriu, Yuri empurrou-a sem contemplações e entrou no vestíbulo, plantando-se diante de um Villanueva desconcertado, descalço, vestido com um roupão de seda grená desapertado que deixava ver o seu peito nu e as cuecas brancas que vestia. Passou a mão pelo cabelo despenteado, como se acabasse de sair da cama.

– O que se passa? – perguntou, num tom irritado de que Yuri nem sequer se apercebeu.

– Erich, preciso da sua ajuda. – Falava aos tropeções, nervoso.
– Trata-se do meu amigo Fritz, o jornalista. Foi preso pela Gestapo e, se não agirmos em breve, temo que lhe aconteça algo irremediável.

– E que raio achas tu que eu posso fazer? – perguntou o outro, atónito e ainda mais aborrecido.

– Conhece um advogado – insistiu Yuri. – Disse-me uma vez que tinha conseguido libertar vários políticos socialistas.

– O teu amigo Fritz não é um político socialista.

– Erich, só o tenho a si. Não sei a quem recorrer. Por favor, dê-me o contacto...

Calou-se, pois nesse momento ouviu-se o barulho de uma porta. Irremediavelmente, os olhares de ambos dirigiram-se para o corredor que se abria a partir do amplo vestíbulo; Yuri olhou por cima do ombro de Villanueva e este virou a cabeça na mesma direção. Um rapaz de apenas vinte anos, completamente nu, muito louro, de corpo branco e estranhamente inocente, magro e vigoroso, surgiu do corredor em bicos de pés, qual criança a fugir do seu esconderijo. Ao ver-se descoberto, parou por alguns segundos, cobrindo o membro com a mão; em seguida, abriu os lábios finos num sorriso cúmplice e ergueu a outra mão para os cumprimentar com um gesto entre o zombeteiro e o pícaro antes de desaparecer num dos quartos.

Yuri olhou para Villanueva, que se mantinha de olhos postos no corredor agora vazio, até que, finalmente, enfrentou o seu olhar com um longo e profundo suspiro, como se soltasse todo o peso retido no seu interior. Com uma expressão solene no rosto, indicou-lhe com o braço a porta do seu escritório.

– Será melhor que entres. – Cruzou o roupão sobre o corpo para apertar o laço em redor da cintura. – Devo-te uma explicação.

– Não tem porque me dar. É um assunto que não me diz respeito – respondeu Yuri, incomodado com a situação.

– Mas quero fazê-lo. Chegou a hora de saberes como realmente sou.

A passos lentos, interrompido qualquer assunto urgente, preso numa estranha rede de confusão, acederam ao vistoso escritório. O anfitrião fechou a porta e convidou Yuri a sentar-se numa das cadeiras que estavam em frente à secretária. Dirigiu-se a um adornado móvel-bar em madeira, encheu dois copos de absinto e, portando-os um em cada mão, entregou um deles a Yuri, que lhe pegou e o esvaziou de uma penada; o seu rosto contraiu-se, saboreando o intenso gosto do licor. Villanueva, porém, pôs o seu em cima da mesa sem o chegar a provar, como se quisesse manter a mente fresca para falar. Em seguida, sentou-se na outra cadeira e os dois homens ficaram frente a frente nas suas respetivas poltronas. Yuri não pôde deixar de olhar para as suas pernas nuas, para os joelhos ossudos, cobertos de finos pelos claros, para os pés descalços, bem colados à macia alcatifa que tinha debaixo das plantas, como se lhe agradasse o toque da lã. Nunca antes o vira assim.

Villanueva confessou-lhe a sua homossexualidade, uma tendência que sentia desde adolescente e que tentara abandonar, inclusive através de um casamento, aterrado com a possibilidade de a verdade vir à tona.

– Durante os primeiros anos de casamento, as coisas na minha cabeça pareceram acalmar, a minha vida parecia encaminhada, preservada numa família de aspeto normal. Mas então nasceu o meu filho e o afastamento da minha mulher foi inevitável, era tão pouco o que nos unia... Comecei a ir a locais onde havia homens

como eu... – Abriu os braços e agitou as mãos no ar, como se procurasse os termos certos para se exprimir. – Não te sei explicar... Era um desejo irrefreável, parte de mim rejeitava as minhas preferências sexuais, mas havia outra, mais potente, que se revoltava contra essa negação da realidade dos meus verdadeiros sentimentos. Gosto de homens, Yuri – afirmou, como se ditasse uma sentença. – Não de todos os homens – salientou. – Tal como tu gostas de mulheres, mas não as levarias a todas para a cama. O amor é imprevisível. Cheguei à conclusão de que é assim que as coisas funcionam, e de que lutar contra elas é lutar contra a nossa própria natureza.

Yuri observava-o atentamente. A curiosidade tinha conseguido temperar a inquietude que o levava até ali. Villanueva reclamava o direito e a necessidade de se explicar, e ele tinha o desejo de entender o que havia por detrás da fachada construída por aquele homem a quem começara a estimar e a quem considerava quase um pai benfeitor. Villanueva continuou, em tom suave:

– Com o tempo, voltei a recuperar a relação com o homem que tinha abandonado para me casar e a quem nunca deixei de amar. Tudo corria mais ou menos bem. Levava uma vida dupla: aos olhos do mundo, tinha a minha esposa, o meu filho, a família; dentro de portas, tinha o amor, o verdadeiro amor... Mas algo correu mal, cometemos um erro, descuidámo-nos, e a minha mulher descobriu. O pior de tudo foi que contou ao meu filho. – Mantivera-se cabisbaixo e, ao erguer o rosto, Yuri estremeceu ao ver um esgar de profunda amargura nas suas feições. – Não imaginas a vergonha que senti, como me fez sentir desprezível... Tenho gravado o olhar do meu filho... Jamais poderei esquecer a sua aversão, a sua repulsa por mim, como se estivesse diante de um empestado cheio de chagas e pústulas. Era apenas uma criança que não entendia o que se estava a passar, mas ela acirrou-o contra mim numa vingança impiedosa. – Baixou novamente o queixo para o peito e, por alguns segundos, manteve-se em silêncio; engoliu a emoção e continuou a falar. – A minha mulher fez-me uma proposta, ou, para ser mais exato, uma chantagem, algo que o meu filho aprovou sem reservas à medida que foi

crescendo. Em troca do seu silêncio, de não armar um escândalo, divorciámo-nos de forma amigável e eles partiram de Berlim para se afastarem de mim e não terem de me ver. Desde então, vivem em Hamburgo, como sabes, numa casa paga por mim, ao que há que juntar uma quantidade de dinheiro para os sustentar que pago pontualmente todos os meses. – Subitamente, soltou uma gargalhada afetada. – O pior de tudo é que, desde há cinco anos, a minha mulher vive com outro na casa que eu continuo a pagar e leva uma vida de luxo com o dinheiro que eu lhe envio.

– E o tal homem? – perguntou Yuri, ouvindo a sua voz com rubor, como se um pensamento se tivesse escapulado sem querer dos seus lábios entreabertos.

– Morreu... – A voz de Villanueva adquiriu profundidade. – Suicidou-se... Não conseguiu aguentar a pressão... Não conseguiu... É o preço de ser como sou, do «meu ominoso e sujo defeito», como lhe chama a minha mulher. Se a tivesse enganado com cem mulheres, ter-lhe-ia doído menos, mas isto... Não podia suportar, dizia... Continua a dizê-lo, embora nunca mais a tenha voltado a ver desde há mais de dez anos. Se me liga, é só para pedir alguma coisa, e acaba sempre por me atirar com a mesma peçonha: que sou um ser repugnante, antinatural, um depravado.

Yuri tentava assimilar a situação. Jamais teria imaginado aquilo de Erich Villanueva, daí a sua perplexidade.

– Eu... – balbuciou, sem saber muito bem o que dizer. – Lamento muito... – Fez-se um silêncio cúmplice entre eles. Yuri ergueu a mão e agitou-a no ar, com uma expressão pensativa. – Pensou que o escândalo também os afetaria a eles?

– Na Alemanha, ser homossexual é um crime punível com prisão e com a perda dos direitos civis. Sempre assim foi, ainda que, na maioria dos casos, se costumasse fazer vista grossa, desde que não se exibisse demasiado essa condição. Mas desde que este bando de cafres está no governo, a minha homossexualidade deixou de ser apenas um crime, poderia também custar-me a vida. Isto não é só contra os judeus ou os comunistas; os homossexuais também entram no saco nazi da escória. Não estão dispostos a ver manchado o ideal de

masculinidade do homem ariano. Há tanta hipocrisia... Surpreender-te-ia quem está metido nisto... Muitos deles são os mesmos que depois nos atacam com violência... Que paradoxo. – Calou-se por um instante, com o rosto taciturno. – O meu filho entrou para as SS; no verão passado, recebi uma carta escrita pelo seu próprio punho a exigir-me um pagamento exclusivo para ele. Como é evidente, acedi e entrego-lhe quase o dobro do que envio à mãe. A ameaça é mais clara agora do que há um ano. – Riu-se desoladamente. – Saíram-me muito calculistas.

– Diz muito pouco em favor deles que mantenham uma situação destas durante tanto tempo.

– Para te dizer a verdade, estou-me a borrifar para os dois. Se me cruzasse com o meu filho, nem sequer o reconheceria – disse Villanueva, esboçando um esgar maquiavélico. – Achem que tudo o que lhes envio sai do meu salário da embaixada e de algum negócio esporádico que faço de vez em quando; portanto apertam-me, mas não me sufocam. Desconhecem que as quantias que lhes envio são uma esmola, comparadas ao que podiam chegar a pedir-me... Ah, se soubessem! – Arqueou as sobrancelhas e, pela primeira vez, demonstrou algum regozijo. – Graças a essa chantagem familiar, e com a imperiosa necessidade de procurar rendimentos extra, conheci o Volker e entrei em negócios que me proporcionaram muito dinheiro, dinheiro esse do qual posso garantir que não verão um único marco. Sou rico, e com dinheiro, meu querido Yuri, quase tudo se suporta, até uma família de abutres.

Villanueva pegou no copo de absinto e bebeu até o esvaziar. Saboreou-o por alguns segundos, como se o licor lhe limpasse a consciência.

– Dão para tanto, as viagens à Suíça? – perguntou Yuri, sem poder acreditar.

Villanueva desatou a rir.

– Esse é mais um dos negócios que surgiram nos últimos tempos. Talvez um dia te conte tudo aquilo em que ando metido, ficarias surpreendido, ainda que não sei se agradavelmente. Mas

imagino que o mais urgente neste momento seja a sorte do teu amigo.

– Vai ajudar-me com o Fritz?

– Os jornalistas que, como o teu amigo, se atrevem a dizer a verdade num país onde a liberdade de expressão é proibida, castigada e perseguida, mais do que heróis, são suicidas. Não se apercebem do perigo da corda que se vai urdindo em seu redor até que, um dia, o nó se aperta à volta dos seus pescoços e já não conseguem respirar.

– É possível desatá-lo? – murmurou Yuri, circunspecto.

Villanueva esboçou um sorriso.

– Nada é impossível enquanto eu estiver vivo.

Levantou-se e dirigiu-se ao outro lado da secretária, puxando as lapelas do roupão para o peito e apertando o nó do cinto. Sentou-se no cadeirão, abriu uma agenda, procurou entre as suas páginas e pegou no auricular do telefone. Falou com o seu interlocutor, olhando de vez em quando para Yuri. Apertou os lábios, como se o outro recusasse, insistiu e finalmente desligou. Deu-lhe o nome e a morada.

– Aviso-te já de que este tipo não é nenhuma irmã da caridade. É um osso duro de roer, não vai ser fácil convencê-lo a ajudar-te. Aceitou receber-te porque me deve favores, mas adiantou-me já que não se compromete com nada. É cada vez mais arriscado, não só defender, mas mostrar sequer interesse por algum detido, seja qual for a causa da sua detenção. Em todo o caso, Yuri, deves saber que, se fizer alguma coisa em prol do teu amigo jornalista, fá-lo-á assumindo um risco muito alto, e isso paga-se bem caro.

– Tê-lo-ei em conta – assentiu Yuri, levantando-se e lançando-lhe um olhar carregado de afeto. – Erich... Não sei como lhe agradecer... – Procurava as palavras. – É importante que saiba a estima que lhe tenho, que, para mim... – Encolheu os ombros, comovido. – Nada mudou... Queria que soubesse disso.

O outro sorriu abertamente, também agradecido.

– Boa sorte, Yuri, temo que tu e o teu amigo vão precisar.

Yuri desceu as escadas a correr, com o nome, a rua e o número de porta na cabeça; passou diante do porteiro, que o observou,

tentando decifrar alguma reação no seu rosto. A ele, não lhe interessava minimamente o que acontecia naquela casa. *Herr Villanueva* dava-lhe uma boa gorjeta para manter a boca fechada, e era isso que ele fazia. Encostou-se ao eixo da porta e ficou a ver como o carro de Yuri Santacruz se afastava.

Entretanto, Villanueva manteve-se imóvel, sentado no seu escritório, pensativo. Tinha uma confiança cega em Yuri e havia-se até afeiçoado muito a ele; era leal, discreto e mantinha intactos os seus ideais, razão pela qual jamais lhe contaria toda a verdade sobre alguns dos seus negócios, os mais sujos, os mais miseráveis, os que se escondiam sob a ostentação do luxo, do caviar, das luzes, da música, do perfume e da etiqueta. Explorar os baixos instintos e as perversões desenfreadas valia-lhe grandes benefícios, ainda que tivesse de tapar o nariz para evitar a podridão que aquilo emanava. Estava convencido de que Yuri tinha compreendido e assimilado a sua fraqueza, o seu vício, o seu defeito, os seus sentimentos, ao fim e ao cabo, mas jamais lhe confessaria a parte mais dúbia do seu negócio, repetiu para consigo, não era algo de que se devesse vangloriar.

Essa parte da sua vida, só Volker Finckenstein a conhecia. Devia muito a esse homem.

Erich Villanueva conheceu Volker Finckenstein em finais de 1922, poucos meses depois de se ter divorciado da mulher. A desvalorização galopante do marco alemão tinha-o deixado em graves dificuldades económicas, tal como à maioria dos alemães, para quem o dinheiro não servia senão para acender o fogão. Os mais ávidos começaram a investir em ações, o único investimento que conseguia acompanhar o ritmo transbordante da inflação. Alemães de todas as classes e condições converteram-se da noite para o dia em acionistas. Ganhavam grandes quantidades de dinheiro em muito pouco tempo, tal como podiam perdê-lo em poucos minutos. Mas os que acertassem no investimento tornavam-se milionários. Alguns souberam manter e proteger a sua riqueza, ainda que muitos dos novos-ricos – na grande maioria,

jovens imberbes com pouca visão de futuro – se tenham dedicado a delapidar o que haviam conquistado sem nenhum esforço. Começaram a gastar de forma descontrolada. Berlim tornou-se terreno fértil para o epicurismo e a diversão desenfreada; acima de tudo, tratava-se de viver o presente sem olhar para o tão incerto futuro. As pessoas queriam sair, dançar, desfrutar, e a cidade encheu-se de bares, clubes, casinos, cafés, salões de festas, cabarés dedicados a homens, mulheres e travestis, como os célebres cinco locais do Eldorado, onde iam desde o líder das SA, Ernst Röhm, a Marlene Dietrich. Tudo servia, tudo era negócio, o negócio do prazer efêmero. Cumpria-se a máxima «vive e deixa viver». A memória da guerra, com todo o sofrimento e as perdas provocadas, e também a difícil situação económica, social e política dos anos seguintes, aumentaram na população essa sensação de um presente instável, onde a vida pouco ou nada valia. Villanueva era um dos que tinham conseguido dinheiro rápido na Bolsa, mas temia perdê-lo e procurava uma forma mais sólida de investir o capital acumulado na sua conta bancária. Foi então que Volker Finckenstein se cruzou no seu caminho.

A Villanueva, aquele homem algo mais novo do que ele, elegante, com muita classe e mais jeito para as pessoas do que ele próprio, agradou-lhe desde o início. Falava várias línguas e tinha um encanto especial. Oriundo da Suíça, Volker residia há pouco tempo em Berlim. Pertencia a uma família endinheirada de Genebra. Não escondeu nada a Villanueva e desde o início que foi muito claro com ele: em consequência de graves desavenças com o pai, tinha ficado de fora do negócio familiar e estava sem trabalho, sem dinheiro e com muitas ideias para materializar naquele mundo de oportunidades que se havia aberto na Alemanha. Tinha uma oferta para adquirir um dos mais prestigiados e famosos cabarés da cidade, mas não possuía capital, enquanto Villanueva o tinha. A sua proposta era facilitar-lhe a ele a compra do negócio. Durante o primeiro ano, só precisaria de lhe pagar a manutenção, e funcionando as coisas tal como previa, passaria então a ser sócio igualitário, nos custos e também nos benefícios. Villanueva aceitou, mas impôs-lhe uma condição imprescindível, a

de que, aos olhos do público, aos olhos do mundo, o único dono de tudo quanto montassem fosse Volker Finckenstein. Ele não deveria aparecer em nenhum lado como proprietário do estabelecimento, nem sequer no registo oficial. Entre ambos, acordavam uma relação contratual privada, baseada na lealdade e na honestidade mútuas. Volker impôs-lhe também uma condição: de vez em quando, ia precisar de enviar alguns documentos da Alemanha para a Suíça; se Villanueva o ajudasse, protegendo-os sob uma mala diplomática, obteria bons proveitos, mas não podia fazer perguntas. Erich Villanueva aceitou, e os dois homens deram um aperto de mão para selar o pacto. Assim começou a sua estreita e lucrativa relação comercial e pessoal.

A sociedade entre ambos foi tão próspera que, ao fim de dois anos, tinham aberto outros três cabarés, dois cafés e um restaurante nos melhores bairros da cidade. Volker revelou-se muito hábil nos investimentos, sabia em que terrenos se deviam mover e quais evitar; tinha uma previsão tão certa dos negócios da Bolsa que vendeu todas as ações seis meses antes do colapso de Wall Street, em outubro de 1929, salvando-se a si e a Villanueva do desastre e da ruína. Os seus negócios foram dos poucos na Alemanha que não sofreram perdas; muito pelo contrário, surgiram outros novos, que cada vez eram mais frutíferos para ambos. Para tratar das contas, contrataram como contabilista Benjamin Neuman, um húngaro de origem judia estabelecido em Berlim, hábil, leal e discreto. Há três anos que lhe haviam proporcionado uma ligeira mudança de apelido, uma proposta feita por Volker, antecipando os problemas que o crescente nacional-socialismo poderia trazer aos judeus se alguma vez chegassem ao poder. O contabilista tornou-se então Benjamin Newman, e toda a sua ascendência judia desapareceu dos registos oficiais. Os três homens formavam uma boa equipa.

Em tudo isso pensava Villanueva quando a porta se abriu e o rapaz louro que tinha atravessado o corredor apareceu com um grande sorriso.

– Tenho saudades tuas... Vens?

Villanueva sorriu e levantou-se da cadeira.

Martin Ritter tinha o seu escritório na Wilhelmstrasse, muito perto da chancelaria do Terceiro Reich e a apenas cinco minutos de carro da casa de Villanueva. Pertencia ao partido nazi desde há dois anos e contava com muitos bons amigos entre os altos cargos, gente importante no círculo de Hitler; aparentemente, apoiava as políticas do *Führer* de forma praticamente acrítica, mas era acima de tudo advogado, e tentara agir como tal, apesar de o cariz de algumas das suas defesas não ter agradado muito a certos escalões do partido, tendo mesmo chegado a receber graves chamadas de atenção. Ainda assim, Ritter reivindicava o direito ao exercício da sua profissão, e enquanto jurisconsulto, tinha de defender os seus clientes, que lhe pagavam avultados honorários para isso. Conseguira a libertação de meia centena de socialistas, presos nos primeiros meses após a chegada de Hitler à chancelaria; alguns deles não tinham sobrevivido às más condições em que regressavam à liberdade; a maioria optara pelo exílio. No fundo, eram as simpatias de Martin Ritter pelo nacional-socialismo e a sua profunda decepção com o rumo que as erráticas políticas do *Führer* e do seu governo estavam a tomar que realmente o faziam continuar a tentar salvar os inocentes que caíam nas mãos da demolidora máquina em que o nazismo se tinha transformado. Desde há algum tempo que pensava na ideia de sair do país, de desaparecer por uma temporada e esperar que as águas acalmassem, mas sempre que o ponderava, aparecia-lhe outra vítima propiciatória para ser resgatada das garras do mal.

E era precisamente isso que a chegada de Yuri Santacruz lhe trazia.

O advogado observava-o, sentado atrás de uma maciça secretária de mogno. O único ponto de luz era um candeeiro colocado em cima da mesa, pelo que grande parte da divisão estava mergulhada numa ligeira penumbra.

Ritter era baixo, quase careca, tinha um olhar de corvo atrás das lentes de uns óculos de massa escura que ampliavam artificialmente os seus olhos pequenos e muito cinzentos; de pele clara, era tão magro que o nó da gravata parecia sobrar-lhe à volta

do pescoço. Falou de cenho franzido, desconfortável, sem qualquer cordialidade.

– Aviso-o já de que só o recebo por respeito a Villanueva. Nem são horas nem é o momento. Estou a ouvir. – Chegou o corpo para trás e apoiou a nuca nas costas do cadeirão.

Yuri sentara-se na borda da cadeira.

– Agradeço-lhe a sua atenção, *herr* Ritter – respondeu, antes de lhe descrever o motivo que o tinha levado até ali.

– Já ouvi falar nesse Siegel, atravessou demasiadas linhas vermelhas, *herr* Santacruz. É preciso saber quando parar e até onde se pode chegar.

– O Fritz Siegel é jornalista. A sua obrigação é informar de modo verdadeiro, e foi isso que sempre fez.

– Acha que as pessoas querem saber da verdade?

– Deveriam.

O advogado observou-o por alguns segundos, avaliador. Abanou a cabeça e falou de forma taxativa.

– Lamento, mas não posso ajudá-lo. Não está nas minhas mãos.

– O Villanueva disse-me...

– Não me interessa o que lhe possa ter dito o Villanueva. Não posso fazer nada pelo seu amigo; e mais, ninguém pode fazer nada por ele. O Fritz Siegel estava perfeitamente consciente de que tinha o dedo no gatilho, e foi ele mesmo que o apertou. Acabou-se.

– Pagar-lhe-ei o que me pedir – insistiu Yuri. – Seja o que for.

– Lamento. Não há preço que cubra o risco a que me exporia.

– Pois fixe-o. O preço... Fixe o preço que quiser, eu pago, mas ajude-me a libertar o Fritz Siegel.

O jurista apertou os lábios e levou uma mão à boca, como se quisesse ocultar a intenção refletida no seu rosto. Finalmente, pegou numa folha e escreveu nela um valor. Ouviu-se o arranhar da caneta sobre o papel. Em seguida, com dois dedos, fê-lo deslizar pelo tampo da secretária até o deixar à vista de Yuri, cujos olhos passaram de Ritter para a folha. Em momento algum o jurisconsulto libertou o papel escrito, em que Yuri não chegou a tocar. Era um valor muito alto, quinhentos marcos.

– Pagar-lhe-ei se libertar o meu amigo.

O advogado abanou a cabeça e retirou o papel, fazendo-o deslizar na sua direção. Cobriu-o com a mão.

– Não me comprometo com um resultado satisfatório para si. Com isto, paga as averiguações para saber onde está detido e em que situação se encontra; a sua possível libertação dependerá dessas circunstâncias, e então deverá acrescentar uma quantia similar ou possivelmente superior.

Yuri pensou por alguns segundos. Era muito dinheiro, mas não tinha alternativa.

– Está bem. Averigue onde está encarcerado o Fritz Siegel.

– O pagamento é adiantado. Amanhã, aqui mesmo e em numerário.

Yuri assentiu. Levantou-se, sem deixar de o fitar.

– Amanhã bem cedo terá o dinheiro.

Partiu para casa de Fritz. As duas mulheres receberam-no, ansiosas. Yuri descreveu-lhes a conversa com o jurisconsulto.

– Não tenho essa quantia! – exclamou Nicole, desesperada. – Talvez os meus pais...

– Não há tempo, Nicole, temos de fazer o pagamento amanhã. Não te preocupes, eu tenho o dinheiro. Eu levo-lho. Mas seria conveniente que falasses com os teus pais, pois temo que iremos precisar de mais, se queremos libertar o Fritz.

– O que for preciso, Yuri, pago o que for preciso, mas que me devolvam o Fritz... Preciso dele ao meu lado para continuar a viver.

Desatou num pranto, e Yuri acolheu-a nos seus braços. Krista fitava-os, os olhos marejados de lágrimas, o maxilar tenso de raiva, os punhos cerrados de impotência. Como era possível que aquilo pudesse estar a acontecer? A iniquidade e o desaforo começavam a considerar-se uma norma integrada na lei do Terceiro Reich. Sentia vergonha de ser alemã e doía-lhe o coração por isso.

No dia seguinte, antes de ir para a embaixada, Yuri levou os quinhentos marcos em numerário a Martin Ritter, que se recusou a passar-lhe um recibo.

– Terá de confiar em mim. Espere que eu lhe ligue. Não entre em contacto comigo, e muito menos por telefone. Eles ouvem tudo – indicou, com um ar sério. – Deixe-me agir à minha maneira. Não se intrometa. Ah, e avise a mulher do Siegel para não ir à esquadra. Isso agravaria as coisas.

O tempo começou a passar de forma desesperadamente lenta, sobretudo para Nicole. Mal comia e quase não dormia, sempre colada ao telefone, sobressaltada se alguém batia à porta. Krista decidiu instalar-se em sua casa para que, ao menos durante a noite, não estivesse sozinha.

Tinham passado dez longos dias desde a detenção de Fritz quando Yuri recebeu uma chamada de Ritter. Esperava-o no seu escritório às seis da tarde em ponto. Yuri não disse nada a Nicole para não lhe dar falsas esperanças. Aguardaria até saber que notícias trazia o advogado.

Foi o assistente que lhe abriu a porta, conduzindo-o imediatamente ao escritório. Martin Ritter estava de pé, em camisa, diante da janela, a olhar para a rua. O casaco permanecia pendurado, juntamente com o chapéu de feltro escuro, num bengaleiro de madeira que havia de um dos lados. Tinha as mangas arregaçadas até meio dos antebraços e afrouxara o nó da gravata; as calças de flanela de boa qualidade pareciam escorregar-lhe do corpo débil, presas à sua fina cintura. Tinha um ar cansado, como se estivesse há muitas horas a trabalhar. Na mão segurava um cigarro que, de vez em quando, levava à boca, a outra escondida no bolso das calças.

Yuri adentrou-se até meio do escritório e ficou parado, expectante.

– Sente-se – disse Ritter, dirigindo-se ao cadeirão da secretária.

– Há alguma notícia do Fritz Siegel? – perguntou Yuri, impaciente.

– Sim – respondeu o outro, fixando os olhos nele. – Está detido na prisão de Moabit, ou melhor dizendo, estava, pelo menos até ontem. Pelos vistos, transferiram-no esta manhã para Dachau; informaram-me disso há apenas meia hora. Muito provavelmente, as minhas perguntas fizeram com que o afastassem de Berlim.

– Como está ele? – perguntou Yuri.

– *Herr* Santacruz, vou-lhe ser sincero: o seu amigo está numa situação muito difícil. Acusam-no de propagar mentiras sobre o Reich com os seus artigos e, pior ainda, de injuriar o *Führer*.

– Já lhe disse que o Fritz é jornalista. O seu dever é informar, ainda que a informação seja incómoda para o poder. Os cidadãos têm direito a saber e critérios para discernir o que pensar.

Ritter observava-o com uma expressão contrita.

– *Herr* Santacruz, neste país, faz-se, diz-se e pensa-se o que o Reich manda, que é precisamente o que pensa o *Führer*. São essas as regras, para os de cá e para os de fora. Se não lhe agradam, aconselho-o a abandonar a Alemanha o mais cedo possível, porque a sua qualidade de estrangeiro não o isenta do cumprimento das normas estabelecidas.

Havia naqueles olhos algo de retorcido, e a desconfiança de Yuri aumentava a cada momento.

– Vai ajudar-me?

– Temo não poder.

– Quer mais dinheiro?

– A situação do seu amigo é um assunto espinhoso e muito complicado...

– Quanto? – interrompeu Yuri, projetando o corpo para a frente.

– *Herr* Ritter, disse-lhe que pagaria o que fosse preciso, mas tem de tirar o meu amigo da prisão. Uma vez livre, encarregar-me-ei de que saia imediatamente da Alemanha. Não voltará a incomodar. Diga-me quanto quer e acabemos de vez com este assunto.

– Não pense que é só uma questão de dinheiro. – Com um ar pensativo, calou-se, como se estivesse a calcular o que fazer ou dizer. Abriu uma pasta que tinha à frente, tirou um bilhete e estendeu-lho. – Recebi-o esta mesma manhã: ordenam-me que abandone o caso relativo ao Fritz Siegel. Caso contrário, terei de me sujeitar a graves consequências.

– Isto não tem assinatura. – Yuri olhava para a folha escrita à máquina.

– Não interessa se está assinado ou não. A ameaça é firme, e eu sei-o.

– Vai ceder a esta chantagem?
– O que faria o senhor?
– Não pode deixar-nos assim, *herr* Ritter. O Fritz Siegel tem esposa, vai ser pai daqui a uns meses... É inocente.

Ritter interrompeu-o num tom brusco, irritado.

– O seu amigo devia ter pensado mais cedo na esposa e no filho, e até mesmo no amigo. – Abanou a cabeça, fazendo estalar a língua como se aquela situação lhe desagradasse. – A única coisa que posso fazer é confirmar que está em Dachau e tentar que o ponham em boas condições por lá; talvez até o possam libertar, se considerarem o seu comportamento adequado. Conheço um dos diretores do campo. É meu amigo, mas... – Abriu as mãos.

– Seja claro, *herr* Ritter, por favor.

– Refiro-me a subornar um oficial das SS. Além de arriscar a pele, esse tipo de pagamento não é barato, compreenda...

– Quanto? – insistiu Yuri, incapaz de esconder a sua ansiedade.

Ritter susteve-lhe o olhar durante longos segundos, impassível. Era como se quisesse esticar ao máximo a corda da impaciência que abrasava o espírito de Yuri. Via-a e estava a aproveitar-se disso.

– Três mil marcos – respondeu o advogado, em tom firme. – Talvez tenha de lhe pedir mais... Há muitos intermediários a satisfazer para chegar ao objetivo final.

– Poderá libertá-lo? – perguntou Yuri.

– Só prometo que vou tentar, é o único compromisso que posso assumir, por agora. Estou a ser absolutamente honesto consigo.

Yuri inspirou fundo e libertou o ar num longo suspiro. Assentiu antes de falar.

– Está bem. Trar-lhe-ei o dinheiro amanhã bem cedo.

– Tem de ser hoje. Parto esta noite para Munique para tratar de outros assuntos. Aproveitarei a viagem para tentar salvar o seu amigo.

– Não tenho essa quantia disponível em casa. Tenho de ir ao banco.

– Esta noite antes das dez... Caso contrário, esqueça.

Yuri saiu praticamente sem se despedir. Embora também tivesse pressa de agir, aquela urgência de Ritter em receber o dinheiro e sair tão precipitadamente de Berlim levantava-lhe suspeitas. Ainda assim, não podia fazer mais nada a não ser confiar naquele tipo. Era a única coisa a que se podia agarrar.

Parou numa cabine e ligou para casa de Nicole. Foi Krista a atender; contou-lhe que Fritz estava no campo de concentração de Dachau e disse que iria vê-las depois de levar o dinheiro ao advogado. Em seguida, ligou a Villanueva. Era o único que lhe podia adiantar tal valor até que, no dia seguinte, lho pudesse devolver, depois de passar pelo banco para esvaziar a sua própria conta.

Ao fim de uma hora, Yuri levou os três mil marcos em numerário ao gabinete de Ritter; novamente, nada de recibos. Foi a última vez que viu Martin Ritter. No dia seguinte, acordou com a chamada de Villanueva.

– Não soubeste?

– O que aconteceu? – perguntou Yuri, com voz pastosa.

– Prenderam o Ritter. Ontem à noite, na estação, prestes a apanhar um comboio rumo à fronteira com a Polónia.

– Com a Polónia? O filho da mãe! Disse-me que ia a Munique, a Dachau...

– Planeava fugir com o teu dinheiro e o de mais uns quantos como tu que confiaram nele. – Emudeceu por alguns segundos. O jovem ouvia a sua respiração pesada. – Lamento, Yuri, desculpa ter-te indicado o nome dele. Está acusado de fraude e de suborno. E o mais surpreendente é que é judeu. Isso nem eu sabia. Aquele homem cavou a própria sepultura.

O desespero de Yuri ia aumentando, não sabia o que fazer. Pousou o auricular e sentou-se na cama, os pés descalços sobre o soalho de madeira; vestia umas calças de pijama e uma camisola, as noites de junho estavam a ser muito quentes. Por alguns instantes, manteve-se imóvel, de olhos fixos no horizonte que se avistava pela janela aberta. Há já algum tempo que amanhecera e o sol começava a inundar todo o quarto. Olhou para o relógio que

tinha na mesa de cabeceira. Perguntava-se como ia dizer a Nicole, pensava nisso sem tréguas.

Fritz estava preso há quarenta e cinco dias quando, na noite de 30 de junho e na madrugada do dia 1 de julho, homens das SS prenderam os cabecilhas das SA em todo o país. A notícia do seu posterior assassinato era bastante inquietante. Falava-se muito nas causas daquela rusga massiva, e cada vez parecia mais claro que se tratava de uma purga contra «elementos» rivais demasiado incômodos para as aspirações do *Führer*.

Nicole estava quase a adormecer de pura exaustão. Um par de horas antes, Krista tinha-lhe ligado a dizer que se ia atrasar, pois uma parturiente primípara havia sido internada à última hora e ela teria de esperar pela chegada do ginecologista que acompanhava a paciente. Nicole agradecia as suas atenções, mas, a cada dia que passava, o espírito afundava-se-lhe mais no doloroso abismo da incerteza de nada saber de Fritz há já tanto tempo.

Sentia-se debilitada, o seu sustento anímico ancorado à barriga incipiente que, de vez em quando, como mostra da sua milagrosa existência, lhe dava claros sinais de vida no interior.

A campainha sobressaltou o seu cansado torpor. Abriu os olhos, sem saber muito bem se o som era fruto do sono ou se alguém tinha batido à porta. Após alguns segundos de imobilidade, a campainha voltou a soar, despertando-lhe todos os sentidos. Pensou que era Krista e levantou-se com dificuldade. As suas pernas tinham inchado devido à falta de movimento e às preocupações. Os tornozelos pareciam blocos de cimento. Arrastou-se pelo corredor até à entrada e espreitou rapidamente pelo óculo. Dois homens de fato aguardavam no patamar. Abriu apenas o suficiente para espreitar.

– É a esposa de Fritz Siegel? – perguntou um deles.

Nicole abriu mais a porta, sentindo uma vaga de esperança no seu interior que durou apenas os segundos da sua resposta.

– Sim... Sou eu.

– Lamentamos informá-la de que o seu marido faleceu devido a um ataque cardíaco. Aqui tem a morada onde pode ir recolher as suas cinzas.

Com um semblante frio, estendeu-lhe um envelope fechado.

Nicole fitava-os sem reagir, incapaz de entender o que lhe diziam; o cérebro recusava-se a aceitar o verdadeiro teor daquelas frases.

– As cinzas? – perguntou, confusa. – Porque foi que o...? – Engoliu em seco, incapaz de proferir a palavra. – Quem deu autorização para...?

Voltou a calar-se, cheia de incredulidade. Atónita, olhava para os dois homens que tinha à frente. Nenhum deles mostrava o mais ínfimo sinal de compaixão ou pesar; estavam ali, de chapéu na cabeça e expressão cansada, como se lhe estivessem a vender aquecedores para o inverno e já lhes faltasse pouco para atingirem a quota mensal de vendas.

– Não posso responder-lhe a isso, *frau* Siegel. Trazemos ordens concretas: comunicar-lhe o falecimento, o local onde se encontram os restos mortais do finado e indicar-lhe que tem de os ir recolher durante o dia de hoje; é um pormenor importante, porque, caso contrário, será sepultado sem a sua presença. Deverá também proceder ao pagamento das despesas da sua manutenção, tratamentos médicos e incineração. Todas as questões se encontram explicadas dentro do envelope. Pode tratar de tudo na mesma morada. Aí, entregar-lhe-ão também os objetos pessoais do falecido. Entendido?

Nicole fitava-o como se estivesse a ver uma aparição sem sentido. O homem deve ter partido do princípio de que ela entendera. Como se tivessem pressa de partir, o sujeito levou a mão à aba do chapéu com um toque ligeiro, mal inclinando a cabeça, deu meia-volta e começou a descer as escadas seguido pelo outro, que se limitou a fitá-la, sem lhe dirigir sequer uma palavra de despedida.

Nicole ficou parada no umbral da porta, com o envelope na mão, de olhos fixos nas escadas vazias por onde tinham desaparecido ambos, incapaz de reagir, petrificada como uma estátua de sal. Ao

fim de uns longos e intensos segundos, começou a arquejar como um peixe fora de água, faltava-lhe o ar. Cambaleou; primeiro falharam-lhe as pernas, e bateu com os joelhos no chão; em seguida, a sua testa tocou nas lajes do solo e ouviu-se um grito dilacerante.

Nesse momento, Krista ia a entrar no vestíbulo. Tinha-se cruzado na rua com os dois homens e, alarmada pelo grito, subiu as escadas a correr até chegar ao patamar onde Nicole jazia, dominada por um choro incontável, gritando como se lhe estivessem a arrancar a pele às tiras. Krista viu os olhos na porta dos vizinhos. Ninguém saiu para a ajudar. Apesar dos gritos dilacerantes, só se ouviam portas que se abriam e voltavam a fechar-se de imediato. Um receio impiedoso e desumano havia-se instalado na alma da população.

Com muito esforço e paciência, Krista conseguiu erguer Nicole e levá-la para casa. Entre soluços, repetia apenas duas palavras: «está morto...», «está morto...» Krista apanhou o envelope sem selo nem remetente; um envelope em branco em cujo interior havia um bilhete com a morada de uma agência funerária e uma fatura que chegava aos duzentos e oitenta marcos.

Quando Nicole conseguiu conter o choro, as duas mulheres apanharam um táxi com destino à funerária. Ao entrarem no edifício, Krista teve de a segurar pelo braço para endireitar os seus passos cambaleantes. Atendeu-as uma mulher de olhar frio, duro, imune ao drama a que assistia diariamente. Nicole teve de se identificar e de proceder ao pagamento das despesas indicadas. Só então a mulher pegou na urna funerária e a depositou em cima do balcão, como quem pousa um jarrão chinês acabado de restaurar. Nicole sentiu-se desfalecer, mas agarrou-se com força ao braço de Krista e obrigou-se a manter a serenidade. Tinha feito a si mesma a firme promessa de não chorar diante daquela mulher que a tratava com a mesma indolência do que se estivesse a entregar-lhe um fato limpo numa lavandaria. Entregou-lhe igualmente um volumoso pacote. Nicole pegou na urna e apertou-a contra o peito, enquanto Krista pegava no pacote, e as duas mulheres saíram imediatamente dali.

Uma vez em casa, Nicole depositou a urna sobre a mesa baixa do salão, a mesma onde Fritz apoiava os seus pés grandes enquanto ela o repreendia para que os tirasse, porque estragava o verniz da madeira. A memória dessas cenas tão quotidianas desenhou-lhe um ligeiro sorriso nos lábios, que imediatamente se desvaneceu, ao compreender que nunca mais o poderia repreender por isso, que tudo aquilo fazia parte de um passado que jamais voltaria, porque o seu amado esposo já não estava ali, nem os seus pés grandes de dedos nervudos nem as suas pernas longas e fibrosas, nada dele existia já exceto as cinzas contidas naquela sóbria urna. A evidência dessa terrível realidade abatia-se sobre ela em grandes pedaços, esmagando-a um pouco a cada porção. Tomou fôlego ante o olhar atento de Krista, que tinha depositado o pacote junto à urna para que Nicole o abrisse. Era um embrulho em papel pardo, sem atilhos.

Abriu o invólucro e deparou-se com parte das roupas que Fritz usava no dia da sua detenção: a camisa, o casaco, as calças; faltavam os sapatos, o cinto, a gravata de seda que ela lhe tinha oferecido no seu último aniversário; também o relógio de pulso e a carteira nova em pele, embora ali estivessem a sua identificação pessoal e a carteira de jornalista. Nicole pegou na camisa e desdobrou-a, com um nó na garganta ao recordar a última vez que a tinha engomado. O tecido estava puído, um pouco rasgado, escurecido e rígido de sujidade, como se ele não a tivesse tirado em todas aquelas semanas. Pegou nas calças e fez o mesmo, desdobrou-as e, por alguns segundos, observou uma parte rasgada da perna; o tecido parecia pegajoso ao toque devido à sujidade acumulada ao longo do tempo. Levou o casaco ao peito e inspirou avidamente o tecido, tentando encontrar no meio de tanta sujidade a essência de Fritz, o aroma da sua pele que sempre ficava impregnado nas roupas. Sentiu algo num dos bolsos. Enfiou lá a mão e extraiu os óculos redondos com armação em massa. Estavam cobertos de sangue seco, o sangue que confirmava a devastadora realidade de que a sua morte tinha sido tudo menos plácida.

Tinham passado seis meses desde a morte de Fritz. Sentia-se a proximidade das festas natalícias, as pessoas pareciam mais alegres, mais cordiais, mais familiares. Mas Yuri continuava a sentir o enorme vazio que o amigo deixara na sua vida. Surpreendia-o que tudo continuasse como se nada se tivesse passado, como se aquela enorme perda não fosse um claro sinal do perigo que pairava sobre todos os rostos sorridentes com que se cruzava, carregados de presentes e de aparente felicidade.

Quando chegou à embaixada, tinha um recado de Villanueva para que fosse imediatamente ao seu gabinete.

– Isto é para ti. – Atirou um envelope para cima da mesa. – Enviado pelo Vadim Sokolov.

– Bem, finalmente. Pensava que se tinha esquecido de mim – observou Yuri, pegando no envelope.

– Qualquer coisa, por mais ínfima que seja, se eterniza na Rússia.

Yuri extraiu uma folha do interior. Surpreendido, viu um selo da URSS e o seu apelido, seguido do seu nome e patronímico, escritos em caracteres russos.

– O que é isto? – Ergueu o olhar para Villanueva.

– Saberás melhor do que eu. Os meus conhecimentos de russo ficam-se por *spasiba, proshchay* e pouco mais.

Yuri leu o texto escrito numa tosca letra de máquina de escrever.

– Pedem-me que vá a Moscovo – explicou, sem deixar de fitar o documento. – Na realidade, não pedem: ordenam-me que me apresente na sede da Lubianka o mais cedo possível.

– O que pensas fazer?

– O que acha que deveria fazer? – perguntou Yuri, surpreendido. – Há anos que espero por isto.

– Eu sei, mas, para ser sincero, desconfio.

Yuri fitou-o por alguns segundos, desalentado.

– Desconfia? – repetiu, olhando para o papel como se não entendesse a sua suspeita. – É um visto, Erich, permitem-me finalmente entrar na Rússia, poderei saber o que aconteceu à minha mãe e ao meu irmão. Onde está o problema?

– Sabes o que é a Lubianka?

– Não cheguei a conhecer Moscovo – respondeu Yuri, abanando a cabeça.

– É o quartel-general da polícia secreta. – Abriu as mãos para dar mais veemência às suas palavras. – Não entendes? Ordenam-te que te apresentes no NKVD.

Yuri encolheu os ombros, pensativo.

– Talvez queiram saber de mim antes de me deixarem circular pelo país e de me concederem um passaporte; tanto quanto sei, é preciso um para viajar pela União Soviética. – Ante o semblante sério de Villanueva, esboçou um sorriso e tentou conferir normalidade ao assunto. – Não tenho nada a esconder, não fiz nada contra a Rússia; de certo modo, sou cidadão russo, e já sabe como são esses bolcheviques, não sabem pedir as coisas, só ordenam. Conheço bem essa forma de atuar.

Villanueva fitava-o sem ocultar a sua preocupação.

– Yuri – disse, conferindo à voz um tom cálido –, compreendo o teu desejo de ires procurar a tua mãe e o teu irmão. Mas não creio que este seja o melhor momento para o fazeres.

– Pois... – murmurou o aludido, sem esconder o desânimo por não contar com o apoio de Villanueva. – Na Rússia, nunca há um bom momento.

– As notícias que me chegam da situação por lá são muito preocupantes. O assassinato de Kirov, nada menos do que o secretário-geral do Comité do Partido Comunista, desencadeou uma campanha brutal contra os dissidentes. Estaline deu início a purgas massivas que estão a fazer cair milhares de pessoas; gente da sua inteira confiança desaparece sem deixar rasto... Esfumam-se sem nenhuma explicação e nunca mais ninguém os vê. Tens de pensar bem, Yuri. É um risco demasiado grande.

– Estaline não tem nada contra mim. Não sou um perigo para ele. O que poderia fazer-me?

– Parece que te esqueceste de que, para estar em perigo na Rússia, só é necessário estar lá.

Yuri leu novamente o papel que tinha nas mãos.

– Este visto tem um período de vigência de um mês – disse, erguendo o olhar para Villanueva. – Desperdiçaria a única

possibilidade que tive desde que os perdi. Sei como eles são e estou convicto de que não me darão outra oportunidade.

Villanueva não se deu por vencido e insistiu nos argumentos.

– E não pensaste que, mesmo que saias incólume da Rússia, terás problemas na fronteira com a Alemanha?

– Não vejo porquê. Se eu fosse um problema para os nazis, já me teriam expulsado há muito, bem sabe.

– Sim, e para te dizer a verdade, não entendo por que razão não o fizeram já...

– O que quer dizer com isso? – perguntou Yuri, de sobrolho franzido.

– Yuri, Yuri... – disse Villanueva, como que a repreendê-lo, tentando manter a inquietação sob controlo. – Há meses que te vigiam. Estás noivo de uma alemã de raça ariana que teve os seus altos e baixos com o sistema, tens ascendência russa, saíste em defesa de um comunista, há rumores de que o escondeste e o ajudaste a fugir do país, tiveste um caso com a mulher de Ulrich von Schönberg...

– Como sabe de tudo isso? – interrompeu ele, atónito.

– Tenho os meus próprios informadores. Sei tudo sobre ti desde que chegaste. Preocupo-me contigo.

– Devia ter-me dito – soltou Yuri num tom grave, esforçando-se por assimilar o que acabava de ouvir.

– Agora já sabes – sentenciou Villanueva. Os dois homens sustiveram o olhar um do outro até que Villanueva resfolegou e lhe falou num tom caloroso. – Tenho de admitir que hesitei muito quanto a entregar-te esse envelope.

– Não entendo porquê.

– Porque me importo contigo, raios! – exclamou o outro, taxativo, batendo na mesa. Em seguida, atenuou um pouco o tom.

– E porque me preocupa que não regresSES.

Yuri descobriu-lhe no olhar um vestígio de ternura reprimida que o abalou.

– Villanueva... – murmurou, sobressaltado. – Agradeço a sua preocupação, mas garanto-lhe que não tenho qualquer intenção de ficar por lá.

– Lembro-te de que, na Rússia, as intenções pessoais não existem. – O homem revolveu-se, inquieto, desesperado por persuadi-lo a não fazer aquela viagem suicida. – Yuri, há em tudo isto algo que não me agrada, não te sei explicar, só sei que não deves ir a Moscovo.

– Foi o Erich quem me apresentou o Sokolov – insistiu Yuri, como que a tentar convencê-lo, apesar das suas próprias dúvidas incipientes.

– Por isso mesmo. Estes moldes não batem certo. – Villanueva fechou os olhos, como se aquela conversa o estivesse a deixar exausto. – Lamento, Yuri, é... é um pressentimento... Sei que pouco te importa o que sinto, mas fá-lo pela Krista. Esquece de uma vez o que deixaste na Rússia e concentra-te nela... É ela o essencial na tua vida agora.

Yuri esboçou um sorriso.

– É certo que a Krista é muito importante para mim... Mas também me importo consigo.

Villanueva fitou-o, agradado.

– Só te peço que penses antes de tomares uma decisão. Às vezes, temos de soltar o lastro do passado para garantir o presente e, acima de tudo, o futuro. Caso contrário, corres o risco de perder tudo... – Calou-se por um instante, fitando-o com intensidade. – Yuri, a tua mãe e o teu irmão representam esse passado incerto; a Krista é o teu hoje e o teu amanhã. Não deites tudo a perder, porque o mais provável é que não valha a pena.

Yuri sentiu-se embargado por um sentimento de afeto ante aquele afã de o proteger.

– Prometo-lhe que vou pensar – assentiu, com um gesto grato.

– Isso basta-me. – Villanueva recostou-se com um ligeiro sorriso triunfal. – Outra coisa – acrescentou, quando Yuri se levantava para sair. – Tem cuidado com essa mulher.

– Com quem?

– A Claudia Kahler. Segundo me consta, mostra demasiado interesse por tudo o que fazes.

Ao fim de alguns segundos, Yuri assentiu, pegou no envelope com o visto e saiu do gabinete de Villanueva, confuso. Não sabia o

que fazer. Aquela possibilidade de entrar na Rússia era tentadora. O seu desejo de ir continuava vivo, mas as coisas haviam mudado. As palavras de Villanueva tinham-lhe dificultado muito a decisão. A ideia de deixar Krista sozinha impelia-o a rejeitar a tão ansiada viagem; importava-se demasiado com ela para aceitar a ameaça de não lhe permitirem regressar à Alemanha; essa ideia inquietava-o muito mais do que os perigos da Rússia.

Ao chegar a casa, leu novamente o documento enviado por Sokolov e, após uma longa meditação, rasgou o papel ao meio muito devagar. Em seguida, voltou a rasgá-lo uma e outra vez, até ficar reduzido a pequenos pedaços, que atirou para o fogão.

Berlim, 1936-1939

Krista lia a carta que tinha chegado de Washington. Juntamente com ela, Nicole havia-lhe enviado uma foto do pequeno Fritz, que crescia alegre e saudável, alheio à tragédia ocorrida alguns meses antes do seu nascimento.

Depois de enterrar as cinzas de Fritz, Nicole deixou a Alemanha. Não ficaria nem mais um minuto no país que ia permitir que a morte do seu marido ficasse impune, convencida de que tinha sido uma morte violenta. Enquanto cidadã norte-americana, exigira à embaixada dos Estados Unidos em Berlim que investigasse o caso do seu esposo; o embaixador respondeu-lhe com belas palavras, prometeu-lhe que faria os possíveis por esclarecer a verdadeira causa da morte. A resposta chegou quando lhe apresentaram uma declaração assinada pelo próprio Fritz Siegel em que afirmava que, devido a um mal-estar no peito, consentia em ser tratado pelos médicos do campo para o que parecia ser uma doença cardíaca; manifestava também que estava a «ser tratado com todo o respeito e a máxima atenção», e que ficava por isso «muito grato ao pessoal do KL de Dachau». Ante semelhante prova enviada ao embaixador pelo próprio diretor da Gestapo, Reinhard Heydrich, deu-se por resolvido o assunto relativo ao falecimento de Fritz Siegel. Para Nicole, esse documento foi desolador, o golpe de misericórdia após uma série de humilhações difíceis de assimilar. Soube que, enquanto Hitler estivesse no poder, jamais poderia vingar a morte do marido, ao que se somava a oportuna incineração do cadáver, que tornava impossível saber a verdade sobre os últimos dias da vida de Fritz, o que acontecera e como morrera. Nem sequer lhe permitiram transladar as cinzas para os Estados Unidos, o pedido foi recusado sem nenhuma explicação.

Nicole costumava escrever uma carta por mês; falava-lhes da nova vida em Washington. Poucos meses após a sua chegada, arranhou emprego numa prestigiada revista de moda. O facto de pegar novamente na sua máquina fotográfica fez com que se

voltasse a sentir viva. Via crescer o pequeno Fritz e, olhando-lhe para o rosto, dizia na carta, manteria para sempre viva a memória do pai dele, do amor da sua vida.

Krista, por sua vez, tinha conseguido o doutoramento. O trabalho no hospital ocupava-lhe grande parte do tempo. Poucas semanas após a aprovação das Leis de Nuremberga em setembro de 1935 – leis essas que estabeleciam categorias em função da pureza de sangue e proibiam a mistura de raças –, o Hospital da Piedade recebeu uma notificação ministerial sobre uma denúncia em que se dava conta de que, na ala de ginecologia, continuavam a atender pacientes judias. Instavam o centro a que deixasse de o fazer, sob a ameaça de lhe serem retiradas as subvenções e até de encerramento definitivo do hospital, com as consequências pertinentes para todo o pessoal. A doutora Hotzfeld viu-se obrigada a prestar contas ao diretor sobre essa denúncia e não teve outro remédio a não ser acatar as ordens gerais e deixar de aceitar pacientes judias nas consultas de ginecologia, bem como mestiças meio judias (com dois avós judeus) que professassem a religião hebraica ou arianas que fossem casadas com judeus puros. Enviou-as a todas para outras clínicas ou consultórios privados, certificando-se de que nenhuma ficava sem a devida proteção nas suas necessidades de saúde.

Entretanto, Claudia continuava com a sua vida cada vez mais anódina e vazia. As constantes ausências do marido por motivos de trabalho obrigavam-na a uma solidão a que se tinha habituado e que até agradecia. A criação do pequeno Hans era a única coisa que realmente a fazia sentir-se bem e útil, ainda que as obrigações enquanto membro do partido nazi e esposa de um oficial das SS se tivessem multiplicado e a impedissem de estar com o menino tanto quanto ela gostaria. Quase todos os dias, acossada pela mãe, tinha de assistir a reuniões, eventos e cursos relacionados com a propaganda e o proselitismo nazis destinados às mulheres arianas. Claudia seguia os ditames maternos praticamente sem protestar. Tinha sido educada segundo as bases do nazismo: devia odiar os

judeus, os comunistas, os ciganos e os homossexuais, e censurar e rejeitar sem meias medidas tudo o que de algum modo não seguisse as regras estabelecidas pelo Reich. No entanto, desde que Yuri Santacruz entrara na sua vida, erguera-se no seu interior um autêntico vendaval de sentimentos; de forma quase inconsciente, como que guiada por um fio invisível, tinha reequacionado muitas coisas que antes considerava inquestionáveis e sólidas. Interrogava-se sobre o porquê de fazer mal a pessoas que não lhe haviam feito nada, só por serem judias, sobre o porquê de as humilhar, afastar dos seus empregos e até expulsar de suas casas. Havia coisas que começavam a desagradar-lhe, cada vez menos convicta dos benefícios que tão avassaladoramente surgiam sobre a nova Alemanha. Esse descontentamento desassossegara-a, pois não podia partilhá-lo com ninguém, ciente de que fazê-lo lhe traria problemas. Invejava Krista pelo seu trabalho e pela independência que emanava do seu modo de vida, arrebatada a Claudia pelo tão elogiado nazismo. Perturbava-a a sua amabilidade, a disponibilidade e empatia. Mas eram os ciúmes que a rebentavam por dentro: vê-la junto a Yuri, agarrada à mão dele, caminhando juntos, rindo juntos; não suportava vê-los felizes e enamorados. Tinha a convicção de que Yuri continuava apaixonado por ela. Um amor como o seu não podia esquecer-se, estava certa.

Claudia não voltara a engravidar, apesar de Ulrich aguardar ansiosamente outra gestação que, para seu desespero, não chegava. Ela sabia que era impossível, pois conhecia um segredo do seu marido de que nem o próprio interessado suspeitava. Tinha-o descoberto quando estava grávida do pequeno Hans. Poucos dias após o jubiloso anúncio, instalada já na casa de campo que os seus sogros tinham na Floresta Negra, teve um estranho encontro com o sogro.

– Friedrich, que surpresa, não estávamos à sua espera. – Claudia encontrava-se a ler no jardim quando o viu aproximar-se, levantando-se para o receber. – A Hilda não está – acrescentou, referindo-se à sogra. – Saiu esta manhã com o motorista. Foi a

Berlim resolver um assunto urgente que exigia a sua presença. Devem ter-se cruzado pelo caminho.

O seu sogro parou diante dela com uma expressão carregada. Estava vestido à civil, com um fato escuro, impecável como sempre, e um chapéu cuja aba lhe fazia sombra nos olhos.

– Eu sei. Venho ver-te a ti. Não te roubarei muito tempo.

A presença daquele homem sempre lhe tinha parecido perturbadora, fazia-a sentir-se desconfortável. Não sabia o que fazer, se voltar a sentar-se ou permanecer de pé. Acabou por se sentar na borda da cadeira e apoiar um cotovelo na mesa.

– Diga – convidou, expectante.

Friedrich von Schönberg olhou-a de alto.

– Foi muito surpreendente o anúncio da tua gravidez.

– Procurámo-lo desde o primeiro momento – replicou Claudia, sorridente, levando a mão à barriga. – O Ulrich queria ser pai, e finalmente esse desejo realizou-se.

– O problema é que é impossível ser do Ulrich – disse ele, sem mais prelúdios.

Claudia ficou pasmada.

– O que... o que quer dizer com isso? – balbuciou, quase sem forças. – Não entendo o que...

O olhar incisivo do sogro obrigou-a a calar-se.

– Aos quinze anos, o Ulrich teve papeira, o que causou algumas sequelas. A mais grave foi a incapacidade de ter filhos.

– Isso é impossível... O Ulrich...

– O Ulrich não sabe; nem ele, nem ninguém. O médico que o atendeu e eu mesmo decidimos ocultar-lhe essa desagradável circunstância. Não era necessário na altura e não creio que o seja agora. Esse médico morreu num infeliz acidente, pelo que o único que sabe do assunto sou eu. – Olhou-a com desagradável fixidez. – E agora tu.

Claudia não podia acreditar no que ouvia. Sentia-se enganada e, ao mesmo tempo, apanhada numa grande mentira. Desconcertada, abriu a boca e voltou a fechá-la, pois não sabia o que dizer. Sentiu pânico, tinha sido descoberta e desconhecia as consequências daquela conversa. Ficou à espera da sentença

definitiva do seu sogro, que se mantinha diante dela, arrogante. Aqueles olhos amedrontavam-na.

– Não sei de quem é esse bastardo que trazes no ventre; só espero que o homem com quem andas a enganar o meu filho seja um alemão puro. Se assim for, aceitá-lo-ei como meu neto e o meu filho nunca saberá que a esposa é uma rameira.

– Não se importa que me deite com outro?

– O que fazes com o teu corpo não me diz respeito. O importante é que o que gerares seja ariano. – Salientou cada sílaba, cada palavra, muito lentamente. Em seguida, sem deixar de a observar, continuou em tom firme. – O *Führer* precisa de novas gerações que o sigam e o sirvam no futuro. É essa a obrigação de mulheres como tu, e cumpri-la-ás, custe o que custar.

– Não acha que o Ulrich tem direito a saber?

O olhar do seu sogro fê-la estremecer.

– Se o meu filho alguma vez vier a saber desta infeliz casualidade, acabo contigo e com o teu bastardo. Ficou claro?

A partir desse momento, começaram a parecer-lhe cada vez mais patéticas as exigências sexuais de Ulrich com o único intuito de a engravidar, e ainda mais quando se enfurecia ao saber que Claudia voltara a menstruar, culpando-a sempre a ela pelo que considerava um novo fracasso.

– Acalma-te, Ulrich, já temos o Hans – dizia Claudia, tentando apaziguar a frustração daquele homem. – Talvez a natureza não queira dar-nos mais...

– Não! – interrompia-a ele, cheio de ira. Depois calava-se, olhando para o menino com desassossego. – É demasiado moreno, e aquele cabelo tão escuro...

Não era a primeira vez que fazia referência ao aspeto pouco ariano da criança; ela rebelava-se contra ele por aquela atitude algo desdenhosa para com o menino.

– É nosso filho! – replicava. – Hitler também tem cabelo escuro e não creio que ponhas em causa a raça do *Führer*.

O olhar malicioso que Ulrich lhe dirigia inquietava-a, mas Claudia mantinha-se firme.

– É a nossa obrigação para com o Reich e o *Führer*: quero filhos louros, de pele clara e olhos azuis, arianos; é isso que quero e é isso que há de gerar.

– Às vezes, penso que a obrigação te cega, Ulrich. É como se estivesses a falar de cães e não dos teus filhos.

– Continuaremos a tentar. – Transtornava-se. – Fá-lo-emos até à saciedade; se for necessário, vamos viver para Dachau até engravidares. Se consegui emprenhar-te uma vez, voltarei a fazê-lo uma segunda e uma terceira...

A ideia de ter de ir viver para o campo de concentração com o marido alarmou-a, e mais ainda quando a proposta chegou aos ouvidos da sua mãe, para quem aquela era a solução ideal, dado que as longas ausências de Ulrich do leito conjugal eram contraproducentes para uma possível gravidez.

Finalmente, Claudia não teve outro remédio a não ser partir com o marido para o campo de Dachau. Ulrich não aceitou que o menino os acompanhasse, com o argumento de que a casa não era grande nem reunia as condições necessárias para ele. Além disso, apesar de só ter dois anos, Hans havia entrado para uma prestigiada escola infantil que era frequentada pelos filhos dos altos comandos das SS, com vista a, uma vez cumpridos os dez anos, entrar para uma das melhores Napolas, as escolas de elite que o formariam para se converter num futuro dirigente do glorioso Reich; tinha sido inscrito pelo pai contra o parecer de Claudia, que o considerava demasiado novo para estar num sítio daqueles. Mas Ulrich defendia que os filhos de raça ariana pertenciam ao *Führer* e que deviam aprender o mais cedo possível a ser disciplinados, saudáveis, «rápidos como um galgo, resistentes como o couro e duros como o aço de Krupp», dizia, pondo na sua boca palavras pronunciadas por Hitler sobre como devia ser a educação e a preparação das crianças alemãs. Viver longe da proteção materna seria muito bom para fortalecer o seu espírito ariano.

Seria a mãe de Claudia a encarregar-se do cuidado de Hans durante a ausência. Claudia lidou muito mal com essa separação, não apenas do filho, mas de tudo o que fazia parte do seu

quotidiano: a sua casa, o seu ambiente, Berlim, até a presença de Yuri, ainda que de braço dado com outra.

Pouco tempo após a partida de Claudia Kahler, já em pleno verão de 1936, Krista recebeu no seu consultório uma estranha chamada.

– É a doutora Krista Metzger? – perguntou uma voz masculina.

– Sim, sou a doutora Metzger, quem fala?

– Atendeu Ilse Kube em novembro de 1934?

Krista franziu o sobrolho. Ilse era a filha de Brenda. Dois anos antes, tinha-se apresentado no seu consultório com a pretensão de que a ajudasse a abortar. Engravidara de um homem casado e temia a reação da mãe. Krista recusou terminantemente; era uma prática que não se realizava naquele hospital salvo em casos muito excepcionais e mediante o parecer de vários médicos. Lembrava-se de que Ilse estava muito nervosa, de que tinha tentado acalmá-la, fazê-la ver a razão. Entendia que a situação era muito complicada, mas tentou convencê-la a descartar essa possibilidade, pois podia acabar na prisão: ela e o médico que realizasse o aborto. Demasiados riscos para uma rapariga tão jovem. Ilse pareceu entender, ou pelo menos foi isso que Krista pensou. Antes de partir, fê-la jurar pelo que tinha de mais sagrado que nunca contaria nada à sua mãe, implorou-lhe até ao choro, e Krista garantiu-lhe que a mãe jamais saberia do seu problema por ela, que sempre a teria ao seu lado para aquilo de que precisasse, pedindo-lhe depois, por sua vez, que não cometesse nenhuma loucura. Ilse saiu do consultório e Krista não voltou a vê-la nem soube mais dela ou do que tinha sido feito daquela gravidez.

– Quem fala? – voltou a perguntar Krista.

– Fala da polícia criminal. Responda à minha pergunta, doutora Metzger.

– Lamento, mas o que me pede está abrangido pelo segredo profissional. Não estou autorizada a dar essa informação por telefone.

– Posso mandar alguém para a ir buscar.

Aquela frase soou a Krista como uma ameaça.

– Faça o que julgar conveniente, eu devo cumprir o meu dever, e por isso não lhe darei a informação que me pede. – Fez-se um silêncio do outro lado da linha. Krista aproveitou para indagar. – O que quer de mim ao certo?

– Passou um atestado médico a Ilse Kube. Amanhã, às dez em ponto, apresente-se na sede da polícia da Alexanderplatz, repartição de abortos. Traga o historial médico e toda a informação que tiver sobre o assunto.

Quando desligou o telefone, Krista tinha a mão a tremer. Um suor frio descia-lhe pelas costas. Nesse momento, a porta abriu-se e apareceu a doutora Hotzfeld.

– O parto da senhora Merkel está a adiantar-se... – Ao ver-lhe a expressão, interrompeu-se, entrou no consultório, fechou a porta e aproximou-se. A jovem nem sequer a olhava, como se não a tivesse visto. – Algum problema, Krista?

Só então é que ela a fitou e engoliu o nó que tinha na garganta.

– Acabam de me ligar da Gestapo...

Contou-lhe o sucedido. Depois de a ouvir, a doutora Hotzfeld deixou-se cair na cadeira.

– Alguém te denunciou. Tens a certeza de que não assinaste esse atestado?

A dúvida aprofundou a ferida aberta. Sentiu uma dor intensa no peito.

– Não, não. – Repetiu várias vezes a negação. – Não o fiz. Nem me passaria pela cabeça.

– Está bem, Krista, calma, eu acredito em ti, tinha de perguntar, mas acredito. Possivelmente, falsificaram um atestado em teu nome. Santo Deus, temos um problema. Podem meter-te na prisão sem que ninguém te interrogue.

– Nunca pratiquei um aborto e nunca assinei nenhum atestado médico para tal. Nem sequer tenho o historial dela, só a consulta na agenda.

– Não te vou deixar sozinha, estás a ouvir? – Estendeu-lhe a mão por cima da mesa. – Irei contigo.

– Não. – Abanou também a cabeça. – Agradeço muito, Anna, mas seria pior. Não quero envolvê-la, nem a si, nem à clínica. Irei sozinha.

Nessa tarde, chegou a casa com a intenção de nada contar à mãe, pelo menos até saber o que se passava; não queria preocupá-la, mas ao vê-la, não pôde evitar desatar a chorar e foi incapaz de o ocultar. Sabia que aquela acusação a podia mandar para a prisão durante vários anos. A doutora Hotzfeld avisara-a para que soubesse o que enfrentava, pois não era a primeira ocasião que aquilo ocorria. Tinha-se criado um ambiente insano em que a falta de escrúpulos permitia às pessoas fazerem justiça pelas próprias mãos; invejas, ciúmes, ressentimentos acumulados com o tempo, qualquer desejo de vingança podia ser canalizado através de uma simples denúncia.

Quando Yuri regressou da embaixada, avaliaram a situação. Podia tirá-la do país nessa mesma noite, talvez fosse melhor que se mudasse para a Suíça por uns tempos, até saber ao certo o que tinha acontecido. A mãe apostou de imediato nessa solução, só para afastar a filha das garras da Gestapo.

– Se fosse, seria como se estivesse a dar-lhes razão – alegou Krista. – Correria o rumor de que sou culpada e a minha carreira acabaria para sempre. Não irei. Amanhã, apresentar-me-ei lá e direi a verdade.

Não houve maneira de a convencer do contrário. Daria a cara porque insistia em que não tinha feito nada. Permitiu que Yuri a acompanhasse, em troca de que a mãe ficasse em casa. Estava tudo decidido. Sentaram-se para jantar, mas quase não comeram nada. Uma profunda preocupação cravava-se nas suas mentes como finos alfinetes.

Na manhã seguinte, Krista apresentou-se pontualmente diante do cinzento e sinistro edifício da Alexanderplatz. O seu único ponto de força era o calor da mão de Yuri a envolver a sua, fria como uma placa de gelo apesar de estarem em finais de julho e de não fazer frio nenhum.

Krista dirigiu-se a um polícia que estava atrás de um balcão junto à entrada.

– Bons dias.

O homem não reagiu e manteve os olhos fixos num documento em que estava a escrever algo.

– Mandaram-me vir aqui às dez. – Baixou o tom de voz ao mesmo tempo que se aproximava um pouco mais do homem. – À repartição de abortos.

O polícia ergueu o rosto e fitou-a como quem contempla um condenado.

– Tem de ir ao Departamento de Investigação Criminal.

Outro agente acompanhou-os a um corredor solitário. Durante mais de uma hora, permaneceram sentados num banco de madeira sem que ninguém os atendesse. Os nervos de Krista transbordavam a cada minuto que passava. Yuri tentava acalmá-la. Passou-lhe um braço por cima do ombro e puxou-a para si com um sorriso complacente. Nesse momento, ela procurou o seu olhar.

– Yuri, promete-me uma coisa. Se acontecer... Se me acontecer algo, promete-me que cuidarás da minha mãe. – As lágrimas toldaram-lhe o rosto do seu amado. – Não conseguirá aguentar se estiver sozinha; por favor, cuida dela.

Desatou a chorar e ele acolheu-a no seu regaço. Estava furioso com tudo aquilo, pensando nas consequências. Tinha falado do assunto com Villanueva, que tentara tranquilizá-lo; talvez não desse em nada, dizia, «as denúncias têm de ter alguma prova que as sustente; debes manter a calma», insistira, persistir na verdade e não cair nas suas armadilhas.

Abriu-se uma porta e apareceu um funcionário que recitou o nome completo de Krista. Ela levantou-se e apertou a mão de Yuri.

– Estarei aqui à tua espera – conseguiu ele dizer, com um nó na garganta que mal o deixava respirar. – Krista... – acrescentou, retendo-a por um instante. – Amo-te...

Ela esboçou um gesto de ternura, soltou-lhe a mão e dirigiu-se ao funcionário que a aguardava. A porta fechou-se e Yuri ficou mergulhado num silêncio avassalador. A ideia de que algum mal pudesse acontecer a Krista esmagava-o, teria ido no lugar dela

sem hesitar, magoava-o o seu sofrimento, a sua preocupação atormentava-o.

Tinham passado duas longas horas quando ouviu o eco de uns passos ao fundo do corredor. Viu que a doutora Hotzfeld se aproximava e levantou-se para a receber.

– Ainda não saiu – disse Yuri, angustiado. – Está há uma eternidade lá dentro.

Anna Hotzfeld fitou-o, comovida.

– Yuri, a Krista está presa. Há mais de uma hora que a transferiram para Columbia-Haus.

Enquanto ela falava, Yuri sentiu o impacto brutal daquelas palavras na boca do estômago. Despedaçado, deixou-se cair no banco.

– Não pode ser... – balbuciou. – Ela não fez nada...

– Isso já sabemos, e certamente que eles também. Tentarei averiguar de onde veio a denúncia. Consegui falar com a rapariga: a Ilse Kube confirmou-me que não teve nada a ver com isto. – A médica sentou-se junto a Yuri. – Confessou-me que fez um aborto clandestino e que, além de quase lhe ter custado a vida, ainda hoje continua a pagar a dívida que contraiu com a parteira que lhe fez o trabalho... Os pais pensam que está a trabalhar numa fábrica de sedas, mas na realidade está num bordel de quinta categoria nos arredores de Berlim.

– Quem pode ter feito algo assim?

– Pensa em alguém que lhe queira mal e o mais certo é que descubras.

Yuri pensou imediatamente em Claudia, e a perversa e cruel realidade dos ciúmes de Krista caiu-lhe sobre os ombros como uma pesada laje. Angustiado por essa ideia, partia-se-lhe o coração ao imaginar Krista fechada numa cela horrível.

– Vai para casa – disse-lhe a doutora Hotzfeld. – Já não tens nada para fazer aqui. E informa a mãe com brandura: a senhora Metzger tem um coração delicado. Farei todos os possíveis para a libertar.

Yuri foi para a embaixada e procurou o telefone do campo de concentração de Dachau. Sem hesitar, marcou o número. Atendeu-

o uma voz de homem.

- Preciso de falar com a senhora Von Schönberg. É urgente.
- Quem fala?
- Trata-se de um assunto privado.
- Não posso passá-lo diretamente. Dar-lhe-ei o seu recado, senhor...

- Diga-lhe que contacte imediatamente a embaixada espanhola.

Desligou. Não podia dar o seu nome, sabia que poderia arranjar-lhe problemas. Diante da secretária, aguardou, sem parar de olhar para o telefone. Se lhe dessem o recado, ela ligaria. Se não o fizesse, estava disposto a apresentar-se em Dachau para lhe pedir explicações.

Não tinha passado nem meia hora quando o telefone tocou e, do outro lado da linha, ouviu a doce voz de Claudia.

- Prenderam a Krista – disse Yuri, interrompendo a frase que Claudia mal tinha iniciado.

- Ligas-me por causa disso? Que tem isso a ver comigo?
- Sei que foste tu. – Estava furioso, precisava de um culpado e ela era o alvo de todas as suas suspeitas.

- A sério que me estás a acusar de ter denunciado a Krista? Como podes pensar que eu seria capaz de fazer algo assim?

- Porque sei que a odeias.
- Estás enganado a meu respeito, Yuri. Não odeio a Krista. Quando muito, invejo-a por te ter... Mas jamais me passaria pela cabeça fazer uma coisa dessas.

- Já o fizeste com o Axel Laufer – sentenciou ele.
- Estava a proteger o meu irmão! – protestou ela, em tom ofendido. – E lembro-te que o escondi em minha casa; arrisquei-me porque tu me pediste.

- Farás tudo o que estiver ao teu alcance para tirar a Krista do caminho.

- Nunca entendeste nada.

Por alguns segundos, a linha emudeceu, até que a voz rouca e despeitada de Yuri se fez ouvir.

- Se lhe acontece alguma coisa... Claudia... se fazem algum mal à Krista, juro que...

Claudia desligou o telefone, deixando-o com a palavra na boca. Em seguida, fê-lo ele, com tanta força que quase partia a baquelite. Estava a sufocar naquele minúsculo gabinete, faltava-lhe o ar. Enfiou o dedo entre a camisa e o pescoço para afrouxar o nó da gravata. Suava copiosamente. A atividade na embaixada era muito intensa, ouviam-se passos, vozes, gente a entrar e sair, fazendo o seu trabalho ou a precisar de algum trâmite. Levantou-se, dirigiu-se ao gabinete de Villanueva e abriu a porta sem bater. Erich conversava ao telefone e fitou-o, incomodado com a interrupção. Yuri esperou à entrada, até que Villanueva ergueu a mão e lhe indicou que entrasse e se sentasse. Demorou algum tempo a desligar. Falava em monossílabos, frases curtas e diretas, de sobrolho franzido, claramente preocupado. Depois de desligar, tirou os óculos, fechou os olhos e esfregou a ponta do nariz com os dedos.

- Que dia tão nefasto... – comentou, sem abrir os olhos.
- Yuri interrompeu-o, impaciente.
- Erich, queria pedir-lhe autorização para ir para casa.
- Não, Yuri, não podes ir embora.
- Prenderam a Krista.
- Lamento muito – disse Villanueva, contrariado –, e espero que tudo se resolva em breve, mas hoje preciso mesmo de ti aqui. Na sexta-feira houve um levantamento militar em Espanha.
- O que aconteceu? – Yuri ficou alarmado.
- Pouco sabemos para já, a informação ainda é muito confusa. O exército de Marrocos revoltou-se e várias guarnições militares juntaram-se ao golpe na península. Sevilha foi a primeira, mas há muitas outras a fazer o mesmo em todo o país.
- E Madrid?
- Madrid é um despropósito. O governo de Casares Quiroga despediu-se logo no sábado porque se recusava a dar armas ao povo; foi substituído por Martínez Barrio, que também se demitiu ao fim de poucas horas. José Giral cedeu e distribuiu armas aos sindicatos e organizações operárias. Só sabemos que, ontem de manhã, atacaram o Quartel de La Montaña, cuja guarnição se tinha

juntado aos revoltosos, e que neste momento o caos reina nas ruas.

– Devia ligar à minha irmã – murmurou Yuri, ensimesmado.

– Tiveste notícias do teu pai? Como está?

– Recebi uma carta da Katia em finais de junho. Pensava ir vê-lo uns dias em agosto. Pelos vistos, está cada vez mais deteriorado. Perguntem o que perguntarem, dá sempre a mesma resposta: «Verónika», como se apenas lhe restasse essa palavra na consciência. – A sua voz era branda; não podia deixar de sentir o peso da culpa, pois há três anos que não ia a Madrid. – Já não reconhece ninguém, nem mesmo a Sveta, que vive com ele. Não fala, quase não se mexe, esquece-se de comer se não lhe derem... É como se uma maldição lhe estivesse a roubar gradualmente a memória.

– Falei com aquele meu amigo neurologista. Disse-me que os sintomas correspondem a uma doença degenerativa chamada Alzheimer, o nome do médico que a descobriu.

– Sabe se há algum remédio?

Villanueva abanou a cabeça.

– Este tipo de demência só foi descoberto há três décadas, e ainda se desconhece tudo sobre as causas que levam à perda de memória. A degradação pode ser muito rápida.

– É o que lhe está a acontecer. A minha irmã diz que não o reconheceria, que ainda não fez sessenta anos e já parece um velho octogenário. – Fez estalar a língua e mordeu o lábio. – Devia ir...

– Agora é impossível – interrompeu o outro, taxativo. – Além disso, para quê? Se não reconhece a tua irmã, também não te reconhecerá a ti. Seria uma viagem inútil e perigosa, e preciso de ti aqui mais do que nunca, Yuri. Se as coisas correrem mal para os revoltosos, muitas cabeças vão rolar, a começar pela do embaixador. Aqui, a maioria seguiu o seu exemplo e renega o governo da República. Temos de estar preparados.

– Posso perguntar-lhe qual é a sua posição?

– Para te ser sincero, o que se passa em Espanha não me preocupa. Dadas as circunstâncias, dei ao embaixador toda a

minha colaboração.

– E o que se supõe que devo fazer eu?

– Yuri, a ti e a mim, a política só nos deve interessar na medida em que nos for útil. – Pôs os óculos, dando por encerrada aquela conversa. – E agora vai para o teu posto. Vai chegar algo importante e tens de estar atento. Ah, e quanto à situação da Krista, veremos se se pode fazer algo assim que isto acalme um pouco...

Yuri assentiu e regressou ao seu gabinete. Ao entardecer, quando ia a entrar no vestíbulo, sentiu que a casa lhe caía em cima. Não sabia o que fazer. Com os nós dos dedos, bateu à porta da senhora Metzger. Tinha-lhe ligado para a informar do sucedido, e a sua resposta fora um silêncio sufocado de vários segundos aos quais se seguiu o clique que indicava que havia desligado.

Foi Sarah quem lhe abriu a porta; os seus olhos vermelhos indicavam que tinha estado a chorar.

– A senhora está na biblioteca – informou em tom abatido. – Não me quis ir embora enquanto o senhor Yuri não regressasse. Preocupava-me muito deixá-la sozinha.

A senhora Metzger estava na sua poltrona favorita, onde passava horas a ler ou a costurar. Estava à janela, sem fazer nada, com as mãos pousadas no regaço. Yuri aproximou-se lentamente. Ela não se alterou ao sentir a sua presença. Manteve o olhar fixo no janelão.

– Há alguma novidade? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

– Minha pobre menina – murmurou, chorosa. – O que vai ser dela, Yuri? A minha querida menina...

Durante algum tempo, Yuri manteve-se ao seu lado, partilhando consigo a dor e a impotência. Sarah estava prestes a sair quando a campainha tocou. A viúva e Yuri trocaram um olhar, surpreendidos.

– Ai, ai, ai! – Os gritos de Sarah alertaram-nos. – Senhora, senhora, ela está aqui! A menina Krista regressou...

Ao ouvir a última frase, Yuri correu pelo corredor, seguido pela viúva, que tinha demorado mais tempo a reagir. Ao chegar ao

vestíbulo, Yuri viu Krista acompanhada pela doutora Hotzfeld. Parou alguns segundos diante dela, de olhos fixos um no outro.

– Como estás? – perguntou Yuri, contendo a emoção.

Ela assentiu antes de se abraçar a ele, que a estreitou entre os seus braços com doçura. A mãe exigiu também o seu abraço.

Krista estava muito cansada. Sarah preparou-lhe um banho. Enquanto se limpava e mudava de roupa, sentados no salão com uma chávena de chá na mão, a doutora Hotzfeld explicou a Yuri e à senhora Metzger como tinha conseguido encontrar um contacto, um advogado conhecido, que pôde intervir e fazer com que a denúncia ficasse sem efeito por falta de provas.

– Sabe-se quem a denunciou? – perguntou Yuri.

– A denúncia está assinada por uma tal Ernestine Urlacher. Fê-lo como testemunha do incidente de que a Krista estava acusada. Diz ser amiga de Ilse Kube.

– A Ernestine Rothman... – murmurou a viúva, com uma expressão de espanto.

– Conhecem-na? – interessou-se a doutora Hotzfeld.

A senhora Metzger assentiu. A filha dos pasteleiros tinha adotado o apelido do seu marido Oskar ao casar. A sua ânsia por parecer mais nazi do que os outros estava a levá-la a uma espécie de delírio exacerbado.

A doutora Hotzfeld continuou a falar.

– A diretora da organização a que pertence garantiu-me que lhe vão abrir um processo disciplinar por apresentar uma denúncia falsa. É tudo o que se pode fazer por agora.

– Mas porquê? – perguntou a viúva. – O que a levou a fazer isso? A minha filha podia ter passado meses na prisão por culpa dela.

– Não procure bom senso onde só existe ódio, senhora Metzger. A tal Ernestine é uma ativista muito destacada, foi o que me confirmaram. Não pense mais nisso. Acabou tudo, a Krista está em casa, livre de toda a suspeita. Agora, devemos esquecer-nos de tudo.

– Esquecer? – repetiu a mãe. – Como se pode esquecer tanto sofrimento acumulado nestas horas?

– Entendo o seu mal-estar, senhora Metzger, mas é melhor assim. Tenho de ir. Diga à Krista que, se quiser tirar alguns dias de descanso, não hesite em fazê-lo.

Yuri acompanhou a médica à porta e agradeceu-lhe a sua intervenção.

– Devia-o à Krista – alegou Anna Hotzfeld. – Todos os dias se arrisca por mim. Cuida bem dela, Yuri, é uma mulher extraordinária.

Yuri estava pesaroso. Tinha-se enganado ao acusar Claudia. Ouviu a voz de Krista e dirigiu-se de novo ao salão, tentando tirar da cabeça o seu grave erro.

Krista foi trabalhar no dia seguinte. Estava decidida a pedir explicações a Ernestine Rothman pela sua infame denúncia, mas não pôde fazê-lo, pois ela desapareceu do prédio sem que ninguém soubesse para onde tinha ido. Com o tempo, souberam que fora passar uma temporada a casa dos sogros. Sabia que havia sido descoberta e temia enfrentar a realidade das suas vizinhas.

Tinham passado mais de duas semanas desde aquele incidente; era meio da tarde de um sábado. Yuri estava sozinho nas suas águas-furtadas, pois Krista tinha turno no hospital e só previa regressar na manhã seguinte. Villanueva sugerira-lhe irem jantar fora e depois beber um copo, mas Yuri rejeitou a oferta. Estava muito cansado, queria deitar-se cedo; prometera a Krista que iriam passar o domingo no campo.

Yuri lia as últimas notícias sobre as Olimpíadas, inauguradas cinco dias antes com a chegada da tocha olímpica entre suásticas e o dirigível *Hindenburg* a sobrevoar o céu de Berlim. Era embaraçosa a servil aceitação da maioria dos países, que, salvo exceções como Espanha, se tinham rendido à máquina de propaganda que Hitler havia mobilizado a fim de obter apoio para as suas políticas antissemitas, habilmente camufladas durante os Jogos para não «incomodar» os visitantes estrangeiros. Nesse dia, as manchetes de todos os jornais davam conta da terceira medalha de ouro para Jesse Owens, um atleta americano de cor a quem, segundo lhe tinham contado na embaixada, Hitler desprezara ao

ausentar-se no momento em que o medalhado havia sido convidado para a tribuna a fim de evitar ter de lhe apertar a mão. A Yuri, parecia paradoxal que fosse precisamente um atleta negro quem estava a arrebatando o protagonismo à suposta hegemonia racial dos desportistas alemães.

O toque do telefone arrancou-o à leitura. Atendeu sem vontade e encostou o auricular ao ouvido.

– Yuri, é a Claudia.

Ao ouvir a sua voz, endireitou-se tão rapidamente na poltrona que o jornal caiu ao chão.

– Claudia, o que queres?

– Estou em minha casa, parto amanhã.

– Ligas-me para isso?

– Deves-me um pedido de desculpas... Acusaste-me de algo muito grave. E veio a provar-se que estavas enganado a meu respeito.

Fez-se um silêncio. Ela esperou que Yuri dissesse algo.

– Está bem, enganei-me. Desculpa.

– Tenho de falar contigo.

– Não, Claudia, tu e eu não temos nada de que falar.

– É algo que te vai interessar.

– Nada que venha de ti me pode interessar.

– Não é preciso seres tão duro comigo... Não mereço isso.

O silêncio abalou Yuri. Falou-lhe em tom brando, tentando convencê-la.

– Desculpa, Claudia, mas é melhor para os dois que não nos encontremos.

– Não te interessa saber como morreu o teu amigo Fritz Siegel?

Aquela pergunta foi como um murro à traição no queixo.

Yuri não teve de bater à porta de Claudia: ela estava à sua espera atrás desta e, ao vê-lo chegar ao patamar, abriu-lha discretamente. Depois de o deixar entrar, correu o ferrolho, virou-se e manteve-se encostada à madeira, fitando-o na ténue penumbra do vestíbulo.

– Espero que seja verdade o que dizes...

Ela interrompeu-o, encostando-lhe um dedo aos lábios para o obrigar a calar-se. Pegou-lhe na mão e conduziu-o ao interior da casa. Yuri deixou-se levar, movido pela curiosidade mórbida de saber se o que ela lhe havia dito era verdade ou uma simples negaça. Todas as janelas estavam fechadas a sete chaves e sentia-se muito calor no apartamento. Deduziu que estivessem sozinhos. Yuri inquietou-se com o receio de que tudo fosse um engano. Chegaram ao quarto de casal que ele já conhecia, iluminado apenas pelo candeeiro de uma das mesas de cabeceira. Soltou-se da mão de Claudia com brusquidão e parou no umbral, sem chegar a entrar na divisão. Ela continuou a dirigir-se à cama. Nesse instante, deu-se conta de que estava descalça. Sobre a colcha adamascada, encontrava-se uma pequena mala aberta com alguma roupa perfeitamente arrumada no seu interior. Claudia debruçou-se e, de entre as peças dobradas, extraiu uma pasta de cor sépia. Só então se virou para ele, erguendo o braço, mantendo-a na mão, mostrando-lha.

– Este é o processo do teu amigo Fritz. Aqui está anotado tudo aquilo por que passou desde o dia da sua detenção, cada interrogatório, as suas declarações, cada dia até ao momento da sua morte e posterior incineração. O teu nome também aparece.

Yuri estremeceu. Era muito tentador descobrir toda a verdade sobre as últimas semanas de vida de Fritz, saber como morrera, quem participara na sua morte e que informações tinha a Gestapo sobre si próprio. Seria possível empreender ações judiciais contra os culpados, ainda que fosse a nível informativo, tirar aquela informação do país e utilizá-la como aríete contra o nazismo e os seus métodos. Seria bom material para os jornalistas estrangeiros. Cego de curiosidade, deu vários passos na direção de Claudia, atraído por aquela pasta que lhe podia oferecer respostas para tantas questões por resolver. Quando estava prestes a pegar-lhe, ela baixou o braço e pôs a mão que segurava a pasta atrás das costas. Fitou-o com um sorriso sagaz.

– Mais devagar, Yuri... Arrisquei-me por isto. Se sabem que o trouxe, estou acabada.

Yuri olhava-a nos olhos. Tinha-a muito perto, conseguia sentir aquele aroma que lhe anulava a vontade. Ela insinuou o corpo na sua direção. Sem poder evitar, os olhos de Yuri desceram-lhe para os lábios, que lhe sorriram, sensuais, incapaz de reprimir o desejo de descer até ao generoso decote que se precipitava para o seu mórbido e voluptuoso peito. Fechou os olhos, tentando recuperar o controlo já perdido; com a respiração acelerada, abanou a cabeça.

– Não pode ser, Claudia... Por favor, não me podes pedir isto.

– Preciso de ti, Yuri, sufoco sem ti, morro por ti...

– Não, não, não... – recusava ele, de olhos fechados, com medo de os abrir e de cair no precipício aberto sob os seus pés. – Não posso fazer-lhe isso... Seria injusto.

– Ela tem-te sempre, Yuri. – A sua voz era doce, suplicante, quase um sussurro. – Só te peço umas migalhas de amor, algo de ti que me faça sentir viva... Só te peço isso, Yuri, por favor, só isso...

Sentiu o toque das mãos dela no rosto e a suave calidez dos seus lábios a roçar-lhe a boca. O sangue bombeava com força através das suas veias, a cabeça gritava-lhe que parasse, que fugisse da tentação; mas o corpo já não respondia, como se aqueles lábios carnudos tivessem provocado um curto-circuito na sua vontade, anulando-lhe capacidade de decisão.

À pressa, de forma precipitada, sem se descolarem um do outro, despojaram-se mutuamente das roupas e, durante muito tempo, os seus corpos cavalgaram, descontrolados, numa paixão desenfreada. Aquele corpo voluptuoso enroscava-se nele como uma jiboia prestes a engoli-lo; incapaz de lutar contra tanto prazer, Yuri derramou-se nela até ambos se renderem, exaustos, estendidos sobre o colchão, a respiração acelerada, as peles suadas. A mala tinha caído e a roupa espalhara-se pela alcatifa.

Quando se afastou do corpo despido dela, Yuri ficou parado a olhar para o teto, tentando recuperar o fôlego. Claudia continuava ao seu lado. Não disseram nada um ao outro durante longos momentos, até que Yuri se sentou na beira da cama. Procurou a pasta e encontrou-a no chão, mas estava vazia. Levantou-se, brandindo-a na mão como se fosse uma espada, e enfrentou-a.

– És uma embusteira!

Claudia recostou-se na colcha amarrotada, com um sorriso nos lábios, o cotovelo colado ao colchão e a mão a segurar a cabeça, mostrando a pele lisa, aveludada, e a perfeição das suas curvas.

– O que me fizeste é miserável...

– Não te enganei, Yuri. Essa é a pasta onde estava o que aconteceu ao teu amigo. Tudo tem um preço, e eu precisava de ter a certeza de que recebia o meu.

Yuri atirou-lhe com a pasta e ela recebeu-a sem se alterar.

– És uma puta! – vociferou ele, com raiva.

Começou a vestir-se, furioso com ela e consigo mesmo por se ter deixado iludir.

– Voltas a enganar-te a meu respeito. – O tom dela era sereno, o que o deixava ainda mais furioso. – Uma puta não sentiria o que eu sinto por ti...

– Cala-te! – interrompeu-a ele, erguendo a voz. – Nunca odiei ninguém, Claudia, mas isto que me fizeste...

– Eu cumpro a minha palavra. – Dito isto, esticou-se até chegar à mesa de cabeceira do outro lado da cama, abriu a gaveta e extraiu um grosso bloco de folhas datilografadas. – Aí tens todo o processo do Fritz Siegel. – Pô-lo no colchão e embrulhou-se na colcha; pegou no maço de tabaco que estava em cima da mesa. Acendeu um cigarro e encostou-se à cabeceira da cama. Deu uma baforada, sem deixar de o fitar.

Yuri tinha ficado paralisado ao ver os papéis em cima da cama remexida. A sua fúria parecia ter petrificado. Acabou de apertar as calças e pegou no bloco de folhas; sentou-se na cama e começou a lê-las. Estava ali tudo, desde antes da sua detenção: os seus encontros com Fritz, a ordem de prisão e tudo o que veio depois. O seu coração encolhia-se a cada linha que lia, cada frase escrita, cada pergunta com a resposta que Fritz supostamente tinha dado. Ouvia a voz quebrada do amigo na sua consciência, como se lhe falasse a partir daquelas frases datilografadas. Estremeceu ao ver a assinatura de Fritz, os traços trémulos, seguramente forçados. Para cada interrogatório, era indicada a patente e o nome do interpelante. Na última folha, tinha sido especificada em exuberante pormenor a causa da morte: politraumatismo após um duro

interrogatório de cujos golpes e torturas infligidas fora impossível recuperá-lo. Terminava com um dado aterrador: «Causa oficial da morte, enfarte fulminante do miocárdio.» O nome de Ulrich von Schönberg e a sua patente acompanhavam a respetiva assinatura, com a ordem de incineração imediata e de cobrar à viúva todas as despesas.

Quando finalmente desviou o olhar daquelas folhas, sentiu um amargo mal-estar no estômago, como se a cada linha tivesse ido bebendo uma desagradável bebida.

Claudia tinha-se mantido o tempo todo atrás dele, sem se mover da posição em que estava, observando-o. Endireitou-se e envolveu-o nos braços, colando o seu corpo nu ao de Yuri.

Falou-lhe em tom pesaroso, ciente de que o nome do marido estava ali, que era ele o responsável por tudo o que acontecia em Dachau, incluindo a morte violenta de Fritz Siegel.

– Lamento, meu amor... Juro que lamento muito tudo isto. Se pudesse fazer algo para consolar a tua dor...

Essas palavras foram o prelúdio de carícias e beijos que tentavam cobrir a dor de tanta ignomínia. Estendido na cama, Yuri deixou-se levar e entregou-se de novo a ela, ciente de que, ao possuir aquele corpo, estava, de certo modo, a manchar a honra de Ulrich von Schönberg.

Adormeceram nos braços um do outro, ébrios de sensualidade e amor derramado, alheios a qualquer realidade que não fosse aquela cama, aquele quarto, ele e ela, sozinhos no mundo.

Quando Yuri abriu os olhos, começavam a empalidecer as frestas da cortina. Olhou para Claudia. O cabelo louro espalhado pela almofada, o rosto plácido, os seus lábios, o corpo respirando vida. Delicadamente, afastou uma madeixa de cabelo que lhe atravessava o rosto. Levantou-se muito devagar para evitar acordá-la. Pegou nas calças e, quando estava a vesti-las, ouviu a doce voz nas suas costas.

– Obrigada por isto...

– Claudia, por favor... A Krista não pode saber...

– Não saberá de nada – interrompeu-o ela, com um sorriso. – Isto será só nosso.

Enquanto ele acabava de se vestir, Claudia recolheu as folhas e guardou-as na pasta. Yuri pegou no casaco sem o vestir. Ela tinha voltado a sentar-se encostada à cabeceira, com o processo ao lado.

– Preciso que me dês esse processo – disse Yuri, estendendo a mão para ela.

– Não podes levá-lo. Tenho de o devolver ao seu lugar. Vim a Berlim só para to mostrar, mas estou a correr um risco, Yuri, e faço-o por ti. O meu marido não sabe que estou aqui. Estará fora do campo durante três dias, por isso aproveitei para vir, mas regresso hoje mesmo para guardar isto no sítio; caso contrário, espera-me a mesma sorte que ao teu amigo Fritz, e não podes querer isso para mim.

Yuri observou-a por alguns segundos. De ombros descobertos e com o cabelo despenteado, tinha uma extraordinária beleza racial que o atraía como um poderoso íman. Chegou a sentir o desejo de se envolver novamente nos seus braços, mas desviou o olhar e virou-se lentamente, dirigindo-se à porta; parou no umbral por alguns segundos, indeciso.

– Obrigado, Claudia... E lamento que tu e eu... – Apertou os lábios e abanou a cabeça, com uma expressão taciturna. – Lamento deveras.

Ela esboçou um sorriso de infinita ternura e assentiu, igualmente agradecida.

Yuri deu meia-volta e saiu rapidamente para o corredor, finalmente livre do seu olhar cativante. Uma vez no patamar, com a porta da casa fechada nas suas costas, manteve-se imóvel, de olhos baixos, transtornado como se tivesse a consciência pesada. Com um gesto cansado, vestiu o casaco e, ao erguer o olhar, deparou-se com outro que o fitava, estupefacto, petrificado ao cimo do lanço de escadas.

– Krista...

Levou uma semana a conseguir falar com ela. Krista recusava-se a vê-lo. Quando Yuri entrava na casa da viúva para tomar o

pequeno-almoço ou para jantar, já ela tinha saído ou enfiava-se no quarto e fechava a porta à chave. Yuri estava desesperado, a culpa esmagava-o. A senhoria nada dizia; não opinou nem perguntou, não se meteu nem interveio em favor de um ou de outro; manteve-se completamente à margem, esperando que um dia pudessem esclarecer aquilo que tanto magoara a sua filha. Sofria por ambos.

Yuri já não aguentava mais, precisava de lhe contar, de lhe pedir perdão, de lhe explicar o que não tinha explicação. Certa tarde, decidiu sentar-se nas escadas, junto à porta da senhora Metzger, e esperar pelo regresso de Krista. Passaram mais de duas horas até ouvir, vindo do vestíbulo, o lento matraquear que subia degrau a degrau. Levantou-se e espreitou para o vão da escadaria para confirmar que era ela. Esperou-a de pé. Quando Krista chegou ao início do último lanço de escadas, ergueu o olhar e viu-o. Sem se mexer, fitou-o durante longos segundos. Não disse nada; baixou novamente o olhar e continuou a subir os degraus que restavam até à porta de sua casa. Ao chegar diante dele, parou, pois Yuri impedia-lhe a passagem.

– Krista, imploro-te, deixa-me explicar.

– Não há nada para explicar, Yuri. Aquela mulher ganhou.

– Não, não é verdade. Não ganhou porque não concorre. Tu és a única que me importa. Tens de me ouvir, por favor... Preciso de te contar o que aconteceu.

– Não quero ouvir. Será que não entendes? Dói-me só de imaginar...

Estavam muito juntos, ele um degrau acima dela.

– Krista, peço-te, deixa-me curar as tuas feridas... – O seu tom suplicante era quase um sussurro. Com um movimento muito lento e comedido, atreveu-se a tocar-lhe no cabelo e ela não o rejeitou. Yuri deu-se conta de que estava à beira do choro, o rosto contraído, com um sofrimento interno que lhe doía como se tivesse brasas na alma. – Por favor, Krista, deixa-me explicar.

Ao fim de uns segundos, ela aceitou subir às águas-furtadas. Fizeram-no lentamente, degrau a degrau, como se temessem quebrar algo muito valioso se se precipitassem. Convidou-a a sentar-se, mas ela manteve-se de pé no meio do espaço, de braços

cruzados sobre o regaço, como se tivesse frio apesar do calor reinante, insegura do terreno que pisava. Yuri fitava-a, de mãos enfiadas nos bolsos das calças e ombros encolhidos. Começou a falar, em voz clara e modulada, contou-lhe como se tinha enganado ao ligar para Dachau a acusar Claudia da denúncia, da oferta para consultar os relatórios sobre Fritz; descreveu-lhe os pormenores desses relatórios, como tinha morrido e quem tinha sido o responsável direto. Ela fitava-o. Não o interrompeu em momento algum, como se estivesse à espera da verdadeira razão de tudo aquilo. Yuri deu-se conta dessa espera. Tinha vindo a evitá-lo, até que não teve outro remédio a não ser contar-lhe toda a verdade sobre a relação que haviam tido antes de a conhecer.

– Agora entendo tudo – murmurou Krista, com uma expressão grave.

– Juro que tudo isso acabou.

– Mas passaste a noite com ela.

Yuri desviou o olhar.

– Desculpa... – balbuciou, envergonhado. – Desculpa, desculpa...

– Continuas apaixonado por ela?

Desta vez, foi Yuri a procurar-lhe as pupilas, para verter nelas a sua verdade.

– Krista, és a única mulher da minha vida, a única que me importa...

– Ela continua apaixonada por ti – replicou Krista, sem acreditar nas palavras de Yuri.

– Isso não é problema meu – interrompeu-a ele. – Não é problema nosso, Krista. Só te quero a ti. Morro por ti.

– Como posso acreditar em ti, Yuri? Como posso acreditar que me amas quando te deitaste com aquela mulher? Como achas tu que vou poder viver com isso?

– Casa comigo, Krista, casemo-nos... Quero passar o resto da minha vida ao teu lado... Não aspiro a mais nada a não ser fazer-te feliz.

Ela fitava-o, exausta. Sentia-se tonta. Estava muito cansada. As coisas no hospital estavam cada vez mais complicadas, a pressão

e a desconfiança aumentavam de dia para dia, o medo de dar um passo em falso e cair num perigoso abismo; estava tudo cheio de espiões, de informadores, até as crianças espiavam e delatavam os pais. Precisava de confiar naquele homem, amava-o com todo o seu coração, a traição magoava-a, mas estava convencida de que não seria capaz de viver tudo aquilo sem ele.

Yuri aproximou-se mais dela. Sem lhe tocar, voltou a repetir a pergunta.

– Krista, queres casar comigo?

Ela ergueu o olhar até encontrar o dele. Deu um passo em frente e rodeou-o com os braços, colando o rosto ao seu peito.

– Amo-te tanto, Yuri... – respondeu, com voz quebrada. – Quero, sim, meu amor... Quero, sim...

Claudia partiu na manhã do seu terno encontro com Yuri; fê-lo muito cedo e de forma discreta, de regresso à escura e desgraciosa casa no campo de Dachau onde se aborrecia soberanamente, sozinha o dia inteiro, à espera do regresso de Ulrich, que costumava fazê-lo muito tarde, muitas vezes mais ébrio do que devia e com um comportamento grosseiro, obrigando-a a ter relações bruscas, dolorosas e humilhantes. Nos últimos tempos, o carácter de Ulrich tinha azedado, bebia e comia demasiado e mal dormia; tornara-se mais irascível, mais violento. Claudia devolveu o processo de Fritz Siegel ao arquivo sem que ninguém desse pela sua falta. No entanto, quando o marido regressou, o seu assistente pessoal informou-o da inesperada ausência da sua esposa do campo durante dois dias, sem que tivesse podido averiguar o motivo real da mesma. Ulrich não disse nada a Claudia. Quis fazer as suas próprias indagações e ligou à sogra para saber se ela tinha ido ver o menino; a negação da única desculpa plausível enfureceu-o. Ao regressar de um jantar com vários oficiais das SS, Claudia notou-o mais agressivo do que de outras vezes: não procurava sexo, a atitude era outra, e isso pô-la em alerta. Pediu-lhe explicações que Claudia não pôde dar-lhe. Nessa noite, encolerizou-se contra ela; bateu-lhe até a deixar inconsciente.

Claudia passou toda a noite estendida no chão enquanto ele curava a bebedeira na cama. Quando recuperou os sentidos, tinha um lábio fendido e um olho inchado que já começava a ficar roxo. Foi assistida por um médico; ninguém disse nada, nem ela.

Algumas semanas depois, anunciaram-lhe aquilo por que tanto ansiava, estava novamente grávida. Podia regressar a Berlim, a sua casa, longe daquele homem a quem cada vez odiava mais.

Com a gravidez, recuperou o poder sobre o marido. A atitude de Ulrich transformou-se; voltou a tratá-la como a uma rainha, cuidava dela com esmero. Uma vez recuperada, Claudia voltou a ser a mesma de sempre, mais ativa, mais nazi, mais esquiva do que antes, uma fachada construída para conseguir suportar a ferroada de ver Yuri junto a Krista, sobretudo quando a notícia do compromisso de ambos se espalhou entre os vizinhos. Claudia pediu ajuda ao seu irmão Franz, já convertido em SS. Desde o desastre do verão de 1934, em que todos os cabecilhas das SA considerados inimigos de Hitler tinham sido detidos e executados, a posição de Franz naquele grupo de assalto defenestrado pelo partido nazi passara a ser uma das principais preocupações da mãe de Claudia, que dera início a uma cruzada em todos os escalões ao seu alcance para conseguir que Franz fosse admitido nas *Schutzstaffel*, ou SS, os esquadrões de proteção que o *Führer* cada vez tinha em mais alta estima e cujo poder havia sido consideravelmente ampliado em todos os âmbitos.

O próprio Ulrich ajudou Franz a redigir o seu *lebenslauf*, o currículo necessário para o pedido de entrada. Numa folha manuscrita de ambos os lados, Franz foi desfiando em letra fina e insegura as razões por que as SS o deviam aceitar nas suas fileiras. Após vários meses de pareceres e entrevistas, a perseverança de Erika Kahler, somada a uma genealogia perfeita, conseguiu fazer com que Franz Kahler passasse a fazer parte das SS.

– Temos de impedir esse casamento seja de que maneira for – disse Claudia ao irmão numa das suas visitas. Falava com raiva, ciente de que era o único instrumento de que dispunha para canalizar a sua frustração.

– Nada me agradaria mais, irmãzinha. Aquela mulher dá comigo em doido; conquistá-la-ia, se não fosse por andar encantada por esse estrangeiro. A grande estúpida não sabe o que perde; se me tivesse escolhido a mim... – replicou ele, muito cheio de si.

– Não! Não é ela que perde! Será que não te dás conta, Franz?

– Aproximou-se e bateu-lhe com o indicador no peito a cada palavra proferida. – Perdes tu e perde a Alemanha! Aquela mulher não pode emparelhar-se com esse tal Yuri Santacruz... Não deve fazê-lo. É alemã, uma ariana pura que deve dar filhos ao Terceiro Reich. – Claudia conhecia muito bem o discurso adequado para promover o seu plano perante o irmão. – A pureza da nossa raça está acima de tudo, até do que ela possa considerar amor. Admitiríamos porventura que se casasse com um judeu? E vamos permitir que se case com um estrangeiro? As leis estão do nosso lado. Faz o que tiveres de fazer para evitar que essa mulher se deite a perder com um não ariano.

Franz meditou nas suas palavras. Krista continuava a atraí-lo; era como um potro descontrolado, e a ideia de a domar excitava-o.

– Posso mandar prender esse cretino – sugeriu. – Podia arranjar maneira de o expulsarem do país. Temos bases legais para isso.

– Que nem te passe pela cabeça. Não queremos problemas com a embaixada espanhola. Além disso, quem te garante que ela não vai a correr atrás dele como uma cadela no cio? – A Claudia, pouco lhe importavam os conflitos diplomáticos. O que tinha bem claro era que não queria Yuri longe, mas sim separado de Krista. – Ouve bem, Franz, tu queres essa mulher. Luta por ela, tem de ser tua. Tens direito a isso.

– Diz-me de uma vez o que andas a tramar. Se puder, não duvides de que o farei.

– Não quero que o Yuri Santacruz se vá embora – disse ela em voz baixa, como se os seus pensamentos lhe deslizassem dos lábios. – O que quero é que a Krista Metzger case contigo. Compreendes?

– Compreendo, irmãzinha... Compreendo perfeitamente.

Claudia assentiu, um pouco mais tranquila. Pensava neles dia e noite, espiava-os quando saíam e quando entravam, imaginava-os

alguns metros acima, abraçados, a partilhar a vida. Às vezes, acordava sobressaltada quando, nos seus sonhos, tentava alcançá-lo e, estando prestes a fazê-lo, ele se afastava cada vez mais até que desaparecia e ela se precipitava num profundo e negro abismo.

Aquela segunda gravidez foi muito mais fácil de suportar do que a do pequeno Hans; permitiu-lhe fazer uma vida normal, assistir a reuniões, atender a associações a que estava ligada, ir a sumptuosas festas de braço dado com o marido. Podia parecer que era poderosa, dona do mundo, mas na realidade tratava-se de um mundo vazio, pois não tinha o homem que amava.

Em finais de abril de 1937, Claudia daria à luz uma encantadora menina, loura, de pele alva e olhos claros, igual a ela quando nasceu, nas palavras da feliz avó materna.

Puseram-lhe o nome de Jenell.

A intromissão do Estado na vida diária dos cidadãos tornava-se cada vez mais asfixiante e, apesar disso, a maioria da população aceitava-a quase sem protestar, com a justificação de que as coisas corriam bem: havia trabalho, paz social e a instabilidade política tinha desaparecido, ainda que sob um comando único como forma de equilibrar as forças. Hitler autoproclamara-se *Führer* da Alemanha com poder absoluto, com uma autoridade inexpugnável, considerado um ser infalível que adotava pessoalmente as decisões mais transcendentais do governo.

A ideia de que os alemães desleais pudessem fazer eclodir uma revolução espontânea capaz de expulsar definitivamente os nazis do poder transformou-se com o tempo numa quimera inalcançável. A maquinaria do medo era muito eficaz e reprimia qualquer reclamação ou revolta. Não obstante, algumas brechas quase invisíveis demonstravam que, apesar do aparente olhar para o outro lado, havia infiltrações de informação secreta, desde o aviso anónimo recebido por alguém que estava prestes a ser detido, a fim de lhe dar tempo para fugir, às numerosas rotas secretas que percorriam o país, muitas delas utilizadas por Yuri, mediante instruções de Villanueva, para retirar da Alemanha pessoas,

dinheiro, notícias e documentação sensível. Estas fissuras eram do conhecimento de Himmler, o diretor da guarda negra das SS, que, preocupado com a segurança e obcecado por fulminar qualquer tipo de dissidente, adotou medidas para fortalecer e proteger as estruturas do Estado. Abriram-se mais campos de concentração e o tratamento dos presos piorou de forma considerável, desenvolveu-se a arte da espionagem, promoveu-se a delação entre a população leal, criou-se um corpo de guardas que vigiava os edifícios e as entradas, aumentaram as sentenças condenatórias à pena de morte, com métodos tão brutais como a decapitação, baseadas em acusações ridículas e infundadas.

Krista pertencia a esse grupo de desleais silenciosos que tentava dinamitar com ações discretas a consistência de muitas das normas que iam saindo, rebelando-se ante determinados limites que ultrapassavam o mais privado do ser humano, como quando foi criado um imposto sobre o solteirismo para os arianos e outro para os casais sem descendência; uma forma de penalizar o que era considerado um egoísmo mórbido da parte dos homens e mulheres que se mantinham solteiros ou que, uma vez casados, se recusavam a ter filhos. Para o Reich, essa atitude implicava um absoluto desprezo pela solidariedade da pátria. Esse tipo de coisa irritava Krista.

– Querem impor-nos até os filhos que devemos ter – dizia ela, lendo o jornal que a mãe lhe tinha passado. – Surpreende-me o ponto a que chegámos e aquilo que os alemães têm vindo a aceitar.

– A ti, em todo o caso, multar-te-ão por seres solteira – acrescentou a mãe de Krista enquanto lhe servia um café.

– Quero casar, mãe, mas está a tornar-se uma missão impossível – bufou ela. – Tudo são entraves.

– Não conseguirás nada enquanto insistires em não tratares do *Ahnenpass*.

– Não preciso de demonstrar a minha ascendência ariana.

– Precisas, sim – respondeu a mãe. – Gostes ou não, Krista, as leis são as leis, e se não tiveres esse passaporte, além de não

poderes casar, acabarás por perder o teu emprego – acrescentou taxativamente, baixando o tom de voz.

– Tudo isto me parece insuportável. – Ergueu os olhos para o alto.

– Baixa a voz.

– Baixo a voz? – repetiu Krista com veemência, ignorando o aviso da mãe. – Desde quando estamos assim? Em que momento nos roubaram a liberdade de falar na nossa própria casa?

A mãe fitava-a com uma expressão alarmada.

– Krista, por amor de Deus, baixa a voz. – Levantou-se, inquieta, e dirigiu-se ao outro lado da sala para pôr uma almofada em cima do telefone; em seguida, voltou para a mesa. – Diz-se que ouvem tudo através do telefone – sussurrou a senhora Metzger, uma vez sentada –, mesmo que esteja desligado. Temos de ser prudentes, filha, não quero problemas.

– É tudo tão grotesco – acrescentou Krista, furiosa com a atitude da mãe.

Durante alguns segundos, não disse nada, o maxilar tenso, como se se estivesse a controlar. Subitamente, levantou-se e dirigiu-se à gaveta de um *chifonier*; tirou uma caixa de latão e levou-a para a mesa para mostrar à sua mãe. No seu interior havia uma dúzia de insígnias de carácter nazi.

– Podes explicar-me porque tens este lixo?

As faces da mãe coraram, envergonhada como uma criança apanhada em falta; deu uma rápida olhadela às insígnias de diferentes formas, apesar de terem todas a suástica.

– São donativos – murmurou.

– Fazes donativos para sustentar esta loucura, mãe? – Krista não conseguia conter a indignação.

O olhar da mãe refletia a humilhação sentida.

– Há murmúrios sobre ti na vizinhança, sobre a tua intenção de casar com um estrangeiro, sabem que não pertences ao partido, que não estás de acordo com Hitler... – Abanou a cabeça. – E há muitos que não o perdoam...

– E tu, mãe? Perdoas-me?

A mãe arqueou as sobrancelhas, com um semblante melancólico, como se subitamente se sentisse muito cansada.

– És minha filha, não tenho de te perdoar nada. Mas essas insígnias na minha lapela permitem-me andar mais segura na rua, que as pessoas me cumprimentem, evitar o mau gosto de que me virem a cara ou não queiram atender-me numa loja e me olhem como a uma empestada. Para evitar tudo isso, não tenho outro remédio senão usar essas insígnias.

Krista ficou atónita ao ouvir as palavras da mãe.

– Mamã... Não sabia... Porque não me disseste?

– O que haveria eu de te dizer? Que as pessoas falam? És minha filha, e se tenho de fazer donativos para que as bocas se calem, então faço-os, nem que seja ao próprio diabo. – Dirigiu o olhar para as insígnias amontoadas no interior da caixa e fechou bruscamente a tampa, como se a sua visão lhe fizesse mal à vista. – Não suportaria que te acontecesse algo.

Krista sentiu que o sofrimento da mãe se lhe penetrava na consciência como uma flecha de aço. Desde a sua detenção, vivia em constante estado de alerta, sempre receosa por ela, inquieta de cada vez que saía de casa e até que regressava, mal dormia e notavam-se as olheiras. Angustiava-a ver como se tinham ido apagando o vigor e a fortaleza de ânimo que sempre a haviam caracterizado, nem mesmo a perda do seu pai lhe tinha causado tanta mocha como aquela estranha situação em que a Alemanha vivia.

Tentou mostrar-lhe a ternura que brotava no seu interior e o arrependimento pelo ataque. Estendeu o braço e apertou-lhe a mão com um sorriso.

– Não te preocupes, mamã, tenho muito cuidado. Mas tu... Lamento que estejas a passar por tudo isto. É tudo culpa minha.

– Não, filha, não quero que te culpes. A verdade é que é cada vez mais difícil ficar à margem. Encurralam-nos, Krista... E não podemos escapar.

De olhos baixos, como se lhe fosse mostrar algo mau, levou a mão a um bolso e tirou um papel com um selo oficial; vacilou por um instante e estendeu-lho.

– Chegou há dois dias... – A voz da mãe quebrou. – Não sei o que fazer...

Krista leu-o:

«De acordo com a lei das pensões de viuvez, pede-se que responda às perguntas que se seguem de forma detalhada e de acordo com a verdade...»

Em seguida, desenrolava-se uma longa lista de perguntas, na sua maioria capciosas e partidaristas.

– O que é isto? – perguntou ela, atónita.

– É, como vês, um inquérito a que tenho de responder.

Ao fim do questionário, como culminar da fiada de perguntas, havia um texto em que se dava como certo o apoio da inquirida ao governo do Terceiro Reich, além de prestar a sua absoluta lealdade ao *Führer*, Adolf Hitler.

– Pensas responder? Não podes entrar no jogo deles...

– Se não o fizer, tiram-me a pensão. E ficaremos as duas em perigo.

Krista sentiu que o coração se lhe partia ao ver a mãe naquela situação. A raiva queimava-a por dentro. Custava-lhe encaixar aquele golpe baixo.

– É tudo tão aberrante...

Beijou-lhe a mão e acariciou com ela a sua própria face, brindando a mãe com um sorriso, com o qual conseguiu esvaecer a amargura do seu rosto. Dobrou o papel e devolveu-lho.

– Se quiseres, ajudo-te a responder.

A senhora Metzger esboçou um sorriso entristecido enquanto guardava o papel no bolso. Em seguida, empurrou o prato com o bolo que estava em cima da mesa.

– Come alguma coisa, filha, que estás muito magra.

Serviu-lhe um prato com uma fatia. Krista levou-a à boca com uma expressão de desagrado enquanto mastigava.

– Sinto tanto a falta dos bolos da Lilli Rothman.

Nesse momento, entrou Sarah com outra cafeteira fumegante, que pôs em cima da mesa.

– A propósito – disse prudentemente a criada, como que a pedir autorização para falar. – A Ernestine Rothman regressou. Vi-a esta

manhã bem cedo, a sair sozinha e com muita pressa. Engordou muito, e deve ter tido um bebê, pois ouvia-se o choro de uma criança na casa.

A senhora Metzger olhou para a filha.

– Não lhe digas nada, Krista, imploro-te, deixa estar. Não vale a pena.

– Tens razão, mãe. – Esboçou um sorriso. – Não vale a pena.

Desde a sua passagem pelos calabouços da Gestapo, Krista vivia num constante estado de nervos, não podia evitar estremecer sempre que o telefone tocava ou recebia no seu consultório uma carta do ministério. Tudo em seu redor era opressivo, de um temor e um alerta perpétuos, e o único que lhe dava ar para respirar era Yuri.

Quando o carteiro lhe entregou o telegrama enviado pela sua irmã Katia, Yuri intuiu que trazia más notícias. O seu pai morrera, mas não da doença que o tinha vindo a consumir nos últimos anos e sim destroçado por uma bomba. Não morreu sozinho, fê-lo junto à velha Sveta. A dificuldade em andar de Miguel Santacruz tinha-os impedido de sair do apartamento a tempo de descerem para o refúgio. Foram atingidos em cheio por uma bomba lançada por *Junkers* alemães, que há meses atuavam como reforço e apoio ao exército sublevado, o mesmo que era defendido pela maioria dos seus colegas de trabalho na embaixada, capitaneados pelo embaixador Agramonte.

Leu várias vezes aquele pedaço de papel, duas frases que pareciam entrecortadas, portadoras do lutuoso anúncio: as duas mortes e uma concisa causa para elas. Uma catarata de impulsos contraditórios inundou-o de repente. A culpa que, ao longo de todos aqueles anos de desapego, tinha tentado evitar abateu-se a pique sobre a sua consciência. Sentiu uma forte pressão no peito, a emoção desenfreada. Sentiu que sufocava. Virou-se para olhar para a fotografia da mãe e do irmão; a sua imagem desfocada foi desvirtuada por um choro amargo, e Yuri deixou-se cair na poltrona, apoiou os cotovelos nos joelhos, enterrou a cabeça nas mãos,

respirando em golfadas. Mil perguntas sem resposta tombavam da sua consciência, acumuladas durante anos de silêncio, perguntas que ficariam para sempre por resolver.

Ao fim de algum tempo, recuperada a calma, olhou em redor como se estivesse num sítio estranho. Devia ter estado lá, murmurou; se tivesse estado com ele, não teria adoecido; se tivesse estado ao seu lado, poderia tê-lo salvado. Devia ter estado lá, repetia como um mantra, sussurrando por entre os dentes cerrados. Finalmente, limpou as lágrimas e ligou a Villanueva para lhe dar a notícia.

– Lamento muito, Yuri. É algo que podia acontecer. – Calou-se por alguns instantes. – Não estarás a pensar em viajar para Madrid, pois não? – Mal esperou por uma resposta, pensando em apresentar argumentos para o convencer do contrário. – Há meses que a cidade está sitiada pelas tropas de Franco.

– Já devia ter ido há muito... – interrompeu-o ele, com os lábios colados ao auricular.

– Yuri, o teu pai foi um bom homem. Agarra-te a isso. Já não podes fazer nada por ele.

Yuri fechou os olhos e atirou a cabeça para trás num gesto de dor, como se estivesse a quebrar por dentro.

– Sinto-me um miserável... – Parecia exausto. – Sou um miserável... Devia ter estado lá.

– Culpares-te agora não vai servir de nada. – Villanueva esperava ansiosamente uma resposta do outro lado do auricular. Nessa manhã, estava mais nervoso do que o habitual, a Gestapo andava a acossar alguns dos trabalhadores dos seus espaços, tinha havido detenções e Volker demonstrara-lhe a sua preocupação. – Yuri, Yuri... – O seu tom revelava uma mistura de impaciência e inquietação. – Escuta: há já muito tempo que o teu pai estava doente, falámos nisso muitas vezes. Talvez possa parecer-te duro aquilo que te vou dizer, mas acho que foi o melhor que lhe podia ter acontecido; as consequências daquela doença são demolidoras, para o próprio e para os que o rodeiam.

– Para mim não. Nunca estive ao seu lado. Afastei-me do meu pai e responsabilizei-o por tudo.

Fez-se um silêncio expectante. Villanueva resfolegou.

– Acho que chegou o momento de saberes a verdadeira razão por que o teu pai não quis voltar a saber nada da tua mãe nem da Rússia.

Nesse instante, tocaram à campainha.

– O que quer dizer com isso, Erich? O que sabe do meu pai?

– Explicar-te-ei tudo quando vieres.

Villanueva desligou e ele ficou imóvel, o auricular colado à orelha, numa espera sem sentido até que a campainha, insistente, voltou a tocar, acompanhada por duas batidas urgentes na madeira.

Yuri pousou finalmente o auricular, respirou fundo e dirigiu-se à porta.

– Bons dias, camarada Yuri Mijáilovich.

Haviam passado quatro anos desde o primeiro e único encontro de ambos. A memória que Yuri guardava de Vadim Sokolov ficou distorcida pelo homem que tinha à frente, mais magro, com o rosto algo mais afilado, vestido com um fato de flanela barato, camisa de colarinho coçado e um chapéu impregnado de manchas de suor. Nada a ver com o elegante *smoking* que exibia na festa dos Von Schönberg em março de 1933.

– Apanho-te em má altura, camarada? – perguntou o russo, ante o espanto de Yuri.

– Acabo de receber más notícias de Espanha...

Sokolov levou a mão à aba do chapéu, empurrando-o ligeiramente para trás, para depois o voltar a pôr no mesmo sítio. Arqueou as sobrancelhas antes de falar.

– Correm maus tempos para Espanha e para os espanhóis. – Ante o silêncio e a inação de Yuri, Sokolov fez um gesto na direção do interior. – Posso?

Yuri deixou-o entrar e fechou a porta. Ficou parado a observar o russo, que, a passos lentos, entrou no salão das águas-furtadas, observando tudo em seu redor com curiosidade e sem nenhum comentário. Virou-se e assentiu, com uma expressão satisfeita.

– Tens uma casa confortável e muito quente, camarada. Felicito-te.

– Obrigado, Sokolov. Diga-me porque veio, por favor. Tem alguma notícia da minha mãe?

– Dela não – respondeu ele, com um sorriso malévolo –, mas do teu irmão sim.

Yuri aproximou-se dele, com uma ânsia esperançosa refletida no rosto.

– Kolia! Sabe algo dele? O que descobriu?

– Tudo a seu tempo, camarada, tudo a seu tempo.

A Yuri, irritava-o que Vadim Sokolov o tratasse por «camarada», e incomodava-o sobretudo o tratamento por tu como tática bolchevique de uma intimidade forçada que escondia um dos muitos métodos de subjugação; ainda assim, nada disse. O russo virou-lhe as costas e continuou a inspecionar descaradamente a intimidade de Yuri, chegando mesmo a espreitar para o quarto. Yuri supôs que estivesse a verificar que não se encontrava mais ninguém em casa. Sokolov dirigiu-se ao rádio que estava em cima da cómoda, premiu o botão e a voz de Brigitte Horney a entoar «So oder so ist das Leben» envolveu tudo. Virou-se para ele, sorridente.

– Assim ninguém poderá ouvir-nos.

Em seguida, avançou até ficar mesmo à sua frente, com um olhar mordaz e inquisitivo. O seu hálito tresandava a álcool.

– Pergunto-me porque não foste a Moscovo quando te convidaram.

– Não me pareceu que aquilo fosse um convite, mas sim uma ordem.

– E as ordens cumprem-se – sentenciou o russo.

– Não estou a soldo da Lubianka, não tenho nenhuma obrigação para com eles nem para consigo.

Sokolov insistiu na mesma linha.

– Há alguma razão convincente para não teres feito essa viagem?

– Porque teria de lhe dar explicações? – respondeu Yuri, soltando uma risada desconfortável.

– Porque te convém fazê-lo? – sugeriu o russo, com os olhos a faiscar de malícia. – A tua mãe, o teu irmão... São razões de peso para ti?

O riso de Yuri gelou-lhe nos lábios. Por alguns segundos, hesitou na resposta. Finalmente, decidiu dizer a verdade.

– Sinceramente, desconfiava.

Sokolov olhou-o fixamente, recriminando-o pela sua atitude.

– Não devias fazê-lo. Se o que queres é saber o destino da tua família, não terás outro remédio a não ser confiar em mim.

– O que sabe deles? – voltou Yuri a perguntar.

Sokolov franziu os lábios num esgar e assentiu.

– Foi muito difícil obter a informação.

– Quanto quer? Disse-lhe que pagaria o que fosse preciso.

– E eu disse-te que não era uma questão de dinheiro.

– O que quer de mim?

– É fácil. Informação em troca de informação.

– Não sei que tipo de informação lhe poderia eu dar.

– Camarada Yuri Mijáilovich, não te subestimes. Trabalhas na embaixada de Espanha e, como bem sabes, o embaixador tomou partido pelo exército sublevado de Franco, fazendo pontes com os nazis e dando-lhes todo o tipo de facilidades para matar espanhóis como o teu pai.

– Como sabe que o meu pai morreu? – perguntou Yuri, sem acreditar no que tinha ouvido.

Com um sorriso matreiro, Sokolov abriu as mãos, como que a mostrar algo evidente.

– Más notícias de Espanha... – repetiu lentamente, com um esgar irónico. – É fácil de deduzir. Não é preciso ser-se muito inteligente para isso. – Mudou de expressão, um pouco mais tranquilo, procurando argumentos com que convencer. – Camarada Yuri Mijáilovich, julgo não estar enganado ao considerar-te um homem íntegro, e duvido que estejas de acordo com a forma como esse embaixador que traiu a República e o governo que o nomeou permite agora que os nazis utilizem a guerra de Espanha como banco de ensaios para o seu próprio armamento. Surpreende que Espanha entre com o conflito, o dinheiro, o território e as vítimas... Há que reconhecer que os nazis sabem usar os seus trunfos. Para Hitler, a guerra de Espanha veio mesmo a calhar. Diz-me, camarada, o que pensas tu de tudo isto?

– Aprendi há muito tempo a não me meter em políticas, nem nazis nem bolcheviques.

– Estamos todos metidos na política, não podemos evitá-la; as leis que ordenam a nossa vida, as normas que organizam a convivência, a justiça que nos ampara, cada passo que damos é sob os auspícios da política. Não podes ficar de braços cruzados enquanto os *Junkers* nazis matam a tua família em Espanha, ou será que te importam menos os de lá do que os da Rússia?

– Desculpe, mas esse é um assunto que não lhe diz respeito.

Yuri sentia-se magoado porque aquele homem tinha razão, acertara em cheio nos seus mais profundos receios: tanto tempo dedicado a procurar os que haviam ficado na Rússia e, no entanto, tanto abandono aos que deixara em Espanha, a quem dedicara uma única visita de apenas alguns dias, além de umas poucas cartas. Agora, já não tinha remédio. O seu pai morrera e já não havia hipótese de reparar o que há muito tempo devia ter sido resolvido.

– Façamos assim, camarada Yuri Mijáilovich: saca informações da embaixada e terás a oportunidade de te reencontrar com o teu irmão Kolia.

– E a minha mãe?

– Vamos por partes, camarada. O teu irmão vive em Moscovo. Tornou-se um homem forte do Partido Comunista e é muito bem visto. Vive com uma mulher, tem uma filha de cinco anos e, segundo me consta, teve há pouco um novo rebento. Mudou o apelido do teu pai, o seu nome é agora Nikolái Fiódorovich Smelov.

Yuri franziu o sobrolho, surpreendido.

– Porquê Smelov? Porquê o patronímico de Fiódorovich? O nome do meu pai era Miguel.

– Isso terás de lhe perguntar a ele.

– E a minha mãe? – insistiu Yuri.

– Por agora, é esta a informação que te ofereço. Chegou o momento de me dares algo em troca. É justo.

– Pretende realmente que espie na minha embaixada? – perguntou ele, sem conseguir acreditar.

– Quero que uses todos os teus sentidos e me informes de tudo o que lá se trama. É fácil, só tens de estar atento, saber com quem se encontra o embaixador e tentar obter informações sobre as conversas; as secretárias costumam ter muito boa memória quando um homem bem-parecido como tu sabe estimulá-las um pouco. Quando tiveres algo que nos possa interessar, farás um relatório e depositá-lo-ás no lugar e da forma que eu te indicar. Só isso. Poderás seguir com a tua vida, não te exigirá demasiado esforço, será inclusivamente mais fácil do que a tua colaboração nos negócios duvidosos do Erich Villanueva... – Fez uma pausa intencional. – Um tipo hábil... muito hábil.

Yuri fitava-o, absorto, de respiração suspensa enquanto o escutava. Soltou o ar retido nos pulmões, acompanhado por uma risada cética.

– Nunca fui espião. Não saberia por onde começar. Descobrir-me-iam num abrir e fechar de olhos.

– Camarada Yuri Mijáilovich, quando o que está em jogo é a vida, uma pessoa aguça o engenho.

– Isso parece-me uma ameaça.

– Não o leves tão a peito – disse-lhe ele em tom indolente. – Eu dou-te o que tu queres e, em troca, tu dás-me o que eu quero. Foi esse o acordo.

– E se eu recusar? E se não quiser entrar nesse jogo?

Sokolov abanou a cabeça em negação e fez estalar a língua antes de se aproximar mais do rosto de Yuri; o seu olhar sinistro fitava-o com más intenções.

– Já é tarde para isso. Há um trabalho prévio feito por mim. Não pretenderás que parta de mãos vazias, pois não? – Deliberadamente, Sokolov dirigiu o olhar para a fotografia que estava em cima da cómoda. Afastou-se de Yuri e pegou-lhe. – É surpreendente a semelhança entre o teu irmão Kolia e o filho da vizinha do segundo andar, a senhora Von Schönberg. – Virou-se para ele com um esgar irónico. – Tendo em conta que o Kolia está a milhares de quilómetros... E seguindo as leis da genética, qualquer um poderia pensar que o pequeno Hans é teu filho.

Yuri dirigiu-se a ele e arrancou-lhe a foto das mãos. Sokolov continuou com o seu ataque frontal, ciente de que o estava a atingir em plena linha de flutuação e de que faltava muito pouco para lhe afundar o espírito.

– Não sei o que pensará de tudo isto essa encantadora alemã com quem pretendes casar. Krista, é esse o nome dela, não é verdade?

– Deixe-a fora disto.

– Isso depende de ti, camarada.

Yuri respirou fundo, apertou os lábios para conter a raiva e aquiesceu.

– Farei o que puder na embaixada. Não me comprometo a nada mais.

Sokolov riu-se com malícia, satisfeito por ter conseguido atingir o alvo.

– Terás de te esmerar, camarada, depende de ti a vida de muitas pessoas.

– Você é um canalha.

– Receberás notícias de como e onde deixar a informação. – Virando-lhe as costas, Sokolov dirigiu-se à porta a passos lentos. – Não fales disto a ninguém, nem ao Villanueva, nem à tua prometida, estarias a pô-los desnecessariamente em perigo. – Ergueu a mão para fazer calar Yuri, que pretendia replicar-lhe. – Ah, e se me permites, vou dar-te um conselho de camarada para camarada: tem cuidado com a mãe dos teus filhos... Não é de fiar... Há já muito tempo que vigia os teus movimentos, e mais grave ainda, os da Krista. – Fez estalar a língua num gesto ladino. – Uma mulher ciumenta pode ser formidável, e a Claudia Kahler está também rodeada de homens muito poderosos.

Yuri não soube o que dizer, as palavras entaladas no seu pensamento.

– E lembra-te, a Rússia cobra sempre os seus favores, nem que seja com a vida... Não a tua, mas as daqueles que mais te importam. Nunca te esqueças disso.

Saiu e fechou a porta, deixando Yuri mergulhado num marasmo de sentimentos. Olhou para a fotografia da mãe e do irmão. Fixou-

se em Kolia. O pequeno Hans von Schönberg tinha três anos, tal como Kolia na foto... Os mesmos olhos cor de âmbar, tão singulares e enigmáticos, o mesmo cabelo escuro e encaracolado, os mesmos lábios carnudos... O mesmo sorriso infantil.

Abalado, pôs a fotografia no lugar.

Mal o russo partiu, Yuri vestiu-se e, sem passar por casa da senhora Metzger, saiu para a rua com destino à embaixada. Quando entrou no gabinete de Villanueva, este levantou-se, dirigiu-se a ele e, com o rosto alterado, deu-lhe um abraço. Yuri deixou-se levar, pois aquele consolo temperava o sofrimento.

Desfeito o abraço, Villanueva conduziu-o pelo cotovelo a uma das cadeiras em frente à secretária e sentou-se na outra. Soltou um longo suspiro, com o rosto sério.

– Villanueva... Peço-lhe, por favor, diga-me porque foi que o meu pai renunciou à minha mãe... O que aconteceu naquela viagem que ele fez à Rússia?

A sua voz quebrada fez estremecer Villanueva. Fitou-o longamente, ponderando que palavras usar para tentar não feri-lo demasiado.

– O teu pai foi preso assim que pisou solo russo. Estavam à sua espera... Estava obcecado por tirar a tua mãe daquele maldito país, começava a dar em doido, amava-a como nunca vi ninguém amar uma mulher... – Villanueva observava Yuri, desolado, ciente de como ia sofrer com as suas palavras, mas ciente também de que já não o podia evitar. – Tinha andado a tentar contactar aquele seu amigo, o Smelov, mas foi tudo em vão. Até que um dia decidiu aventurar-se utilizando o passaporte diplomático, um erro, um grave erro... Passou o tempo todo enclausurado numa cela, até que lhe entregaram uma carta manuscrita e assinada pela tua mãe. – Susteve-lhe o olhar. Yuri permanecia em silêncio, implorando pelas suas palavras. – Nessa carta, a tua mãe dizia-lhe que estava bem, que não o ia acompanhar, que tudo tinha sido um plano urdido desde o início para o obrigar a sair da Rússia, a afastar-se

dela. Afirmava que jamais renunciaria à sua pátria. Suplicava-lhe que não voltasse a procurá-la, pois prejudicá-la-ia ao fazê-lo.

– Mas isso é impossível. A minha mãe queria sair da Rússia, queria fazê-lo...

Villanueva hesitou em continuar, mas entendeu que Yuri tinha direito a saber.

– Yuri, a tua mãe tinha deixado de amar o teu pai; na carta, confessava-lhe que há já muito tempo que era outro o homem que ocupava o seu coração...

– Quem? Quem era esse homem?

– Piotr Smelov.

– O Petia... – Sussurrou o nome do médico, do melhor amigo do pai; o homem que o tinha trazido ao mundo e curado todas as suas enfermidades era o amante da sua mãe. As palavras saíram-lhe aos tropeções. – Não pode ser... Não é possível...

– Depois disso, libertaram-no e regressou a Berlim, absolutamente desolado, quebrado de dor.

Yuri sentiu uma explosão, uma maré cuja forte corrente o arrastava para o fundo de um mar negro e profundo. Lembrava-se claramente do pai depois daquela maldita viagem, ao descer sozinho daquele táxi, o olhar perdido, o rosto abatido.

– É mentira... Uma mentira grosseira... – Falava sem ar nos pulmões, sentindo o palpitar desenfreado do seu coração.

– Eu mesmo pude ler essa carta antes de o teu pai a lançar ao fogo. Ele mesmo me confirmou que era a sua letra e a sua assinatura... Depois, fez-me jurar que não vos diria nada, queria que mantivésseis intacta a imagem da vossa mãe tal como a recordáveis. Pensou que era o melhor, já tínheis sofrido muito. De certa forma, conseguiu o seu objetivo. A memória da tua mãe manteve-se incólume para ti.

O peso daquelas palavras pareceu-lhe insuportável. Sentiu-se ferido, dilacerado por dentro. Tinha enaltecido a mãe e agora toda essa imagem adorada se desintegrava na sua consciência, rasgada em mil pedaços. Tinha desprezado o pai, culpando-o por todos os males, acusando-o de um esquecimento que era, na realidade, uma outra forma de amor para com ela e o seu filho.

– Lamento deveras, Yuri.

Villanueva ofereceu-lhe um cigarro, mas ele nem sequer se mexeu, absorto nos seus pensamentos. Erich acendeu o seu, aspirou uma baforada e soltou o fumo muito devagar, dando-lhe tempo para assimilar tudo aquilo.

Finalmente, Yuri ergueu o olhar. Compreendeu que tinha de se encontrar com o irmão. O pai já não estava presente para poder falar com ele e desvendar os erros do passado, mas Sokolov oferecia-lhe a oportunidade de ver Kolia e esclarecer o que realmente tinha acontecido naquela estação e nos dias posteriores à sua partida. Era a única pessoa que podia esclarecer todo aquele maldito imbróglio em que o seu passado se debatia.

– Sei que o Kolia está vivo – disse simplesmente.

– Como sabes?

– Recebi um bilhete do Sokolov – mentiu Yuri. Não queria que soubesse que o tinha visto.

– Este é um mau momento para te aproximares dos russos. A guerra não está a correr conforme o previsto para Franco. Madrid resiste graças à ajuda que os republicanos receberam de Estaline. O embaixador acredita que todos os depósitos de ouro do Banco de Espanha acabaram nos cofres de Moscovo. Caso seja certo, o exército de Franco tem um problema. Estaline não vai deixar passar a oportunidade de tirar partido desta guerra.

– E Hitler, o que diz?

– A Alemanha reconhece o governo de Franco como o único legítimo. Era de esperar. Desde o verão que lhe envia tropas e armas. Estamos num momento delicado, a balança pode pender para qualquer dos lados, consoante as forças que chegam do exterior. A guerra de Espanha tornou-se uma competição entre Hitler e Estaline. Há meses que este edifício parece um anexo do Ministério da Defesa do *Führer*. Há muita tensão e ninguém aqui entenderia que tivesses encontros com russos, e muito menos que pensasses em ir à Rússia. Para ser sincero, deixar-me-ias em grandes apuros. Afasta-te do Sokolov, para teu bem e para o de todos.

Naturalmente, Yuri não lhe disse uma só palavra sobre a chantagem envenenada que Sokolov lhe havia deixado. Temia as represálias, temia sobretudo por Krista, e até por Villanueva. Caíra na armadilha e não ia ser fácil sair dela, pelo que decidira fazer o que Sokolov lhe pedia, tentando conseguir os seus próprios benefícios.

– Só me disse que vive em Moscovo – observou, tirando importância ao assunto – e que se faz chamar Kolia Fiódorovich Smelov – acrescentou, esboçando um amargo sorriso sarcástico. – Smelov, pois claro...

Villanueva soltou uma gargalhada zombeteira.

– Imagino que a tua mãe se tenha encarregado de o mudar imediatamente. Tem a sua lógica. Pensa que, na União Soviética, passou a ser um ato criminoso ser-se familiar de um estrangeiro, e ser filho de um implica no mínimo dez anos num dos campos de prisioneiros para onde enviam os inimigos do povo, do outro lado dos Urais, na Sibéria.

– Erich, gostaria de prestar a minha colaboração na embaixada a favor dos nacionalistas. Não quero que seja imposto um governo bolchevique em Espanha, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que assim não seja.

Villanueva fitou-o por alguns segundos. Arqueou as sobrelanceiras e assentiu com satisfação.

– Compreendo perfeitamente o que sentes e considero que é uma decisão acertada. A tua ajuda pode ser muito útil. És o único de confiança que sabe russo, pelo que o teu contributo será bem-vindo. Comunicarei a tua decisão ao embaixador, estou certo de que irá ficar satisfeito.

Durante meses, Yuri foi passando informações aos soviéticos sobre os pactos e acordos realizados na embaixada. As coisas tinham sido muito mais fáceis do que poderia ter imaginado. O novo embaixador, Antonio Magaz (um aristocrata e marinheiro militar nomeado por Franco, que se tinha já autoproclamado generalíssimo com comando único sobre todo o território nacional),

e também o adido para as relações externas depositavam nele confiança suficiente para ter conhecimento de encontros, conversas, tomadas de decisões e acordos entre ambos os governos, o de Hitler e o de Franco, com a possibilidade de aceder aos pareceres que saíam dessas mesmas reuniões.

Sokolov deu-lhe instruções muito precisas de onde tinha de deixar os envelopes com a informação. O lugar escolhido era o Cemitério dos Inválidos. A referência, o túmulo de Marga von Etzdorf, a primeira mulher a voar sozinha da Europa ao Japão e um símbolo da obsessão alemã pela técnica, que se suicidara quatro anos antes. Perto dele, junto a um carvalho centenário, havia um pequeno túmulo com o nome gravado de Anita Wolf, morta um século antes com apenas três anos. Na parte de baixo da pedra existia uma fissura, e era aí que devia deixar os seus relatórios. Sempre que o fizesse, pintaria um único traço a giz no rebordo superior da lápide. Se alguma vez encontrasse desenhada uma marca em forma de xis, deveria afastar-se sem deixar nada, pois era o sinal de que o local estava a ser vigiado.

Em todo aquele tempo, Yuri nunca tinha visto o xis. Ia ao cemitério cerca de uma vez por mês, geralmente ao entardecer, aparentando passear placidamente entre os túmulos.

A Sokolov, voltou a vê-lo um ano depois. Este simulou um encontro ao acaso na rua, chocou contra ele como se fosse distraído, mas não o cumprimentou e fingiu não o conhecer, pedindo desculpas e seguindo caminho. Yuri também não fez qualquer menção de estabelecer contacto com ele. Surpreendido, continuou a andar e, ao enfiar a mão no bolso do seu sobretudo, sentiu algo. Sem tirar a mão, manteve a calma até chegar a casa. Uma vez fechada a porta à chave, verificou que se tratava de um envelope que não tinha destinatário nem remetente. No seu interior estava uma carta de Kolia manuscrita em russo. Abriu a folha dobrada e observou a caligrafia, os traços redondos e espaçados; estremeceu ao recordar a paciência que a sua mãe esbanjava ao ensinar Kolia a escrever corretamente. O bilhete era frio e breve, tão conciso que parecia tê-lo escrito obrigado. Expressava a sua alegria por saber que estava bem e dava-lhe a entender que tinha

conhecimento de tudo o que fazia em prol do interesse geral da União Soviética. Quando acabou de ler a última palavra de despedida, Yuri virou a folha ao contrário. A página estava em branco, devolvia-lhe de novo o mutismo sobre a sua mãe, nem uma menção a ela, nenhum interesse pelo pai e pela irmã, apenas cinco linhas a elogiar o seu «trabalho». Invadiu-o uma profunda decepção, um amargo vazio.

Não obstante, continuou com as investigações secretas na embaixada. Com o passar dos meses, a balança da guerra foi pendendo para o lado dos sublevados. Villanueva sentia-se muito satisfeito por se ter posicionado do lado dos vencedores.

Princípio da transfusão

Regra geral, a propaganda atua sempre a partir de um substrato pré-existente, seja uma mitologia nacional ou um complexo de ódios e preconceitos tradicionais; trata-se de difundir argumentos que se possam enraizar em atitudes primitivas.

Princípios da propaganda de JOSEPH GOEBBELS

Os desejos de Krista de se converter em esposa de Yuri Santacruz viam-se uma e outra vez adiados pelos entraves burocráticos com que se deparava. Uma das funcionárias do registo civil tinha-lhe mesmo chegado a confessar que havia ordens estritas para não lhe emitirem a documentação necessária à celebração do enlace. Pouco podiam fazer ante tal impedimento administrativo, mas o que não lhes podiam proibir era que continuassem juntos com um amor inquebrantável.

O trabalho na clínica absorvia-lhe muito tempo e o pouco que lhe restava era dedicado às visitas clandestinas às suas pacientes judias. Yuri não estava de acordo, pois temia por ela, mas Krista era teimosa e sentia-se confiante ao estar sob a proteção da

doutora Anna Hotzfeld. Apesar do ambiente cada vez mais contaminado que se vivia na Alemanha, das tensões sofridas no trabalho e dos obstáculos ao exercício da sua profissão pelo mero facto de ser mulher, Krista considerava-se profundamente afortunada por estar ao lado de um homem como Yuri e sentia que cada dia o amava mais.

No dia 9 desse mês de novembro de 1938, Krista fazia vinte e nove anos. Há já algum tempo que Yuri a andava a ensinar a falar russo; ela gostava de aprender, parecia-lhe divertido, e revelava bastante facilidade em assimilá-lo. Tinha-lhe oferecido uma edição especial de *Anna Karénina* na língua materna de Tolstói e um dicionário de russo, a fim de poder consolidar a aprendizagem. E para celebrar o aniversário, queria convidá-la para jantar num dos restaurantes mais sofisticados da cidade, situado na Kurfürstendamm. Vestira o seu melhor fato; pôs a gravata diante do espelho, pegou no chapéu e desceu ao terceiro andar. Nesse preciso instante, viu o casal Bauer a sair de casa, acompanhado pela filha Eva e pelos seus cinco filhos. Saudaram-se cordialmente.

– Vamos ao cinema – disse a mais nova das meninas, muito contente, agarrada à mão do avô. – E depois a avó vai comprar-me um gelado.

Yuri esboçou um sorriso amável à menina. Nesse momento, Krista abriu a porta.

– Espera, vou buscar a bolsa.

Voltou a enfiar-se no interior enquanto Yuri, espreitando para o vão das escadas, via a família Bauer descer para a rua. Os miúdos mais velhos corriam escadas abaixo com vigor, enquanto os dois idosos desciam lentamente, degrau a degrau, com a atenta companhia da filha Eva adaptada aos seus passos e aos da menina, que não largava a mão do avô.

– Estou pronta – anunciou Krista nas suas costas.

Yuri virou-se e observou-a dos pés à cabeça com admiração.

– Estás linda.

Ela ergueu a mão direita e mostrou-lhe o pulso.

– Olha o que a minha mãe me ofereceu. É uma leontina de ouro que pertencia ao meu pai; converteu-a em pulseira para mim.

– É encantadora – disse ele, admirando a joia. Em seguida, sorriu-lhe com cumplicidade. – Isto deixa o meu presente muito mal visto.

Krista ia para responder quando um alarido de vozes e latidos os interrompeu, proveniente do vestíbulo. Alarmados, desceram apressadamente as escadas e, ao sair para a rua, depararam-se com Eva Bauer de joelhos junto ao pai maltratado e caído por terra, os netos em torno da avó, que tentava protegê-los, abalada, de olhos postos no marido; viram os rostos assustados dos Bauer e a presença onnipresente de Ulrich von Schönberg junto a Claudia, ao seu irmão Franz – surpreendentemente vestido à paisana, uma vez que não era costume separar-se do seu elegante uniforme – e a um homem das SS com um *dobermann* que puxava violentamente a trela, ladrando furiosamente ao idoso.

– O que aconteceu? – perguntou Krista, ao sair para a rua.

Ulrich von Schönberg fitou-a com desprezo e, sem responder, passou ao seu lado, tão perto que ela teve de se desviar para que ele não a abalroasse. Krista, ignorando-o, dirigiu-se imediatamente ao senhor Bauer para o ajudar.

Yuri viu como Franz a observava. Há já algum tempo que sabia por ela que a andava a cortejar, mas Krista tinha-lhe pedido que não interviesse para não piorar as coisas. Estava convencida de que um confronto lhes causaria problemas a eles e não a Franz, e garantiu-lhe que podia controlar a situação sozinha, sem necessidade de que ele interviesse em seu auxílio como um herói de conto de fadas.

Yuri cruzou-se com Ulrich, ao qual se seguiram Franz, que lhe lançou um olhar mal-intencionado, e Claudia, que parou diante dele apenas por um instante, de olhos fixos um no outro até que ela desviou o olhar e entrou no vestíbulo atrás do marido e do irmão.

O SS com o cão afastou-se até ficar junto ao veículo oficial estacionado. Os latidos continuavam, numa evidente ameaça.

– Canalhas, são uns canalhas miseráveis – murmurava Eva Bauer, com a cabeça do pai deitada no regaço, numa mistura de impotência e raiva.

O senhor Bauer estava consciente, embora se queixasse de muitas dores. Ao sair para a rua, a família havia-se deparado com Ulrich von Schönberg e o senhor Bauer tinha-lhe dedicado um distraído «boas tardes». Então, Ulrich e Franz, num movimento aparentemente orquestrado, ergueram o braço e bradaram um *Heil Hitler!* quase em uníssono. O idoso nem sequer olhou para eles, dedicando toda a sua atenção ao que a pequena neta lhe contava. Ulrich von Schönberg tinha-lhe exigido a saudação nazi, mas o idoso repetiu um conciso e amável «boas tardes». Então, sem dizer nada, Ulrich desferiu-lhe uma violenta bofetada que o fez cambalear, agarrado apenas pelo débil braço da menina de cinco anos, até cair ao chão.

– Acho que partiu a anca – disse Krista. – Temos de chamar uma ambulância.

Esperaram que a assistência chegasse e levasse o senhor Bauer para o hospital, deixando a família absolutamente desolada.

Ainda que com um forte amargo de boca, Yuri e Krista subiram para o carro e foram jantar. Era quarta-feira, as lojas da rua já tinham fechado quando saíram do local. O porteiro da entrada avisou-os para terem cuidado, pois há já algum tempo que estava a haver distúrbios nos arredores.

– O que se passa? – Krista olhava para a rua cheia de gente a partir vidros de lojas, outra vez com palavras de ordem contra os judeus.

– Não sei bem – respondeu o homem –, algo que aconteceu em Paris há alguns dias e exacerbou a *judenkoller*.

– E o que têm as lojas dos judeus a ver com isso?

– Algo terão a ver, digo eu. Quando as pessoas reagem assim, será porque têm razão. Já se sabe, os judeus são sempre culpados.

Yuri e Krista entreolharam-se com preocupação. Dois dias antes, um judeu polaco de dezassete anos tinha alvejado um secretário do embaixador. A razão oficial para a agressão era, segundo o que foi divulgado, o desespero do rapaz face à situação que os seus pais viviam, presos há semanas na fronteira entre a Alemanha e a Polónia; no entanto, corriam rumores de que se

tratava de um crime passional devido a uma possível relação entre os dois homens. Em todo o caso, as consequências foram nefastas: Ernst vom Rath tinha morrido nessa mesma manhã e a cólera antijudaica atizada pelos nazis mais radicais parecia ter organizado um ato de vingança em grande escala.

O casal subiu para o carro e pôs-se em movimento, evitando a turba que esmurrava portas de lojas, partia os vidros das montras à pedrada e atirava com os artigos para a rua, lançando-se depois à pilhagem uma nuvem de aproveitadores de todas as índoles e idades – homens, mulheres, jovens, velhos, dos mais humildes aos mais abastados – com a mesma ânsia com que um faminto se bate por uma fatia de pão. Uma vez saqueados os artigos das lojas, os atacantes lançavam tochas acesas e ensopadas em gasolina para o interior dos espaços, o que estava a causar incêndios ao longo de toda a rua, onde havia ainda muitas lojas e grandes armazéns geridos por judeus. Os atacantes deixavam intactas as lojas arianas. Era muito fácil, uma vez que há já muito tempo que todos os judeus proprietários de negócios tinham a obrigação legal de pôr um anúncio na fachada dos seus espaços a identificá-los como tal, sendo igualmente inscritos como judeus nos seus passaportes ou em qualquer documento administrativo público ou privado. Sinalizados para serem identificados. Os ataques eram, pois, precisos e seletivos.

Quando o automóvel chegou perto do prédio pertencente à senhora Metzger, Krista viu o inquilino da sua mãe, o senhor Ross, a tentar impedir que uma dúzia de homens (a maioria com o uniforme pardo, mas também os havia com trajes de rua) saqueasse a sua loja. A Ross & Company tinha-se convertido numa das lojas mais elegantes de Berlim; a aristocracia e os mais endinheirados da cidade não faltavam ao compromisso para que o elegante Ross lhes confeccionasse fatos à moda de um corte perfeito, sempre utilizando tecidos da melhor qualidade, camisas de feitura impecável e as últimas tendências numa exclusiva seleção de gravatas e laços. Viúvo desde há muitos anos, sem filhos, Gustav Ross era de baixa estatura, muito magro, sempre elegante no vestir, distinto, educado, culto e muito sofisticado; ao longo dos

anos, tinha adquirido uma reputação louvável que atraía para a sua loja muitos dos hierarcas do partido nazi, e sobretudo muitos comandantes das SS, para que lhes confeccionasse os seus trajes de rua.

– Para! – gritou Krista ao ver o velho Ross esbracejar com um homem de uniforme pardo que o empurrava com violência. – Yuri, para o carro!

Yuri travou em seco e ela desceu precipitadamente, desatando a correr para o senhor Ross, que lutava com mais raiva do que força.

– Deixe-o em paz! – ordenou ela ao SA, ao mesmo tempo que se interpunha entre ambos; o alfaiate ficou atrás de Krista.

– Como se atreve a defender esse porco judeu? – repreendeu-a o homem fardado, com desprezo.

– É um homem decente! – salientou ela, indignada.

– É lixo! – replicou o SA.

Krista sentia nas suas costas o lamento do alfaiate, que se tinha agarrado ao seu braço como ponto de apoio. Conseguia cheirar-lhe o medo.

O soldado pardo não estava disposto a deixar escapar a sua presa assim sem mais nem menos. Tentou afastar Krista agarrando-a pelo braço e puxando-a.

– Vá para sua casa!

– Solte-a imediatamente! – O grito de Yuri atraiu a atenção do oficial.

O homem soltou-a, furioso.

– Defender este lixo tem as suas consequências e põe-vos ao mesmo nível dele.

Yuri não queria entrar numa diatribe com aquele tipo, pelo que, assim que se assegurou de que Krista estava livre, instou-os a irem para o carro.

– A minha loja, a minha loja... – choramingava o alfaiate, agarrado ao braço de Krista, acobardado e trémulo. – É tudo o que tenho...

Os vidros rangiam debaixo dos seus pés. Já estavam perto do carro quando, sem aviso prévio, Yuri recebeu um forte empurrão e,

ao virar-se, um soco que o atirou ao chão e o deixou fora de combate por alguns instantes. A dor na boca era tão intensa que parecia que tinha um ferro em brasa cravado no rosto. No meio da sua dor, ouvia os gritos de Krista tentando libertar-se das mãos de dois homens que a arrastavam para uma camioneta. Yuri tentou levantar-se, mas levou um pontapé no estômago que o paralisou. Com a boca colada ao chão frio, viu o forcejar de Krista, que se retorcia com todas as suas forças. Um dos homens esbofeteou-a com tal fúria que a obrigou a dobrar o corpo e, nesse momento, subiram-na para a caixa do caminhão, onde havia já mais uns quantos à espera do encarceramento. Yuri retorceu-se no chão até se levantar; cambaleante, dirigiu-se ao caminhão. Foi então que viu Franz Kahler, vestido com as mesmas roupas civis que usava há algumas horas, a conversar com os que guardavam os detidos. Fez-lhes um sinal autoritário e um dos homens indicou a Krista que descesse. Ela fê-lo, ajudada pela mão de Franz, que depois a conduziu a Yuri.

– Leva-a daqui! – ordenou Franz com azedume. – Não devíeis meter-vos nestes assuntos.

Krista ignorou os dois homens e correu para o local onde estava o senhor Ross; eles, entretanto, sustiveram o olhar um do outro, como numa silenciosa luta de galos.

Franz, desafiante e provocador, colocou o indicador muito perto do rosto de Yuri, apontando-lho, os olhos carregados de um profundo desprezo.

– Não és homem suficiente para a proteger como deve ser.

Ferido na sua honra, Yuri empurrou-o, fora de si.

– Afasta-te dela, estás a ouvir? – gritou. – É mulher de mais para ti. Não está ao teu alcance.

Krista apercebeu-se da discussão e foi separá-los.

– Basta! – Agarrou no braço de Yuri para que recuasse naquele absurdo duelo. – Por favor, já chega. Vamos embora, Yuri, por favor.

Nenhum dos dois homens desviava o olhar, enfrentados um ao outro, sem dar sinais de ceder, enquanto Krista puxava o braço do namorado, instando-o a partir.

– Afasta-te dela – repetiu Yuri, o dedo erguido a imitar o do adversário.

Só então cedeu no seu desafio, apesar da réplica de Franz.

– Vou acabar contigo, seu russo de merda, vou expulsar-te do meu país. Já temos demasiado lixo como tu.

Krista conseguiu finalmente que Yuri lhe virasse as costas, e chegaram ao carro; o alfaiate já estava instalado no banco de trás. Entraram em silêncio e Yuri arrancou, pisando suavemente o acelerador. Havia muita gente na estrada, obstáculos que tinha de contornar. Só quando se afastaram do local é que Krista explodiu, encolerizada.

– Enlouqueceste? Como te passa pela cabeça enfrentá-lo? Podia ter-te prendido!

– Ainda vou ter de agradecer a esse maldito nazi, queres ver? – replicou ele com aspereza.

– Esse maldito nazi tem poder suficiente para acabar contigo e comigo...

– Esse maldito nazi insultou a minha hombridade e eu não lho permito.

– Bem! – exclamou ela com sarcasmo. – Quer dizer então que se trata de fanfarronadas entre machos.

– Preferes que me deixe pisar como um lixo qualquer? Ninguém vai pôr em causa que posso proteger-te.

– Não preciso que ninguém me proteja, Yuri, posso fazê-lo sozinha.

Ele estreitou os lábios e manteve-se em silêncio. Continuava furioso por dentro. Doíam-lhe muito mais as ofensas vertidas por Franz do que a ferida no lábio. Entretanto, o carro avançava pela avenida, esquivando-se aos arruaceiros, até que ele explodiu de raiva.

– Mas que tipo de bárbaros são os alemães? – Falava como se, através das palavras, cuspsse a dor daquele infame atropelo. – Como pode isto acontecer num país que se gaba de ter os melhores músicos, os maiores cientistas, os escritores mais lidos e reconhecidos? Barbárie em vez de cultura. Santo Deus... Que país!

– Será melhor Espanha com a sua guerra brutal? – protestou Krista, ofendida pelo ataque inesperado. – Ou a Rússia, talvez, com a sua revolução e as suas purgas? Julgas-te tu, russo e espanhol, melhor do que os alemães?

O choro lamurioso do senhor Ross fê-los calar-se, como uma voz da consciência a avisá-los para não caírem na armadilha daquela insensatez.

Envolveu-os um silêncio desconfortável. Yuri sentia-se irritado e dolorido. Krista deu-se conta de que ele tinha o lábio a sangrar, pegou num lenço e estendeu-lho. Ele pegou-lhe e fitou-a por um instante antes de o encostar ao lábio ferido.

– Desculpa, Krista – pediu finalmente, em tom dócil.

Ela não respondeu. Do outro lado da janela, vários exaltados empoleirados na montra da loja de música Weill destruíam os pianos expostos, uns *Bechstein* que deviam custar uma fortuna. Observou-os, impotente ante uma profanação tão inútil, com os soluços do senhor Ross em pano de fundo. Também ela tinha o corpo dorido, o seu belo vestido havia-se rasgado, perdera um sapato e, ao tocar no pulso, deu-se conta de que lhe faltava algo.

– A minha pulseira... Perdi a leontina de ouro do meu pai...

Só então desatou a chorar com profunda tristeza.

Fizeram o resto do caminho em silêncio. A escuridão da noite via-se salpicada pelo fulgor de incêndios, aspergidos em todas as direções como um maldito hissopo nas mãos de um perverso deus selvagem. Partiram do princípio de que não tinha sido apenas na Kurfürstendamm; a barbárie e o vandalismo haviam-se espalhado por toda a cidade. Ao chegarem à sua rua, um numeroso grupo de pessoas mantinha-se postado junto à porta.

Krista, surpreendida, desceu do carro e dirigiu-se à multidão. Ia descalça, despenteada, com manchas à volta dos olhos, de onde o rímel tinha escorrido devido às lágrimas.

As pessoas gritavam palavras de ordem contra os judeus. Krista não entendia nada. Nervosa, abrindo caminho por entre aquela turba, entrou no edifício e começou a subir, olhando para cima pelo

vão da escadaria. Viu algumas cabeças a espreitar. No segundo andar, Claudia e Ernestine cochichavam. Calaram-se ao vê-la e Ernestine chegou-se para o lado. Claudia, porém, enfrentou-a.

– Diz à tua mãe que tem de expulsar essa família. Põe-nos a todos em perigo. Não queremos judeus no prédio. Entendido?

Krista tinha parado apenas um segundo, sem entender nada, atônita ante a veemência de Claudia; respondeu com silenciosa indolência àquela atitude desafiadora. Contornou-a e continuou a correr em direção à casa da mãe. Bateu insistentemente à porta e Sarah abriu-lha com uma expressão de susto e o sobretudo vestido.

– Sarah! O que fazes tu aqui? – perguntou Krista, surpreendida ao vê-la em sua casa àquelas horas, mas não esperou pela resposta. – Onde está a minha mãe?

– Estão todos no salão.

Ao entrar na divisão, deparou-se com a mãe junto à janela, atenta ao que sucedia na rua; mas não estava sozinha, como esperava. Espalhados pelos cadeirões, uma mulher desconhecida e cinco adolescentes fitavam-na com o terror estampado nos rostos.

Sem compreender nada, Krista dirigiu-se à mãe, que a fitou, assustada.

– Mas, filha... O que te aconteceu?

– Nada, mãe, depois explico. Conta-me o que se passou.

– É a família da Sarah, vieram refugiar-se aqui. Aquela Ernestine dos diabos viu-os chegar e deu o alarme para os expulsarem. – Aproximou-se dela e baixou o tom. – Levaram o pai da Sarah, incendiaram-lhes a casa, perderam tudo. – Encolheu os ombros, olhando para a filha. – Que outra coisa podia eu fazer? Há algum tempo, veio cá acima essa tal Claudia, feita uma fera, dizer-me que tenho de os tirar de casa. – Com um ar pesaroso, contemplou a família desalojada. – Como posso mandá-los embora? Não têm nenhum sítio para onde ir...

– Agiste bem. Nós não somos como eles.

Entretanto, Yuri subia lentamente as escadas, ajustando a sua subida à do senhor Ross, a quem levava seguro pelo braço. Ao ver

Claudia, abrandou o passo sem deixar de a fitar. Gustav Ross seguiu o seu árduo caminho sem sequer reparar nela, agarrado ao corrimão ao ficar livre do aperto de Yuri, que se tinha plantado diante dela com desafiadora gravidade. Claudia reparou no seu lábio inchado e estremeceu como se aquela ferida lhe doesse. Ergueu a mão para o seu rosto, mas ele afastou-a com uma brusca palmada.

– Nem penses em tocar-me. – Falava em voz baixa, mas rugidora, como se cuspiasse veneno com as suas palavras. – Estarás satisfeita com as malfeitorias dos teus. Parabéns. Já podem descansar e trocar palmadinhas nas costas por esta brilhante noite de trabalho.

– Yuri, eu... – balbuciou ela, abalada, à beira do choro.

– Cala-te, Claudia – interrompeu-a Yuri, imprimindo ao seu olhar tanto desprezo que a magoou como se lhe tivesse dado um murro no queixo. – Não digas nada...

Virou-lhe as costas e recomeçou a subir para alcançar Gustav Ross. Quando os dois homens entraram no salão, a viúva assustou-se ao ver o aspeto que traziam.

Krista observava a cena.

– Meu Deus... – murmurou, desolada. – O que vamos fazer?

Nos dias seguintes, aperceberam-se da magnitude dos acontecimentos ocorridos, a que a imprensa deu o nome de «noite dos vidros partidos», *Kristallnacht*, por as ruas da cidade terem ficado cheias deles. Por todo o país, incluindo a Áustria (que tinha sido incorporada no Terceiro Reich em março desse ano), foram incendiadas e destruídas milhares de sinagogas, calcinando livros sagrados e de oração, bíblias, arquivos, imagens e mobiliário; destruíram e pilharam a grande maioria das lojas e dos estabelecimentos que pertenciam ou ainda eram dirigidos por judeus, saquearam consultórios médicos, escritórios de advogados e de qualquer profissional que fosse judeu.

O senhor Ross teve de arcar com todos os prejuízos da loja, pois a seguradora recusou-se a assumir os gastos. Podia tê-los

processado, mas os advogados a quem o sugeriu recusaram-se a tratar-lhe do caso. Através da única organização judaica permitida pelo Reich, preparou a sua partida para a Palestina e, em pouco menos de dois meses, gastando quase toda a sua fortuna a pagar prejuízos, impostos e taxas (teve até de pagar pelos seus próprios pertences, que pretendia levar), abandonou para sempre o país onde tinha nascido, a sua nação, a terra que cobria os restos mortais da adorada esposa, miseravelmente expulso do seu seio. Subiu para o comboio com os olhos marejados de lágrimas, sem compreender, sem entender o sentido de tudo aquilo.

O senhor Bauer faleceu poucos dias após o funesto episódio com Ulrich von Schönberg, vítima das complicações resultantes da fratura da anca e da sua idade avançada.

Sarah e a família ficaram com a senhora Metzger. Como Claudia advertira, a viúva teve muitas dificuldades por acolher os sete judeus em sua casa. Recusaram-lhe a entrada em várias lojas do bairro, gritavam-lhe todo o tipo de impropérios e insultos na rua. Viviam num temor opressivo. Uma semana depois dessa noite, um homem tocou à campainha do terceiro andar.

– Bons dias, senhora, gostaria de falar com *frau* Stein.

– Não vive aqui nenhuma senhora Stein – respondeu a viúva, fazendo ao mesmo tempo menção de fechar a porta, mas o homem tinha estendido o pé e impediu-a.

– Sou funcionário – disse ele, em voz muito baixa. – Trabalho para a polícia criminal e trago-lhe notícias de *herr* Stein.

Antes que Theresa Metzger pudesse reagir, apareceu Regina, a mãe de Sarah.

– O que sabe do meu marido? – perguntou, ansiosa.

– Deixe-me entrar e eu explico tudo. Corro um risco ao vir vê-la.

– Ante a hesitação das duas mulheres, insistiu. – Garanto-lhe que a minha única intenção é ajudar o seu marido.

Regina Stein fez um sinal à viúva, mas esta não cedeu.

– Diga o que sabe e parta – instou-o ela.

O homem estava inquieto, parecia nervoso, olhando constantemente por cima do ombro.

– Devem dar-me a vossa palavra de honra em como vão guardar segredo de tudo o que dissermos aqui. O que estou a fazer pode sair-me muito caro.

As duas mulheres entreolharam-se.

– Tem a minha palavra de honra – afirmou Regina.

O homem olhou para a senhora Metzger, instando-a a fazer o mesmo.

– Onde está o senhor Stein? – perguntou a viúva, sem responder à sua exigência. Não confiava nele.

– Está na prisão de Tegel – confessou o homem, por fim. – Acusado por uma denúncia feita por um colega de trabalho. Conheço o tipo, fê-lo por vingança.

Regina Stein ficou atónita. Há três anos que o marido fazia trabalhos de limpeza nos esgotos. Era o único que lhe tinham oferecido depois de ter sido expulso da companhia de elétricos.

– Quer vingar-se de quê? – perguntou ela, horrorizada. – Quem é?

– Pelos vistos, o seu marido tirou-lhe o cargo quando já era praticamente dele.

– Está a brincar comigo? O meu marido trabalha na limpeza dos esgotos.

– Não se trata desse trabalho, mas sim do anterior. De quando era motorista de elétrico.

Regina recordou a dura competição que o marido tinha travado com outros dois candidatos para conseguir o volante, e fizera-o na mais justa das lides.

– Mas isso foi há mais de oito anos... – acrescentou, desolada.

– *Frau* Stein, a vingança é um prato que se serve frio. O facto é que, devido ao meu cargo, pude aceder à denúncia, tenho-a aqui. – Enfiou a mão no bolso do casaco. – Não posso mostrar-lha, já estou a arriscar bastante; se conhecesse os pormenores da denúncia, poderia agir depois contra o denunciante, e eles ligariam as pontas soltas e acusar-me-iam de revelar informação confidencial.

– O que pretende, então?

A senhora Metzger observava aquele homem de aspeto medíocre, magro, de cabelo ralo, vestido com um velho fato preto, mal engomado e algo coçado que lhe ficava curto nas mangas e nas pernas. Os olhos pequenos e claros, o rosto anguloso, os lábios finos e muito pálidos; tudo nele fazia lembrar um corvo.

– Temos de agir com rapidez – disse ele, em tom áspero. – Tenho duas opções: posso devolver esta denúncia ao arquivo e deixar que siga o seu curso, que pode ter como resultado o seu marido passar os próximos dez anos na prisão, ou posso fazê-la desaparecer... Se não houver denúncia, não há caso...

– Está a pedir-lhe dinheiro? – perguntou a viúva, ao aperceber-se do estratagema. Tinha ouvido Yuri dizer que estavam a ocorrer chantagens desse tipo: extorquiam os atemorizados judeus fazendo-se passar por funcionários, com argúcias para lhes arrancar dinheiro, joias ou qualquer coisa de valor.

– Estou a correr um risco, senhoras, mereço uma recompensa em troca.

– Eu não tenho dinheiro... – murmurou Regina.

– A mim não me engana, *frau* Stein – censurou-a ele, cada vez mais arisco. – Sei que esteve no banco.

Nessa mesma manhã, bem cedo, a viúva acompanhara Regina ao banco para levantar quinhentos marcos que tinham em poupanças, a fim de iniciar os procedimentos que lhes permitiriam sair do país. Pretendiam partir para o sul de Inglaterra, onde vivia uma prima de Regina que havia abandonado a Alemanha com toda a família na primavera de 1933. Aquele homem pretendia aproveitar-se da vulnerabilidade em que se encontravam.

– Você é um miserável – repreendeu-o a senhora Metzger, indignada.

– O que me diz? – perguntou ele à mãe de Sarah, ignorando o insulto.

Regina estava atemorizada. Entrou em casa. A viúva foi atrás dela.

– Não o faça, Regina, é um embuste, não servirá de nada.

– E se for verdade? – Abriu a bolsa e tirou o envelope com o dinheiro. – E se ele puder fazer desaparecer a denúncia...? Tenho

de acreditar nele, senhora Metzger, tenho de o fazer. Trata-se do meu marido, o pai dos meus filhos... O que faríamos sem ele...?

Regina Stein entregou-lhe o dinheiro. Com a avareza estampada no rosto, o funcionário guardou-o no bolso. Sem dizer nada, deu meia-volta e precipitou-se escadas abaixo. As duas mulheres ficaram a observá-lo até que desapareceu de vista.

Não voltaram a ter notícias daquele falso funcionário. Em finais desse mês de novembro, graças à chamada telefónica de um homem que tinha partilhado cela com ele e acabava de sair em liberdade, souberam que o senhor Stein estava vivo: enviava-lhes cumprimentos. Isso serviu a Regina para acumular forças suficientes e iniciar os trâmites exigidos a qualquer judeu que pretendesse sair do país, uma tarefa árdua e complicada.

Em inícios de outubro, uma lei tinha anulado os passaportes dos judeus alemães, com a obrigação de os entregarem para serem validados pelas autoridades. Só eram emitidos de forma muito excecional e carimbados com a letra J. Os trâmites tornaram-se longos, fastidiosos e muito caros, pois para tudo era preciso pagar; apesar disso, todas as manhãs Regina se apresentava à porta da embaixada de Inglaterra. Não era a única; dezenas de judeus amontoavam-se à entrada da chancelaria com a sua mesma pretensão – serem recebidos e atendidos. Assim passou quase duas semanas. Todos os dias ia para fila, da madrugada ao entardecer; na primeira semana, não chegou sequer ao interior do edifício. Uma vez apresentado o documento que declarava a disponibilidade por parte da sua prima para cobrir por completo as necessidades da família Stein, aceite e selado pelo cônsul, Regina Stein viu-se em condições de iniciar os trâmites necessários para obter a autorização para sair da Alemanha, transferindo a sua espera para as filas diante da esquadra, para obter as certidões de bom comportamento, das Finanças, para pagar os impostos exigidos, da Alfândega, para obter a licença que lhe permitiria atravessar a fronteira com os seus poucos pertences... Passava o dia à intempérie, aguardando rigorosamente a sua vez junto a

centenas de judeus com as mesmas intenções que ela. Sarah continuava a tratar das tarefas domésticas, enquanto a senhora Metzger assumiu a educação dos irmãos mais novos, uma vez que, seis dias após a *Kristallnacht*, o Ministério da Educação havia expulsado todas as crianças judias das escolas públicas.

Regina contava ter tudo em ordem para quando o marido regressasse, pois tinha bem claro que não partiria sem ele. Assolava-os um profundo receio, não só pelo que podia acontecer ao senhor Stein, mas também porque eram constantemente publicadas novas leis que limitavam cada vez mais a capacidade de movimento dos judeus. Uma loucura capaz de esfrangalhar os nervos ao espírito mais temperado.

Numa gélida tarde em finais de janeiro, a campainha da viúva tocou. Ao abrir a porta, a visão impressionou-a tanto que demorou a reagir. O senhor Stein tinha-se convertido num homem quebrado. Perdera vários dentes, as suas mãos estavam destruídas e estropiadas, mal conseguia dar um passo, pois faltavam-lhe algumas unhas dos pés, o que tinha provocado feridas infetadas, e o seu abundante cabelo negro-azeviche tornara-se branco como a neve. Suplicou à esposa que não lhe perguntasse nada.

Só três dias depois é que a família apanhou um comboio com destino a Bremerhaven, onde embarcariam num navio que os levaria a Inglaterra.

Após as altercações produzidas na noite de 9 para 10 de novembro, a embaixada espanhola fazia eco da opinião do lado de Franco, elogiando a lógica ira dos alemães, aos quais, segundo a imprensa simpatizante, se tinha esgotado a paciência para a conspiração judaico-maçónica que se estendia pelo mundo. Deste modo, dava-se razão à expulsão dos judeus da Península Ibérica cinco séculos antes.

A partida da família Stein permitiu que a senhora Metzger e também Krista recuperassem alguma tranquilidade, pois a pressão dos vizinhos para que se desfizessem deles tinha-se revelado asfixiante.

Um mês depois, em fevereiro desse ano de 1939, Yuri recebeu uma surpreendente visita de Sokolov. Esperava-o escondido nas sombras do patamar das águas-furtadas. Ao vê-lo, Yuri sobressaltou-se, mas nenhum dos homens disse uma só palavra. Entraram na casa e, logo após fechar a porta, o russo falou com voz grossa.

– Há mais de três meses que não apareces no cemitério. Estão nervosos em Moscovo e, se eles se inquietam, sou eu que pago.

– A guerra está perdida – replicou Yuri. – Ou será que o camarada Estaline ainda não soube? Barcelona caiu e Madrid está prestes a fazê-lo. Os republicanos foram derrotados, de nada lhes serviu o auxílio da Rússia. – Abriu os lábios num sorriso zombeteiro. – De que quer que o informe, do regozijo que reina na embaixada?

– Consta-me que havia informações importantes que devias ter transmitido...

– Está a pedir-me contas? – perguntou Yuri, irritado. – Há anos que estou à espera de receber notícias da minha mãe e a única coisa que tenho são quatro linhas supostamente escritas pelo meu irmão a dizer-me como estou a fazer bem o *seu* trabalho. – Pôs muita ênfase na palavra *seu*, espetando-lhe ao mesmo tempo o dedo no peito com fúria. – Como sempre, a Rússia nunca cumpre, exceto as suas ameaças, dessas nunca se esquece...

– Camarada Yuri Mijáilovich...

– Pare de me chamar «camarada»! – ordenou ele, furibundo, sem erguer a voz. – Não sou seu camarada, nunca o serei.

Sokolov susteve-lhe o olhar. Depois assentiu.

– Tens razão, camarada, chegou a hora de receberes a recompensa pelo teu trabalho. – Levou a mão ao interior do casaco enquanto Yuri o fitava, receoso. Extraiu um envelope amarrotado e estendeu-lho.

– O que é isto? – perguntou Yuri, sem se mexer.

– Um visto de entrada na União Soviética, emitido e assinado pelo teu irmão.

Yuri pegou no envelope, abriu-o e retirou um papel dobrado ao meio. Desdobrou-o e leu-o. Era um documento oficial,

aparentemente autêntico, carimbado e com a rubrica clara e firme de Kolia Fiódorovich Smelov, a mesma que estava plasmada no único bilhete manuscrito que tinha dele. Reparou na data em que havia sido emitido.

– Este salvo-conduto é de há mais de dois anos – observou, contrariado.

Sokolov encolheu os ombros, transigente.

– A guerra de Espanha prolongou-se mais do que o esperado. Precisávamos de ti aqui.

O golpe atingiu-o tão de surpresa que Sokolov rodou pelo chão.

– Filho da puta! – rugiu Yuri, com o punho dorido.

Sokolov, com o rosto contraído, bateu o maxilar como que a recompô-lo. Levantou-se lentamente e postou-se diante dele sem perder a serenidade.

– Não consegui saber nada sobre a tua mãe. É como se a terra a tivesse engolido.

Yuri não soube o que dizer. O russo enfiou na cabeça um gorro de lã que tinha tirado do bolso.

– Tenho de ir – acrescentou, com uma profunda preocupação no seu tom sombrio. Fez menção de falar, mas apertou os lábios, como se tivesse mudado de ideias. Dirigiu-se à porta e parou por alguns segundos, de costas para Yuri, indeciso. Virou-se para ele sem soltar a maçaneta, como se quisesse assegurar-se da saída. A sua voz soou cavernosa. – Yuri Mijáilovich, já tens o que querias, cumpri a minha palavra, mas se me permites um conselho: não vás à Rússia... não sairás vivo de lá.

Abriu a porta e precipitou-se escadas abaixo. Quando Yuri reagiu, já era impossível segui-lo sem correr o risco de ser visto.

O mês de maio tinha começado chuvoso, frio e desagradável. Aquela manhã não era exceção, pelo que Krista não pôde evitar molhar os sapatos e as meias, apesar de ter apanhado o elétrico. Diante da porta do hospital, estavam estacionados dois veículos oficiais. Surpreendeu-a a abundância de homens das SS à entrada; pensou que talvez a esposa de algum alto funcionário tivesse tido

de recorrer à clínica com urgência. Dirigiu-se ao seu consultório. A sala de espera estava a abarrotar. Enquanto abotoava a bata branca, disse à enfermeira para mandar entrar a primeira paciente, mas antes que pudesse sair, o telefone que estava em cima da sua secretária tocou. Pegou no auricular e, do outro lado da linha, ouviu a voz da doutora Hotzfeld.

– Krista, vem ao meu gabinete, por favor.

– Bons dias, Anna. – Surpreendeu-a a ordem direta, algo pouco habitual na doutora Hotzfeld. – Tenho pacientes à espera...

– Agora, Krista! – cortou ela, em tom impaciente. – Tens de vir aqui já.

Krista desligou, preocupada. O tom era alarmante: tinha acontecido algo de grave, caso contrário jamais lhe passaria pela cabeça interrompê-la durante as consultas.

Deu novas instruções à enfermeira para que se desculpasse em seu nome ante quem esperava pela sua vez e subiu as escadas rumo ao gabinete de Anna Hotzfeld. Ao virar para o corredor, viu postados à porta dois homens das SS. Abrandou o passo, receosa, e respirou fundo. Ao chegar, um dos homens abriu-lhe a porta. No interior, além da médica sentada à sua secretária, viu o *Sturmbannführer* SS Ulrich von Schönberg, o marido de Claudia, sentado numa das cadeiras e vigiado por Franz Kahler, que se mantinha de pé ao seu lado, exibindo um elegante uniforme negro das SS.

Von Schönberg levantou-se assim que viu aparecer Krista, pôs-se em sentido e fez a saudação nazi. Franz fez o mesmo, de braço erguido, e declamou um *Heil* marcial.

Anna observava-a, o semblante muito sério.

Krista demorou alguns segundos a reagir antes de entrar no gabinete, erguer languidamente o braço e proferir um *Heil* sem força, desconfortável com a inesperada situação.

– Bons dias, doutora Metzger – disse-lhe Ulrich, com um sorriso amável. – Não são necessárias apresentações, por isso sente-se, por favor.

Aquele homem causava-lhe arrepios. Apesar do uniforme impecável, o seu rosto abalava-a, com aqueles olhos que pareciam

de gelo. Krista sentou-se lentamente, mantendo uma postura rígida. Ulrich sentou-se também, ficando diante dela.

– A doutora Hotzfeld tem estado a dizer-me maravilhas sobre si.

Krista olhava de soslaio para Anna, que tinha uma expressão tensa.

– Temos estado a avaliar o seu futuro. A sua projeção é magnífica.

Durante longos minutos, falou-lhe no seu processo, nos projetos do Reich para o melhoramento da medicina, da investigação. Krista não entendia nada. Olhava para a médica, mas o seu rosto devolvia-lhe apenas uma profunda preocupação.

– Se me permite, *herr Sturmbannführer* Von Schönberg – interrompeu ao fim de algum tempo, impaciente –, tenho pacientes à espera e que precisam da minha assistência. Peça-lhe que me diga o que quer de mim.

Ulrich estreitou os lábios, esboçou um sorriso forçado e assentiu com a cabeça.

– Tem toda a razão, vamos diretos ao assunto. Doutora Metzger, a Alemanha precisa do seu contributo num novo destino fora de Berlim.

– Mas eu trabalho aqui – argumentou Krista, tentando conferir serenidade às suas palavras. – Não me quero mudar. Tenho muitas pacientes e elas também precisam dos meus cuidados.

– Não tem de se preocupar com as suas pacientes. Já combinámos tudo com a doutora Hotzfeld. Ela irá dividir entre os seus colegas a atenção devida a todas elas.

– E se eu recusar? – perguntou Krista, desafiadora.

Ulrich von Schönberg lançou-lhe um olhar incisivo. Em seguida, olhou de soslaio para a médica com ar de quem estava a perder a paciência e, pela primeira vez, Anna Hotzfeld interveio na conversa.

– Krista, nesta profissão, temos de estar onde mais precisam de nós – afirmou, em tom frio. – Não depende da tua vontade esta decisão.

As duas mulheres fitaram-se por alguns instantes. Krista viu-lhe um laivo de tensão nos olhos.

– A sua entrada será imediata – acrescentou Ulrich, em jeito de sentença.

– Diga-me ao menos para onde me enviam.

– Lamento, *fräulein* Metzger, mas o seu destino é confidencial. Não poderá comunicar com ninguém nem receber nenhum tipo de carta ou chamada do exterior.

– E o que digo à minha mãe? Ela vai perguntar.

– Que estará fora uma temporada e que é tudo para bem do Terceiro Reich. Estou certo de que a sua mãe entenderá.

Levantou-se e pôs o chapéu na cabeça. Krista ergueu o rosto para o fitar, sem chegar a levantar-se, por medo de que as suas pernas não a sustivessem.

Parecia que ia sair, mas ficou parado a observá-la, como se estivesse a analisá-la.

– Que idade tem, *fräulein* Metzger?

– Vinte e nove – respondeu ela.

– Com a sua idade, já devia estar casada e rodeada de filhos...

– Franziu o sobrolho, condescendente. – Não adie por muito tempo, mas escolha bem, não se engane. – Dirigiu o olhar para Franz Kahler. – Segundo sei, há um cavalheiro alemão de muito boas famílias que anda há muito tempo a cortejá-la.

– *Herr Sturmbannführer*, não creio que os meus pretendentes lhe digam respeito.

– É uma mulher alemã, *fräulein* Metzger. – Aproximou-se dela como se lhe fosse fazer uma confidência. – Deixe-me dar-lhe um conselho: cumpra a sua obrigação de mulher e case com este rapaz. – Apontou ligeiramente com a cabeça na direção de Franz. – Imagine só, esposa de um oficial das SS; e com um futuro promissor, posso assegurar.

Krista teve de comprimir os lábios e de cerrar o maxilar para evitar cuspir a torrente de palavras que se lhe amontoavam na garganta.

– Pense nisso – insistiu Ulrich. – É uma grande oportunidade para si.

Ergueu o braço, bradando um *Heil*, saiu do gabinete e o eco dos seus passos retumbou pelo corredor. Após alguns segundos de

silêncio inquietante, Krista dirigiu-se à doutora Hotzfeld, mas Franz interrompeu-a com brusquidão.

– Lamento, Krista, não é permitido que fales com ela. Vamos a casa buscar as tuas coisas. Temos um longo caminho pela frente.

– Estou detida? – perguntou ela.

– Não, de todo. O Estado atribuiu-te um trabalho e deves realizá-lo. Todos temos deveres a cumprir. Não te preocupes, estarei sempre ao teu lado e procurarei que tudo esteja a teu gosto. Estarás de volta mais cedo do que esperas. Vamos buscar as tuas coisas. Está a fazer-se tarde.

A senhora Metzger ficou pasmada ao ver a filha regressar tão cedo na companhia de Franz Kahler e de um homem das SS.

Krista teve de fazer a mala na presença de ambos. A mãe ajudou-a, sem entender nada. Só lhe tinham dito que estaria fora algum tempo, mas que não estava detida, nisso Franz foi muito claro. A excessiva amabilidade vertida por Franz era tão surpreendente para Krista como para a sua mãe.

– Garanto-lhe, senhora Metzger, que é apenas uma mudança de destino.

– Então porque não posso saber para onde a levam? – insistiu a viúva.

– Não me é permitido revelar essa informação. Mas certificarme-ei de que a Krista é bem tratada. Confie em mim.

A jovem parou bruscamente ao ouvir aquelas últimas três palavras, como se lhe tivessem colado os pés ao solo.

– Confiar em ti? – repetiu com sarcasmo.

– Krista, peço-te – disse ele, com um ligeiro gesto na direção do SS que aguardava no corredor. – Não dificultes as coisas. Garanto-te que jamais permitiria que algum mal te acontecesse.

Mãe e filha fitavam-no entre o receio e a necessidade de se agarrarem a algo, nem que fosse entregando-se à mensagem de tranquilidade que ele lhes passava. Krista acabou de fazer a mala e fechou-a. Quando ia para lhe pegar, Franz aproximou-se à pressa para a ajudar.

– Consigo levá-la sozinha – atirou ela impetuosamente.
– Não duvido – replicou ele, olhando-a tão de perto que ela sentiu a calidez da sua respiração. – Ainda assim, levá-la-ei eu.

Sem deixar de a olhar nos olhos, pegou na asa da mala. Krista ofereceu alguns segundos de resistência, afrouxando depois o aperto e soltando-a.

– Temos de ir. – Franz afastou-se alguns passos. – Por favor, despede-te.

Krista virou-se para a mãe, que estava prestes a desatar a chorar.

– Vai correr tudo bem, estás a ouvir? Não me vai acontecer nada. Escrever-te-ei logo que possa.

As duas mulheres fundiram-se num longo abraço e Krista aproveitou para sussurrar ao ouvido da mãe o nome de Ulrich von Schönberg. Franz não ouviu, mas impacientou-se.

– Krista, por favor... – reclamou com insistência.

Ao soltar-se do abraço, Krista agarrou nos ombros da mãe, com a intenção de captar toda a sua atenção.

– Diz ao Yuri que o amo com toda a minha alma. – Não pôde evitar um choro emocionado. – Que voltarei logo que possa. Fá-lo-ás?

– E diga-lhe também que não tente procurá-la – acrescentou Franz, com uma desagradável frieza no rosto. – Qualquer coisa que fizesse poderia prejudicar-vos. – Parou por um instante, como se quisesse dar força às suas palavras. – Às duas.

Mãe e filha fitaram-no, mas a viúva voltou imediatamente os olhos para Krista.

– Claro que sim, filha. Eu digo-lhe. Cuida bem de ti, e come, que estás muito magra...

Teve de se calar, pois falhava-lhe a voz. Krista deu-lhe um beijo na testa.

Saiu precipitadamente de casa, seguida pelos dois homens. A mãe observou à janela. Ao sair para a rua, Krista ergueu o olhar e sorriu-lhe, levantando a mão, mas o seu gesto ficou petrificado ao avistar, na janela de baixo, o rosto de Claudia, que a observava através do vidro. As duas mulheres fitaram-se por alguns tensos

segundos, até que Krista desviou o olhar e entrou no carro. O som seco de cada uma das portas ecoou por toda a rua.

A viúva viu com aflição como o automóvel se afastava até dobrar a esquina. Sentiu uma opressão no peito que a impedia de chorar; afastou-se da janela, faltava-lhe o ar, arquejava, quase sem conseguir respirar, até que um grito dilacerante a libertou da angústia que a asfixiava. Chorou durante algum tempo, impotente, pois não tinha ninguém a quem recorrer. Nessa mesma manhã, Yuri saiu muito cedo para uma das suas viagens. Só regressaria no dia seguinte, e então, pensou, talvez fosse demasiado tarde.

Uma chuva torrencial acompanhou-os durante todo o caminho. As janelas de trás iam tapadas por um oleado negro e Krista só conseguia ver o exterior através do para-brisas, ainda que o excesso de chuva e o constante vaivém das varetas a deslizar de um lado para o outro sobre o vidro lhe dificultassem a visão. Junto ao condutor, ia sentado o outro SS; Franz ia atrás com Krista. Durante mais de três horas, percorreram uma estrada em direção a norte. A determinada altura, o automóvel desviou-se por uma via secundária, pela qual transitaram durante apenas alguns quilómetros. De vez em quando, Krista olhava para o relógio a fim de calcular o tempo e a distância. Ninguém disse nada em todo o trajeto. O carro reduziu a velocidade e virou à direita por uma estrada de terra que se embrenhava num espesso faial que parecia engoli-los à medida que avançavam. Circulavam muito devagar, esquivando-se aos buracos com um chocalhar que se repercutia no estômago de Krista. Ao fim de alguns minutos de marcha, avistou-se um muro de vários metros de altura com arame farpado na parte superior. O veículo dirigiu-se à porta de entrada, onde estavam postados vários guardas fardados, armados e segurando ferozes cães que puxavam com força as respetivas trelas ante a sua chegada. O condutor reduziu a velocidade e parou. Franz desceu e dirigiu-se ao grupo de guardas. Mostrou-lhes algo e conversaram durante alguns segundos. Krista assistia a tudo do banco de trás, dominada pela ansiedade. Nunca tinha estado em nenhum, mas

parecia tratar-se de um daqueles campos de trabalho em que tanto ouvira falar. Estremeceu ao pensar nisso.

– Onde estamos, Franz? – perguntou assim que ele se sentou de novo ao seu lado. – Para onde me trazeis?

– Acalma-te, Krista. Vais já ser informada de tudo.

O carro atravessou as grandes portas de ferro escancaradas e seguiu por um caminho, voltando depois a parar junto a um edifício de dois andares. Nesse momento, apareceu uma fila de cerca de vinte mulheres com vestidos às riscas brancas e azuis. A maioria usava um lenço na cabeça. Marchavam em dupla fila, vigiadas por outras três mulheres com uniformes cinzentos e um bastão na mão.

– Chegámos – disse Franz, tentando ser amável.

O SS que ia à frente desceu rapidamente do automóvel e abriu a porta a Krista. Demorou alguns segundos a reagir, tempo suficiente para Franz contornar o carro até ficar diante dela. Estendeu-lhe a mão; ela aceitou a ajuda e saiu finalmente do veículo. O SS cobriu-a com um guarda-chuva, enquanto o chapéu e o casaco do uniforme de Franz começavam a escurecer devido à água. Estava muito perto dele, do seu rosto risonho, com um ligeiro pestanejar devido às gotas que, de vez em quando, caíam da viseira do chapéu. Sentiu o cheiro a pano húmido do seu uniforme.

Krista seguiu Franz para o interior do posto de comando. Por toda a parte, estendiam-se bandeiras com a suástica e retratos de Hitler, como lembrança de que ele é o olho que tudo vê, o ouvido que tudo escuta e a mente que tudo decide.

Uma mulher esperava-os no vestíbulo.

– Krista, apresento-te *fräulein* Langefeld. É a supervisora do campo de Ravensbrück.

– Doutora Metzger, bem-vinda – disse friamente a supervisora.

– O que significa isto? – perguntou Krista, dirigindo-se a Franz.

– Acompanhe-me, por favor – instou-a a supervisora. – Vou mostrar-lhe o hospital.

Aquelas palavras tranquilizaram-na. Franz esboçou-lhe um sorriso confiante.

– Vai com ela. Há pacientes que precisam da tua atenção. Vemo-nos mais tarde.

O campo de Ravensbrück tinha sido aberto há poucas semanas e fora pensado para albergar apenas mulheres. Todos os dias chegavam camiões carregados de reclusas enviadas de outros campos ou prisões de todo o país: ciganas, prostitutas, seguidoras das Testemunhas de Jeová, mulheres sem emprego nem lar, as que eram consideradas dissidentes políticas pelo mero facto de terem contado alguma piada sobre Hitler ou de terem questionado alguma das medidas do Reich. Todas eram distribuídas pelos barracões recém-construídos.

Mal entrou no barracão do hospital, obrigaram-na a desfazer-se das suas roupas e entregaram-lhe um vestido às riscas igual ao das restantes reclusas. Estava limpo, mas o tecido era grosso e desconfortável. Deram-lhe também uma bata branca para usar no hospital. As enfermeiras e auxiliares usavam um avental por cima do vestido às riscas e todas cobriam a cabeça com um lenço. Deram-lhe também um a ela, e Krista começou a atender as pacientes que já estavam à espera.

Ao fim do dia, conduziram-na a um edifício ao lado da enfermaria. Tratava-se de um habitáculo bastante mais confortável do que os restantes barracões, com meia centena de camas individuais para as mulheres que trabalhavam nas cozinhas e na enfermaria.

Krista sentou-se na cama que lhe atribuíram. Estava exausta. Viu aproximar-se uma rapariga; arrastava os pés e olhava-a fixamente.

– Olá, *fräulein* Metzger – disse, parando à sua frente. – Não se lembra de mim?

Krista levantou-se lentamente, surpreendida. Não restava quase nada da jovem que a memória lhe devolia.

– Ilse... Mas o que fazes tu aqui?

– É o que todos os dias pergunto a mim mesma – respondeu ela, com um esgar de resignação.

Há cinco anos que não via a filha de Brenda, desde que se apresentara no seu consultório, com a angústia estampada no rosto, a pedir-lhe ajuda para se desfazer da criança que trazia no ventre. As olheiras provocadas pela preocupação com uma

gravidez indesejada tinham-se tornado mais negras e profundas, cinzeladas no seu rosto para sempre. Desaparecera a sua bela e volumosa cabeleira castanha, o cabelo rapado endurecia-lhe o rosto.

– Vai soar-te mal aquilo que te vou dizer, mas... – Krista encolheu os ombros, com um sorriso afetuosos e algo emocionado.

– Fico feliz por te ver.

– E a doutora, o que inventaram para que esteja aqui?

– Não sei muito bem... Dizem-me que não estou detida, mas trazem-me à força, vestem-me esta roupa e não me deixam voltar para casa. Não entendo nada...

– Não tente fazê-lo, doutora Metzger. Trata-se de estar no grupo dos perseguidos ou no dos perseguidores. Agora, está do lado dos perseguidos.

As duas mulheres calaram-se. Ilse sentou-se na cama, tirou um cigarro e estendeu-lho. Era um maço de tabaco muito caro. Krista sentou-se ao seu lado e pegou no cigarro.

– Pode-se arranjar disto aqui? – perguntou, surpreendida.

– Se soubermos a que porta bater, pode-se arranjar quase tudo.

Krista devolveu-lhe o cigarro.

– Não fumo, obrigada.

– Eu também não fumava; na verdade, há já algum tempo que faço coisas que jamais teria imaginado que poderia chegar a fazer.

– Acendeu o cigarro, aspirou o fumo e deixou-o sair pouco a pouco por entre os lábios. Ergueu o olhar e a sua expressão tornou-se pesadosa. – Krista, sei que a Ernestine a meteu em apuros por minha causa. Quero que saiba que eu não tive nada a ver com essa denúncia.

– Eu sei. Devia ter-te ajudado em vez de te deixar partir.

Ilse levou novamente o cigarro aos lábios.

– Além de si, a única pessoa a quem contei foi à Ernestine Rothman... Foi ela que me deu o contacto para que abortasse. O meu grande erro foi confiar nessa rapariga. É um demónio... Desde que falei com ela, a minha vida tem sido um desastre.

Krista pegou-lhe na mão e apertou-lha para a encorajar, mas Ilse afastou-a com um estranho receio; não estava habituada a

receber demonstrações de carinho.

– A tua mãe sabe que estás aqui? – perguntou Krista.

Um esgar de decepção surgiu-lhe no rosto.

– É exatamente por causa da minha mãe que aqui estou. Aquela bruxa transformou-se numa maldita nazi, tal como o meu irmão Rudi. Soube que estava a trabalhar num bordel para pagar a dívida do aborto e apresentou-se lá, acompanhada por um grupo das SA. Foi ela mesma que me indicou. – Fitou-a com profunda tristeza, mas sem chorar, como se os seus olhos estivessem secos. – Já viu nascer tantas crianças, viu as mães suportarem as dores do parto, os seus rostos felizes ao contemplarem os seus bebés depois de tanto sofrimento... Como é possível, diga-me, que uma mãe possa olhar com tanto ódio para a própria filha?

– Ilse... Lamento.

Ela dedicou-lhe um amargo sorriso agradecido.

– Estive mais de dois anos em Sachsenhausen. Aquilo lá é um inferno. Aqui as coisas são muito melhores, pelo menos por enquanto. O *Reichsführer* SS Himmler considera-nos o sexo fraco e deu ordens para que não nos maltratem tanto como aos homens. A comida é melhor e mais abundante, mudam-nos frequentemente a roupa, batem-nos menos, o trabalho é menos duro e, antes de aplicarem qualquer castigo, têm de o comunicar ao próprio Himmler. É ele que decide se o administram ou não. Agora, estou na cozinha e tratam-me bem. É o que dá ter-se sido espancado como um cão; mal nos fazem uma carícia, sentimo-nos o centro do universo.

Houve um primeiro aviso de que as luzes seriam apagadas dali a um minuto. Ilse apagou cuidadosamente o cigarro e guardou a beata no bolso antes de se levantar.

– Eu durmo ali, junto à entrada. – Sorriu-lhe. – Doutora Metzger, sei que não se vergou ao nazismo, e por isso tem todo o meu respeito. Encarregar-me-ei de que todas aqui o saibam. Se precisar de alguma coisa, só tem de pedir.

A senhora Metzger passou o dia inteiro sozinha, mergulhada num agitado estado de nervos. Não sabia a quem recorrer. Tinha medo de tudo e todos. Só lhe restava esperar pelo regresso de Yuri. A única a quem se atreveu a ligar quase de imediato foi à doutora Hotzfeld, mas a sua resposta foi tão fria e distante que a deixou muito pior. Tinha passado o dia inteiro à janela, atenta ao regresso de Yuri, apesar de saber que ele não ia voltar nesse dia. Quase não dormiu, salvo uma ou outra sesta na poltrona encostada à cristaleira, um inquietante estado entre o sono e a vigília em que se impunha a angustiante sensação de que a sua querida filha tinha sido arrancada do seu lado. No dia seguinte, começava a entardecer quando finalmente viu aparecer o carro de Yuri, sob um forte temporal. Espreitou pela janela, apesar de a chuva lhe ensopar o rosto e o cabelo, e viu-o descer do veículo com a pequena mala e correr para o vestíbulo. A viúva dirigiu-se à entrada, passando as mãos húmidas pelo rosto molhado; saiu para o patamar e espreitou para o vão das escadas.

– Yuri! – gritou, sem poder esperar, assim que o viu. – Sobe depressa... Sobe...

Yuri ergueu o rosto e, ao compreender que algo se passava, desatou a correr escadas acima.

– O que se passa? – perguntou, ao chegar junto dela, sem fôlego.

– Entra – instou-o a viúva, com o rosto desfigurado. – É a Krista. Levaram-na ontem, pouco depois de teres partido.

– Levaram-na para onde?

– Não sei... Liguei à doutora Hotzfeld, mas ela disse que não me podia ajudar, que devia manter a calma e aguardar notícias. – Falava aos tropeções, o cabelo ensopado, tentando recordar cada pormenor na esperança de que Yuri resolvesse tudo. – Estava com o irmão daquela nazi do segundo andar.

– O Franz Kahler? – perguntou ele, admirado.

A viúva assentiu e contou-lhe como a tinham ido buscar ao hospital e que daí a haviam levado a casa só para fazer a mala, tudo sob vigilância dos SS.

– Antes de ir, disse-me o nome do emproado do marido dela. Algo terá a ver, de certeza.

Yuri ligou para o número da doutora Hotzfeld, mas uma enfermeira disse-lhe que estava a dar consultas. Marcou então o número de Claudia. Foi ela que atendeu.

– Estás sozinha?

– Não – replicou ela, taxativa. – O meu marido está aqui. O que queres?

– Tenho de falar contigo. Vem a casa da senhora Metzger, por favor...

– Se me vais perguntar pela Krista, adianto-te já que não sei onde está.

– Viajou com o teu irmão.

– Também não sei onde está. – Falava num tom muito baixo.

– Claudia, por favor.

– Lamento, Yuri. Não te posso ajudar.

E desligou o telefone. Yuri olhou para o auricular, surpreendido, como se não estivesse à espera. Após alguns momentos de reflexão, dirigiu-se à porta.

– Vou ao hospital, vou falar com a doutora Hotzfeld.

– Eu também vou – disse a viúva.

– Não – interrompeu-a ele. – Fique aqui, *frau* Metzger.

– É a minha filha...

– Theresa... – Yuri tentou conferir firmeza às suas palavras. – Ainda que a tenham levado para o fim do mundo, procurá-la-ei e trá-la-ei de volta. Confie em mim, está bem?

Desceu as escadas e saiu para a rua. Antes de entrar no carro, olhou para a janela do segundo andar: o rosto de Claudia parecia diluir-se atrás dos vidros encharcados pela chuva. Fitaram-se por alguns instantes até que Yuri entrou no *Ford*.

As nuvens carregadas e negras engoliam a luz do entardecer e uma bruma branca parecia emergir do piso encharcado. Estacionou diante da clínica e decidiu esperar pela médica, não era conveniente que o vissem entrar. Meses antes, Krista avisara-o de que a Gestapo vigiava os movimentos de Anna Hotzfeld. Embora

não tivesse perdido a confiança do partido, aumentavam os receios de uns e de outros.

Esperou mais de uma hora no interior do carro, sem deixar de olhar para a porta por onde costumava sair o pessoal, receoso, à medida que o relógio avançava, de que a doutora Hotzfeld tivesse abandonado o Hospital da Piedade por outra saída ou antes da sua chegada. Estava prestes a partir quando a viu. Ia sozinha, sem guarda-chuva; olhou para um lado e para o outro, puxou a gola da gabardina para cima, enfiou a bolsa debaixo do braço e começou a andar em sentido contrário ao de Yuri. Pondo o carro a funcionar, Yuri seguiu-a a alguma distância para verificar que ninguém a seguia. As ruas estavam desertas, só um ou outro transeunte se cruzava com ela sob o respetivo guarda-chuva ou chapéu, esquivando-se às poças. Quando Anna Hotzfeld se meteu por uma ruela, Yuri acelerou até ficar junto a ela. Abriu a janela. A médica sobressaltou-se ao ver que um veículo parava ao seu lado e, ao vê-lo, continuou a andar mais depressa. Yuri seguiu-a.

– Doutora Hotzfeld, por favor, tenho de falar consigo.

– Não há nada para falar. Lamento.

Anna acelerou o passo e virou para uma rua estreita. Yuri parou o carro e desatou a correr atrás dela. Quando a alcançou, obrigou-a a parar, bloqueando-lhe o caminho. Ficaram os dois frente a frente, especados um para o outro. Uma vaga e húmida penumbra parecia embargá-los. A chuva escorria-lhes pelos rostos.

– Onde está a Krista? Diga-me para onde a levaram.

– Não sei, e não estou a mentir. – A sua voz aflita era ténue e sincera.

– Por favor, doutora Hotzfeld, não pode fazer-nos isto.

– A Krista está bem, Yuri, mas quanto a vocês... Sei o que sentes por ela e o tanto que ela te ama a ti. – Baixou os olhos e abanou a cabeça. – As coisas estão a ficar muito difíceis para vocês os dois. Tens de esquecê-la. Para seu bem, tens de esquecer a Krista.

As palavras da doutora Hotzfeld atingiam-no como socos.

– Não pode pedir-me isso. Não pode. Imploro-lhe, diga-me onde ela está.

– Ouve bem, Yuri: a Krista será deles ou não será de ninguém. Tens de renunciar a ela... Se não o fizeres, morrerá.

Aquela certeza abateu-se de forma brutal sobre a consciência de Yuri e, durante alguns eternos segundos, tudo ficou paralisado em seu redor: o olhar de Anna, o ar húmido que respirava, o repicar da chuva, o bater do coração... Tudo preso num silêncio esmagador. Lentamente, a mulher esquivou-se ao corpo estupefacto de Yuri e começou a andar. Ele manteve-se imóvel, os pés petrificados na terra molhada, incapaz de assimilar o que acabava de ouvir. Quando conseguiu reagir, a doutora Hotzfeld tinha desaparecido.

Nos dias seguintes, no campo de Ravensbrück, Krista não teve outro remédio a não ser dedicar-se ao trabalho. Era a única médica e tinha de se ocupar de todas as doenças. Uma vez por semana, aparecia um médico das SS que supervisionava o tratamento administrado às pacientes, mas ficava apenas algumas horas e recusava-se a atender as doentes judias. Era intempérico e frio. Quando partia, o ambiente relaxava.

Certa tarde, quando Krista estava prestes a terminar o seu longo dia de trabalho, uma das guardiãs do hospital foi buscá-la.

– Doutora Metzger, tem de me acompanhar. Atribuíram-lhe outro quarto.

Krista seguiu-a sem dizer nada. Herta era uma rapariga de cerca de vinte anos, loura e risonha, apesar da farda de casaco cinzento que endurecia o seu aspeto. As duas mulheres chegaram à zona de habitações onde viviam os SS que guardavam o campo. Eram casas familiares, acolhedoras, com vasos de flores a cobrir as janelas de cor. Caminhando pelas suas ruas, ninguém diria que, a apenas uma dezena de metros, centenas de mulheres de todas as idades se amontoavam em desconfortáveis barracões.

Chegaram a uma das casas mais pequenas, de um só andar e com uma encantadora entrada com canteiros em tons de amarelo, verde, vermelho e branco dos lados. Acederam a uma divisão ampla que servia de sala de jantar e de cozinha. O mobiliário era

escasso e sóbrio, mas tudo estava organizado e limpo. Em cima da mesa estava um enorme ramo de rosas vermelhas com um bilhete.

Herta entrou e abriu uma das duas portas que ali havia.

– Aqui é o quarto e ali fica a casa de banho, com banheira e tudo.

Krista entrou lentamente na casa, observando tudo o que a rodeava, desconfiada daquela estranha mudança. Espreitou para o quarto e ficou surpreendida ao descobrir a sua mala junto à cama. Não a voltara a ver desde o dia em que havia chegado.

– Espero que seja do seu agrado – disse a rapariga, ao notar a sua apatia. – Era a residência da supervisora. – Encolheu os ombros, sacudiu a mão e falou em tom de confiança. – Não imagina como está aborrecida.

– Que razões há para que me mudem para aqui? – perguntou Krista.

– São ordens do *Scharführer* SS Kahler – respondeu a rapariga, sorridente. – As flores são para si. Mandou-as trazer da melhor florista de Berlim.

Krista aproximou-se do ramo e leu o bilhete, um conciso «Espero que estejas confortável» assinado por Franz. Não tocou nas flores.

– O Frank Kahler pediu que me instalassem aqui?

– E convida-a para jantar esta noite. Virá buscá-la daqui a uma hora. – Herta fitou-a com picardia. – É muito bonito, o *Scharführer* SS. Tem muita sorte.

– Tenho sorte porquê? – perguntou Krista, com evidente surpresa.

A guardiã voltou a encolher os ombros com um sorriso estúpido.

– Aqui as notícias voam, fala-se, conta-se... – Esperou alguma reação da parte de Krista, mas ao ver a sua expressão displicente, prosseguiu, com certo regozijo. – Não se faça de tonta, doutora Metzger, é um segredo público.

– Não sei a que se refere. – A resposta de Krista foi tão fria que a guarda ficou incomodada por ela não entrar no jogo.

– Pois a que há de ser? Que a doutora e o *Scharführer* SS estão juntos e que esta mesma noite ele a vai pedir em casamento. Ouvi

dizer que o anel de noivado é uma preciosidade... – Levou a mão à boca, como se tivesse apanhado um susto repentino. – Ui, não lhe devia ter dito isto, é suposto ser uma surpresa. Bem, espero que realmente se surpreenda.

Krista fitava-a de olhos esbugalhados. Começou a compreender um pouco do que se tramava em seu redor. Sem dizer uma palavra, saiu da casa e virou para o caminho que seguia para a zona dos barracões, tão furiosa que parecia deixar um rasto de raiva à sua passagem.

Herta saiu a toda a pressa atrás dela.

– Doutora Metzger, espere! – gritou, alcançando-a. – Para onde vai?

– Para o meu barracão.

– Tem um compromisso...

Krista parou e enfrentou a rapariga.

– Eu não tenho compromisso nenhum. Diga ao *Scharführer* SS Kahler que prefiro morrer de fome a partilhar mesa com ele; e devolva-lhe as flores. Odeio rosas!

Começou a andar e Herta ficou a observá-la, sem entender nada. Encolheu novamente os ombros e voltou atrás para fechar a porta da casa.

– Que contente que a supervisora vai ficar quando souber – murmurou, rodando a chave.

Três semanas depois do episódio da casa e das flores, Krista recebeu uma surpresa inesperada.

– Doutora Metzger, tem uma visita – anunciou a supervisora.

– Uma visita? – perguntou ela, surpreendida. – Quem é?

– Acompanhe-me – disse a mulher, com a frieza de sempre.

Krista despiu a bata, pendurou-a à entrada e seguiu a mulher até chegar ao edifício do posto de comando. Pelo caminho, pensava em quem poderia ir visitá-la àquele lugar. Tinha esperanças de que fosse a sua mãe ou talvez Yuri.

A supervisora parou diante de uma porta, abriu-a e afastou-se para a deixar entrar. Ao ver a doutora Hotzfeld, Krista sentiu uma

estranha mistura de alegria, receio e decepção. Anna estava de pé, junto à janela, e virou-se para ela, sorridente.

– Têm quinze minutos – disse a supervisora. – Nem mais um. – Em seguida, fechou a porta e deixou-as a sós.

As duas mulheres fitaram-se por alguns segundos, antes de se aproximarem e abraçarem.

– Que alegria ver-te, Krista, que alegria – disse a médica, emocionada. – Como estás?

– Tão bem quanto é possível estar aqui. Como está a minha mãe? E o Yuri?

– A tua mãe está bem. Fui ontem dizer-lhe que te vinha visitar. Está desejosa de que regreses.

– E quando poderei fazê-lo? – perguntou Krista, com a ansiedade gravada nos olhos.

– Sentemo-nos, Krista – disse a outra, com atitude austera. – Precisamos de falar e não temos muito tempo.

As duas mulheres sentaram-se nas únicas cadeiras que havia na divisão.

– O que se passa, Anna? – perguntou Krista, ao intuir algo sombrio nos olhos da sua chefe.

– Krista, só depende de ti saíres daqui.

– E o que se supõe que tenho de fazer? – indagou ela, contrariada.

– Deves aceitar o pedido de casamento do Franz Kahler.

Krista projetou o corpo para trás, como se subitamente a visão daquela mulher lhe causasse repulsa.

– Não está a falar a sério, pois não? Sabe que amo outro homem, que estou comprometida com o Yuri...

– Não é de amor que se trata, Krista – interrompeu a doutora Hotzfeld. Estava desconfortável, numa situação forçada que não sabia muito bem como controlar. Tinham-lhe posto em cima da mesa um ultimato a que não se podia nem se queria esquivar. Conhecia muito bem os métodos que utilizavam para convencer as pessoas e preferia ser ela a convencer Krista em vez de outro qualquer. – Trata-se de viver.

– Não... Não o farei... – Levantou-se tão bruscamente que a cadeira caiu com estrondo na divisão vazia. Dirigiu-se à janela, virando as costas à doutora Hotzfeld. – Não me casarei com esse homem. Nunca... Estamos a falar da minha vida. Não me podem obrigar. – A sua voz furiosa erguia-se a cada palavra. – Ficarei aqui para sempre, morrerei aqui, se for necessário, mas não aceitarei essa chantagem... Nunca.

Anna Hotzfeld deixou-a desabafar, ciente daquela reação lógica.

– Krista, não serias só tu a pagar... Se não aceitares, prenderão a tua mãe e encarcerá-la-ão. E também porás o Yuri em perigo.

Krista virou-se para ela. Os seus olhos brilhavam com o horror que sentia. Aquelas palavras tinham-se cravado no mais fundo da sua consciência. O dano era-lhe insuportável, incapaz de compreender que algo assim estivesse a acontecer.

– Não podem fazer isso. – A frase saiu-lhe dos lábios num sussurro abafado. – Não têm nada contra a minha mãe.

– Encontrarão uma razão. Não compreendes? Têm o poder e podem fazer o que quiserem. São eles que ditam as regras. Se não aceitares, terás de assumir as consequências.

– É um disparate – murmurou Krista. – Um tremendo disparate...

Anna Hotzfeld levantou-se e aproximou-se dela. Pôs-lhe a mão no ombro e procurou-lhe o olhar, mas Krista virou o rosto.

– Se aceitares casar-te com o Franz, dentro de poucos dias estarás em Berlim com a tua mãe.

Só nesse instante é que os olhos de Krista, carregados de ressentimento, se cravaram nos da doutora Hotzfeld.

– Foram os seus amigos nazis que a enviaram para me convencer, doutora Hotzfeld? É por isso que está aqui, não é verdade? Tem de conseguir que não se perca uma mulher ariana para a causa. – Krista cuspiu as palavras. – O importante é que a raça se mantenha intacta...

– O importante é que continues viva, Krista. O resto não significa nada. De que valeria a tua morte? De que te servirá pores em perigo a tua mãe? Será que não percebes que jamais deixarão

que te cases com o Yuri? Destruir-te-ão antes de consentirem nisso, destruir-vos-ão aos dois...

– Partiremos, sairemos deste país. – Falava de olhar perdido, atentando aos pensamentos enlouquecidos que lhe pululavam pela mente no meio da confusão. – Posso fazê-lo, sou uma cidadã alemã, tenho direito a sair da Alemanha sem dar explicações...

– É tarde para isso, Krista... E também é tarde para ti.

Krista tinha o rosto transfigurado. Desviou o olhar e virou-lhe as costas. Sentia-se sufocar, como se subitamente o ar daquela divisão se tivesse esfumado.

– O Yuri sabe de tudo isto? – perguntou, ao fim de algum tempo.

– Disse-lhe parte. Se aceites o compromisso, tratarei de lhe explicar a situação antes que chegues a Berlim. Krista, pensa que, se continuarem vivos, é possível que a vida vos dê outra oportunidade. Se ficares em Ravensbrück, morrerás, e a tua mãe também.

– Quanta maldade... – murmurou Krista, cabisbaixa.

Nesse momento, a porta abriu-se e a supervisora apareceu.

– Têm de terminar agora.

Anna Hotzfeld tirou um papel da bolsa, desdobrou-o e pô-lo diante dos olhos de Krista. Tinha a mão a tremer.

– Tens de me dar uma resposta agora – instou, aproximando-se dela. – Se regressar a Berlim sem este compromisso assinado, hoje mesmo prenderão a tua mãe.

Krista olhou para o papel e depois para ela. Pegou no documento. Leu o texto escrito, sob o olhar atento de Anna Hotzfeld e da supervisora, que continuava à espera junto à porta. Não só se comprometia a contrair matrimónio com Franz Kahler, como jurava solenemente não manter nenhum tipo de contacto com Yuri Santacruz. Além disso, devia cumprir a sua promessa de casamento e agir sempre como prometida de Franz Kahler, com o devido respeito ao prometido e à família do mesmo, assistindo aos festejos e eventos que iriam ser celebrados antes da boda, marcada para o dia 3 de setembro daquele ano de 1939.

Quando acabou de ler, Anna estendeu-lhe a sua caneta *Montblanc*. Krista pegou-lhe, tirou a tampa e apoiou o documento

numa das cadeiras para o assinar. Em seguida, entregou-lhe o papel e a caneta.

Dez minutos antes das seis da manhã, Krista estava equipada com a mesma roupa com que tinha chegado dois meses antes. Na noite anterior, pouco antes do apagar das luzes, a supervisora tinha-se apresentado no barracão onde dormiam mais de uma centena de mulheres para entregar as roupas e comunicar à médica que, às seis em ponto do dia seguinte, deveria estar no posto de comando. Antes de partir, Johanna Langefeld dirigiu-se em voz alta a todas as reclusas e anunciou com zombeteira satisfação que a doutora Metzger abandonava o campo para se casar com um oficial das SS. A partir desse momento, um manto de silêncio tinha-se abatido sobre Krista. Mal conseguira pregar olho, sentindo em seu redor a fria sombra do repúdio.

Antes de seguir para o posto de comando, decidiu ir ao barracão do hospital para se despedir das enfermeiras, auxiliares e pacientes. Mal entrou, ativou-se uma cadeia de olhares recriminadores, e um silêncio gelado acompanhou-a à medida que avançava pelo corredor central. Se fazia menção de se aproximar de alguma das suas pacientes, esta virava a cara para o outro lado, ou então uma das enfermeiras interpunha-se apressadamente no seu caminho, virando-lhe descaradamente as costas. Só Ilse saiu ao seu encontro e a enfrentou.

– Enganei-me a seu respeito, pensava que era diferente, mas é da mesma laia que eles. – Cuspiu, e a saliva pastosa chocou-lhe contra a face.

Krista foi incapaz de reagir a tanto desprezo. Aturdida, sem deixar de olhar para aqueles olhos tão cheios de ódio que a fulminavam, passou a mão pelo rosto. Em seguida, sentindo entre os dedos a viscosa humidade do repúdio, deu meia-volta e começou a caminhar para o posto de comando. Nas suas costas, ouviu-se primeiro um insulto, ao qual se seguiram outros, até formarem um coro de impropérios, gritos e chalaças que a seguiu

até chegar ao seu destino, onde Franz já a aguardava junto a um carro.

Ao vê-la, atirou o cigarro para o chão e, inconscientemente, pôs-se em sentido.

– Estás pronta? – perguntou, afável. – A tua mala já está no carro.

Krista virou-se para os barracões onde centenas de mulheres com vestidos às riscas pululavam de um lado para o outro, cabisbaixas, dispostas a enfrentar outro dia sem sentido, outro dia de horas de trabalho em troca de um prato de sopa.

Franz e Krista entraram num veículo conduzido por um SS e iniciaram imediatamente a viagem de regresso a Berlim.

– Estou muito feliz por teres aceitado, Krista. Estou convencido de que tudo vai correr bem.

– Não digas nada, Franz, por favor. Estou muito cansada e a única coisa que quero é voltar para casa e abraçar a minha mãe.

– Isso não vai ser possível. Lamento. Não posso permitir que a minha prometida viva sob o mesmo teto que um homem que a corteja.

– O Yuri não me corteja – replicou ela com desdém. Em seguida, falou-lhe imprimindo nas suas palavras toda a raiva acumulada. – Franz, quero que te fique bem claro: o Yuri Santacruz é o homem que amo, o único homem que amo.

Nesse momento, Franz deparou-se com o olhar do motorista refletido no retrovisor. O homem desviou os olhos do espelho e dirigiu o olhar para a estrada.

– Ainda não sou casada contigo – continuou Krista, alheia àqueles olhares. – Por isso, até lá, exijo ficar em casa da minha mãe.

Franz parecia manter-se impassível. Já estava à espera da atitude desafiadora de Krista. Não se importava. Tinha conseguido o que queria. Haveria tempo para vergar aquele carácter. Agora, a sua intenção era desfazer-se do único obstáculo que o separava dela. Se aquele estrangeiro desaparecesse, as coisas seriam muito mais fáceis com Krista. Tinha tentado, mas o seu cunhado advertira-o de que agir contra ele podia criar um conflito com a

embaixada de Espanha, o que não era conveniente. Tudo a seu tempo, pensava.

– Krista, talvez possamos resolver a situação – sugeriu Franz. – Até ao dia do casamento, se o que queres é estar com a tua mãe, terá de ser sob custódia permanente de guardas das SS. E também com a proibição de esse homem entrar na casa.

– Não vou consentir que nenhum SS vigie as nossas vidas.

– Já imaginava – murmurou ele, com ironia. – Devo reconhecer que pode ser muito incómodo teres dois homens plantados à tua porta o dia inteiro. Por isso, pensava oferecer-te uma opção conveniente para todos. Podes instalar-te numa *suite* do Hotel Adlon. A tua mãe poderá visitar-te sempre que quiser. Assim, ficaríamos todos felizes e tranquilos.

– Vou continuar a trabalhar no Hospital da Piedade – sentenciou Krista. Queria deixar as coisas claras desde o início. – Não vou renunciar à minha profissão.

– Não há problema – acrescentou Franz. – As gravidezes continuarão a marcar a tua vida.

– Não quero filhos... – replicou ela, tentando imprimir firmeza à sua decisão.

Franz nada disse. A sua mãe, Erika Kahler, especialista em dizer uma coisa e logo a seguir o seu contrário sem se alterar, havia-lhe dado algumas indicações de como devia reagir aos lógicos desafios de Krista. Tinha de lhe dar tempo para aceitar a sua nova situação. «Afrouxa a corda», dizia. «Não apertes, não agora, logo terás tempo para impor a tua vontade. Quando for tua esposa, terá de fazer aquilo que tu disseres. Tem paciência.»

Levou a mão ao bolso. A pele do banco rangeu lamentosamente sob o seu peso. Tirou uma bolsinha de tecido e verteu o conteúdo para a palma da mão aberta.

– Acho que isto é teu – disse, mostrando-lha.

Krista sentiu um baque no coração ao ver a pulseira da leontina do seu pai. Antes de lhe pegar, aproximou-se mais para se certificar de que os seus olhos não a enganavam.

– Franz... – Sorriu involuntariamente. – A minha pulseira. Pensava que a tinha perdido...

– Deixa-me pôr-ta – pediu ele.

A leontina de ouro que a mãe lhe tinha oferecido voltou a brilhar no seu pulso e Krista não pôde evitar um sentimento de gratidão pelo facto de a ter recuperado. Após um dia aziago, o seu ânimo tornou-se um pouco mais leve.

Graças a Anna Hotzfeld, a senhora Metzger estava informada tanto do regresso de Krista como do motivo do mesmo. Assim, mal recebeu a chamada de Krista a convocá-la para a *suite* onde a tinham instalado, precipitou-se para a rua a fim de se reencontrar com a filha. Tivera de implorar a Yuri que não a seguisse e esperasse pelo seu regresso. Ele sentia-se quebrado pela chantagem imoral e perversa que haviam feito a Krista, mas não teve outro remédio senão aceder ao pedido da viúva.

Mãe e filha deram um longo abraço, fitaram-se, perguntaram uma à outra como estavam e voltaram a abraçar-se, sorridentes, felizes por se verem de novo, por estarem vivas, por poderem falar. Sentaram-se em duas das poltronas do luxuoso quarto.

– A doutora Hotzfeld contou-me tudo – disse a mãe, ainda emocionada pelo encontro. – E ao Yuri também.

– Como está ele?

– Como haveria de estar? Mal, muito mal. Está desolado, tem de renunciar a ti e isso parte-lhe o coração. Pobre Yuri.

– Mãe, tenho de o ver.

– Não, Krista – respondeu ela, tentando incutir às suas palavras um halo de autoridade. – Não vou permitir que te ponhas em perigo, outra vez não. A doutora Hotzfeld fez-me um aviso muito sério. Se descobrirem que tens algum tipo de contacto com ele, não haverá volta atrás. São capazes de tudo, tu sabes. – Inclinou o corpo para a frente e agarrou-lhe na mão sem deixar de a fitar, com uma expressão de ansiedade e de profundo temor. – Filha, o importante é que estás viva, é isso o fundamental. O resto, o tempo resolverá.

– Pergunto-me, mãe, que tipo de vida será passar o resto dos meus dias com um homem que odeio.

– Continuo a amar o teu pai, apesar de a morte mo ter arrebatado. Sei que jamais recuperarei a sua presença ou os seus abraços, e que nunca mais voltarei a ouvir a sua voz... Mas isso não me impede de o amar todos os dias, de o ter no meu pensamento a cada segundo, nem sequer a morte pôde acabar com esse amor. – Estava de olhos fixos na filha, uns olhos cheios de ternura. – O que tu sentes pelo Yuri só te pertence a ti, e nem o Franz, nem as SS, nem mesmo o próprio Hitler poderão arrancá-lo do teu coração. Amá-lo só depende de ti, só tu és dona dessas emoções. Se agora te precipitas por um abraço às escondidas, arriskas-te a perder tudo, que te façam mal a ti ou a ele. Não deixes que te tirem o pouco espaço de liberdade que te resta.

Krista olhava para a mãe, arrebatada. Deu-se conta de que, tal como a tinham ameaçado de fazerem mal à mãe se não aceitasse a proposta, também a sua mãe havia sido alertada para a necessidade de a dissuadir de qualquer loucura e de a impelir a aceitar aquele casamento para evitar que a voltassem a encarcerar longe dela.

– Mãe... tenho tanto medo...

– Eu também tenho. Mas pensa que isto é o que está a acontecer hoje. Quem sabe o que o futuro nos reserva? As coisas podem mudar num único instante e, se estiveres viva, podes reagir. Mas fechada naquele campo de concentração, ou pior ainda, se estiveres morta... Então nada poderá salvar-se.

Krista escutava-a e entendia os receios da mãe.

– Mamã, não posso escrever-lhe, porque de certeza que te irão revistar quando saíres daqui. – Agora era ela quem segurava as mãos da mãe nas suas, acariciando-as com ternura. – Mas, por favor, tens de lhe dizer que o amo, que sempre o amarei... E que não sei como, mas voltarei para ele, se souber esperar por mim.

A senhora Metzger fitava-a, extasiada, avaliando aquelas palavras escutadas e compreendidas; depois, os seus lábios abriram-se num sorriso complacente.

– Como é inútil limitar e subjugar um apaixonado – murmurou, como se os pensamentos lhe tivessem fugido por entre os lábios. – A força do amor é incontrolável.

Fez estalar a língua num gesto de assentimento, soltou-se do doce enlace, tirou o sapato direito e pôs-se a remexer no forro de pele do interior ante o olhar atônito de Krista. Ergueu o couro, extraiu um papel dobrado várias vezes e estendeu-lho.

– Krista, imploro-te, tem muito cuidado. És a única pessoa que me resta neste mundo. Se algo te acontecesse... – Fez uma ligeira pausa, contida. – Eu não iria aguentar.

Depois de a sua mãe partir, Krista leu a carta de Yuri. Era apenas uma folha, escrita em letra apertada para lhe dizer tudo o que sentia. Leu-a várias vezes, tentando imaginar as suas mãos no papel, a carícia do seu toque, o olhar profundo dos seus olhos, a ternura desenhada nos seus lábios. Nela, pedia-lhe que não se pusesse em perigo, dizia-lhe que precisava dela viva, que a amava acima de qualquer compromisso, circunstância ou situação adversa como a que se viam obrigados a suportar; insistia em que não sabia como, mas lutaria por ela.

Ainda que não me vejas, estarei perto de ti. A tua memória será o motor da minha vida, recuperar-te será o meu único projeto.

Levou a folha ao peito, com a emoção a transbordar. Perguntava-se como iria ser capaz de estar nos braços de outro, como poderia aceitar os beijos de outros lábios que não fossem os seus, como poderia suportar que fossem outras mãos a tocá-la.

Villanueva fumava um dos seus charutos cubanos, de olhos postos nos diferentes jornais nacionais e internacionais abertos sobre a secretária, lendo as manchetes que todos, sem exceção, exibiam na primeira página e que se resumiam numa frase: «Hitler e Estaline assinam tratado de não agressão». A maioria das fotos que ilustravam a notícia mostrava Molotov, responsável soviético pelos assuntos externos, sentado e prestes a assinar, com o seu homólogo alemão, Ribbentrop, de pé nas suas costas, junto a um

Estaline que assistia com expressão satisfeita. Sobre as suas cabeças, a imagem emoldurada de Lenine.

– Até há poucos dias, a Alemanha estava a negociar com a Grã-Bretanha, e agora sai-se com este pacto entre demónios – observou Villanueva. – Grave erro de Chamberlain, que ingénuo foi o inglês. Hitler largou a bola da guerra do lado ocidental, sabe que nem os ingleses, e muito menos França, se irão meter num conflito tão cedo.

– O povo alemão não vai entender. Fazer acordos com o comunismo; será difícil de encaixar.

– Ah, Hitler pode dar-se a esse luxo. Está no auge da popularidade, os alemães não lhe porão nenhum entrave, ainda que fiquem estupefactos, tal como o resto do mundo. Basta ler os editoriais: já o estão a justificar, a elogiar um feito inédito, há seis anos que têm vindo a vergar a vontade da população e engoli-lo-ão sem protestar.

– E Espanha, em que posição fica agora? – perguntou Yuri, com ironia. – Franco deve estar atónito. Pergunto-me o que irá fazer com a sua cruzada pessoal contra o comunismo agora que o seu maior aliado se uniu ao bolchevique, o seu inimigo mais temido.

– Pelos vistos, está abismado – disse Villanueva, rindo. – Mas Franco não fará nada, não o vai criticar abertamente, não lhe interessa incomodar o Terceiro Reich. Se não tivesse sido pelos nazis, não estaria onde está. Deve-lhes muitos favores.

– E o embaixador, o que pensa de tudo isto?

– Magaz não diz nada. É um assunto territorial e de equilíbrio de forças. Estaline envia matérias-primas para a Alemanha e Hitler paga-lhe em cómodas prestações. A não agressão é apenas uma fachada, mas estou convencido de que há algo mais que não sabemos... Talvez tu me possas esclarecer quais são as letras pequenas deste pacto.

Yuri ergueu o olhar e deparou-se com a expressão inquisitiva de Villanueva.

– O que quer dizer com isso?

Villanueva levou o charuto aos lábios e deu uma baforada, prolongando a expectativa que se revelava no rosto de Yuri.

– Sei de tudo, Yuri, sei desde o início.

– Sabe de quê?

– Das tuas maracutaias com o Sokolov. Que tens andado a extrair informações da embaixada para as entregares aos russos. – Abanou a cabeça, esboçando um sorriso sarcástico. – Era o que temia, e não te culpo. Eras o alvo perfeito para os planos russos.

Yuri, sem deixar de o fitar, manteve o rosto impassível.

– Porque não me denunciou?

– Talvez por estar a ficar velho. – Um esgar fendeu-lhe o sorriso.

– Prezo-te mais do que gostaria de admitir... – Ergueu a mão em jeito de advertência. – E não no sentido em que imaginas, mas como a um filho... Calculo que os bolcheviques te tenham dado algo em troca. Só espero que tenha valido a pena.

– Há um plano para ocupar a Polónia – explicou Yuri, num tom comedido. – A Rússia e a Alemanha vão dividir entre si o seu território. São essas as letras pequenas.

– Já imaginava... – murmurou Villanueva. – Terá de ser à força, porque a Polónia não está disposta a ceder, como fizeram a Áustria e a Checoslováquia.

– Hitler pretende transformar a Polónia num campo de experiências para a *Wehrmacht* e as SS – disse Yuri. – A guerra de Espanha correu-lhes muito bem, testaram armamento, tanques, aviões, táticas...

– Claro – interrompeu Villanueva, com uma expressão concentrada, como se estivesse a atar as pontas soltas de uma confusão difícil de entender. – A França e a Grã-Bretanha não avançarão contra uma aliança entre a Alemanha e a Rússia. Assim, Hitler conseguirá quebrar os laços de cooperação entre a Rússia e os ingleses, e estes manter-se-ão neutrais quando o *Führer* decidir iniciar a grande campanha russa, uma das suas muitas obsessões.

Após um silêncio, Yuri agitou-se na sua cadeira e inclinou o corpo para a frente.

– Villanueva, estou a pensar em partir para a Rússia. Acho que chegou o momento de enfrentar o passado.

– Deduzo, portanto, que o risco que correste durante todo este tempo valeu a pena.

– Já não me resta nada aqui.

– Então e a Krista?

Encolheu os ombros, resignado, com um abanar de cabeça.

– O casamento será na semana que vem. Não posso fazer nada. Com a minha presença em Berlim, a única coisa que conseguirei é fazer-lhe mal, a ela e a mim. Não quero prejudicá-la... Não devo.

– Achas que te deixarão sair do país sem entraves?

Yuri desatou a rir.

– Estão desejosos de que lhes saia do caminho. Se não tenho cuidado, põem-me uma banda de música e um tapete vermelho até à fronteira.

Abateu-se sobre eles um estranho silêncio que cheirava a despedida.

– Precisas de algo da minha parte? – acabou Villanueva por perguntar.

Yuri tentou conter a emoção que o sufocava. Engoliu em seco e falou, aflito.

– Já fez muito por mim, demasiado... Só lhe peço uma coisa: cuide dela, Erich, por favor... Cuide da Krista.

Yuri deixou o palacete da embaixada com o coração apertado. Ao longo daqueles anos, Villanueva tinha-se convertido para si num ente querido, num substituto da figura paterna que ele próprio havia desterrado da sua vida de forma tão injusta. Não sabia se aquela despedida seria definitiva, nada lhe restava já em Berlim. Tudo terminara para ele naquela cidade que tanto lhe havia dado e tanto lhe arrebatava agora.

Planeava apanhar um comboio com destino à fronteira com a Polónia. Daí, viajaria para território russo até chegar a Moscovo.

O sol mal se via no horizonte. Aquela tarde de agosto começava já a elanguescer. Ainda estava calor, mas uma ligeira brisa convidava a caminhar. Percorreu as ruas a passos lentos, observando as pessoas, o transitar de vidas quotidianas, descontraídas, alheias ao que se tramava nas altas esferas do

governo que as dirigia. Queimava tempo para chegar ao seu destino à hora marcada, nem antes nem depois. Desde que Krista regressara de Ravensbrück que todas as tardes de sexta-feira ia ao mesmo local onde, anos antes, se costumavam encontrar com Fritz e Nicole. Tinha-o insinuado à senhora Metzger para que o transmitisse a Krista, na esperança de que um dia, se tivesse possibilidade, fosse à cervejaria. Era a última oportunidade que tinha de o fazer. Mas também sabia do receio que a viúva sentia por ele. Quase não a via: tomava o pequeno-almoço e o almoço fora para não a comprometer com a sua presença. Além disso, ela havia-lhe sugerido, com muita delicadeza, mas também com muita dor, que seria melhor que partisse do prédio, que deixasse as águas-furtadas, pois assim a sua filha poderia ir visitá-la. Essa era outra das razões que o tinham levado a tomar a decisão de abandonar tudo; os olhos da senhora Metzger a implorar pela vida da sua única filha destroçavam a alma de Yuri. Tinha de se afastar; para bem de Krista, tinha de deixar Berlim.

O espaço estava muito animado. Embrenhou-se por entre as mesas repletas de homens que bebiam, cantavam, riam, gritavam e se moviam de um lado para o outro com as canecas transbordantes e espumosas. Ao fundo, a um dos lados do palco sobre o qual sempre havia música e dança, encontrava-se a mesa onde outrora os amigos se costumavam reunir. Estava um pouco afastada, por isso quase nunca era ocupada. Sentou-se, pediu uma cerveja e olhou em volta, procurando o rosto ansiado, mas tudo eram máscaras sem nenhum interesse para ele. Ficou um pouco mais do que o normal, esgotando aquela última oportunidade. Ao levantar-se, sentiu-se um pouco zozinho devido ao álcool. Precisava de apanhar ar. Pagou e saiu do estabelecimento.

Parecia ter atravessado um abismo entre o ambiente pesado e buliçoso do interior e aquela calma suspensa no ar limpo que respirou com prazer. Desatou a andar pela rua deserta, acompanhado pelo eco dos seus passos no vazio da noite. Atrás de si, ouviu um apressado matraquear de saltos altos. Yuri deu meia-volta e ali estava ela.

Parou a apenas alguns metros. Os pés cravados no solo e o coração acelerado.

– Yuri... Meu amor...

Aquela voz foi o motor que o pôs em movimento. Aproximou-se e abraçou-a, mas Krista libertou-se imediatamente do seu abraço com um gesto inquieto, olhando para os lados, receosa de que os vissem. Pegou-lhe na mão e conduziu-o ao interior de um longo e escuro vestíbulo, pelo qual se embrenharam até desembocarem num pátio fechado. Como se tivesse medido cada passo, enfiou-se debaixo do vão de uma escadaria onde ficariam escondidos de qualquer olhar. Só então voltaram a abraçar-se.

Yuri tomou-lhe o rosto entre as duas mãos e perscrutou-lhe o olhar na penumbra.

– Estava convencido de que um dia virias – sussurrou. – Como estás?

– Agora estou bem...

Voltou a envolvê-la nos braços, o rosto colado ao seu peito, inalando o aroma do seu cabelo. De mãos dadas, sentaram-se numa caixa de madeira, muito juntos, acariciando-se na escuridão; cientes de que tinham pouco tempo, falavam precipitadamente em voz muito baixa, quase num sussurro, temendo que alguém os pudesse ouvir.

Os sinos de uma igreja interromperam aquela magia.

– Tenho de ir – disse ela, levantando-se em sobressalto.

– Krista... – Yuri pegou-lhe na mão para a reter. – Vou deixar Berlim.

– Eu sei... Recebi uma chamada do Villanueva.

– Que grande homem, o Villanueva – murmurou ele, sorrindo.

– Yuri, ouve bem: aconteça o que acontecer, o meu amor por ti continuará intacto. Só te peço que não me esqueças... Promete-me que não o farás.

– Não poderia fazê-lo, mesmo que quisesse – interrompeu-a ele com veemência, erguendo um pouco a voz. – Voltarei para te vir buscar, Krista, juro que voltarei e te tirarei deste inferno.

Krista acariciou-lhe o cabelo com ternura. Ajeitou o chapéu e pegou na sua bolsa. Em seguida, inclinou-se para ele e sussurrou:

– Vou amar-te sempre.

Aproximou-se e beijou-o. Yuri fechou os olhos para reter o sabor dos seus lábios, o seu aroma, para gravar tudo na memória. Quando Krista afastou a boca, Yuri sentiu uma vertigem, como se estivesse à beira de um precipício e tivesse ficado sem apoio.

– Espera alguns minutos antes de saíres – disse-lhe ela.

Em seguida, deu um passo em frente, as mãos entrelaçadas numa última tentativa de reter aquele instante. Libertou-se, virou-lhe as costas e começou a andar. Yuri ficou a observar a sua figura, emoldurada pela ténue claridade da lua que se infiltrava pelo umbral do amplo corredor. Não parou de a fitar até que saiu para a rua e desapareceu, mas manteve-se concentrado no som dos seus saltos altos, cada vez mais apagado até que se desvaneceu. Encostou-se à parede, acendeu um cigarro e fumou. Sentia-se um cobarde por a deixar nos braços de outro homem, por não lhe agarrar na mão e fugir para longe, para fora do alcance dos que os atormentavam. Torturava-o a ideia de que algo pudesse correr mal e ela pudesse sofrer algum dano. Além disso, sabia que Krista renunciaria a tudo para evitar qualquer prejuízo à mãe. Tinha de se afastar, a distância acalmaria aquela dor pungente que parecia corroê-lo por dentro. Qual funesto paradoxo, a história voltava a repetir-se; mais uma vez, tinha de partir, deixando para trás o que lhe era mais querido, outra vez a dolorosa separação, outra vez o lancinante sentimento de ausência.

Voltou a ouvir o lento tanger do sino a repicar no ar. Atirou a beata para o chão, pôs o chapéu e saiu do seu esconderijo, decidido a regressar a casa. Mal pisou a rua, ouviu passos nas suas costas e, sem aviso prévio, recebeu um empurrão tão violento que o fez cair de bruços no asfalto.

– Filho da puta, eu sabia.

Quando se virou, Franz apontava-lhe uma pistola. Yuri não se mexeu, estava em desvantagem, caído no passeio.

– Já é tempo de eu me ocupar de ti, Yuri Santacruz.

Franz deu um passo em frente, até ficar muito perto dos pés de Yuri.

– Conseguiu o que querias – disse-lhe ele, tentando ganhar tempo antes de ouvir o disparo que o mataria. – Com muita má-fé, mas conseguiste. Só te peço que a trates bem.

– Do que aquela cabra precisa é de um homem que a dome e a ponha no lugar...

Nesse instante, com um movimento rápido, Yuri desferiu-lhe um pontapé no meio das pernas que o vergou, dando-lhe tempo de se lançar contra ele. O empurrão fez Franz perder a pistola. Forcejaram para chegar à arma, mas sem sucesso. Numa reviravolta inesperada, Franz escarranchou-se em cima de Yuri para o imobilizar. Era forte e estava treinado. Rodeou-lhe o pescoço com as mãos e apertou com raiva, furioso, o ódio gravado nos olhos, repetindo entre dentes «vou-te matar» como que a incitar-se a oprimir mais e mais a fragilidade da garganta. Yuri revolia-se, cheio de ira, sem conseguir libertar-se do aperto. Quando começava a sentir que as forças lhe faltavam, ouviu um disparo, a pressão das mãos assassinas cedeu e, após uma sacudidela, o seu atacante caiu-lhe em cima; Yuri afastou-o rapidamente e o corpo de Franz caiu para o lado. Por um momento, Yuri viu-lhe nos olhos um lampejo de perplexidade, de consternação, pois tinha saído para matar e não para morrer; em seguida, o seu olhar ficou vazio, esvaída a vida por ele, os lábios abertos, interrompida a sua frase de morte. Ao endireitar-se, Yuri deparou-se com a mão enluvada que um homem lhe estendia. Ergueu o olhar, surpreendido por alguém usar luvas naquela época do ano. Na outra mão, segurava a pistola com que acabava de disparar. Confuso, com a sensação de asfixia ainda na garganta, Yuri aceitou a ajuda e pôs-se de pé.

– Vá-se embora – ordenou o homem, enquanto apalpava o pescoço de Franz para verificar se tinha pulsação. Endireitou-se e guardou a pistola.

– Porque fez isto? – perguntou Yuri, perplexo.

– Agradeça ao seu anjo da guarda; há muito tempo que o Villanueva o protege. E agora, se não quer meter-se em mais sarilhos, vá-se embora e procure esconder-se. Andam atrás de si.

Se não conseguiram agora, voltarão a tentar. Saia o mais rápido possível de Berlim.

O desconhecido afastou-se a passos rápidos, deixando Yuri com a palavra na boca. Várias perguntas ficaram a flutuar no ar. Sem obter resposta, começou a caminhar em sentido contrário, mas mal tinha dado alguns passos quando um homem se lhe pôs no caminho, como se tivesse estado à sua espera.

– Vi tudo... Vi como mataram aquele homem.

Yuri fitou-o, atónito. Tentou esquivar-se, mas o outro agarrou-o, gritando:

– Polícia, socorro! Polícia!

Yuri desembaraçou-se dele com um forte empurrão e desatou a correr. Os gritos que clamavam pela polícia misturavam-se com o som da sua própria respiração e com o eco dos seus passos.

Chegou às águas-furtadas encharcado em suor. Tinha de abandonar Berlim, de sair da Alemanha, agora já não havia volta atrás. Fez a mala com o mais imprescindível, pegou no passaporte e no visto assinado pelo seu irmão e guardou-os no bolso interior do casaco. Tirou da moldura a fotografia da mãe e do irmão e guardou-a junto ao passaporte. Verificou o dinheiro que tinha em numerário: apenas vinte marcos, não conseguiria ir a lado nenhum com esse valor. Pensou em ligar a Villanueva. Pegou no auscultador e marcou o número; o sinal manteve-se durante vários segundos, mas ninguém atendeu a chamada. O mais certo era que àquela hora estivesse a jantar nalgum dos luxuosos restaurantes da cidade, e supunha que regressaria tarde a casa. Decidiu esperar, tinha de lhe contar o que acontecera para que avisasse Krista. Estava demasiado confuso para pensar com clareza, Villanueva saberia o que fazer.

Sentia-se exausto. Deixou-se cair na cama, com os pés plantados na alcatifa como se não quisesse perder o contacto com a realidade. Sem poder evitar, mergulhou num estado entre o sono e a vigília até que umas fortes pancadas na porta o arrancaram ao seu torpor. Sem se mexer, abriu os olhos, sustendo a respiração, à

espera de ouvir os gritos da polícia a ordenar-lhe que abrisse, mas o que ouviu foi a voz urgente de Claudia. Abriu a porta e não teve tempo de lhe dizer nada, pois ela entrou e fechou-a. Falava depressa, inquieta, muito nervosa.

– Vêm atrás de ti. Vão prender-te. Tens de partir. Já!

– Como sabes?

– O Ulrich acaba de me ligar. Não está em Berlim, mas avisou-me de que a Gestapo vem a caminho para te prender... Acusam-te de matar o Franz. Tens de sair do país. Levar-te-ei no meu carro até à fronteira com a Polónia.

Yuri fitou-a por alguns instantes, entre a incredulidade e a suspeita.

– E sabendo do que me acusam, vens avisar-me? – Abriu as mãos, consternado. – Porque haveria de acreditar em ti?

Ela aproximou-se dele, olhando-o nos olhos com a verdade contida no seu interior.

– Porque a tua vida me importa muito mais do que a do meu irmão.

Durante escassos segundos, sustiveram o olhar um do outro.

– Não preciso da tua ajuda.

– Precisas, sim – argumentou ela, com uma certeza esmagadora. – Não poderás fazer nada sozinho, apanhar-te-ão assim que saíres porta fora. – Aproximou-se novamente dele, o seu rosto revelava uma angustiante inquietação. – Yuri, se te prenderem, não sobreviverás... Tens de confiar em mim.

– Tenho de avisar a Krista. As coisas mudaram, agora ela...

– Não há tempo, Yuri. Falarei eu com ela.

– Não acredito em ti.

– Morto não lhe servirás de nada.

Por alguns segundos, Yuri ficou perplexo. Finalmente, virou-se para pegar na sua mala.

– Não, deixa a mala. Se as tuas coisas não estiverem aqui, saberão que fugiste e porão as fronteiras sob vigilância. Leva só o teu passaporte. – Perante a imobilidade de Yuri, Claudia desesperou, instando-o com um gesto suplicante. – Temos de ir!

Yuri seguiu-a até sua casa; ela abriu a porta e indicou-lhe que entrasse. Mina, a ama que vivia com eles desde o nascimento da pequena Jenell, apareceu. Pendurada no braço, trazia uma farda envolta em pano que entregou a Claudia.

– Não abras a porta a ninguém e não atendas o telefone. – Claudia pegou na sua bolsa, no passaporte e nas chaves do carro. – Tu não viste nada nem sabes de nada. Entendido?

A rapariga assentia com o medo metido no corpo, como se a sua vida dependesse daquela aventura.

Claudia abriu a porta e espreitou para a escadaria. Em seguida, virou-se para Yuri.

– Rápido! Temos de sair daqui!

Precipitaram-se os dois escadas abaixo e entraram no automóvel. Claudia arrancou e acelerou. Quando iam a virar a esquina, cruzaram-se com dois veículos da Gestapo que seguiam a toda a velocidade e travaram junto à entrada. Yuri ficou surpreendido. Era verdade: Claudia estava a ajudá-lo a fugir.

– Muda de roupa – disse-lhe ela. – Por algumas horas, e enquanto estiveres na Alemanha, transformar-te-ás em Ulrich von Schönberg. Tens a farda lá atrás. São quase do mesmo tamanho. O problema vai ser o cabelo, é demasiado comprido e escuro. Terás de enfiar bem o chapéu.

Yuri puxou da parte de trás o embrulho que a ama tinha dado a Claudia. Era o uniforme completo das SS. Com alguma dificuldade, devido à estreiteza do habitáculo, mudou de roupa. Quando acabou de abotoar o casaco preto, já tinham saído da cidade. Deixou o chapéu de serviço em cima das pernas. Não podia deixar de se sentir desconfortável com aquela indumentária impregnada do cheiro de Ulrich.

Claudia tirou uma mão do volante e introduziu-a na sua bolsa sem deixar de olhar para a estrada. Extraiu um passaporte e estendeu-lho.

– É o passaporte do Ulrich – explicou. – Vamos atravessar a fronteira com a Polónia. Sei que há já alguns meses que o Ulrich anda a fazer este percurso para se encontrar com uma fulana polaca que visita sem quaisquer escrúpulos. Na fronteira,

conduzirás tu. Deves comportar-te como um SS, arrogante e altivo, e com autoridade. Assim que verificarem quem és, deixar-te-ão passar.

– E tu?

– Sou a mulher do Ulrich. Mal repararão em mim.

– Não tens medo de que a ama te denuncie por tudo isto?

– Ela não dirá nada.

– Como tens tanta certeza? Neste país, os delatores estão em alta.

– É judia.

– Tens uma judia a trabalhar em tua casa? – perguntou ele, surpreendido.

– Ninguém sabe. Nem eu sabia, descobri por acaso há pouco tempo. Tem uma identidade falsa. Criou uma nova personalidade. Não falará, é de absoluta confiança.

– Como é possível que uma nazi convicta como tu deixe que uma judia cuide dos seus filhos?

– Também são teus.

– Não comeces com isso.

– Os meus dois filhos são teus, Yuri. O meu marido não pode tê-los. É incapaz de conceber, ainda que não saiba. Confessou-mo o meu sogro. São teus – sentenciou Claudia.

Yuri fitava-a, estupefacto com a revelação. Tinha-lhe passado pela cabeça que o mais velho pudesse ser seu, mas sempre descartara a ideia como improvável, ou por não querer pensar nisso.

– É verdade o que dizes? Essas crianças são minhas?

– Juro pelo mais sagrado. Não houve mais nenhum homem além de ti na minha vida, com exceção do Ulrich, claro.

Yuri abriu a boca para dizer algo, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta devido a uma estranha emoção. A confirmação de que aquelas crianças eram seus filhos provocava-lhe uma mistura de desconcerto e complacência que lhe custava a encaixar.

Fez-se um longo silêncio entre ambos. Yuri tentava montar aquele insólito quebra-cabeças. Claudia sabia e deu-lhe tempo. Finalmente, Yuri falou-lhe com um tom brando.

– Estás a arriscar demasiado.

– Quero fazê-lo.

– Porquê?

– Sabes porquê – respondeu Claudia, lançando-lhe um olhar rápido. Hesitou alguns segundos antes de fazer a pergunta, temendo o que julgava ser certo. – Mataste realmente o meu irmão?

– A tua gente acusa-me disso, por isso estou condenado. Que importa o que aconteceu na realidade?

– Fizeste-o ou não? – insistiu ela.

– Merecia. Era um miserável. E não, não o fiz, ainda que não me tivesse importado de acabar com ele. Na realidade, se não lhe tivessem dado um tiro, ter-me-ia matado; era essa a sua intenção e esteve quase a conseguir. – Levou a mão à garganta. – Ao menos agora a Krista já não terá de passar pelo que ele a obrigou a assinar... Como se pode ser tão canalha? Oxalá apodreça no inferno.

– Yuri, lamento muito por tudo o que aconteceu... Às vezes... – Claudia tirou uma mão do volante e sacudiu-a no ar, tentando procurar as palavras certas para expressar o que sentia. – Acreditamos que fazemos as coisas por amor, quando na realidade é puro egoísmo.

– O que me estás a querer dizer, Claudia?

Claudia deixou escapar um suspiro, as mãos aferradas ao volante como se temesse cair no abismo.

– Fui eu que incentivei o meu irmão a conquistar a Krista. Ele encantou-se por ela desde que a conheceu.

– Não me digas que foste tu quem urdiu esta merda toda – exclamou ele, entre a censura e a desilusão.

– Juro-te pelo mais sagrado que nunca pensei que ele fosse capaz daquilo de Ravensbrück, nunca acreditei que pudesse chegar tão longe.

– Como posso acreditar em ti, Claudia? Era teu irmão...

– Eu sei, e lamento... – O seu tom soava suplicante. – Mas juro pelos meus filhos que te estou a dizer a verdade. Não fazia ideia das suas intenções.

– Pergunto-me que diabo passa pela cabeça dos nazis! – vociferou Yuri, incapaz de conter o enfado, pois no mais fundo do seu ser queria acreditar nela. – Estais cheios de ódio... Ódio ao diferente, ao que não pensa como vós, ódio ao que se intromete no vosso caminho, mesmo em algo tão íntegro como o amor...

Claudia não respondeu de imediato. Tentou procurar um argumento válido com que rebater os certos ataques de Yuri.

– Tenho a sensação de que me enganei em quase tudo – murmurou, pesarosa –, mas o maior erro da minha vida foi não ter ido contigo quando me pediste.

Ele olhou-a de soslaio. A sua voz suavizou-se.

– Isso já faz parte do passado, Claudia, não serve de nada voltar a discuti-lo...

– Não podia fazê-lo, Yuri – interrompeu-o ela, veemente. – Tinha de te proteger.

– Proteger-me de quê? O teu mundo confortável e seguro era muito mais sedutor do que a loucura de viver o amor ao meu lado. É a realidade, e não te culpo, nunca o fiz, apesar de ter sido uma vítima propiciatória desse bem-estar.

– Mais uma vez, enganas-te a meu respeito – acrescentou ela, melancólica. – Yuri, naquela tarde... Quando regressámos da nossa viagem... Tinha decidido fazê-lo – sentenciou, com avassaladora firmeza –, deixar tudo e partir contigo; mas tinham chegado rumores ao meu marido de que me andava a encontrar com um homem. – Envolvia-os o surdo zumbido das rodas sobre o asfalto. – Se me tivesse matado a mim, não me teria importado, mas ameaçou indagar a tua identidade e desfazer-se de ti; e sei que teria conseguido se eu não renunciasses a ti... Se algo te tivesse acontecido por minha culpa, jamais me teria perdoado. Por isso, afastei-me de ti...

– Porque não me disseste? – perguntou Yuri, comovido.

– De que teria servido? Jamais te poria em perigo.

Durante muito tempo, não disseram nada, envoltos na escuridão do habitáculo, sentindo cada um a presença do outro, de olhos fixos na franja de estrada iluminada pelos faróis.

Ao fim de duas horas de trajeto, Claudia parou o carro à beira da estrada.

– Senta-te ao volante. Falta muito pouco para chegarmos à fronteira. Lembra-te de quem és, não olhes para eles, mostra impaciência e irritação se demorarem demasiado. E põe o chapéu, espero que não reparem muito no cabelo.

Trocaram de lugar, mas antes de iniciar a marcha, Yuri virou-se para ela.

– Claudia, se não conseguirmos... Se algo correr mal... – O seu tom era sério, reflexo da sua expressão transcendente. – Quero que saibas que agradeço o que estás a fazer.

Ela assentiu, retribuindo o sorriso. Pegou-lhe na mão e apertou-lha ligeiramente.

– Vai correr tudo bem... – sussurrou. – Vamos...

Ao avistar a barreira do posto fronteiriço, Yuri sentiu que a sua pulsação acelerava. Travou junto aos dois guardas. Ao aproximarem-se e verem os galões e as runas do seu casaco, os homens puseram-se em sentido. Yuri abriu um pouco a janela, entregando os dois passaportes pela fresta do vidro, e abriram primeiro o de Claudia; o homem mal lhe deu uma rápida olhadela, abrindo imediatamente o de Ulrich. O outro guarda mantinha-se a um par de metros, alheio ao que se passava junto ao carro. O que inspecionava o passaporte fechou-o, mas reparou no cabelo que espreitava por baixo do chapéu. Yuri deu-se conta e susteve a respiração.

Nesse momento, apareceu um segundo carro que parou atrás deles. O outro guarda dirigiu-se ao recém-chegado. Passados poucos segundos, exigiu a presença do colega que estava junto a Yuri e que olhava novamente para a fotografia. Durante alguns segundos, o homem manteve os documentos na mão.

– Há algum problema, sargento? – perguntou finalmente Yuri, armando-se de coragem e de toda a autoridade de que foi capaz.

– Nenhum, *herr Sturmbannführer* – respondeu o outro, devolvendo os passaportes. – Pode seguir viagem. – Recuou um passo, ergueu o braço e soltou um firme *Heil Hitler!*

Yuri imitou a saudação a contragosto, meteu a mudança e avançou para a barreira, que começava já a elevar-se. Só depois de a ultrapassarem é que ambos suspiraram, libertando toda a respiração contida.

Alguns quilómetros adiante, chegaram aos arredores de uma cidade. Claudia fê-lo desviar-se para um dos lados da estrada.

– Já podes mudar de roupa e voltar a ser tu – disse-lhe ela. – Segue em frente e chegarás à estação. Aí, poderás apanhar um comboio para Varsóvia.

Saíram do carro. Yuri mudou de roupa e, enquanto voltava a vestir o seu fato, Claudia dobrou delicadamente o uniforme do marido e guardou-o na parte de trás. Em seguida, abriu o portaluvas do veículo, tirou um envelope e estendeu-lho.

– Vais precisar.

Yuri verificou o conteúdo e franziu o sobrolho.

– É muito dinheiro – disse, tentando rejeitá-lo.

– Logo mo devolverás, um dia – replicou ela, sorridente, insistindo em que o guardasse. – Temos de nos despedir, Yuri. Preciso de regressar a Berlim.

– Como vais fazer? Reconhecerão o carro e estranharão que o Ulrich não te acompanhe.

– Não te preocupes comigo. Eu desenrasco-me. Sabes que sou uma mulher de recursos.

Sorriu-lhe, agradecida pela preocupação. Abriu a porta do carro.

– Claudia... – Yuri engoliu em seco, sem saber se falar ou não.

– Lamento...

Ela pôs-lhe a mão nos lábios para o obrigar a calar-se.

– Não digas nada, Yuri. Já não tem importância. Amar-te-ei sempre, ainda que seja a Krista quem ocupa o teu coração. É uma mulher extraordinária, digna do teu amor.

Yuri tomou as mãos de Claudia nas suas. Estavam geladas.

– Diz à Krista que não fui eu. E, por favor, cuida dela. Fá-lo-ás?

– Estou convencida de que, se a Krista te ouvisse, revoltar-se-ia contra ti. Ela sabe cuidar de si mesma.

– Fá-lo por mim.

– Desde o dia em que te conheci, é por ti que faço tudo. Umas vezes melhor, outras pior, mas o centro da minha vida foste e continuas a ser tu.

Naquele silencioso vazio noturno, tinham a sensação de estar sozinhos no mundo. Continuavam de pé junto ao carro, envoltos na penumbra, iluminados pelos faróis acesos. Yuri não pôde nem quis evitar aproximar-se e beijá-la docemente nos lábios. Ela deixou-se levar, ao abrigo dos seus braços. Foi Claudia a primeira a afastar os lábios. Quase sem recuar, olhou-o nos olhos e sussurrou.

- Faz-me tu um favor a mim.
- Diz-me qual.
- Mantém-te vivo...

Moscovo, setembro de 1939

A mesma pessoa, nas suas diferentes idades, em diferentes situações da vida, é alguém totalmente distinto. Umas vezes está perto do diabo e outras do santo. Mas tem sempre o mesmo nome e trata-se sempre do mesmo homem.

ALEKSANDR SOLJENÍTSIN, *O Arquipélago Gulag*

Sim, sim, o problema para nós não é de liberdade, porque quanto a ela perguntamos sempre: liberdade para quê?

Resposta de Lenine a uma entrevista realizada por FERNANDO DE LOS RÍOS URRUTI, *Mi viaje a la Rusia soviética*

I

Kolia Fiódorovich Smelov estava há já algum tempo diante da janela do seu magnífico gabinete no terceiro andar do edifício Lubianka, a observar as idas e vindas das pessoas na ampla praça. Dirigia o olhar para a avenida em que, a escassos quatrocentos metros, se situava o Hotel Metropol, onde desde há vários dias estava hospedado o seu irmão Yuri. Custava-lhe admitir que aquela há tanto tempo ansiada visita, e ao mesmo tempo tão temida, tinha conseguido abrir uma brecha no seu coração, endurecido como uma rocha após anos de treino e catequização num ódio mortal à família que o abandonara, um resquício pelo qual respirava o vago e secreto desejo de se reencontrar com ele. Tinha-o amado tanto, sentira tanto a sua falta, sofrera tanto com a perda que só o recordar desse tempo já era doloroso. Na sua mente confusa, brotava a pungente memória daquela tarde na estação Finlândia de São Petersburgo. Memórias rasgadas, quebradas pela intensa dor

do abandono, daquela sensação de solidão e desamparo que se havia abatido sobre ele a partir do momento em que corra atrás da mãe, a quem nunca chegou a alcançar, engolido pela multidão furiosa e convulsa que o sacudi com violência e o deixou aturdido durante tempo suficiente para perder tudo: o contacto do pai, a visão da sua mãe, a possibilidade de os recuperar. Procurou-os com desespero, incapaz de aceitar que o tivessem abandonado, despojado do seu cuidado e proteção. Desvalido, deambulou pela estação durante vários dias e várias noites, caminhando entre a gente na esperança de encontrar o rosto conhecido que o devolveria à realidade, à sua realidade, alimentando-se do que encontrava no lixo ou que recebia de algum ser compassivo com quem se pudesse cruzar. Lembrava-se do frio intenso incrustado no corpo até o paralisar, da sensação de orfandade que, a cada instante, se ia apoderando dele, do choro descontrolado, enroscado a um canto sem entender nada.

Uma semana depois, quando a fome o obrigou a roubar uma maçã, foi detido e transferido para uma esquadra. Aí, sofreu as primeiras agressões, as primeiras bofetadas sem causa nem motivo, antes ou depois das perguntas constantes acerca do seu pai, vertendo horrendos crimes sobre os ombros da sua adorada mãe, aquelas vozes que o increpavam, exigindo-lhe explicações que não tinha. Fechado numa cela, na companhia de homens tão desconcertados e assustados como ele, foi a primeira vez que desejou morrer. Deixou de falar, num firme voto de silêncio. Deixou de comer o rancho que lhes davam. Deixou de se mover, deitado no chão frio, enroscado sobre si mesmo, cada vez mais débil, cada vez mais próximo do seu propósito final, à vista de todos aqueles a quem o terror impedia de fazer mais do que olhar, assistir ao imenso desconsolo daquele rapaz de onze anos. Até que, um dia, apareceu o seu anjo da guarda, a mulher que o salvou daquele inferno e das garras da morte que já se tinha apoderado dele. Recordaria para sempre o seu nome, Evgenia Fiódorovna, uma das guardas daquele antro. Decidiu encarregar-se dele: tirou-o dali e levou-o para casa, um pequeno quarto de apenas sete metros quadrados onde vivia sozinha.

Durante mais de um mês, Kolia permaneceu deitado na cama, sem forças sequer para abrir os olhos. Evgenia obrigava-o a comer, lavava-o diariamente, como se fosse um bebé, vestia-o e cantava-lhe com uma voz doce para acalmar o seu sono sempre inquieto. Ele deixava-se levar, olhos fixos no vazio, com uma sensação de tristeza tão pesada como se a sua alma se tivesse convertido em chumbo. Recordou o instante em que a fitou e, pela primeira vez, foi capaz de lhe sorrir. Evgenia tinha-se deitado ao seu lado e trauteava uma canção de embalar que a sua mãe também costumava cantar. Foi como se o seu coração se abrisse de novo e o sorriso lhe brotasse espontaneamente dos lábios. Ela emudeceu, surpreendida por aquele gesto de vida que recebeu como uma sincera demonstração de gratidão. Nenhum dos dois disse nada. Quando recuperou e pôde sair à rua, começaram os problemas. A vizinha denunciou Evgenia por ter metido o rapaz no edifício sem estar registado. Antes de o irem buscar para o levarem para uma escola florestal, Evgenia aconselhou a que mudasse de apelido: tinha de esquecer que era filho de um estrangeiro, pois isso pô-lo-ia em perigo.

– Nunca pronuncies o nome do teu pai nem digas quem era, e o da tua mãe também não. Inventa outros nomes, diz que não tens ninguém, que os teus pais morreram, que ficaste sozinho, diz o que quiseres, mas nunca, ouve bem, nunca digas que és filho de um estrangeiro. Farás isso por mim?

Kolia recordou aquele olhar suplicante de Evgenia Fiódorovna no momento em que o separavam dela, em que voltou a sentir a dor da solidão, do desenraizamento, de não pertencer a nada nem ninguém, de não ser, de apenas respirar. A partir de então, começou a utilizar o apelido Smelov e o patronímico Fiódorovich, em honra da sua salvadora.

Quando, anos depois, abandonou a escola, voltou para a procurar, mas o seu quarto estava ocupado por uma família de quatro pessoas. Ninguém sabia onde estava nem o que havia sido feito dela. Evgenia Fiódorovna desaparecera, tal como a imagem dos seus pais e dos seus irmãos se tinha ido desvanecendo, esbatidos na memória os seus rostos, a sua voz, o terno toque dos

seus abraços. Pouco a pouco, fora-se convencendo de que o haviam abandonado, e o ódio por eles, acalentado pelas arengas de formação de tudo o que o rodeava, tinha causado um dano irremediável no seu coração, endurecido como uma rocha. Aquele irmão, tão amado e depois tão amaldiçoado, aparecia agora na sua vida como que vindo de um tempo passado.

Um bater à porta arrancou-o aos seus pensamentos. Não se mexeu. Atrás de si, ouviu-se a voz gutural da sua assistente.

– Camarada capitão, está aqui o camarada Sokolov.

Kolia manteve-se imóvel, as mãos cruzadas atrás das costas, enquanto a mulher aguardava ordens, agarrada à maçaneta da porta.

– Manda-o entrar – disse finalmente Kolia, dirigindo-se à secretária.

A mulher desapareceu. Kolia sentou-se e, durante alguns segundos, examinou o processo do irmão, que Sokolov lhe tinha feito chegar antes do seu regresso. Observava a sua foto, que fora tirada sub-repticiamente ao sair da embaixada, e tentava ver os olhos cuja falta tanto sentira.

A voz rouca de Sokolov obrigou-o a erguer o rosto.

– Bem, bem... – A sua expressão era de assombro, como se não pudesse acreditar na majestade daquele gabinete. – Camarada capitão, nada menos... Parece ter-te saído muito bem durante a minha ausência.

Kolia fitou-o sem dizer nada. Nos últimos dois anos, a sua ascensão na hierarquia tinha sido espetacular, uma vez que as purgas realizadas contra os inimigos do povo, sabotadores e traidores à causa de Estaline haviam gerado uma grande escassez de pessoal de confiança no partido. Daí a sua nomeação, apesar de ser ainda jovem.

Sokolov dirigiu-se à imponente secretária em madeira maciça com um esgar trocista. Kolia observou a mala que segurava na mão direita; parecia pesada.

– Quando chegaste? – perguntou.

– Há uma hora. – Depositou a mala em cima da mesa, sem deixar de olhar para Kolia, e sentou-se numa das cadeiras do outro

lado da secretária. – Safei-me por milagre. Ouviste as notícias? Hitler fê-lo. Invadiu a Polónia. Não tem limites.

– O seu limite é a Rússia – disse Kolia, encerrando o assunto. Apontou para a mala. – O que trazes aí?

Sokolov pôs-lhe a mão em cima com um sorriso ladino.

– Uma encomenda pessoal do comissário Beria. – Abriu-a e mostrou-lhe o conteúdo. – Dez pistolas *Walther*. Uma arma perfeita de fabrico alemão.

– Sabe-se para que as quer?

Sokolov abanou a cabeça.

– Camarada capitão, eu limito-me a cumprir ordens.

Fechou a mala e acendeu um cigarro. Kolia rejeitou a oferta.

– O Yuri Mijáilovich está cá – disse Kolia, baixando o tom de voz.

– Avisei-o para que não viesse. Pelos vistos, meteu-se em sarilhos. Acusam-no de assassinar um oficial das SS. Um obscuro caso de ciúmes. – Abanou a cabeça de um lado para o outro. – Foi um erro dar-lhe o salvo-conduto.

Kolia inclinou o corpo para a frente, apoiando os cotovelos no tampo, como se quisesse fazer-lhe uma confidência. Desde que Sokolov lhe tinha dado a notícia de que o irmão o procurava, o seu destino ficara irremediavelmente ligado a ele.

– Sokolov, se alguém sabe que o Yuri é meu irmão, estou acabado.

Vadim Sokolov olhou-o fixamente por alguns segundos.

– Eu sei... – asseverou por fim com gravidade. – Viste-o?

Kolia abanou a cabeça.

– Pensas encontrar-te com ele? – prosseguiu Sokolov.

– Achas que devia?

Sokolov resfolegou, com um esgar pensativo.

– Se não apareceres, ficará nervoso. Se fizer demasiadas perguntas, pode meter-te em sarilhos.

– Tens razão... – acrescentou Kolia, pensativo. – Em todo o caso, a sua presença aqui constitui uma ameaça para mim. O único que sabe a verdade sobre o meu passado és tu. – Era-lhe difícil esconder a inquietação. – E isso significa que estou nas tuas mãos.

Sokolov susteve-lhe o olhar com um esgar arrogante e um sorriso mordaz.

– Podes confiar em mim, camarada capitão, estou convencido de que, quando chegar o momento, recompensarás a minha discrição.

– Disso não tenhas dúvidas.

II

A vida melhorou, camaradas; a vida tornou-se mais alegre.

Frase propagandística de ESTALINE

Yuri acordou e demorou alguns segundos a compreender onde estava: deitado na macia cama da luxuosa *suite* para onde havia sido conduzido por dois homens que se encontravam à sua espera na estação e não lhe deram alternativa. Tinha chegado a Moscovo há uma semana. Desde então, a sua vida ficara circunscrita àquelas quatro paredes. Não podia evitar sentir-se prisioneiro numa gaiola dourada. Deixavam-no sair à rua, ainda que sempre vigiado por dois homens que, dia e noite, se mantinham postados à porta e lhe indicavam por onde podia ou não ir. O resto do dia era passado no seu quarto. Dedicava o tempo a ler um par de livros de Stefan Zweig que tinha comprado em Varsóvia, além de se abastecer de alguma roupa e de uma mala; lia o jornal que lhe levavam com o pequeno-almoço, ciente de que a única verdade irrefutável era o nome (*Pravda* significa «verdade» em russo) e de que as notícias publicadas nas suas páginas eram as únicas possíveis na União Soviética; escrevia cartas a Krista (e também a Villanueva), que entregava aos seus vigilantes para que as selassem e pusessem no correio, apesar de não saber ao certo se as enviavam ou se

estas acabavam atiradas para o lixo antes mesmo de chegarem à rua. Além disso, tentava pôr em ordem as suas ideias sobre o que fazer no futuro imediato.

Eram quatro da madrugada e não conseguia dormir. Tentava mitigar a insónia lendo quando ouviu duas fortes batidas na porta. Surpreendido devido à hora, abriu-a e deparou-se com Sokolov, que acedeu ao quarto sem esperar que ele lhe desse passagem. Yuri espreitou para o corredor; não havia sinal do guarda que vigiava a porta. Fechou-a e, sem dizer nada, virou-se para o recém-chegado.

– Vejo que não seguiste o meu conselho, camarada Yuri Mijáilovich. – Sokolov tinha-se sentado numa das poltronas que havia junto à janela.

Yuri dirigiu-se lentamente a ele. Descalço, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco do pijama, interpelou-o em busca de respostas com voz serena, sem se alterar.

– O que se passa comigo? Porque me têm aqui fechado? Estou há mais de uma semana em Moscovo e ninguém me diz nada. Onde está o Kolia? Não me quer ver? Que o diga, e deixarei imediatamente o país.

– A paciência é uma boa virtude que jamais deveria perder-se, camarada. – Sokolov pegou num cigarro e acendeu-o com um fósforo. Com os lábios semicerrados e o cigarro preso na boca, continuou a falar. – Andam à tua procura em Berlim. Revolvem céus e terra para te encontrar. Armaste-a bonita – acrescentou em tom trocista, tirando o cigarro da boca.

– Vou poder ver o meu irmão? – insistiu Yuri.

– Aconselho-te a que deixes de te referir a ele como teu irmão.

– Por mais tempo que tenha passado, e ainda que utilize outro apelido e um patronímico diferente, continuará a ser o meu irmão.

– Yuri Mijáilovich, mete isto na cabeça. – Sokolov acompanhou a sua expressão austera com um apontar do indicador em riste. – O Kolia Fiódorovich Smelov não tem irmãos. E será melhor que desta vez sigas o meu conselho, porque a vossa vida depende disso... A de ambos. – Levou o cigarro aos lábios, aspirou o fumo e exalou-o sem deixar de o fitar, como se estivesse a analisar-lhe a inquietude,

regalando-se com o seu desconcerto e a sua impaciência. Abriu as mãos numa nova atitude, sorridente. – Tens de entender, camarada, tudo leva o seu tempo, e o teu finalmente chegou.

– O que quer isso dizer? – perguntou Yuri, receoso.

– Chegou o dia, o camarada capitão decidiu ver-te. É por isso que estou aqui.

– Refere-se ao meu...? – Calou-se e corrigiu-se. – Ao Kolia?

O outro assentiu.

– Agora? – perguntou, surpreendido.

– O camarada capitão é um homem muito ocupado.

– São quatro da manhã – insistiu Yuri.

– Queres ou não queres encontrar-te com o Kolia?

Yuri lavou-se à pressa e vestiu-se. Ao vestir o casaco, pegou na fotografia do irmão e da mãe e meteu-a ao bolso. Menos de meia hora após a chegada de Sokolov, os dois homens saíram do hotel e entraram num *Lincoln* com motorista que os esperava à porta. Percorreram as ruas vazias da cidade adormecida. Yuri estava mais nervoso do que queria admitir. Viu as muralhas vermelhas do Kremlin e, logo depois de atravessar a ponte Bolshói Kámeni sobre as águas negras do rio Moscova, o automóvel abrandou e parou diante de uma gigantesca mole cinzenta composta por duas torres de dez andares, com as fachadas cravejadas de janelas e unidas por uma monumental arcada reta que lhe dava um ar de fortaleza. Os dois homens apearam-se e Yuri seguiu os passos de Sokolov. Acederam a um imponente e bem iluminado vestíbulo. Um porteiro sonolento vestido com um uniforme guarnecido a ouro saiu ao encontro de ambos e perguntou-lhes para que andar iam. Sokolov pegou num cartão e mostrou-lho, após o que, mal lhe dando tempo para que o observasse, continuou a dirigir-se ao elevador, entrando no pequeno habitáculo seguido por Yuri. Subiram ao décimo andar. No patamar, o russo dirigiu-se a uma das portas e bateu uma única vez. Uma criada fardada abriu-lhes a porta, conduziu-os a uma sala e pediu-lhes que esperassem, desaparecendo em seguida. Não se ouvia nada, mergulhada a casa na placidez do sono.

Yuri observava tudo, surpreendido. Era uma divisão ampla, com poucos móveis, mas de qualidade, onde quatro poltronas ricamente estofadas rodeavam uma antiga mesa de centro; um tapete macio cobria o parqué. Dirigiu-se a uma estante com as prateleiras repletas de livros.

– Parece que a vida não corre nada mal ao camarada Kolia Fiódorovich Smelov – comentou, observando os títulos.

– O partido cuida bem dos seus homens, sobretudo dos que lhe são leais. O camarada Fiódorovich é um dos mais fiéis à causa de Estaline, da revolução e da pátria. Mas não te enganes, nada do que aqui vês é propriedade sua; na Rússia, tudo pertence ao governo. – Sacudiu a mão no ar num gesto de ironia. – Hoje dá e amanhã pode tirar.

Yuri virou-se para ele, pensativo. Nada daquilo fazia sentido, custava-lhe a crer que o seu querido irmão se tivesse atirado para os braços daqueles que com tanta violência tinham quebrado a sua estrutura familiar.

– Dá-me um cigarro? – perguntou, ao ver Sokolov com o maço na mão.

O russo estendeu-lhe o tabaco. Os dois homens acenderam os cigarros. Sokolov sentou-se, mas Yuri deambulava como um leão enjaulado, tentando acalmar o nervosismo. Do outro lado do grande janelão, o dia começava a nascer sobre o escuro meandro do rio Moscova, os edifícios do Kremlin e as cúpulas douradas da catedral de Cristo Salvador. Ao fim de meia hora de espera, a porta voltou a abrir-se e a criada apareceu.

– O camarada capitão está à sua espera – disse ela, dirigindo-se a Yuri.

Sokolov levantou-se de um salto.

– Chegou a hora. Desejo-te sorte, camarada.

– Vai-se embora? – perguntou Yuri, algo perturbado.

– Este momento é apenas vosso – replicou o outro, com um sorriso. – Boa sorte, camarada.

Saiu para o patamar com certa urgência e desapareceu.

A mulher esperava por Yuri com expressão paciente. Apagando o cigarro, ele seguiu-a por um longo e amplo corredor de tetos altos

e soalho de madeira. Quase não havia decoração nas paredes. Parando diante de uma das portas, a mulher bateu suavemente duas vezes e, sem esperar, abriu-a e deixou-o passar. A partir do umbral, Yuri olhou para o interior, cauteloso, como quem se debruça para um precipício. A divisão estava iluminada apenas por um candeeiro. Viu a figura de um homem de costas para ele, postado diante da janela pela qual se vislumbravam os primeiros fulgores do amanhecer. Assim que Yuri entrou, a porta fechou-se nas suas costas. Só então Kolia se virou. A sua figura ficou recortada contra o brilho do dia incipiente e Yuri teve a impressão de ver um ser surgido do além. A sua pulsação acelerou e sentiu-se profundamente comovido. Fitavam-se os dois à distância, observando-se.

– Olá, Yuri – disse Kolia, por fim.

– Kolia... – murmurou ele, enternecido. – Não imaginas quantas vezes desejei este momento, quanto o sonhei... Não imaginas.

Um duro silêncio caiu sobre Yuri como um jarro de água gelada. Engoliu em seco e tentou acalmar-se.

– Como estás? – perguntou, para quebrar aquele gélido mutismo.

Sem lhe responder, com o rosto impassível, Kolia aproximou-se lentamente até ficar diante dele. A ténue luz do candeeiro permitia que se contemplassem ao fim de tanto tempo. Yuri sentiu que a emoção lhe subia aos borbotoes pela garganta. Reconheceu os olhos, a expressão, o cabelo; as semelhanças com o pai que exibia desde pequeno tinham-se intensificado. Era um pouco mais baixo do que ele, esguio e largo de ombros; as suas feições de adulto haviam endurecido, rugas muito vincadas envolviam-lhe os olhos daquela tão peculiar cor ambarina, iguais aos do pai. Vestia uma camisa russa de percal e um casaco de lustrina. As mãos nos bolsos, o rosto distante.

Yuri sentiu necessidade de o abraçar, mas ao fazer menção disso, Kolia retraiu-se ligeiramente, uma rejeição quase impercetível que cortou pela raiz a magia do reencontro.

– Não estás feliz por me ver? – perguntou Yuri, admirado.

– Aconteceram demasiadas coisas. Já não sou a criança a quem abandonaram sem compaixão.

– Porque dizes que te abandonámos? Perdemos-te! Desapareceste no meio da multidão. Não pudemos fazer nada...

– Não puderam fazer nada? – Ergueu um pouco a voz, claramente irritado. – Subiram para aquele comboio e partiram sabendo que eu ficava sozinho, sem querer saber de mais nada além de se porem a salvo.

– As coisas não foram assim... O papá quis descer do comboio e não o deixaram...

– Nem sequer deveria ter subido. – A sua expressão era furibunda, transbordante de raiva e rancor acumulados durante demasiado tempo. – O teu pai subiu para aquele comboio e partiu como um cobarde.

Yuri tentava assimilar uma reação absolutamente inesperada. Os seus anseios para o reencontro tinham-se desfeito em mil pedaços.

– Também era teu pai...

– Há dezoito anos que não tenho família: nem pai, nem mãe, nem irmãos... Ninguém se preocupou comigo! Ninguém veio à minha procura! Fiquei sozinho...

– O papá arriscou a vida para te vir procurar – replicou Yuri, cada vez mais amedrontado.

– A única que arriscou algo por mim foi a mulher que me acolheu em sua casa e evitou que eu morresse de fome e de tristeza. Pagou bem caro por ter tomado conta de mim. – Abriu os braços, como se quisesse abarcar a dor que padecera. – Como pode um pai abandonar o seu filho? Como foi ele capaz de subir para aquele comboio e deixar-me naquela maldita estação? Abandonaram-me e ninguém quis saber do que me acontecia!

– Isso não é verdade! – explodiu Yuri, iracundo. – É injusto... – Disse-o com pesar, pois apercebia-se de como ele próprio tinha sido arbitrário com o pai durante tantos anos, culpando-o por tudo. – O papá tentou...

Calou-se porque a porta se abriu de repente. Uma mulher jovem, com o cabelo algo despenteado, espreitou para o interior,

com um ar entre o admirado e o assustado.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou, quase num sussurro.

Kolia dirigiu-se a ela, compungido.

– Sonia, querida, lamento ter-te acordado. Volta para a cama, prometo que não voltarei a incomodar-te. – Deu-lhe um beijo na testa.

Ela sorriu sem dizer nada e lançou um olhar ao recém-chegado, que se mantinha de pé no meio da divisão. Yuri esquivou-se a esse olhar, envergonhado por ter erguido a voz e transtornado pelos ataques diretos do irmão, pois apercebia-se de que, julgando-o protegido pelo amor da sua mãe, nunca lhe tinham passado pela cabeça os padecimentos sofridos e aquela evidente sensação de abandono. A perturbação deixou marcas, tudo quanto havia construído em redor daquele encontro desabou.

Ao ficarem a sós, mergulharam ambos num mutismo pensativo, como se tal aparição tivesse conseguido apaziguar o torvelinho de tensão que se formara entre os dois irmãos.

– É a tua mulher? – perguntou Yuri, afável.

Kolia convidou o irmão a sentar-se numa das duas poltronas de pele que estavam junto à janela; instalou-se na outra.

– Estamos juntos há dez anos. Temos dois filhos.

– Quer dizer então que tenho cunhada e sobrinhos.

– E tu? O Sokolov disse-me que pretendias casar.

– Tentei, mas o casamento na Alemanha é bastante complicado quando se é estrangeiro e se quer casar com uma alemã.

– Não tens filhos, então.

– Tanto quanto sei, tenho dois... com outra mulher.

– Tanto quanto sabes? – repetiu ele, com curiosidade. – Não estás certo de ser o pai?

Yuri pegou na fotografia que o tinha acompanhado durante todos aqueles anos e pô-la na mesa baixa que havia entre ambos, à vista de Kolia.

– Não tenho nenhuma dúvida. O mais velho é a tua imagem viva.

Kolia, sem se mexer, contemplou longamente a foto.

– O que aconteceu?

– É casada. Apaixonei-me por uma mulher inalcançável para mim.

– E, pelo que vejo, continuas apaixonado por ela...

Yuri ia responder, mas pensou que ali não tinha motivos para esconder a confusão dos seus sentimentos. Abanou a cabeça.

– O meu coração agora está ocupado por outra – afirmou, movendo a mão para pôr de parte aquele assunto que lhe arranhava a alma.

Só então Kolia pegou na fotografia, a expressão séria, o olhar fixo nos dois retratados. Em seguida, atirou-a para cima da mesa, como se queimasse. Não queria enfrentar o passado, pois sabia que lhe causaria dor e que roeria a ferida com a ponta de uma realidade que desconhecia.

– O que foi feito dos demais? – atreveu-se a perguntar.

– O papá foi morto por uma bomba em Madrid há três anos, durante a guerra civil, morreu juntamente com a velha Sveta, que cuidava dele. Reconheço que fui muito injusto com ele, como tu estás a ser agora. Todos estes anos foram uma tortura para ele, sofreu muito, chegou a perder a memória... Acho que foi essa a sua vontade: esquecer para deixar de sofrer.

– Sorte a dele que pôde fazê-lo.

A Yuri, consternavam-no a indiferença e o desapego que o seu irmão destilava.

– Há seis anos que não vejo a Katia. Vive com um advogado divorciado e é mãe de um menino de quatro anos. Pouco mais sei. As suas raras cartas eram muito breves, apenas algumas linhas; também não me esforcei muito por saber da sua vida. Admito que não me agradava que vivesse com um homem sem estar casada. Um erro da minha parte, entre tantos outros.

– E o Sasha? – perguntou Kolia, circunspecto. – Sobreviveu?

Yuri abanou tristemente a cabeça.

– Morreu no comboio, poucos dias depois de iniciarmos aquela maldita viagem.

Kolia nada disse. Limitava-se a olhar para a foto que continuava em cima da mesa. Um olhar impassível e distante.

Yuri observava-o com uma lancinante sensação de frustração. Jamais teria imaginado que o encontro com o irmão se iria desenrolar assim, com tanta frieza, como se fossem dois desconhecidos a fazer um ao outro um resumo dos últimos anos. Sentiu-se vazio.

Subitamente, Kolia levantou-se e dirigiu-se a um móvel com uma prateleira.

– Preciso de uma bebida – disse, tentando sufocar a emoção que lhe subia descontroladamente pela garganta. – Queres uma *vodka*?

– Saber-me-ia bem.

Kolia estendeu-lhe o copo e voltou a sentar-se. Yuri bebeu um longo gole. A cálida pontada desceu-lhe até ao estômago. Precisava de reunir coragem suficiente para formular a pergunta que bradava no seu interior, mas temia fazê-la, pois a resposta amedrontava-o. Era tal a luta interna que travava que chegou a sentir todo o corpo dorido devido à tensão.

– Kolia... o que sabes da mamã?

Interrompeu-o uma cascata de gritos e gargalhadas infantis, a porta abriu-se e um menino de cerca de quatro anos apareceu a correr, exigindo a atenção do pai. Estava de pijama, descalço e com o cabelo despenteado. Subiu para os joelhos de Kolia, rindo como se se escondesse da sua perseguidora, uma menina um pouco mais velha que apareceu atrás dele e ficou paralisada junto ao umbral da porta, como se aquele fosse um território privado dos dois homens.

– Sasha, vem cá – disse ela, com autoridade infantil. – A mamã disse que não podemos incomodar o papá.

O menino tinha-se aninhado no regaço do pai e olhava fixamente para Yuri, que não pôde deixar de pensar em Hans, o filho mais velho de Claudia; não havia dúvidas de que aquele filho era seu, pois os seus genes haviam-lhe chegado através da imagem do seu irmão. A semelhança entre os dois rapazes era tão real que assustava.

– Quem é, papá?

– Um amigo – respondeu Kolia. – Chama-se Yuri Mijáilovich.

A menina voltou a instar o irmão a que saísse da sala. Yuri não pôde evitar um sentimento de simpatia para com ela. Devia ter cerca de nove anos e tinha o mesmo cabelo que a sua irmã Katia. Kolia depositou delicadamente o filho na alcatifa, deu-lhe um beijo na face e empurrou-o para a porta.

– Vai com a tua irmã.

O menino obedeceu-lhe e saiu a correr, contornando a rapariga, que fechou a porta e os deixou de novo a sós.

– O teu filho chama-se Sasha? – perguntou Yuri, comovido.

– Foi a Larisa, a irmã dele, que escolheu – respondeu Kolia. Em seguida, tentando apagar qualquer sinal de ternura, prosseguiu em tom lúgubre. – A tua mãe morreu há muito tempo.

Aquele desafeto esbofeteou Yuri com tanta força que o deixou aturdido durante vários segundos. Teve a sensação de que lhe faltava o ar para respirar; levantou-se e dirigiu-se ao janelão. Já tinha amanhecido. O sol tingia de tons rosados as nuvens rasgadas que se estendiam pelo céu. Dez pisos abaixo, a cidade começava a despertar; no Moscova, bruxuleavam as primeiras luzes da manhã, e o Kremlin estendia-se majestosamente diante dos seus olhos. Yuri tomou fôlego e libertou-o num longo suspiro.

– Como foi?

– Não sei... Nunca a vi – respondeu Kolia, nas suas costas.

Yuri virou-se para ele, surpreendido.

– O que queres dizer?

– Nunca soube que ela tinha ficado. Até há poucos anos, pensava que conseguira subir para aquele maldito comboio.

– E do Petia Smelov? O médico amigo do papá, sabes alguma coisa?

Yuri precisava de confirmar se Kolia sabia da história entre a sua mãe e Smelov.

– É um dos médicos do Kremlin.

– Tens contacto com ele? Ao fim e ao cabo, usas o seu apelido.

– Escolhi esse apelido como podia ter adotado outro qualquer. Vi-o nalgumas receções, mas não sabe quem sou, desconhece a minha existência, e é assim que tem de continuar.

Yuri deu-se conta de que Kolia não sabia da relação que havia existido entre Petia Smelov e a sua mãe, a razão por que o pai rompera para sempre com tudo o que tinha a ver com a Rússia, incluindo Kolia, o filho perdido, incapaz de lutar por ele. Interrogou-se sobre se lhe devia contar, mas decidiu não o fazer. Estava convencido de que, sob aquele manto de ódio e ressentimento, ainda restava algum vestígio de amor materno, e não queria esmagá-lo com uma verdade que nada resolveria e só destruiria muito.

– Agora começo a entender... – murmurou Yuri, quase sem querer, como se lhe tivessem fugido as palavras unicamente pensadas.

– A minha vida não foi nada fácil desde que fiquei sozinho... Tive de arranjar maneira de sobreviver. – Os seus olhos exibiam um profundo ressentimento. – Há muito que deixei de ser um Santacruz para me converter noutra pessoa; se não o tivesse feito, jamais me terias encontrado, pois estaria morto. Na Rússia, ninguém sabe quem eu sou na realidade, exceto a Sonia e, graças a ti, o Sokolov. – Abriu as mãos, resignado. – Se alguma vez se soubesse quem eram os meus pais, estaria acabado, e não apenas eu: a Sonia e os meninos também pagariam.

Yuri escutava-o, absorto.

– Que sentido faz então o salvo-conduto para que eu pudesse regressar à Rússia?

– O Sokolov achou que era boa ideia utilizar-te como espião. Um grave erro que espero que não nos passe fatura.

– Entendo... – Yuri observou-o por alguns segundos. – Alguma vez a voltaste a ver? À mamã... Voltaste a vê-la?

O olhar de Kolia toldou-se e ele abanou a cabeça. Mentia, pois não suportava falar nela. Os seus olhos pousaram na fotografia, no rosto sorridente da mãe; aquela imagem tinha aberto de cima a baixo todos os seus medos, as memórias mais dolorosas, mais intensas, mais terríveis que vivera e que o revolviam por dentro como um perverso acervo de maldade e podridão acumulado com o passar do tempo.

III

A Escola da Floresta onde Kolia permanecera até aos dezasseis anos tinha-o transformado num ser distante, imperturbável, uma esquiua e desconfiada placa de gelo; a ternura que outrora embargava o seu coração fora-lhe arrancada à base de agressões e maus-tratos, de gritos, frio e fome. O único apoio que encontrou naquele inferno em que a sua vida se havia transformado foi o de um colega, Liovka Vasílievich, um georgiano alto e desgracioso, mas forte como um carvalho, com uma personalidade arrasadora e um ano mais velho do que ele, que decidiu protegê-lo quando Kolia não o denunciou pelo roubo de um pão a uma impiedosa cuidadora, arcando ele mesmo com um castigo injusto pelo seu silêncio. A partir desse momento, Liovka e Kolia tornaram-se amigos e aliados inseparáveis. Quando Liovka Vasílievich saiu daquele reformatório, Kolia partiu com ele. Percorreram o país inteiro de comboio, de norte a sul. Liovka tratou-o como a um irmão, acolheu-o na sua casa em Tíflis e permitiu-lhe conviver com a sua mãe e a irmã, Sonia Vasílievna, que a seu tempo viria a converter-se em sua esposa e mãe dos seus filhos.

Liovka era um bom rapaz, bom aluno, bom filho e bom irmão; tinham-no enviado para aquela escola especial como castigo por um comportamento inadequado para com dois dos seus colegas, ainda que a realidade tivesse sido bastante diferente, pois os denunciantes haviam-lhe montado uma armadilha, em que caíra ingenuamente, com a única intenção de o prejudicar e afastar de Tíflis.

Liovka Vasílievich era vizinho de Beria, um homem de aspeto banal e expressão severa, convertido após a guerra civil em chefe da Cheka na Geórgia, astuto e impiedoso; o seu poder era implacável e temido por todos. Antes da traição que o tinha afastado da mãe e da irmã durante mais de quatro anos, Liovka via com desconfiança as obscuras missões do NKVD – ou Comissariado do Povo para os Assuntos Internos, a polícia secreta

que Beria dirigia em Tíflis –, mas, ao regressar, não hesitou em aproximar-se dele, filiando-se no Komsomol, e arrastou consigo o amigo. A partir de então, Kolia viu-se plenamente envolvido na organização do Partido Comunista. Quando, em 1934, Beria foi nomeado membro do Comité Central, começou a passar mais tempo em Moscovo do que em Tíflis, e levou consigo Liovka e Kolia como homens de confiança. Por essa altura, há já quatro anos que Kolia estava casado com Sonia, e a filha de ambos fizera três anos. Instalaram-se os quatro num edifício de sete andares, num escuro e mal arejado quarto com duas camas: na maior, dormia o casal com a menina, e Liovka dormia num pequeno catre. Estavam um pouco apertados, mas felizes por só partilharem a casa de banho e a cozinha com outros três quartos.

Tal como lhe havia sido aconselhado pela sua protetora, Evgenia Fiódorovna, Kolia escondeu as suas origens e o passado familiar. A sua discrição, a adesão incondicional e a prosélita fidelidade tinham feito com que o comissário Lavrenti Beria se interessasse ao máximo por ele. Pouco após a chegada a Moscovo, Beria nomeou Kolia investigador e levou-o à prisão de Butyrka, a fim de ser formado pela mão de Vasili Blokhin, um dos investigadores mais audazes, cruéis e desumanos de sempre, o mais experiente nos diferentes métodos de tratar os detidos e de lhes extrair toda a informação necessária no menor tempo possível. Durante vários meses, Kolia assistiu aos interrogatórios realizados pelo camarada Blokhin. Inicialmente, limitava-se a observar, sem intervir em nada, atento aos modos fanáticos do instrutor, mas com o tempo foi convidado a participar nessa aprendizagem intensiva, empenhado no sadismo assimilado, aplicando procedimentos que provocassem no acusado um sofrimento ponderado, ajustado a cada segundo, calculando a tortura até ao mais extremo limite do sofrimento sem nunca o ultrapassar, ou quase nunca.

Precisava de madrugar muito para chegar a horas à prisão de Butyrka: apanhava o autocarro e depois tinha de caminhar durante um bom bocado até ao seu destino. Mas, numa manhã de janeiro de 1935, ao sair para a rua, deparou-se com um *Ford* preto estacionado em frente ao seu prédio. Um agente com chapéu

militar e sobretudo civil disse-lhe que tinha ordens do camarada Beria para o levar à Lubianka. Amedrontado, Kolia subiu para o carro sem opor resistência. O ambiente glacial gelava o vapor da respiração. Nevava durante toda a noite e as ruas encontravam-se revestidas de um manto branco e gelado, manchado pelos salpicos da passagem de carros, elétricos e autocarros, bem como pelas botas sujas dos transeuntes. O céu estava coberto de nuvens cinzentas, que pareciam prestes a desabar sobre a cidade. O automóvel entrou na praça Lubianka e parou junto ao edifício de estilo *fin de siècle*, construído quarenta anos antes para albergar a sede de uma pacífica companhia de seguros; desde a revolução bolchevique que, no seu interior, era processada a detenção de milhares de pessoas, decidindo o seu destino, uma efémera liberdade, no melhor dos casos, o habitual, uma pena de prisão, o desterro, ou uma morte rápida ou em lenta agonia, fosse em grupo ou com a estranha honra de se ser enforcado ou fuzilado sozinho.

Ao entrar, deparou-se com um intimidante vestíbulo ao qual presidiam um enorme retrato de Lenine e outro de Estaline um pouco maior, além de uma grande bandeira vermelha da União Soviética com a foice e o martelo a amarelo. Um guarda esperava-o à porta. Uma vez preenchido o salvo-conduto com a hora de entrada, e deixando em branco a de saída, guiou Kolia pela majestosa escadaria até chegar a um elevador cíclico, um dos chamados *paternoster*, pelo facto de evocarem um rosário; subiram alguns andares. Acederam a um corredor impessoal muito iluminado e com várias portas de ambos os lados. O guarda caminhava a passos firmes, um metro à frente de Kolia, que o seguia olhando para tudo com curiosidade e algum temor. Ouvia-se o rumor das teclas de máquinas de escrever. O seu guia parou ao fundo do corredor, diante de uma porta dupla que nada tinha a ver com as outras. Deu dois toques na porta, abriu-a e espreitou para o interior. Em seguida, virou-se para Kolia e indicou-lhe que entrasse.

Acedeu a um vistoso gabinete de tetos altos. Três homens fardados permaneciam de pé junto à janela, através da qual se via a extensa praça Lubianka e, no horizonte, as torres do Kremlin. Beria foi o único que se dirigiu a ele, esboçando um sorriso afável.

– Camarada Kolia Fiódorovich, que alegria ver-te. Espero que a tua mulher e a tua filha se encontrem bem. Informaram-me de que estão a coabitar com o Liovka Vasílievich e que isso é um incómodo para um casal tão jovem, que precisa da sua intimidade. Peço-te um pouco de paciência; em breve, as tuas condições vão melhorar ostensivamente. Ser-te-á atribuído na Casa do Governo um apartamento maior e mais adequado para que possais criar a vossa filha. Além disso, sei que a Sonia Vasílievna teve de deixar o seu trabalho em Tíflis para te acompanhar a Moscovo. Conheço a sua preparação e sei que não será do seu agrado ser uma simples *baba*, dedicada o dia inteiro às tarefas domésticas. – Consultou o relógio de pulso. – Diz-lhe que, amanhã a esta hora, um automóvel irá recolhê-la para tratar do assunto. Encarregar-me-ei pessoalmente de que a Sonia obtenha um posto de trabalho que lhe permita emancipar-se e ganhar o seu próprio salário; e claro, vão precisar de uma empregada que trate das tarefas domésticas. Providenciaremos para que a tenhais de imediato.

Falava sem esperar resposta, dando como certa a aceitação de tudo o que dizia. Kolia escutava, assentindo de vez em quando, e sorria, receoso.

Beria conduziu-o à escrivaninha, uma encantadora mesa maciça coberta por um pano de pele verde, com cantos de cobre. Os outros dois homens observavam sem dizer nada. O georgiano pegou numa pasta e abriu-a, com ar satisfeito.

– Tenho aqui o relatório elaborado pelo camarada instrutor Vasili Blokhin. A tua atitude foi excelente, passaste a prova com sucesso. Chegou a hora de teres o teu próprio posto e gerires os teus próprios processos. Tornas-te assim instrutor, e esse cargo ver-se-á recompensado no teu salário. Por cada preso interrogado, receberás um complemento; por cada condenação, um duplo pagamento; por cada pena de morte, obterás um importante incentivo. Trata-se de fazer desaparecer os criminosos da nação, de fulminar os inimigos do povo que nos acossam e pretendem atentar contra o nosso pai Estaline. Temos de acabar com eles sem contemplações, de forma taxativa, de modo que todos saibam que a traição à Rússia se paga bem cara. Nestes meses, pudeste

aprender como muitos desses miseráveis conspiradores tentavam aplacar-te com as suas lágrimas e súplicas, e o camarada Blokhin demonstrou-te que esses são os piores, os que mais ocultam, os mais perigosos, aos quais é preciso ter muito em conta. Agora, cabe-te a ti passar para a primeira linha e integrares-te na difícil tarefa de suprimir e desativar qualquer ameaça. Estás disposto a isso?

– Com certeza, camarada secretário-geral – respondeu Kolia de imediato, treinado para acatar ordens sem pensar na sua conveniência, na sua gravidade ou nas suas consequências; acatá-las por pura sobrevivência. – Farei o que tiver de fazer.

Beria assentia, condescendente, olhando-o fixamente com aqueles olhos aquosos ampliados atrás das lentes dos óculos redondos.

– Gosto disso em ti, camarada instrutor. Não duvides de que a lealdade ao partido tem a sua recompensa, e quanto mais cega for essa lealdade, mais suculento será o prémio.

Kolia não pôde deixar de estremecer ao sentir o seu olhar malicioso.

– Começarás agora mesmo – sentenciou Beria com autoridade. – Que tragam o primeiro detido.

Um dos oficiais que estavam junto à janela saiu para o corredor e, passados poucos segundos, regressou seguido por uma mulher vestida com um fato de casaco escuro que se sentou em frente da máquina de escrever instalada numa mesa auxiliar junto à escrivaninha. Tinha consigo uma pasta.

Kolia virou-se e dirigiu-se à janela, voltando as costas ao que acontecia no gabinete. Tinha aprendido a não olhar para o preso antes de iniciar o interrogatório, a não se deixar enganar pelo semblante cheio de temor, pela súplica refletida nos seus olhos, estiolados por um medo aterrador, a mostrar-se frio, a ver naqueles homens e mulheres, mais velhos e mais novos, todos os que ao longo dos anos lhe tinham feito mal, os que o tinham agredido ou humilhado, os que lhe tinham roubado o pouco que possuía para comer, a irradiar todo o seu ódio contra cada um daqueles rostos desfigurados, a transformar o pavor dos interrogados que se

sentavam diante dele em rancor e aversão contra eles, a converter o seu receio em ira.

Abstraído, observava fixamente o lento cair da neve enquanto blindava a sua alma para realizar a sádica tarefa que dele era esperada.

A voz maliciosa de Beria arrancou-o ao seu ensimesmamento.

– Camarada Pulkheria Raskolnikova, diz-nos quem temos hoje aqui.

A resposta da datilógrafa atingiu com violência a consciência de Kolia.

– Apresenta-se a inimiga do povo, cidadã Filátova, Verónika Olégovna. Quarenta e cinco anos de idade. Acusada de não denunciar um inimigo do povo, delito consagrado no décimo segundo ponto do artigo cinquenta e oito do Código Penal, com a agravante de ter mantido relações com estrangeiros no passado e de ensinar outras línguas a potenciais espões.

Kolia virou-se, espantado, para ver o corpo indefeso da mãe, sentada numa cadeira ao centro do gabinete. Os dois oficiais ladeavam-na, vangloriando-se do seu poder, como que acossando a presa. Ela mantinha-se cabisbaixa, de ombros encolhidos. Vestia um gasto sobretudo de lontra e umas velhas botas de feltro, com um gorro de lã a esconder-lhe o cabelo. O seu corpo trémulo parecia prestes a quebrar. Kolia sentiu que perdia as forças, que as pernas não o seguravam. Ela estava ali, na Rússia. Durante todo aquele tempo, pensara que estava sozinho; no entanto, era evidente que ela nunca chegara a apanhar aquele maldito comboio, nunca abandonara o país. Doía-lhe pensar em quão perto deviam ter estado sem o saberem durante todo aquele tempo. Não podia acreditar. Catorze anos passados, voltava a reencontrar-se com a sua querida mãe, mas não para a abraçar, não para beijar as suas mãos, não para lhe acariciar os cabelos, não para contemplar com êxtase os seus olhos e ouvir-lhe a cálida voz. Agora, devia julgá-la, maltratá-la, exercer contra ela uma fúria vazia a fim de a obrigar a confessar a verdade que eles pretendiam, fosse ou não correta. Sentiu-se desolado: se lhe manifestasse o seu amor e descobrissem o parentesco que os ligava, condená-los-iam aos

dois de forma imediata e brutal. Tinha de se conter, agora que a encontrara, agora que sabia que estava ali; tinha de a salvar, mas para isso precisava de agir primeiro como verdugo contra ela.

Kolia deparou-se com os olhos de Beria, que o observavam com um esgar satânico. Pausadamente, com as mãos atrás das costas, Beria aproximou-se da detida e posicionou-se atrás dela, para poder observar Kolia de frente enquanto ele a interrogava.

– Camarada Kolia – disse com autoridade, enquanto lhe arrancava o gorro da cabeça e deixava a descoberto a cabeleira grisalha e desgrenhada –, é hora de proceder.

Aquele nome fez com que Verónika erguesse o rosto. Os olhos da mãe sondaram aquele rapaz em busca do rosto do filho querido, arranhando a crosta do seu semblante impassível, derrubando o muro do ódio e do ressentimento até lhe chegar ao fundo da alma, um esforço brutal que só uma mãe é capaz de fazer. Engoliu em seco, sufocando a sua emoção, esboçando apenas um esgar da terrível felicidade de o saber vivo, de o ter tão perto, ainda que fosse naquele inferno. Por alguns segundos, mãe e filho ficaram suspensos numa avassaladora e muda cascata de sentimentos dolorosamente intensos. Abertas de par em par as portas do seu coração, Kolia esteve quase a deixar-se vencer, a lançar-se no terno abraço da mãe, ainda que isso lhe custasse a vida; era uma boa forma de morrer, chegou mesmo a pensar. Mas Verónika, intuindo os seus anseios, baixou o olhar para as mãos inquietas e quebrou o mágico fio tecido entre ambos, contraindo todo o corpo como se se escondesse em si mesma, indicando-lhe que não o fizesse, suplicando com tal gesto que se mantivesse afastado dela, que tinha de viver, pois a vida do seu filho era o mais importante para ela.

Antes de começar, Kolia bebeu um longo gole de *vodka* com o único objetivo de perder a consciência de si mesmo, de arrancar de si a sua qualidade de filho para se envolver na pele de Leviatã, transformado em demónio. A acusação contra a mãe era tão fútil como absurda. Acusavam-na de não ter denunciado uma vizinha que tinha sido condenada algumas semanas antes. Dava-se como certo que Verónika conhecia as maldades conspiratórias dessa mulher e que havia participado em todas as reuniões clandestinas, urdindo tramas de oposição política. Nada mais longe da verdade: a sua mãe nunca percebera de política, não pertencia a nenhum partido ou organização e, como era evidente, nunca conspirara contra nada nem ninguém. Mas isso não importava: a vizinha acabara por ser condenada e todos os seus contactos, incluindo Verónika, foram caindo nas redes do artigo 58 do Código Penal – aplicado contra qualquer suspeito de atividades contrarrevolucionárias, os chamados «inimigos do povo» – qual frágil castelo de cartas.

O interrogatório começou sob o atento e sagaz olhar de Beria. Kolia limitava-se a formular perguntas, sem fazer mais nada além de permanecer de pé diante da detida, como observador passivo do seu tormento. Via-se que estava exausta. Tinham vindo a aplicar-lhe o método designado de «ao poste», que consistia num interrogatório ininterrupto que podia durar dias e noites quase sem comer nem dormir, com a única finalidade de acabar com os nervos dilacerados do detido.

Ao fim de algum tempo, Beria dirigiu-se à mesa e depositou sobre a madeira um pedaço de papel aberto com uns pós brancos, que juntou em duas linhas iguais com um canivete. Em seguida, virou-se para Kolia.

– Isto dar-te-á coragem suficiente para realizares o trabalho – indicou, com um olhar sinistro e um esgar na boca, antes de se dirigir aos que estavam junto a Verónika. – Tirem-lhe a cadeira. Está demasiado confortável e isso dá-lhe forças.

Kolia susteve-lhe o olhar por alguns segundos. Nas suas costas, sentia a respiração extenuada da mãe. Aproximou o rosto do papel, tapou uma das narinas e aspirou com força, fazendo depois o

mesmo com o outro lado. Ergueu-se bruscamente, fechou os olhos e levou a mão à ponta do nariz enquanto sentia o ardor da subida da cocaína pelas fossas nasais até à garganta. Não era a primeira vez que snifava aquela porcaria, não gostava de o fazer, mas recusar a oferta de Beria teria sido temerário.

Ao fim de alguns segundos, em que as perguntas reiteradas e capciosas haviam prosseguido sem descanso, Kolia deu meia-volta e juntou-se, já sem escrúpulos, à macabra dança da tortura, revestida a sua alma de implacabilidade, desaparecido qualquer rasto de humanidade; deixou de ser filho para se converter num monstro brutal, ébrio da mais odiosa crueldade, um Mefistófeles feroz e impiedoso.

Ela tentava evitar que os seus olhos se cruzassem com os do filho atormentado. Quando a fraqueza lhe vergava as pernas, antes de cair os dois guardas seguravam-na pelos braços para que permanecesse de pé. Desorientada pela exaustão, respondia com monossílabos e frases desconexas num mero fio de voz. Quando Beria ordenou que a levassem, Verónika, quase num sussurro, trauteou a melodia de *Kalinka*, oferecendo o seu perdão ao filho verdugo, entregando a remissão do seu pecado através daquele canto tantas vezes entoado por ambos.

Verónika Olégovna Filátova foi declarada culpada e condenada a uma pena de cinco anos de cárcere que cumpriria na prisão de Butyrka, em regime de isolamento e sem direito a correspondência.

Aquela sessão abriu uma ferida incurável na consciência de Kolia, mais uma a abundar nos seus remorsos, uma terrível tortura que, desde então, o acompanhava dia e noite, como uma negra sombra.

Nessa noite, ao regressar aos braços da esposa, Kolia era como um cadáver ambulante, transformado num destroço de si mesmo. O cunhado não estava e a filha dormia. Num sussurro constante e pausado, Kolia verteu todo o seu passado ao ouvido de Sonia, desfiando o seu verdadeiro nome, a felicidade da sua infância, a quebra do seu mundo, aquela estação, a mãe, o impulso involuntário de ir atrás dela, a sensação de abandono por parte da família, a solidão, o vazio, a brutal visão da mãe na Lubianka, a

mortificação que demonstrara... a sua mãe... a sua querida mãe extirpada à pancada do mais profundo da sua alma... O pastoso sentimento de uma vida miserável e aviltada. Sonia ouviu-o enquanto o embalava amorosamente no seu regaço. Nada disse, não verteu sobre ele uma única censura, continuou a amá-lo, cobriu-o de carícias e de ternura e, nessa noite maldita, geraram o pequeno Sasha.

V

A guerra avançava sem tréguas pela Europa. Três dias após a brutal e rápida invasão da Polónia por parte da Alemanha, primeiro a Grã-Bretanha e depois França, Austrália e Nova Zelândia declararam guerra a Hitler. Passados poucos dias, juntou-se-lhes o Canadá. Em meados desse mês de setembro, foi a União Soviética a invadir territórios da Polónia Oriental, e em novembro Estaline fez o mesmo com a Finlândia. Passados apenas vinte anos, estava novamente em marcha a maquinaria de uma guerra descomunal.

Após o embaraçoso encontro com o seu irmão, Yuri tomou a firme decisão de abandonar a Rússia. Nada o prendia ali. Tinha chegado a um beco sem saída.

A sua pretensão de regressar a Berlim para se reencontrar com Krista parecia impossível, pois ainda era procurado pelo homicídio de Franz Kahler. Através de Sokolov, tinha conseguido contactar Villanueva para procurar a única solução exequível, que não era outra senão utilizar um passaporte falso. Villanueva tentou convencê-lo do perigo que corria com o seu regresso à Alemanha, mesmo sob uma identidade falsa, mas o empenho de Yuri, que não queria renunciar a ver Krista, deixou Erich em alerta, pois este sabia que, se não lhe proporcionasse a documentação, ele tentaria obtê-la por outros meios menos seguros. Assim, prometeu-lhe que

lha facultaria, mas pediu-lhe tempo, não era fácil obter esse tipo de documentos em período de guerra.

Enquanto esperava, manteve-se hospedado na luxuosa *suite* do Metropol. Kolia encarregava-se de todas as suas despesas. A vigilância exercida sobre Yuri nas primeiras semanas havia ido cedendo aos poucos, pelo menos aparentemente. Já não tinha ninguém postado no corredor e, quando saía à rua, às vezes notava que o seguiam, mas não o incomodavam, ninguém lhe dizia onde podia ou não ir; apanhava o elétrico ou entrava no metro, a que chamavam «palácio do povo», com aparente liberdade. Sokolov levou-o ao teatro e a almoçar na Casa Griboedov, o antigo palácio de um aristocrata pré-revolucionário, onde lhes serviram numa bandeja de prata esturjão acompanhado por pinças de caranguejo e caviar fresco, além de filetes de melro com trufas, entre outras *delicatessen*, incluindo uma garrafa de água mineral. Em lugares como aquele, parecia nunca ter eclodido a maldita revolução que tanto lhe tinha arrebatado. Em contraste, surpreendiam-no as habituais filas diante de qualquer loja.

– De que lhes serve chegar tão cedo? – perguntava Yuri a Sokolov, ao ver como mais de meia centena de pessoas aguardavam diante de uma loja três ou quatro horas antes da sua abertura, suportando pacientemente o frio intenso e a humidade. – Esperam em vão durante demasiado tempo.

– Têm as suas razões – replicava Sokolov, tentando normalizar algo aparentemente absurdo. – Só os primeiros conseguirão o seu propósito. Há muitos aspirantes para pouco material. A procura é muito superior à oferta e não se dá vazão.

Depois de seis anos a viver em Berlim e quase duas décadas fora da Rússia, Yuri achava estranha a vida quotidiana excessivamente resignada, habituada a uma espera indefinida, à oferta de mercadorias feias, despojadas de qualquer atrativo; tudo era vulgar, desprovido de qualidade. Tivera muito tempo para observar os seus arredores, refletir sobre o resultado do que havia vivido e sofrido juntamente com a família, tentar entender os efeitos da destruição de tudo para a construção de outro sistema baseado numa felicidade feita de esperança, de uma aceitação indolente; o

espírito do povo a quem tinham pretendido salvar da opressão por meio da revolução fora moldado de tal forma que o seu conformismo parecia natural, ocioso, quase negligente. A ignorância tornava-os arrogantes, ninguém tinha acesso ao exterior, ninguém sabia como se vivia e o que se passava para lá das fronteiras da grande União Soviética, olhando sempre para o umbigo pátrio que enaltecia tudo o que era seu, repudiando e menosprezando tudo o que não fosse russo ou fabricado na Rússia. Havia uma geração inteira que não tinha conhecido outra coisa que não as consequências da revolução, não podiam comparar, não possuíam critérios para contrastar e muito menos para escolher. Tudo quanto tinham ou recebiam lhes era dado, concedido pelo Estado protetor.

Sonia, que não tardou a saber que Kolia e Yuri eram irmãos, costumava convidá-lo para almoçar ou jantar em sua casa, convites que ele aceitava, apesar de Kolia nunca lhe ter escondido o desconforto que a sua presença lhe causava.

Yuri continuou a enviar cartas a Krista, mas agora era a sua cunhada quem as punha no correio e, para evitar que a Gestapo as pudesse interceptar, as enviava sem remetente para a morada de Villanueva: ele far-lhas-ia chegar de forma segura. Yuri indicou-lhe também que, quando lhe escrevesse, o fizesse pondo como destinatário o nome de Sonia Vasílievna, além da sua morada, e que no remetente indicasse as suas iniciais, KM. Saberá assim que eram suas. Apesar de tudo, Yuri nunca obteve resposta.

Durante esses meses, as crianças chegaram a afeiçoar-se a ele; contava-lhes histórias, jogava partidas de xadrez com Larisa, rebolava pelo chão com o pequeno Sasha e ensinava-lhes canções típicas russas. A menina tinha muito boa voz e gostava bastante de dançar. Sonia tratava-o com amabilidade e rejubilava ao ver rir os seus filhos. Os dois cunhados nunca estavam sozinhos em casa, vigiava-os a presença de Yevdokia Tiviérsina, a empregada que Beria lhes tinha proporcionado ao instalarem-se naquela residência, uma ucraniana austera e brusca trazida de um colcoz que, além de realizar as tarefas domésticas, vigiava e informava de tudo quanto se falava e ocorria naquela casa.

Sonia era uma beldade georgiana, morena e de olhos claros, alta e bem formada. Vestia roupas ocidentais, cingidas às suas curvas, nada a ver com as linhas retas e masculinas que haviam sido impostas no início da revolução por ordem de Lenine. Yuri via-a como que ausente, e os seus olhos pareciam velados por uma profunda tristeza, mesmo quando sorria.

A família vivia muito bem; faziam parte de uma elite privilegiada que desfrutava de tudo o que faltava ao povo. Constituíam «a vanguarda» de um futuro melhor para todos, tinham conseguido chegar a viver na abundância, o que significava que toda essa opulência de que gozavam os poucos eleitos chegaria aos restantes cidadãos; era essa a promessa, e daí surgia a esperança natural instalada na mentalidade geral. Não obstante, pertencer a essa seleta minoria não era gratuito. O preço que haviam tido de pagar fora muito elevado, vendida a sua alma ao diabo. Mas Yuri não sabia de nada disso, admirado com aquela vida acomodada.

Kolia costumava defender a política bolchevique, enaltecendo o comunismo e as «grandes» virtudes do seu líder, normalizando as carências e injustiças que ocorriam na Rússia. Yuri escutava-o e pensava com tristeza em como aquele homem que lhe falava com veemência, com desdém até, nada tinha a ver com aquele que durante tanto tempo sonhara encontrar, devastado qualquer indício de ternura, mansidão e sensibilidade outrora albergado pelo seu coração de criança. Nunca respondia a esses discursos. Sonia avisara-o desde o primeiro dia; a empregada, Yevdokia, estava atenta a tudo e podia prejudicá-los se ouvisse algo inconveniente. Assim, Yuri limitava-se a escutar, sofrendo pela deterioração da personalidade do irmão.

O tempo passava e o passaporte que Villanueva lhe devia enviar não chegava. De Berlim, pediam-lhe paciência. A situação de guerra atrasava e dificultava não só qualquer deslocação pela Europa, mas também os trâmites burocráticos. Assim, chegou o Natal e o Ano Novo, e continuou o frio inverno naquela gélida, branca e cinzenta Moscovo que parecia engrossar o ar.

Em finais de março de 1940, Sokolov entregou-lhe finalmente o passaporte falso.

– Deves-me uma, camarada. Desta vez, arrisquei-me por ti.

Yuri sorriu-lhe, agradecido, mas ao abrir o documento, verificou que o visto para atravessar a fronteira tinha validade de um mês. Já haviam passado quase vinte dias, e os procedimentos para conseguir um bilhete de comboio com destino a Minsk demorariam pelo menos outros três. Apesar disso, iniciou os trâmites e escreveu uma última carta a Krista, anunciando-lhe a sua chegada.

Na tarde da partida, com tudo preparado, Yuri foi despedir-se da sua família, ciente de que seria a última vez que os via. Notou o irmão cansado, como que quebrantado, muito mais ensimesmado do que o habitual. Nas últimas semanas, tinha estado fora e não se haviam encontrado. Regressara no dia anterior. Yuri chegou mesmo a pensar que não o voltaria a ver.

A despedida foi tensa, triste por parte das crianças e estranha por parte de Sonia. Parecia muito inquieta. Ao entregar-lhe o seu sobretudo, Yuri reconheceu-lhe no olhar a angústia de algo que, nesse momento, não foi capaz de entender. Em seguida, prudentemente, Sonia retirou-se com os filhos e deixou os dois irmãos a sós.

Kolia dirigiu-se à sua mesa e abriu uma gaveta. Tirou uma pistola e entregou-lha.

– Leva-a contigo, os tempos estão maus, é possível que precisas dela.

– Talvez sejas tu a precisar.

– Fica com ela, tenho outra.

Yuri pegou na pistola, uma *Walther* alemã com o carregador cheio de balas.

– Agradeço-te por tudo aquilo que fizeste por mim – disse ele, guardando-a no bolso.

– Teria preferido não te voltar a ver. Revolver o passado nem sempre é bom, e muito menos quando houve tanto sofrimento.

Aquela indolência deixou Yuri desolado. Vestiu o sobretudo e estendeu-lhe a mão.

– Boa sorte, Kolia.

Kolia não se moveu ante a mão estendida. Após alguns tensos segundos, Yuri afastou-a e, pesaroso, deu meia-volta. Caminhou

sob uma fria e pertinaz chuva de primavera com o pesar gravado no coração. Perguntava-se se tinha valido a pena conservar durante tantos anos a memória do seu irmão. Talvez o pai tivesse razão: devia ter esquecido, ter fechado as portas à constante evocação, fomentando a saudade de um tempo que jamais regressaria, perdido para sempre, diluído nos imprecisos recessos da memória.

Ao chegar ao hotel, consultou o relógio. O seu comboio partia dentro de uma hora, tinha apenas o tempo necessário para chegar à estação. Guardou a pistola na mala, escondendo-a entre a roupa, e fechou-a; certificou-se de que levava a documentação e guardou tudo no bolso interior do casaco. Pegou na mala e olhou rapidamente em redor para se certificar de que não se esquecia de nada. Instintivamente, levou a mão livre ao bolso do sobretudo e sentiu um papel. Tirou-o e verificou que era um bilhete dobrado em quatro. Pôs a mala no chão, abriu-o e deparou-se com a letra reta e pontiaguda de Sonia. Teve de se sentar enquanto lia, pois tinha as pernas a tremer.

VI

Yuri desceu apressadamente à receção do hotel. Aí, deparou-se com Sokolov. A sua presença desconcertou-o.

- O que faz aqui?
- Vou acompanhar-te à estação.
- Como sabia que ia partir precisamente hoje?
- Na Rússia, tudo se sabe – respondeu Sokolov com sarcasmo.
- Não é preciso vir comigo. Apanharei um táxi.

Tentou contorná-lo, mas Sokolov foi mais rápido e bloqueou-lhe a passagem, terminante.

– Camarada Yuri Mijáilovich, tenho ordens para me assegurar de que apanhas esse comboio.

– O que o leva a pensar que vou ficar neste país um minuto a mais do que o necessário?

– Eu não penso, camarada, cumpro ordens.

– Foi o Kolia que o enviou?

– As ordens são para cumprir, independentemente de quem as dê. – Apontou com o rosto na direção da rua. – É melhor irmos. É tarde e não me perdoaria se não chegássemos a tempo.

Perturbado pela necessidade de alterar os seus planos, Yuri subiu para o automóvel que os esperava à porta do hotel. Guardou silêncio durante todo o caminho, absorto no que Sonia lhe tinha escrito. Não podia apanhar aquele comboio, ainda não.

Chegaram à movimentada estação Belorussky. Yuri levava a sua mala na mão. Entraram no vestíbulo do edifício e foram engolidos pelo bulício ensurdecedor de viajantes que pululavam de um lado para o outro. Procuraram a linha de onde partia o comboio para Minsk. Era difícil avançar pela plataforma, contornando os grupos formados pelas despedidas e as constantes idas e vindas dos carregadores que empurravam os carros carregados de arcas, malas e embrulhos. Uma vez diante da carruagem, Yuri parou e virou-se para Sokolov.

– Não pretenderá subir também?

Sokolov abanou a cabeça e falou-lhe num claro tom de censura.

– Nunca deverias ter regressado à Rússia.

Sem dizer nada, Yuri virou-lhe as costas, agarrou-se à barra e subiu para a plataforma. Em baixo, Sokolov acendia um cigarro no meio da turba que se esquivava à sua passagem. Yuri instalou-se no seu confortável lugar de primeira classe. Uma vez que estava sozinho, aproveitou para abrir a mala, tirar a pistola e guardá-la no bolso das calças. Em seguida, fechou-a e pô-la de lado. Nesse preciso momento, apareceu à porta do compartimento um homem roliço que o saudou afavelmente; à pressa, despojou-se do seu sobretudo de pele de ovelha e de um gorro de lã, pousou-os no banco e voltou a sair para o corredor. Yuri viu como, pela janela aberta, aquele homem se despedia de uma mulher e de duas crianças, as mãos entrelaçadas, lágrimas dela e palavras de carinho dele. Nervoso e com a pulsação acelerada, fixou o olhar no

sobretudo do banco da frente. Espreitou novamente para o corredor. Sokolov conversava animadamente com alguém na plataforma, enquanto o viajante, de costas para Yuri, continuava com a cerimónia de separação dos seus entes queridos. Nesse momento, ouviu-se o silvo ensurdecedor que anunciava a partida. Quase sem pensar, Yuri agarrou no gorro e no sobretudo de pele de ovelha do viajante, saiu do compartimento e avançou pelo corredor a passos acelerados até chegar à plataforma que o separava das carruagens de segunda classe. Virou-se para trás para verificar que o homem continuava absorto nos que ficavam, sem se aperceber da subtração das suas roupas. De olhos postos na plataforma e em Sokolov, que estava agora de costas, enfiou o gorro de lã até às sobrancelhas, despiu o seu sobretudo, atirou-o para um canto e vestiu o que tinha agarrado, saltando para o apeadeiro no preciso momento em que o comboio estremecia devido ao fragor do arranque. Baixando a cabeça, apressou o passo, desaparecendo entre a gente. Subitamente, lembrou-se de que tinha deixado a fotografia na mala. Sentiu um profundo pesar: perdera um bem precioso, insubstituível. Cerrou os punhos com fúria e continuou a dirigir-se à rua.

Ao sair, apanhou um táxi. Deu-lhe a morada que Sonia tinha escrito no bilhete.

– Isto fica a uma hora da cidade – avisou o condutor, indolente.

– Eu pago. – Apressadamente, Yuri tirou cinco rublos do bolso e estendeu-lhos. – Dou-lhe outros cinco quando chegarmos. Vamos, arranque.

Não parava de olhar para trás, temendo que Sokolov aparecesse e o perseguisse, mas não o viu. Quando o carro se afastou da estação, tirou o gorro e fechou os olhos com um suspiro; tinha conseguido despistá-lo. Ainda assim, os seus nervos não se acalmaram. Tirou do casaco o bilhete manuscrito pela cunhada e leu-o novamente. «Yuri, a tua mãe está viva, ou pelo menos estava da última vez que a vi, há já vários meses...» Sonia indicava-lhe a morada onde poderia encontrá-la e, no final, tinha escrito uma frase que o inquietava: «Suplico-te que não culpes o Kolia... Ela perdoou-o, ainda que ele não tenha sido capaz de se perdoar a si

mesmo.» Terminava com o aviso de que tivesse muito cuidado, pois era bem provável que o vigiassem.

O táxi levou-o por ruas e bairros dos arredores de Moscovo. Era noite cerrada quando abrandou a marcha até parar diante de um bloco de apartamentos. Yuri pagou ao taxista com uma generosa gorjeta. Ao descer, sentiu um calafrio ao observar aquela fachada cinzenta cravejada de janelinhas ao jeito de uma colmeia colossal, um dos muitos edifícios *kommunalki* construídos nos últimos tempos: apartamentos comunitários quase sem espaços de intimidade em que tudo era de todos, ou melhor, nada era propriedade de ninguém.

Deu uma olhadela ao bilhete de Sonia para confirmar a que porta se devia dirigir. Mal se via à ténue luz dos faróis. Adentrou-se no número indicado, era estreito, com falhas no revestimento das paredes e manchas de humidade a erguer-se do solo; a primeira impressão era a de um sítio escuro, imundo e negligenciado.

Chegou a um elevador, mas tinha um cartaz na porta a avisar que não funcionava. Ergueu o olhar para espreitar pelo vão da escadaria, uma lúgubre espiral que se erguia por cima da sua cabeça. Tinha de subir ao sétimo andar. Lentamente, iniciou a marcha, pensando no que poderia encontrar. Não punha sequer a hipótese de não a encontrar, ansiava por vê-la, por falar com ela, por entender o que acontecera para ter feito aquilo ao seu pai, e também a eles, afastá-los do seu lado para se lançar nos braços de outro homem. Precisava de respostas, pensava ele a cada degrau que o aproximava de um destino há tanto tempo almejado.

Quando chegou ao sétimo andar, tinha a pulsação acelerada e as costas transpiradas. O casaco daquele viajante revelara-se de boa qualidade. A porta do apartamento estava entreaberta e, do interior, saíam vozes de mulheres que discutiam. Ao abrir a porta, foi atingido por um forte cheiro a fechado, a suor e a humidade. Do pequeno vestíbulo saía um longo corredor com portas de ambos os lados. A briga provinha de uma das primeiras divisões. Yuri avançou e espreitou para o que descobriu ser a cozinha comunitária. Três mulheres idosas, desgrenhadas e iracundas increpavam uma rapariga muito jovem, que se defendia como podia

dos impropérios, insultos e ameaças. Uma delas apercebeu-se da presença de Yuri e emudeceu, após o que as outras fizeram o mesmo, e todas olharam surpreendidas para o recém-chegado.

– Olá – disse Yuri. – Procuro a Verónika Olégovna.

– Outro chulo para essa puta... – murmurou a mais velha.

A reação da rapariga foi tão imediata que mal houve tempo para a segurar. Atirou-se à que tinha falado e agarrou-a pelos cabelos, puxando com força e insultando-a como que possuída por um espírito maligno. Yuri esteve à beira de intervir, mas as outras duas conseguiram separá-las. Os gritos voltaram a apoderar-se daquela suja cozinha até que as três mulheres foram saindo, uma a seguir à outra, sem deixarem de gritar com a rapariga, que em nenhum momento se amedrontou, respondendo furiosamente aos ataques.

– Isto não vai ficar assim, María Petrovna – avisou a mais velha.

– Não descansarei até vos pôr na rua, que é onde deveis estar. – Cuspiu na direção da rapariga. – Aqui não queremos lixo.

Ao passarem diante de Yuri, as três mulheres lançaram-lhe um esgar desdenhoso. Yuri teve de suster a respiração devido ao fedor que emanava dos seus corpos. Cada uma delas entrou num quarto diferente, ouviu-se o bater de três portas. Subitamente, tudo ficou em silêncio. Yuri e aquela rapariga frente a frente. Ela fitava-o com desconfiança. Era muito bonita, pensou ele, uma adolescente de feições curtidas à base de lutar pela sobrevivência. Usava um vestido coçado de mulher mais velha, que lhe ficava grande, e um casaco de lã, cobria os pés com umas meias grossas e tinha o cabelo preso numa trança.

– Podes ajudar-me? – perguntou Yuri, quebrando aquele estranho mutismo. – Sabes onde posso encontrar a Verónika Olégovna Filátova?

– Porque a procuras? – atirou ela, desabrida.

Yuri refletiu na resposta por alguns segundos, esboçou um ligeiro sorriso e a voz saiu-lhe dos lábios em tom brando.

– É minha mãe...

A rapariga fitava-o como se não conseguisse entender as suas palavras.

– És o Yuri? – perguntou ao fim de algum tempo num tom ténue, quase impercetível.

Ele assentiu.

Sem dizer nada e sem parar de o fitar, como se tivesse descoberto uma aparição e temesse perdê-la ao desviar o olhar, a rapariga saiu para o corredor, indicando-lhe que a seguisse. Avançaram até chegarem a uma porta. A rapariga parou, introduziu a chave na fechadura e virou-se para Yuri. Fitava-o com ávida curiosidade, perscrutando-lhe os olhos como se quisesse chegar ao fundo da sua alma. Insinuou um sorriso, abriu a porta e entrou. Yuri sentiu que a sua pulsação acelerava. O interior estava mergulhado numa penumbra difusa e fragmentada. A rapariga embrenhou-se no quarto, acendeu um fósforo e utilizou-o para acender uma vela. A chama cintilante iluminou ligeiramente uma divisão arrumada onde havia um armário, uma pequena mesa, uma poltrona, uma estante carregada de livros e uma cama, onde avistou um corpo deitado debaixo de várias mantas que se revolveu com um queixume ao sentir a luz.

– É ela... – ouviu dizer a rapariga. – É a tua mãe...

Abalado, Yuri aproximou-se muito devagar até ficar junto ao leito. A mulher fitava-o de olhos muito abertos, sondando as lembranças mais profundas da sua memória.

– Yura?

Aquela doce e débil voz provocou no espírito de Yuri um acumulado de emoções contraditórias, comovido ao reconhecer a mãe e ao verificar a sua lamentável e dilacerante deterioração. Nada restava da esplêndida beleza que Yuri conservava na memória graças à fotografia guardada durante tantos anos; custava-lhe a crer que aquela mulher fosse a sua mãe, a imagem distorcida numa velha consumida, o rosto cadavérico, os olhos encovados nas órbitas negras. A sua longa e abundante cabeleira tinha perdido o brilho, transformada num novelo de cabelo seco e grisalho.

– *Mámochka*... – A palavra fugiu-lhe dos lábios como um silvo.

Ela estendeu os braços para ele, instando-o a aproximar-se, de mãos trémulas.

– Yura... Yura... Meu ursinho, minha felicidade, minha alegria, meu filhinho. – Com um trémulo fio de voz, verteu sobre ele todos os diminutivos carinhosos tão próprios de uma mãe russa num momento de profunda emoção. – És realmente tu?

Yuri inclinou-se para ela, agarrou nas mãos estendidas e sentiu-as frágeis e ossudas; cravando os joelhos em terra, fechou os olhos, levou-as aos lábios e cobriu-as de beijos, incapaz de conter as lágrimas.

– Mamã... *Mámochka*... Minha querida *mámochka*...

Verónika deixou-se tocar, fitando-o enternecida.

– Meu anjinho... Meu menino de ouro... Meu Yura... Sabia que voltarias, eu sabia, estava convencida de que não te renderias... Yura, meu amado Yura...

A rapariga tinha-se sentado na poltrona ao fundo do quarto e assistia à cena, comovida; com as pernas apertadas entre os braços, um esgar de complacência no rosto, os seus olhos claros emanavam um brilho especial.

Quando finalmente conseguiu reagir, Yuri dirigiu o olhar para a rapariga.

– Gostaria de ficar a sós com a minha mãe – pediu com amabilidade.

– Também é a minha – alegou ela, utilizando um tom muito doce, grato e próximo. – Sou tua irmã; ou, melhor dizendo, meia-irmã. O meu pai é o Petia Smelov.

Yuri olhou para a mãe, surpreendido. As palavras saíram-lhe da boca aos repêlões, expelidas da sua atormentada consciência.

– Mamã... o papá morreu de desgosto porque tu... – Voltou a engolir em seco, custava-lhe pronunciar diante dela a palavra *traição*. Armou-se de coragem e atirou. – Tu traístes-o... E eu... Mãe, preciso de entender porque o fizeste...

Verónika apertou-lhe a mão e levou-a ao seu coração.

– Meu querido Yura, juro pelo mais sagrado que não houve um instante na minha vida em que tenha deixado de amar o teu pai, nem um. Desde aquele dia em que a fatalidade me separou de vós, nunca saístes do meu pensamento.

– Mas tu... O Smelov e tu... – Vacilante, incapaz de expressar as contradições que lhe inundavam a mente, Yuri olhou para a jovem, que se mantinha atenta, mas à margem. – Ela é a prova do teu pecado...

Verónika virou-se para a rapariga e as duas trocaram um gesto de cumplicidade.

– A María é minha filha e tua irmã, amo-a com toda a minha alma; se não existisse, há já muito tempo que me teria matado. Mas ela não foi fruto do amor, como todos vós. O Petia Smelov foi um miserável, um canalha. Comigo, com o teu pai e até com a própria filha...

– Mas tu disseste... Escreveste-lhe uma carta a dizer que estavas apaixonada por ele, que tudo tinha sido um plano para nos afastares e ficares a seu lado...

– Sim, sim... – interrompeu-o a mãe, com um gesto de extenuado estoicismo. – Aquela maldita carta... – Fechou os olhos durante longos segundos, como se lhe estivessem a dilacerar as entranhas. Tomou fôlego e libertou-o num profundo suspiro. Em seguida, procurou-lhe o olhar, confrontando-o com a verdade. – Essa carta execrável foi escrita pelo meu próprio punho, e fi-lo porque era a única maneira de salvar a vida do teu pai. Sabia que o tinham encarcerado. O Petia ameaçou-me; se não a escrevesse, se não fizesse crer ao teu pai que já não estava apaixonada por ele, que há já muito tempo que a minha vida com ele era uma farsa e que tudo o que tinha acontecido na estação fora urdido por nós para vos afastar definitivamente da Rússia, se não fizesse tudo isso – insistiu, perturbada – executá-lo-ia de imediato sem piedade. Que outra coisa podia eu fazer? – perguntou ela com avidez, de olhos cravados nos do filho, implorando a sua compreensão. – Não podia arriscar. Estava ciente da dor que ia causar ao único homem a quem amei com toda a minha alma, mas na minha consciência pesou o meu sentido de mãe; se o Petia cumprisse a sua ameaça, o que teria sido de vós? Do meu pequeno Sasha, da Katia, de ti... – Baixou o olhar, entristecida. – Meu pobre Kolia... Se soubesse que não tinha entrado naquele comboio, tê-lo-ia procurado até no próprio inferno. – O seu olhar perdeu-se algures no passado, mas

continuou a falar. – Por isso escrevi aquela carta desprezível, mesmo sabendo que lhe partiria o coração; era a única maneira de terem a oportunidade de viver a vida juntamente com o vosso pai. Foi com essa intenção que a escrevi, na esperança de que, uma vez instalado em Madrid, o teu pai encontrasse uma mulher que o amasse e cuidasse dele até à morte, talvez não tanto como eu o amei durante todos estes anos, mas teria ao menos a possibilidade de refazer a sua vida, uma oportunidade de voltar a ser feliz, isso bastava-me.

Enquanto a escutava, Yuri sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo inteiro, invadiu-o um suor frio, angustiante. Tudo fora uma grande mentira, o profundo sofrimento que o seu pai tinha padecido durante anos, e que resultara numa deterioração galopante, havia sido em vão: a sua mãe continuara a amá-lo, e ele nunca fora capaz de refazer a sua vida transtornada, desfeita, quebrada por aquela carta mentirosa e envilecida, não pela mão de quem a escrevia, mas pelo canalha que urdira semelhante infâmia. A hostilidade que ele próprio mantivera contra o pai fora um castigo iníquo. Tanto tempo perdido em recriminações infames, acusações injustas, uma tortura acrescentada a tão grande suplício.

Yuri fez-lhe uma breve descrição de como tinham chegado a Madrid, de Katia, que para a mãe seria sempre aquela menina que se abraçava a ela com sete anos; contou-lhe tudo o que o pai passara devido à sua ausência, sem lhe ocultar a sua atitude mesquinha contra ele, fazendo um ato de contrição perante a mãe; explicou-lhe como se tinha ido diluindo pouco a pouco e como havia morrido.

Ela escutou-o e, quando terminou, um triste lamento escapou-se dos seus lábios.

– Que pena... – murmurou. – Meus pequenos...

Yuri deu-se subitamente conta de que chegara a ela enquanto emissário de antigas tragédias. Não sabia como lhe explicar a morte do pequeno Sasha. Baixou os olhos e, ao falar, com a voz entrecortada pela emoção, acariciou-lhe docemente as mãos.

– *Mámochka*, tens de saber... – Engoliu a amargura que lhe subia pela garganta. – O nosso pequeno Sasha não conseguiu

sobreviver...

Os olhos de Verónika ficaram fixos nos de Yuri com um esgar de dor, como se os pensamentos construídos durante tanto tempo – em que o vira fazer cinco anos, seis, dez, tornar-se um homem – se desmoronassem, varridos por uma forte corrente. Encolheu-se sobre si mesma, contraída num tormento, e quando ia a falar, a sua voz quebrou.

– Como pode uma mãe chorar a morte do seu filho dezanove anos depois de o ter perdido? Meu Deus... Como estou cansada.

Com um gemido de pura exaustão, Verónika deixou-se cair lentamente sobre a almofada. Fechou os olhos e deixou-se estar muito quieta. Tudo ficou mergulhado num silêncio avassalador, quebrado apenas por vozes de outros quartos, filtradas através das paredes.

VII

Durante longos momentos, Yuri e María não se mexeram, velando ambos a sua debilitada mãe. Era uma imagem desoladora.

Yuri observou tudo o que o rodeava. Estava muito frio no quarto. Os seus olhos cruzaram-se com os de María, que o perscrutava com um estranho fascínio.

– Há quanto tempo vivem aqui? – perguntou-lhe ele em voz muito baixa.

– Desde que a *mámochka* saiu da prisão.

– Esteve na prisão? – perguntou Yuri, entre o alarmado e o surpreendido. – Porquê? Que mal pode ela ter feito?

Não pôde evitar erguer a voz, e María pediu-lhe com um gesto que se calasse, levantando-se e indicando-lhe que saísse. Antes de se mover, olharam os dois para o rosto da mãe. Parecia ter mergulhado num torpor exausto. María agasalhou-a com cuidado e caminhou até à porta.

– Contar-te-ei tudo, mas vamos lá para fora – sussurrou ela. – Deixemo-la descansar. Deve estar exausta. Foi um momento muito intenso e emotivo.

Yuri seguiu-a, sem deixar de olhar para o corpo inerte da mãe.

– Vamos deixá-la sozinha? – perguntou, já fora do quarto, enquanto María rodava a chave.

– Está sozinha a maior parte do tempo.

Avançou pelo corredor sem parar. Saiu para o patamar, quase não se via nada; subiu um lanço de escadas e entrou por um estreito corredor até chegar a uma espécie de exígua varanda de pouco mais de um metro de largura por dois de comprimento com uma enferrujada balaustrada de ferro pela qual se podia aceder ao edifício contíguo. Um forte vento, húmido e gélido, fustigou-os. Ela encolheu-se e cruzou os braços. Em seguida, virou-se para ele. Viam-se graças ao brilho que saía de um janelão que havia ao lado.

– Mais ninguém cuida dela a não ser eu. Passa o dia a dormir, está muito fraca, quase não tenho nada com que a alimentar. É tudo muito complicado. – Falava como se se estivesse a justificar pelo estado em que a mãe se encontrava. – Não posso fazer mais, não posso...

Yuri deu-se conta de que María tiritava e de que os seus lábios estavam a ficar azuis devido ao frio. Tirou o sobretudo e pôs-lho em cima dos ombros. Sem pensar, envolveu-a nos seus braços e ela deixou-se abraçar, num silêncio quebrado pelo vento.

– Não te preocupes, María, vou tirar-vos daqui. Levar-vos-ei para um lugar digno, tenho dinheiro.

Ela libertou-se do abraço com uma expressão assustada.

– Não podemos partir, seria muito pior. Somos proscritas. A *mámochka* não devia estar aqui, comutaram-lhe o último ano de prisão pela pena do «menos doze», que a proíbe de se instalar nas cidades mais importantes da União Soviética, incluindo Moscovo. Mas veio à minha procura, arriscou-se ao utilizar o passaporte de uma mulher que tinha morrido numa aldeia por onde passou... – María interrompeu-se bruscamente. O forte vento soltara algumas madeixas da sua trança, que rodopiavam sobre o seu rosto adolescente.

– O que aconteceu, Maríá? Porque a prenderam?
– Não sabes que na Rússia não tem de haver um motivo para te prenderem? Cais em desgraça e pronto, é essa a razão, foi isso que aconteceu à nossa *mámochka*.

Durante alguns segundos, o seu olhar perdeu-se naquele desagradável horizonte negro e sem estrelas. Yuri sentia o corpo atarecido; no entanto, a voz cálida daquela irmã recém-descoberta fazia-o esquecer o frio.

– Aconteceu no Natal de 1934. Vivíamos em Leninegrado. Estávamos a dormir; os chequistas costumam atuar de noite, a fim de te apanharem no desconcerto do sono e para que, desse modo, não ofereças resistência nem armes alvoroço. Dois homens bateram à porta e disseram-lhe para se vestir, que tinha de os acompanhar. – Fitou-o com uma profunda tristeza no olhar. – Não voltei a vê-la até há um ano. Os filhos que ficam sem pais são levados para uma espécie de escola horrível onde lhes lavam o cérebro à base de pancada. A *mámochka* tinha-me avisado muitas vezes para, se alguma vez a levassem, eu partir imediatamente, disse-me que viajasse para Moscovo e procurasse a Tania Kárlovna, a mulher que protegia a nossa mãe em Leninegrado. E foi isso que eu fiz. Vim para aqui. A Kárlovna acolheu-me no quarto que ocupamos agora, até que um dia ela apareceu... – Procurou os olhos do irmão. – Se a tivesses visto, Yuri... Se soubesses quanto sofreu.

– E o teu pai? Que papel tem o Petia Smelov em tudo isto? Porque não fez nada por ela?

Maríá soltou um longo suspiro e abanou a cabeça.

– Isso terá de ser ela a contar-te. Eu só sei que era meu pai e que a fez sofrer muito... Mas a mãe nunca me falou no que aconteceu aquando da vossa partida, nem da razão porque estou no mundo. É um segredo que guarda para si.

– O que posso fazer, Maríá? Diz-me como posso ajudar-vos.

– Se saíssemos do quarto, tirá-lo-iam à Tania Kárlovna, e não podemos fazer-lhe isso. Estão aqui todas as suas coisas, tudo o que viste é dela.

– Onde está ela?

– Levaram-na há alguns meses. Graças à Sonia, livrámo-nos de ser detidas, avisou-nos mesmo a tempo para que pudéssemos sair e escondermo-nos.

– A Sonia Vasílievna? A mulher do Kolia?

María assentiu, compungida.

– Não sei como nos encontrou, mas um dia apareceu aqui. Foi muito boa para nós. Costumava trazer-nos comida, sabão, roupa. – Encolheu os ombros. – Mas desde que a Tania Kárlovna foi presa, não a voltámos a ver. A *mámochka* teme que lhe tenha acontecido alguma coisa por nos ter ajudado.

– Não... A Sonia está bem. – Yuri pensava nas frias conversas com o seu irmão e nos silêncios da cunhada. – Foi ela que me disse onde estavam.

– Alegra-me sabê-lo. Apesar de tudo, é uma boa mulher...

– Apesar de tudo?

O silêncio de María ante a pergunta provocou a rotura do muro de contenção que Yuri tinha mantido até esse momento, cego por vontade própria à evidência do trabalho do seu querido irmão; subitamente, deu-se conta de que o frio no seu olhar revelava uma crueldade brutal e assimilada.

– E o Kolia? – perguntou ele com veemência. – Porque não vos tirou daqui? Porque não vos ajudou? – As ideias debatiam-se com força na sua mente confusa. – Porque me disse que a mamã tinha morrido?

María cravou o olhar no do irmão, com um semblante pesaroso.

– Foi o Kolia quem a interrogou, quem ditou a sentença e a condenou a cinco anos de prisão... O Kolia torturou a nossa mãe com as suas próprias mãos.

VIII

Sokolov entrou no gabinete com uma expressão satisfeita. Kolia ergueu o olhar da sua secretária e, com indiferença, voltou a atenção para os papéis que tinha à frente.

– Problema resolvido, camarada capitão – pavoneou-se Sokolov. – O camarada Yuri Mijáilovich apanhou o comboio e vai a caminho de Minsk. Dentro de algumas horas, terá saído da União Soviética. Caso encerrado.

Kolia guardou silêncio e Sokolov achou estranho, mas atribuiu-o ao excesso de trabalho. Era evidente que tanta responsabilidade lhe pesava. O cargo a que aquele fedelho havia conseguido chegar estava-lhe destinado a ele; Beria tinha-lho prometido em várias ocasiões. O que era certo era que aquele rapaz tímido e calado se transformara num dos instrutores mais impiedosos, cruéis e insensíveis, ainda que também num dos mais eficazes, do NKVD dirigido pelo bárbaro Beria.

Não lhe levou a mal aquela apatia; no fundo, tinha-lhe tomado apreço. Sabia que Kolia era muito mais vulnerável do que alguma vez admitiria. Refastelou-se na única cadeira que havia do outro lado da mesa, decidido a cobrar a sua recompensa pelo trabalho realizado.

– Camarada capitão, agora que nos livrámos do teu irmão, devíamos retomar o assunto que me diz respeito.

– Que tipo de assunto? – perguntou Kolia, erguendo novamente o olhar.

– Tu sabes, camarada capitão – respondeu ele, relaxado. – Há dez anos que estou fora da Rússia a cumprir o que o partido me pediu; reuni informações de grande utilidade para os nossos; consegui convencer o Yuri Mijáilovich – desta vez, não se atreveu a proferir a palavra *irmão* – a sacar informação da embaixada espanhola; guardei-o, vigiei-o e informei de cada movimento seu durante todos estes meses, e acabo de o deixar na estação cumprindo ordens tuas, camarada capitão. Para te ser sincero, estou cansado de vaguear de um lado para o outro, sempre sozinho – prosseguiu em voz dócil. – Há quase uma década que não vejo a minha esposa, desde que saí de Kiev para prestar os meus serviços à contraespionagem do Komintern. Gostaria de

regressar à minha cidade, para a minha família. Não peço muito: uma pequena dacha para mim e para a minha família, um cargo confortável no partido da Ucrânia, um carro, um bom salário e os privilégios que um bom bolchevique como eu merece.

Kolia escutava-o, impassível.

– Terei em conta o teu pedido – deliberou com frieza.

– Foi uma promessa que me foi feita quando comecei com tudo isto – interrompeu Sokolov, arrogante. – Tu sabes, camarada capitão, falámos disso muitas vezes antes de ocupares este tão merecido cargo. – Os seus lábios contraíram-se ligeiramente. – A diferença é que agora a decisão está nas tuas mãos.

– Ainda precisamos de ti aqui, camarada Sokolov. Não podemos confiar que a Alemanha cumpra a sua palavra de não atacar a União Soviética. Precisamos de homens bem posicionados em Berlim até que o perigo cesse.

Sokolov abanava a cabeça enquanto Kolia falava.

– Não, não, camarada capitão, daqui a uns meses farei cinquenta anos, estou cansado, a minha decisão é firme: quero voltar para casa.

Kolia cravou os cotovelos na mesa, entrelaçou as mãos e fitou-o, pensativo.

– Está bem – disse, por fim. – Compreendo. Só te peço uma última coisa, preciso que me acompanhes numa missão de que fomos encarregados pelo próprio Estaline e que é dirigida por Beria. A tua colaboração implicará uma dacha mais ampla, um automóvel mais potente, um salário mais avultado e uma retirada nas melhores condições, para ti e para a tua família. Pensa nisso, podes obter bons rendimentos; a missão é capitaneada pelo teu amigo Vasili Blokhin.

Sokolov soltou uma gargalhada sarcástica.

– Não costumo ter como amigo o diabo – replicou, displicente. – É óbvio que, se esse sanguinário participa, falamos de algo selvagem.

– É um assunto delicado – insistiu Kolia para o tentar convencer. – Seremos muito poucos, preciso de gente de confiança, e tu és um deles.

– Pode saber-se do que se trata?

– Temos de nos desfazer de uns quantos prisioneiros na Bielorrússia, oficiais polacos algo incómodos. Será uma questão de um par de semanas. A recompensa valerá o esforço.

Sokolov ficou pensativo por alguns segundos, abanando depois a cabeça.

– Não gosto de andar com más companhias. O Blokhin é perigoso, já te avisei muitas vezes. Tem cuidado com esse tipo: assim que lhe virares as costas, trair-te-á, e não serás o primeiro, já sabes como ele é.

– Devo entender que rejeitas a minha oferta?

Sokolov levantou-se e pôs o gorro, com a soberba gravada no rosto.

– Não vou acompanhar-te a lado nenhum, camarada Fiódorovich. – Retirar-lhe o grau de capitão era, por si só, uma ameaça. – E muito menos em semelhante companhia. Cheguei ao meu limite. Se não me enviares imediatamente para Kiev, contarei a Beria tudo o que sei sobre ti.

Kolia relaxou o rosto e assentiu, sereno.

– Está bem. Compreendo, camarada, não há problema. Hoje mesmo darei ordens para que processem a tua transferência para Kiev. Terás a tua recompensa, mereceste-a.

Sokolov assentiu, satisfeito, deu meia-volta e saiu do gabinete.

Kolia premiu uma campainha que tinha debaixo da sua mesa. Passados poucos segundos, apareceram dois homens de aspeto sinistro vestidos com grossos casacos de pele.

– Acabem com ele – sentenciou, antes de os instar com voz autoritária. – Que não fique rasto.

Os chequistas assentiram e saíram atrás da sua presa.

IX

Finos flocos de neve rodopiavam diante dos seus olhos como incômodas moscas brancas; atarecados, María e Yuri decidiram abandonar a varanda e, ao regressarem ao interior, depararam-se com duas das mulheres que tinham estado a increpar a rapariga na cozinha de orelha colada à porta do seu quarto, a cochichar entre si.

Num primeiro impulso, María, furiosa, quis dirigir-se a elas, mas Yuri agarrou-lhe no braço, tentando tranquilizá-la.

– Saiam daí, suas bruxas! – gritou enquanto se aproximavam delas.

As mulheres sobressaltaram-se ao serem apanhadas em flagrante, mas logo se recompuseram, lançando-se numa fiada de impropérios em altos berros.

Yuri pôs-se diante de María enquanto a irmã abria a porta, sem deixar de responder a cada insulto. Quando entraram no quarto, as vozes do corredor calaram-se. A mãe continuava aparentemente a dormir, aninhada entre mantas, a respiração pausada. Silenciosamente, os dois irmãos dirigiram-se à janela, Yuri sentou-se em cima de uma sólida arca de madeira e María na poltrona. Estavam frente a frente e falavam um com o outro em voz muito baixa para não alterarem o sono da mãe.

– Porque te tratam assim? – perguntou-lhe Yuri.

– Querem que nos vamos embora. Move-as a ambição de ficar com este quarto e tudo o que tem dentro. Se ainda não nos denunciaram, foi graças às visitas de Sonia Vasílievna; sabiam que era esposa de um alto funcionário do NKVD. A própria Sonia as ameaçou de que, se algo nos acontecesse, as culparia a elas e sofreriam as consequências, ainda que o que realmente nos protege seja a visita que o Kolia nos fez sem aviso prévio há um par de meses.

– O Kolia esteve aqui?

– Só uma vez... – respondeu María, com ar circunspecto. – Esteve muito tempo a conversar com a *mámochka*. Partiu com o seu perdão, mas desde então nunca mais voltou.

Nesse instante, Yuri entendeu o que a sua cunhada Sonia lhe tinha escrito no bilhete: «Suplico-te que não culpes o Kolia. Ela

perdoou-o, ainda que ele não tenha sido capaz de se perdoar a si mesmo.» Compreendeu os seus silêncios, os olhares esquivos quando, por vezes, lhe perguntava se tinha chegado a conhecer a sogra. Sonia esboçava sempre um sorriso tenso e negava, fugidia. Em nenhum momento Yuri soube interpretar a verdade oculta sob o olhar frio e sombrio do seu irmão, uma verdade que subitamente ganhava sentido.

– Pergunto-me porque me negou o Kolia a possibilidade de ver a nossa mãe.

– Não queria que soubesses a verdade. Envergonhava-se do que tinha feito.

– Começo agora a entender tantas coisas... – murmurou ele, consternado.

– Yuri, estou tão feliz por teres vindo... Resta-lhe tão pouco tempo...

– O que queres dizer?

– A mamã está a morrer, Yuri. O cancro invadiu-lhe o corpo todo. Não sei nem como se aguenta... É como se tivesse estado à tua espera durante todo este tempo, algo incompreensível. No piso de cima, vive um médico; é um homem de bom coração e, de vez em quando, vem vê-la. No início de janeiro, poucos dias antes da visita do Kolia, garantiu-me de que não duraria mais de uma semana. De cada vez que o bom doutor a visita, afirma que é um milagre que se mantenha com vida, um milagre – repetiu, ensimesmada. – Quando o Kolia saiu deste quarto, ela disse-me que tu virias vê-la, estava convencida, o pressentimento da tua chegada manteve-a viva até agora.

Yuri não parava de olhar para a mãe enquanto ouvia falar aquela recém-descoberta irmã. Levantou-se e dirigiu-se lentamente à cama; com cuidado, sentou-se junto ao corpo imóvel, pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios para a cobrir de beijos. Verónika abriu os olhos e, quase sem se mexer, sorriu.

– Meu filhinho, meu doce Yura... – A sua voz era melosa e débil.

– Tenho tanto para te contar... Mas primeiro quero que me prometas uma coisa.

– Farei o que me pedires, mãe.

– Não quero que o teu doce coração se empeçonhe de ódio como aconteceu ao teu irmão Kolia. Tens de me prometer que partirás daqui com a alma livre de rancor e que não te moverá o desejo de vingança.

Yuri baixou o olhar, abanou a cabeça e apertou os lábios.

– Não posso prometer o que não está nas minhas mãos, mãe. – Yuri sabia que a ira, o ódio e o ressentimento, tal como o amor, são impulsos irreprimíveis que brotam da caixa de Pandora do coração; uma vez aberta, nada nem ninguém os pode dominar. – Mentir-te-ia se dissesse o contrário, e por nada no mundo quereria faltar à minha palavra contigo.

A mãe sorriu, fechou os olhos e assentiu.

– Tens razão, filho, mas concede-me ao menos a promessa do perdão. Concedê-lo ou não depende da tua vontade. Esteve na minha: consegui perdoar a todos os que me causaram tanto mal, a todos os que me fizeram sofrer tanto, e graças a isso a minha alma ficou livre de um pesado fardo que mal me deixava respirar. Não quero essa pena para ti, meu querido Yuri, de modo algum. Preferia manter-te na ignorância.

– Tentarei fazê-lo, *mámochka*, prometo que procurarei perdoar, é a única coisa que te posso oferecer. Conta-me tudo, peço-te, preciso de saber. Deixar-me na ignorância do que se passou seria um castigo muito maior, seria injusto. Tenho o direito de saber o que aconteceu durante todos estes anos.

Sem deixar de o fitar, ela assentiu, fechando os olhos por um par de segundos; em seguida, numa voz muito suave, em tom claro, de olhar perdido, fixo de vez em quando nos olhos daquele saudoso filho que o destino lhe tinha devolvido ao fim de tanto tempo, Verónika Olégovna Filátova começou a desfiar muito lentamente todas as suas memórias, desde o funesto dia em que se havia separado definitivamente dos filhos e de Miguel Santacruz, o grande amor da sua vida.

– Depois de me afastar de vós, encontrei imediatamente o Petia; estava à minha espera... Não me apercebi, na altura, mas depois compreendi... Ele sabia que não me iam deixar subir para o comboio, sabia desde o início e deixou que passássemos por todo

aquele calvário do controlo de vistos. Tinha deixado a minha mãe no comboio, ou assim me fez crer. Com o tempo, soube da penosa sorte sofrida pela tua pobre avó, detida nesse mesmo dia enquanto nós tentávamos aceder ao comboio, acusada de conspiração e espionagem, condenada e exilada para a Sibéria. Só sei que morreu, tal como o teu avô, assassinado por uma turba enlouquecida que o queimou vivo com vários dos seus sócios no interior dos escritórios em Rostov do Don. – Os seus olhos ficaram mergulhados num profundo pesar. – Contou-mo o próprio Petia quando finalmente acabou a minha tempestuosa relação com ele...

– Então estiveste com ele?

Ela ergueu a mão para o fazer calar.

– Não me interrompas, Yura, peço-te. Sei que tens direito a saber, mas reviver tudo isto é muito doloroso para mim.

Ele assentiu com um movimento de cabeça e levou a mão da mãe aos lábios para lhe beijar as costas, como que a pedir-lhe desculpa. Verónika tomou fôlego, soltou-o num lamurioso suspiro e continuou a falar:

– Vivi em casa do Petia durante um ano. Nas primeiras semanas, tudo foram falinhas mansas, tudo amabilidades, a companhia da sua esposa, a minha querida amiga Nadia Galaktiónova, reconfortava a minha dor pela vossa partida. O Petia garantia-me que estava a agilizar os trâmites para que eu pudesse sair da Rússia, dizia que estava em contacto com o teu pai, que não me preocupasse, que tudo ia correr bem e que muito em breve me juntaria a vós. Inicialmente, tudo decorreu com normalidade, mas, pouco a pouco, a sua atitude para comigo foi mudando, gestos quase impercetíveis, como uma carícia à minha passagem, um beijo desviado para tão perto dos lábios que me incomodava, uma frase insinuante e deslocada. A minha querida Nadia notou e repreendeu-o. – Calou-se por um instante, como se a mera ideia de o expressar lhe causasse vertigens. – A reação dele surpreendeu-nos às duas: esbofeteou-a, insultou-a, humilhou-a... No dia seguinte, uns homens levaram-na à força... O Petia não estava. E eu... eu não pude fazer nada... – Engoliu a saliva amarga das memórias. – Nunca mais voltei a saber dela. Desapareceu. A partir

desse momento, o Petia exibiu o seu verdadeiro rosto, mostrou as suas malvadas intenções e deixou a descoberto o diabo que o habitava. Foi então que me obrigou a escrever aquela maldita carta dirigida ao teu pai. O que aconteceu naqueles meses move-se na minha mente como uma massa viscosa, podre e fria. Foi tudo tão inesperado, tão absolutamente imprevisível, que me sentia incapaz de reagir. Manteve-me fechada numa parte da casa a que só ele tinha acesso. Inicialmente, agia como um louco apaixonado, implorava-me que o amasse; pedia-me que lhe desse a oportunidade de me fazer feliz; jurava que me cobriria de tudo o que eu quisesse, que, se me tornasse sua amante, voltaria a viver com o luxo que tinha tido antes da revolução. Eu não podia acreditar no que estava a acontecer. Rejeitava-o, implorava-lhe também que me deixasse partir, dizia-lhe que o único homem a quem alguma vez amaria era o teu pai, que o meu coração lhe pertenceria sempre e que tiraria a vida antes de renunciar ao seu amor.

Chegados a este ponto, Verónika emudeceu, apertando os lábios para não falar. Não era capaz de referir ao filho as tantas humilhações a que Petia Smelov a tinha sujeitado a partir do dia em que a violara pela primeira vez. Aí começara realmente o seu tormento. Não podia contar-lhe que acabara por se entregar passivamente para deixar de ser espancada ou para que ele não a tivesse sem beber durante horas, ou sem poder sair do quarto nem mesmo para ir à casa de banho, tendo de fazer as suas necessidades a um canto e levando depois uma tarefa pela sujidade acumulada que não podia limpar. Não podia contar-lhe tudo isso, não podia sobrecarregá-lo com aquela horrível vergonha que ficaria gravada para sempre na sua alma de forma indelével. Não, não lhe parecia que fosse necessário, seria esse o seu único segredo, algo que levaria para o túmulo para evitar infligir danos inúteis.

– As coisas complicaram-se quando lhe disse que estava grávida – prosseguiu finalmente. – Foi então que me falou da morte dos meus pais; fê-lo com tanta maldade que me dói só de o

recordar. Em seguida, expulsou-me de casa... Libertou-me para que morresse de fome, foi o que disse.

Também não lhe podia explicar que, nesse momento, tinha renunciado à sua dignidade enquanto mulher pelo instinto maternal de proteger a vida que crescia no seu ventre, não quis contar-lhe que se havia prostrado de joelhos diante do seu carcereiro a implorar clemência e amparo. Não serviu de nada, pois Verónika acabou na rua num mês de janeiro tão gélido como a alma daquele homem, sem lugar onde se abrigar nem nada que comer ou com que se agasalhar. Petia Smelov sabia que a condenava a uma morte certa, a ela e ao filho por nascer.

Esquivando-se a essas funestas memórias, Verónika prosseguiu com o relato.

– Durante alguns dias, postei-me à entrada do grande bazar Gostiny Dvor, cantava durante horas para mendigar algo que levar à boca. A tua avó dizia sempre que todos temos um anjo da guarda que nos protege, e o meu apareceu na pessoa de uma bendita mulher, a Tania Kárllovna. A minha voz cativou-a, compadeceu-se de mim e convidou-me para sua casa. Vivia numa pequena dacha de madeira muito acolhedora, limpa e quente, a uma hora do centro de Leninegrado. Ofereceu-se para me dar abrigo em troca de eu dar aulas de canto às mulheres da aldeia. Aceitei e, graças a ela, tive oportunidade de ter a María e de a criar sem grandes dificuldades. Foi uma época tranquila e quase feliz, até que a Tania teve de vir para Moscovo. Eu e a María ficámos na sua dacha... Mas, poucos meses após a partida, prenderam-me.

– O que aconteceu, mãe? Sei que o Kolia... – Vacilou. – Sei de tudo.

– Pobre Kolia... – murmurou ela, com um véu de tristeza no rosto. – Sofri tanto ao vê-lo... Tinha ali o meu filho querido, tinha-o diante de mim e não podia tocar-lhe, nem abraçá-lo, nem beijá-lo... Não podia sequer fitar os seus olhos assustados para que a voz contra mim não lhe tremesse. Que outra coisa podia ele fazer a não ser cumprir a sua cruel obrigação?

– Condenou-te – protestou Yuri, indignado. – Como pode um filho sentenciar a própria mãe? Tem de ter o coração muito podre

para fazer algo assim.

Verónika recordou, dolorida, os golpes recebidos da mão de Kolia, eram os únicos que lhe doíam, os outros mal os sentia, só os do filho. Também sobre isso se calou.

– É verdade, o seu coração está envenenado pelo ódio e pela solidão. Mas acho que também foi ele que conseguiu que, de algum modo, me libertassem um ano antes de cumprir a pena, Yura. Não devemos julgá-lo, o Kolia passou por muitas dificuldades.

– Todos as passámos! – exclamou ele, erguendo a voz de raiva.
– Tu, eu, o papá, a Katia... E nunca nos passou pela cabeça sermos tão cruéis contra um dos nossos...

Yuri fechou os olhos, pois as suas palavras tinham-se voltado contra si como uma forte bofetada. Acusava o irmão quando ele próprio exercera contra o pai a crueldade da sua incompreensão e do seu desprezo, afastando-se dele para sempre. Antes de cair no abismo do esquecimento, Katia tinha-lhe sugerido nas suas cartas que o pai chorava a sua ausência, que perguntava por ele dia e noite; no entanto, Yuri nunca cedeu, nunca lhe ofereceu um sinal de carinho, nunca lhe concedeu a oportunidade de uma redenção.

Respirou fundo e pediu desculpa à mãe, que havia fechado os olhos como se a ferocidade das palavras também a tivesse salpicado.

– Está tudo dito – disse ela, dando por concluído o relato. – Agora, deves viver com isto e seguir com a tua vida. Mas lembra-te, esta família deixou demasiados cadáveres pelo caminho, e não quero que tu sejas mais um.

X

Durante mais de um mês, Yuri coabitou naquele minúsculo quarto com a mãe e a irmã. Mal saía. Não sabia se o procuravam ou se julgavam que tinha saído da Rússia, transformado num

perigo descartado; assim, procurava não correr riscos para evitar ser descoberto. Com o dinheiro que tinha dado a María, a rapariga comprou um colchão para ele, roupas para ela, mantas e comida. Tudo levado pouco a pouco, para não provocar animosidade entre os vizinhos, sempre atentos a qualquer mudança. Nesses dias, Yuri evocou irremediavelmente a miséria que tinha vivido durante os seus últimos anos em São Petersburgo. Duas décadas depois, tudo continuava igual para a maioria: a escassez, as carências; era desolador ver a indigência em que se desenrolava a vida quotidiana da maioria da população, que tantas esperanças depositara primeiro em Lenine e depois em Estaline.

No dia 30 de abril desse ano de 1940, trinta e cinco dias após aquele reencontro, Verónika Olégovna fechou os olhos e já não os voltou a abrir. A sua respiração foi abrandando até parar definitivamente, a sua vida tinha acabado, e caiu subitamente sobre Yuri uma insuportável sensação de orfandade.

Enterraram-na na soalheira manhã do Primeiro de Maio, a grande festa dos trabalhadores celebrada como feriado nacional em toda a URSS, com o som reverberante dos sinos a repicar ao vento por toda a Rússia e os desfiles a estenderem-se por cada uma das cidades, vilas e aldeias mais remotas.

Até ao solitário cemitério chegavam os ecos daquela fanfarra pátria. Acompanharam o simples caixão os dois filhos, María e Yuri, e o médico que a visitara nos últimos meses. Yuri encarregou-se de que a mãe tivesse um enterro digno, o que levantou suspeitas na vizinhança ao evidenciar que tinha dinheiro.

A situação com os restantes residentes era cada vez mais complicada; a morte da sua mãe e a ausência de Tania Kárllovna, titular do quarto, tornavam insustentável que María pudesse ficar a viver ali. Após muito pensar, Yuri decidiu ir visitar Kolia para lhe pedir que proporcionasse a María Petrovna um lugar onde viver.

Apanhou um elétrico que o levou ao centro de Moscovo. Caminhou até casa do irmão com plena consciência de que estava a correr um risco, dado que a sua presença na União Soviética era ilegal, com um passaporte falso e um visto de saída caducado. Sem o amparo de ninguém, nem mesmo de Kolia, teria de dar

muitas explicações caso lhe pedissem os documentos. Por via das dúvidas, levava a pistola. Era meio da tarde quando bateu à porta do apartamento de Kolia, com o coração acelerado. Foi Sonia quem a abriu. Ao vê-lo, assustou-se como se tivesse visto um morto ressuscitado; fez-lhe sinal para que não fizesse barulho e indicou-lhe que entrasse numa pequena sala de jogos que havia junto à entrada.

– Espera aqui – sussurrou. – Volto quando a Yevdokia Tiviérszina for dormir.

Durante mais de três horas, Yuri manteve-se como um ladrão escondido nas sombras, ouvindo os seus sobrinhos a conversar com a mãe, a rir entre si, o barulho das panelas na cozinha; sentiu o cheiro a couve cozida do jantar. Pouco a pouco, os ruídos foram-se esbatendo, até que o silêncio se apoderou da casa.

A porta abriu-se muito lentamente. Sonia entrou e fechou-a, sigilosa; com um sorriso nos lábios, deixou-se deslizar até ficar sentada ao seu lado. Era a primeira vez que os dois cunhados estavam sozinhos e tão próximos.

– ConseguiSTE vê-la? – perguntou, em voz muito baixa.

Yuri assentiu com um sorriso.

– Morreu há uma semana... Obrigado, Sonia. Se não fosse por ti, não teria podido despedir-me dela. Estou em dívida para contigo.

– Era justo. O teu irmão proibiu-me de te falar nela. Temia que chegassem a saber a verdade a seu respeito.

– Não consigo entender como se pôde tornar tão impiedoso.

– Não deves julgá-lo, Yuri. O teu irmão não é mau – argumentou ela, num tom dulcificado. – Foram as terríveis circunstâncias que teve de enfrentar que o tornaram assim.

– Sonia, abre os olhos, o Kolia converteu-se num monstro.

– Debaixo desse monstro, há uma alma boa, a alma de um homem que amo profundamente, o pai dos meus filhos; é um bom marido e um pai afetuoso. Estou convencida de que, à base de amor, posso chegar a salvá-lo, resgatá-lo dessa peçonha em que todos os dias se move. Lutarei por ele até ao fim.

Yuri baixou o queixo com um esgar risonho.

– Que prodigioso pode chegar a ser o amor...

– Por falar em amores – acrescentou Sonia. – Tenho uma boa e uma má notícia. A boa é que chegou uma carta da Krista. Recebi-a poucos dias depois de teres partido e guardei-a para o caso de regressares. A má é que já não a tenho. Não tive outro remédio a não ser desfazer-me dela – prosseguiu Sonia. – Descobri aquela bruxa ucraniana a vasculhar as minhas gavetas. Já o faz sem se esconder. Tenho o inimigo metido em casa.

– Não te preocupes, Sonia, já fizeste muito por mim. Saber que a Krista escreveu já me serve. Talvez fosse a sua resposta à carta que enviei a dizer que regressava à Alemanha com uma identidade falsa. Enviei-lhe outra a anunciar que tinha encontrado a minha mãe e que teríamos de adiar o nosso reencontro. Pu-la no correio, mas não sei se a terá recebido ou se terá acabado desfeita em tiras nalguma lixeira russa. – A sua voz tornou-se melosa. – Sinto tanto a sua falta...

– Adoraria conhecê-la.

– Ias dar-te bem com ela. É uma mulher extraordinária.

Por alguns segundos, calaram-se os dois. Não se ouvia nada, pareciam estar sozinhos naquele universo caótico.

No corredor, com a orelha colada à porta, Yevdokia Tiviérszina, a criada ucraniana, sustinha a respiração ante aquele mutismo, atenta ao que faziam e diziam.

– Porque vieste? – perguntou Sonia. – É muito perigoso.

– Queria falar com o meu irmão, mas não penses que venho para atirar-lhe algo à cara, não o farei; prometi-o à minha mãe e vou cumprir. Preciso que ajudem a Maríia Petrovna. Ficou sozinha e temo que muito em breve a ponham na rua. Não tem para onde ir. Precisa de um lugar onde viver com alguma segurança.

– Ninguém está seguro na Rússia, Yuri, nem mesmo nós. O meu irmão, Liovka Vasílievich, disse-me que as coisas estão tensas na Lubianka. Andam com uma questão muito delicada de prisioneiros polacos em Katyn, perto de Smolensk.

– Smolensk? O que faz o Kolia por lá?

Sonia cravou os olhos no cunhado.

– A única coisa que o ensinaram a fazer... Matar. – A voz saiu-lhe fria, seca, como o grasnido de um corvo.

XI

Yuri deixou a casa com a promessa de Sonia de que tentaria falar com Kolia sobre o futuro de María. Era perigoso voltar ali, pelo que aguardaria notícias no quarto onde coabitava com a sua irmã.

Desceu do elétrico e caminhou a passos calmos em direção ao edifício, mas ao virar da esquina parou bruscamente. Junto à porta, estava um elegante *Rolls-Royce* preto do Comissariado do Povo; um motorista fardado encostava-se à carroçaria, fumando com ar aborrecido, em atitude de espera. Era evidente que se tratava de alguém importante do partido. Por precaução, esperou para ver quem era. Sentou-se num degrau de outro bloco, de onde tinha vista para a entrada. Num gesto involuntário, tateou a pistola na parte de trás do seu cinto. A temperatura estava agradável, ainda que se comesse a notar a humidade da noite. Ergueu o olhar para um céu cravejado de estrelas e inspirou para encher os pulmões daquele ar fresco de primavera. Pensava no seu irmão, no que Sonia lhe tinha dito sobre ele, no amor cego que ela lhe professava, e perguntava-se se Kolia sentia por aquela mulher o mesmo amor que ela sentia por ele.

Uns gritos arrancaram-no ao seu ensimesmamento e fizeram-no pôr-se de pé, em alerta. Também o motorista se tinha endireitado e abria rapidamente a porta do carro. Pela porta, saiu María acompanhada por um homem corpulento, que a agarrava com força pelo braço e a levava quase de rastos. Ela resistia, protestava aos gritos, lutava para se soltar, mas a força do homem era superior ao seu empenho.

Desatou a correr, decidido a ajudar a irmã. Quando o homem estava prestes a metê-la no carro, María viu-o e virou-se.

– Não, Yuri, não, vai, foge! Não te aproximes.

Yuri parou bruscamente ao avistar o rosto do homem que segurava a sua irmã. Reconheceu-o de imediato.

Apesar da passagem dos anos, Petia Smelov mudara pouco, tinha menos cabelo e estava mais grisalho, mais gordo, mas

mantinha os mesmos olhos, aquele olhar que o deixou petrificado a alguns metros de distância. Sem que o pudesse evitar, a sua atribulada consciência viu-se fustigada pela memória do seu pai junto àquele homem, a cumplicidade de ambos, os seus risos, as suas confidências de amigos, imagens que duraram apenas algumas frações de segundo, confusas e envilecidas.

Petia também o tinha reconhecido ao ouvir o seu nome da boca de María. Sem a soltar do seu aperto, aparentando um mínimo esforço, dirigiu-se a ele em tom arrogante.

– Bem, bem, Yuri Mijáilovich Santacruz, afinal é mesmo verdade que andas por aqui. Quando me disseram que tinhas regressado à Rússia, não podia acreditar.

– Como se atreve a apresentar-se aqui, Smelov?

– Venho buscar o que me pertence – respondeu ele, altivo.

– Aqui não há nada seu.

– A María Petrovna é minha filha e irá comigo, quer queira, quer não.

Os dois irmãos fitaram-se. O medo gravado no rosto da rapariga fê-lo estremecer. María tentou soltar-se, mas o aperto de Smelov impediu-a.

– Nunca antes se preocupou com ela. Se tivesse morrido, não se teria importado. Porquê agora?! O que procura?! – Mais do que falar, gritava, cheio de fúria contida. – Não lhe parecem suficientes os danos que infligiu à minha família?!

– A tua família... – murmurou Smelov, com um esgar desagradável. – A tua incrível e perfeita família...

– Deixe-a em paz. Ela não quer nada consigo.

– Levo-a para evitar que a detenham. Estou a fazer-lhe um favor.

– Não é verdade, Yuri! – clamou María, com voz trémula. – Vai levar-me para um reformatório... – Retorceu-se, furiosa. – E eu não quero ir.

– Ouviu o que ela disse – indicou Yuri. – Não quer ir consigo. Solte-a!

Smelov, ignorando aquela ordem, puxou com força por María e atirou-a para o interior do automóvel, com tanta violência que

enfureceu Yuri. Este levou a mão à cintura e empunhou a pistola.

– Solte-a! – gritou enquanto Iha apontava, segurando o pulso para firmar a mão.

O motorista, ao ver a arma, escondeu-se longe do alcance de uma bala. Smelov observava Yuri com uma mistura de incredulidade e surpresa.

– Vais matar-me? – perguntou, trocista, com um esgar desdenhoso.

Yuri falou lentamente, medindo cada palavra, sem deixar de apontar com pulso firme àquele homem que tanto sofrimento tinha causado aos seus entes mais queridos.

– Prometi à minha mãe que tentaria não me vingar de todas as afrontas que sofreu às suas mãos. – A voz de Yuri tornou-se profunda e mordaz. – Mas não me importaria de faltar à minha palavra só pelo prazer de lhe enfiar uma bala na testa e o ver cair aos meus pés.

– Não tens coragem, tal como não a tinha a puta da tua mãe.

O estalido seco do disparo ecoou pela rua. Smelov dobrou-se ao meio, com uma expressão entre o pasmo e a dor aguda. No último instante, sem intenção de o matar, mas apenas de o amedrontar, Yuri tinha baixado a arma e o tiro atingiu-o na coxa. O ferido virou-se um pouco e aproveitou para sacar de uma pistola, mas ao percuti-la, o gatilho encravou e Yuri teve tempo para voltar a disparar. Desta vez, a bala atingiu-o no fundo das costas e fê-lo cair por terra.

– María, vem cá! Depressa.

A rapariga saiu do carro e correu até se pôr atrás do irmão. Smelov clamava por ajuda, arrastando o corpo pelo passeio como uma serpente; era nisso que Yuri pensava enquanto o fitava com a arma ainda nas mãos.

Sem querer, Yuri deixou cair a pistola ao chão. Olhou rapidamente em volta, em busca de testemunhas do seu crime, mas a rua estava deserta e as janelas fechavam-se para não ver, para não complicar a vida. O motorista tinha fugido a correr ao primeiro disparo. Deu vários passos atrás, agarrou na mão da irmã e obrigou-a a correr. Correram durante muito tempo pelos passeios

vazios, sem rumo nem descanso, até que María parou, exausta, com a pulsação tão acelerada que teve de se dobrar ao meio porque mal conseguia respirar. Yuri respirou fundo, com o coração desenfreado. Viu um vestíbulo aberto e solitário e decidiu esconder-se lá, para parar e pensar nos próximos passos.

XII

O comissário Lavrenti Beria estava no seu gabinete com vários membros da sua equipa. Vigiado pelos retratos de Estaline e de Lenine, o grupo mantinha-se de pé sobre o tapete persa.

Há muito pouco tempo que tinha amanhecido e a luz do sol começava a invadir a divisão ainda iluminada pelo grande candeeiro do teto. Estavam prestes a iniciar uma das habituais reuniões diárias quando o assistente de Beria entrou precipitadamente no gabinete e se aproximou do comissário com ar conturbado.

– Perdão, camarada comissário-geral... – Tremia-lhe a voz. – Acabam de me informar de um atentado nos arredores da cidade. Trata-se do camarada Piotr Smelov, o médico pessoal do nosso pai Estaline. O seu estado é de extrema gravidade. Foi transferido para o hospital do Kremlin.

Um estrepitoso silêncio abateu-se sobre aquele imponente gabinete.

– Sabe-se quem foi? – perguntou Beria, ao fim de alguns segundos.

Sem dizer nada, cabisbaixo, o assistente lançou um rápido olhar aos restantes homens ali reunidos. Beria ordenou que saíssem. Todos se apressaram a fazê-lo. Uma vez a sós, o assistente, com a voz travada de um pintassilgo, prosseguiu:

– Deram-lhe dois tiros com uma pistola alemã, uma *Walther*. Foi encontrada junto ao ferido. O camarada Smelov conseguiu

identificar o seu atacante. Trata-se de um estrangeiro. – Leu um bilhete que tinha na mão. – Yuri Mijáilovich Santacruz.

Beria observava-o fixamente; aqueles olhos de expressão felina provocavam pavor no atemorizado ajudante.

– Quem mais sabe? – Arrebatou-lhe o papel da mão.

O assistente tremia, aterrorizado, sabia que estar a par daquela informação tão delicada fazia dele um alvo. Devia ter passado a chamada diretamente ao comissário-geral, mas ao estar em reunião, não quisera interrompê-lo, acabando assim por ficar comprometido com um segredo que jamais deveria ter escutado.

– Só o médico que o atendeu – replicou, tentando manter uma calma que lhe fugia a cada palavra. – Foi ele mesmo que ligou para informar de tudo.

– Quer dizer que a identidade desse atacante, sabe-la tu e esse médico.

– Assim é, camarada comissário-geral.

O olhar de Beria confirmou-lhe que a sua sentença estava ditada.

– Quem tem a arma? – perguntou ele, com voz cavernosa.

– Acaba de ser trazida pelos da secreta. Guardo-a no meu posto, camarada comissário.

– Trá-la aqui imediatamente. E quero o médico que te ligou na Lubianka; certifica-te de que não fala com ninguém, entendido? Com ninguém. – Salientou estas palavras num tom ameaçador.

O assistente aquiesceu com um gesto de cabeça, saiu e, ao fim de alguns segundos, entrou novamente com um embrulho na mão. Entregou-lho e saiu apressadamente do gabinete.

Beria abriu o envelope castanho onde tinha sido introduzida a pistola com que Yuri disparara contra Petia Smelov. Era uma das armas que mandara trazer da Alemanha ao agente Sokolov (eliminado por ordem direta de Kolia Fiódorovich por traição, segundo argumentara), às quais se juntavam as que os próprios alemães haviam doado ao Exército Vermelho durante a invasão da Polónia com grandes quantidades de munições. Ao longo do mês de abril, um reduzido grupo dos seus melhores homens, entre os quais se encontrava Kolia Fiódorovich, tinha utilizado essas pistolas

para executar milhares de prisioneiros polacos, na sua maioria oficiais do exército, capturados oito meses antes durante a invasão soviética do leste da Polónia e enterrados no bosque de Katyn.

Voltou a exigir a presença do atemorizado assistente.

– Avisa Liovka Vasílievich e Vasili Blokhin. Que se apresentem urgentemente no meu gabinete – ordenou com autoridade.

Esses dois homens seriam os mais adequados para realizar o maquiavélico plano que se desenrolava na mente do comissário Beria.

Deixou a pequena *Walther* em cima da mesa e esperou. Pensava em Kolia: há já muito tempo que sabia tudo sobre ele; sabia da sua falsa filiação, do passado fingido, conhecia a identidade do seu pai, Miguel Santacruz, um burguês que tinha fugido da Rússia abandonando à sorte a bela esposa, pela qual esse estúpido e arrogante doutor Smelov se embeixara. Cinco anos antes, Kolia havia passado na prova de lealdade que lhe tinha imposto ao instruir a causa contra a sua própria mãe, a cidadã Verónika Olégovna, ditando a sentença de prisão sem que lhe tremesse o pulso. Algumas semanas antes, graças ao relatório da criada ucraniana infiltrada em casa de Kolia, soubera da presença em Moscovo do irmão mais velho, Yuri Mijáilovich, que se revelava agora ser o autor do atentado. Mas o maior erro que o camarada capitão Kolia Fiódorovich (cujo verdadeiro patronímico era Mijáilovich) tinha cometido fora ficar com aquela pistola e, pior ainda, entregá-la àquele seu irmão. Tinha desobedecido à ordem taxativa de destinar todas as armas alemãs à operação de Katyn e de se desfazer de todas elas, sem exceção, uma vez finalizada. Beria encarregara-o pessoalmente disso: do controlo e destruição de todas aquelas pistolas alemãs como única prova do sangrento crime.

O primeiro a chegar foi Blokhin. Tinha um aspeto tosco, vestido com a sua jaqueta de grandes bolsos, calças de montar e botas; era de carácter rude, grosseiro, radical e violento, nada a ver com os modos educados de Kolia, mais calado, eficiente e organizado no trabalho; o seu trato agradável desconcertava os detidos, minando-lhes ainda mais os nervos.

Quando Liovka Vasílievich entrou no gabinete, Beria sentou-se à secretária. Os dois homens fizeram o mesmo do outro lado da mesa. Liovka pegou num maço de tabaco e ofereceu-o, mas nenhum dos dois quis fumar; acendeu o cigarro e exalou uma baforada de fumo esbranquiçado.

– Dispararam contra Petia Smelov e fizeram-no com uma das pistolas utilizadas na operação de Katyn! – vociferou Beria, furioso, o maxilar tenso, as feições rígidas devido à raiva contida. – Temos de acabar com todas as testemunhas, todas! – Enfatizou as palavras com um forte murro na mesa. – Os que dispararam, os que fizeram os transportes, condutores, intendência, qualquer testemunha que possa haver na zona, todos quantos possam saber ou intuir algo daquilo têm de ser imediatamente eliminados. – Dirigiu-se a Blokhin. – Ficas à frente da operação. Trata disso agora mesmo e começa pelo meu assistente.

Blokhin levantou-se, pôs-se em sentido e saiu do gabinete. Liovka fitava-o tranquilamente, aguardando ordens concretas para si.

Durante longos segundos, Beria fixou o seu olhar glacial em Liovka. O irmão de Sonia não se amedrontava, susteve-lhe o olhar com segurança, quase com altivez. Não tinha medo daquele homem que tanto terror provocava nos outros.

– Para ti, Liovka Vasílievich, tenho uma missão especial.

Pela primeira vez, Liovka sentiu-se abalado por aqueles olhos que pareciam velados de negro alcatrão.

XIII

Yuri mantinha-se muito quieto para não acordar María, que adormecera sobre o seu peito. Estavam há horas escondidos a um canto daquele vestíbulo, à espera de poderem fazer alguma coisa. María tinha insistido em que, se os vissem a caminhar pela rua de

madrugada, levantariam imediatamente suspeitas. Era melhor esperarem pelo amanhecer para se integrarem no tráfego dos que se deslocavam para as suas fábricas e postos de trabalho, para a escola ou para as suas tarefas; essa multidão protegê-los-ia, permitindo-lhes chegar a casa de Kolia sem que ninguém reparasse neles.

Yuri tinha de deixar a sua irmã sob a proteção de Kolia e Sonia. Depois, tentaria sair do país; não sabia como, mas não se preocupava muito com isso. Naquele momento, a sua prioridade era María.

O céu começou a empalidecer e a cidade pôs-se em movimento. Eles fizeram o mesmo, encaixados no ritmo dos transeuntes que se apressavam rumo aos seus destinos.

Ao chegarem junto à Casa do Cais, pararam para verificar se o caminho estava livre. Os vizinhos saíam do edifício com normalidade. Atravessaram a rua e entraram no vestíbulo de Kolia, subiram as escadas, esquivando-se aos que desciam apressadamente, e ao chegarem ao décimo andar tocaram à campainha. Enquanto esperavam, María agarrou na mão do irmão. Fitaram-se a ambos e Yuri dedicou-lhe um sorriso, desejando transmitir-lhe confiança.

Do outro lado da porta, ouviu-se um rangido; o óculo deslizou e Sonia abriu-a de imediato. Estava vestida como para sair à rua. Mandou-os entrar à pressa e, num tom de voz muito baixo, falou precipitadamente, sem lhes dar tempo de dizerem uma palavra.

– Ia agora mesmo à vossa procura. – Atrás de Sonia, apareceram os filhos, igualmente arranjados, penteados e com um sobretudo leve por abotoar. Larisa segurava uma pequena mala na mão. – Têm de levar os meninos...

– Sonia, Sonia... – interrompeu Yuri, tentando procurar-lhe os olhos para que ela prestasse atenção. – Não podemos fazer isso.

– Tens de o fazer – implorou ela. Levou a mão ao bolso, tirou um maço de notas e estendeu-o a Yuri. – Toma, vai para a estação de Saratovski, há um comboio para a Geórgia que sai daqui a uma hora. Ainda vão a tempo de o apanhar. Quando chegarem a Tíflis, procurem a Símushka Nikoláyevkna. – Enfiou novamente a mão no

bolso e tirou um bilhete manuscrito. – Tens aqui a sua morada. Foi ela que nos criou, ao meu irmão e a mim, contem-lhe o que se passa, ela encarregar-se-á dos meninos sem fazer perguntas. Depois poderás fazer o que quiseres com a tua vida.

– Não posso fazê-lo – repetiu Yuri, perturbado.

– Tens de me ajudar, Yuri – protestou Sonia. – Deves-me isso.

– Não é disso que se trata, Sonia. Disparei contra um homem, estou em fuga. – Lançou um olhar a María, que assistia a tudo encolhida, de braços cruzados sobre o regaço. – Trazia a María para cá para que a protegesse. O pai dela, o homem contra quem disparei, pretendia fechá-la numa instituição para a tirar do caminho. Tens de a proteger.

Sonia olhava para Yuri sem reagir, a respiração acelerada, a pulsação descontrolada, sem saber o que fazer ou dizer, e como se a sua mente tivesse estabelecido alguma ligação lógica, agarrou nos meninos e empurrou-os para Yuri.

– Leva-os, por favor. – Enquanto falava, empurrava os filhos para ele, sem se aperceber da brusquidão infligida aos dois pequenos. – Partam os quatro, imploro-te, leva-os.

O menino desatou a chorar e a irmã abraçou-o para o consolar.

– Então acompanha-nos – pediu Yuri. – Não te vou deixar aqui sozinha...

– Não! – interrompeu Sonia, com irritante veemência. – Não, Yuri, não posso ir. Se me prenderem, far-vos-ão o mesmo a vós. Preciso que ponhas os meus filhos a salvo; se os encontrarem comigo, levá-los-ão para uma dessas horríveis escolas especiais para filhos de presos.

– Como estás tão segura de que te virão buscar? Não cometeste nenhum crime.

– Yuri, na Rússia, respirar pode chegar a ser um crime. É assim que as coisas funcionam aqui. A ucraniana partiu de madrugada depois de receber uma chamada telefónica. É o sinal de que, mais tarde ou mais cedo, virão buscar-me.

– E o que se passa com o Kolia? – insistia Yuri, aturdido com todo aquele desconcerto. – Onde está? És a mulher dele, algo terá a dizer.

– O teu irmão foi detido há meia hora... – Baixou a cabeça com uma expressão angustiada, como se um nó se fechasse à volta do seu pescoço; pareceu encolher-se de dor. – Prendeu-o o meu irmão Liovka, o seu melhor amigo... Liovka... Pobre Liovka. – Procurou os olhos de Yuri e insistiu. – Transformam-nos em monstros, Yuri, não entendes? Leva os meus filhos e põe-nos a salvo. Não permitas que lhes façam o mesmo a eles, desumanizados, transformados em seres sanguinários sem sentimentos... Leva-os, imploro-te. Salva-os das suas garras.

XIV

Yuri levava nos braços o pequeno Sasha. Caminhava rapidamente pela rua em direção à estação. María e Larisa iam um passo atrás, quase a correr. María tinha pegado na mala dos meninos. A despedida de Sonia dos seus filhos havia sido intensa, rápida e dilacerante, custara-lhes muito fazer com que Sasha se soltasse da mãe. Yuri arrancou-lho dos braços com a súplica de Sonia para que partissem, o rosto desfigurado, ciente de que podia ser a última vez que os via. Precipitou-se escadas abaixo com o menino, que lhe envolvia o pescoço com os bracinhos, agarrado a ele com uma força titânica, sentindo no seu peito o acelerado palpitar do pequeno coração assustado. Não pôde deixar de recordar a imagem do pai com o seu irmão Sasha nos braços, quase vinte anos antes; a mesma sensação de fuga, o mesmo pânico, uma odisseia repetida uma e outra vez com diferentes atores, todos inocentes, todos atemorizados, todos deixando para trás a sua própria vida para procurar uma maneira de continuar a viver.

A estação de Saratovski fervilhava de viajantes, num vaivém de aparente normalidade. Yuri ia à frente, abrindo caminho, seguido

muito de perto por María e Larisa, que caminhavam de mão dada para não se perderem.

Parou, virou-se e entregou o menino à irmã.

– Esperem aqui. Vou comprar os bilhetes. Não se mexam, está bem?

Ficaram os três a vê-lo afastar-se, com a ansiedade gravada no olhar, como se a cada passo se vissem mais desamparados e indefesos. Não o perderam de vista nem por um instante. Yuri pôs-se na fila com o dinheiro na mão. Tentava manter uma calma que não sentia para não levantar suspeitas. Estava cansado e muito angustiado, não tanto pela sua segurança como pela responsabilidade de pôr os meninos e a irmã a salvo. Ao chegar a sua vez, dirigiu-se ao guiché e pediu quatro bilhetes de segunda classe com destino a Krasnodar; a partir daí, teriam de fazer um transbordo para chegar a Tíflis, segundo Sonia lhe tinha explicado. A funcionária mal o fitou ao entregar-lhe os bilhetes. Yuri pagou e, quando finalmente se começou a dirigir ao local onde estavam as crianças, deu-se conta de que tinha estado a suster a respiração até àquele momento e soltou o ar como se tivesse saído do fundo de um poço. Procuraram o comboio, subiram para a sua carruagem, encontraram o seu compartimento e instalaram os meninos. Sasha adormecera de puro cansaço e Larisa sentou-se ao seu lado. Yuri e María saíram para o corredor e puseram-se a observar o movimento da plataforma. Faltava um par de minutos para o comboio partir.

– Obrigada, Yuri – disse ela de repente.

– Porque me agradeces? Fiz tudo mal, compliquei a vida a toda a gente... Não devia ter vindo, foi um erro.

– A *mámochka* morreu tranquila porque tu estavas com ela; e se não fosse por ti, não sei o que teria sido de mim...

María emudeceu ao ver o rosto alarmado do irmão, de olhos fixos para lá da janela, em algo que acontecia na plataforma. Mal teve tempo para se virar, pois o seu irmão impeliu-a para o interior.

– Entra no compartimento, María. – Falava sem desviar os olhos da plataforma e da dúzia de homens fardados que pareciam revistar à pressa o interior do comboio, subindo e descendo das

carruagens. Levou a mão ao bolso, tirou o maço de notas e o bilhete que Sonia lhe tinha dado e entregou-lhos. – Guarda-o bem. Com isto, ficarão protegidos durante algum tempo.

– E tu? – perguntou ela, ansiosa, com o dinheiro na mão. – Não vens?

Yuri abraçou-a e empurrou-a para o compartimento.

– Fiquem aí quietos – voltou a dizer, antes de fechar a porta. – Aconteça o que acontecer, não saiam, está bem?

Larisa chorava, angustiada, mas María sentou-se ao seu lado e abraçou-a, num gesto protetor. Yuri fechou a porta, espreitou pela janela e viu que os homens já estavam quase à altura da sua carruagem. Avançou pelo corredor, sentindo a pulsação acelerar; passou para outra carruagem e depois para outra, até chegar à que estava junto à locomotiva. Ao virar-se, viu que os guardas o tinham localizado e o perseguiam. Iam atrás dele. Saltou para a plataforma, mas, quando se preparava para correr, viu-se cercado; num inútil instinto de fuga, tentou contorná-los, mas subjugaram-no com um certo murro no estômago que o fez dobrar-se ao meio. A partir desse momento, deixou-se arrastar. Ouviu-se o potente silvo que anunciava a partida e o comboio começou de imediato a mover-se lentamente para iniciar a marcha.

Ao passar junto à carruagem em que iam a sua irmã e os seus sobrinhos, fitou-a por um único instante e, com uma certa sensação de tranquilidade, pensou que ao menos eles poderiam salvar-se.

XV

Avançaram pela estação como se de um séquito maldito se tratasse. Yuri ia ao centro, rodeado por homens equipados com um gorro azul com a estrela vermelha, botas pretas e casaca cinzenta abotoada até ao pescoço. A multidão afastava-se à sua passagem, desviando os olhos do detido: era melhor não olhar para não se ser

testemunha ou para evitar, talvez, encontrar um rosto conhecido, um amigo, um vizinho, um familiar.

À saída, introduziram-no numa carrinha fechada azul-escura. Ainda não sabia, mas a esse tipo de veículos utilizados para o transporte de prisioneiros dava-se o nome de «corvos negros». À vista desarmada, podiam passar por uma carrinha de distribuição de pão, leite ou fruta; no entanto, o seu interior estava dividido em minúsculas cabines dispostas em duas filas, separadas por um estreito corredor onde se posicionavam os guardas que vigiavam os detidos. Obrigaram Yuri a entrar para uma dessas cabines; teve de se agachar para o fazer. Ao fecharem a portinhola, ficou completamente às escuras. Só podia manter-se sentado. Tentou acalmar-se. Fechou os olhos e respirou fundo, como se pretendesse armazenar o ar nos seus pulmões, apesar de lhe ser impossível evitar a sensação de sufoco, a mesma sensação de ter entrado à força num sepulcro. Deu vários pontapés na porta para libertar os nervos, e foi então que ouviu uma voz de mulher vinda da cabine contígua.

– Quem és? – perguntou ela.

– Quem és tu? – replicou ele, alarmado, pondo todos os seus sentidos nos ouvidos. A voz parecia-lhe familiar.

– Yuri, és tu? Sou a Sonia. Yuri... Meu Deus...

Yuri esqueceu-se de tudo o que sentia para se concentrar nela.

– Sonia, estás bem?

– E os meus filhos? – Ergueu a voz. – Apanharam-nos? Yuri, diz-me, onde estão os meus...?

Um forte golpe do guarda que se encontrava no corredor interrompeu a frase.

– Silêncio! – gritou ele com voz potente. – Não são permitidas conversas entre os detidos.

Seguiram-se longos segundos de atemorizada mudez. Yuri conseguia pressentir a ansiedade de Sonia por saber a sorte dos seus filhos, mas temia dizer algo e que isso tivesse consequências para ela. O zumbido do motor ao arrancar quebrou aquele tenso mutismo e, quando a carrinha se pôs em movimento, colou o rosto

à parede atrás da qual intuía a presença da sua cunhada e falou com voz clara, mas em tom muito baixo.

– Os meninos estão bem, a salvo, vão com a María a caminho de uma vida melhor. Ouviste? – Apurou o ouvido, atento a uma resposta. – Sonia, bate uma vez se entendeste.

Por um instante, a falta de resposta ficou marcada pelo ruído do movimento. Yuri mantinha os olhos muito abertos, esforçando-se por detetar algo naquela escuridão absoluta, atento à confirmação de que Sonia tinha recebido a ansiada notícia.

Subitamente, ouviu uma ligeira batida, e depois outra e outra, eram muito leves, mas estavam ali. Yuri comoveu-se ao pressentir o choro da sua cunhada e um emocionado «obrigada».

– Resiste, Sonia... Tens de o fazer por eles...

As palavras embargaram-se-lhe na garganta quando uma forte pancada o fez calar-se novamente.

Não falaram mais Ter ao seu lado alguém conhecido tinha-lhe dado uma falsa sensação de serenidade. Fechou os olhos e deixou-se embalar pelo vaivém do veículo. A falta de ar fresco, a escuridão e o facto de aspirar o penetrante cheiro do óleo com que haviam tentado selar o minúsculo habitáculo mergulharam-no num estado de semiconsciência. Quando a carrinha parou, Yuri foi incapaz de reagir. Aturdido, ouviu o ranger de ferrolhos e sentiu um forte cheiro a amoníaco. A portinhola abriu-se e ele inalou algo irritante que lhe subiu pelas fossas nasais até lhe devolver a consciência. Ao abrir os olhos, viu um homem vestido com uma bata branca que saía do seu cubículo particular com um frasco numa mão e um pano na outra.

Uma vez recuperados todos os detidos à base de os obrigar a inalar amoníaco, mandaram-nos descer da carrinha. Ao todo, eram cinco homens e duas mulheres. Pôde então ver a sua cunhada. Fitaram-se por um segundo e ela esboçou um sorriso. Empurraram-na violentamente para outro grupo de mulheres que se amontoava diante de uma porta e ele perdeu-a de vista.

Yuri não sabia, mas estavam na Lubianka, o lugar onde o seu irmão Kolia tinha trabalhado, em cujas instalações, anos antes, a

sua mãe havia estado presa durante vários meses, interrogada pelo próprio filho, o seu pequeno Kolia convertido em verdugo.

Viu outras carrinhas que cuspiam das suas entranhas homens e mulheres tão aturdidos como ele, cambaleantes, confusos devido à pressa, impelidos como ele para o interior das fauces daquele sinistro edifício. Assim que Yuri entrou, um guarda gritou o seu nome, separaram-no dos restantes e arrastaram-no escadas abaixo; não soube quantos lanços descera, mas pareceu-lhe que descia ao próprio inferno. O ar era cada vez mais irrespirável, mais húmido. Chegaram a um estreito corredor de tetos baixos, com uma iluminação mínima, ladeado por portas de madeira com um grande ferrolho. Abriram uma e atiraram-no para o seu interior. A porta fechou-se nas suas costas.

Custava-lhe a respirar naquele ambiente pastoso, um fedor misturado de suor, urina e mofo que adensava o ar. Julgou que estava sozinho, havia muito pouca luz e o silêncio era quase absoluto, mas quando os seus olhos começaram a habituar-se àquela opaca penumbra, viu que várias dezenas de olhos o fitavam, curiosos, imóveis, como animais selvagens prestes a atacar. Estavam distribuídos por beliches de dois andares e quase não havia espaço entre eles.

Yuri não se mexeu, não se atrevia, não sabia o que fazer ou o que dizer, até que, do fundo da cela escura, se ouviu uma voz amável.

– Há aqui um lugar, rapaz. Aproxima-te.

Os dias passavam sem que nada acontecesse. Os interrogatórios aos outros presos eram constantes: umas noites tocava a uns; outras, a outros; alguns voltavam maltratados, exaustos, moribundos, outros já não regressavam, mas a ele nunca o chamavam, como se o mundo o tivesse esquecido.

Durante essas semanas, fez amizade com o dono da voz que lhe tinha oferecido um lugar no dia da sua chegada. Tratava-se de um engenheiro polaco, catedrático na Universidade de Varsóvia, chamado Zarek Symanski. Chegara a Moscovo quase ao mesmo tempo que Yuri, alguns dias antes da invasão da Polónia. Tinha sido contratado pelo Departamento de Física da Universidade

Estatal de Moscovo para dar um curso durante um trimestre, mas ao fim de apenas um mês, em outubro de 1939, uns chequistas do NKVD prenderam-no ao sair da universidade, acusado de espionagem. Desde então, permanecia encarcerado. Já passara pela fase de interrogatório e estava agora à espera da sentença, certamente condenatória, como afirmava a Yuri; daquelas caves, ninguém saía incólume, faltava-lhe apenas saber o tempo e o teor da pena, trabalhos forçados, prisão ou, no pior dos casos, a pena capital na força. Ao dizer esta última palavra, falhava-lhe a voz, como se só de a nomear sentisse a pressão à volta do pescoço.

Ao fim de um mês ali fechado, a escotilha da porta abriu-se e Yuri ouviu o seu nome. Demorou a reagir. O guarda voltou a gritar: «Yuri Mijáilovich Santacruz!» Finalmente levantou-se. O velho engenheiro acompanhou-o até ao umbral.

– Estarei à tua espera – disse ele, com um sorriso afetuoso.

Yuri saiu para o corredor e foi levado escadas acima até um gabinete onde havia quatro homens sentados diante de uma mesa, imitando um tribunal. De pé, sem o fitar, com o mais absoluto desprezo pela sua presença, um deles começou a ler em voz alta. O relato dos crimes de que o acusavam era de tal calibre que parecia que havia assassinado milhares de pessoas a sangue-frio. A sentença explodiu-lhe na cara como uma bomba: pena capital. A sua mente entorpecida não aceitava aquelas duas palavras. Sentiu a boca seca, sem uma gota de saliva.

Engoliu em seco e continuou a ouvir as palavras daquele homem de voz rude e tosca. A sua pena ficava adiada por cinco anos, durante os quais, e por ordem expressa das autoridades competentes, «o condenado deverá compensar a União Soviética pelo seu crime com trabalho nas minas de Kolimá. Decorrido o prazo, proceder-se-á ao seu enforcamento ao amanhecer do dia 5 de junho de 1945». Durante esses anos de graça, o prisioneiro estaria proibido de receber correspondência e não poderia ser alvo de qualquer benefício no campo de trabalho, fosse de que natureza fosse.

Levaram-no de novo para as caves; a confusão em que se encontrava não lhe permitiu reparar em como o introduziam noutra

cela, muito mais pequena e escura, estreita e com um estrado de madeira de um dos lados. Pelas paredes negras escorria água, como num gélido caixão de pedra. Uma voz débil sobressaltou-o.

– Yuri? Yuri... és tu?

– Kolia... – murmurou ele, ao ver aproximar-se o seu irmão.

Kolia fitava-o, sorridente, como se estivesse diante de um deus descido do próprio céu.

– Yuri... – sussurrou, com emoção contida. – Que alegria verte...

Subitamente, Kolia abraçou-se ao corpo do irmão, mas esse gesto apanhou-o tão desprevenido que Yuri não soube reagir e mostrou uma frieza de que Kolia se apercebeu, levando-o a desfazer imediatamente o abraço; o sorriso tinha desaparecido dos seus lábios; baixou o olhar, envergonhado. Yuri fitava-o, ainda aturdido, tentando assimilar a sua condenação e a inesperada presença do irmão.

Kolia convidou-o a sentar-se e fizeram-no frente a frente, Kolia num catre, Yuri noutro. Os seus rostos estavam muito próximos, iluminados pela débil claridade que emanava de uma lâmpada pendurada do teto; foi então que Yuri verificou que o seu irmão tinha o rosto pisado por golpes antigos. Negras olheiras entristeciam-lhe os olhos castanhos.

– O que te fizeram, Kolia?

– Isso não importa. O que fazes tu aqui? Pensava que tinhas regressado à Alemanha.

– Não saí da Rússia. Estive com a mamã até ao momento da sua morte... A Sonia deu-me a morada no último instante.

Kolia estremeceu ante a menção da mãe, assaltado por um sentimento de culpa que lhe custava a controlar. Apertou os lábios e abanou a cabeça.

– Sabia que, de uma maneira ou de outra, te daria notícias dela. A Sonia não estava de acordo com a minha intenção de te poupar o mau bocado de a veres no estado em que estava. As mulheres sentem de uma forma diferente da nossa.

– Vê-la era uma decisão minha, não tua – replicou Yuri, taxativo.

– Talvez tenhas razão. Não agi corretamente, e o meu erro foi corrigido pela minha boa esposa, tudo graças à minha boa esposa. Ainda que, se tivesse sabido calar-se, tal como lhe pedi, a *mámochka* teria morrido na mesma – Yuri deu-se conta de que, pela primeira vez desde o encontro inicial entre ambos, utilizava aquele diminutivo – e tu não estarias aqui fechado. Se te prenderam, é porque descobriram que és meu irmão.

– Disparei contra o Petia Smelov... – disse ele, de chofre. – Com a pistola que me deste... Ele queria levar a María para uma associação a fim de a transformar numa boa comunista, ainda que comece a duvidar que exista algum bom – acrescentou, quase num sussurro, como se a ideia lhe tivesse fugido dos lábios.

– Agora entendo tudo – observou Kolia, ensimesmado, como que para consigo. – A maldita pistola... É tudo por causa dessa maldita pistola.

– Lamento, Kolia... A minha presença na Rússia só te trouxe problemas.

Kolia sacudiu a mão, tirando importância à preocupação de Yuri.

– Se não tivesses sido tu, teria sido outro. Ninguém está seguro neste maldito sistema. – Nos seus olhos, adivinhava-se a gravidade de uma profunda preocupação. – Temo pela Sonia, a minha amada e doce esposa, de quem tanto amor recebi. Merecia outra coisa... Aterroriza-me que algo lhe possa acontecer ou aos meus filhos. Sei que destino os espera se a prenderem a ela também... A Sibéria não é terra para crianças.

– Estive com eles. Estão todos bem. – No último momento, Yuri decidiu mentir-lhe. – Conseguiram escapar de comboio para Tíflis; iam refugiar-se em casa de uma mulher que cuidou da tua esposa; a María Petrovna ia com eles.

Kolia escutava-o, embevecido.

– É verdade o que dizes?

– Juro – disse Yuri, mentindo de novo com toda a firmeza de que foi capaz.

– Uma alegria entre tanta tristeza – murmurou o seu irmão, com um estranho esgar de cansada felicidade. – Com a minha morte,

livrar-se-ão de um pai e esposo indigno. Poderão lançar-me no esquecimento e viver e ser felizes...

– Não vais morrer – replicou Yuri, convicto. – És um homem importante do partido. Não podem prescindir de ti.

– Meu querido irmão, estamos nas masmorras da Lubianka. Esta manhã, informaram-me de que fui condenado à pena capital. Vão matar-me. É assim que isto funciona. Não penses que me importo, pelo contrário, senti alívio ao ouvir a minha sentença, antes um final horrível do que um horror sem fim. Tiveste a sorte de apanhar aquele comboio há vinte anos, e eu fui um estúpido ao separar-me de vós. Ia à procura da mamã... Mas nunca a encontrei... – Baixou os olhos e o seu rosto transfigurou-se, como se tivesse sentido uma dor intensa. – Nem nesse momento nem nos anos seguintes... Nem sequer sabia que estava tão perto... Se tivesse sabido... Quando a voltei a ver, já me tinham roubado a alma, tinha-me transformado num monstro, já não me restava nem um vestígio de humanidade, o meu coração era uma rocha. – Apoiou os cotovelos nas coxas e cobriu o rosto com as mãos. Em seguida, passou-as pela cara como que a limpar-se, com um gesto de repulsa, como se algo viscoso lhe cobrisse a pele. A sua voz tornou-se lúgubre. – Fiz parte de todo este regime que agora me condena. Até há apenas um mês, nestas mesmas instalações, realizei um sem-fim de interrogatórios, torturei e infligi um sofrimento desnecessário a uma multidão de seres inocentes para lhes arrancar uma confissão que sabia que era falsa, com o único objetivo de cumprir a quota de condenações do dia... – Calou-se, pensando no interrogatório à sua mãe. – Não imaginas as barbaridades que fiz, Yuri, não podes imaginar.

– Não precisas de dizer nada, Kolia, sei de tudo. A *mámochka* contou-me. Ela sabia que não tiveste outro remédio senão fazer o que fizeste. Para de te atormentar, a mamã perdoou-te tudo.

– E tu? – apelou ele, de olhos brilhantes, fitando-o com ansiedade. – Perdoas-me o que lhe fiz?

– Não sou eu quem tem de te julgar, irmão. Não devo fazê-lo.

– Como pode um homem enfrentar a vida tendo feito algo tão terrível à própria mãe?

– A mamã morreu tranquila. O amor de uma mãe é infinito.

Kolia fitou-o novamente, pesaroso.

– Há muito tempo que não consigo dormir. De cada vez que tento fechar os olhos, tenho a sensação de cair num poço escuro, arrastado por todos aqueles a quem torturei, que me puxam para o fundo. Todos os que matei com as minhas próprias mãos. – Olhou para as mãos abertas com uma expressão horrorizada antes de erguer os olhos para o irmão. Tinha o olhar perdido, ausente, possuído por memórias funestas.

– Lembras-te de quando éramos pequenos e nos portávamos mal? – perguntou Yuri, com um sorriso terno. – A mamã ensinou-nos que o arrependimento e o pedir perdão são atos tão voluntários como o mal que possas ter causado, mas tanto o arrependimento quanto o perdão têm a capacidade mágica de sarar a alma ferida.

– É claro que me lembro – replicou ele, com um ligeiro sorriso desenhado nos lábios. – Dizia-nos que era preciso confessar o pecado, manifestar o nosso pesar pela má ação e pedir perdão ao ofendido. – A sua voz denotava desespero. – Como pedir perdão a tantos? Aos mortos, às suas esposas, às suas mães, aos seus filhos... Como posso sequer pensar em ressarcir uma ínfima parte do que fiz só com o confessar do meu crime? Quem me irá escutar, quem quereria escutar tanta crueldade implacável?

– Eu escuto-te – sentenciou Yuri.

– Não sabes o que dizes.

– Fala, Kolia... Preciso de te ouvir para te poder perdoar.

Kolia manteve o olhar fixo no vazio, envolto numa névoa de terror enquistado no seu interior. Começou a falar e a sua voz parecia sair do interior de um túmulo.

– Passei um mês inteiro a matar homens inocentes, homens de todas as idades, dos mais velhos aos mais novos, com o horror estampado nos rostos, aquele desconcerto nos olhares, os passos cambaleantes ao entender que o fim se aproximava, um fim desumano, selvagem... Muitos rezavam nos últimos segundos, ouvia-os quando os punham de joelhos à minha frente, obrigados a baixar a cabeça... Enquanto eu lhes apontava à nuca, eles rezavam... «Pai nosso que estais nos céus...» Faziam-no

depressa, para que lhes desse tempo de terminar a oração. Mas nenhum chegava à parte que diz «perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido», porque aquele que os ofendia premia o gatilho e então emudeciam e caíam diante de mim, empurrados para o fosso aberto nas entranhas da terra para tombarem junto aos seus companheiros mortos. Era essa a última visão que tinham antes do fim, a própria morte no rosto de cada um dos seus camaradas, dos seus amigos, homens bons cujo único mal havia sido o de nascerem polacos, era esse o seu único crime, serem polacos... Só por isso, assassinei a sangue-frio centenas de homens indefesos, um após outro, um após outro, punham-mos na mira e eu disparava, uma e outra vez, uma e outra vez... – Ergueu os olhos para o irmão. Yuri estremeceu ante aquele olhar gélido. – O bosque de Katyn... Nunca te esqueças... Eu participei nesse massacre, Yuri. Não há perdão possível para mim. Mereço a condenação eterna. Estou desejoso de que chegue a hora de premirem o gatilho contra a minha nuca. Talvez então acabe este tormento que me consome, ou talvez a minha alma arda eternamente no inferno.

Yuri sentiu que tudo em seu redor se detinha, desvanecido da realidade paralela em que ambos se encontravam. Engoliu em seco e, numa tentativa de apaziguar o espírito atormentado do irmão, procurou suavizar o tom da sua voz:

– Tens o meu perdão, Kolia. É o único que posso oferecer-te.

A tensão no rosto do irmão pareceu relaxar, mas nesse instante a porta abriu-se e o guarda gritou o nome de Kolia. Desta vez, com o seu verdadeiro patronímico.

– Nikolái Mijáilovich Santacruz!

– Chegou a hora... – disse Kolia, olhando para o irmão.

Levantaram-se os dois e dirigiram-se juntos à porta. Yuri pôs-lhe a mão no ombro numa atitude afetuosa.

– Irmão, quero que saibas que te guardarei sempre no meu coração.

O rosto de Kolia suavizou-se, enternecido, e os olhos encheram-se de lágrimas. Lançou-se nos seus braços. Foi o abraço por que Yuri tanto tinha ansiado durante quase duas décadas, o único e

derradeiro abraço do querido irmão mais novo. Agarrados um ao outro, o tempo pareceu parar, a respiração suspensa; até o guarda à porta se mantinha numa respeitosa espera. Quando se despojaram do abraço, Kolia procurou os olhos do seu irmão e sorriu-lhe.

– Se tenho realmente lugar no teu coração, é porque ainda posso ser salvo...

Kolia saiu da cela. A porta fechou-se com uma estridente pancada. E tudo ficou mergulhado num silêncio sepulcral.

Região de Kolimá, num *gulag* (campo de trabalhos forçados soviético) Rússia oriental, Sibéria, 1943-1944

Só aquele que a nada está ligado a nada deve reverência.

STEFAN ZWEIG, *O Mundo de Ontem – Recordações de um Europeu*

I

Ouvia murmúrios que se infiltravam na sua mente confusa, vozes ocas que não significavam nada para ele. Não prestava atenção porque não tinha forças para isso. A febre constante, acima dos quarenta graus, obrigava-o a manter as pálpebras cerradas. Sentia-se sufocar, como se o peso de uma lápide lhe esmagasse o peito, concentrado em respirar, tomar fôlego, encher os pulmões e depois exalar, respirar uma e outra vez, nesse contumaz empenho do coração em continuar a palpitar contra a sua clara vontade de o deter, rendido aos braços da morte, inerte ao seu poder, exausto, vencido.

A voz doce de uma mulher chegou-lhe com uma certa clareza à consciência entorpecida. Abriu os olhos e descobriu muito perto de si um rosto limpo e sorridente, quase seráfico.

– Bem, finalmente abres os olhos – disse-lhe aquela espécie de anjo, sem deixar de sorrir. – Sou a doutora Angelina Malskaya. Cuido de ti desde há mais de duas semanas. Estiveste em estado muito grave, quase não conseguia salvar-te, mas és jovem e eu sou muito teimosa, por isso não duvides de que vais recuperar. Agora, pouco a pouco, começarás a comer sólidos, o que te dará forças e te fará sentir melhor. Não faças demasiados esforços, não te convém.

Yuri fechou novamente os olhos. Que sentido tinha a vida para um condenado à morte? Havia-se interrogado tantas vezes sobre isso desde que o tinham atirado para aquele inferno gelado... Estava demasiado cansado para pensar. Franziu o sobrolho e voltou a ouvir a voz doce da médica.

– Tens de viver.

Ao ouvir aquela frase, revolveu-se por dentro. Não queria fazê-lo, recusava-se a continuar com uma farsa e pedia ao coração que interrompesse o seu palpar, que parasse de uma vez por todas e o deixasse descansar. Queria dizer-lho a ela, que o deixasse, que não se esforçasse por ele, mas não conseguia articular uma só palavra, sentia-se débil e entorpecido. Tentou salivar, movendo os lábios e a língua, encortiçada dentro da boca seca como sisal. Engoliu em seco e, para o fazer, teve de fechar novamente os olhos, apesar de perder a visão daquele rosto virginal.

– Estou condenado à morte – conseguiu dizer, com voz pastosa.

– Todos estamos – acrescentou ela. – Nascemos para morrer, uns mais cedo, outros mais tarde, mas todos sem exceção chegamos a esse momento. Enquanto há vida, há esperança.

– A mim, há já muito tempo que me negaram a esperança. – Yuri falava quase num sussurro, arrastando as palavras até aos lábios com a única ideia de a convencer a deixá-lo ir. – Ninguém quer saber se vivo ou morro. Ninguém me espera, ninguém sabe da minha existência...

– Não estou certa de que a mulher por quem tanto chamaste nos teus delírios febris esteja de acordo contigo. – Aproximou-se mais dele, falava-lhe com um rosto afável. – É bem provável que essa tal Claudia esteja à tua espera, talvez pense em ti todos os dias e mantenha o desejo de que regresSES para os seus braços. É óbvio que é importante para ti, por isso trata de sobreviver, quanto mais não seja por ela.

Yuri abriu novamente os olhos ao ouvir o nome de Claudia. Imediatamente, como se quisesse emendar uma falha, a sua consciência trouxe-lhe ao pensamento o nome de Krista. Perguntou-se se teria conseguido esquecê-lo. Tinha-lho pedido três anos antes de forma estranha, como tudo o que acontecia naquela

parte esquecida do mundo. A sua sentença proibia-o de enviar ou receber correspondência, mas um dos vigilantes de origem lituana que conhecera logo ao entrar naquele lugar maldito disse-lhe que, em troca das suas botas, poderia fazer chegar uma carta a quem ele quisesse. Não pensou demasiado; queria escrever essa carta, precisava de o fazer, por isso aceitou e entregou-lhe as botas. O lituano proporcionou-lhe uma única folha de papel e um lápis, com a advertência de que, se lha confiscassem ou a perdesse, não haveria outra. Yuri tinha pensado muito no que escrever. Como dizer à mulher mais importante na sua vida que precisava de o esquecer; como expressar tudo o que estava a viver para a convencer de que devia arrancá-lo da sua vida e iniciar uma nova história de amor com outro homem que não estivesse preso nas redes de uma existência miserável como ele estava; como lhe dizer que não esperasse por ele, pois a sua vida acabaria naquela terra gelada de Kolimá. Desassossegava-o imaginar o que Krista sentiria ao ler o tormento em que a sua vida se tinha transformado, doía-lhe a alma só de pensar nisso. Temia o sofrimento que aquela carta podia chegar a infligir-lhe e, apesar de tudo, precisava de o fazer, pois ela tinha o direito a refazer a sua vida. Sabia, além disso, que o que escrevesse seria definitivo, não haveria volta atrás, não se poderia apagar nem recomeçar do zero. Assim, depois de muitas voltas, decidiu dirigir essa única carta a Erich Villanueva. Ele saberia como lhe contar a sua tragédia pessoal, encontraria as palavras certas para a persuadir de que a história de amor entre ambos havia definitivamente chegado ao fim. Tal como as restantes cartas enviadas durante os seus meses de estadia em Moscovo, Yuri não sabia se aquela teria chegado ao seu destinatário, nem se Villanueva teria tido a sensibilidade e a coragem necessárias para transmitir o seu conteúdo a Krista, embora tivesse esperança de que assim fosse. Amava-a demasiado para a manter à espera de um regresso impossível.

Ao ouvir da boca da médica o nome de Claudia, tinha-se-lhe escapado um ligeiro sorriso. Não podia acreditar que, nos seus delírios febris, tivesse sido precisamente ela a tomar a dianteira.

Aquela mulher era extremamente perturbadora, mesmo na sua inconsciência.

– Assim gosto mais – acrescentou a doutora Malskaya, ao detetar o sorriso nos seus lábios. – Tens de fazer a tua parte. Não te rendas. Vai correr tudo bem.

Yuri estava atónito com aquele tratamento amável que já quase tinha esquecido.

– Tenho sede... – conseguiu dizer.

A médica avisou uma enfermeira, que se aproximou de imediato. Entre ambas, endireitaram-no um pouco para que pudesse beber de um copo. Yuri sentiu o líquido invadir-lhe a boca e a garganta como água a molhar um terreno estiolado. A ânsia de engolir magoava-o, mas era mais forte a necessidade do que o sofrimento.

– Pouco a pouco – repetia a médica. – Não tens pressa nenhuma. Temos o dia inteiro e toda a água que quiseres.

Uma vez saciada a sede, fechou novamente os olhos, tão exausto como se tivesse feito um esforço ímprobo. Sempre com a ajuda das duas mulheres, voltou a pousar a cabeça na maciez da almofada e apercebeu-se então desse pormenor, da sua maciez, do toque quase esquecido de uns lençóis limpos, do ar assético que respirava. Pensou que aquele lugar devia ser a antecâmara do paraíso.

Ao fim de algum tempo, voltou a abrir os olhos. A mulher de bata branca e cabelo louro apanhado numa espessa trança já não estava ao seu lado, mas sim aos pés da cama, uma cama individual de madeira com um colchão de lã; há três anos que não dormia sozinho, e muito menos no que se poderia considerar uma cama. A médica falava com um homem que usava um gorro de cabedal com a estrela vermelha e um sobretudo preto atravessado por correias de couro com diferentes insígnias cosidas nas lapelas. Tratava-se de um comissário do povo. Yuri tinha-os visto muitas vezes pelo campo. Passavam revista, inspecionavam, faziam relatórios das anomalias, dos excessos dos guardas e também das graves carências em que os presos viviam; alguns dias depois, esses comissários desapareciam levando consigo os seus

relatórios, deixando ordens explícitas para melhorar a higiene dos presos, aumentar as rações de pão e papas e também as horas de sono, sob a premissa de que se estivessem subnutridos ou exaustos não poderiam render o suficiente e a produção ressentir-se-ia. Mas assim que os comissários partiam, os guardas voltavam aos seus afazeres e tudo continuava igual ou pior. Nunca nada se alterava naquele lugar perdido, e os abusos continuavam: as mesmas corrupções, humilhações, privações, escassez; mantinham-se as mesmas condições sub-humanas que geravam nos reclusos sofrimento, doença e morte.

A médica falava ao comissário em voz baixa, as cabeças de ambos muito juntas, em atitude de confidência. Yuri não conseguia ouvir nada do que diziam, mas era evidente que estavam a falar dele. O homem olhava-o de soslaio enquanto ouvia as explicações da médica. Yuri mergulhou num torpor inquieto. Doía-lhe cada centímetro do seu corpo.

Quando voltou a despertar, já não havia ninguém ao redor da sua cama. Não sabia quanto tempo tinha decorrido desde que vira a médica, mas a luz da divisão mudara; era noite cerrada, deviam ter passado horas. Em seu redor havia várias camas como a sua dispostas em duas longas filas separadas por um corredor. Estava na barraca que era utilizada como hospital, nada a ver com o barracão que, desde há três anos, era a sua morada, repleto de homens desesperados como ele, famélicos como ele, mergulhados num fedor pestilento a suor humano, roupa sempre húmida, sujidade e ranço. O hospital era outra coisa, como um refúgio de paz no meio de uma tempestade.

A partir desse dia, Yuri começou a comer e a recuperar. Não entendia o súbito tratamento benévolo que a médica lhe dispensava e suspeitava das atenções recebidas. Os olhares desconfiados dos acamados que o rodeavam incomodavam-no e obrigavam-no a estar constantemente em alerta.

Na cama ao lado, convalescia um homem de aspeto tosco, delinquente comum e não político, que tinha chegado com os pés congelados e a quem haviam tido de amputar os dedos do pé direito.

– Prepararam-te como o bezerro para o sacrifício – disse-lhe ele um dia, depois de lhe levarem à cama um prato de frango, além das habituais papas. – Não cries falsas esperanças: curam-te para que voltes a descer às entranhas da terra para extrair ouro. Estamos em guerra e tu és a sua vítima propiciatória especial, oferecido à mina assassina sedenta de homens como tu a quem devorar.

Ria à gargalhada enquanto falava, teatralizando e exagerando o tom.

Yuri ignorou-o e continuou a comer. Tinha aprendido a ser muito parco em palavras, a passar despercebido e a evitar sujeitos como aquele. Juntamente com a de manter a higiene para se sentir um ser humano, eram essas as quatro regras de sobrevivência que lhe tinham sido ensinadas pelo bondoso Zarek Symanski, o catedrático polaco que, três anos antes, conhecera na Lubianka e com o qual voltou a encontrar-se ao subirem para o vagão de gado em que os transportariam para aquele recanto perdido do mundo. No mesmo dia em que lhe comunicaram a sua pena, Zarek conheceu a sua: acusado de espionagem, foi condenado a dez anos de trabalhos forçados. O velho Zarek morreu nos braços de Yuri três meses depois de ter chegado a Kolimá. Jamais esqueceria as suas palavras antes de morrer: «Vive, Yuri, trata de sobreviver a esta imundície, luta para regressar a onde ainda vivem seres humanos, onde te cubram da felicidade que agora te roubam.» Os seus olhos tinham ficado fixos nos de Yuri, numa avassaladora ligação de amor filial. Essa magia quebrou-se de repente quando os guardas o empurraram para que continuasse a trabalhar; o corpo de Zarek caiu-lhe dos braços. Não parou de olhar para o seu rosto enquanto voltava a pegar na picareta, para verificar nas suas pupilas vazias que o amigo se entregara à morte. Transtornado por essa perda, tomou a decisão de viver a sua pena em solidão, sem criar vínculos afetivos com ninguém, evitando assim sofrimentos desnecessários.

Yuri viu que a médica da trança loura se aproximava.

– Como te sentes, Yuri Mijáilovich?

– Tendo em conta as minhas circunstâncias, a pergunta é absurda.

– Hoje estás com sorte – prosseguiu ela, ignorando o seu áspero comentário. – Vais ser transferido para um novo barracão.

– E o que significa isso?

– Que não voltarás a descer à mina. A partir de agora, trabalharás nas cozinhas, a distribuir o rancho. Achas que consegues manter-te de pé?

Yuri assentiu. O recluso do lado lançou-lhe um sinistro olhar de animosidade. Com a ajuda da médica, levantou-se penosamente e foi transferido para o barracão que era ocupado pelos trabalhadores da cozinha. Nada a ver com onde tinha estado nos últimos três anos, uma nave com beliches de quatro andares pelos quais se distribuíam as diferentes classes: os mais fortes e com mais poder em cima, descendo de nível até aos que estavam junto ao solo, onde se instalavam os mais débeis, os velhos, os doentes indefesos. Aquela nova morada era mais pequena, mais limpa, as camas eram individuais, apesar de muito juntas, algumas com colchão, e muitas delas tinham almofadas e mantas coloridas. Havia uma mesa com várias cadeiras ao centro para que os reclusos pudessem sentar-se a comer, a conversar ou a jogar às cartas. Um fogão em cujo interior ardia lenha aquecia o ambiente, e o chão era de madeira e não de terra batida, como no seu barracão anterior.

Atribuíram-lhe uma das camas que estavam mais perto do fogão, entregando-lhe além disso umas botas de pele e umas meias de lã. Desde que dera as suas botas ao lituano em troca do papel para escrever, tivera de se habituar a usar uns tamancos que lhe ficavam grandes e lhe causavam esfoladuras nos pés sempre húmidos e frios. A sensação que teve ao calçar as meias foi tão agradável que não pôde evitar emocionar-se, mas a alegria durou pouco. Na manhã seguinte à sua chegada, o encarregado de distribuir as ocupações dos reclusos embeijou-se pelas meias e arrebatou-lhas sem mais nem menos. Teve de embrulhar novamente os pés em pedaços de pano (havia adquirido um bom jeito para o fazer sem que se desatassem durante o dia inteiro), ainda que, com as botas, ao menos os mantivesse secos. Foi o guarda que lhe tirou as meias que lhe atribuiu um posto na cozinha,

perto do calor dos fogões e com a possibilidade de ser dos primeiros a comer, sem ter de esperar durante mais de uma hora sob a gélida intempérie pela sua vez de encher o prato. Tomou-o como uma espécie de recompensa em troca do que lhe havia sido furtado.

Continuava a interrogar-se sobre o que tinha acontecido para o tirarem da mina, com o permanente receio de ser novamente enviado de volta a essas intermináveis jornadas, engolido pela terra como um morto-vivo, numa antecipação da sepultura cada vez mais próxima. Chegara a estar meses sem ver a luz do sol, pois entrava e saía de noite. Essa falta de sol, a exaustão e a subnutrição tinham resultado, naquele mês de novembro, na gravíssima pneumonia que o deixou inconsciente. Desalojado, haviam-no transferido para a barraca do hospital, onde ao acordar descobriu a doutora Malskaya.

Como sempre acontecia no campo de trabalho, qualquer mudança na condição de um dos presos suscitava nos restantes um acúmulo de suspeitas, malícias e mexericos que corriam de boca em boca, e de barracão em barracão, como pólvora. O facto de Yuri ser um preso classificado como «contrarrevolucionário», condenado à morte por terrorismo contra um membro destacado do partido, não só não ajudava como atirava mais lenha para a fogueira do ódio e da vingança sem sentido que se desfraldava entre os reclusos numa estranha forma de sobrevivência, como se o ar respirado por um fosse roubado aos restantes.

Yuri sofreu agressões, humilhações, insultos, roubos de comida à vista de todos, que, naturalmente, ninguém denunciava, nem mesmo ele. Sabia que tinha de aguentar e suportar até que os seus atacantes se convencessem de que não era nenhum delator, nenhum espião colocado no meio deles para denunciar as corrupções que todos os dias se verificavam, ou até que se cansassem de o atormentar ou centrassem noutro infeliz a sua violenta atenção.

Os ataques duraram cerca de seis meses, até que lhe mudaram a ocupação e o retiraram do conforto das cozinhas. A partir de então, deixaram de o incomodar e passou a ser ignorado.

II

Viver naquele mundo selvagem era muito complicado. Após alguns meses nas cozinhas, enviaram Yuri para trabalhar na construção de uma interminável estrada para lado nenhum. Estava ao ar livre, mas não se podia dizer que fosse melhor do que a escuridão da mina. Quando o calor do verão boreal começou a derreter a neve e o gelo, a superfície da tundra ficou transformada numa lama densa e viscosa que dificultava terrivelmente a caminhada. Além disso, as altas temperaturas sob um sol inclemente aumentavam o perigo de desidratação dos presos, que às vezes colapsavam sem que fosse possível recuperá-los, e os que sobreviviam viam-se incessantemente acoitados por milhares de mosquitos que se enfiavam debaixo da roupa, se acumulavam nos olhos, nos lábios e no nariz, bebiam o sangue e mordiam com fúria a sua carne magra, inchando-lhes o rosto com picadas; e quando lhes serviam nas tigelas a sopa de aveia, esta ficava coberta por uma massa negra e agitada antes mesmo de darem o primeiro sorvo. Nos primeiros dias, os novatos sacudiam-se, inquietos, tentando espantá-los, até que se apercebiam de que tudo era inútil e acabavam por se habituar, chegando mesmo a engoli-los com a sopa, sentindo um gosto adocicado devido ao sangue das suas vítimas.

Yuri fez os possíveis por se habituar às inclemências do céu aberto. Bebia a sorvos a água que lhes davam para se hidratarem e combatia os ataques dos insetos pendurando à volta do pescoço um entrançado de casca de faia que lhe havia sido dado por uma das reclusas com quem tinha trabalhado na cozinha.

O estio siberiano era intenso, mas demasiado curto, e as inclemências do inverno não se fizeram esperar. Em inícios de setembro, as temperaturas desciam bruscamente e chegavam as chuvas e a névoa espessa, começando também a cair as neves persistentes que tudo cobriam com uma camada perpétua de gelo durante dez longos meses. Com o frio, tinham de se mover sem

descanso para evitar a congelação. Às vezes, durante o trabalho, eram surpreendidos por uma tempestade de neve. A nevada era tão forte que lhes custava manterem-se de pé, mas o pior era a fúria do temporal que formava remoinhos no ar; não tinham outro remédio a não ser deitar-se no chão e aguardar. Envolto numa bruma branca e espessa, tudo parecia desvanecer-se em seu redor, incluindo os companheiros do lado. Yuri tinha então uma sensação de solidão e isolamento abismais, sem poder ver nem ouvir mais nada além do ulular selvagem do vento, quase sem conseguir respirar. Ninguém se movia do seu posto e, quando tocava a sirene para regressarem ao campo, dispunham-se em fila, bem agarrados ao que tinham à frente para não se perderem do caminho, transformadas as costas daquele que os precedia na sua salvação ou perdição se este se soltasse do que ia adiante. Era a corrente da vida ou da morte.

Nesse segundo dia de novembro de 1944, o sol havia brilhado durante um par de horas, mas o frio extremo entorpecia os músculos e gelava até o vapor expelido pela boca. Ao regressar ao campo, Yuri estava exausto e gelado, comeu a sua sopa sozinho e depois foi-se deitar. Sabia que lhe restavam apenas quatro horas de sono até que soasse a maldita sirene que os obrigava a formar no pátio a fim de procederem à contagem dos presos, iniciando-se depois a longa caminhada de mais de duas horas de volta ao trabalho na estrada. Em seu redor, os agitadores de sempre, que pareciam imunes ao sono e ao cansaço, jogavam às cartas, gritavam, riam ou brigavam, mas o barulho não importunava Yuri; conseguia conciliar um sono ligeiro assim que a sua cabeça tocava na almofada.

Estava prestes a desligar a consciência quando sentiu que alguém lhe sacudia o ombro. Enfadado, ergueu o rosto.

– Esperam-te lá fora – disse-lhe o chefe de colocação, um cazaque de pele escura e maçãs do rosto amplas que cumpria dez anos de pena por ter matado a mulher e os filhos.

– Deixa-me em paz – protestou Yuri, mal-humorado, ao mesmo tempo que voltava a afundar a cabeça na dura almofada.

– Tens de sair agora – instou-o o cazaque com autoridade.

- Quem me espera a estas horas?
- Não sei. Levanta-te e sai de uma vez.

Yuri fê-lo de má vontade, calçou as botas e apertou o casaco acolchoado, pegou no seu gorro e saiu, arrastando os pés. Estava tão cansado que poderia adormecer de pé. O vento gelado entorpeceu-o até aos ossos. O cazaque indicou-lhe que subisse para um desconjuntado jipe americano que estava estacionado mais à frente. Yuri fê-lo, sentando-se ao lado do condutor que, sem lhe dirigir a palavra, ligou o motor e acelerou. Yuri também não disse nada. O seu único anseio era por fechar os olhos e dormir, pelo que, assim que o veículo se pôs em marcha, apoiou a cabeça no encosto do assento e adormeceu.

Tiveram de se esforçar para o acordar. Sonolento e indisposto, Yuri desceu do carro e olhou em seu redor. Apesar de ainda ser noite cerrada, parecia-lhe reconhecer aquele lugar como o campo de trânsito de Magadan, ao qual tinha chegado quatro anos antes na companhia do velho Zarek Symanski. Um guarda perguntou-lhe o nome e em seguida ordenou-lhe que o seguisse. Entraram num edifício e o oficial conduziu-o por um longo corredor até chegarem a uma pequena sala sem outro mobiliário além de um banco de madeira encostado à parede. O guarda deixou-o sozinho. Yuri sentou-se e voltou a fechar os olhos.

Ao fim de alguns minutos, a porta abriu-se e apareceu um homem com um áspero sobretudo negro, a cabeça coberta por uma cálida *ushanka* de pele de lobo com a estrela vermelha cosida ao centro. Yuri levantou-se, precavido. O recém-chegado fechou a porta e parou diante dele, fitando-o. Tirou o gorro e os seus olhos sorriram-lhe como se o estivessem a apresentar.

- Olá, Yuri, não me reconheces?

Yuri demorou a reagir. Procurava na sua mente onde tinha visto aquele olhar, tentando vasculhar as recordações enterradas sob os escombros de tanto infortúnio, tanta adversidade e tanta desdita que tinha sofrido nos últimos anos. Até que, de repente, a memória lhe devolveu aquele rosto. Fitou-o, assombrado. Não podia acreditar. Havia mudado muito, mal restavam vestígios dos olhos e

do sorriso daquele jovem evocado, transformado agora no adulto que tinha à frente.

Yuri soltou uma gargalhada, juntamente com o ar retido nos seus pulmões.

– Santo Deus... Axel Laufer... Mas que diabo fazes tu aqui?

– É uma longa história. – Aproximou-se dele e falou-lhe em tom confidencial. – Yuri, o meu nome agora é Alexander Krílov; desde que os nazis invadiram a União Soviética, tudo o que venha da Alemanha é suspeito.

– Até um comunista convicto como tu?

– É melhor ser precavido – afirmou ele com segurança –, pelo menos até que o Exército Vermelho esmague definitivamente Hitler.

– Calou-se e aproximou-se mais dele. – Ninguém deve saber que nos conhecemos de antes, entendido? Ninguém.

Yuri assentiu, com o pasmo gravado no rosto, mas o assombro inicial de encontrar naquele inferno o rapaz a quem onze anos antes tinha ajudado a escapar das garras da Gestapo logo se transformou em incerteza.

– Não me digas que vens ajudar-me.

– Tu fizeste-o comigo – replicou Axel, complacente.

– Agradeço-te, Axel, mas não vale a pena que te arrisques por mim.

– O mundo está em guerra, Yuri, o risco é o ar que respiramos.

– Revolveu-se, enfiando novamente o gorro. – Vamos, saiamos daqui. Iremos para a minha cabana. Aí poderemos conversar sem que ninguém nos incomode.

Saíram do edifício. A neve crepitava sob os seus passos como uma crosta e o vento cortava a pele das bochechas. O campo começava a despertar. Ali, misturavam-se os presos que acabavam de chegar, provenientes das diversas prisões de toda a União Soviética, para serem registados e transferidos para a sua nova morada penal, e os que já estavam reabilitados, tendo cumprido a sua pena, e aguardavam que o clima melhorasse para apanharem o barco que os levaria de volta a Vladivostok para empreenderem o seu regresso a ocidente, aos seus lares, para junto das suas

famílias, se é que ainda restava alguma coisa das suas casas ou algum dos seus entes queridos.

Dirigiram-se ambos à saída do campo, o comissário um passo à frente. Ninguém os mandou parar, um comissário do povo tinha autoridade suficiente para se mover com absoluta liberdade e com quem julgasse oportuno. Chegaram a uma zona de robustas casas utilizadas pelos guardas como residências, onde também se hospedavam as autoridades e os comissários do partido que visitavam o campo.

A morada de Axel Laufer era pequena, mas muito quente. Via-se que se tratava de um lugar de passagem. Uma única divisão com poucos e toscos móveis, uma mesa e três cadeiras, uma cama com um macio colchão coberto por mantas reviradas e uma colcha às cores. O fogo ardia na lareira e, junto dela, estava uma pequena despensa com alguns pratos, copos e também alguma comida.

Axel tirou o seu gorro de pele e o sobretudo e dirigiu-se a um velho samovar que havia numa prateleira do outro lado da lareira. Pegou em duas chávenas e verteu nelas o líquido ambarino e fumegante. Pô-las sobre a mesa e virou-se para pegar num pedaço de pão e numa travessa com manteiga. O agradável aroma do chá impregnou o ar.

Yuri observava-o de pé, sem dizer nada. O seu estômago vazio retorceu-se de fome ante a visão daquele pão branco e fofo junto ao untuoso bloco de manteiga.

– Senta-te e come qualquer coisa – disse-lhe Axel. – Temos de falar.

Yuri aproximou-se, de olhos postos nos manjares que se lhe apresentavam. Com certo receio e incredulidade, pegou no pão como se de um tesouro extraordinário se tratasse; deu-lhe uma primeira dentada e deleitou-se com o sabor, fechando os olhos para sentir a textura e o gosto. Em seguida, perdendo qualquer grau de educação, engoliu como uma serpente o pão barrado com manteiga em camadas de um dedo de espessura e bebeu o chá todo, apesar de estar quente.

Em silêncio, Axel observava-o com ar satisfeito. De vez em quando, bebia goles da sua chávena. Acendeu um cigarro e deixou

o maço em cima da mesa. Yuri esvaziou a sua chávena e Axel levantou-se para lha encher novamente. Depois de acalmar a fome, Axel ofereceu-lhe o tabaco, mas Yuri recusou, fechando as mãos em torno da chávena cheia para sentir o calor que irradiava da loiça. O sabor do pão com manteiga ressumava na sua boca e trazia-lhe memórias de um passado melhor em que a abundância era o habitual. Há muito tempo que não se sentia tão saciado.

Fixou os olhos no rosto de Axel, com um esgar de ironia nos lábios.

– Quer dizer então que te tornaste comissário do povo do NKVD. – Cerrou o maxilar e arqueou as sobrancelhas. – Nada menos... Que desilusão.

– Sirvo o meu partido – sentenciou Axel, com uma firmeza serena. – O comunismo em que acredito e o país que me acolheu depois de o meu me ter tratado como um cão.

– Devo admitir que não tinhas uma vida fácil. Mas não estou seguro da justeza da decisão.

– O comunismo soviético foi o único capaz de fazer frente à ameaça do nazismo de Hitler e do fascismo de Mussolini – acrescentou Axel, como se tivesse aquela mensagem gravada a fogo. – Se Estaline não tivesse agido como agiu, grande parte da Europa estaria neste momento em poder desses dois fantoches.

– Consideras então que Estaline é um homem de Estado – afirmou Yuri, mordaz.

– Sim, e está a demonstrá-lo; o que não quer dizer que seja infalível. Esta guerra não foi iniciada pela Rússia, nem pelos comunistas. Foram os nazis, com o seu afã de tudo abarcar, de tudo controlar, com esse sonho de subjugar o mundo ao seu domínio.

– Não posso acreditar que continues a ser tão ingénuo. Ninguém com um mínimo de respeito próprio pode fazer parte deste sistema perverso. É uma pena que tenhas apostado nesta maldita ideologia... E pensar que um dia me arrisquei por ti.

– Terias preferido que caísse nas mãos da Gestapo?

– Não, é claro que não – respondeu Yuri, imprimindo segurança às suas palavras. – Mas transformares-te em verdugo da sua

polícia secreta é descer muito baixo, Axel. – Num silêncio desconfortável, fitaram-se ambos intensamente durante longos segundos. – Não me diz respeito, a decisão é tua, mas permite-me que te diga que não o compreendo... Estes malditos sistemas, tanto vale o nacional-socialismo como o comunismo bolchevique...

– Não compares, não têm nada a ver.

– O fundamento é o mesmo, Axel; tanto um como o outro se baseiam no terror para se manterem no poder, cada um à sua maneira, mas com o mesmo resultado, centenas de milhares de vítimas inocentes que tiveram a infelicidade de viver num lugar e numa época implacáveis. Ainda que te dê razão em que os dois regimes serão tratados de forma diferente num futuro próximo. – Yuri falava sem qualquer sinal de veemência, como que a dar voz aos seus pensamentos. – Por aqui, correm rumores de que os alemães estão a ser esmagados pelo Exército Vermelho, e se isso acontecer, se a Alemanha perder a guerra, o mundo culpará o nazismo pelos crimes abomináveis que cometeu, perseguirá os seus responsáveis, Hitler será julgado e condenado por mergulhar o mundo numa guerra infame; sobre a sua figura, recairá para sempre o papel de canalha abjeto e miserável que exerceu durante todos estes anos, e o seu nome ficará gravado nas páginas mais ignominiosas da história. Mas o que acontecerá com os crimes que têm vindo a ser cometidos pelo teu infalível Estaline? – Yuri não esperou resposta e prosseguiu com o relato; a sua voz adquiriu profundidade. – Ao estar do lado vencedor, justificar-se-ão todas as suas atrocidades, estes campos da morte serão vistos como o preço necessário para a industrialização e o progresso da União Soviética; os que aqui morrem de fome, de exaustão, de frio, serão apenas mortos, uma estatística inane, ninguém clamará por eles, ninguém pedirá justiça por tanta dor infligida. Estou certo de que o mundo verá Estaline com bons olhos, indultado por todos os seus crimes, tão graves ou mais do que os de Hitler – murmurou com violência.

– Recuso-me a admitir que o comunismo tenha algo a ver com o nazismo – insistiu Axel em tom sereno. – A União Soviética estava à beira de conseguir um grande desenvolvimento, uma economia

que finalmente faria frente ao capitalismo, que é o gérmen de todos os males da nossa sociedade, das sociedades de todo o mundo. Hitler, com a sua obsessão doentia por conquistar território russo, trancou tudo.

O semblante de Yuri ensombrou-se, magoado pela excelsa visão que Axel tinha de Estaline e das suas políticas.

– Acreditas realmente no que estás a dizer? – perguntou, sem poder evitar a impotência ante tamanho erro. – Há muito que convivo com gente como tu, convicta das promessas de um paraíso social sempre adiado, e cheguei à conclusão de que os comunistas gozam de uma imaginação incrível para inventar desculpas ante os constantes incumprimentos da revolução e as evidentes falhas do partido que tanto defendem.

– Não nego que tenham sido cometidos excessos aqui, mas nada é comparável ao que os nazis estão a fazer ao abrigo da guerra que provocaram. Não reconheço a Alemanha em que nasci. Tudo é ódio e podridão.

– Nota-se que não passas muito tempo por aqui. Se o fizesses, saberias tudo o que realmente acontece a alguns quilómetros do calor desta cabana.

Axel fitava-o com uma profunda tristeza. Os seus olhos ficaram fixos no vazio, perdidos na dor da recordação.

– Acabo de chegar da província de Smolensk. Há um ano, foram descobertas várias valas com milhares de homens executados pelos nazis, um a um e sem piedade, com um tiro na nuca; oficiais do exército polaco, intelectuais, as gentes mais preparadas da Polónia. Todos mortos e enterrados em vastas valas escavadas no bosque.

Yuri escutava-o, contrariado. Invadiu-o a memória da última conversa que havia tido com o irmão.

– Referes-te ao bosque de Katyn?

– Como sabes? – Axel franziu o sobrolho, surpreendido.

– Sei e pronto. Mas não te deixes enganar, não foram os alemães. Esse massacre foi obra dos teus camaradas do NKVD e foi realizado em abril de 1940, quando o território estava ocupado pelos russos.

Axel reagiu com um esgar condescendente.

– Os nazis quiseram atirar com as culpas para a Rússia para encobrir um crime execrável que está a escandalizar o mundo inteiro, mas não lhes sairá bem a jogada. Verificou-se que os orifícios de bala presentes em todos os crânios pertencem a uma *Walther PPK* alemã. As provas são irrefutáveis. Não há dúvidas. Foram eles, os nazis, devem ter executado esse plano macabro algures a partir do verão de 1941, quando iniciaram a invasão da União Soviética.

– Não, Axel. O facto de as pistolas serem alemãs não significa que as mãos que premiram o gatilho também o fossem. Essa matança foi ordenada pelo próprio Estaline, o teu chefe supremo, e executada pelo seu lugar-tenente, o Beria.

– Não sabes o que dizes – replicou Axel, em tom indulgente.

– Sei muito bem – afirmou Yuri. – O meu irmão Kolia foi um dos verdugos que utilizaram essas armas alemãs e premiram o gatilho contra as nuças daqueles homens indefesos, uma e outra vez... uma e outra vez... – As suas últimas palavras ficaram embargadas num sussurro, os olhos mergulhados na dolorosa evocação da confissão do irmão.

Axel deu uma passa no cigarro e falou sem o fitar, de olhos fixos nas brasas do tabaco enquanto soltava uma longa baforada de fumo.

– Não acredito em ti.

– O que te digo é a verdade.

O alemão arqueou as sobrancelhas de forma involuntária. Ante a firmeza de Yuri, a sua incredulidade ia-se desmoronando.

– A verdade é sempre relativa, Yuri. O tempo demonstrará quem carrega com essa enorme responsabilidade.

– É fácil saber: o que perder a guerra. Se a Alemanha for vencida, Estaline atirárá para cima dos nazis a culpa por um crime que ele mesmo promoveu.

Axel agitou-se, incomodado. Apagou o cigarro e cruzou as mãos sobre a mesa.

– Será melhor que deixemos este assunto e falemos de ti.

– Há pouco de que falar... – respondeu ele, com ar cansado.

– Há um ano, descobri-te por acaso, quando estavas no hospital. Desde então, tenho vindo a investigar as razões por que acabaste neste lugar.

Yuri entendeu então a causa de todos os benefícios que tinha recebido no último ano, desde o dia em que o vira aos pés da sua cama a falar com aquela médica, a saída da mina, o trabalho na cozinha, as botas novas, a mudança de barracão para um em que tinha melhores condições e uma companhia mais suportável. Tudo havia sido graças à mediação de Axel Laufer. Queria agradecer-lhe, devia fazê-lo, pensou, mas não lhe saía, não encontrava palavras, pois custava-lhe agradecer a dignidade que lhe correspondia por direito.

– Podias ter-me perguntado, ter-tas-ia contado com todo o pormenor.

– Sabes que o teu irmão morreu?

– O meu irmão foi assassinado pelos teus amigos do NKVD – salientou Yuri em tom frio.

Axel manteve-se calado por algum tempo, o rosto sério; não quis replicar a essa afirmação e prosseguiu com o seu relato.

– O homem que premiu o gatilho, o Liovka Vasílievich, seu cunhado, suicidou-se no dia seguinte.

Ao ouvir o nome de Liovka, Yuri pensou na cunhada.

– E a Sonia? – perguntou, animado pela curiosidade em saber o seu destino. – A esposa do Kolia, sabes alguma coisa dela?

– A Sonia Vasílievna foi libertada pouco tempo após a sua detenção. Conheci-a há alguns meses, em Tíflis. Vive lá com os dois filhos e com María Petrovna. Estão todos bem.

Yuri escutava-o com um sorriso nos lábios. Bebeu um gole de chá.

– Tinha-me esquecido de como soam as boas notícias...

– Sente por ti uma gratidão impagável. Foram essas as suas palavras quando soube que vinha ver-te, e pediu-me que te dissesse que jamais te esqueceriam.

Os dois homens guardaram alguns segundos de silêncio, assimilando a estranha sensação de paz daquelas frases amáveis no meio de tanta adversidade.

Finalmente, Yuri fixou os olhos em Axel, como se tivesse recuperado a sua realidade.

– Se sabes tudo sobre mim, também saberás que estou condenado à morte.

– Sei. E que o adiamento da tua execução foi um pedido expresso do doutor Piotr Smelov. Ele não morreu. O teu disparo deixou-o numa cadeira de rodas, paralisado do pescoço para baixo.

O rosto de Yuri torceu-se num esgar sarcástico.

– Não sei se me alegre... – murmurou. – Teria preferido a sua morte.

– Se o Piotr Smelov tivesse morrido, tu não estarias vivo, ter-te-iam executado em Moscovo.

– Tenho então a agradecer-lhe estes cinco anos de graça. – Yuri mantinha o assombro no rosto, o olhar neutro, um esgar irónico nos lábios. – Que perverso... Sabia muito bem o que fazia ao adiar a minha morte. Urdiu esta tortura ciente do sofrimento que me iria causar. Cinco anos sabendo que cada dia era um a menos. – Ergueu o olhar, angustiado. – Todos estamos condenados a morrer, mas não imaginas como pode ser demolidor ter a certeza de que se aproxima o dia da tua imolação.

– Nada é certo, nem a tua execução tem de ser. – Inclinou o corpo para a frente, cravando os cotovelos na mesa para se aproximar mais dele, para o encarar diretamente, procurando-lhe o olhar. – Yuri, só há uma maneira de te salvares. Falas vários idiomas e o Exército Vermelho precisa de intérpretes.

Yuri arqueou as sobrancelhas com uma expressão de assombro.

– Pedes-me que colabore com o Exército Vermelho?

– O marechal Zhúkov pediu-nos gente que fale alemão. É a tua última oportunidade.

Yuri guardou silêncio por alguns segundos antes de falar.

– Nem em cem vidas poderia aceitar a tua proposta. – Abanou a cabeça com um esgar. – Estou há mais de quatro anos neste lugar. Restam-me duzentos e quinze dias... Não me moverei daqui.

– Pensa nisso ao menos.

Yuri fitou-o longamente, apreciava as boas intenções de Axel, pareciam-lhe heroicas.

– Axel, agradeço muito o que tentas fazer por mim, mas jamais poderia fazer parte do regime que acabou com a minha família, que maltratou e torturou a minha mãe até à morte e que transformou num monstro o meu irmão Kolia. Não o farei nunca e dói-me que te tenhas entregado a isto. Se soubesse que te ias tornar parte deste sistema brutal, teria deixado que aqueles nazis acabassem contigo; ao menos, teria evitado que a tua consciência ficasse envenenada com tanta crueldade, tanto sofrimento causado a tantos inocentes, tão inocentes como eras tu quando te ajudei em Berlim. – Levantou-se sem sair do sítio. – Será melhor para os dois que acabemos de uma vez com isto.

Axel escutava-o, impassível, tão austero que parecia não sorrir há muito tempo.

– Compreendo as tuas razões – afirmou por fim, em tom sereno. – Talvez isto te faça mudar de opinião.

O comissário introduziu a mão no interior do seu casaco e extraiu um envelope amassado e aberto com sinais de ter passado por muitas mãos. Colocou-o na mesa. Yuri sentiu o coração acelerado ao reconhecer a letra de Krista. Pegou-lhe, incapaz de acreditar naquela realidade.

– O que significa isto?

– Chegou à última morada onde viveram o teu irmão e a Sonia. Os novos inquilinos entregaram-na na Lubianka. Estava no teu processo, juntamente com outras cinco cartas, mas eu não podia subtraí-las a todas, era demasiado perigoso. Arrisquei-me para ta trazer. – Axel levantou-se, vestiu o sobretudo, pegou no gorro, aproximou-se de Yuri e pôs-lhe a mão no ombro num gesto afável. – Deixo-te para que a possas ler tranquilamente. Volto daqui a pouco. Se então decidires ficar e seguir com o destino que Smelov ditou para ti, darei ordens para que te levem de regresso ao campo e não voltarás a ter notícias minhas.

Dirigiu-se à porta, disposto a partir, mas a voz de Yuri deteve-o.

– Axel... – Não desviou os olhos da carta que tinha nas mãos. – Obrigado.

Axel esboçou um sorriso e só então saiu da cabana.

Yuri deixou-se cair lentamente até ficar de novo sentado, de olhos fixos naquela carta com o nome e a morada da sua cunhada no destinatário e apenas as iniciais KM no remetente, tal como ele lhe tinha indicado nas cartas que lhe enviara antes de ser condenado. Emocionava-se só de pensar que aquele envelope havia estado nas mãos da sua querida Krista. Ao evocar a sua imagem, formou-se-lhe no interior um turbilhão de sentimentos ambíguos, contraditórios, simultaneamente dolorosos e agradáveis. Tremiam-lhe as mãos quando extraiu duas folhas escritas em letra apertada. No papel viam-se as marcas dos dedos sujos que tinham quebrantado impunemente a confidencialidade epistolar. Irritou-o aquela violação da sua intimidade.

Estava encabeçada pela data, «Berlim, 23 de setembro de 1940». Haviam decorrido quatro anos desde que Krista redigira aquela carta. Assim que começou a ler, Yuri sofreu um doloroso abalo. Krista anunciava-lhe a morte da mãe: a senhora Metzger tinha falecido em finais de agosto desse mesmo ano enquanto dormia; partira sem sofrer, agarrada à mão da filha, que dormia ao seu lado e que, ao acordar, a tinha sentido fria. Contava-lhe como, durante muito tempo, tinha permanecido deitada ao lado dela, a admirar a serenidade daquele rosto, evocando instantes felizes da infância, incapaz ainda de chorar, assimilando aos poucos a sua orfandade definitiva, somando à sua profunda tristeza uma imensa sensação de solidão. Yuri continuou a ler, de coração apertado:

Há meses que vivo na esperança de te voltar a ver a qualquer momento. O Villanueva disse-me que te tinha proporcionado um passaporte falso para que pudesses regressar à Alemanha. Desde então, procuro o teu rosto entre os anónimos que se atravessam no meu caminho; a cada esquina que dobro, anseio por encontrar o teu olhar, o teu tão desejado sorriso, mas o tempo passa e nunca chegas. Sei que algo se passou porque o Villanueva não

sabe nada de ti desde março, quando te enviou a documentação. Aconselha-me paciência, e assim continuo.

Em todo este ano, recebi duas cartas tuas, a última estava datada de janeiro. Deduzo que haja muitas mais que não chegaram. Além disso, o Erich Villanueva (ele outra vez; garanto-te que, se não fosse por esse homem, a tua ausência ter-me-ia enlouquecido) confirmou-me que as minhas primeiras cartas não tinham chegado a ti, e que era bem possível que nunca as recebesses, seja porque as confiscam ou destroem, apesar de terem a morada da Sonia, ou porque se perdem simplesmente antes de chegarem a ti. Mas eu não deixarei de tentar, e por isso, sempre que te escrevo, resumo uma e outra vez o que de mais importante se passa na minha vida, para o caso de alguma destas palavras chegar miraculosamente às tuas mãos.

Após a tua precipitada partida, a minha vida transformou-se num complexo turbilhão em que, surpreendentemente, me mantenho à tona graças à Claudia Kahler. A mulher de quem tanto desconfiei é quem agora me ajuda e, de certo modo, me protege. Tens de saber que a Claudia me contou como te levou até à fronteira, salvando-te a vida; confirmou-me que não tinhas sido tu a disparar contra o Franz e advertiu-me para estar preparada, pois seguir-se-iam tempos conturbados para mim. E assim foi: poucos dias depois, os homens da Gestapo prenderam-nos, a mim e à minha mãe. A ela, soltaram-na no dia seguinte; eu passei uma semana detida no quartel-general da Prinz-Albrecht-Strasse. Interrogaram-me sobre ti, convictos de que te tinha escondido. Finalmente, libertaram-me, mas as consequências da morte do Franz atingiram-nos em cheio, tal como a Claudia me avisara. Despediram-me da clínica e proibiram-me de exercer medicina em qualquer âmbito, público ou privado; e não fui a única. Também a doutora Anna Hotzfeld foi afastada do seu cargo e teve de deixar Berlim. As últimas notícias que soube dela foram que estava numa aldeia perto de Munique, onde a sua mãe vivia, que o

marido morreu no início do ano e que sobrevive graças a um consultório que mantém aberto e que lhe permite ir subsistindo a duras penas. Mas o mais doloroso foi a situação da minha mãe: além das horas que passou nos calabouços, tiraram-lhe a pensão e expropriaram-na de todos os seus imóveis, incluindo a casa, com base em não sei que infração a não sei que norma... Foi tudo tão traumático para ela... Estou convicta de que tanta perda deteriorou o seu debilitado coração até que não aguentou mais e se deixou ir.

Permitiram que nos instalássemos no teu antigo estúdio, mas vivo sob a constante ameaça de que a qualquer momento me ponham na rua. As tuas coisas, guardo-as como se fossem um tesouro que reforça a ideia do teu regresso. O apartamento da minha mãe, a casa onde fui criada, onde ficaram as melhores memórias da minha vida, está ocupado desde há seis meses pelos Witt. O senhor Witt é magistrado e a esposa é muito amiga da Erika Kahler, a mãe da Claudia; têm uma filha de treze anos. São os três absolutamente insuportáveis, fanáticos do partido nazi, adoram Hitler como se fosse um deus e espalharam bandeiras e retratos do Führer por toda a escadaria. Tenho a sensação de que me vigiam. A sua presença é-me angustiante, encontro-os a cada passo que dou, como uma sombra funesta.

Desde há alguns meses, trabalho no que costumava ser a pastelaria dos Rothman, sob o firme comando da nazi Ernestine. De início, recusou-o terminantemente, não me queria na sua loja, pois considera-me responsável pela morte do Franz Kahler; mas a Claudia falou com ela e conseguiu convencê-la. Talvez lhe tenha recordado que me devia uma, depois do que aconteceu com a Ilse Kube. Faço um pouco de tudo, o salário que recebo é ínfimo, mas ao menos não passo fome.

Durante o inverno, mal nos apercebemos da guerra em Berlim, exceto tudo estar racionado e termos de passar muito

tempo nas filas que se formam na maioria das lojas. Até para tomar banho temos de esperar pelo fim de semana. Em finais de agosto, os ingleses bombardearam Berlim. Parece que o seu novo primeiro-ministro, o tal Churchill de que tanto ouvimos falar ultimamente, acreditou que todos os alemães adoram esse monstruoso Hitler: atiram-nos bombas em vez de nos resgatarem. Tivemos de nos refugiar na cave da casa. Foi horrível, Yuri. A filha mais nova da Claudia, a Jenell, estava tão assustada, não parava de chorar agarrada ao pescoço da mãe; que impotência ver o rosto aterrorizado daquela criança de apenas três anos. E o próprio Hans, com os seus seis anos, queria fazer-se de valente, mas de cada vez que uma explosão sacudia a estrutura do edifício, o pobrezinho agarrava-se à mãe a tremer de medo. São tão pequenos, Yuri, tão frágeis e indefesos... As crianças não deviam viver nenhuma guerra. Abala-me a angústia gravada no rosto da Claudia nesse afã desmedido de os proteger, o desespero de não os poder poupar ao pânico. E confesso-te que, no fundo, me alegro por não ter trazido nenhum filho ao mundo, para não ter de padecer o que aquela mulher suporta.

Meu amor, não imaginas como sinto a tua falta. Se esta maldita guerra nos poupar a vida, partiremos juntos para longe daqui e juntos forjaremos um futuro.

Nada me prende já a esta cidade, nem a este país. Embarga-me uma imensa tristeza. Perdi tudo, Yuri, a tua companhia, a minha mãe, a minha casa, o meu trabalho, o meu modo de vida, nem sequer me resta dignidade. Resta-me apenas o amor que te professo e a esperança de que regreses para junto de mim.

Volta para mim, meu amor. Esperar-te-ei sempre.

Yuri estremeceu ante o negro futuro daquela espera, ciente de que jamais voltaria a vê-la. Sentiu um profundo desgosto e desatou a chorar amargamente.

Quando Axel regressou, já tinha tomado uma decisão.

Berlim, no *Führerbunker* Segunda-feira, 30 de abril de 1945, 15h30

A cobardia é a mãe da crueldade.

MICHEL DE MONTAIGNE

Oskar Urlacher encostou-se ao muro junto à saída de emergência do *Führerbunker*. O ambiente no interior do *bunker* era cada vez mais insuportável. Desde o mês de janeiro que o *Führer* se tinha instalado ali com as suas altas patentes, e também com a sua inseparável Eva Braun, com quem havia contraído matrimónio no dia anterior numa cerimónia civil, íntima e austera. A doze metros de profundidade, inacessíveis ao efeito destruidor dos obuses russos, o pessimismo espalhava-se como um silencioso veneno pelas consciências dos seus habitantes, cada vez mais convencidos de que o fim estava próximo.

Oskar retirou o invólucro gorduroso da sanduíche que Ernestine lhe tinha preparado. Deu uma dentada no pão, mastigou-o um par de vezes e cuspiu-o, antes de atirar com o resto para o chão. Pensava com desprezo na esposa. Nunca conseguira alcançar os requintes preparados pela sua mãe, Lilli Rothman. Ernestine era desajeitada, suja e tinha engordado tanto que parecia engolir todos os pastéis que não chegava a vender por serem indigeríveis. O plano para ficar com a confeitaria trazendo à tona as vergonhas do passado judeu da senhora Rothman havia-lhe corrido bem, era o senhor absoluto do negócio, bem como da casa, que não lhe tinha custado um só pfennig; o seu grande erro fora ficar com a estúpida da filha deles. Deslumbrou-se com ela e, quando se deu conta, já não havia remédio. Há muito tempo que a teria abandonado de bom grado se não fosse a lealdade que professava ao seu *Führer*, nada favorável a que os respetivos homens deixassem as esposas. Sabia em primeira mão como tinha lidado com Joseph e Magda Goebbels quando estes pretendiam divorciar-se. Só por essa razão

continuava com ela, apesar de cada vez a suportar menos, transformada numa estúpida maníaca que continuava a viver como se a guerra não tivesse nada a ver com ela pelo mero facto de ser casada com um *Hauptscharführer* SS.

Perguntava-se de que lhe tinham servido as quatro contas de prata cosidas na lapela do seu colarinho. Há dias que estava enfiado no interior do *bunker* sem fazer nada; o Exército Vermelho cada vez mais perto e eles a jogar às cartas, a beber, deixando passar o tempo sabendo que o inexorável fim pairava sobre todos. Hitler comunicara ao seu círculo de confiança que tiraria a vida antes de cair em mãos russas. Tinham chegado a Berlim notícias muito inquietantes sobre a morte violenta de Mussolini e da sua esposa nesse mesmo sábado: os seus corpos haviam sido profanados e pendurados pelos pés em plena rua à vista de uma multidão enfervorizada. Oskar tinha sérias dúvidas de que o seu *Führer* fosse capaz de se suicidar, seria um paradoxo difícil de assimilar, uma traição ao discurso mantido durante anos, exigindo ao povo que lutasse até ao fim como juramento de lealdade à sua pessoa. Ele próprio seguira Hitler com autêntico fervor durante vinte anos, encontrara nele um líder forte, um adail irrepreensível que levaria a Alemanha à merecida glória pelos séculos vindouros. «O *Führer* ordena, nós seguimo-lo até à morte»; tinha repetido esse mantra centenas de vezes, sem nunca hesitar, convicto de cada uma daquelas palavras; lealdade e obediência até às últimas consequências. Não obstante, com quase seis anos de guerra às costas, assolavam-no inesperadas dúvidas a respeito daquele homem a quem tinham elevado à categoria de um deus. Assombravam-no as evidências do fim de tudo, certo de que, se os soviéticos ganhassem a guerra, todos os homens alemães que conseguissem sobreviver às bombas russas seriam deportados para a Sibéria como escravos de Estaline.

Muitos eram os que pensavam que a única salvação estava nos americanos; uma rendição podia livrar a Alemanha das garras do bolchevismo que os tinha cercados. As notícias que chegavam da barbárie desencadeada pelo exército soviético na ocupação da Prússia Oriental eram muito alarmantes; o pânico espalhara-se

como uma peçonha mais mortal do que as bombas. Muitos civis e também soldados desertores arriscavam a vida e rumavam a oeste a fim de tentar cruzar o Elba e entregar-se aos americanos, fugindo dos temíveis bolcheviques, apesar de muitos deles encontrarem a morte às mãos dos seus próprios compatriotas, obstinados numa resistência suicida.

Oskar semicerrou os olhos e olhou para o céu, coberto por uma nuvem cinzenta e espessa proveniente do fumo dos incêndios. O ar, denso e estagnado, tornava-se irrespirável e introduzia-se-lhe na boca, misturando-se com o ressaibo a ranço deixado pela manteiga. Não sabia que horas eram. Pegou num cigarro e, quando se preparava para o acender, ouviu vozes vindas do interior do *bunker*. Debruçou-se para lá e viu aparecer pelas escadas dois homens que transportavam um corpo embrulhado numa manta. Ao passarem ao seu lado, viu com espanto que era o próprio *Führer*. O sangue gelou-lhe nas veias.

– Traz aqueles bidões de gasolina – ordenou Otto Günsche, o assistente pessoal de Hitler que acompanhava os portadores.

Oskar guardou o cigarro e foi a correr buscar os bidões que estavam empilhados a um canto desde a tarde anterior. Quando se aproximou com dois deles, o corpo havia sido depositado junto à torre de vigia, no fundo de uma cratera provocada por uma das muitas bombas lançadas pela aviação inimiga. Dirigiu-se à beira para se certificar do que os seus olhos tinham visto: efetivamente, o cadáver de Adolf Hitler jazia desamparado no fundo daquela vala improvisada, vestido com as calças pretas, o casaco militar cinzento-esverdeado, a camisa branca e a gravata preta que o distinguiam dos seus colaboradores mais próximos. Tinha um orifício de bala na têmpora direita, por onde escorria um fio de sangue. Embargou-o uma profunda desilusão. Sem deixar de olhar para o corpo, pensou que aquele a quem julgavam quase celestial ficara reduzido à simplicidade de um homem como os outros, um homem a quem a morte havia despojado de qualquer solenidade.

Os seus olhos pousaram no pulso do *Führer* caído, rodeado por um relógio, um magnífico *Lange Söhne* em ouro. Olhou para um lado e para o outro e não viu ninguém. Não pensou duas vezes;

desceu até chegar junto dele e, com os dedos trémulos, tentando não olhar para a face do morto, desapertou a correia de pele e meteu-o ao bolso antes de voltar a sair da cratera, com o coração acelerado e encharcado em suores frios. Nesse preciso momento, surgiam novamente os homens, transportando outro cadáver.

Desta vez, tratava-se de Eva Braun, com o vestido negro e o bordado de flores cor-de-rosa no peitilho com que Oskar a tinha visto nessa mesma manhã. Nela não se via nenhum tiro, o mais provável era que tivesse engolido uma daquelas ampolas de cianeto que haviam andado a pulular de mão em mão pelo *bunker* ao longo dos últimos dias. Os seus lábios pintados de *rouge* contrastavam com a palidez do rosto. Os portadores, ofegantes devido ao esforço, atiraram o corpo sem vida para a cratera sem grandes contemplações, indo este aterrar junto ao do seu recém-marido. Juntos para a eternidade, pensou Oskar, se é que a eternidade existe.

O assistente pessoal do *Führer* pegou num dos bidões, abriu-o e começou a verter combustível sobre os cadáveres.

Oskar mantinha-se imóvel, de olhos muito abertos em paralisante assombro.

– O que fazes aí pasmado? – gritou-lhe Otto Günsche, ao dar-se conta da sua presença. – Traz mais bidões, depressa!

Ao todo, Oskar transportou seis bidões, cujo conteúdo foi despejado sobre os dois corpos. A pira humana incendiou-se facilmente e o fumo negro que começou a erguer-se representou para Oskar como que a alma atormentada do homem a quem tanto admirara e que tantos excessos tinha cometido. O cheiro a carne queimada provocou-lhe náuseas. Aturdido, pensou que tudo acabara, Adolf Hitler estava morto. Apenas duzentos metros separavam aquele *bunker* da antiga chancelaria de onde Hitler saudara as massas enfervorizadas naquela noite das tochas de há doze anos. Quase no mesmo local, a mesma cor das chamas. Tudo o resto era diferente.

Nesse instante, aumentaram os bombardeamentos e os presentes na inumação dispersaram, entrando apressadamente no *bunker*, não sem antes fazerem uma última saudação ao líder.

Oskar aproveitou a confusão para se escapular sem que ninguém o mandasse parar. Ouvia-se o silvo constante dos foguetes dos malditos *katyushas* russos, que não paravam de cuspir ininterruptamente a sua carga mortal durante as vinte e quatro horas do dia. Com a espingarda de repetição às costas, caminhou ensimesmado por entre as ruínas dos edifícios até chegar à padaria que continuava a ter o nome dos Rothman escrito em letras douradas na fachada. Viu a longa fila de gente que esperava a sua vez com a caderneta de racionamento na mão; rostos opacos, indiferentes ao estrondo dos obuses que explodiam por perto. Entrou pela porta do armazém. Aí, deparou-se com Krista Metzger, que se dedicava a misturar a massa que tinha em mãos. Prendia o cabelo com um lenço, um avental cobria-lhe o corpo e as suas faces estavam manchadas com restos de farinha. Não podia evitar fitá-la com desejo. Aquela mulher dava com ele em doido, mas não se atrevia a insinuar-se, pois temia que Ernestine se apercebesse e a expulsasse da padaria.

Krista fitou-o sem parar de amassar nem dizer nada.

Oskar sentou-se diante dela.

– Hitler morreu... – sentenciou, dando às palavras um tom transcendental.

Krista parou de amassar, os braços paralisados, imóveis as mãos, olhando muito fixamente para Oskar.

– Isso é verdade? – conseguiu perguntar.

– Acaba de dar um tiro em si mesmo, e Eva Braun envenenou-se. Neste momento, ardem juntos como uma tocha sagrada... Ou maldita, não sei bem – murmurou ele, perdendo o olhar no vazio confuso em que a sua mente vagueava.

Nesse momento, Ernestine entrava nos fundos e ouviu as palavras do marido, que lhe soaram como se um raio fulminante lhe tivesse caído em cima.

– O que dizes? – balbuciou, desolada. – Não pode ser... não é possível, o *Führer* não pode... ele não... – As palavras pareciam quebrar-se nos seus lábios. – Quem se ocupará de nós agora?

Krista tirou o avental e dirigiu-se à porta, fazendo menção de partir. Ernestine viu-a e reagiu, miraculosamente recuperada do seu

colapso passageiro.

– Onde pensas tu que vais? – gritou, com uma voz aguda que lhe saiu da garganta como o canto de uma galinha.

Krista parou, virou-se e esboçou um meio-sorriso.

– Hitler morreu... Acabou... Finalmente acabará tudo...

Saiu para a rua perseguida pelos gritos histéricos de Ernestine, ordenando-lhe que voltasse e se pusesse a trabalhar, até que a voz potente de Oskar a mandou calar.

Krista começou a andar pelo passeio repleto de buracos e fendas, contornando os que esperavam pela sua vez de levar a respetiva quota de pão. Embargava-a uma estranha emoção. Sentiu o toque das lágrimas nas bochechas. Temia voltar a cair na frustração que sentira um ano antes, após o fracasso do atentado contra Hitler, que, longe de o amedrontar, fortalecera a sua ideia de se considerar um escolhido divino e quase imortal. Desta vez sim, dizia para consigo, desta vez sim, repetia como forma de agarrar uma tão desejada realidade.

Avançava colada às fachadas, numa absurda forma de se proteger do efeito das balas. Ao chegar ao cruzamento na Wilhelmstrasse, deparou-se com um destacamento das brigadas populares que marchavam rumo ao Reichstag. Chegou-se para um lado para deixar passar aquele grupo de desgraçados conduzidos à morte, desalinhados, sujos, cansados. Faziam parte da *Volkssturm*, a chamada «tempestade do povo», uma milícia formada por antigos combatentes da guerra anterior, equipados com os seus velhos e variados uniformes, alguns vestidos à civil com braçadeiras, que eram seguidos por uma vintena de rapazes; a maioria não teria mais de quinze anos, equipados com uniformes da *Wehrmacht* demasiado largos para os seus corpos ainda adolescentes, alguns com chapéus, outros cobrindo as pequenas cabeças com o capacete de aço que parecia equilibrar-se nelas, levando ao ombro lança-granadas ou espingardas como um brinquedo mortal. Dirigiam-se ao combate dispostos a oferecer em sacrifício a sua curta vida, convencidos pelo mesmo homem cujo corpo ardia não muito longe dali, um cobarde que, no último momento, tinha abandonado à sua sorte todos quantos ainda o seguiam com

enfervorizada devoção, fosse por um recalcitrante deslumbre ou simplesmente pelo pânico de acabarem enforcados de um candeeiro, sinalizados para a eternidade como traidores da pátria.

Uma vez passada a desastrosa tropa, Krista seguiu o seu caminho com o retumbar da batalha sempre em pano de fundo. Há mais de duas semanas que estavam assim, cada vez mais cercados, cada vez mais cansados, mais famintos, mais entorpecidos. Agora que o causador de toda aquela tragédia tinha morrido, talvez fosse possível chegar a um acordo de paz. Krista estava convencida de que aquela morte abria um resquício para a esperança.

Ao entrar no vestíbulo, viu um dos muitos retratos de Hitler que Gerda Witt se tinha dedicado a pendurar desde a sua chegada, cinco anos antes. Arrancou-o com raiva, rasgou-o e atirou-o ao chão. Subiu a toda a pressa ao segundo andar e chamou às duas portas, batendo com os nós dos dedos. A campainha não funcionava. A da senhora Blumenfeld manteve-se fechada; a da frente abriu-se e apareceu Jenell.

– Onde está a tua mãe? – perguntou Krista à menina.

– Na chancelaria, foi ver a avó Erika.

Krista voltou a bater à porta da frente.

– A senhora Blumenfeld saiu há pouco – acrescentou a menina.

Ouviu-se alguém a subir. Espreitaram as duas para o vão da escadaria.

Claudia subia lentamente, com uma mochila às costas.

– Krista, o que fazes tu aqui? – Ficou surpreendida ao vê-la no patamar. – Aconteceu alguma coisa na padaria?

– Hitler morreu... – Disse-o com voz trémula, como se temesse que algo ou alguém desmentisse a notícia. – Suicidou-se.

– Como sabes? – perguntou Claudia, perplexa.

– O Oskar esteve na padaria. Viu-o com os seus próprios olhos. Diz que deu um tiro na cabeça e que pegaram fogo ao cadáver. Acabou...

– Santo Deus... – murmurou Claudia, com ar preocupado. – O que vai acontecer agora?

– Poderão negociar. Não terão outro remédio a não ser fazê-lo. É o princípio do fim...

– Sim... Claro – acrescentou ela, aturdida. – Vem, entra em casa.

As duas mulheres e a menina dirigiram-se à cozinha. Claudia tirou a mochila e pô-la em cima da mesa. Nesse momento apareceu Hans, ávido por espreitar os tesouros que a mãe trazia no interior da mochila. Os víveres eram cada vez mais escassos; há vários dias que não havia eletricidade nem água corrente, e o combustível (qualquer coisa que ardesse) tinha-se transformado num bem valioso. A mãe de Claudia ainda lhe podia proporcionar produtos que desviava das cozinhas da chancelaria. Com os anos, a sua relação com Magda Goebbels tornara-se ostensivamente mais próxima. Quando a esposa do Ministro da Propaganda se mudou com os seus seis filhos para o *bunker* da chancelaria – ligado por uma escadaria ao *Führerbunker* –, Erika Kahler fez o mesmo, juntamente com o marido. Claudia recusou-se a segui-los apesar da insistência de ambos para que o fizesse, para sua segurança e dos meninos. Ante a recusa persistente, Erika Kahler resmungava: «Se o Ulrich estivesse aqui...» Mas não estava e Claudia não queria misturar-se com aquela gente. Há já bastante tempo que tinha abandonado toda a fé no ideário marcado pelo nacional-socialismo de Hitler, e à medida que a guerra avançava, o seu profundo desengano ia aumentando, embora tivesse o cuidado de não exteriorizar demasiado esses sentimentos precisamente para se proteger e aos seus filhos. Advertira-a a mãe, muito decepcionada com a deriva adotada pela filha. Erika, por seu lado, mantinha intacta a servil admiração pela senhora Goebbels, que tanto a utilizava como muro das lamentações como fazia dela um saco onde verter todas as suas frustrações. Não obstante, graças à sua posição privilegiada, Erika Kahler conseguia o que já escasseava em Berlim: conservas de carne, manteiga, compota, massa, verduras ou queijo dos que o *Führer* costumava comer, além de velas e petróleo para as lâmpadas e álcool destinado aos fogareiros com que cozinhavam.

Os meninos puseram-se a tirar coisas da mochila, entusiasmados com as novidades de que a avó os abastecia, enquanto as duas mulheres se sentavam uma diante da outra.

– Não sei o que pensar – disse Claudia.

– Haverá rendição. Estou certa – acrescentou Krista. – Não lhes resta outra saída. As coisas foram demasiado longe e vamos pagar por isso.

– Então acontecerá o mesmo que em 1918. Repetir-se-á a mesma história. – A consciência de Claudia perdia-se nas suas próprias inquietações. – Tanto tempo perdido.

Hans, que tinha feito onze anos, deixara de vasculhar o interior da mochila e olhava para as duas mulheres com o rosto marcado por uma gravidade infantil.

– A Alemanha jamais se renderá – afirmou com convicção. – Isso é impossível.

– Não queres que acabe a guerra?! – gritou-lhe a mãe, furiosa. Não suportava que continuasse a defender a suposta superioridade da Alemanha. – Queres continuar a passar fome e medo? Que todo este tormento continue?

– A Alemanha não se renderá! – replicou o rapaz com fúria, os punhos cerrados colados ao corpo tenso. – O *Führer* guiar-nos-á até à vitória final. A nossa obrigação é segui-lo.

– O *Führer* morreu! – bradou Claudia, exasperada. – Deu um tiro na cabeça! – A sua voz suavizou-se, dissolvida a fúria numa profunda tristeza. – Maldito seja... Oxalá apodreça no inferno.

– Isso é mentira! – exclamou o filho, colérico. – O nosso *Führer* jamais faria isso. Morrerá a lutar heroicamente contra os bolcheviques e contra todos os inimigos da pátria.

Deu meia-volta e saiu a correr.

– Hans, volta aqui! – Claudia levantou-se com a intenção de ir atrás dele, mas ouviu a porta bater com força e ficou parada, com a mão apoiada na mesa, como se temesse perder o equilíbrio. Levou a mão à boca, de olhos fixos no corredor por onde o filho tinha partido. Em seguida, deixou-se cair de novo na cadeira. – Santo Deus, Krista, dás-te conta de que, se tivesse mais alguns anos, estaria a lutar como um adulto? Roubámos-lhes a infância... O meu

pequeno... Não sei se poderei recuperá-lo. Nunca devia ter deixado que aqueles fanáticos me arrebatassem com as suas doutrinas disparatadas. – Engoliu em seco, baixou os olhos e abanou a cabeça em negação. – Que estúpida fui... que estúpida. Como o convenço agora de que foi tudo um engano? O sonho do nacional-socialismo, uma falácia que só nos trouxe morte e loucura... Santo Deus... O que vamos fazer?

Os seus olhos marejaram-se de lágrimas, o seu rosto quebrou como se se rasgasse por dentro. Jenell observava a mãe, mimetizando a sua tristeza.

– Não chores, mamã...

Claudia pegou-a ao colo e embalou-a num balanço maternal, tentando consolar-se através do abraço da filha.

Krista sentiu que lhe brotavam as lágrimas, comovida.

As batidas na porta sobressaltaram-nas. Krista foi abrir. Era Angela Blumenfeld, a vizinha.

– Ah, Krista, estás aqui – disse ao vê-la. – Venho da cave. Devias descer. Precisam de ti. Trouxeram mais feridos.

Krista ajudava um médico reformado que vivia no edifício em frente e que tinha montado um hospital de campanha na pequena cave da casa, com duas enfermeiras também reformadas que viviam na mesma rua. Há muito tempo que havia pedido a Ernestine que a deixasse sair um pouco mais cedo para os poder ajudar, mas a filha dos Rothman recusara, alegando uma grande carga de trabalho, pelo que Krista descia à cave quando podia, uma vez que deixar a padaria teria significado ficar sem o seu único meio de subsistência.

Anoitecia quando Krista começou a subir as escadas após longas horas fechada no hospital improvisado, a ajudar numa delicada operação em que tinham tido de cortar uma perna a um rapaz de dezasseis anos. O rapaz era de Potsdam e há cinco dias que se havia juntado à defesa de Berlim contra os soviéticos. Os seus ferimentos eram tão graves que só um milagre lhe salvaria a vida.

Num dos lanços da escadaria, deparou-se com Claudia, que descia apressadamente.

– Onde vais? – perguntou Krista. – Está a anoitecer, não é seguro...

– É o Hans – respondeu ela, preocupada. – Fui buscar água e ele aproveitou para entrar em casa e vestir o maldito uniforme das Juventudes Hitlerianas. Depois saiu, dizendo que ia cumprir o seu juramento ao *Führer*. – Calou-se por um instante, como se aquela última palavra se lhe tivesse entalado na boca. – Foi a Jenell que me contou. Vou à procura dele, acho que sei onde o encontrar.

– Vou contigo.

– Não, Krista – disse Claudia, pegando-lhe na mão. – Ocupa-te da menina, por favor. Deixei-a com a senhora Blumenfeld. Se vires que demoro, vai com elas para o refúgio. Não confio muito na Angela, ultimamente anda um pouco desajeitada e não vê bem. – Havia nos seus olhos um lampejo de ansiedade. – Fá-lo-ás? – Krista assentiu e Claudia esboçou-lhe um sorriso cúmplice. – Vemo-nos lá.

– Tem muito cuidado – acrescentou a primeira, enquanto Claudia se precipitava escadas abaixo em busca do seu pequeno soldado.

Krista continuou a subir, envolta numa penumbra cada vez mais premente. Em poucos minutos, o negrume engoliria todo o edifício, iluminado apenas pelos múltiplos incêndios que bruxuleavam no horizonte da cidade. Queria lavar-se um pouco e ir buscar as suas coisas, pronta para passar outra longa noite enclausurada nas entranhas da terra, a coberto das bombas e do fogo.

Quando entrou nas águas-furtadas, deu-se conta de uma calma inquietante. Há algum tempo que o estrondo dos bombardeamentos tinha parado. Bem sabia que não podia confiar naquela paz aparente, sempre transitória. A qualquer momento, podia começar uma nova ofensiva, sempre mais demolidora e agressiva do que as anteriores. Era tudo uma loucura. O Exército Vermelho estava a uns quatrocentos metros do Reichstag, o edifício do Parlamento alemão inutilizado como tal desde o incêndio que, em fevereiro de 1933, tinha calcinado a cúpula e a sala

plenária, e cujo assalto era um símbolo para Estaline. Dizia-se que os russos queriam tomá-lo no dia seguinte, por ser o Primeiro de Maio, dia do seu feriado nacional, e mostrar assim o triunfo simbólico da União Soviética contra o nazismo. Nada se sabia ao certo, tudo funcionava à base de rumores. Há vários dias que a rádio emudecera devido ao corte de eletricidade, já nem sequer eram emitidas as disparatadas arengas do *Führer* nem as maquiavélicas proclamações do seu Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels; os jornais só chegavam a algumas mãos; o telefone funcionava a espaços, e graças a ele podiam ligar à família e aos amigos de outros bairros, para saber não só se estavam bem, mas também qual era a situação do avanço vermelho. Havia alturas em que, em vez dos entes queridos, atendiam vozeirões a falar em russo; ficavam então a saber que os Ivans já tinham chegado até ali.

A derrota tornava-se cada vez mais evidente, apesar da resistência titânica e, mais do que heroica, suicida do exército alemão em todas as suas versões: desde os soldados profissionais da *Wehrmacht* aos homens da *Waffen-SS*, passando pelas Juventudes Hitlerianas e até pela desconjuntada *Volkssturm*. Krista sabia que, em poucos dias, ou talvez horas, as ruas pelas quais se movia estariam cheias de soviéticos. Por isso começara a rever o russo que Yuri lhe tinha ensinado. Os rumores sobre a brutalidade dos bolcheviques aumentavam o receio ante a sua chegada. E, ainda assim, eram muitos os que desejavam um final, qualquer que fosse, para aquele inferno aterrador em que a cidade se tinha transformado, bombardeada dia e noite de forma constante, com a população a manter uma vida subterrânea, escondida como animais assustados nas sombras de caves e refúgios, à espera de que tudo passasse, respirando o medo, o próprio e o de quantos se amontoavam em volta.

A toda a pressa, Krista lavou-se como pôde, utilizando as duas últimas taças de água que lhe restavam. Há muito tempo que não tinham água corrente e não conseguia habituar-se a não se poder lavar em condições, sem sabão, sem poder lavar o cabelo e quase sem roupa interior, ao fim de cinco anos de guerra com os

rendimentos mínimos para se alimentar. Sentia-se pegajosa e desconfortável. Pensava em tudo isto ao ver-se ao espelho, enquanto secava as mãos. Vestiu a camisa e um casaco de lã grosso e foi metendo numa caixa as coisas para descer ao refúgio: um frasco de compota que Claudia lhe havia dado, um pedaço de pão que sobrara do dia anterior (perdera a ração desse dia ao sair do trabalho), um bocado de chocolate para Jenell, um tubo de leite condensado, o dicionário de russo com um lápis e um caderno, uma vela e uma pequena manta. Quando estava a colocar uma almofada por cima de tudo o resto, sobressaltou-a uma forte explosão demasiado próxima que fez saltar pelos ares os poucos vidros que ainda restavam intactos, seguida, quase de imediato, pelo silvo de um segundo projétil. Só teve tempo de se atirar para o chão e de pôr a almofada em cima da cabeça, no preciso momento em que uma violenta detonação a sacudia e tudo em seu redor parecia desabar sobre o seu corpo como um turbilhão demolidor. Depois, um silêncio vazio resultante da sua surdez.

Manteve-se quieta durante algum tempo, tentando sentir cada parte do seu corpo para saber se tinha algum osso partido ou ferimentos graves. As costas estavam doridas e ardia-lhe a barriga da perna direita. O cheiro acre a cordite irritava-lhe o nariz. Abriu os olhos e tentou mexer-se. Sentiu o peso dos escombros na almofada e nas suas costas. Pelo tamanho dos fragmentos que lhe tinham caído em cima, percebeu que, sem a proteção das penas do almofadão, ter-lhe-iam esmagado a cabeça e teria perdido a vida. Os seus ouvidos começaram a captar gritos, choros, ruídos distantes. Tudo estava envolto numa nuvem de pó e gesso que quase não a deixava ver nada. Cheirava a queimado e sentia muito perto o calor das chamas.

– Krista! Krista! Onde estás? – A voz lancinante de Claudia chegou até si abafada.

– Estou aqui – respondeu ela, levantando-se com dificuldade, sentindo cair os escombros acumulados sobre o seu corpo.

Viu que Claudia se aproximava equilibrando-se sobre o entulho formado por uma parte do telhado que tinha desabado, deixando

um buraco de mais de um metro de diâmetro. Deu-se conta da ruína em que haviam ficado as águas-furtadas.

– Estás ferida? – perguntou Claudia, ao chegar junto dela.

– Acho que não... – respondeu Krista, aturdida.

– Temos de sair daqui. É perigoso. Vamos, Krista, dá-me a mão.

Ela agarrou-se aos braços que Claudia lhe estendia e levantou-se, sentindo as pernas a tremer. As duas mulheres, cambaleantes e quase às escuras, avançaram pouco a pouco até chegarem à porta rebentada da casa. Krista tinha perdido os sapatos e sentia picadas nos pés descalços, cobertos apenas pelas meias. Desceram as escadas guiadas pelo brilho do incêndio que a primeira bomba havia provocado no apartamento da senhora Blumenfeld. Ao vê-lo, Krista parou, espantada.

– Santo Deus... E a Jenell?

– Estão já à espera na rua – respondeu Claudia sem parar, puxando-a enquanto sondava cada degrau para não cair. – Passaram por minha casa para ir buscar a boneca que lhe ofereceste e, nesse preciso momento, explodiu a bomba que destruiu o apartamento da senhora Blumenfeld. Se não fosse essa boneca...

A encantadora boneca de cabeça de *biscuit* tinha pertencido a Krista; oferecera-lha o seu pai antes de partir para a Grande Guerra. Quando teve de desocupar a casa da mãe, Krista ofereceu-a a Jenell. Desde esse dia, a menina não se separava dela.

Assim que saíram para o vestíbulo, viram Jenell agarrada à mão de Angela Blumenfeld; o pânico apagara a doçura do seu rosto. À pressa, sem dizer nada, entraram no átrio do edifício da frente que as levaria ao refúgio atribuído pelas autoridades aos vizinhos daquele troço da rua. Atravessaram pátios interiores, passagens e estreitos corredores, iluminadas pelo candeeiro a petróleo que a velha Blumenfeld levava. Krista gemia ao pisar.

O refúgio estava a rebentar de gente amontoada. O seu lugar habitual encontrava-se ocupado por novos vizinhos de outros edifícios que tinham sido transferidos para ali. Ninguém se moveu do sítio. Não tiveram outro remédio a não ser instalar-se no chão.

A ténue luz de algumas velas projetava longas sombras de formas perturbadoras. Tinham sido distribuídas pelo pavimento porque, segundo o parecer de um professor de física que vivia naquele covil, a chama mediria a quantidade de oxigénio no ar, avisando-os com tempo para reagir se porventura faltasse e evitando a morte por asfixia.

Krista tinha uma ferida aberta na barriga da perna, causada pelo corte de um vidro. Tivera muita sorte: além daquela ferida, as únicas consequências da explosão haviam sido ficar com o corpo todo dorido e cheio de nódoas negras e arranhões. Com a ajuda de Claudia, ligou a ferida com um trapo que lhe deram.

– Obrigada por subires para me procurares – disse Krista.

Claudia ergueu o rosto por um instante, voltando depois a pôr os olhos na ligadura.

– Quando ouvi a explosão, pressenti que tinha sido perto de casa e regressei, assustada pela Jenell. A menina e a senhora Blumenfeld tinham saído para a rua. Não te vi. Por isso subi à tua procura.

– Sabes alguma coisa do Hans? – perguntou Krista, tentando usar os dedos para desembaraçar o cabelo, pastoso de gesso e pó.

Claudia abanou a cabeça, sentando-se depois ao seu lado e acariciando a cabeça loura de Jenell, que se mantinha apoiada no regaço de Angela Blumenfeld.

Respirava-se um ar carregado pelo fumo das lâmpadas e velas acesas. Só se ouvia o sussurrar de palavras ao ouvido, convertido aquele lugar numa espécie de catacumba sagrada.

Diante delas, num colchão que tinham descido e que ocupava demasiado espaço, refastelavam-se Gerda Witt, o seu marido e a filha Rita, que fizera dezoito anos no passado dia 20, partilhando a data de aniversário com o seu *Führer*, algo de que toda a família se orgulhava muito. A rapariga era muito pouco graciosa, roliça e com um grande peito sobre o qual caíam as suas grossas tranças louras. Os Witt eram taciturnos e mal-encarados, julgavam-se uns eleitos, acima dos outros mortais. Como três corvos, olhavam com incómoda fixidez para Krista e Claudia; agasalhados sob o calor de

uma grossa manta, os seus olhos negros pareciam irradiar um incompreensível e primitivo ódio atávico.

Passado pouco tempo, Gerda Witt tirou de uma cesta uns lanches de pão e queijo e distribuiu-os pelo marido e pela filha. As pessoas em seu redor tinham iniciado também a estranha rotina de preparar o jantar naquele esconderijo. Nem Claudia, nem Krista nem a velha Angela Blumenfeld haviam podido levar nada consigo nessa noite. Estavam com a roupa do corpo e sem nada que levar ao estômago.

Jenell, sem parar de olhar para o pão que Rita levava ansiosamente à boca, dirigiu-se à mãe e disse-lhe em voz muito baixa:

– Mamã, tenho fome.

A senhora Blumenfeld ouviu-a e, incapaz de se conter, dirigiu-se a Gerda Witt.

– Senhora Witt, não teria uma sanduíche para a menina? Com a explosão, não pudemos trazer nada.

– Lamento, senhora Blumenfeld, mas não tenho mais – respondeu a mulher, com irritante segurança, antes de dar uma boa dentada no pão e de o mastigar vorazmente sem deixar de as fitar, como quem está diante de um espetáculo de circo.

Um senhor que se encontrava ao lado delas estendeu a Jenell um prato de puré que acabava de aquecer num fogareiro.

– Toma, está muito bom – disse-lhe ele, com um sorriso. – É a especialidade da minha mulher.

A menina olhou para a mãe. Claudia pegou no prato, agradeceu-lhe o gesto e deu-o a Jenell. Outra mulher aproximou-se para lhes oferecer uma lata aberta de carne em conserva, de onde comeram as três mulheres. Quando a família Witt acabou as sanduíches, Gerda pegou numa tablete de chocolate, fez a mesma distribuição e comeram-na os três com vontade. Em seguida adormeceram, as cabeças apoiadas nos ombros uns dos outros, numa posição ridícula, soltando de vez em quando um ou outro ronco. A imagem era como a fotografia de uma piada de mau gosto.

Não basta ganhar a guerra, o mais importante é organizar a paz.

Citação atribuída a ARISTÓTELES

Assim que amanheceu, o interior do refúgio começou a despertar e os mais habituados começaram a sair para o exterior a fim de regressarem às suas casas.

Krista levantou-se com dificuldade do chão de terra. Sentia-se gelada devido à humidade e ao frio que fazia naquela cave estreita e profunda. Angela Blumenfeld dobrava com esmero uma manta que uma mulher lhes tinha emprestado e com a qual ela e a menina se haviam tapado. Estava plenamente ciente de que se tinha salvado por puro milagre, mas muito angustiada por saber em que estado ficara a sua casa.

Ao sair para a rua, viu que alguns vizinhos desobstruíam o passeio, varrendo e arrumando as passagens para os vestíbulos, um ritual habitual desde há semanas numa tentativa de manter a normalidade. Claudia subiu a casa e enfiou Jenell na cama; a menina estava tão exausta que adormeceu de imediato. Emprestou uns sapatos a Krista, apesar de lhe ficarem um pouco grandes. Depois, acompanhou Angela Blumenfeld ao seu apartamento para avaliar os estragos da bomba incendiária que tinha pegado fogo a grande parte. Claudia oferecera-lhe a sua casa para se hospedar, tal como havia feito com Krista. Em todo o edifício, havia um forte cheiro a queimado.

Também Krista ia a caminho das suas águas-furtadas, para ver o que podia resgatar da catástrofe. Pelas escadas, diante dela, subia a família Witt. Ao chegarem ao patamar, abriram a porta e entraram, mas antes de a fechar, Gerda Witt virou-se para ela com um esgar malicioso; em seguida, bateu a porta com força.

Partia o coração a Krista saber que aquela gente gozava sem mérito algum das divisões onde tinha passado a sua infância e

adolescência, utilizando os seus móveis e muitas das suas coisas. Não conseguia habituar-se. Embora tivessem passado cinco anos desde que lhe haviam arrebatado o seu lar, sempre que passava por aquele patamar, parecia-lhe que atravessava um denso manto de amargura. Como esquecer o choro da mãe no dia em que as despejaram, o seu desespero por não saber o que levar e o que deixar, o desconsolo por ter de abandonar a casa de toda a vida? Aquele desprezo dos homens das SS, que se postaram em todas as divisões para vigiar o que levavam, fiscalizando cada livro, cada detalhe pessoal; era incompreensível tal falta de humanidade. Tudo o que a sua mãe e ela tinham conseguido retirar fora reunido nas águas-furtadas, agora transformadas em ruínas, juntamente com os pertences de Yuri que ainda guardava.

A paisagem com que a luz do dia a brindou revelou-se desoladora. Uma camada esbranquiçada de pó e gesso esmigalhado cobria tudo nos locais onde os destroços não tinham chegado. As cortinas reduzidas a tiras, os tijolos expostos sob o papel de parede rasgado. Um vento frio infiltrava-se pelo buraco aberto no teto. Esvaziou uma mala que guardava roupa da mãe e encheu-a com roupa sua e algumas outras coisas que lhe poderiam ser úteis. Sob uma pilha de escombros, encontrou a caixa que preparava na noite anterior quando o obus lhe caiu em cima; pegou na manta, no dicionário, no lápis e no caderno, além dos poucos víveres que tinha. Encontrou também os seus sapatos; calçou-os e guardou os de Claudia para lhos devolver. Viu o rádio da mãe feito em fânicos, esmagado por um pedaço do telhado. Pensou com tristeza na quantidade de vezes que aquele rádio havia soado ao longo da sua vida.

Afligiu-se ao verificar que o móvel sobre o qual tinha depositado uma velha caixa de sapatos onde guardava as lembranças e fotografias de Yuri ficara completamente calcinado. Aproximou-se, de coração apertado. Revolveu os pedaços de madeira lascados e queimados até encontrar os restos da caixa. Tudo reduzido a cinzas, tudo desaparecido, incineradas as imagens que mantinham fresca a sua memória. Abatida, foi-se abaixo e desatou a chorar. Pensava nele todos os dias, a cada minuto de cada dia, sem saber

se estava vivo ou morto. Não voltara a ter notícias suas desde que partira, exceto as outrora proporcionadas por Erich Villanueva, também ele desaparecido subitamente desde março de 1941. Aquela incerteza prolongada no tempo era demolidora.

Desceu com a mala a casa de Claudia. A senhora Blumenfeld estava na cozinha. Claudia tinha ido ver se encontrava Hans nalgum lado.

Krista pegou em dois baldes e foi buscar água. Ante os cortes do abastecimento geral, tinham sido reabilitadas as antigas bombas de água a fim de abastecer a população de um bem tão precioso como escasso. Havia muitas filas de espera. A pesada alavanca chiava e era difícil de acionar porque estava muito rígida, pelo que encher qualquer recipiente demorava um bom bocado. Não obstante, toda a gente esperava pacientemente pela sua vez, sempre em alerta. De vez em quando, ouvia-se um silvo próximo seguido de uma forte explosão, além das rajadas de tiros cada vez mais próximos dos que combatiam nas ruas.

Quando chegou a vez de Krista, o fogo de artilharia intensificava-se, mas ninguém saía da fila. Com os dois baldes a transbordar, iniciou o caminho de regresso, fazendo equilíbrios a fim de evitar verter o líquido. Caminhava colada às laterais dos edifícios, ouvindo as balas ricochetear nas fachadas como se de granizo se tratasse. O solo tremia sob os seus pés devido aos fortes abalos. Cruzava-se com gente que, tal como ela, avançava com precaução e com a angústia gravada no rosto.

No cruzamento da Friedrichstrasse com a Mohrenstrasse, Krista viu Ernestine avançar pelo meio da estrada, como se as salvas não fossem com ela.

– Ernestine! – gritou-lhe Krista. – Tem cuidado, protege-te!

Ernestine continuou a caminhar, de olhar perdido, sem prestar atenção aos gritos de alerta. Krista hesitou. Pôs os baldes de lado e correu até chegar junto dela, obrigando-a a parar. Parecia desorientada, como se tivesse acabado de travar uma batalha campal e a tivesse perdido.

– Tens de te proteger – insistiu Krista, preocupada com as bombas.

– Saquearam a loja – murmurou a mulher. – Levaram tudo, e o que deixaram, destruíram. – Os seus olhos, velados por uma profunda tristeza, fixaram-se em Krista. – Já não me resta nada... Estou sozinha, Krista, completamente sozinha.

– E o Oskar? Onde está?

Os seus olhos perderam-se de novo nos seus atribulados pensamentos.

– Foi-se embora. Disse que me abandona, que não me ama. – Ergueu os olhos marejados de lágrimas. – Que nunca me amou... O que vai ser de mim agora?

– Tens o teu filho.

– O meu pequeno Adler está morto... – A sua voz soou brutalmente fria. – Está morto...

Krista estremeceu como se um vento gélido a tivesse trespassado.

– Onde está o Adler? Ernestine, onde está o menino?

– Enterrou-o o pai no jardim que há em frente à confeitaria.

– Mas... o que aconteceu?

– Ficou na rua enquanto eu avaliava os destroços do saque. Fá-lo muitas vezes, senta-se no degrau da porta, gosta de ver as pessoas a passar. – Ernestine falava sem assimilar ainda a tragédia que acabava de viver, confusa, à defesa ante o profundo sofrimento que a acossava. – Quando saí, o meu menino tinha uma bala na cabeça. O seu pai segurava-o nos braços como uma Pietà de mármore... Gritou comigo, insultou-me por o ter deixado sozinho... – Inclinou o pescoço com uma expressão ausente. – Depois enterrou-o e cobriu a sepultura com uma cruz feita de duas tábuas de madeira e com o seu nome escrito. Meu pobre menino... Meu pequeno...

– Lamento muito, Ernestine – disse Krista, estremecendo. – Vamos, acompanho-te a casa...

Mas Ernestine não se mexeu. Fitava-a com uma expressão perdida.

– Antes de partir, o Oskar deu-me isto. – Abriu a mão, mostrando um relógio de pulso de homem. Estendeu-o a Krista. – Toma, talvez te sirva a ti...

Krista, aturdida, pegou no relógio enquanto Ernestine começava a caminhar pelo meio da rua, sem rumo, sem parar diante do vestibulo. Observou-a, impressionada.

Uma forte explosão apagou-a da sua vista sob uma chuva de destroços e uma nuvem de pó cinzento que tudo obscureceu. Instintivamente, Krista atirou-se ao chão para evitar os efeitos dos estilhaços. Ao fim de alguns segundos, levantou-se e foi a correr abrigar-se no local onde tinha deixado os baldes. Com desespero, verificou que haviam tombado e derramado a água devido à onda de choque. Sentou-se encostada à parede, com uma impotência que parecia incendiar o sangue nas suas veias.

Ergueu o olhar e viu Claudia do outro lado da rua. Também ela assistira à morte de Ernestine. As duas mulheres, separadas por alguns metros de estrada que significavam vida ou morte, fitaram-se por algum tempo sem se mexerem.

Quando Claudia pôde atravessar a rua, subiram as duas para casa sem dizer nada. Ao entrar, assustaram-se porque cheirava a queimado e saía fumo da cozinha. Deparam-se com Jenell muito entretida a arrancar as folhas do exemplar de *A Minha Luta* enquanto Angela Blumenfeld as introduzia no lava-loiça, onde tinha acendido uma pira cujo lume ardia fortemente, soltando uma densa fumarada.

– Temos de nos desfazer de tudo isto – disse-lhes a idosa antes que pudessem dizer o que quer que fosse. – As fotos que tenhas do teu marido fardado, os retratos de Hitler, as bandeiras, os livros, temos de queimar tudo o que seja nazi. Os russos estão a chegar e estas coisas comprometer-nos-ão. Disse-mo a minha prima Isabel, com quem acabo de falar por telefone; vive no bairro de Pankow, os Ivans chegaram lá há quatro dias, diz que se instalaram nas ruas, nas casas abandonadas, ocuparam tudo. – Emudeceu por um momento antes de continuar, com uma expressão comedida. – Devemos estar preparadas, avizinham-se tempos muito difíceis para as mulheres.

– O que mais nos pode acontecer? – perguntou Claudia, sentando-se numa cadeira com um gesto de cansaço. – Passámos

a guerra inteira sozinhas, a sobreviver, é disso que se trata, de sobreviver seja como for e custe o que custar.

A senhora Blumenfeld fitou-a com pena. Foi incapaz de lhe explicar a terrível realidade que a sua prima lhe tinha contado, uma realidade que vivera nas suas próprias carnes.

– A minha mãe já não me pode dar nada – prosseguiu Claudia, de olhos postos na filha, que continuava a desfolhar a esplêndida edição do livro aberto nas suas mãos, presente de casamento de Hitler, assinado e dedicado pelo seu próprio punho. – Disse-me que acabou a boa vida na chancelaria. Não sei o que vamos fazer...

Por alguns momentos, emudeceram, absortas nos seus pensamentos, os seus pesares constantemente à espreita.

Krista contou à senhora Blumenfeld o que havia acontecido a Ernestine. Sentou-se junto a Claudia e pousou o relógio em cima da mesa. Claudia reparou nele. Pegou-lhe, admirada.

– De onde tiraste isto?

– Deu-mo a Ernestine antes de morrer.

– Sabes de quem é este relógio? – perguntou Claudia, enquanto o examinava.

– Será do Oskar, imagino. – Krista encolheu os ombros.

– É o relógio do *Führer*, sei disso porque foram os meus pais que lho ofereceram há três anos, no seu aniversário. O meu pai tinha um muito parecido. Eu mesma acompanhei a minha mãe no dia em que o comprou. Olha, tem a data gravada na parte de trás, e a palavra *lealdade*.

Angela Blumenfeld pegou-lhe e inspecionou-o com curiosidade.

– Deve ser muito valioso.

– É, sim – confirmou Claudia, enquanto o estendia a Krista. – Guarda-o bem. Se o venderes, talvez te possa livrar de um apuro.

Krista guardou o relógio no bolso. Claudia ergue-se e dirigiu-se até à janela, olhando para um lado e para o outro durante alguns segundos. Repetia aquele gesto a cada pouco tempo, atenta ao possível regresso do seu pequeno Hans. Voltou a sentar-se, com o rosto contraído de dor, e suspirou, de olhar perdido nos medos que a assolavam pela sorte do filho. Tinha os olhos secos de tanto

chorar e, desde o seu desaparecimento, sentia uma angustiante pressão no peito, às vezes faltando-lhe o ar para respirar.

Angela Blumenfeld compreendia a sua tribulação e falou-lhe em voz doce.

– Em breve voltará. O Hans é um bom rapaz. Quando tiver fome, aparecer-te-á à porta, vais ver.

– Tenho de ir outra vez buscar água antes que anoiteça – anunciou Krista.

– Irei contigo – acrescentou Claudia.

Quando regressaram, carregadas com a água, começava a anoitecer. O barulho das bombas continuava a encher o ar como uma sinfonia mortal. Ao entrarem em casa, Jenell foi a correr ao encontro da sua mãe.

– Está cá a avó Erika – disse-lhe em voz muito baixa.

Angela Blumenfeld apareceu no corredor, a passos curtos, apressados, de ombros encolhidos e rosto compungido.

– Está no teu quarto – disse a Claudia. – Parece muito afetada.

Claudia pousou os baldes cheios de água e nesse momento soaram os alarmes. Entrou precipitadamente no seu quarto. Erika Kahler estava estendida na cama, completamente vestida, tinha apenas tirado os sapatos, que depositara perfeitamente alinhados junto à mesa de cabeceira. Quando Claudia a viu, pareceu-lhe um espectro; estava muito pálida e umas profundas olheiras orlavam-lhe os olhos secos.

– Mãe, temos de descer ao refúgio.

Ela nem sequer lhe respondeu. Krista espreitou para o quarto e instou-as a que se apressassem. O eco das bombas iniciava o seu estrondoso recital. Ante a evidente recusa da mãe em mexer-se, Claudia instou Krista a que descessem ao refúgio com a menina.

Quando mãe e filha ficaram a sós, Claudia aproximou-se da cama e sentou-se ao seu lado.

– E o papá?

– O teu pai suicidou-se... E os teus sogros também, tal como tantos outros. – A resposta apanhou-a tão desprevenida que não

reagiu. Ficou a olhar para a escuridão como se aquela funesta mensagem não lhe dissesse respeito. Erika Kahler prosseguiu, com a voz debilitada por um profundo desespero. – Depois da morte do nosso *Führer*, nada nos resta. A nossa única esperança estava nele. Só guiados pela sua pessoa havia uma possibilidade de triunfo para a Alemanha...

– Já chega, mãe! – protestou Claudia, irritada. – Foi o teu *Führer* que nos trouxe a esta catástrofe. Hitler é o responsável direto por todo o horror que estamos a viver, e vocês são culpados por terem apoiado esse louco até ao fim.

A raiva misturou-se com a dolorosa consciência da morte do pai. Tudo desabava, o seu mundo de antes tinha deixado de existir. Estava ali, junto a uma mãe a quem não sabia se amar ou odiar, exposta a que uma bomba acabasse com ela, a suportar os seus delírios demoníacos sobre aquele desprezível Mefistófeles que era Hitler.

Subitamente, Erika desatou a chorar com tanta amargura que Claudia não pôde deixar de se comover.

– Vamos, mamã, não chores mais, por favor. Não sei como, mas vamos sair desta.

Tentou pegar-lhe na mão, mas a mãe afastou-a.

– Acabou tudo – disse ela, cortando bruscamente o pranto. – Já não resta qualquer futuro... A vida já não faz sentido.

– E os teus netos? E eu? Não significamos nada para ti?

– Se soubesses o que eu vi, Claudia, se soubesses...

Em tom monótono, Erika Kahler contou à filha como, após o suicídio e a incineração de Hitler e da sua esposa na tarde anterior, tudo tinha começado a desmoronar, transformados num pântano viscoso os alicerces daquela loucura. O espetáculo nos espaços da chancelaria e das suas caves degenerou até se tornar dantesco: homens e mulheres embriagados, fornicando em qualquer lugar à vista de todos, numa espécie de bacanal à espera do fim do mundo. Corriam rumores sobre a brutalidade com que os russos atuavam e, com o exemplo do *Führer*, a única forma de evitar a humilhação era o suicídio ou a fuga. Tinham sido muitos os que haviam dado um tiro em si mesmos ou ingerido cianeto. Outros

oficiais preparavam a sua partida para oeste, com a intenção de se entregarem aos Aliados. Recusavam-se a cair nas mãos dos bolcheviques e a acabar os seus dias na Sibéria. Erika Kahler contou à filha que estava presente quando os Goebbels tomaram a decisão de acabar com a sua vida e com a dos seus seis filhos.

– Nunca pensei que fosse capaz de o fazer. Era uma mãe exemplar, mas desde ontem que a Magda parecia possuída por uma alma endemoninhada, fria e insensível. O doutor Gebhardt apelou à sua consciência de mãe e tentou convencê-la a deixá-lo levar os meninos para fora do *bunker*, que ele mesmo se encarregaria de os entregar à Cruz Vermelha, mas o Joseph afirmou que eram seus filhos e que de modo algum poderiam ficar vivos. – Fez-se um silêncio avassalador, emudecidas as bombas como se tivessem decidido respeitar a intimidade de mãe e filha, protegidas pela escuridão daquele quarto. – As mulheres não foram feitas para matar... – prosseguiu Erika, com uma expressão ausente. – Injetou-lhes morfina para os adormecer. E depois... – Olhou para a filha, procurando uns olhos a que agarrar a sua consciência. – Depois, a Magda entrou sozinha no quarto... Vi tudo a partir da porta. Uma a uma, foi tirando do bolso as cápsulas de cobre que guardavam as ampolas com o cianeto, e um a um foi-lhes abrindo as bocas, introduzindo-as e apertando-lhes os maxilares até o vidro se partir. De cada vez que o fazia, os seus pequenos corpos agitavam-se só por um segundo antes de ficarem inertes. – O tom lúgubre de Erika fazia estremecer a filha. – A última foi a mais velha, a Helga; a morfina não tinha surtido grande efeito, e ela resistiu... Mas a mãe agarrou-a com força até lhe abrir a boca e meter lá dentro a última ampola. – Torceu o rosto com um esgar de dor. – Quando a Magda saiu... Se a tivesses visto, Claudia, se tivesses visto o seu olhar...

– Santo Deus – murmurou Claudia, entre a incredulidade e o horror ante aquilo que escutava. – Como é possível que uma mãe seja capaz de tal barbaridade? Ela carregou esses filhos no ventre, pariu-os, cuidou deles... Não posso crer. Não são seres humanos, são monstros. Merecem apodrecer no inferno.

– O inferno já o viveram neste mundo. Agora já nada importa. A Magda e o Joseph Goebbels suicidaram-se... Mortos... estão todos mortos – murmurava Erika, absorta. – Tenho muita sede. Podes trazer-me um pouco de água?

Claudia levantou-se e caminhou, cambaleante, tateando a parede com as mãos para não tropeçar. Sentia a cabeça à roda ao recordar os seis filhos dos Goebbels: conhecia-os a todos, tinha-os visto nascer, tivera-os nos seus braços, os seus próprios filhos haviam brincado muitas vezes com aquelas crianças; e agora jaziam mortos nas profundezas de um *bunker* construído para salvaguardar a vida dos que nele habitavam. Que sentido tinha aquele horror? Eram apenas crianças inocentes, a mais nova tinha quatro anos, a mais velha dois a mais do que o seu filho Hans, absolvidos dos milhões de crimes que a história viria a atribuir ao seu pai.

Quando regressou com a água, a mãe tinha os olhos fechados. Pousou o copo na mesa de cabeceira e tocou-lhe delicadamente no braço, pensando que estava a dormir.

– Mãe, aqui tens a água.

Não obteve resposta. Sacudiu-a um pouco sem que ela reagisse, o rosto inclinado, a boca entreaberta. Sacudiu-a com cada vez mais força, mais fúria, até que o brilho de uma bomba incendiária ao cair muito perto iluminou a divisão, permitindo-lhe ver algo junto à sua mão hirta. Eram as duas partes de um cilindro oco de cobre. Sentiu que a sua pulsação acelerava, introduziu os dedos entre os lábios da mãe e apalpou de imediato pequenos estilhaços de vidro. Um suor frio subiu-lhe pela nuca e sentiu o palato secar de repente. Um leve gemido fugiu-lhe da garganta, mas nada fez. Não se mexeu. Passou o resto da noite sentada na cama junto à sua mãe morta. Não chorou, não sentiu nada, era como se tivesse ficado vazia.

Ao amanhecer, Krista encontrou-a na mesma posição, o corpo gelado.

Enterraram Erika Kahler num pátio interior que havia atrás do edifício. Como muitos outros cidadãos de Berlim, os seus restos não descansavam num cemitério, mas sim nos jardins das casas,

nos pátios, nos becos, aproveitando o buraco da cratera que as bombas abriam na terra. Não tiveram funeral, orações, lápides ou sequer flores. A vida reconstruir-se-ia sobre os seus corpos sacrificados na voragem de uma guerra atroz.

Quando Claudia deixou a sua mãe em tal morada definitiva, o sol daquele dia 2 de maio começava a infiltrar-se por entre as nuvens cinzentas que cobriam o céu. Começava um novo dia e os russos estavam cada vez mais perto.

Claudia mantinha-se debruçada da janela a olhar para a rua, ocupada na sua maioria por mulheres desalinhas, consumidas pela falta de provisões, envelhecidas pela falta de esperança e a fome acumulada; eram muito poucos os homens que pululavam por ali, desorientados, perdidos numa cidade em ruínas, irreconhecível.

No outro extremo da rua, viu um rapaz que corria em direção a ela. Endireitou-se, alerta. O coração saltou-lhe no peito. Nervosa, deu meia-volta, saiu para o corredor e precipitou-se escadas abaixo. Ao sair do vestibulo, parou bruscamente. Hans estava a uns cinquenta metros e continuava a aproximar-se, cabisbaixo, correndo morosamente, como se as pernas lhe pesassem e cada passo lhe custasse um mundo. Claudia manteve-se imóvel, sem poder acreditar no regresso do filho pródigo ao fim de dois dias de ausência com as suas longas e penosas noites.

Ao ver a mãe, Hans travou o avanço hesitante, à espera da sua reação. Claudia deu vários passos na direção dele, o seu rosto anelante, e abriu os braços para o receber. O pequeno soldado recomeçou a correr até se refugiar no abraço materno. Não houve repreensões nem perguntas. Subiram até casa e a primeira coisa que ele fez foi despojar-se do uniforme, como se o toque do tecido na pele o repugnasse. Lavou-se com a ajuda da mãe e sentou-se à mesa da cozinha. Estava faminto e muito cansado. A senhora Blumenfeld serviu-lhe um prato de caldo de couve que conseguira aquecer à chama mortíça do fogareiro a gás e Hans engoliu-o lentamente, de olhos baixos, ciente de que tinha sobre si o olhar atento das três mulheres. Ninguém lhe perguntou nada. Limitavam-

se a fitá-lo como a uma bendita aparição, principalmente a mãe, que o contemplava com arroubo, recuperado o brilho perdido dos seus olhos claros.

Uma vez saciada a fome, com a pausa daquele tempo preso numa espera incerta, Hans contou-lhes com voz quebrada que se tinha juntado a um destacamento da *Volkssturm*, com o qual havia passado dois dias acaçapado no interior do Reichstag, tentando defender do ataque soviético as ruínas do Parlamento alemão. De madrugada, porém, os russos tinham conseguido entrar no edifício, subir à parte mais alta e colocar a sua bandeira vermelha. A unidade desfez-se, em debandada. Tinha conseguido fugir aos Ivans graças a um carpinteiro que o guiou pelas caves até sair para a rua.

– Tinha mais de sessenta anos – contava Hans, muito concentrado e com o rosto sombrio. – Lembrava-me muito o avô, por isso fui com ele. – Nesse momento, dirigiu-se à mãe, como que procurando a sua aprovação. – Vestia o uniforme da última guerra, um muito parecido com o que o avô tem. Julgávamos estar a salvo. Disse-me que me acompanharia a casa, que já tinha acabado o tempo de lutar... Mas deparámo-nos com uma patrulha da *Feldgendarmarie*.

– Esses cretinos – interveio Angela Blumenfeld, para surpresa de todos. – São os da placa ao pescoço, «cães de caça», como lhes chamam; funcionam como polícia militar e encarregam-se de perseguir os desertores ou os civis suspeitos de fuga. Vi-os atuar: são piores do que os russos, vão à caça dos nossos homens cansados de tanta guerra.

Krista e Claudia entreolharam-se, pasmadas. Nunca tinham ouvido a vizinha falar daquela maneira. Após aquele parêntesis, Hans continuou com o seu relato.

– Pediram-nos a documentação. O carpinteiro não a trazia consigo, pois guardava-a na sua casaca, que deixou a um ferido que tinha frio. – Hans estava com o queixo colado ao peito, lutando para conter as lágrimas que lhe transbordavam dos olhos. Subitamente, ergueu a cabeça, tinha o rosto inflamado por uma mistura de terror, raiva, pena e dor. – Bateram-lhe, arrastaram-no

ao pontapé, despiram-no... E eu... – Falhou-lhe a voz e saiu-lhe trémula da garganta, num tom infantil que fez Claudia estremecer. – Não sabia o que fazer... Pensei que a seguir viriam atrás de mim e... Assustei-me... – Procurou os olhos da mãe, implorando a sua compreensão. – Desatei a correr e deixei-o lá. Ouvia os seus gritos a pedir clemência, até que... – Engoliu em seco, como se se engasgasse. – Quando me virei, vi-o pendurado pelo pescoço de uma cerca... O seu corpo balançava no ar e eu... não o ajudei... Deixei-o lá e não o ajudei.

Esmagada pela dor do filho, Claudia levantou-se e abraçou-se à sua cabeça, colando-a ao regaço, acariciando-lhe o cabelo escuro e encaracolado, embalando suavemente o seu corpo, enlaçando o seu pequeno, tentando consolar a brutalidade da experiência vivida.

Deitaram-no e Hans dormiu um sono inquieto. A mãe deitou-se junto dele.

Era meio-dia quando o senhor Witt bateu à porta com urgência. Krista foi abrir.

– Temos de descer ao refúgio! – gritou ele sem parar. – Os russos já estão na Unter den Linden. Chegarão aqui a qualquer instante.

Em seguida, desapareceu escadas abaixo. Ouviam-se vozes de gente na rua.

– Claudia, senhora Blumenfeld, temos de descer ao refúgio, rápido!

Todos corriam espavoridos pela rua em direção à entrada que dava para a cave, sob o arco dos aviões russos que os sobrevoavam, perseguidos pelos tiroteios, o impacto e o silvar de balas. O combate era já corpo a corpo, casa a casa, uma luta encarniçada num avanço lento e pesado. O som de passos apressados ecoava pelos passadiços, precipitando-se escadas abaixo; um longo corredor levava-os ao que julgavam ser um local seguro. Mulheres, crianças e idosos entravam em tropel e distribuíam-se ao longo do espaço estreito e húmido, enchendo aquele universo de escuridão, rostos assustados, lamentos chorosos, olhos inquietos, muito abertos. Quando fecharam a porta,

tudo ficou em silêncio. A maioria tinha ouvido rumores de como atuavam os russos nos bairros a que já haviam chegado, pelo que esconderam as raparigas mais novas debaixo de mantas ou atrás dos bancos de madeira. O choro de um ou outro bebê quebrava o mutismo, a mãe tentava acalmá-lo trauteando uma canção de embalar. Em pano de fundo, ouvia-se o gemido angustiado que escapava de alguma boca.

Claudia e os meninos estavam sentados muito próximos num banco de madeira. Junto à menina, Angela Blumenfeld mantinha-se bastante séria; ao lado, à luz de um candeeiro a petróleo pendurado do teto sobre a sua cabeça, Krista tentava repetir frases possíveis para se dirigir aos russos. À sua frente tinha dois homens sentados muito juntos, vestidos à civil com os respetivos fatos coçados e cheios de pó. Rondavam os cinquenta anos. O rosto lívido, os ombros encolhidos, amedrontados, tão acobardados que Krista não pôde deixar de sentir pena deles.

– Dizem que a cidade se rendeu aos russos – ouviu-se dizer a alguém. – É verdade? Alguém sabe alguma coisa?

Ninguém respondeu.

– Também dizem que o *Führer* morreu heroicamente – clamou outro.

– Estamos perdidos! – gritou uma mulher. – Glória ao nosso *Führer*!

Krista não conseguiu aguentar tanta estultícia e gritou com raiva:

– Hitler suicidou-se como um cobarde!

Após alguns segundos de pasmado mutismo, elevou-se no ar uma maré de murmúrios como uma enorme vaga de vozes. Ninguém se atreveu a desmentir as palavras da Krista. Pouco a pouco, os sussurros foram-se apagando, dando lugar a um silêncio esmagador.

Passaram três horas numa aparente calma, acaçapados naquele submundo sem saber o que se passava por cima das suas cabeças, para lá da porta que os escondia do perigo. Quase sem se mexerem, mantinham-se atentos aos ruídos que se ouviam no exterior. Foi o rugir do motor dos carros de combate que lhes

indicou que já estavam ali. Os russos tinham chegado à Mohrenstrasse. O ar parecia engrossar com o pânico dificilmente contido. Ouviram-se passos de botas, vozes em russo, até que aconteceu. A porta abriu-se e apareceu um homem de cabeça grande, casaco de couro e botas altas com uma potente lanterna na mão. Deu dois passos para o interior da cave, repleta de olhos atemorizados que o fitavam naquela turva penumbra de velas e lâmpadas de petróleo. De uma das mulheres, agarrou-lhe no queixo e ergueu-lhe o rosto, iluminando-o com o feixe de luz. Apareceu outro e outro mais. Embrenharam-se até ao fundo. A respiração suspensa, os rostos esquivos, tentando não chamar a atenção daqueles intrusos, passar despercebidos aos seus olhos. Um deles perguntou em russo se havia ali algum soldado alemão. Ninguém lhe respondeu. A única a entendê-lo foi Krista, mas tinha-se-lhe formado um nó na garganta e custava-lhe articular qualquer palavra.

– *Tupoy* – disse um deles, fazendo rir os outros dois.

Krista entendeu-o, «tontos, torpes, imbecis»; uma forma desdenhosa de tratar a acobardada população civil alemã que os fitava, aturdida. De igual modo, os alemães referiam-se de forma impessoal aos soldados soviéticos como «os Ivans», e estes costumavam referir-se como «Fritz» ao homem alemão e como «Hildegarda» às alemãs.

O que tinha formulado a pergunta voltou a repeti-la.

– Não há aqui soldados alemães. – Ouviu-se a voz de Krista, que continuou num russo balbuciante. – Somos todos civis.

Foi o centro das atenções, não só para os três russos, mas também para os restantes, que a fitavam entre o pasmo e a esperança. Que alguém se entendesse com eles podia constituir uma vantagem.

– Sabes russo? – perguntou-lhe o que tinha entrado primeiro.

– Um pouco – respondeu ela, receosa. Sentia todo o corpo a tremer.

– Onde há aguardente?

– Aqui não há aguardente – replicou ela, olhando-o nos olhos. – Só pão – acrescentou, estendendo-lhe um bocado que tinha no

regaço.

Então, ouviu-se um grito. Um dos que haviam entrado até ao fundo arrastava a filha dos Witt para a saída. Rita gritava, resistia, mas não lhe servia de nada. Atrás ia a sua mãe, gritando desesperada que a soltassem. Ao passar diante de Krista, Gerda Witt implorou-lhe por ajuda.

– Diga-lhes alguma coisa, por favor, faça alguma coisa... Vão levá-la! – exclamou, horrorizada.

Krista ficou a olhar para ela, sem reagir, a mente atrapalhada a pensar no que podia fazer para evitar o que era inevitável. Os gritos de Rita eram dilacerantes. Ao que a tinha agarrado juntou-se o outro, e levavam-na os dois ante a passividade de todos. O primeiro a entrar, que parecia ser o líder, não se alterou. Deu meia-volta e foi atrás dos seus companheiros. Krista olhou para os dois civis alemães que estavam à sua frente, mas estes desviaram imediatamente o olhar, o queixo colado ao peito, as mãos trémulas, alheando-se do que não eram capazes de resolver.

Ante a insistência de Gerda, Krista levantou-se e saiu atrás dos soldados, que já estavam fora do refúgio, tentando articular algo que dizer em russo.

– Por favor, por favor... – A sua voz travou os dois homens, que se viraram para Krista com um esgar de surpresa, pouco habituados a que alguém se atrevesse a sair em defesa de outrem.
– Deixem a rapariga, por favor.

Rita debatia-se, bem segura pelos braços. Um deles soltou-a e aproximou-se de Krista com um sorriso nos lábios. Ela sentiu que todo o seu corpo se retesava.

– Tens marido? – perguntou-lhe o russo.

Krista hesitou alguns segundos antes de mentir:

– Sim, é russo, por isso sei russo.

O homem franziu o sobrolho. O seu crânio era alongado, o cabelo baço, escuro, rígido, e os olhos diminutos pareciam os de uma ratazana a perscrutar algo. Tinha o rosto picado das bexigas. Apesar de ser jovem, a sua pele parecia de cartão prensado, cinzenta, dura.

– Onde está?

– Não sei. Estamos em guerra, poucas mulheres sabem onde estão os seus homens.

O choro desconsolado de Rita misturava-se com os gritos suplicantes da mãe nas suas costas.

– Deixem-na... Por favor... – insistiu Krista, um pouco mais confiante devido à breve conversa mantida com aquele homem. – É muito jovem...

Nesse momento, Rita conseguiu libertar-se das mãos do outro russo e correu para o refúgio, passando ao lado de Krista, mas quando esta ia a virar-se para entrar também, ouviu o som surdo de uma porta a bater. Horrorizada, correu para a porta e esmurrou-a, gritando até que uma mão lhe agarrou no braço e a puxou com força.

– Não me importa o teu marido. Vem connosco. Só queremos um pouco de amor.

Puxaram-na para o corredor, afastando-a da proteção do refúgio. Krista gritou, resistiu, contorcendo-se, mas o mais corpulento agarrava-a pelo pescoço para a calar e ela temeu que a asfixiasse, por isso deixou-se levar. Estava nervosa, sentia um forte palpar nas têmporas. Pedia-lhes calma e eles fitavam-na com um ar bonacheirão, como se aquilo fosse algo natural, o saque lógico após a dura batalha.

Atiraram-na para um canto escuro. Havia uma pequena poça e sentiu a humidade que lhe ensopava as costas. Enquanto um lhe segurava os braços, o outro desapertou as calças, que desceu até aos tornozelos. Quando se inclinou para ela, Krista fechou os olhos e apertou as coxas. Sentiu que lhe rasgava a roupa interior e o peso sobre o seu corpo, deixando-a cada vez mais imobilizada. Sussurrava palavras que ela não entendia, mas que lhe causavam aversão só de as ouvir. Quis beijá-la e Krista desviou o rosto. O seu hálito quente cheirava a cavalo. Cravando bruscamente o joelho entre as suas coxas, conseguiu abrir-lhas, e Krista mordeu-lhe a face. Os seus dentes sentiram a maciez da pele suja, viscosa. O russo gritou, dolorido, e em seguida um forte murro na face deixou-a aturdida e inerte. Viu tudo envolto numa névoa de dor, esquecida

de si mesma, com a sensação de que se afundava no solo, como se deslizesse até ficar mergulhada na frialdade da terra.

O segundo foi mais rápido, ainda que mais violento. Sentiu uma mistura de ardor e dor seca. Ouviram-se vozes russas que se aproximavam. Krista temeu que mais se fossem juntar àquela orgia em que o seu corpo se tinha transformado. Sentiu a presença do grupo de russos, as suas risadas e grosserias. Depois, todos partiram e deixaram-na ali estendida. Quando se viu a sós, foi incapaz de se mexer. Abriu os olhos e viu o teto escuro, cheio de manchas de humidade. Ardia-lhe a face, como se tivesse uma vela colada à pele, e sentia um intenso ardor nas partes íntimas. O sufoco das lágrimas obrigou-a a fechar os olhos e, pouco a pouco, o corpo maculado foi-se aninhando, encolhido sobre si mesmo, as pernas coladas ao peito e rodeadas pelos braços. Ouviu uns passos apressados que se aproximavam e retesou-se, alerta.

– Krista... Krista! – A voz de Claudia retumbava naqueles buracos negros.

Foi Angela Blumenfeld quem a encontrou.

– Aqui! – gritou. – Está aqui!

Claudia aproximou-se dela e ajoelhou-se ao seu lado. Só então Krista abriu os olhos e se abraçou a ela, desatando a chorar.

– Lamento, lamento... – repetia Claudia, igualmente soluçante, a voz quebrada, furiosa, embalando suavemente aquele corpo maltratado. – Não me deixaram sair... Tentei abrir a maldita porta, mas aqueles canalhas não me deixaram... Lamento, Krista, lamento...

Durante longos momentos, as duas mulheres mantiveram-se abraçadas uma à outra, tentando afugentar o terror com as lágrimas. Angela Blumenfeld e os meninos assistiam à cena a um canto, consternados.

Já em casa, Krista lavou-se como conseguiu e mudou de roupa. Tinham-lhe rasgado a última cinta de ligas que lhe restava. A velha Blumenfeld foi às ruínas do seu apartamento e regressou com uma caixa de costura e um frasco de vaselina.

– Isto aliviará o ardor – disse a Krista enquanto lhe estendia o creme. – Dá-me a cinta, tenho jeito para a costura. Saberei

remediar este desastre.

Krista pegou na caixa de vaselina e agradeceu-lhe.

Claudia saiu para ir procurar farinha e leite; tinha-se espalhado o rumor de que num armazém perto da Karlsplatz estavam a distribuir esses produtos. Não tinham outro remédio a não ser continuar a viver, apesar de tudo.

Enquanto Krista bebia um café de malte sentada na cozinha, Angela Blumenfeld confirmou-lhe a feroz discussão que Claudia tinha tido com os Witt e com outros vizinhos, incluindo os dois civis que a haviam impedido de sair do refúgio para ir em seu auxílio. Fora tal a tensão que o senhor Witt tinha dado uma forte bofetada a Claudia, e Hans, defensor da atitude da mãe, deu um empurrão ao vizinho que o fez tropeçar e ferir-se na testa ao cair.

– Não imaginas o drama que essa estúpida da Gerda Witt armou – dizia a idosa, enquanto cosia a cinta de ligas. – Que mulher tão escandalosa, nem que lhe tivesse partido a cabeça. – Fez estalar a língua, inclinou o pescoço para o lado e lançou um rápido olhar a Krista por cima dos óculos. – Pena que não o tenha feito.

Krista esboçou um sorriso. Foi o primeiro passo para aceitar a terrível realidade do que sofrera.

Aquele acontecimento fora apenas o início da grande tragédia que os esperava. Sobretudo às mulheres, convertidas em despojos de guerra, num demoníaco ajuste de contas dos russos para compensar as atrocidades cometidas pelos homens do exército alemão contra as suas próprias mulheres, as suas mães, irmãs, namoradas, esposas, filhas. A vingança misturada com o ressentimento e a exaustão embrutecida de uma longa guerra que, quatro anos antes, tinha arrancado aqueles homens dos seus lares sem um único dia de licença.

Amanhecia quando Claudia se levantou. Era a primeira vez em várias semanas que passavam a noite na maciez das suas camas e não no sufoco claustrofóbico do abrigo. Tinha distribuído os quartos: Krista dormia com Jenell, e havia instalado a senhora

Blumenfeld no quarto anteriormente ocupado por Mina, a ama judia que, desde o nascimento de Jenell, permanecera ao seu lado até ser detida, mais de dois anos antes, quando estava na fila da leitaria. Desde então, não voltara a ter notícias dela.

A casa mantinha-se num plácido silêncio. Claudia observou através da janela sem vidros da cozinha. Corria um vento gelado e no céu formavam-se retorcidas nuvens negras. O frio resistia a ceder à cálida primavera.

O furacão da batalha tinha dado lugar aos gritos de mulheres arrastadas para cantos, agredidas por um ou vários, gritos que contrastavam com a avassaladora abulia moral do resto da população; ninguém defendia ninguém, todos olhavam para o outro lado com um desejo irreprimível: «que não me toque a mim». Chegavam mesmo a censurar as que resistiam, instando-as a deixar-se levar para evitar prejudicar os outros. Cada um devia preocupar-se consigo mesmo num primitivo afã de sobrevivência.

Um batalhão do exército russo instalara-se no cruzamento da Friedrichstrasse, a uns cento e cinquenta metros da entrada. Dizia-se que Berlim se tinha rendido aos soviéticos, rumores não confirmados a que a população civil exausta se agarrava.

Angela Blumenfeld apareceu na cozinha, ajeitando os seus escassos cabelos brancos num carrapito na nuca. Deram os bons dias uma à outra.

– Não restou nem uma gota de água. – A vizinha ligou o gás do fogareiro para aquecer o malte. – Ontem a pobre Krista utilizou toda a que tínhamos.

– Vou eu buscá-la – disse Claudia, já a vestir o casaco.

– Tem muito cuidado.

– Terei, e a senhora cuide dos meus filhos – respondeu ela, com um sorriso.

Pegou nos baldes e saiu para a rua.

Ao meio-dia, o sol primaveril tinha conseguido romper a camada cinzenta de nuvens e aquecia o ambiente. Jenell brincava no salão com a sua boneca enquanto Hans lia uma história.

Krista e Angela Blumenfeld estavam na cozinha. Krista tentava descascar umas batatas podres que outrora não teriam servido

nem para o gado; a senhora Blumenfeld amassava a farinha que Claudia havia conseguido no dia anterior com a intenção de fazer um pouco de pão. Falavam de coisas intranscendentes: do passado da velha Blumenfeld, do porquê de ter ficado solteira. Subitamente, emudeceram ao ver Claudia à porta como uma súbita aparição. Contemplar o seu aspeto foi como receber uma forte bofetada; os seus longos cabelos revoltos e desgrenhados, as meias caídas até aos tornozelos, a saia rasgada e os botões da blusa arrancados; trazia os joelhos esfolados de feridas e o lábio superior ensanguentado. Os seus olhos estavam inchados e secos de ter chorado.

Um estranho silêncio ficou preso no ar, derramada sobre as suas cabeças a sombra de um medo paralisante.

– Perdi os baldes – disse a recém-chegada, à beira do choro.

Krista dirigiu-se a ela, ajudou-a a sentar-se e virou-se para a idosa.

– Cuide dela, senhora Blumenfeld.

– Onde vais? – perguntou ela, alarmada.

– Buscar água para que se possa lavar.

Saindo para a escadaria, Krista subiu ao terceiro andar. Bateu várias vezes à porta com força e ouviu passos sigilosos do outro lado.

– Abra-me a porta, senhora Witt. Preciso de um pouco de água com urgência.

– Não temos água! – exclamou ela com voz aguda, sem chegar a abrir.

– Sei que têm. Vi-a subir há pouco com dois baldes. Não podem tê-la gastado toda.

– Sabes onde a encontrar. Vai tu buscá-la.

Krista deu uma forte pancada na porta.

– Devolver-lha-ei até à última gota, maldição! – gritou com raiva.

– Preciso da água para que a Claudia se possa lavar. Foi... – Custava-lhe dizer a palavra. Engoliu em seco e endureceu o rosto.

– Foi violada e tem de se lavar. Não nos resta nem uma gota e demorarei horas a voltar com os baldes cheios. – A sua voz furiosa ia-se suavizando, rendida a uma evidência brutal. Encostou a testa

à madeira da porta num gesto derrotado, de olhos fechados para tentar travar o choro. – Dê-me um pouco de água... – Falhou-lhe a voz. – Imploro-lhe... Só um pouco de água para que ela se possa lavar...

Passaram vários segundos. Estava prestes a render-se quando ouviu vozes no interior, uma forte discussão à qual se seguiu o ranger da fechadura. A porta abriu-se e apareceu o senhor Witt com meio balde na mão. Tinha a testa ligada com uma tira de pano e um hematoma orlava-lhe os olhos de negro.

– Devolva-me depois o balde – disse ele, estendendo-lho. – Só temos dois.

Krista agarrou na asa e assentiu, sussurrando um emocionado «obrigada». Gerda observava-a do umbral da porta, com um esgar arisco, antipático, em contraste com o semblante compungido do senhor Witt, que lhe virou as costas e entrou em casa.

Após regressar, Krista levou Claudia para a casa de banho e ajudou-a a tirar a roupa; custou-lhe fazê-lo, pois continuava encolhida e queixava-se, dolorida.

– Vamos, Claudia, sentir-te-ás um pouco melhor quando te lavares. – Krista falava-lhe com muita delicadeza. – Digo-to por experiência própria.

Claudia sorriu-lhe, agradecida. Lentamente, foi lavando cada parte maculada do seu corpo, só com água; a última pastilha de sabão que a mãe lhe havia proporcionado já a tinham consumido há dias.

Quando regressaram à cozinha, Angela Blumenfeld esperava-as com duas chávenas de café quente e um pedaço de pão com manteiga sobre o qual barrara uma camada de compota de framboesa.

– E tudo isto? – admirou-se Claudia. – Pensava que não nos restava nada.

– Não vão acreditar – respondeu a idosa, em tom de regozijo. – Trouxe-o a filha dos Witt. Mandou-a o pai, e disse-me que a mãe não deve saber disto seja de que maneira for.

Claudia e Krista entreolharam-se e desataram a rir.

– Vamos, comam – disse a vizinha, satisfeita. – Os meninos já despacharam duas fatias bem barradas e eu acabo de comer outra. De estômago cheio, as coisas veem-se de outra forma.

Depois de se alimentarem, sem que nenhuma delas lho pedisse, Claudia contou, em tom muito baixo, o que tinha acontecido. Na fila da água, dois soldados russos estavam a incomodar as mulheres com indecências, beliscando-as e apalpando-as descaradamente.

– A caminho de casa, quando pensava que me tinha livrado deles, agarraram-me por trás – disse ela, levando a mão ao pescoço num gesto de angústia – e arrastaram-me para as ruínas de um edifício. Já não eram dois – acrescentou, pesarosa, de olhos fixos no vazio, o sobrolho franzido. – Não sei quantas vezes... Não sei quantos... Não sei... Fechei os olhos e parei de pensar.

Um sentimento perturbador abateu-se sobre as consciências das três mulheres. Os seus olhares procuravam-se e ao mesmo tempo evitavam-se, reveladores do desconcerto e de uma profunda impotência.

– Santo Deus... – murmurou finalmente Krista. – O que vamos fazer?

– Procurar proteção – atirou de repente Angela Blumenfeld. – Se não o fizermos, estamos perdidas.

– Onde podemos pedir proteção? – perguntou Krista com ceticismo. – E a quem? Os nossos homens estão desaparecidos, não há autoridades a quem recorrer nem polícia a quem fazer queixa.

– Já vos disse que a minha prima Isabel vive em Pankow. Por lá, há já vários dias que convivem com os russos e ela avisou-me do que nos ia acontecer. Contou-me coisas horrendas, tanto lhes faz uma criança como velhas secas como eu. O maior perigo é de noite, quando se embebedam e procuram com quem se desafogar. Inicialmente, estavam como nós agora, consternadas, paralisadas e sós. A cunhada da minha prima tem a vossa idade. – Fez uma ligeira pausa, procurando a forma certa de dizer o que queria. – Decidiu arranjar uma solução: saiu para a rua e regressou com um comandante. Desde então ninguém as incomoda, são só para os oficiais que acompanham o comandante; trata-se de aguentar

apenas um. – Calou-se novamente, como que a analisar o efeito da sua proposta. – Os russos levam-lhes comida em abundância, velas, sabão. Disse-me que é preciso procurar oficiais; os que interessam têm estrelas no chapéu, vestem sobretudos de couro e botas, estão mais limpos e costumam ter melhores maneiras, embora haja de tudo. – Angela Blumenfeld falava como se estivesse a dar uma lição de sobrevivência, em tom sereno, firme, convicta do que sugeria ante o olhar atónito das duas mulheres. – Temos de procurar um lobo que cuide da manada. É isso que devemos fazer.

– Não posso acreditar no que está a dizer – disse Claudia, desesperada.

– Está a sugerir que saíamos para seduzir um oficial russo? – perguntou Krista com incredulidade, sem saber se chorar ou desatar a rir.

– Convertidas em rameiras de um oficial russo. Numas putas.

– Não, Claudia, trata-se de sobrevivência. – A velha Blumenfeld ergueu o queixo, como que para dar autoridade às suas palavras. Em seguida, modulou o tom, tentando manter a calma. – A minha prima disse-me que demoraram três dias a reagir, que durante esse tempo as noites foram muito mais infernais do que todos os bombardeamentos que sofremos. Os soldados russos chegavam bêbedos, em grupo; todas as mulheres da casa foram violadas uma e outra vez, até que chegaram os seus oficiais. Já ninguém as incomoda.

– Fechar-nos-emos – decidiu Claudia, muito alterada. – Correremos o ferrolho, bloquearemos a porta.

– Arrombam ferrolhos e portas – insistia pacientemente a vizinha –, são como animais selvagens. Quando saem em busca da sua presa, não há esconderijo possível.

Da rua, chegaram-lhes os gritos de súplica de uma rapariga acompanhados por vozes em russo, gargalhadas, a abertura da tragédia. Angela Blumenfeld espreitou por alguns segundos e voltou a sentar-se, com o rosto desfigurado.

– Como é possível que isto esteja a acontecer? – murmurou Krista.

– Que nos viole só um. – Claudia falava entre a ironia e o assombro. – Santo Deus... Tudo isto devemos ao *Führer* – disse em tom mordaz, olhando para as duas mulheres e arqueando as sobrancelhas. Com o punho cerrado, deu um forte murro na mesa e a sua voz rugiu, encolerizada. – Tudo isto devemos a esse cabrão do Hitler e a todos os miseráveis insensatos em cujas mentiras acreditámos! Onde estão os homens da Alemanha?! Onde está a perfeita raça ariana?! Que tremenda estupidez! Que equívoco! Que erro terrível o que cometemos!

Ninguém respondeu. Finalmente, Krista revolveu-se para expor uma necessidade ainda mais urgente.

– Temos de ir buscar água – disse enquanto se levantava, decidida a enfrentar o perigo de sair e de se expor.

– Vou eu. – A voz de Hans surpreendeu as três mulheres. Estava junto à porta e olhava para a mãe com um esgar de sofrimento desenhado no rosto. Aproximou-se dela e deu-lhe um beijo na testa. – Eu cuidarei de ti.

Nessa tarde, Hans e Krista arranjam umas latas e dirigiram-se a uma boca de rega reabilitada num parque um pouco mais próximo. Tinha-lhes sido indicada por uma mulher já na rua, ao vê-los com as latas, acrescentando que era muito mais rápida do que as pesadas e lentas bombas de água. Uma vez regressados, já não saíram mais de casa. Ao chegar a noite, correram todos os ferrolhos. Claudia estava convencida de que a porta resistiria a qualquer investida.

Krista já estava há bastante tempo à janela. Em casa, todos dormiam, mas ela não conseguia conciliar o sono. Corria uma brisa fresca, muito agradável. Podia ver-se de novo o céu estrelado. A rua estava envolta numa vaga penumbra devido ao brilho das fogueiras que os soldados russos tinham acendido no cruzamento com a Friedrichstrasse. Krista via-os comer e beber junto às chamas; alguns cantavam e dançavam ao ritmo de um acordeão e de uma harmónica, enchendo a noite de aromas, música e alegria. Celebravam o facto de terem vencido a guerra.

Sem rádio, sem jornais, sem uma voz oficial alemã para lhes dar notícias, não havia certezas de nada, tudo eram rumores, nem mesmo a morte de Hitler tinha sido confirmada. Havia quem acreditasse, mas muitos outros argumentavam que fugira do *bunker* com recurso aos mais absurdos métodos possíveis. Era tal a desinformação que, apesar de ter sabido da notícia pela boca de uma testemunha direta, ela mesma chegara a duvidar se Oskar tinha realmente visto o cadáver do *Führer*, ou se, como observava a senhora Blumenfeld, não teriam, talvez, simulado a sua morte com alguém parecido para poder escapar e evitar responder pelos seus crimes.

Pensava em tudo isto quando, mesmo por baixo da janela, ouviu a voz de um russo que lhe gritava num alemão tosco frases aprendidas de memória.

– Mulher, dormir em tua cama – dizia, apontando para si mesmo. – Eu comida para ti.

A seu lado, outros tantos olhavam para cima com olhares embriagados, cambaleantes e com uma expressão ébria nos rostos. Krista, assustada, recuou e fechou a janela. Em vez de vidros, tinha cartões por onde se infiltravam as vozes obscenas dos homens na rua. Às escuras, regressou à cama onde Jenell dormia placidamente desde há um bom bocado. Com muito cuidado para não a acordar, meteu-se debaixo do edredão e cobriu-se até à cabeça. As vozes continuaram. Pouco a pouco, a sua mente foi-se desligando do perigo do exterior e, quando estava prestes a adormecer, ouviu um som demasiado próximo. Abriu os olhos, ergueu a cabeça e, horrorizada, viu uma mão na janela que sondava a partir do exterior, procurando abrir o ferrolho.

Krista gritou e endireitou-se, sacudindo Jenell.

– Jenell, acorda! Temos de sair daqui, corre.

Agarrou na mão da menina, desorientada pelo tremendo susto que a tinha arrancado ao sono, e tirou-a da cama, às escuras, descalça e de coração apertado; puxou-a até à porta, desesperada, Tateando tudo sem encontrar a maçaneta, sentindo o pânico infantil colado a si. Olhou rapidamente para trás e viu que, pela cornija, saltavam já um russo a seguir ao outro. À beira do pânico, ouvia o

ranger da madeira do soalho sob o peso das suas botas, vozes em russo, gargalhadas.

Quando conseguiu abrir a porta, empurrou Jenell para o exterior, mas antes de pôr um pé no corredor, sentiu que a agarravam pelos cabelos e a derrubavam. A menina fugiu, gritando espavorida em busca da mãe, enquanto Krista ficava estendida no chão, pressionada por um corpo pesado e malcheiroso.

Claudia ia a sair do quarto no preciso momento em que Jenell a alcançou, e meteu-a no interior. Hans avançava pelo corredor e a sua mãe instou-o a que entrasse com a irmã. Viu que dois homens se aproximavam e tentou fechar a porta, porém a bota de um deles impediu-a. Um empurrão projetou-a para trás e a porta abriu-se. Claudia gritou e dirigiu-se aos filhos, com a intenção de se esconder com eles na escuridão do quarto. Durante uns segundos, o homem observou as sombras da divisão; depois o feixe de luz branca de uma lanterna ofuscou-os. Claudia protegia Jenell e Hans estava ao lado dela, os três encolhidos a um canto. Atrás da claridade da lanterna que segurava na mão, via-se um homem alto e corpulento, a cabeça grande quase sem pescoço, o rosto carnudo, a pele enegrecida; caminhava com as pernas abertas, as botas manchadas de bosta de cavalo. Como um gigante ameaçador, aproximou-se lentamente deles, seguro da sua presa, e agarrou no braço de Claudia, que tentou libertar-se. A menina gritava, muito assustada; Hans dava palmadas no homem para o impedir de agarrar a mãe, até que ele lhe desferiu um forte golpe na cabeça com a lanterna e o menino caiu inconsciente a um canto. Claudia deu um grito e voltou a sua atenção para o filho, ao que o russo aproveitou para a agarrar com força pelo braço, erguendo-a e atirando-a bruscamente contra a cama com a força de um titã. Antes que ela pudesse reagir, o russo ajoelhou-se sobre as suas pernas e imobilizou-a.

Claudia ficou sem fôlego ao ver o rosto da filha, os seus olhos horrorizados, colada à parede, gritando, fora de si, enquanto o soldado, que tinha deixado a lanterna em cima da colcha, desapertava as calças. Tentou libertar-se, mas foi impossível. Quando ele ia a deitar-se em cima dela, uma voz potente

interrompeu-o. Alguém lhe gritava algo em russo a partir da porta. Os dois homens trocaram várias frases, como se o recém-chegado admoestasse o que estava em cima de Claudia e este defendesse a sua ação. Em pano de fundo, ouvia-se o choro histérico de Jenell. O da porta aproximou-se da cama, agarrou violentamente no sansão pela jaqueta e levou-o quase de rastos até ao corredor, gritando-lhe muito zangado. Claudia pensou que os dois homens se iam envolver numa luta por ela. Quando se viu livre, levantou-se e correu para a menina, olhando horrorizada para Hans, que estava inconsciente.

O russo que tinha expulsado o seu colega entrou novamente no quarto e ficou parado, sem se aproximar. A lanterna continuava em cima da cama. Avançou alguns passos, mas, ao ver a expressão de terror de Claudia, ergueu a mão e falou-lhe em alemão e em tom sereno.

– Tranquelize-se. Ninguém lhes fará mal. Acalme a sua filha e cuide do rapaz.

Em seguida, deu meia-volta e saiu, fechando a porta.

Claudia ficou imóvel, com a menina abraçada ao seu corpo. Tinha parado de chorar, abalada, tremendo entre os braços da mãe. Claudia tentou libertar-se dela para ir cuidar de Hans, mas não pôde, pelo que a tomou nos braços e se ajoelhou junto ao filho, que já estava a voltar a si. Tinha uma ferida aberta na cabeça e sangrava um pouco. Pegou num lenço e pôs-lho no ferimento enquanto lhe perguntava se estava bem. O rapaz levantou-se e regressaram os três ao refúgio do canto mais afastado, sentados no chão, os filhos colados ao corpo da mãe, abraçados a ela, lutando por se abstrair dos gritos, dos ruídos, dos golpes, das gargalhadas, dos passos que se ouviam do outro lado da porta, aterrados com a hipótese de poder voltar a abrir-se. Mas esta manteve-se fechada.

As vozes foram-se apacando. Claudia não sabia quanto tempo havia passado quando a porta se abriu. Os meninos encolheram-se como se quisessem desaparecer, mas a voz de Krista tranquilizou-os.

– Estão bem? – perguntou ela, avançando para eles com ar preocupado.

Claudia assentiu sem dizer nada, sem soltar o abraço dos filhos; envolvia-os com os braços como se estivessem em perigo de cair no vazio se se distraísse.

– Já passou o perigo – disse Krista, com expressão relaxada. – Podem sair.

Deu meia-volta e saiu do quarto.

Claudia levantou-se, mas a menina agarrava-se a ela, ainda muito assustada.

– Esperem aqui – disse aos filhos, olhando-os nos olhos. – Volto já, está bem?

Os meninos não responderam. Jenell começou novamente a soluçar, assustada. Hans pegou na irmã e substituiu o abraço materno, ao que Claudia lhe despenteou carinhosamente a franja, sentindo uma profunda ternura. Em seguida, dirigiu-se à porta e espreitou com cuidado. Krista já não estava lá. Pôs-se à escuta dos ruídos no corredor. Ouviu o gemido de Angela Blumenfeld, procedente do seu quarto. Aproximou-se até espreitar para a divisão. A idosa estava sentada na cama com uma grande camisa de dormir abotoada até ao pescoço, o cabelo solto e algo desganhado, de olhos fixos no pulso que Krista ligava com uma tira de tecido. Claudia não se atrevia a entrar. Envergonhava-a ter-se safado. Angela avistou-a à porta.

– Claudia – disse ela, com um sorriso. – Estão bem? Grande susto nos pregaram, estes Ivans. Que o diabo os carregue a todos para o inferno.

– Como está a Jenell? – interessou-se Krista. – Pobrezinha, deve ter passado um mau bocado.

– Aterrada... – confirmou Claudia. – O Hans tem uma ferida na cabeça.

– Vou já tratar dele.

– E vocês? – Claudia falava como que engasgada. – Eu... Lamento não ter saído, mas...

– Não, Claudia – interrompeu Krista. – Fizeste bem, o teu dever era proteger os teus filhos. Não deves preocupar-te.

– Não entendo como conseguiram entrar...
– Pela janela – acrescentou Krista, continuando com a ligadura.
– Entraram pelo edifício do lado, subiram ao apartamento abandonado contíguo a este e, pela cornija, chegaram ao quarto da Jenell. A culpa foi minha: viram-me à janela e pus-vos em perigo a todas.

– Mas... eles...?

Angela Blumenfeld e Krista fitaram-se por alguns segundos e desataram a rir, com um riso estúpido que deu lugar a uma gargalhada incontrolável. Claudia não entendia nada.

– Comigo, tentou um imberbe inexperiente – começou Angela Blumenfeld a contar. – Eu dizia-lhe que era demasiado velha para ele, mas ele respondia-me em alemão: tu velha, tu saudável. – Voltou a rir-se, com um fundo de resignação no olhar. – Mal se me pôs em cima, perdeu a força toda, devia estar muito necessitado. Antes de partir, pediu-me desculpa e agradeceu-me. – Olhou para o pulso já ligado e ergueu-o para indicar a causa da ligadura. – Ao ouvir os gritos, levantei-me às escuras e caí.

– É só uma luxação – explicou Krista. – Os que entraram pela janela abriram a porta para deixar entrar outros, e graças a isso entrou um oficial. – Dirigiu-se à amiga com um sorriso. – Foi o que te salvou a ti. Está no salão. A tomar um chá.

– Mas não temos chá – protestou ela, sem poder acreditar.

– Trouxe-o ele e preparou-o – acrescentou Krista.

Claudia continuava sem entender nada.

– E tu? – atreveu-se a perguntar a Krista. – Estás bem?

– Foi só um e mal conseguiu fazer alguma coisa – respondeu ela, resignada. – Demasiada *vodka*. Consegui livrar-me dele sem grande esforço. O importante é que não aconteceu nada à menina.

O mal menor, pensou Claudia: quando tudo desaba, que algo continue em pé constitui uma pequena esperança para seguir em frente. O receio de que a menina fosse alvo de uma agressão brutal era muito superior aos seus próprios padecimentos... Elas poderiam com aquilo.

Regressou ao quarto para tranquilizar os filhos e deitou Jenell na sua cama. Krista tratou do ferimento de Hans, produzido pelo

golpe com a lanterna. A mãe pediu-lhe que ficasse com a irmã. Pôs um vestido, calçou-se e dirigiu-se ao salão, onde já estavam Krista e Angela Blumenfeld com o oficial russo que a tinha livrado de ser violada diante dos filhos. Falavam de modo afável, iluminados pela ténue chama de uma vela pousada em cima da mesa; o resto da sala estava mergulhado em escuridão.

Krista sorriu ao vê-la. Também tinha posto um vestido. A senhora Blumenfeld, porém, trazia vestido um roupão acolchoado azul-celeste e apanhara o cabelo.

– É o tenente Makárov – disse Krista, em jeito de apresentação.
– Fala alemão e é judeu – acrescentou, sem deixar de a fitar.

O homem, sentado à mesa como se estivesse no salão de sua casa, tinha uma chávena de chá na mão. Era alto, muito louro, magro, barbeado e com aspeto limpo. Na casaca cinza-esverdeada viam-se uns galões de base dourada e com debruns vermelhos. Ao fundo das mangas tinha cosida uma estrela vermelha. Revelou ser descendente de emigrantes alemães. Sabia alemão devido à sua avó materna.

– Os seus filhos estão bem? – perguntou-lhe ele em alemão, com um forte sotaque russo.

Claudia aproximou-se lentamente e sentou-se diante dele, do outro lado da mesa.

– Sim... – replicou com voz embargada. – Estão bem... Obrigada.

– Lamento muito pela brusquidão dos meus homens. Não têm maneiras. A guerra embruteceu-os.

– A si não – salientou a senhora Blumenfeld.

– Há três anos que estou fora de casa – prosseguiu o oficial, carregando muito nos erres. – Deixei lá a minha mulher e as minhas três filhas pequenas. Não gostaria que alguém lhes fizesse mal. A guerra não deveria ser contra as mulheres e as crianças.

– A guerra não deveria ter sido.

O tenente Makárov olhou de soslaio para a idosa, com a prudência gravada no olhar.

– Tem razão. – Arqueou as sobrancelhas e franziu o cenho. – Antes de chegar aqui, vi as vossas aldeias, as vossas quintas, os

vossos campos, vias bem construídas, autoestradas. Por todos os lugares por onde passei, pude ver o conforto das vossas casas: tinham gás, luz elétrica, água corrente, casas de banho no interior, limpeza, ordem. – Fez uma ligeira pausa, como se houvesse um sem-fim de outras coisas para enumerar. – Os meus homens e eu não deixamos de nos perguntar porque vieram atrás de nós tendo o que tinham. – Abriu as mãos, como que clamando por uma resposta. – Que diabos queriam?

– Boa pergunta... – murmurou Angela Blumenfeld, com expressão comedida. – Ninguém nos hipnotizou, podíamos ter-lhe feito frente e não fizemos. Os que não estavam de acordo calaram-se ou fizeram vista grossa; os restantes seguiram com fé cega esse maldito líder deificado. – Abanou a cabeça, de olhar perdido nos abismos de tantos pesares. – Ficámos presos numa estranha apatia moral e isso torna-nos culpados, ninguém é inocente.

– Nós também somos vítimas desta guerra – replicou Krista, incomodada. – Não têm nenhum direito a vingar-se contra mulheres indefesas. É isso que está a acontecer e não é justo...

Interrompeu-se, sufocada pela raiva que aquela realidade lhe provocava. O tenente abriu as mãos e falou, sem perder nem um pouco da sua magnânima serenidade.

– Não o defendo, nem naturalmente o justifico, mas também não o posso evitar. Se o fizesse, julgar-me-iam por promover a compaixão para com o inimigo. São as regras, não fui eu quem as definiu. A única coisa que posso garantir é que os meus homens são saudáveis.

Krista e Claudia entreolharam-se, tentando engolir aquelas palavras. O que mais podiam fazer?

O oficial russo terminou o chá. A senhora Blumenfeld, ciente da tensão e convicta de que aquele oficial era a única hipótese que tinham naquela selva em que se transformara Berlim, levantou-se e pediu-lhes que esperassem. Saiu do salão e voltou passado pouco tempo com uma garrafa de *bourbon* na mão.

– Tenho-a guardada desde que a guerra começou. Resistiu a todos os bombardeamentos. Este pode ser um bom momento para brindar.

Abriu a garrafa, serviram o uísque em copos que Claudia tirou de um armário e brindaram. O tenente prometeu voltar com velas, sabão e alguma comida, acedendo aos pedidos descarados da senhora Blumenfeld.

Os dias seguintes foram tranquilos. O tenente Makárov costumava visitá-las ao entardecer, sempre acompanhado por um assistente uzbeque que nunca dizia nada, levando consigo não só velas e sabão, mas também manteiga, pão, carne, ervilhas, arenques ou peixe fresco. As mulheres celebravam a sua chegada, pois, tal como Angela Blumenfeld tinha augurado, com a proteção de um oficial, ninguém voltou a incomodá-las, exceto certas noites em que se dedicavam a bater à porta durante algum tempo, mas partiam rapidamente. Tinham tapado a janela pondo-lhe um armário à frente. Não sabiam se aguentaria, mas dar-lhes-ia ao menos tempo para reagir.

O mais relevante foi que o tenente Makárov não pediu cama em troca da sua proteção e das iguarias que lhes proporcionava; queria apenas sentar-se a uma mesa a comer uma refeição quente, cozinhada e servida por uma mulher, falar civilizadamente de coisas banais, da vida, dos seus interesses, nada de guerra e de morte.

Os rumores sobre a capitulação da Alemanha corriam de boca em boca. De vez em quando, passavam veículos russos com um altifalante, incitando à rendição daqueles que, apesar de tudo, se empenhavam em manter uma resistência inútil e suicida: todos os que tivessem armas de qualquer tipo deviam entregá-las, e lembravam a obrigação dos soldados alemães que regressavam a suas casas de se apresentarem no posto de comando da sua zona de forma imediata, sob ameaça de graves penas se não o fizessem.

Apesar disso, os homens alemães mal se deixavam ver, escondidos nas caves ou nas casas, receosos de tudo. Eram as mulheres que saíam em busca de água, comida, cavacas ou qualquer rasto de madeira que servisse para fazer lume. A

escassez e a fome faziam estragos nos corpos já famélicos, ocultos dentro de roupas demasiado largas e coçadas. Os gordos eram olhados com ressentimento, ao terem gravada na gordura das carnes a marca de terem sido membros do partido nazi ou do seu meio de abundância e privilégio até há muito pouco tempo.

As hordas de soldados russos que pululavam pelas ruas nos primeiros dias, afadigadas com o saque às casas alemãs (não só de objetos de valor, mas também de coisas do mais quotidiano que nunca tinham visto e que lhes chamavam poderosamente a atenção), foram diminuindo aos poucos. O destacamento que havia no cruzamento estava a ser desmantelado desde a tarde anterior.

Finalmente, o sol de maio aquecia as ruínas enegrecidas da cidade. Logo depois de se levantarem, Krista e Hans tinham ido buscar água à boca de rega e, ao regressarem, viram Angela Blumenfeld, que há muito tempo não se apercetia tanto.

– Vou ver a minha prima. Volto a meio da tarde.

– Mas, Angela, como pensa chegar lá? – perguntou Krista. – Não há elétricos nem metro.

– Irei a pé. Far-me-á bem o passeio e apanhar ar.

– Mas Pankow é muito longe – insistiu ela.

– Bah, também não é assim tanto, ela vive no sul, na Hallandstrasse. Não tenho pressa nenhuma. – A idosa pegou na bolsa, muito sorridente. – Há meses que não saio dos limites desta rua. Quero ver como está a minha cidade. Preciso de sair daqui.

– Mamã, eu quero ir – pediu Jenell, com voz mimosa. – Aqui aborreço-me.

Claudia recusou terminantemente, mas a idosa intercedeu em seu favor.

– Deixa-a vir, Claudia...

– Eu irei com elas – interveio Hans, de peito cheio e com ar de protetor.

A mãe acedeu e partiram os três. Claudia e Krista decidiram aproveitar para fazer uma limpeza geral à casa. Durante toda a manhã, dedicaram-se a limpar os quartos, a cozinha e o salão, lavaram lençóis e toalhas; estavam constantemente a ir e vir da boca de rega. Continuavam sem luz elétrica nem água corrente,

mas começava a instalar-se aos poucos uma estranha normalidade. O facto de poderem dormir nas suas camas com lençóis limpos, de não terem de descer ao refúgio, a ausência de bombardeamentos... Terem deixado para trás tudo isso era motivo de satisfação e gratidão.

Quando terminaram as tarefas, as duas mulheres lavaram-se e sentaram-se a desfrutar de um merecido descanso. Claudia preparou um chá quente, trazido pelo seu protetor russo, enquanto Krista tirava a última fatia do bolo que a senhora Blumenfeld fizera na tarde anterior. Era meio-dia, o sol entrava pelas janelas abertas de par em par e cheirava a limpo, não se ouviam tiros nem o silvo das bombas, nem o estrondo da sua explosão, nem gritos, nem choros. As duas mulheres deleitavam-se com aquele quase esquecido estado de sossego. Nenhuma delas disse nada durante longos momentos, atentas à presença uma da outra, como se aquela calma tivesse deixado a descoberto a hostilidade arraigada que outrora as tinha oposto, a rivalidade pelo amor de um homem que já ali não estava. O horror da guerra havia-as unido, mas nunca antes tinham estado sozinhas, frente a frente, sem mais nada a temer além do confronto uma com a outra com uma chávena de chá entre as mãos.

Claudia foi a primeira a quebrar o gelo.

– O que gostarias de fazer quando tudo isto acabar?

– Não pensei nisso – respondeu Krista. – Só sei que estou viva. Era disso que se tratava, de sobreviver, e só por isso devia sentir-me bem.

– E não sentes?

Krista encolheu os ombros, com um lampejo de profundo desespero no olhar.

– Estou sozinha, Claudia, não me resta nada. Tu tens os teus filhos, o teu futuro está em criá-los. A mim, ninguém me espera.

– Não sabes nada dele? – perguntou Claudia, num tom dócil, algo constrangido.

Krista abanou a cabeça, deixando depois escapar um longo e angustiado suspiro.

– Nem uma única notícia desde há já cinco anos. A última que tive foi de que ia regressar à Alemanha com um passaporte falso. Isto na primavera de 1940. Um ano depois, no dia 6 de março de 1941, recebi uma chamada do chefe dele na embaixada, o Erich Villanueva; lembro-me porque era o dia em que o Yuri fazia trinta e três anos. O Villanueva pediu-me que fosse visitá-lo a sua casa nessa mesma tarde, tinha recebido notícias do Yuri. Quando cheguei, porém, ninguém me abriu a porta. Liguei-lhe durante vários dias, mas não houve maneira. Apresentei-me na embaixada: tentei averiguar se alguém sabia alguma coisa dele, mas ninguém me quis dizer nada, todos me evitavam como se estivesse a perguntar por um empestado. Uma secretária disse-me quase às escondidas que o Villanueva se tinha esfumado, desaparecido sem que ninguém se preocupasse com a sua sorte... Até hoje. Fiquei com o anseio de saber que notícias tinha para mim do Yuri... E com isso vivo desde então, com a ânsia de que um dia regresse, e tenho medo de não ser capaz de superar essa espera; horroriza-me a ideia de que nunca deixe de esperar e ele nunca apareça, ancorada a um passado incerto que me tem presa e não me deixa respirar.

Ergueu o queixo como se lhe faltasse o ar, com desassossego.

– Compreendo... – murmurou Claudia.

Krista fitou-a, desconfiada. Não sabia muito bem o que pensar daquela mulher, tinha por ela sentimentos contraditórios. Era certo que a ajudara depois de Yuri ter tido de sair do país, mas não podia deixar de continuar a sentir por ela um amargo ressentimento devido ao que o seu irmão Franz tinha urdido, certa de que algum envolvimento haveria de ter tido naquela aberrante chantagem. E era tudo tão banal depois do que tinham vivido juntas...

– Não me resta nada dele – prosseguiu Krista em tom pausado.
– Esta guerra roubou-me até as suas lembranças, as suas cartas, as suas fotos, ficou tudo reduzido a cinzas. Temo esquecer o seu rosto, não o reconhecer se um dia... – Entrelaçou os dedos, nervosa, os ombros encolhidos como se algo lhe doesse por dentro. – Santo Deus...

Sem dizer nada, Claudia levantou-se e deixou-a sozinha. Krista seguiu-a com o olhar e não pôde evitar sentir-se desencantada. Ao fim de alguns segundos, Claudia apareceu à porta do salão. Parou por alguns instantes antes de entrar, observando-a, como que a avaliar o que ia fazer. Aproximou-se lentamente, sentou-se diante dela, pôs uma fotografia em cima da mesa e, segurando-a com os dedos, empurrou-a na direção de Krista.

– Tirei-lha no nosso último fim de semana juntos... Foi o único, na verdade... – Calou-se por alguns segundos, de olhos postos naquele saudoso rosto. – Fica com ela.

Comedida, como se não se atrevesse de todo, Krista pegou na fotografia e focou os olhos na imagem de meio-corpo de Yuri num local com um arvoredor, vestido com uma camisa clara, o casaco pendurado ao ombro, seguro por uma mão, e o chapéu ligeiramente puxado para trás, a expressão jubilosa. Ao ver aqueles olhos que a fitavam, sentiu a pulsação acelerar. Apertou os lábios e devolveu-lhe a foto, abanando a cabeça.

– Não posso aceitar, é tua. Este Yuri ainda te pertencia.

– Ouve o que te digo, fica com ela. Faz-me sofrer de cada vez que a vejo. A ti, far-te-á feliz contemplá-la.

A foto ficou novamente ao alcance de Krista.

Durante algum tempo, as duas mulheres perderam-se numa profunda divagação sobre os seus pesares, as suas memórias, o presente e a incerteza do futuro.

– E tu, sabes alguma coisa do teu marido? – perguntou finalmente Krista, em tom caloroso.

O rosto de Claudia ensombrou-se. Levantou-se de novo e desta vez dirigiu-se ao armário, tirando dois copos e uma garrafa de aguardente também fornecida por Makárov. Pô-la em cima da mesa e encheu os dois copos.

– Ao contrário de ti, eu não espero ninguém, e muito menos o Ulrich. – Suspirou e bebeu um longo gole. Franziu a testa como se a queimasse. – Ele passou grande parte da guerra em Paris, a viver como um rei, enrolado com francesas complacentes, a beber bom vinho, champanhe, bem alimentado e bem cuidado. – Falava de olhos fixos no copo que tinha entre as mãos. – O seu uniforme

sempre esteve impecável. E, no entanto, quando vinha a casa de licença, exigia-nos a todos o tratamento de herói, o corajoso guerreiro a quem havia que mimar, cuidar e recuperar para a batalha. Nunca lhe passou pela cabeça que estivéssemos a passar dificuldades, nunca se preocupou com os meninos e muito menos comigo. Eram os homens que faziam e sofriam a guerra, que nos protegiam de todos os males, enquanto nós, as mulheres, ficávamos comodamente em nossas casas, a dormir nos nossos colchões macios; todo um paraíso ante o inferno vivido pelos homens na frente. A última vez que o vi foi no Natal. Apresentou-se com um monte de presentes, como se fosse o deus Odin, e dois dias depois partiu sem dizer nada. Não sei o que é feito dele desde então; desconheço se o valente oficial das *Waffen-SS*, o comandante Ulrich von Schönberg, chegou, de uma vez por todas, a sofrer o mínimo do que sofreram muitos outros soldados. – A sua voz tornou-se grave. – Temo o seu regresso. Não quero que volte e isso faz-me sentir mal, e não entendo porquê, uma vez que nunca o amei. Que não regressasse seria a única coisa de bom que obteria desta guerra, a ausência definitiva desse homem na minha vida.

– Podias deixá-lo – observou Krista. – Divorciar-te e recomeçar do zero.

– Não conheces o Ulrich – replicou ela, abanando a cabeça. – Jamais consentiria em deixar-me partir, acabaria comigo primeiro.

– Talvez a guerra o tenha mudado.

Claudia fitou-a, pesarosa.

– É um monstro, Krista. – Calou-se por um momento, como se estivesse a decidir se falar ou guardar silêncio. Baixou os olhos e as palavras deslizaram-lhe dos lábios. – Lembras-te daquele verão em que fui com ele e os meninos para Auschwitz, na Polónia?

Krista assentiu: lembrava-se daquela ausência de mais de três meses durante o verão de 1943. A convivência com Ernestine na pastelaria tinha-se tornado insuportável; livre da vigilância de Claudia, a mulher caiu-lhe em cima, e Krista teve de suportar múltiplas situações humilhantes, incluindo agressões físicas. Por isso, sentiu um grande alívio quando a família regressou a Berlim.

– Vivíamos numa casinha encantadora da *SS-Siedlung*, ampla, espaçosa. Tinha um grande jardim e uma pequena piscina. Os meninos gostaram muito... Os meus filhos riam e brincavam enquanto, a escassos cem metros, do outro lado da cerca eletrificada, crianças como eles sofriam o pior dos infernos. – Fez um esgar de desgosto com o nariz. – Aquele fedor pútrido e nauseabundo infiltrava-se por cada canto da casa, colava-se à roupa, aos móveis, e adensava o ar. Esse fedor... – Cravou os olhos em Krista, com uma expressão transtornada. – Eu sabia de onde vinha... Centenas, milhares de seres humanos volatilizados, convertidos em cinzas e expelidos através de enormes chaminés para depois espalhar por toda a parte um manto mortal, cinzento, compacto... Quando lhe perguntei, o Ulrich disse-me que era a «solução final da questão judaica», a derradeira solução para acabar com todos os judeus, não só na Alemanha, mas em toda a Europa, foi isso que me disse – repetiu. – O nosso glorioso exército, e em particular a *Waffen-SS*, tem vindo a levar a cabo um plano perfeito para os exterminar de forma sistemática, para eliminar milhares, milhões de pessoas amontoadas como animais em campos de concentração semelhantes ao de Auschwitz e disseminados por todos os territórios que conquistaram. Homens, mulheres e crianças inocentes gaseados em duches comunitários, e os seus corpos incinerados em fornos crematórios para tentar apagar o rasto dos seus crimes. – O olhar de Claudia ficou petrificado num vazio abismal. – E eu não disse nada... Guardei silêncio ante aquela atrocidade, escutava-o sem abrir a boca, sem lhe fazer uma só censura enquanto falava, orgulhando-se daquele espetáculo dantesco... Hitler conseguiu criá-los à sua imagem e semelhança, convertidos em seres sem compaixão, arrancado das suas consciências qualquer sentimento de piedade. Era a guerra, dizia ele, convicto de estar a agir corretamente, sem nunca pensar que as coisas podiam ser de outra maneira, sem rasto de pesar ou arrependimento na sua consciência, uma consciência negra como carvão... – Olhou novamente para os olhos de Krista, que escutava, abalada, aquela terrível confissão. – O homem com quem casei é um dos responsáveis por todas essas aberrações...

Não tem alma, falta-lhe humanidade... É um assassino... E eu estava ao seu lado... e calava-me.

Claudia aspirou o ar como se os seus pulmões tivessem ficado vazios. Sentia o pesado fardo da sua própria culpa, a vergonha pela convivência com aquele ódio sem sentido em que tudo começara; asfixiava-a a sua própria responsabilidade, a sua inação, a sua ausência de réplica, a sua cumplicidade.

– Claudia, é inútil culpares-te. – Krista tentava procurar algum consolo para aquelas tribulações, mas as palavras pareciam entupir-lhe a garganta. – Todos olhámos para o outro lado. Também eu o fiz... Pouco podias fazer tu.

– Não, não... – interrompeu-a ela, como se aquela tentativa de absolvição a magoasse. – Não me revoltei enquanto o horror estava lá e, mais tarde ou mais cedo, ele alcança-nos, morde-nos a alma e descarna-nos.

Envolveu-as um silêncio avassalador. Mal se fitavam.

– Não teremos alternativa a não ser viver com isto – murmurou Krista. – Todos os que conseguirem sobreviver a tanta destruição terão de o fazer.

– É tudo uma grande mentira. Uma grande falácia: o nosso exército, a força dos nossos homens, a superioridade da raça... Uma farsa monumental.

Após estas palavras, Claudia abriu uma gaveta debaixo da mesa, tirou um tubo azul, branco e vermelho e pô-lo em cima do tampo. Krista pegou-lhe.

– Pervitina... – sussurrou. – Claudia, não andas a tomar isto, pois não? É muito perigoso.

Ela abanou a cabeça, num gesto muito subtil.

– Estes comprimidos foram a arma secreta dos nossos homens na frente. Tomavam vários por dia. Todos o faziam, eram proporcionados aos soldados para que se mantivessem acordados durante dias: cinco, seis jornadas completas de combate; dormir tornava-os vulneráveis. É esse o grande segredo da superioridade do homem ariano. Até o infalível *Führer* utilizava estimulantes para suportar a pressão e a ansiedade, administrados pelo seu próprio médico, o doutor Morell, o homem mais sujo e malcheiroso que

conheci na vida. A minha mãe contou-me que, nos últimos meses, Hitler ingeria mais de vinte comprimidos por dia e davam-lhe várias injeções. Queria convencer-se de que eram apenas vitaminas, ainda que a realidade fosse outra... Barbitúricos, hormonas, eucodal, sedativos para dormir e anfetaminas para acordar... Sofria de insónias e de depressão nervosa. – Procurou os olhos de Krista com uma dolorosa expressão de remorsos. – A Alemanha deixou-se guiar por um gigante com pés de barro.

Krista nada disse. Absorta, olhava para aqueles comprimidos, um derivado da metanfetamina.

– Os homens falam – prosseguiu Claudia, ensimesmada no seu pesar. – Contam sem pudor as suas misérias, as histórias que viveram, a violência que exerceram sem escrúpulos sobre o inimigo; são os guerreiros e arvorar-se-ão em paladinos, triunfantes ou caídos, mas heróis, ao fim e ao cabo. As mulheres esconder-se-ão atrás dos seus homens recuperados, ocultando as suas horríveis vivências atrás do quotidiano, atrás do choro dos filhos por um passado que não conhecerão porque não lhes será contado. Só recordarão a vitória ou a derrota dos homens. Quando os nossos soldados regressarem, abatidos e desesperados, nós, as mulheres, teremos de os consolar, escutar, compreender, de os encorajar a seguir em frente, enquanto nos calam. Teremos de esconder o que nos aconteceu para não lhes ferir o orgulho, para que não se sintam humilhados. Pouco importará o que sentimos, não nos restará outro remédio a não ser esquecer para continuar a viver, pois, caso contrário, nenhum homem quererá tocar-nos.

– Gostaria de pensar que nem todos são assim – replicou Krista, em voz muito baixa.

Claudia esboçou um sorriso amargo. Em seguida, pegou no copo e engoliu o choro com a aguardente.

Durante algum tempo, não falaram, ouvindo o barulho quotidiano da rua.

Pela primeira vez, Krista bebeu do seu copo, um gole curto antes de falar.

– Sempre me perguntei porque me ajudaste. Tiveste a oportunidade de me tirar do caminho, de acabar comigo para

sempre, de te livrares de mim de uma vez por todas. Porque não o fizeste?

– Porque prometi ao Yuri – sentenciou Claudia.

– Continuas a amá-lo?

Claudia refletiu por alguns segundos no que dizer e em como dizê-lo.

– O amor que sinto pelo Yuri não se pode extinguir, é impossível, guardo-o aqui dentro. – Pôs a mão no peito. – O Yuri é o bater do meu coração... – Em seguida, torceu o rosto num esgar. – Era uma mulher afortunada num mundo afortunado. Tinha tudo o que qualquer uma podia desejar. Mas quando ele apareceu... – Os seus olhos ganharam um brilho invulgar que Krista notou, o brilho de um passado ditoso que voltava à sua memória. – A nossa história de amor foi muito breve, mas tão intensa, tão bela, um amor tão extraordinário como impossível. Era tão terno, tão especial... – Sorriu, deleitando-se com a melhor das suas recordações. – Dizia-me a cada instante o quanto me amava, fazia-o com a voz, com os olhos... com as mãos... O único fim de semana que passámos juntos foi como se estivéssemos no paraíso, os dois sozinhos; o mundo parou e não existia mais ninguém além de nós os dois... Nesse dia, pediu-me que deixasse o Ulrich e fosse com ele, disse-me que partiríamos para longe da Alemanha. Fui uma cobarde... Perdi a oportunidade de ser feliz com o amor da minha vida... Cometi um erro e perdi-o para sempre quando tu apareceste. Odiei-te, Krista, e durante bastante tempo amaldiçoei-te com todas as minhas forças; não suportava ver-vos juntos, fiz coisas estúpidas para tentar minar o vosso amor, para te afastar do seu lado... Portei-me muito mal contigo, fui muito injusta. E agora, com tudo o que aconteceu, a única coisa que posso dizer é que lamento, ainda que não saiba se servirá para o que quer que seja.

– Só quero saber uma coisa, Claudia... Tiveste algo a ver com a chantagem que o teu irmão me fez?

Claudia abanou a cabeça.

– Não... Não diretamente. Isso foi ideia do Franz. Na realidade, foi do Ulrich, mas eu incentivei o meu irmão a conquistar-te, fosse

de que maneira fosse... De certa forma, também fui culpada disso.
– Calou-se e olhou para a amiga. – Lamento...

Krista esquivou-se ao olhar de Claudia e bebeu um gole de aguardente.

– Em tudo isto, só uma coisa é certa, Krista: foste tu quem ganhou, roubaste-lhe o coração.

– Parece-me incrível que tu e eu estejamos a falar disto assim, agora, no salão da tua casa... A guerra muda as coisas.

– E as pessoas... Para o bem ou para o mal, também nos muda.

Sobressaltou-as um grito dilacerante seguido de uma forte pancada vinda da escadaria. Passos apressados, vozes, gritos. Levantaram-se e saíram para o patamar. Do terceiro andar, descia aos tropeções o senhor Witt, vigiado por meia dúzia de russos que o empurravam para a rua.

Passaram adiante. O senhor Witt fitou-as e desviou os olhos para o chão.

– Porque o levam? – perguntou Krista ao soldado que ia em último, esforçando-se por encontrar as palavras em russo.

– Tinha um soldado alemão escondido. Será executado de forma imediata. São as regras.

Seguia-o Gerda Witt, de rosto desfigurado, escoltada por outros dois homens. Também passou sem dizer nada, olhando fixamente para Krista, entre o horror e o desconcerto.

– Santo Deus – murmurou Claudia com horror, debruçada do vão das escadas.

Krista olhou para baixo. Sobre uma grande poça de sangue, um homem jazia no chão do vestíbulo. Era evidente que o tinham atirado do terceiro andar. Ergueu então os olhos para o alto e começou a subir as escadas.

– Krista... – chamou Claudia, assustada. – Onde vais?

– Ver como está a Rita.

Krista chegou ao patamar dos Witt. A porta estava entreaberta e, no interior, soavam risos e vozes em russo. Hesitou em entrar, mas ao ouvir um queixume de Rita, um grito angustiado que a rasgou por dentro, entrou no vestíbulo e procurou algo com que

atacar, ou melhor, com que se defender. Viu a figura de bronze que tinha pertencido à avó materna e que sempre estivera ali. Agarrou-a com força pela base e embrenhou-se pelo corredor até ao que havia sido o seu quarto, o lugar de onde procediam as vozes. O seu coração palpitava com tanta força que teve de respirar fundo para controlar a pulsação. Nesse momento, lembrou-se do decreto publicado em todas as fachadas que dizia que, se algum mal acontecesse a um russo numa casa alemã, todos os habitantes do edifício pagariam com a vida. Abrandou o passo, vacilante. Com a sua ação, não se estaria a pôr em perigo apenas a ela; prejudicaria também gravemente Claudia e os seus filhos, e a senhora Blumenfeld. Parou, os pés cravados no solo. Com a respiração suspensa, ouvia mais claramente as vozes obscenas, os suspiros, os roçares e, sobretudo, o choro lastimoso de Rita Witt.

Fechou os olhos, deu meia-volta e saiu do apartamento. Desceu apressadamente as escadas e enfiou-se em casa de Claudia, fechando a porta e encostando-se a ela. Claudia apareceu e parou diante dela. Fitaram-se sem dizer nada. Krista deu-se conta de que ainda tinha o anjo de bronze na mão. Deixou-o cair, dobrou lentamente os joelhos e foi deslizando até ficar sentada no chão, como se tivesse perdido as forças para se segurar. Quis chorar, mas não podia, custava-lhe a respirar, sufocava. Claudia dirigiu-se a ela e sentou-se ao seu lado em silêncio, até que Krista rasgou o pranto com um grito lancinante, tentando libertar-se do terrível peso da culpa.

Durante algum tempo, as duas mulheres mantiveram-se mudas, muito cientes do que estava a acontecer um piso acima. Ouviram o barulho das botas dos russos a descer as escadas. Riam, conversavam, alheios ao drama que tinham deixado semeado no corpo virgem de uma rapariga de apenas dezoito anos.

Da rua, chegou-lhes um grito. Claudia ergueu o rosto, alarmada, correu para a janela e debruçou-se para ver duas mulheres que se dirigiam ao átrio, assombradas com o que viam. O corpo desconjuntado de Rita Witt jazia sobre o passeio, as pernas e os braços deslocados como os de uma boneca quebrada, a cabeça torcida e com um fio de sangue a deslizar lentamente sobre o

pavimento. Claudia sentiu a presença de Krista ao seu lado, espectadora também do dantesco espetáculo. Nada disse, ficou parada, o olhar perdido, o rosto velado por uma profunda tristeza.

Alguns dias depois, apareceu Eva Bauer e instalou-se, com as suas duas filhas, na que tinha sido a casa dos seus pais, vazia desde a morte da mãe pouco antes do início da guerra. Os dois irmãos de Eva haviam morrido em combate, tal como o marido. Dois dos seus filhos varões tinham-se alistado em fevereiro de 1943 na 12.^a Divisão Panzer *Hitlerjugend*, e o mais novo fora obrigado a juntar-se à *Volkssturm* em janeiro desse mesmo ano. Não tinha notícias de nenhum dos três.

A senhora Blumenfeld começou a desobstruir e a limpar as ruínas da sua casa com o apoio dos familiares, que vinham de Pankow para a ajudar na tarefa.

Ao ficar vazio o apartamento que fora ocupado pelos Witt, Krista pensou em mudar-se para o que havia sido a casa da sua mãe. Dadas as circunstâncias, não lhe parecia que alguém a fosse expulsar, pelo que não hesitou muito. Fazendo das tripas coração, limpou tudo a fundo, com uma mistura de raiva e obsessão por arrancar qualquer vestígio da passagem de estranhos pelo que tinham sido o seu lar e as suas coisas. Amontoou os pertences dos Witt na cave, para o caso de aparecer algum familiar a reclamá-los.

As visitas quase diárias do tenente Makárov a casa de Claudia proporcionavam-lhes alimento suficiente para sobreviver com alguma folga, tendo em conta a escassez que alastrava pela cidade. Mas aquela fonte de maná salvífico estava prestes a secar. O tenente anunciou-lhes que o tinham destacado para fora de Berlim e que partiria em breve. Abasteceu-as de mais velas, várias caixas de fósforos, já muito escassos, duas pastilhas de sabão, um saco grande de batatas, uma boa quantidade de manteiga, ervilhas, farinha, três pacotes de açúcar, uma caixa de garrafas de *vodka* e de uísque, cerveja e vários quilos de maçãs. Ficou tudo na despensa de Claudia porque, apesar de Krista já dormir na sua

casa recuperada, continuavam a reunir-se na sua cozinha para partilhar a comida.

– Não sei o que vai ser de nós quando o nosso tenente partir – dizia Angela Blumenfeld, entristecida, sem parar de coser. – É desolador sair à rua, as pessoas estão tão magras que se perdem dentro da roupa. E o pior é ver as crianças a vaguear pelas ruínas, vasculhando entre o lixo a ver se encontram algo que lhes seja útil. Pobres criaturas... – dizia para consigo, abanando a cabeça de um lado para o outro. – As cadernetas de racionamento não chegam nem para a refeição da manhã. Desde que nos apareceu esse bendito homem, engordei pelo menos cinco quilos; também é verdade que estava pele e osso.

Falava enquanto cosia, sentada junto à janela onde tinha mais luz. Claudia, os meninos e Krista estavam sentados em redor da mesa, a degustar um bolo de maçã com açúcar que Angela Blumenfeld preparara bem cedo. De vez em quando, erguia os olhos e espreitava por cima dos óculos, resgatados miraculosamente intactos de entre os escombros da sua casa. Sentia-se feliz ao ver o gosto com que comiam a iguaria.

– Está delicioso, Angela – comentou Claudia, antes de levar à boca o último bocado. – Tem muito boa mão. Lembra-me as delícias que a Lilli Rothman preparava.

– Foi ela quem me deu a receita. Dizia-me sempre que a chave está na qualidade dos ingredientes e em pôr-lhe muito carinho. – Ergueu os olhos da costura para olhar em frente. – Pobre Lilli, o que terá sido deles?

– Não voltou a saber nada? – perguntou Claudia.

– A última carta que recebi foi no Natal de 1940. Desde então, nada. Não sei o que pensar... Temo o pior. Pobre gente. – Voltou o olhar para os dedos, entre os quais moldava um lençol, dando-lhe a forma de saco.

– O que está a fazer? – perguntou Krista, admirada.

– O tenente Makárov pediu-me para lhe fazer um embrulho onde reunir tudo o que pretende enviar à mulher e às filhas na Rússia. Não imaginam as coisas que quer mandar: chapéus, roupa de cama, *soutiens*, camisolas e sobretudo cuecas. Que obsessão

com as cuecas. Se eu me tivesse casado e o meu marido me enviasse as cuecas usadas de outra mulher, por mais Hildegarda que fosse e por mais limpas que estivessem, mandava-o imediatamente à merda. – Todos se divertiam com a graça e o bom humor que a idosa tinha voltado a recuperar. – E os relógios? Estão deslumbrados com os relógios de pulso. Envia-lhe pelo menos dez de todos os tipos e tamanhos. Disse-lhe que lho cosia, mas não me responsabilizo pelo estado em que chegue a mercadoria.

– Tenho de ir à câmara – disse Claudia, limpando os lábios com um guardanapo. – Temos de nos inscrever para que nos deem trabalho. Dizem que pagam um salário.

– Eu vou passar por casa da doutora Hotzfeld, a minha antiga chefe – acrescentou Krista. – Para o caso de ter voltado. Disse-me na sua última carta que quando regressasse queria abrir uma clínica e que contava comigo.

– Temo que vamos precisar de muitos ginecologistas daqui a alguns meses – observou a senhora Blumenfeld, soltando um lastimoso suspiro.

– Eu safei-me – disse Claudia, com um esgar de satisfação no rosto. – Veio-me a menstruação esta manhã. Estava com uma semana de atraso, mas finalmente chegou.

– Dizem que onde muito se pisa a erva não cresce – observou Angela Blumenfeld, olhando-a de soslaio. – Mas nem sempre funciona.

– A minha ainda não apareceu – comentou Krista, com o semblante sério. – Ainda que saiba muito bem o que faria se acontecesse...

O medo das gravidezes começava a abater-se sobre as mulheres violadas. Tinham já sido criados consultórios em hospitais para atender à gravidez indesejada e oferecer a possibilidade de abortar, bem como para tratar as doenças venéreas contraídas em consequência das múltiplas violações.

Antes da guerra, a doutora Hotzfeld vivia num acolhedor apartamento situado no bairro de Charlottenburg, na Liebnizstrasse. Krista não a via desde que se haviam despedido no outono de 1939, quando Anna Hotzfeld e o marido se tinham visto

obrigados a abandonar Berlim por força das circunstâncias. Trocara correspondência com ela durante toda a guerra e, na sua última carta, recebida em finais de março, a doutora falava-lhe da sua intenção de regressar a Berlim logo que possível a fim de tentar reconstruir a sua vida pessoal e profissional; planeava abrir uma clínica privada e, naturalmente, contava com ela para levar a cabo esse projeto. Krista esperava que voltasse mais cedo do que tarde, embora tivessem notícias das graves dificuldades que havia nas deslocações devido às centenas de milhares de refugiados que, tal como a doutora Hotzfeld, tentavam regressar aos seus locais de origem, às suas casas, recuperar as suas vidas.

Ainda que a guerra tivesse terminado, o medo de sair não desaparecera; medo dos russos que ainda se moviam como se fossem os donos da cidade, medo dos assaltantes, dos bêbedos, esquecidos de si mesmos, medo da insegurança que se sentia nas ruas destruídas, onde imperava a lei do mais forte e a pura sobrevivência.

Com esse medo metido no corpo, Krista caminhava entre as ruínas. Na maioria das alamedas e avenidas principais, a estrada começava a ficar desimpedida para a circulação, ladeada por montes de entulho do que outrora haviam sido os seus vistosos edifícios. Nas fachadas que ainda resistiam de pé, em vez de janelas, havia buracos abertos como olhos vazios para o interior, de onde pendiam lençóis, trapos ou qualquer pano que fosse branco em sinal de rendição. Há apenas um par de semanas, esse gesto de capitulação estava absolutamente proibido pelo governo alemão e teria implicado a pena de morte para os habitantes. Krista pensou no contraste entre a sobriedade daquelas pobres bandeiras que clamavam pela paz e os régios e omnipresentes estandartes vermelhos com a suástica nazi que durante anos tinham revestido cada recanto da Alemanha, desaparecidos agora por completo, reconvertidos, na maioria dos casos, em bandeiras soviéticas. Nalgumas zonas, via-se gente ocupada a varrer os passeios ou filas de mulheres formando uma corrente humana sobre as pilhas de destroços com baldes ou latas que, repetidamente, iam passando de mão em mão desde a parte mais alta até ao solo,

onde outras selecionavam os tijolos, os limpavam de restos e os amontoavam em ordem para serem reutilizados. A maior parte dos que se viam na rua continuavam a ser mulheres, num deambular confuso, à procura, errando com a sua fome como fantasmas famélicos.

O sol brilhava com força. Estava calor. Ao seguir o seu caminho, acompanhava-a um constante zumbido de moscas negras, verdes ou azuis, consoante lhes desse a luz, mas, em todo o caso, gordas e incómodas; infestavam o ar onde quer que fosse. As ruas mais afastadas das avenidas permaneciam desertas, ainda demasiado silenciosas, e viam-se muito mais a negligência e o descuido. A cada passo, intuía-se cadáveres retorcidos entre os escombros, cobertos de pó, corpos mimetizados com as ruínas que lhes serviam de lúgubre jazigo. O fedor repulsivo que emanava daqueles mortos abandonados obrigou-a a cobrir a boca com um lenço. Angela Blumenfeld tinha-a advertido daquele fedor, uma massa gasosa e espessa que impregnava o rosto e se introduzia pelas fossas nasais para aí estagnar, algo denso que tornava quase impossível respirar com normalidade.

Ao chegar ao fundo da rua onde ficava o edifício de três andares em que a doutora Hotzfeld tinha vivido, Krista sentiu um baque no coração. O imóvel havia desaparecido por completo, destruído pelas bombas e consumido pelas chamas. Só uma parte da fachada principal se mantinha de pé, pela qual se acedia ao átrio que ameaçava cair; nada mais, o resto eram ruínas enegrecidas. Aproximou-se para verificar a desolação da guerra.

Três mulheres rebuscavam entre os destroços, velhas e secas mulheres que tentavam recuperar algo de que tirar proveito.

– Desculpem! – disse Krista, chamando a atenção das buscadoras. – Conhecem a doutora Hotzfeld? Anna Hotzfeld. Vivia aqui antes da guerra. Sabem se regressou?

Uma delas deixou a sua exploração particular e aproximou-se um pouco de onde Krista estava. Era muito mais jovem do que aparentava. Tinha um lenço a rodear-lhe a cabeça, e uma fina camada de pó branco cobria-lhe o rosto, as mãos e o que devia ter sido um bonito vestido verde às flores.

– A doutora Hotzfeld está ali.

Krista virou-se para onde ela lhe indicava: um pequeno parque para o qual davam os janelões do salão da médica. Muito lentamente, avançou até ao limite da terra, procurando com avidez entre árvores truncadas ou calcinadas e outras que tinham conseguido escapar às bombas. Nas suas costas, a mulher que a seguira falou.

– Enterrámo-la ali, debaixo daquela tília.

– Meu Deus... – murmurou ela, com uma pontada no estômago.

– O que aconteceu?

– Foi há uma semana. Estava cá há dois dias. Vivo naquela casa. – Apontou para o edifício contíguo às ruínas. – Conhecia-a há muito tempo e ficou comigo. – Encolheu os ombros, olhando para o parque. – Mas vieram os russos... Foram muitos, demasiados... A ela, tocou-lhe um que enlouqueceu... Bateu-lhe na cabeça com uma garrafa até a matar. Nesse dia, tivemos de enterrar outras três mulheres desta rua. Uma delas também assassinada, as outras duas não conseguiram resistir.

Krista, impressionada com a história, dirigiu-se àquele túmulo simples onde tinham sido cravados dois paus amarrados formando uma tosca cruz. Numa tabuinha de madeira podia ler-se o nome de Anna Hotzfeld e a data da sua morte. Não era a única: junto ao dela, havia uma dúzia de túmulos improvisados com as suas respetivas cruces e tabuinhas de identificação toscamente escritas. Tinham voltado aos tempos da pré-história, cada um enterrava os seus mortos em qualquer lugar. Krista arrancou um ramo de flores silvestres que, de forma milagrosa, havia resistido a tanta destruição. Pousou-o sobre a sepultura e, durante longos momentos, deixou-se levar por um choro desconsolado.

Ao regressar a casa, Krista deparou-se com Hans e Jenell sentados no degrau da entrada com os rostos muitos sérios, pesarosos.

– O que fazem aqui? – perguntou, admirada.

– O meu pai voltou – respondeu Hans, num tom vago.

Krista não soube o que dizer. Ulrich von Schönberg tinha regressado, afinal. A guerra não quisera conceder a Claudia nem esse alívio. Sentou-se ao lado deles com uma sensação de derrota. Estava muito cansada.

– Não estão felizes por ele ter vindo? – voltou a perguntar, por fim.

A menina nada disse, a sua cabeça loura encostada ao braço do irmão, ausente, aprisionada numa profunda tristeza. Hans encolheu os ombros e baixou o queixo para o peito como se quisesse desaparecer.

A presença de Ulrich von Schönberg acabou com o agradável convívio que tinha existido entre as três mulheres. Krista mudou-se definitivamente para o terceiro andar e convidou Angela Blumenfeld a acompanhá-la enquanto terminava de reabilitar o desastre a que o seu apartamento ficara reduzido.

Nos dois dias seguintes, não viram Claudia. Ulrich havia chegado a Berlim a partir da Prússia Oriental fazendo-se passar por refugiado, disfarçado de civil e com uma identidade falsa, como mais uma vítima do nazismo. Desde o mês de janeiro, tinha-se mantido escondido num palacete abandonado nos arredores de Kaliningrado. Na realidade, o *Sturmbannführer* Von Schönberg desertara das *Waffen-SS*, abandonando à sua sorte os homens sob o seu comando. O palácio onde se escondeu estava intacto, como se a guerra o tivesse deixado de lado. Aí encontrou roupas civis, documentação e conservas suficientes para subsistir durante esses meses.

Poucos dias após o inesperado regresso de Ulrich, Makárov apresentou-se de improviso na casa. Ia acompanhado pelo uzbeque e carregado com mais provisões. Foi Hans a abrir.

– Mamã! – gritou o rapaz, com o susto gravado no rosto e sem deixar de olhar para o tenente, que, como era seu costume, esfregava conscienciosamente as solas das botas no tapete da entrada antes de aceder ao vestíbulo. – Está aqui o tenente Makárov!

Claudia, sobressaltada e com o coração acelerado, dirigiu-se ao quarto onde Ulrich dormia para curar a bebedeira da tarde anterior.

Sacudiu-o para o acordar.

– Ulrich, acorda... Não saias daqui – sussurrou, quando ele finalmente abriu os olhos vermelhos. – Está ali um oficial russo. Não saias ou prender-te-á, estás a ouvir?

– Mamã! – gritou novamente Hans.

– Já vou! – respondeu ela, erguendo a voz sem tirar os olhos do seu pasmado marido, que começava a compreender aquele alarme.

Claudia afastou-se pondo-lhe a mão na boca, para que não fizesse barulho. Finalmente, saiu para o corredor e deparou-se com o russo, que a cumprimentou com um toque na testa e um grande sorriso.

– Tenente... não estávamos à sua espera.

– Prometi que não me ia embora sem me despedir. O meu destacamento parte ao meio-dia rumo à Rússia. Trouxe algumas coisas que lhes serão úteis.

O uzbeque já estava na cozinha a depositar a carga.

– Apetece-lhe um chá? – No momento em que o oferecia, Claudia deu-se conta do seu erro e susteve a respiração para o caso de ele aceitar.

– Obrigado, mas temos de ir. Agradeço muito a sua hospitalidade e a das suas vizinhas. Foi um prazer partilhar um pouco de vida convosco... – O tenente aproximou-se, pegou-lhe na mão e beijou-lha nas costas. – Principalmente consigo, Claudia. É uma mulher encantadora. Qualquer homem se poderia apaixonar só de a olhar nos olhos.

Claudia retirou bruscamente a mão ao avistar, nas costas do russo, os olhos de Ulrich fixos nela, intimidada pelo ódio que irradiava daquele olhar.

– Um russo a cortejar a minha mulher na minha própria casa... Incrível.

O tenente virou-se, alertado pela voz inesperada.

– Saia da minha casa...! – vociferou Ulrich, cuspidando ódio nas suas palavras.

Makárov lançou um olhar frio a Claudia.

– Por favor, tenente, não o denuncie... Imploro-lhe...

Após alguns segundos de tensão, o oficial inclinou-se ligeiramente diante dela.

– Desejo-lhe sorte, Claudia, vai precisar.

Saiu da casa seguido pelo assistente, sem fechar a porta.

Krista regressava de trocar as senhas de racionamento quando viu os dois russos subirem para o jipe que os aguardava, acelerando e desaparecendo da sua vista. Alerta para a possibilidade de o tenente se ter cruzado com Ulrich e para as consequências que isso poderia trazer, subiu a correr ao segundo andar. A porta estava entreaberta. Discretamente, empurrou-a e entrou no vestíbulo, mas parou ao ver Hans e Jenell acorados ao fundo do corredor, colados um ao outro, com o desassossego gravado nos rostos. Ouviam-se gritos vindos do salão. Krista sentiu que os separava um abismo insuperável: de um lado estava ela; do outro, os meninos. Hans fitava-a, muito sério, o rosto consternado. A menina mantinha-se colada a ele, protegida pelo seu abraço.

No interior do salão, Ulrich, descalço e em trajes menores, tinha um aspeto grotesco. Estava muito perto de Claudia e falava-lhe com desprezo.

– Andaste a deitar-te com um sujo bolchevique enquanto eu arriscava a vida para acabar com eles.

– Achas que não me arrisquei também?

A agressão não a apanhou desprevenida, mas foi tão violenta que a atirou ao chão. Ficou encolhida, com a testa colada à alcatifa, a recordar tudo o que tinha sofrido, as vezes que o seu corpo havia sido ultrajado, o que tivera de padecer e a tremenda injustiça que aquele golpe significava. Virou-se para ele, furiosa.

– Ter-me-ia deitado com ele se mo tivesse pedido. Violaram-nos, humilharam-nos, mataram muitas de nós e outras tantas não o conseguiram suportar... E agora vens tu armado em marido ofendido e ferido na tua dignidade. Onde estavas enquanto me forçavam? – Ergueu a voz, com um laivo de desprezo no olhar. – Vai para o inferno, Ulrich.

– És uma cabra desavergonhada. Metes-me nojo.

– Pouco me importa o que pensas de mim.

Encolerizado, Ulrich avançou para ela com a mão erguida e a intenção de lhe voltar a bater.

– Se me voltas a tocar, denuncio-te aos russos – garantiu-lhe ela.

Ulrich travou em seco, o olhar feroz, o braço erguido, ameaçador.

– Não o farás – sentenciou, baixando o braço. – Não deixarás os teus filhos sem pai.

– Não são teus filhos, Ulrich. – A voz de Claudia tinha-se tornado mais melodiosa, exultante por poder finalmente atirar-lhe com aquela verdade. – Nunca os pudeste ter. És estéril desde os quinze anos em consequência da papeira de que sofreste. Confessou-mo o teu pai quando estava grávida do Hans.

Por alguns segundos, reinou um silêncio avassalador.

Krista viu o estremecimento das duas crianças.

– Mentos! – rugiu Ulrich no salão.

– Não são teus filhos – repetiu ela, com uma certeza esmagadora. – Será que não vês? Nenhum dos dois tem nada a ver contigo. São tudo o que tu não és.

Krista sentia um forte palpar nas têmporas, a respiração suspensa. Dirigiu o olhar para o outro lado do corredor. Hans fitava-a e ela estremeceu ao descobrir nos olhos daquele rapaz os de Yuri; evitou-o, assustada com a dura realidade. Deu meia-volta, dirigiu-se muito lentamente à porta e subiu para sua casa.

A partir daí, as coisas pioraram para Claudia. Ulrich dedicou-se a receber em casa dois companheiros de batalha que, tal como ele, tinham conseguido fugir às garras dos bolcheviques. Os homens comiam e bebiam sem moderação, como se a abundância estivesse assegurada, e ela desesperava ao ver como minguava a despesa, mas pouco podia fazer a não ser calar-se e cozinhar para eles. Os filhos passavam o dia na rua, enfiados no quarto ou refugiados em casa de Krista. A sua mãe não queria que estivessem presentes no ambiente obscuro e vulgar em que se moviam os três oficiais das SS.

O dia tinha sido quente e começava a entardecer. Krista e Angela Blumenfeld estavam há já bastante tempo sentadas no salão. A pequena Jenell fazia-lhes companhia, brincando com a sua boneca. O rádio que Angela trouxera de sua casa enchia o ambiente com música de Bach. A idosa cosia uma saia e Krista tentava ler um livro, ainda que lhe custasse concentrar-se, pois há já algum tempo que as janelas abertas para a rua soltavam gritos e cantos da farra celebrada no segundo andar.

– Pobre Claudia – murmurou a senhora Blumenfeld em voz baixa, para que a menina não a ouvisse. – Não sei o que vai ser dela. Ontem, o Hans disse-me que passa o dia a chorar. – Olhou para Jenell, que parecia ausente no seu mundo de brincadeiras. – E estas crianças estão tão tristes... Parece mentira que isto esteja a acontecer.

Subitamente, ouviram-se gritos e pancadas. Krista dirigiu-se à janela. A falta de vidros tinha roubado a intimidade às casas. Os insultos de Ulrich ouviam-se em toda a rua e os gritos de Claudia abalaram-na. Virou-se para Jenell, que a fitava, assustada, com a boneca colada ao corpo, à beira do choro.

A jovem reagiu e dirigiu-se à porta.

– Krista, não! – implorou Angela Blumenfeld, correndo atrás dela, alarmada. – Não te metas, por amor de Deus, não te metas...

Mas ela desceu as escadas e bateu à porta com força.

– Claudia! Abre, Claudia!

Não obteve resposta, pelo que continuou a bater até que a porta se abriu. Ulrich apareceu, com os olhos injetados de sangue e toldados pelo álcool, a franja suja e despenteada a cair-lhe para a testa, sem camisa e com uma garrafa de *vodka* na mão.

– Outra pega. – A sua voz era fanhosa, de bêbedo. – E o que queres tu? Juntar-te à festa?

– Onde está a Claudia?

– A Claudia está onde tem de estar. – Nesse momento, ouviram-se risos de homens e um gemido de Claudia. Ulrich inclinou a cabeça com um esgar malicioso. – Dá aos meus amigos o mesmo que deu a esses porcos bolcheviques. – O seu corpo cambaleava

de um lado para o outro. – Tu também tens experiência. Se quiseres entrar...

Krista, desafiadora e sem se amedrontar, enfrentou-o.

– Seu cabrão, seu filho da puta! – Ergueu o dedo indicador e apontou-lho. – Vou denunciar-te. Prender-te-ão e vais pagar pelos teus crimes.

Ulrich agarrou-a violentamente pelo pescoço e aproximou-se tanto que ela sentiu o cheiro rançoso do seu hálito.

– Atreve-te a fazê-lo e eu mato-a... A ela e àqueles bastardos.

Krista fitou aqueles olhos cheios de ódio, que lhe confirmavam que cumpriria a sua ameaça. Ulrich soltou-a e empurrou-a com brusquidão antes de fechar a porta com uma forte pancada.

Ficou imóvel, a ouvir golpes, gritos e gargalhadas que a música não abafava. Sentia-se a morrer de raiva. Desolada, deixou-se cair no degrau.

Angela Blumenfeld desceu até junto dela e sentou-se ao seu lado. Pegou-lhe na mão e acariciou-a com carinho.

– Porque somos sempre nós a levar com a pior parte, Angela?

A senhora Blumenfeld, carinhosa, passou-lhe o braço por cima dos ombros.

– A Claudia é muito mais forte do que pensamos. Resistirá a isto.

Cabisbaixas, as duas mulheres voltaram a subir ao terceiro andar, onde Jenell as esperava com a boneca pendurada da mão.

– E a minha mamã? – perguntou ela, com um triste mimo.

– Depois vais vê-la, minha querida – respondeu a velha Blumenfeld com um beijo. – Agora tu e eu vamos preparar um daqueles bolos de que tanto gostas. Queres? – Pegou-lhe na mão e conduziu-a ao interior.

Antes de entrar, Krista espreitou para o vão da escadaria, desconsolada.

Anoitecia quando ouviram sair pelo vestíbulo os convidados da festa. Krista espreitou. Dois homens afastavam-se pela rua, embriagados, a passo inseguro, com o casaco despido, a camisa de fora, cantando a estridentes berros. Voltou a sua atenção para

as janelas do segundo andar. Tudo parecia estar tranquilo. A festa tinha acabado.

Nesse momento, bateram à porta. Krista foi a correr abrir, pensando que podia ser Claudia, mas era Hans, que ia buscar a sua irmã.

– A tua mãe está bem? – perguntou ela, ansiosa.

– Não sei – respondeu o rapaz, muito sério. – Ainda não a vi.

Agarrou na mão da irmã e foram ambos para casa.

Por volta da meia-noite, quando estava prestes a ir para a cama, Krista ouviu várias batidas na porta. Ao abri-la, deparou-se com Hans, com os olhos carregados de um profundo desencanto. Segurava a irmã nos braços, agarrada à sua boneca com candorosa força. Estavam os dois de pijama. Com o braço livre, Hans segurava o corpo maltratado da mãe, que mal se sustinha em pé, os ombros encolhidos, cabisbaixa, o rosto pisado dos golpes e aquele olhar perdido, infinitamente perdido.

Varsóvia, amanhecer do dia 5 de junho de 1945

Caro Yuri,

Espero que chegues a ler estas letras e que o destino te dê a oportunidade que a mim me recusa. Com essa esperança, quero que faças algo por mim, algo que me parte o coração. Peço-te que faças chegar esta medalha aos meus pais. Vivem em Brienz, uma pequena aldeia na Suíça perto de Interlaken. Sei que passaram a guerra relativamente tranquilos e que aguardam ansiosamente o meu regresso. Mas as coisas nem sempre correm como tínhamos planeado. Diz-lhes que os amei com toda a minha alma, que foram os melhores pais que um filho poderia ter; diz à minha mãe que lamento não lhe ter dado os tão desejados netos e que me dói na alma a dor que lhes causei. Se lhes enviasse eu isto diretamente, sei que não o receberiam nunca, e não suporto a ideia de que esperem pelo meu regresso em vão...

Nestas últimas horas da minha vida, continuo agarrado aos meus princípios, em que continuo a acreditar, e parto deste mundo satisfeito com a defesa que deles fiz. Mas numa coisa devo dar-te razão: nas mãos de um tirano, até os mais elevados ideais acabam convertidos em tirania.

Peço-te que não te culpes pelo meu trágico fim. Não lhes dêmos essa satisfação. Estávamos os dois condenados quando te encontrei em Kolimá. Oxalá te salves, Yuri, porque assim o meu sacrifício terá valido a pena.

Amanhã, tudo terá terminado para mim. Morrerei num belo amanhecer de maio...

Cuida de ti, Yuri, e se acabares por conseguir redimir-te de tanta maldade, vive com intensidade a vida que eu não pude viver.

*Axel Laufer
Moscovo, 10 de maio de 1945*

Yuri dobrou a folha e voltou a olhar para a medalha que Axel lhe tinha enviado. A carta estava dentro de outro envelope dirigido ao marechal Konstantin Rokossovski, que lhe entregara sem dizer nada, ainda que a missiva de Axel tivesse sido aberta. Aquela morte tinha-lhe provocado um pesar mais profundo do que a expectativa da sua própria execução. Apesar da tentativa de o absolver, o mais provável era que tivesse sido o seu empenho em tirá-lo de Kolimá a principal razão a levar à sua morte, e isso mordia-lhe a alma e causava-lhe uma dor intensa e frenética que lhe havia amargado as últimas horas que lhe restavam de vida.

Era dia 5 de junho e a sua ordem de execução continuava de pé.

Levantou-se, dirigiu-se à janela e abriu as grossas cortinas. A leste, o céu começava a clarear, anunciando um novo dia. Observou por alguns momentos aquele horizonte rosado, tentando controlar a ansiedade que o sufocava. Pensava com tristeza em como não poderia cumprir o que Axel lhe pedia na sua carta, o que lhe causava uma frustração adicional. Havia passado cinco meses desde a última vez que o vira. Após aceitar a sua proposta de se juntar ao Exército Vermelho como intérprete, tinham viajado juntos para Moscovo. Axel fora com ele prestar juramento a Estaline e ao NKVD. Ciente da aversão que sabia que aquele trâmite lhe ia causar, aconselhara-o a que, ao fazê-lo, enchesse a sua consciência de Krista, tendo-a apenas a ela na cabeça, alheio às palavras que lia num papel e lhe saíam da boca. Depois, entregou-lhe o uniforme do exército, a casaca, as calças, as botas, a quente *ushanka* de pele com a estrela vermelha cosida. Yuri foi envergando cada peça como quem vestia uma mortalha, com hesitação e desagrado. Não lhe passara pela cabeça fugir; sabia que qualquer deslize da sua parte seria pago por Axel com a vida. Mas de nada servira a lealdade à Rússia. Nem a de Axel nem a sua, apesar de tudo. Invocou a memória das suas últimas palavras ao despedir-se.

– Tenho de me apresentar hoje mesmo na Lubianka – dissera-lhe Axel, circunspecto.

Ambos sabiam que não era uma boa notícia. A origem alemã de Axel tinha-o posto em evidência há já muito tempo; o que, somado à insistência em tirar Yuri de Kolimá, atraía a atenção de um dos guardas, que havia informado Moscovo. A carta que tinha nas mãos confirmava-lhe que a sombra aleivosa de Petia Smelov acabara por alcançar também Axel Laufer.

Um agradável aroma a café acabado de fazer devolveu-o ao presente. Deixou escapar um longo suspiro, introduziu a medalha e a carta no gasto envelope com o seu nome escrito, guardou-o e saiu para o corredor daquela casa ocupada pelo oficial do NKVD a quem servia de intérprete e tradutor em Varsóvia desde finais de janeiro, uma vez libertada a cidade dos nazis pelo exército soviético. Além de Yuri e do oficial, tinham-se instalado ali dois soviéticos e um polaco com a missão de classificar e emitir relatórios sobre toda a documentação apreendida aos nazis, agora amontoada sobre a secretária outrora pertencente ao antigo dono da casa, um eminente advogado judeu desaparecido para sempre da face da Terra juntamente com a esposa e os seus cinco filhos.

Musya Kuznetsova, a soldado russa ajudante do tenente que era quem tinha posto a cafeteira a aquecer, preparava com o esmero de uma amante o pequeno-almoço do oficial.

Yuri sorriu ao entrar. Pegou numa chávena e encheu-a até à borda de café fumegante. Depois sentou-se e envolveu a chávena com as mãos. A rapariga fitava-o enquanto barrava compota numa fatia de pão negro.

– Estão à tua espera lá em baixo para te levar ao posto de comando.

– Que madrugadores – murmurou Yuri, irónico.

A ordem do marechal Konstantin Rokossovski tinha chegado na tarde anterior à última hora. O oficial a quem servia havia-lho comunicado com voz fria, distante. Tinha de se apresentar no posto de comando ao amanhecer.

– Talvez não aconteça – murmurou ela.

Yuri deixou escapar um sorriso sardónico.

– Há muito tempo que deixei de acreditar em milagres.

– Serviste Estaline como todos nós. Não te podem fazer isto.

– Não servi ninguém, Musya, e muito menos Estaline.
– Pois não é justo – protestou ela, insistente, o rosto contraído pela tristeza.

Yuri, ensimesmado, rendido à inelutabilidade do seu destino, falou com voz apagada.

– Alguém me disse em tempos que a Rússia cumpre sempre.

Levou a chávena aos lábios, soprou um pouco e bebeu um gole. O líquido amargo e quente desceu-lhe pela garganta até chegar ao estômago. Soube-lhe bem.

– Quando era pequena – disse ela –, a minha mãe ensinou-me uma oração às escondidas do meu pai. Hoje, rezá-la-ei por ti.

Ele esboçou-lhe um gesto de gratidão.

Tirou a carta do bolso, pegou num lápis que havia em cima de uma bandeja e escreveu no envelope, debaixo do seu nome: «Julius Laufer. Brienzen, Suíça».

– Farias uma coisa por mim? – perguntou-lhe.

– O que quiseres.

– Encarrega-te de que isto chega ao seu destino. É importante para mim. Fá-lo-ás?

Ela assentiu. Pegou na carta e meteu-a ao bolso. Depois agarrou na bandeja e saiu da cozinha, apertando os lábios para engolir o choro.

Yuri terminou o seu café. Não comeu nada. Preferia o estômago vazio, assim evitaria o vômito se a angústia o dominasse. Lavou-se, vestiu a jaqueta soviética, calçou as botas negras de pele lustrosa, enfiou o gorro com a estrela e saiu novamente para o corredor. Aí, deparou-se com a soldado que, após ter deixado o pequeno-almoço no quarto do oficial, o esperava, desolada por aquela despedida definitiva. Yuri Mijáilovich tinha sido amável com ela, tratara-a com respeito e carinho, algo pouco habitual entre os seus colegas. Sentia por aquele meio-russo o mesmo amor que pelo seu querido irmão, que perdera na guerra dois anos e meio antes. Aqueles poucos meses ao seu lado tinham-lhe devolvido a fé no ser humano.

Olhava-o com arroubo, tentando gravar na memória a imagem daquele homem antes que também o arrancassem da sua vida.

Sem aviso, lançou-se nos seus braços por um mero instante, afastando-se depois de imediato, envergonhada por aquela fraqueza afetiva. Ficaram frente a frente. Yuri observou-a com pena: ela era ainda muito jovem, com apenas vinte anos, de origem bielorrussa; havia perdido a mãe quando tinha nove anos, ficando ela e o irmão mais velho aos cuidados de um pai rude e bêbedo que os pôs aos dois a trabalhar no campo, pelo que não pudera aprender a ler nem a escrever. Yuri sabia que isso a envergonhava, apesar de ser esperta e resoluta. Após saber da morte do irmão na sangrenta batalha de Estalinegrado, Musya tinha-se alistado no exército soviético como mulher de campanha, disposta a vingar a memória do seu saudoso irmão na Grande Guerra Patriótica. Lutara como qualquer outro soldado, arrastando-se pela lama, disparando, salvando vidas de companheiros, corajosa e atrevida no combate. Com a rendição da Alemanha e o final da guerra, Musya Kuznetsova deixara de ser soldado para o exército russo, transformada de novo em mulher, despojada de todo o heroísmo atribuído aos seus companheiros varões. O tenente ao qual estava adscrita tratava-a bem, sempre atento e respeitoso, não tinha nenhuma queixa contra ele, mas ela não participara na guerra para acabar a lavar as cuecas de um oficial, nem para lhe servir de desafojo na cama, ciente de que este esqueceria até o seu nome assim que regressasse a Moscovo, para os braços da sua adorada esposa, que já o esperava.

Yuri deu-lhe um fraternal beijo na testa.

– Nunca te esqueças de que o amor e a esperança são infinitamente mais poderosos do que o ódio e a fúria.

A rapariga fitou-o com os olhos marejados de lágrimas, o queixo a tremer. Yuri esboçou-lhe um sorriso, virou-lhe as costas e saiu. Na rua, aguardava-o uma patrulha de soldados armados. Parou no passeio. Respirou o ar fresco e ergueu os olhos para o céu, onde já brilhavam os primeiros raios de sol. Não se via uma só nuvem naquele luminoso horizonte; um esplêndido dia de primavera, pensou, o seu último amanhecer.

Subiu para o lugar do copiloto do *Bantam BRC-40*, um dos muitos veículos que o exército russo tinha recebido dos Estados

Unidos para vencer o temido nazismo. Os seus guardiões fizeram o mesmo. O que ia ao volante ligou o motor e iniciaram a marcha com destino ao posto de comando. Não viu Musya Kuznetsova sair do átrio.

Um ano antes, em Varsóvia, a resistência polaca tinha-se rebelado contra a ocupação dos nazis, mantendo os alemães em xeque durante mais de sessenta dias. O levantamento resultou na morte de centenas de milhares de civis polacos, na sua maioria executados, e na destruição até aos alicerces de grande parte da cidade. Cinco meses após a libertação pelo exército soviético, o aspeto de Varsóvia continuava a ser avassalador: ruas devastadas, ruínas calcinadas onde antes se erguiam belas casas senhoriais, esqueletos de edifícios por cujas paredes mutiladas se viam restos da vida decorrida no que antes haviam sido cálidos lares, montes de entulho e escombros de diferentes tamanhos amontoados nos passeios.

Ao chegar à porta do posto de comando, Yuri desceu do jipe de um salto. Voltara a recuperar peso e forças. Havia desaparecido as câibras e tonturas a que a fome e o frio de Kolimá o tinham habituado. Desde que vestia o uniforme do Exército Vermelho, a sua vida mudara radicalmente, e tudo graças a Axel, que arriscara a vida por ele e a tinha perdido. No seu novo posto, havia acompanhado o marechal Konstantin Rokossovski no avanço até Varsóvia, sempre ao seu lado para traduzir qualquer ordem a prisioneiros capturados, civis libertados ou relatórios intercetados. Bem alimentado, bem agasalhado e deslocando-se sempre de carro, não podia queixar-se de como a vida o tinha tratado naqueles últimos meses, um paraíso em comparação com as suas vivências na Sibéria, se não fosse pela violência exercida pelos soviéticos a que assistira, não só contra o soldado inimigo, mas também contra a população civil, e principalmente a crueldade brutal contra mulheres de todas as idades. A impotência ante tanta injustiça corroía-lhe a alma, obrigado a fechar os olhos para não ver, a virar a cara para não contemplar a brutalidade espalhada em seu redor. Recordava com pesar a forma como tinham sido recebidos pelos famélicos cidadãos de Varsóvia naqueles dias frios

de janeiro, que lhes ofereceram água, leite, flores, esperançosos e agradecidos por os terem libertado do jugo mortal dos nazis. Pobres iludidos, pensava Yuri com compaixão infinita, julgavam sair do inferno e viram-se novamente atirados para um arbitrário e cruel ajuste de contas.

Entrou no edifício reabilitado para os oficiais do Exército Vermelho. Escoltado por um dos soldados, chegou à porta do marechal Rokossovski. Bateu e entrou ao ouvir a ordem dada a partir do interior.

O marechal tinha a cabeça inclinada para um papel em que escrevia e ergueu por um instante o olhar para o recém-chegado, interrompendo a escrita; depois, devolveu de imediato a sua atenção ao texto.

Yuri manteve-se em posição de sentido até que Rokossovski passou um mata-borrão sobre a sua própria assinatura. Nesse momento, voltou a erguer o rosto. Falou-lhe com gravidade.

– Yuri Mijáilovich Santacruz, sabes para que te chamei. Estás preparado?

– Pode alguém preparar-se para isso?

O marechal fitou-o com uma expressão magnânima.

– Comigo cumpreste, Yuri Mijáilovich, mas as ordens de Moscovo são taxativas. Beria exige-me o teu cadáver. – Apontou com o dedo para o papel que tinha em cima da mesa. – Neste relatório, está escrito o teu nome, a hora do teu enforcamento e o meu juramento de que a execução foi realizada...

– Marechal Rokossovski – Yuri não pôde evitar interrompê-lo –, será melhor que acabemos com isto o quanto antes.

O marechal observou-o, pensativo. De seguida abriu uma das gavetas da secretária, tirou um papel, levantou-se, contornou a mesa, aproximando-se dele, e estendeu-lho.

– O que é? – Não se decidia a pegar-lhe.

– Tens uma hora para desaparecer.

Inquieto, Yuri pegou no papel, sem entender o que estava a acontecer.

– Como assim?

– É um salvo-conduto que te permitirá viajar para oeste como refugiado.

– Vai faltar ao seu juramento? – perguntou ele, perplexo.

Konstantin Rokossovski arqueou as sobrancelhas com um esgar.

– Temo que não haja outro remédio.

– E o cadáver?

– Posso enviar-lhe centenas – respondeu o militar, com ar arrogante. – Volta para casa – acrescentou com benevolência. – De certeza que há algures uma mulher bonita à tua espera.

O rosto de Yuri ensombrou-se.

– Não estou certo disso... Passou demasiado tempo e aconteceram demasiadas coisas.

– Se não fores, nunca saberás. És livre, Yuri Mijáilovich.

Yuri estremeceu ao ouvi-lo. Há cinco anos que o tinham privado da sua liberdade, perdida a capacidade de decidir o que fazer, onde ir, quando dormir e quando acordar, de decidir o que comer e o que beber. Fora um autómato nas mãos dos seus guardiões, dos quais dependia até para respirar. E subitamente, com aquela frase de Rokossovski, voltava a ter futuro, recuperava a humanidade, tinha enganado a morte.

– Livre – murmurou, embargado por uma calma interior quase esquecida. – Sou livre...

– Assim é – reiterou o marechal, regressando ao seu lugar. Pegou num cigarro e acendeu-o. – Deves saber que, para a União Soviética, Yuri Mijáilovich Santacruz está morto. Não poderás regressar nunca.

Após uma pausa intencional, Yuri falou-lhe com uma consciente e serena solenidade.

– Marechal, devo-lhe a vida.

O oficial semicerrava os olhos devido ao fumo do cigarro que se erguia diante do seu rosto.

– Estou farto de mortes. Lutei desde o primeiro dia nesta Grande Guerra Patriótica sob as ordens de Estaline. Ganhámos a guerra e muitos dos vencedores que regressam às suas casas estão a ser detidos, enfiados em comboios e enviados para

Magadan com uma pena de dez anos. Não tenho de te dar explicações do que aí se vive.

– Por que razão? – perguntou Yuri, ciente de que na União Soviética não era precisa uma razão para se ser detido, mas todos pensavam que, uma vez terminada e vencida a guerra, as coisas mudariam. Muitos dos soldados com quem havia partilhado tempo durante aqueles meses tinham-lhe comentado isso. Tudo seria diferente. Estaline devia estar orgulhoso da fervorosa luta do seu povo.

– Podem ser muitas e muito variadas – respondeu o marechal, encolhendo os ombros. – Ter-se sido preso alguma vez pelos alemães, sair com vida dos campos de concentração nazis. – Fitou-o com os olhos cheios de dor. – Os que viram como são as casas e as estradas aqui, como se vive sem o comunismo... Tornámo-nos todos um perigo para o pai Estaline, uns traidores merecedores de castigo. Temo que seja esse o meu destino. Não seria novo para mim: tal como tu, também eu fui tirado de Magadan para fazer a guerra... a sua guerra; uma vez ganha, já não lhe servimos. – Desviou o olhar, envergonhado por se sentir comovido. – Se tiver de voltar para lá, gostaria que alguém me recordasse com gratidão. Seria a única forma de sobreviver num sítio tão frio. Não achas?

– Estou convencido – afirmou Yuri. – Obrigado, marechal.

Por um momento, o oficial soviético manteve os olhos fixos em Yuri. Em seguida, baixou o rosto para os papéis que tinha na mesa, alheando-se da sua presença.

Yuri dirigiu-se lentamente à porta, indeciso, sem poder acreditar no que estava a acontecer. Tinha a sensação de ter perdido o costume de pensar por si mesmo, de assumir as rédeas da sua própria vida.

Saiu para a rua. Ninguém o esperava para o vigiar, não havia guardas. Sem poder acreditar, olhou em volta. Começou a andar com a respiração suspensa, à espera que o mandassem parar a qualquer instante ou que um tiro nas costas o abatesse. Livre, livre, repetia a cada passo que dava, livre, livre, os seus lábios abriam-se para pronunciar a palavra como se fosse o combustível que impelia o seu avanço.

Uma presença nas suas costas sobressaltou-o. Yuri virou-se e deparou-se com Musya Kuznetsova, o seu rosto sorridente, radiante, feliz por vê-lo.

– Estava convencida do poder da oração que a minha mãe me ensinou.

Sem poder evitar, precipitou-se para ele e abraçou-o, uma atitude fraternal que apanhou Yuri desprevenido.

– O que fazes aqui? – perguntou ele, quando finalmente pôde ver de novo os seus olhos brilhantes de júbilo. – O tenente vai dar pela tua falta.

Ela encolheu os ombros sem deixar de sorrir.

– Tinha um pressentimento... – Levou a mão ao bolso, tirou o envelope e estendeu-lho. – Acho que já não precisas de mim para isto.

Yuri guardou a carta de Axel com uma expressão satisfeita. A rapariga não dizia nada, fitava-o e sorria àquele a quem considerava como um irmão miraculosamente arrancado às garras da morte quando esta já o tinha preso.

– Tenho de ir – disse ela, por fim. – Escrever-me-ás?

– Claro – respondeu Yuri, afável. – Diz-me para onde o posso fazer.

Musya deu-lhe o nome da rua de Hatsuk, a sua aldeia na Bielorrússia.

– Lembrar-te-ás? – perguntou ela.

– Não me esquecerei, mas tens de me prometer que vais aprender a ler e a escrever para leres as minhas cartas e me escreveres também. Fá-lo-ás?

– Fá-lo-ei – respondeu ela, com alegre firmeza. – Prometo.

Musya Kuznetsova deu meia-volta e afastou-se a correr. Yuri ficou a observá-la até que desapareceu. Era a outra face da moeda daquela Grande Guerra Patriótica que tinha chegado ao fim.

Últimos dias em Berlim... Manhã de segunda-feira, dia 15 de junho de 1945

Claudia e Krista estavam sentadas na cozinha com Jenell e Hans, que acabavam avidamente de comer o pão seco. A exígua ração de manteiga que haviam conseguido no dia anterior com as cadernetas de racionamento tinha-se diluído no primeiro bocado. Claudia dera-lhes parte do seu pão e Krista a sua porção de manteiga. As duas mulheres bebiam um chá quente com um pouco de açúcar que lhes reconfortava o corpo. Ao acabar com as últimas migalhas, Jenell perguntou em tom lastimoso:

– Não há mais?

– Lamento, filha... – respondeu a mãe, desolada por não poder alimentar os seus pequenos. – Temos de deixar um pouco para a noite, senão a fome não te deixará dormir.

A menina levantou-se sem vontade e saiu da cozinha, seguida pelo seu irmão Hans.

– Se não conseguir mais comida, acabará por adoecer – observou Claudia, ensimesmada. De repente, levantou-se, como se tivesse tomado uma decisão. – Vou lá abaixo ver o Ulrich, pedir-lhe-ei algumas das latas que há na despensa. Havia muitas, e batatas... Tem de mas dar.

Krista impediu-a.

– Não deves aproximar-te dele, Claudia. Sabes que não tas dará e pôr-te-ás em perigo.

Claudia olhou para a amiga com uma tristeza infinita, abanando a cabeça.

– Na realidade, não lhe posso exigir nada – murmurou, derrotada.

Haviam passado duas semanas desde que Claudia e os filhos se tinham refugiado no apartamento de Krista. Ao recuperar da bebedeira e perceber que haviam partido, Ulrich tinha atirado pelo vão das escadas toda a roupa de Claudia e dos meninos. Graças a isso, podiam vestir-se. O receio de ser preso mantinha-o escondido, não saía de casa para nada. Claudia sabia que tinha

provisões para aguentar várias semanas, se as administrasse bem. Apavorava-lhe a ideia de que lhes pudesse fazer mal, a ela aos meninos, por isso também mal saíam de casa.

Krista fitava-a, indecisa. A sua voz soou dócil.

– São dele, não são? – Procurou os olhos de Claudia, a sua cumplicidade. – Os meninos... são do Yuri? – Desde que a ouvira cuspi-lo a Ulrich que queria fazer aquela pergunta.

Claudia esboçou um sorriso triste e assentiu.

– Concebemos o Hans quando tu não estavas na sua vida. Mas a Jenell... – Baixou o olhar. – Lamento, Krista... Lamento muito.

Por cima da mesa, Krista estendeu a mão para a de Claudia, agarrou-a e apertou-lha com afeto.

– Temos sorte, Claudia, pensa bem... Ao menos resta-nos algo dele.

Interrompeu-as um grito do outro lado da casa, que inicialmente as alarmou. A senhora Blumenfeld corria pelo corredor dando gritos de entusiasmo.

– Água! Temos água!

Krista levantou-se e abriu a torneira da cozinha, após o que ficaram as três, com expressões arrebatadas, a ver como o precioso líquido corria aos tropeções, como que cuspidas das tubagens.

– Santo Deus – disse a idosa –, é como ver cair maná do céu. Que bênção.

– Acabou-se o carregar de baldes pelos três andares – observou Hans, que tinha entrado na cozinha juntamente com Jenell para se juntar ao feliz espetáculo.

– Poderemos tomar banho, enfiar o corpo todo na banheira – acrescentou Claudia com júbilo, imaginando a sensação. – Meu Deus, não posso crer...

Depois de festejarem a recuperação da água nas torneiras, os meninos voltaram para as suas brincadeiras, deixando as três mulheres a sós. Angela Blumenfeld serviu-se de um chá e sentou-se à mesa no preciso momento em que Claudia se levantava para recolher os pratos deixados pelos filhos e levá-los para o lava-loiça.

– A menina está muito magra – disse a idosa. – Devia beber um pouco de leite.

As cadernetas de racionamento distribuídas pelos russos não chegavam para saciar a fome de uma população que já arrastava muito tempo de jejum e privações. Angela e Krista encarregavam-se de trocar as rações e havia dias em que regressavam com as mochilas meio vazias porque tinham acabado ou não haviam chegado gêneros suficientes. A senhora Blumenfeld fazia milagres com as batatas e a pasta de ervilhas, além das urtigas que apanhava pelo caminho para dar um pouco de sabor aos caldos. A ração de carne era dividida dando uma quantidade maior às crianças. Mas a verdade era que mal tinham com que saciar a fome ao início da manhã. Estavam todos pele e osso, ainda que a mais débil fosse Jenell; tinha sempre fome, estava sempre cansada, passava horas sentada na poltrona sem fazer nada, e a sua mãe começava a ficar muito preocupada com ela. Tal como a senhora Blumenfeld.

Após um longo e pesado silêncio, a idosa tirou do bolso um saco de pano e verteu o conteúdo em cima da mesa.

– São as poucas joias que consegui recuperar de entre os destroços do meu quarto. O marido da minha prima Isabel conhece um joalheiro que compra todo o tipo de peças. Não valem muito, mas é ouro, alguma coisa nos darão.

Claudia virou-se para olhar para a mistura de correntes, anéis, pregadeiras e medalhas que tinha saído da bolsa de pano. Via-se que eram peças de escasso valor, lembranças de uma infância longínqua.

– Senhora Blumenfeld – disse ela, enternecida –, agradeço-lhe de coração, mas não posso aceitar, são as suas recordações... Não posso aceitar.

Krista levantou-se, resoluta.

– Guarde tudo isso, Angela. Tenho algo que nos pode livrar de apuros durante algum tempo. – Saiu da cozinha e regressou com o relógio de Hitler que Ernestine Rothman lhe tinha entregado antes de ser destruída por um obus. Pô-lo em cima da mesa. – Afinal, talvez possamos tirar algum proveito de Hitler.

Hans apareceu à porta da cozinha, alarmado.

– Chegaram soldados russos. Estão a entrar no vestíbulo.

Claudia agitou-se, assustada. Krista levantou-se e dirigiu-se a ela.

– Espera aqui. Vou ver o que se passa.

Saiu para o patamar. Ouvia-se um retumbar de passos que subiam. Espreitou para o vão da escadaria e viu meia dúzia de homens parar no segundo andar. Batidas à porta, gritos a ordenar que a abrissem. Também Eva Bauer saiu.

Um tiro sobressaltou-as. Tinham rebentado a fechadura e os gritos e ordens continuavam. Krista viu como tiravam Ulrich de casa e o levavam aos empurrões para a rua. Uma algazarra alastrou por todo o vestíbulo. Krista precipitou-se escadas abaixo. Quando ia a sair, viu como os soldados encostavam Ulrich à parede do edifício em frente. Não resistia, mantinha-se firmemente de pé, desleixado, em camisa, descalço e com as calças sujas. Quando o pelotão lhe apontou as armas, pôs-se em sentido, ergueu o braço e gritou *Heil Hitler!* no preciso momento em que uma curta rajada crepitava e Ulrich von Schönberg caía como uma marioneta a que subitamente cortam os fios. O que tinha dado a ordem aproximou-se do caído, apontou-lhe uma pistola e disparou para a cabeça. O corpo de Ulrich sacudiu-se ligeiramente no solo. Em seguida, os homens subiram para o veículo que os levara e partiram. Fora tudo tão rápido que quase ninguém se mexera. Um lúgubre silêncio apoderou-se da rua. As pessoas espreitavam, mas ninguém se aproximou. Krista mantinha-se imóvel no passeio. Claudia apareceu junto dela, de olhos fixos no cadáver do que havia sido o seu marido.

– Quem o terá denunciado? – perguntou Krista, mais para consigo do que para alguém.

– Fui eu – disse uma voz nas suas costas. A filha dos Bauer observava também o morto, com um esgar malvado e vingativo. – Teve o que merecia. Por todo o mal que fez. – Dirigia-se a Claudia com o ódio gravado no olhar. – E tu safas-te porque tens dois filhos e eu não quero que haja mais dois órfãos. Mas és o mesmo lixo

que ele e viverás com isso o resto da tua vida. – Cuspiu com asco para Claudia, deu meia-volta e entrou no vestíbulo.

Paralisada, incapaz de assimilar tamanho desprezo, Claudia deixou-se guiar por Krista escadas acima, submersa num mar de culpa e de vergonha.

Tinha passado pouco mais de meia hora quando um *Studebaker US6* parou junto ao edifício, carregou o cadáver de Ulrich para a caixa do camião e partiu. Claudia continuava desnorteada, tanto pela sua repentina viuvez como pelo banho de realidade que tinha recebido de Eva Bauer.

– Nunca me irão perdoar... Estou marcada. A paz será para mim um inferno.

– Passámos por muito, Claudia. – A amiga tentava animá-la. – Seguiremos em frente, estou convencida de que juntas resistiremos a tudo. – As duas mulheres fitaram-se por alguns segundos. Krista sorriu-lhe. – Agora temos de arranjar maneira de conseguir mais comida, deve ser essa a nossa prioridade. – Levantou-se, decidida a sair. – Senhora Blumenfeld, diga-me onde tenho de ir para vender este maldito relógio.

Angela Blumenfeld indicou-lhe um local na Marienstrasse, muito perto da Karlsplatz, ainda que sem especificar o número, porque não o sabia. Krista fez-se ao caminho decidida a obter algum dinheiro com a venda daquele relógio que parecia arder-lhe no bolso só de pensar naquele a quem pertencera. A maioria dos edifícios da Marienstrasse tinham ficado reduzidos a um monte de escombros inabitáveis; a rua estava deserta e envolta num silêncio avassalador, tal como ainda acontecia em muitos cantos de Berlim carentes de pulsação humana, sem carros nem crianças a brincar, ausentes do quotidiano habitual, como se lhes custasse arrancar a crosta da morte. Procurou alguém que a pudesse ajudar a encontrar o estabelecimento de um joalheiro que fazia negócio com a miséria das pessoas. Um homem vasculhava no meio de um monte de lixo. Tinha aspeto de mendigo, mas naqueles dias era fácil ter esse aspeto, mesmo para o mais elegante dos cavalheiros. De má vontade, indicou-lhe um edifício de tijolo vermelho ao fundo da rua. Krista encontrou o local, mas estava fechado; bateu

insistentemente à porta, mas ninguém respondeu. Deu meia-volta e perguntou novamente ao homem; ele não sabia onde poderia estar esse joalheiro por que tanto perguntava.

Desolada, iniciou o regresso a casa, tateando o relógio no seu casaco. Quando entrou no vestíbulo, estava muito cansada, ardiam-lhe os pés e tinha a boca e a garganta ressequidas por uma sede intensa. Estava desejosa de se descalçar e de beber um copo de água. Ia a pensar nisso quando sentiu que alguém a agarrava violentamente pelo pescoço. Tentou gritar, mas uma mão calejada e malcheirosa tapou-lhe a boca.

– Não grites ou corto-te – sussurrou-lhe ao ouvido uma voz rouca.

Ficou quieta. Sentiu-o começar a apalpar-lhe o corpo e pensou que seria algum russo com vontade de se aliviar dentro dela, até que a mão parou ao tocar no relógio guardado no bolso. Krista virou-se inesperadamente e conseguiu libertar-se da força do abraço malfeitor. Ao virar-se, descobriu que se tratava do homem a quem pedira indicações na Marienstrasse. Tinha-a seguido até ali com a intenção de lhe roubar as joias que pretendia levar ao comprador de ouro. Krista gritou e o homem projetou o braço contra o seu corpo. Ela sentiu uma dor aguda no flanco, tão intensa que a dobrou ao meio, e o homem aproveitou a sua vulnerabilidade para lhe vasculhar o bolso do casaco até tirar o maldito relógio enquanto ela sufocava. Com o saque na mão, empurrou-a com força e Krista caiu contra as escadas. Viu-o fugir a correr.

Assustada, revolveu-se no chão. Sentiu o vestido ensopado, afastou a mão do corpo e viu que sangrava profusamente. Voltou a firmar a mão na ferida para tentar estancar a hemorragia. Viu a arma que ele lhe tinha espetado: um afiado pedaço de ferro cheio de ferrugem. Sabia que aquilo podia causar-lhe uma septicémia generalizada se não fosse tratado de imediato. Sem parar de pressionar a incisão, tentou levantar-se, mas falharam-lhe as pernas, como se os seus membros se estivessem a desligar pouco a pouco das ordens do seu cérebro. Conseguiu chegar ao primeiro patamar; ouviu então uns passos que subiam. Era Hans.

– Krista! – gritou ele, assustado.

– Vai buscar o médico do edifício da frente – instou-o ela, com um fio de voz.

Inicialmente, Hans não lhe deu ouvidos. Gritou com todas as forças para alertar a sua mãe, que desceu, seguida por Angela Blumenfeld. Só nesse momento Hans se separou delas para sair à rua em busca de auxílio.

Entre ambas, levaram Krista para cima e deitaram-na na cama. O velho médico chegou em dois minutos. Krista explicou-lhe a trajetória da punhalada e o perigo de infeção.

Com o exíguo material de que dispunha, o médico fez os possíveis para desinfetar e suturar a incisão.

– Precisas de tomar sulfamidas. Vou tentar arranjar-te algumas doses, mas o mais conveniente seria internar-te num hospital.

– Doutor, acho que me atingiu o pulmão – disse Krista, com pouco fôlego.

O médico tranquilizou-a e deu-lhe um calmante.

Quando terminou, Claudia ficou junto dela enquanto Angela Blumenfeld acompanhava o médico.

– Temos de a levar para um hospital – disse ele, enquanto lavava cuidadosamente as mãos sob a torneira da cozinha. – Têm linha telefónica?

A senhora Blumenfeld conduziu-o ao aparelho e o médico fez várias chamadas, sem sucesso. À quarta tentativa, desligou e virou-se para a idosa, que esperava ansiosamente por uma solução, com o semblante muito sério.

– No La Charité, dizem-me que vão tentar, mas tardarão. Estão sobrecarregados. Têm muito poucas ambulâncias e estão todas ocupadas.

– Mas a Krista precisa de cuidados...

– Disseram-me que enviarão uma assim que puderem. Não nos resta alternativa a não ser esperar. Entretanto, procurem que não se mexa. Volto daqui a pouco.

Yuri saltou da parte de trás do GAZ-67 em que tinha percorrido os últimos duzentos quilómetros do caminho até Berlim. Despediu-

se dos dois soldados que o haviam recolhido e que seguiam viagem. O condutor acelerou e o todo-o-terreno afastou-se, fazendo rugir o motor.

Olhou em volta. Estava no cruzamento da Hofjägerallee e da Tiergartenstrasse, muito perto da casa de Erich Villanueva. Tinha decidido ir vê-lo primeiro a ele a fim de saber com que situação se poderia deparar. Precisava de saber se recebera a carta enviada de Kolimá, se conseguira falar com Krista, saber como ela estava. Tinha de se preparar para um possível encontro, ainda que, com as brutalidades sofridas por Berlim, não descartasse que algum mal lhe pudesse ter acontecido. Além disso, estava com um aspeto andrajoso, coberto de sujidade, com a barba de vários dias, faminto e com as botas destruídas de caminhar durante muitos quilómetros até se cruzar com os soldados russos que se ofereceram para o transportar durante o último troço daquela viagem de regresso.

No bolso da sua casaca, guardava o salvo-conduto que o marechal lhe tinha dado e que lhe permitira deslocar-se sem incidentes até Berlim; junto a ele, a carta de Axel e a medalha. Numa pequena mochila, guardava os seus escassos pertences, uma maçã, meio tubo de leite condensado, um pedaço de pão escuro e um livro de poemas que encontrara nas ruínas de uma casa onde tinha passado uma das noites. Era esse todo o seu património. Há muito tempo que não era dono de nada, e tinha a sensação de não necessitar de mais nada a não ser de se lavar, barbear e vestir roupa limpa.

A manhã estava clara naquela Berlim arrasada. O sol aquecia com força e o verde do parque contrastava com a devastação de alguns dos edifícios da Tiergartenstrasse; outros pareciam ter tido mais sorte e erguiam-se como fortalezas redimidas da ciclónica destruição do fogo e das bombas. Um deles era o de Villanueva. Miraculosamente, mantinha-se quase intacto junto às ruínas dos prédios vizinhos, reduzidos a escombros enegrecidos pelo fogo.

Junto à entrada, estava estacionado um elegante *Hispano-Suiza* azul-escuro coberto por uma fina camada de pó. Agradou-lhe pensar que, apesar da guerra, Villanueva ter-se-ia sabido mover com acerto, como o grande sobrevivente que era.

A enorme fachada estava coberta de marcas de metralha e as janelas rebentadas não tinham vidros nem caixilhos. Entrou no vestíbulo, que ainda mantinha uma certa imponência, limpo, com o pavimento reluzente, algumas rachas nas paredes devido às bombas. Subiu ao segundo andar e parou junto à porta. Sentiu o coração acelerar ao bater com força. Esperou, atento a qualquer ruído vindo do interior. Não podia evitar os nervos, a ânsia de o voltar a ver, de saber dele, de lhe falar, de lhe dar um abraço.

Ouviu o ranger do soalho de madeira do outro lado da porta.

– Quem é?

Ficou surpreendido ao reconhecer a voz de Volker Finckenstein.

– Volker, é o Yuri Santacruz.

A porta abriu-se de imediato. Volker estava com um aspeto estupendo, bem nutrido, bronzeado, um pouco mais encanecido e com mais rugas em torno dos olhos. Vestia um elegante fato de alpaca cinzento, camisa branca e gravata de seda. Olhou Yuri de cima a baixo, sem poder acreditar. Sorriu, soltando o ar que tinha sustido ante a primeira impressão.

– Nem no meu pior pesadelo te teria imaginado vestido com esse uniforme.

Yuri arqueou as sobrancelhas e replicou com ironia:

– Dizem que o hábito não faz o monge, e eu de monge não tenho nada, garanto. Posso entrar? – acrescentou, ante a estupefação de Volker, ainda incapaz de assimilar a sua inesperada aparição.

Volker chegou-se para o lado e deu-lhe passagem. Fechou a porta sem deixar de o fitar.

– De onde vens tu?

– É uma história muito longa.

– O Villanueva tinha razão... Disse que voltarias, estava convencido de que te manterias vivo.

Yuri deu uma olhadela à casa, viu-a vazia, sem quadros, sem móveis à vista.

– Venho vê-lo a ele. Onde está?

Volker susteve-lhe o olhar por alguns segundos, cerrou o maxilar, esboçou um sorriso para o apagar imediatamente dos

lábios. A sua voz ouviu-se rotundamente.

– O Erich não sobreviveu. Morreu no verão de 1941, embora desconheça o dia.

Yuri sentiu que a sua mente se toldava. Partira do princípio de que o ia encontrar com vida ao ver o carro estacionado à porta (convicto de que pertencia a Villanueva), e ao verificar que a casa estava intacta e Volker com tão bom aspeto... Aquela maldita guerra continuava a dar-lhe bofetadas.

– Não sabia... – Engoliu em seco com amargura.

– Entra, temos muito do que falar. Mas primeiro devias lavar-te. Estás com um aspeto horrível – disse Volker, fitando-o com um esgar de nojo. Avançaram pelo amplo corredor até uma das portas, a mesma por onde tinha saído aquele rapaz nu no dia em que Yuri havia descoberto a homossexualidade de Villanueva. Volker parou diante dela. – Toma um banho. Vou emprestar-te alguma roupa. Imagino que estejas desejoso de tirar essa farda.

Yuri barbeou-se e tomou um banho reparador. Vestiu uma camisa e umas calças de desporto de Volker. Este também lhe deu uns sapatos com atacadores; calçavam o mesmo número.

– Cheguei a Berlim há uma semana – explicou Volker. – O meu apartamento desapareceu da face da Terra, por isso instalei-me aqui. Contratei várias mulheres para o arrumarem um pouco. A Gestapo saqueou a casa pouco depois de o Erich ter sido preso. Não restou praticamente nada dos seus pertences, nem roupa, nem artigos domésticos, nem naturalmente nada de valor. Só se safaram alguns móveis, e isso porque não terão tido forma de os levar ou utilizar.

Estavam numa ampla cozinha com um grande janelão sem vidros com vista para o parque. Volker tinha-lhe aquecido uma lata de carne de porco guisada. Pô-la diante de Yuri com uma colher.

– Não posso dar-te pratos, não resta nem um.

Yuri sentou-se e começou a comer enquanto Volker falava.

– Vim a Berlim para tentar retomar alguns dos negócios que a guerra deixou a perder, na zona ocidental, como é evidente. Pretendem dividir Berlim em quatro setores, imitando a segmentação de toda a Alemanha: a zona oriental ficará sob a

influência da União Soviética e a ocidental será dividida entre os americanos, os ingleses e uma pequena porção para os franceses. – Pegou num cigarro e acendeu-o. Pousou o maço em cima da mesa, deu uma longa baforada e soltou o fumo enquanto continuava a falar. – Estava na Suíça quando soube da detenção do Erich. Tentei procurar contactos que me ajudassem a salvá-lo, mas já estava condenado. Foi o filho quem o denunciou. Pelos vistos, chegou-lhe aos ouvidos a vasta fortuna que o pai tinha e pretendia tirá-lo do caminho. Enclausuraram-no no campo de concentração de Buchenwald e marcaram-no com o triângulo rosa dos homossexuais. Só tenho o testemunho de um preso que conseguiu sair de lá vivo e com o qual pude contactar em Munique há apenas um mês. A única coisa que me disse foi que sofreu muito... – Baixou os olhos, com ar circunspecto. – Isso, e que morreu de tudo um pouco: fome, fraqueza, desgosto...

Yuri tinha parado de comer, os olhos ausentes recordando a imagem de Villanueva, o seu rosto sempre risonho, sempre impoluto, tão vivaz e divertido. Afastou a lata e tirou um cigarro. Volker estendeu-lhe a chama do seu isqueiro.

– O que pensas fazer? – perguntou, ao fim de algum tempo.

– Primeiro, ver se a Krista continua viva. Depois deveria ir à Suíça, ainda que não saiba bem como o fazer. O salvo-conduto que me trouxe até aqui não é válido e não tenho passaporte.

– Aqui é impossível tratar disso; a embaixada espanhola fechou em março, mas posso conseguir-te um na Suíça. Conheço bem o novo embaixador espanhol, o Ángel Sanz Briz. Há um ano, teve de se encarregar da legação em Budapeste, e durante meses colaborei estreitamente com ele. – Fez uma pausa, pensativo, como se a sua mera recordação merecesse um respeitoso silêncio. – Esse homem salvou milhares de judeus húngaros. Lembras-te do Benjamin Newman, o nosso eficiente contabilista?

Yuri recordava-se vagamente, assentiu para que continuasse.

– Grande parte da sua família vivia em Budapeste, e, naturalmente, eram judeus. Quando, há um ano, começaram por lá os transportes em massa dos judeus para os campos de extermínio, o Sanz Briz urdiu um plano para salvar os sefarditas

com base num decreto de há vinte anos, aprovado durante a ditadura de Primo de Rivera, que os reconhecia como sendo espanhóis, e sendo espanhóis não podiam ser deportados. – Abanou a cabeça, recordando. – Foi uma tarefa enorme e muito perigosa. Muitos deles, tirávamo-los das estações, ou até do interior dos malditos comboios. Na realidade, eram muito poucos os que podiam atestar a sua condição de sefarditas, mas de cada vez que seleccionávamos um, ele sussurrava-nos nomes de famílias, e então gritávamo-los e os sujeitos saíam, e esses novos voltavam a sussurrar-nos apelidos, que gritávamos alegando a sua origem sefardita e, portanto, de possíveis cidadãos espanhóis, apesar de a maioria não o ser. O Sanz Briz emitiu passaportes espanhóis para muitos deles e eu mesmo fiz várias viagens em que transportei mais de uma centena para a Suíça através da Áustria, entre os quais toda a família do Benjamin. Cada vez que penso em toda essa gente que se salvou e que continuará a viver a sua vida durante muitos mais anos... – Esboçou um meio-sorriso de prazer. – Isso não tem preço, Yuri; é uma das coisas mais gratificantes em que participei... – Deu um longo suspiro, como que a tomar balanço, e brindou-o com um sorriso satisfeito. – Por isso não te preocupes com o teu passaporte, eu arranjo-to. Vou precisar de uma foto e dos teus dados.

De uma pasta de pele, extraiu um caderno e um lápis e estendeu-lhos.

– Escreve o teu nome e apelidos, data de nascimento, dá-me todos os dados possíveis, isso facilitará as coisas. – Em seguida, pegou numa pequena câmara *Leica* de 35 milímetros e pediu-lhe que olhasse para a objetiva. Uma vez tirada a foto, guardou novamente a câmara. – Amanhã tenho de voltar a Genebra, farei a viagem de avião. As estradas estão impraticáveis. Demorei dois dias a chegar a Berlim. Se tudo correr bem, demorarei um par de semanas a resolver a tua situação. Podes ficar aqui, se quiseres. O colchão não é muito confortável, mas não creio que isso te importe muito.

– Não se preocupe, Volker – disse Yuri, com uma expressão afável e agradecida. – Posso assegurar que isto para mim é um

paraíso. Não imagina os sítios onde dormi.

Claudia não se afastou nem um instante de Krista, observando com desassossego a sua evolução. A morfina manteve-a adormecida durante várias horas, no meio de um sono agitado. O médico regressou de madrugada, pois subira-lhe muito a febre e gemia, inquieta, tinha calafrios, dificuldade em respirar, a pele pegajosa e a pulsação acelerada. Administrou-lhe mais morfina e aconselhou-as a aplicar-lhe panos húmidos na cara e nos membros. Claudia não parava de o fazer, apesar de Angela Blumenfeld querer substituí-la.

– Tens de descansar, Claudia, estás há mais de vinte horas a seu lado. Se continuares assim, vais adoecer tu também. Dorme um pouco, eu fico com ela.

Mas Claudia não dava ouvidos às palavras da idosa, continuava a pôr delicadamente panos húmidos sobre o corpo transpirado de Krista.

– Tem de recuperar, Angela – dizia, desolada. – Tem de se curar... Preciso dela na minha vida... – Estremeceu. – O que será de mim se algo lhe acontecer?

Desatou a chorar, com tanto desconsolo que comoveu a senhora Blumenfeld, que conseguiu levá-la para a cama e a ajudou a deitar-se. Claudia deixou-se levar, sentia que os músculos lhe pesavam como chumbo, a exaustão mal lhe permitia pensar com clareza. A vizinha descalçou-a e cobriu-a com a colcha.

Estava quase a amanhecer quando Claudia mergulhou por fim num sono profundo.

A campainha da porta acordou-a. Não sabia quanto tempo tinha estado a dormir. A casa permanecia mergulhada numa densa calma. A luz do sol infiltrava-se pelas frestas dos cartões colocados nas janelas. Confusa, levantou-se e, descalça, saiu para o corredor. Espreitou para o quarto dos filhos, que continuavam a dormir; encontrou-os estendidos na cama e vestidos, como se tivessem caído de cansaço. Foi ao quarto de Krista. Angela Blumenfeld ressonava numa poltrona que tinha colocado junto ao leito e Krista

parecia dormir placidamente, mas viu-lhe o rosto muito pálido e os olhos orlados por uma sombra escura. Ia a aproximar-se quando o som seco da campainha se fez novamente ouvir. Pensou que talvez fosse o médico. A passos cansados, dirigiu-se ao corredor. Ao abrir a porta, ficou pasmada a olhar para o homem que tinha à frente. Durante alguns segundos, não conseguiu reagir. Aqueles olhos... O bater do coração de Claudia descontrolou-se e ela teve de se agarrar à maçaneta, pois sentiu que perdia o equilíbrio.

Yuri fitava-a entre a surpresa de a encontrar naquela casa e o sentimento de alegria por estar viva.

– Claudia... – murmurou, encantado por aqueles olhos nunca esquecidos. Apesar da extrema magreza, mantinha a beleza que tão bem recordava.

Após alguns segundos de incredulidade, Claudia atirou-se para os seus braços sem pensar. Colando-lhe o rosto ao peito, de olhos fechados, sentiu como os seus braços a envolviam muito devagar, e então, durante escassos segundos, o mundo em seu redor deixou de existir.

– Yuri... – disse finalmente, afastando-se e olhando-o nos olhos, acariciando-lhe o rosto, pegando-lhe nas mãos para se certificar de que aquilo não era um sonho, de que era verdade, ele estava ali, tinha regressado. – Pensávamos que estavas morto. Santo Deus... Yuri...

– Por muito pouco, mas estou vivo. – Ignorava o que fazia Claudia em casa da falecida viúva Metzger. Temia perguntar, mas acabou por se armar de coragem. – Claudia... Subi às águas-furtadas... – A sua voz travou, titubeante. – Ela... A Krista...

– Está aqui – interrompeu-o ela, com uma expressão radiante, puxando-o pelas mãos para o interior. – Os meninos e eu vivemos aqui com ela, e também a senhora Blumenfeld. Vem... Vai ficar tão contente por te ver, vais fazê-la tão feliz... – As palavras saíam-lhe embargadas por um choro emocionado que tentava conter.

Ao chegar ao quarto, a senhora Blumenfeld acordou sobressaltada, como se tivesse intuído a presença do recém-chegado.

– Valha-me Nossa Senhora – murmurou, perplexa, ao vê-lo.

Krista tinha os olhos fechados, parecia tranquila. Claudia soltou a mão de Yuri e aproximou-se da beira da cama; inclinou-se para ela e acariciou-lhe delicadamente a face.

– Krista, acorda – pediu, radiante, num tom dulcificado. – Olha quem está aqui. Voltou, Krista. – A sua voz embargava-se a cada palavra. – Acorda... O Yuri voltou...

Nesse instante, os olhos de Krista abriram-se, como se aquele nome lhe tivesse infundido forças suficientes para o fazer. Claudia virou-se para Yuri como se lho mostrasse e em seguida afastou-se para que ele se pudesse aproximar. Demorou alguns segundos a fazê-lo, aturdido, sem entender a razão da sua prostração e debilidade. Fitavam-se os dois, de olhos fixos um no outro, tentando encaixar nas suas mentes confusas aquela bonita realidade. Com movimentos lentos, Yuri debruçou-se sobre a cama até ficar muito perto do seu rosto. Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios para tentar evitar a emoção que o embargava. Sentiu-lhe a febre na pele.

– Krista... Estou aqui. – Balbuciava ao falar. – Voltei para o teu lado.

– Yuri... Meu amado Yuri... Se soubesses o quanto sonhei contigo...

– Acabou tudo, Krista. Já nada nos voltará a separar. Nada.

– Yuri, Yuri... Mal me restam forças. – Sorriu e os seus olhos recuperaram o brilho perdido. – Mas aconteceu, parecia impossível e aconteceu... Estás aqui e poderei morrer tranquila...

– Não vais morrer – afirmou Yuri, sentindo no peito uma angustiante aflição. – Deves resistir... Tens de o fazer por mim.

Com um gesto delicado, Krista pôs-lhe a mão sobre os lábios e impediu-o de continuar a falar.

– Yuri, escuta, imploro-te... A vida sobrevém quando a morte ronda... Vivi razoavelmente feliz e posso partir de consciência tranquila. – Os seus olhos cravaram-se em Claudia, que estava a um dos cantos do quarto, abraçada aos seus dois filhos, que tinham acordado e ido observar aquele desconhecido. Em seguida, voltou o olhar para Yuri. – Ela ama-te como nunca vi a ninguém, e sei que tu nunca deixaste de a amar.

– Não, Krista, o meu amor por ti é verdadeiro...

– Não, Yuri – interrompeu-o ela, com voz doce. – De mim só gostaste, e gostaste muito. Nunca me enganaste, porque nunca disseste que me amavas, nem uma única vez... – Os seus olhos pousaram novamente nos meninos. Claudia abraçou-se a eles, comovida com a cena. Krista voltou o olhar para o seu amado, sempre com o sorriso desenhado nos lábios secos. – São teus filhos, Yuri, sois uma família. Têm de ser felizes, devem tentar ser felizes... Fazei-o por mim.

Era desesperante para ele ver como lhe minguavam as forças a cada palavra proferida. Revolveu-se, inquieto, impotente ante aquela situação.

– O que lhe aconteceu? – perguntou, implorando uma explicação.

– Um homem apunhalou-a para a roubar – respondeu Angela Blumenfeld, mantendo a serenidade. – Tem uma ferida no flanco, muito perto do pulmão. Ela diz que tem uma septicémia. Está a ser assistida por um médico que vive nesta rua.

– Temos de a levar a um hospital – clamou ele.

– Estamos a tentar – replicou a idosa –, mas não há ambulâncias e o médico disse que não devemos movê-la, que é perigoso.

Yuri voltou a centrar a sua atenção no rosto de Krista; tinha fechado novamente os olhos. Estava tão pálida... Ergueu um pouco a colcha e verificou que o lençol estava ensopado em sangue.

– Está a esvair-se em sangue! – gritou, horrorizado. – Avisem o médico, rápido!

Os olhos de Krista não voltaram a abrir-se. A cada bater do seu coração, parecia expelir cada vez mais sangue para o exterior do corpo, à espera do lúgubre instante em que a foice da morte cortaria o fio da alma. Para desespero de todos, o médico não pôde aparecer senão várias horas depois. Quando Hans foi a correr procurá-lo, a esposa informou-o de que tinha sido chamado a um hospital e não sabia quando voltaria. Pouco podiam fazer além de

aguardar e permanecer a seu lado. Velar o seu adeus definitivo num respeitoso silêncio. De madrugada, com Yuri deitado ao seu lado e Claudia sentada aos pés da cama, os lábios de Krista esboçaram um ligeiro sorriso e ela parou de respirar.

Enterraram-na junto à mãe. A cerimónia foi frugal. Angela Blumenfeld ocupou-se de tudo. Yuri estava ausente, seguiu o féretro e, uma vez proferido o responso, deu meia-volta e partiu sem dizer nada, cabisbaixo, de mãos nos bolsos, com um andar pesaroso. Claudia viu-o afastar-se até desaparecer da sua vista toldada pelas lágrimas.

Nos dias seguintes, Yuri vagueou pelas ruas, incapaz de reagir. Mal comia. Passava o dia inteiro a caminhar; ao anoitecer, completamente exausto, regressava a casa de Villanueva, estendia-se no colchão e mergulhava num torpor viscoso até ao amanhecer.

Três semanas depois, Volker regressou de Genebra. O suíço ficou surpreendido com o aspeto deplorável que Yuri apresentava, quase pior do que quando lhe tinha aparecido com a farda de soldado russo.

– Mas... que raios te aconteceu? – admirou-se ele. – Não estás com bom aspeto.

– A Krista morreu – murmurou Yuri.

– Lamento, Yuri – disse o homem, com o rosto transfigurado. – Lamento muito.

Após um lutuoso silêncio, Volker pôs a sua pasta em cima da mesa e abriu-a.

– Aí tens o passaporte em ordem. Agora poderás mover-te por onde quiseses. És um cidadão livre.

Yuri pegou-lhe e abriu-o.

– É curioso... Ando há anos a fugir da sombra da morte e, agora que consegui livrar-me dela... – Abriu as mãos, desolado. – Não sei o que fazer com a minha liberdade.

– A esta guerra, ninguém sobreviveu realmente, Yuri. Devias pensar que a tua vida começa neste exato momento. Continuas a pensar em ir à Suíça? – perguntou Volker, após um silêncio.

– Tenho de o fazer – respondeu ele, cabisbaixo. – Tenho de entregar uma coisa.

Volker tirou de dentro da pasta um envelope branco e fechado. Pô-lo em cima da mesa e empurrou-o com os dedos na direção de Yuri.

– Isto é para ti. O Villanueva deixou-o ao meu cuidado quando partiste para a Rússia, para o caso de alguma vez lhe acontecer algo; já então se sentia ameaçado. – Dito isto, levou a mão ao casaco e tirou a sua carteira, abriu-a e extraiu várias notas. – Isto ajudar-te-á a chegar à Suíça. Posso dar-te mais daqui a alguns dias...

– Agradeço-lhe, Volker – interrompeu Yuri, desconfortável –, mas não preciso de nada.

– Aceita o dinheiro, Yuri. – Levantou-se ao mesmo tempo que apagava o seu cigarro num cinzeiro improvisado. – Tenho de ir. Marquei encontro com uns investidores norte-americanos. As coisas parecem prometedoras para mim em Berlim, há muito trabalho para fazer. Vou ficar por aqui uns tempos. – Ajeitou a gravata sem deixar de o fitar. Os olhos de Yuri pareciam vazios. – Podes abandonar este país quando quiseres.

Após o enterro de Krista, Claudia tinha voltado a instalar-se com os filhos em sua casa. Teve de se esmerar para a pôr em ordem, a passagem de Ulrich fora como um furacão e tudo estava sujo, espalhado ou partido. Antes do seu trágico fim, Ulrich tinha vertido toda a raiva do seu ressentimento nas coisas que outrora lhe haviam sido quotidianas.

Sentia-se perdida. Não sabia muito bem o que ia ser da sua vida. Há vários dias que rumava a uma fábrica que os soviéticos estavam a dismantelar. Na câmara, tinham-lhe dito que lhe seria pago um salário; precisava de madrugar muito, pois ficava a duas horas de distância e ainda não havia comboios nem elétricos para a levarem até lá. Juntamente com uma centena de mulheres, das oito da manhã às oito da noite e com uma única pausa para comer uma sopa de couve fria, recolhia o zinco de uma enorme nave, metia-o

em caixas e transportava-o para uns vagões de comboio com destino a Moscovo. Ao regressar a casa, moída pela exaustão, Angela curava-lhe as chagas das mãos e preparava-lhe algo quente.

Entretanto, Hans andava o dia inteiro a vaguear pela rua, sem nada que fazer. A menina costumava ficar com a senhora Blumenfeld, com ar aborrecido.

– O que vai ser de nós, Angela? – murmurava Claudia, enquanto a idosa lhe untava as feridas com vaselina. – Estou tão cansada... Se não fossem os meus filhos...

– Nem te passe pela cabeça pensar nisso – disse a velha Blumenfeld, repreendendo-a com a firmeza de uma mãe. – Seguirás adiante, é claro que o farás. És jovem e forte. Superaste muita coisa. Tens muita vida pela frente, muitas coisas para fazer e de que desfrutar...

– Mamã! – A voz de Hans fez-se ouvir a partir da rua. – Mamã!

– O que quererá agora este rapaz? – murmurou Claudia, exasperada, levantando-se penosamente com a intenção de se dirigir à janela. Não lhe agradava que o filho gritasse daquela maneira a partir da rua, já o tinha repreendido várias vezes por isso. Ao debruçar-se, viu-o montado numa velha *Ural M-72* com carro lateral. – Desce daí imediatamente!

– Desce, depressa! – gritou o rapaz, com um esplêndido sorriso.

Nesse momento, viu aparecer Yuri, que ergueu os olhos para ela.

– Devias dar-lhe ouvidos.

Claudia afastou-se da janela e, paralisada, olhou para a senhora Blumenfeld, que também o tinha visto.

– Estás à espera de quê? Vamos, foi por ti que ele veio.

Claudia moveu-se, insegura. Antes de sair da cozinha, virou-se para a idosa, aturdida. Ajeitou o cabelo e apalpou o seu vestido coçado.

– É que... estou horrível...

– Estás linda. – A senhora Blumenfeld contemplou a sua indecisão com uma expressão de ternura. – Mereces ser feliz,

Claudia. Desce de uma vez – instou-a a idosa. – Não o faças esperar mais.

Só então se precipitou escadas abaixo. Antes de sair para a rua, parou. Hans estava junto a Yuri, que lhe explicava como pôr a mota a funcionar. Jenell tinha-se adiantado à mãe e encontrava-se sentada no carro lateral. Claudia contemplava a cena a partir do vestíbulo, sentindo o forte palpar do seu coração. Deu vários passos vacilantes para o exterior.

– Olha, mamã! – gritou a menina, entusiasmada, ao vê-la.

Yuri fixou a sua atenção em Claudia, que se mantinha imóvel no limiar do vestíbulo sem se atrever a avançar, como se temesse que a estrada se transformasse em areias movediças.

– Vou para a Suíça – disse ele, avançando alguns passos ao seu encontro.

Aquelas palavras abriram-lhe o chão debaixo dos pés. Cruzou os braços sobre o regaço, pois sentia uma forte pressão no peito. Assentiu e tentou sorrir para conter a profunda decepção que a afligia.

– Desejo-te sorte – murmurou.

Yuri avançou até parar a dois metros.

– Quero que venhas comigo. – Por um instante, virou-se para trás, voltando depois a fitá-la. – E os nossos filhos também. Começaremos de novo na Suíça... Se quiseres.

Ficou chocada. Não lhe respondeu, limitava-se a fitá-lo, absorta, embevecida por aqueles olhos há tanto tempo desejados.

– Claudia, não tenho nada para te oferecer além desta mota e de uma vida cheia de amor. É a única coisa que...

– Iria contigo até ao fim do mundo – interrompeu-o ela, saltando imediatamente para os seus braços. Yuri abraçou-a e fechou os olhos enquanto ouvia o cálido sussurro que repetia «amo-te» uma e outra vez.

Dois dias depois, Claudia e os meninos despediram-se da senhora Blumenfeld.

– Escrever-me-ão? – perguntava a idosa, sem poder evitar a emoção.

– É claro que sim – respondeu Claudia. – Já sabe que pode ficar na casa todo o tempo que precisar, considere tudo como seu... – Acariciou-lhe a face enrugada. – Obrigada por tudo, Angela. Se não fosse por si, não sei o que teria sido de nós.

Os meninos deram-lhe um beijo. Claudia e Jenell instalaram-se no carro lateral. A menina sentou a boneca nos seus joelhos. Hans aguardava já em cima da mota que Yuri se pusesse aos comandos.

Ele aproximou-se da senhora Blumenfeld para se despedir.

– Cuida dela, Yuri – pediu Angela, à beira do choro. – É uma mulher extraordinária.

– Eu sei. Sempre soube. Obrigado, senhora Blumenfeld.

Subiu para a mota e Hans agarrou-se à sua cintura.

– Estão prontos? – perguntou Yuri, ajeitando os óculos aos olhos.

– Sim, papá – respondeu Jenell, com voz cristalina.

– Sim, papá – ouviu Hans dizer nas suas costas.

Yuri olhou para Claudia.

– Vamos – disse ela, sorrindo.

A mota arrancou com estridor e iniciou um avanço lento e cambaleante. A senhora Blumenfeld ergueu o braço para se despedir. Claudia agitou um lenço na mão e os meninos gritaram um adeus alvoroçado.

Suíça, verão de 1945

Mas toda a sombra é, ao fim e ao cabo, filha da luz, e só quem conheceu a claridade e as trevas, a guerra e a paz, a ascensão e a queda, só esse viveu verdadeiramente.

STEFAN ZWEIG, *O Mundo de Ontem – Recordações de um Europeu*

Durante dois dias, Yuri conduziu a sua família pelo território alemão arrasado pela guerra. Dormiram no campo, ao relento, felizes por se terem uns aos outros e por estarem vivos.

Com o dinheiro que recebera de Volker, tinha comprado a mota a uma empresa russa que se encarregava de desmantelar os veículos de guerra em mau estado. Durante a longa viagem, cruzaram-se com centenas de pessoas que regressavam aos seus lares. Algumas traziam a esperança refletida no rosto, outras mostravam o desenraizamento e a profunda tristeza do desterro, da solidão, da morte, feridas de guerra que ainda demorariam a sarar.

Chegaram à fronteira numa esplêndida manhã em que um sol intenso aquecia com força. Pararam junto à barreira e entregaram a documentação.

– É a sua esposa? – perguntou o guarda a Yuri, apontando para Claudia.

Ele virou-se para ela e sorriu.

– É como diz, agente, e estes são os meus filhos. – Olhou de novo para o guarda com uma expressão radiante. – Tivemos a sorte de sair vivos desta maldita guerra.

O guarda devolveu-lhes os passaportes e levou a mão à testa para os saudar.

– Desejo que a sua sorte se mantenha, senhor. Adiante, podem seguir.

Uma vez superada a barreira, Yuri parou e deu um grito de alegria. Saltaram os quatro da mota e abraçaram-se, felizes por pisar território suíço. Tinham conseguido. Desde a partida de Berlim que arrastavam o receio de que a ela e aos meninos não lhes fosse

permitido abandonar a Alemanha devido ao negro passado nazi de Claudia, mas a sorte começava realmente a sorrir-lhes.

Chegaram a Berna e hospedaram-se num pequeno hotel dos arredores. Yuri deixou Claudia e os meninos e dirigiu-se solitariamente ao centro da cidade. Na sua carta, Erich Villanueva demonstrava por ele um enternecedor carinho paternal.

...se Volker chegar a entregar-te esta carta, será porque os meus piores receios se materializaram, e portanto estarei morto. A perseguição cerca-me cada vez mais, sei que vem da mão do meu filho e da sua mãe, pelo que não tardará a cair sobre mim a sua sapatada mortal.

Considero-te como meu único filho, já que o verdadeiro me despojou da minha qualidade de pai e me expulsou da sua vida para sempre. Quero que vás ver o notário cujos dados te envio. Apresenta-lhe esta carta, identifica-te e escuta-o. É esta a minha vontade, e é meu desejo que a cumpras.

Cuida de ti, Yuri, oxalá tenhas uma vida feliz.

Um afetuoso abraço deste velho que tanto te estimou.

Ao chegar ao local onde se situava o cartório, Yuri ficou pasmado. O edifício, o átrio, as escadas, o andar em que se encontrava, tudo era elegante, distinto, senhorial. O notário era um homem alto de meia-idade, muito aprumado, que o recebeu de imediato com grande afeto.

– Quer dizer então que és tu o famoso Yuri Santacruz – disse ele, fitando-o do outro lado de uma antiga mesa de mogno.

– Parece que sim – respondeu Yuri, desconfortável com a sua indumentária e o seu aspeto desleixado, em total dissonância com aquele cenário.

– Há muito que te esperava. Soube da morte do Villanueva pelo Volker Finckenstein. Gostava muito do Erich, era um bom homem e não merecia tal fim.

Yuri assentiu, com uma tristeza profunda.

– Garanto-lhe que a recordação do Erich Villanueva permanecerá para sempre na minha memória. – Tentou conter a emoção que o embargava. Tirou a carta do bolso e pô-la em cima da mesa. – O Volker Finckenstein deu-me isto. Diz aí para lho entregar, e é isso que faço.

O notário pegou no envelope e leu a carta manuscrita de Villanueva.

– Posso ver o teu passaporte? Preciso de confirmar que és realmente tu.

Yuri entregou-lho. Estava nervoso, queria sair dali, voltar para junto de Claudia e dos meninos. Cumprira a vontade de Villanueva, agora tinha de cumprir a de Axel. Sentia-se como o carteiro da morte.

– Está tudo em ordem. Vou preparar toda a documentação. Assim que assinares, tudo será teu.

Yuri fitou-o, taciturno, sem compreender.

– O que quer dizer com isso?

– O Villanueva nomeou-te herdeiro universal de toda a sua fortuna. És rico, Yuri Santacruz, muito rico.

Tratar da papelada no cartório demorou várias horas. Depois de assinar tudo, a primeira coisa que fez foi comprar um carro. Quando chegou ao hotel já era noite, e os meninos e Claudia saíram para o receber. Há muito que o esperavam, inquietos com a possibilidade de não regressar, a ameaça do medo ainda incrustada nas veias.

No dia seguinte, bem cedo, deslocaram-se os quatro a Brienzenz, junto às belas margens do Brienzersee. Era fascinante aquela visão tão organizada da vida, tão limpa, sem ruínas, sem fome, sem aquele penetrante cheiro a morte, só a delicada fragrância da natureza. Começavam a sentir que a guerra tinha ficado para trás.

Uma vez aí, não tardaram a encontrar os Laufer. Julius e Dora receberam-nos numa casinha repleta de flores de mil cores a adornar as suas sacadas. Era pequena, mas muito acolhedora. O cheiro inebriante do verão infiltrava-se por todas as janelas abertas. Viviam graças aos arranjos de roupa que ela fazia e aos

medicamentos que Julius preparava para o médico da aldeia, uma vez que a farmácia mais próxima ficava em Interlaken.

Os Laufer não o reconheceram, mas a sua amabilidade levou-os a convidar a família para um chá, no caso dos adultos, e um copo de leite acabado de ordenhar para as crianças.

Uma vez instalados, Yuri decidiu-se a cumprir a vontade de Axel.

– Senhor Laufer, senhora Laufer... – Falava com um nó na garganta. – Não se lembram de mim, mas vimo-nos uma vez... Foi na vossa casa em Berlim, no dia em que prenderam o vosso filho Axel, em 1933.

– Claro – disse Dora, risonha. – Estava com a minha querida Theresa Metzger.

– Assim é.

– Bem me parecia que o seu rosto me era familiar. Sabe alguma coisa do meu filho? – perguntou a mãe, ansiosa por notícias do seu querido Axel. – A última carta que recebemos dele veio há mais de quatro meses e estava datada de dezembro. Está tão longe...

Yuri engoliu em seco. Claudia e os meninos fitavam-no, cientes das más notícias de que eram portadores. Yuri pegou na carta de Axel e no pendente e estendeu-lhos. Dora reconheceu imediatamente a medalha do filho. Perturbada, desdobrou o papel, enquanto Julius, que tinha entendido o que ele lhes tentava dizer, não parava de olhar para Yuri. Ele esquivava-se, angustiado.

Quando acabou de ler as últimas palavras escritas pelo seu filho, Dora fechou os olhos e, com uma expressão de recolhimento, levou a medalha ao coração. Chorou com serenidade, sem alarido. O rosto enrugado de Julius ensombrou-se.

– Senhora Laufer, o seu filho era um bom homem. Eu... – Comovido, interrompeu-se. – O que o Axel fez por mim é algo que não poderia agradecer nem que vivesse mil anos, mas garanto-lhe que passarei o resto dos meus dias a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para vos tentar compensar pela sua perda.

Rodeados por aquela paisagem idílica, abateu-se sobre eles um amargo e emotivo silêncio.

A pequena Jenell, sentada junto a Dora Laufer, soluçava também, sem chegar a entender mais nada além da profunda tristeza que emanava daquela idosa. Levantou-se, tocou-lhe suavemente no braço e, quando a mulher a fitou, a menina estendeu-lhe a boneca, numa terna tentativa de lhe aliviar o desgosto. Por alguns segundos, a idosa parou de chorar e acolheu-a imediatamente no seu regaço, como se aquele pequeno corpo fosse uma tábua de salvação. Passou a corrente de ouro pela cabeça da menina e deixou-lha à volta do pescoço. Jenell olhou para a pequena joia e sorriu-lhe, satisfeita.

– És a minha *Oma*? – perguntou, com voz candorosa.

Assombrada, Dora Laufer olhou para Claudia, que assistia à cena, enternecida. Em seguida, dirigiu o olhar para a menina.

– Queres que seja a tua avozinha?

Jenell assentiu, sacudindo a cabeça com muita ênfase.

– Então, serei a tua avozinha.

Aquele sorriso infantil tornou um pouco menos amargas as lágrimas da idosa.

Yuri e Claudia decidiram ficar a viver naquela aldeia encantadora. Compraram uma bonita casa muito perto dos Laufer, com os quais estabeleceram uma relação fraternal, convertidos nos avós que a guerra tinha arrebatado aos meninos, e estes nos netos que Axel nunca lhes pudera dar.

Yuri providenciou a Julius o dinheiro necessário para abrir uma pequena botica com que ganhar a vida.

Claudia engravidou e, no verão de 1946, dava à luz uma menina morena e de olhos verdes a que chamaram Krista.

Agradecimentos

Perguntam-me muitas vezes de que forma me documento, e a minha resposta é sempre a mesma: lendo. Para ter a confiança de que a história está alicerçada numa necessária certeza, através da qual o leitor possa ser arrastado não só para o momento histórico concreto, mas também para a mentalidade, os costumes e os modos da época, a base da minha documentação são os livros. Por isso, manifesto aqui a minha profunda gratidão a todos aqueles que plasmaram num diário as suas vivências e reflexões, os seus medos e inquietudes ou até as suas culpas e responsabilidades, pois, com a sua leitura, facilitaram-me a construção e a mentalidade das personagens; aos autores de romances que me permitiram entrar na história interna da sociedade da época e compreender melhor o quotidiano do momento histórico concreto; e a todos os historiadores que investigaram, analisaram e desenvolveram ensaios, teses e monografias com os quais pude entender os tão conturbados e devastadores acontecimentos históricos em que este romance se concentra.

Também os filmes e documentários são uma fonte importante para conhecer pormenores de interesse que me permitem esboçar de forma mais correta a história contada. Agradeço a Víctor Arribas, apaixonado e entendido cinéfilo, pela sua acertada assessoria nesta matéria.

A minha profunda gratidão à minha «Fada dos Livros», que me proporciona tudo o que lhe peço em forma de livro.

Graças a Ester Gómez Parro, que reside em Moscovo há mais de um quarto de século, pude mover-me com mais confiança pelos complexos meandros do mundo e da mentalidade russos.

Obrigada a Palmira Márquez pelo seu trabalho e pelo otimismo avassalador.

Nunca me cansarei de agradecer ao meu marido pela firmeza, o equilíbrio, a serenidade, a paixão, o entusiasmo e, acima de tudo, o amor incondicional que dele recebo desde há mais de quarenta anos.